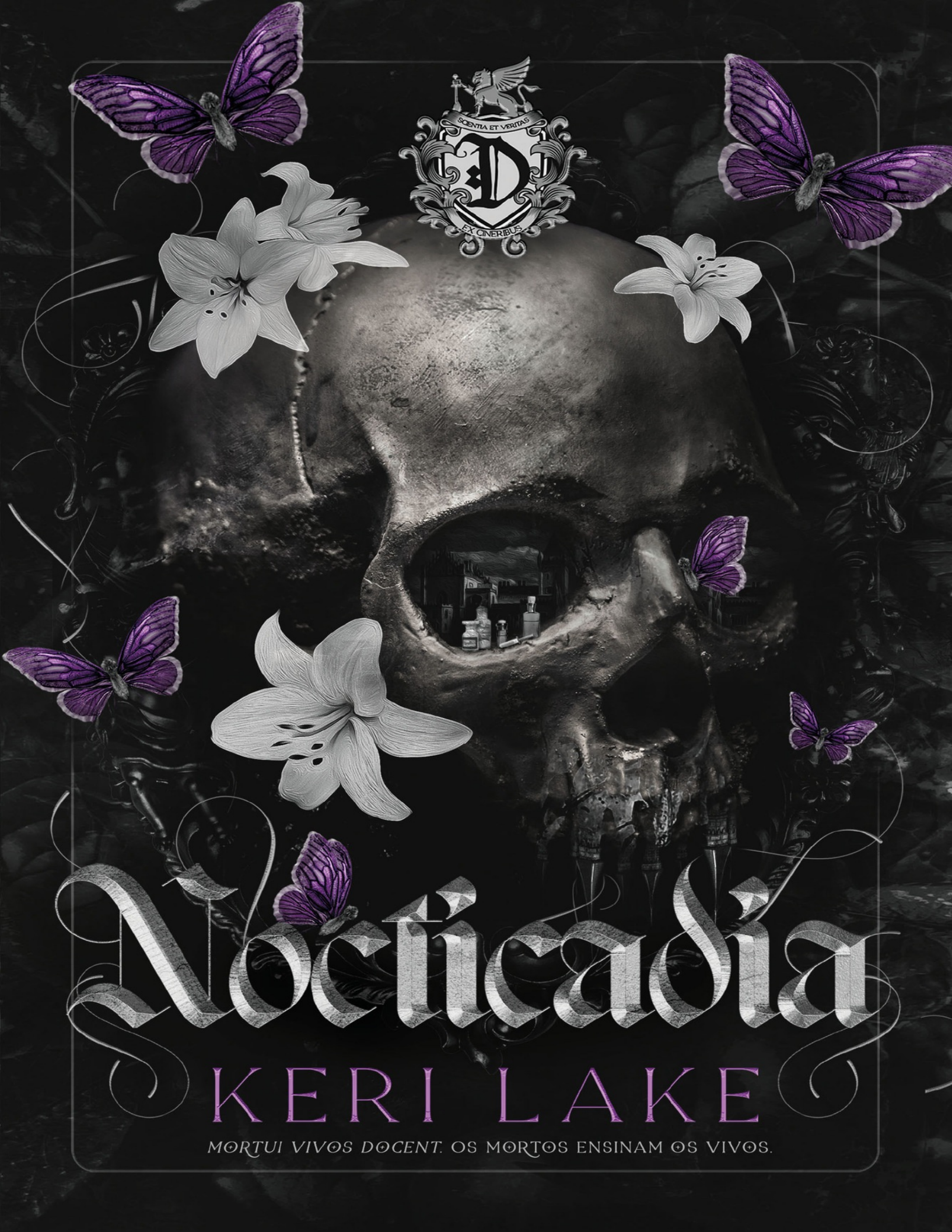
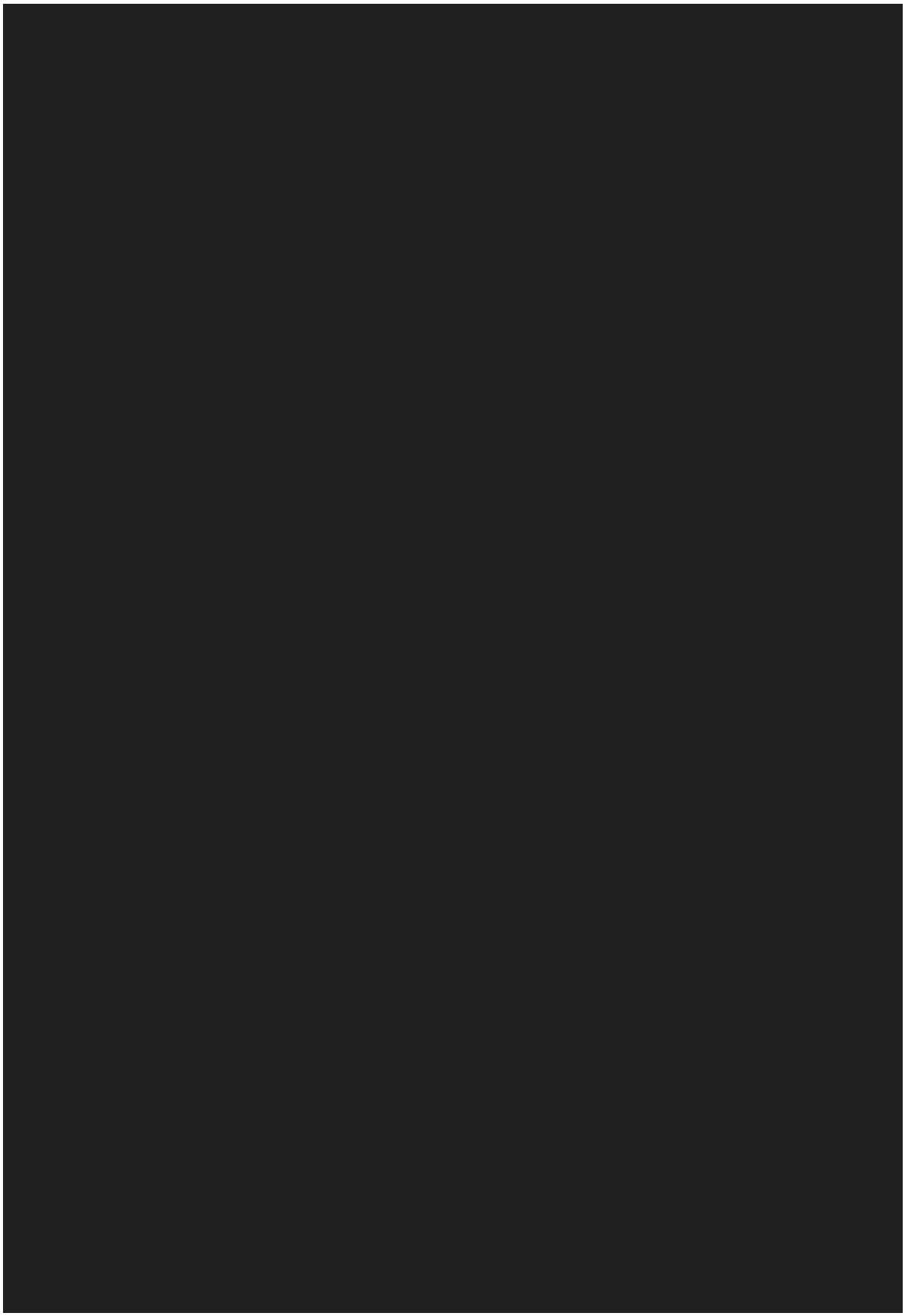

SCIENTIA ET VERITAS
EX CINERIBUS
Noticadia
KERI LAKE
MORTUI VIVOS DOCENT. OS MORTOS ENSINAM OS VIVOS.

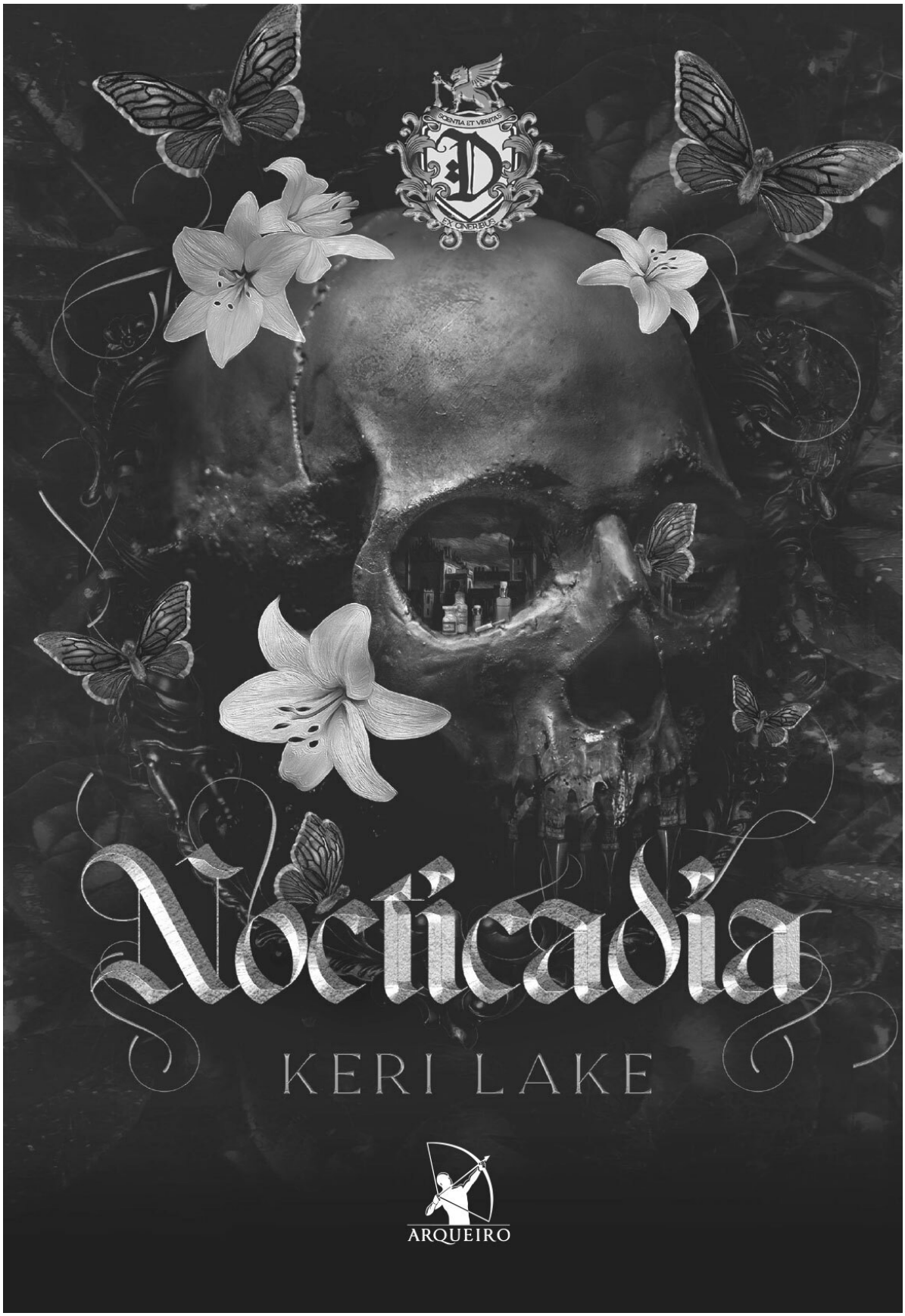


A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

Noctiçadia




SCIENTIA ET VERITAS
EX CINERIBUS
Noctiçadia
KERI LAKE
ARQUEIRO

Título original: *Nocticadia*

Copyright © 2023, 2026 por Keri Lake
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Os direitos morais da autora foram assegurados.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado

produção editorial: Guilherme Bernardo

tradução: Regiane Winarski

preparo de originais: Beatriz D'Oliveira

revisão: Ana Grillo e Juliana Souza

diagramação: Adriana Moreno

capa: Sarah Hansen, © 2026 por Sourcebooks

imagens de capa: Adobe Stock (Anton, JulieK2 e Vera Shestak; Getty Images – Drakonova e geargodz); Shutterstock (Anibal Trejo, Anna Shulepova, artanchorage, Baimieng, Classic Vector Studio, Christos Georghiou, Designflowbd, EdiBrother, kopecky76, moomsabuy e Viacheslav Lopatin)

adaptação de capa: Natali Nabekura

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L196n

Lake, Keri
Nocticadia [recurso eletrônico] / Keri Lake ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: Nocticadia
Formato: epub
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-306-0179-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

26-103913.0

CDD: C813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PLAYLIST

"You're All I Want" – Cigarettes After Sex
"Liar" – Paramore
"Memento Mori" – Nathaniel Drew X Tom Fox
"Goodnight Baby" – Tarune
"Achilles Come Down" – Gang of Youths
"Please" – Omido, Ex Habit
"You, the Ocean and Me" – Thalles
"Without You" – Lana Del Rey
"Glass in the Park" – Alex Turner
"SLEEPWALK" – MOTHICA
"bad idea! " – girl in red
"Feel Real" – Deptford Goth
"The Secret History" – Kerry Muzzey com The Chamber Orchestra of London
"Two Evils" – Bastille
"Bloodstream" – Stateless
"The French Library" – Franz Gordon
"She's Thunderstorms" – Arctic Monkeys
"Crave You" – Robinson and The Romantics
"CRUSH" – SEBASTIAN PAUL
"Misery" – Michigander
"October" – Broken Bells
"Sextape" – Deftones
"I Would" – COIN
"Romantic Homicide" – d4vd
"nostalgia" – Teodor Wolgers
"we fell in love in october" – girl in red

"Melancholia" – Daniel Paterok e Roman Richter
"Cinnamon Girl" – Lana Del Rey
"Make Me Feel" – Elvis Drew
"Old Letter" – Imaginary Poet
"Run" – COIN
"Without You" – Omido e Bibi Silvija
"Reflections" – Toshifumi Hinata
"Shakespeare" – Fink
"Tell Me the Truth" – Two Feet
"R U Mine?" – Arctic Monkeys
"Fuck Em Only We Know" – BANKS
"Knee Socks" – Arctic Monkeys
"Not Just a Girl" – She Wants Revenge

LINK DO SPOTIFY:

LINK DO APPLE MUSIC:

Ouvir na Apple Music

SUMÁRIO

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48

Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Epílogo

Sobre a autora
Sobre a Arqueiro

NOTA DA AUTORA

Bem-vindo, colega nocticadiense.

Muito obrigada por dar uma chance ao meu livro.  Espero que você goste da história do professor Bramwell e da Lilia. Antes de você entrar nesse mundo, eu só quero dizer que vários elementos que aparecem ao longo do livro são completamente fictícios, inclusive o organismo, a questão médica do professor Bramwell e a espécie de mariposa. Para manter a consistência com as patologias, os problemas de saúde e a sintomatologia descritos também são fictícios. Incluí um glossário para referências rápidas.

Além disso, tomei liberdades com o passado e a profissão do professor Bramwell, e também em relação ao laboratório, para que se encaixassem na história que eu queria contar. Admito que o laboratório dele jamais atenderia aos critérios de uma instituição.

Este livro é um romance *dark academia* gótico. Portanto, não vão faltar elementos sobrenaturais sutis, um ambiente sombrio, um romance *slow burn*, de desenvolvimento lento, um protagonista masculino byroniano de moral meio duvidosa e um toque de mistério. Como a maioria dos romances góticos, este livro é volume único e, como não planejo escrever outros desse casal, decidi prender você neste mundo por um pouco mais de tempo.

NOTA SOBRE O CONTEÚDO

Este livro contém uma série de situações que apresentam possíveis gatilhos.

Leia com atenção a lista a seguir. Se achar que algum destes tópicos pode causar consternação ou prejudicar sua apreciação da história, recomendo que evite a leitura.

- Linguagem agressiva
- Situações sexuais explícitas
- Assassinato (imolação)
- Violência gráfica
- Abuso infantil
- Violência sexual
- Suicídio/Ideação suicida
- Sufocamento
- Alucinações
- Rituais de sociedade secreta
- Tortura
- Descrições detalhadas de autópsia
- Cenas grotescas envolvendo parasitas

GLOSSÁRIO

(O asterisco indica elementos fictícios do livro.)

***Ácido estírlico**: antisséptico descoberto pelo Dr. Nathaniel Stirling, feito da planta jesteiro, que foi usado em experimentos horrendos em pacientes.

***Casteyon**: elemento encontrado nas cavernas de pedra negra da ilha Dracadia.

***Jesteiro**: planta nativa de Dracadia que é considerada venenosa em doses altas.

***Mariposa-sominyx**: espécie de mariposa noturna encontrada apenas na ilha Dracadia e hospedeira natural do *Noctisoma*.

***Nocticadia**: nome dado ao laboratório noturno que estuda especificamente o *Noctisoma*.

***Noctisoma**: vermes compridos e pretos que se hospedam em insetos, mas infectam outras espécies. Seu hospedeiro natural é a mariposa-sominyx.

Tapetum lucidum: um sistema refletor biológico sensível à luz presente em vertebrados (em geral não se encontra no olho humano, mas é descrito aqui como um sintoma da infecção por *Noctisoma*).

***Vonyxsis**: escurecimento das veias, que aparecem como linhas pretas em mariposas e humanos infectados por *Noctisoma*.

***Zigliomiosite/Doença de Voneric**: uma rara doença neuromuscular congênita cujo nome homenageia um pintor famoso diagnosticado com ela.

Prólogo

Ilha Dracadia
12 de outubro de 1753

Lorde Adderly já tinha visto muitas mortes ao longo da vida. Durante o tempo em que foi comodoro da Marinha Real, o cheiro sufocante embargara o fundo de sua garganta mais vezes do que era capaz de se lembrar. Ele tinha sentido seu bafo frio e vaporoso na pele com um desejo que teria causado calafrios à maioria dos homens.

Lorde Adderly não tinha medo da morte. Inclusive já havia sido acusado algumas vezes de desejá-la.

Entretanto, enquanto ele olhava para o trecho turbulento de mar glacial na direção da fumaça preta ameaçadora que subia da névoa ao redor, um tremor de medo desceu por seu pescoço. A ordem para que seus homens remassem de volta para o local de partida pesava na língua dele quando, ao longe, a silhueta escura da ilha surgiu no meio da bruma: uma formação rochosa em arco que ocupava o horizonte como um dragão adormecido.

Na metade do caminho entre a costa de Massachusetts e Acádia, de colonização francesa, a pequena ilha Dracadia era uma antiga fonte de discórdia – um trecho de terra que, diziam, já havia pertencido aos britânicos. Quando a maioria dos acadianos abandonou misteriosamente a ilha, ela foi anexada como província de Massachusetts. Lorde Adderly tinha sido o líder do ataque, pronto para uma batalha, caso os franceses voltassem para tentar retomar o vilarejo de Emberwick na extremidade norte.

Isso nunca tinha acontecido.

Os britânicos que haviam se assentado lá acabaram sofrendo uma série de infortúnios e fugiram da ilha, deixando Dracadia às traças de novo.

Claro que boatos se espalharam. Alguns culparam a comunidade indígena

Cu'unotchke, que tinha se isolado nas montanhas do sul, por ter despertado seus deuses pagãos. Fosse qual fosse a causa, especulações a respeito de espíritos malignos e doenças inexplicáveis afugentava a maioria dos possíveis compradores de terras em Dracadia. Como resultado, a ilha só abrigava os hereges que tinham sido exilados lá. Os piores transgressores das doutrinas sagradas.

Lorde Adderly não desviou o olhar do caminho à frente quando a maré baixou e a margem surgiu no meio da névoa. Na paisagem devastada, pássaros pretos se amontoavam. Um bando de corvos, cuja presença havia muito evocava o mal. Lorde Adderly vira aquelas aves seguirem homens para a guerra com a promessa de carnificina. Os pássaros voando em círculos só podiam ser mau presságio.

Sinal de morte.

– Deus do céu – disse o tenente Christ, ao lado do comodoro. – São os selvagens, meu senhor?

– Não.

Embora tivesse respondido com segurança, a verdade era que o comodoro não sabia. Tinha lutado contra todo tipo de selvagens e, apesar de batalharem com fervor fora do comum, eles não eram inerentemente maus.

– Os boatos falam em pedras pretas afiadas como dentes e olhos que parecem os de lobos na escuridão – prosseguiu Christ.

– Talvez você dê igual mérito a histórias de monstros marinhos e sereias.

– Claro que não, meu senhor, mas os homens que dizem essas coisas não são loucos. São bons homens cristãos.

O comodoro não tinha dúvida da integridade deles, mas contar a verdade por trás daquela viagem despertaria pânico.

Talvez até um motim.

Pois o tenente Christ não sabia que a Igreja os tinha convocado para ir até ali depois que vários clérigos falharam em retornar com três supostas bruxas. Sob o cuidado do Dr. Nathaniel Stirling, as três mulheres seriam julgadas em Massachusetts. Havia suspeitas de que o bom doutor tinha enlouquecido, possuído pelos mesmos demônios que ele deveria ter expulsado das mulheres através de sangrias, meses antes. O comodoro ouvira histórias horríveis de pacientes com veias pretas que tinham ficado pendurados pelos pés, sangrando. E de outros cujos olhos e bocas tinham sido costurados e as línguas, removidas. O comodoro e seus homens haviam sido enviados para investigar essas alegações e, considerando os alertas sinistros ao longe, ele temia o que encontrariam lá.

Mais perto, o barco atravessou ondas implacáveis e, quando as sombras sumiram e revelaram restos queimados de árvores, lorde Adderly inspirou fundo, sendo invadido pelo cheiro gorduroso de carne queimada. O cheiro familiar de morte.

Seis de seus homens pularam do barco e arrastaram a pequena embarcação até a margem. Lorde Adderly botou os pés no solo profano ao qual tinha jurado nunca mais voltar. Passou o olhar por aquela destruição inacreditável e se perguntou o que, em nome de Deus, teria conseguido fazer aquilo.

Uma ilha inteira queimada até virar cinzas.

A névoa em volta deles se adensou e, quando se assentou entre eles e a floresta queimada, lorde Adderly franziu a testa.

O tenente Christ se aproximou.

– Perdão pelo que vou dizer, meu senhor, mas não estou com a menor inclinação a me aventurar além da margem.

– Mantenha a boca fechada – disse lorde Adderly, baixo. – Ou vai acabar incitando um motim.

– Meu senhor! – gritou um de seus homens, e o comodoro se virou e o viu apontando na direção das árvores.

Lorde Adderly seguiu o caminho indicado até avistar sombras na névoa. Uma figura se deslocava na direção deles. O ruído alto dos homens preparando as armas ecoou ao redor, mas, quando o vapor branco se abriu com a passagem de um garoto de uns 12 anos de idade, lorde Adderly deu um passo à frente.

– Abaixem as armas.

Usando o traje de um jovem acólito, o garoto cambaleou na direção deles, a pele coberta de fuligem preta e a veste manchada com o que era, sem sombra de dúvida, sangue. Antes de chegar ao comodoro e seus homens, o acólito caiu na areia.

Quando lorde Adderly se abaixou ao lado do garoto, apoiando um joelho no chão, Christ fez o mesmo. Viam-se pequenas feridas ensanguentadas que pareciam ter sido causadas por algo afiado.

– Cuidado, meu senhor. Não temos ideia do que aconteceu, se ele foi exposto a algo desconhecido.

Cortes, hematomas e áreas em carne viva, onde a pele tinha sido arrancada, marcavam os sinais de abuso indescritível. O comodoro pensou no próprio filho e lutou contra as lágrimas ao compreender a condição do acólito.

– O que aconteceu aqui?

– Trevas... – sussurrou o garoto, com respiração irregular. – O céu... ficou

escuro. Todos queimaram.

Lorde Adderly tirou o cabelo grudento e sujo de sangue do rosto do garoto.

– Quem fez isso?

Ele detectou medo nos olhos escurecidos de exaustão do garoto.

– Ficaram comandando as chamas. E as chamas obedeciam.

– Quem comandava as chamas? Bruxas?

Uma piscadela lenta e o garoto suspirou. Quando inspirou, seu peito congestionado chocalhou, como moedas dentro de uma xícara de latão.

– Não eram bruxas. Eram vermes. Vermes pretos que saíram das bocas da loucura.

Um silêncio se espalhou entre os homens. As palavras do garoto arrepiaram os pelos da nuca do comodoro. Christ chegou mais perto e se inclinou para sussurrar:

– O garoto não parece bem, meu senhor. Ele está falando do mal.

O comodoro ignorou seu tenente e pousou a mão no ombro magricelo do garoto.

– Você foi o único sobrevivente?

– Todos queimaram.

O comodoro ergueu o olhar para o tenente Christ e manteve a voz firme, apesar do nervosismo:

– Vamos pegar o garoto e voltar para o navio. Agora.

– Vocês não podem ir embora. – Uma tosse úmida e rouca fez um filete de sangue escorrer pela boca do acólito. – Eles não vão permitir.

O comodoro franziu a testa e se levantou. Ordenou que dois de seus homens carregassem o garoto até o navio.

– Meu senhor! – exclamou o timoneiro, com um toque de pânico, e o comodoro se virou e o viu cambaleando pela areia na direção deles. – O barco! O barco sumiu! Sumiu!

– Não tema, meu senhor. – Em meio ao burburinho de pânico, conforme os outros homens se davam conta do desaparecimento bizarro, a voz fraca e quase fantasmagórica do garoto chegou aos ouvidos do comodoro. – Seu barco nunca esteve lá.

– Eu não entendo o que você diz, garoto.

– Você e seus homens... chegaram com os padres... dias atrás. – Arfadas pesadas preenchiam cada pausa conforme o garoto lutava para respirar.

– Você está doente e delirante. Fui chamado aqui a serviço da própria Igreja.

Ele estreitou os olhos ao encarar o garoto, cujos lábios secos e rachados se

esticaram num sorriso leve.

– Você está sonhando agora, mas logo vai acordar com o som de fogo crepitando e ver que você e seus homens estão amarrados a estacas. Sua carne será queimada. E sua dor e sua desgraça vão ecoar por toda a eternidade.

O garoto fechou os olhos, e o ar saiu em um sibilo antes de seu corpo ficar inerte nos braços do oficial.

Um arrepio de horror se espalhou pela barriga de lorde Adderly, o cheiro de gordura e pele queimadas embargando sua garganta de novo. Ele fechou os olhos, encontrando consolo no breu, e quando os primeiros sons de agonia ecoaram, ele não ousou abri-los.

Capítulo 1

LILIA

Quatro anos antes

Por Deus, aquele fedor.

O apresuntado chiava na frigideira, já quase queimando, quando levei o braço até o nariz. A carne gordurosa crepitava alto o suficiente para se fazer ouvir por cima da súplica sincera de Jean Valjean para Javert, na peça *Les Misérables* que estava sendo encenada no teatro abaixo do nosso apartamento. Eu tinha queimado sem querer as fatias mais finas enquanto descascava as batatas, e àquela altura não dava para fazer mais nada.

Não herdei os talentos culinários da minha mãe.

Eu odiava cozinhar porcaria enlatada, mas estranhamente minha mãe vinha desejando carne nos últimos tempos, e os bifes finos e redondos que ela gostava de comer malpassados tinham acabado. Eu ficava me perguntando se aqueles pedidos esquisitos eram o corpo dela tentando melhorar.

Era o que eu esperava, pelo menos.

Quando ela devorava carne malpassada com o sangue escorrendo pelos cantos da boca eu me sentia uma espectadora de um episódio nojento de *Hostile Planet*; era uma imagem que acabava com qualquer apetite. Principalmente porque minha mãe nunca tinha sido de comer carne. Apresuntado era bem diferente de bife, mas Conner, meu padrasto – se é que eu podia chamá-lo assim –, não fazia bicos havia uns dias, e isso nos deixara com pouco dinheiro para compras.

– Bee! – chamei minha meia-irmã mais nova, Beatrix, pelo apelido e coloquei o apresuntado torrado nos pratos. – Você olhou a mamãe, como eu pedi?

– Ai, merda!

Ouvi o som de passos depois do palavrão e, com um sorrisinho, balancei a cabeça. Aos 12 anos, quatro a menos do que eu, ela tinha bem mais responsabilidades do que a maioria das meninas de sua idade.

Nós duas tínhamos.

A doença da nossa mãe tinha se agravado muito, e lidar com os sintomas estranhos era mais difícil ainda porque mamãe se recusava a ir ao médico. Embora ela ainda parecesse estar lúcida, havia momentos apavorantes. Como nas noites em que ela dizia que homens maus estavam vindo me pegar. As noites em que ficava coberta de suor, os olhos brilhando diante de horrores invisíveis.

Monstros, era como ela chamava esses carrascos que não existiam, mas, na mente dela, eram tão reais quanto as manchas escuras e fundas sob seus olhos. Por mais horrível que fosse dizer isso, com a coluna retorcida, os olhos prateados e brilhantes e os ossos despontando, ela tinha começado a se parecer com os monstros dos quais falava.

Eu nunca tinha sido muito de rezar, mas nas últimas semanas havia feito muitas súplicas de joelhos e, se Deus existia, não estava oferecendo muita esperança.

Enquanto servia a última colherada de purê de batata para Bee, fui interrompida por uma batida na porta. Franzi a testa, apoiei silenciosamente a panela no fogão e sequei as mãos em um pano de prato. Com cautela, fui ao corredor e espiei a porta de entrada. Outra batida me deixou tensa, e a audácia da pessoa por trás daquela barulheira irritante fez meu sangue esquentar. Fui na direção da porta e, pelo olho mágico, vi um homem que não reconheci.

Olhos fundos e brilhantes, uma cicatriz sobre o olho esquerdo e um nariz estranhamente torto, como se tivesse sido atingido em muitas brigas, o deixavam com cara de criminoso.

Uma coisa que eu tinha aprendido morando em uma cidade como Covington foi que não se abria a porta para estranhos. Ainda mais quando eles pareciam criminosos.

O homem bateu na porta de novo e rangi os dentes de irritação.

– Oi? – gritei pela barreira entre nós. – Com quem quer falar?

Ele não respondeu de primeira, e eu o vi olhar na direção do corredor. Algo nele, naqueles olhos escuros e no seu sorrisinho, me deu calafrios.

Que homem sinistro.

Olhei para o ferrolho da porta para ver se estava preso. Infelizmente, o apartamento não tinha uma fechadura muito resistente.

– Sou amigo do Conner – disse ele. – Ele está?

– Não.

– Sabe a que horas ele volta?

Estava difícil avaliar o rosto dele, porque o sujeito simplesmente não olhava para a frente.

– Olha, eu não...

Ao ouvir um grito agudo, fiquei toda tensa e me voltei para os aposentos dos fundos. Larguei o sujeito esquisito na porta e corri pelo apartamento na direção da faixa de luz sob a porta do banheiro.

Luz... o primeiro sinal de que havia algo errado. Minha mãe tinha passado a odiar luz. Dizia que machucava seus olhos.

– Mãe! Não!

Uma onda de medo desceu pela minha nuca quando compreendi que Bee estava lá dentro gritando com a minha mãe, e entrei às pressas no banheiro iluminado.

Minha mãe estava ao lado da banheira, rosnando de um jeito estranhíssimo enquanto água caía no chão. Dois pés em meias cor-de-rosa se contorciam na beirada da banheira.

Ai, meu Deus.

Bee!

Senti choques gelados de adrenalina enquanto eu corria até elas e empurrava minha mãe na direção da parede.

Assim que foi libertada, Bee saiu da água, a parte superior do corpo encharcada, e tossiu alto.

– O que você está fazendo?! – gritei com a minha mãe, cujos olhos emanavam um brilho iridescente na luz.

Com um berro, minha mãe avançou de novo, esbarrando em mim, e jogou Bee de volta na água.

O pânico tomou os meus músculos e meu corpo passou a agir por conta própria, por instinto. Segurei a minha mãe pelo cabelo e a tirei de cima de Bee. Uma mecha de cachos ruivos sem vida ficou na minha mão quando ela se soltou de mim e caiu de costas contra a privada. O chão escorregadio impediu que ela se levantasse, e eu puxei Bee da banheira e fui deslizando pelos ladrilhos molhados enquanto a empurrava na direção da porta.

Quando chegamos ao corredor, fechei a porta do banheiro e segurei a maçaneta para mantê-la assim.

– Vai pro seu quarto! Tranca a porta e *não* sai até eu mandar! – ordenei.

– Eu estava... – Ela tossiu e fungou. – Eu estava... Eu só estava tentando impedir que... ela bebesse a água, e ela... me atacou!

A porta balançou e meu braço tremeu enquanto minha mãe lutava para abri-la do outro lado.

– Ela é um deles! Ela é um deles! – gritou minha mãe. – Não deixa ela escapar! Ela vai contar que estou aqui!

– Vai! Agora! Tranca a porta! Não abre, não importa o que você ouvir!

Apoiei os pés na parede e me inclinei para trás para puxar a maçaneta e manter a porta fechada enquanto Bee ia para o quarto dela.

Depois de um minuto, as batidas pararam. Minha mãe parou de gritar.

Recuperando o fôlego, relaxei os músculos e me empertiguei quando ela parou de resistir.

– Mãe? – chamei baixo pela porta, torcendo para que ela desse uma resposta coerente. Uma explicação para o que tinha acabado de acontecer.

Ela já tinha falado que estava sendo perseguida antes, mas nunca projetara esses pensamentos paranoicos em mim ou em Bee.

Nada.

Eu tinha a impressão de que o cheiro sufocante que acompanhava minha mãe estava mais forte. Denso e úmido, parecia tomar conta de mim, e levei as costas da mão até o nariz em um esforço inútil de afastar o odor.

Nos últimos meses, o aroma floral da minha mãe, um cheiro reconfortante que eu conhecia desde sempre, tinha sumido sob o peso daquele fedor horroroso.

Agora, era a única coisa que eu sentia.

Ignorei a ânsia de vômito, girei a maçaneta e entrei no banheiro.

Minha mãe estava caída na beirada da banheira, o rosto mergulhado na água.

– Mãe!

Corri até ela e ela se virou, espalhando água e gritando de novo.

Tentei pegar seu braço, mas ela atacou primeiro e me deu um tapa no rosto. A dor percorreu meus ossos em uma explosão de estrelas flutuantes que turvou minha visão.

Abstraí a tontura quando ela avançou outra vez, e me abaixei. Dessa vez, ela não conseguiu me acertar, e suas mãos balançaram num acesso de raiva. Segurei os braços dela num abraço apertado e afundei as unhas em seus ossos frágeis, mas senti uma dor aguda na mão, no local em que ela cravou os dentes.

– Ai! Merda!

Eu a empurrei para longe e ela escorregou, os braços se debatendo enquanto caía de costas na banheira. Quando tentei puxá-la, minha mãe esticou a mão,

agarrou a minha camiseta e me puxou para a água.

Senti uma onda de fluidos subir pelo meu rosto, uma ardência, conforme ela me segurava de modo implacável debaixo d'água. O pânico cristalizou meus músculos. A água espirrava sob os chutes frenéticos dela e a pegada em meu pescoço.

Estendi a mão para a única coisa que consegui alcançar na confusão. Com a mão no pescoço dela, apertei o bastante para fazê-la me soltar, e continuei apertando enquanto tirava o rosto da água e respirava, ofegante.

Ela me empurrou para baixo de novo e mergulhou meu rosto na água junto com o dela.

Apertei seu pescoço com ainda mais força e, novamente, ela afrouxou o aperto.

Cada inspiração fazia minha garganta arder e causava um ataque de tosse.

Frenética, ela arranhou minha nuca enquanto tentava me afogar de novo.

– Mãe! Por favor!

Quase sem fôlego, eu mal consegui emitir as palavras enquanto sentia o peito todo comprimido. Minhas pernas escorregaram pelos ladrilhos enquanto eu lutava com os braços dela para que não me puxassem para baixo.

Submersa na água, minha mãe abriu a boca, os olhos arregalados em choque.

Como se sua energia tivesse acabado, ela parou de lutar, e uma resolução horrível tomou seu rosto, me causando um arrepio na nuca.

Eu me afastei e fiquei de pé ao lado da banheira, sem segurá-la, mas ela não emergiu.

Com certeza, àquela altura ela não tinha mais ar nos pulmões. Devia precisar de oxigênio.

Anda! Levanta!

Segurei o braço dela para puxá-la, mas parei quando uma criatura longa, fina e fibrosa deslizou por entre os lábios dela e saiu para a água.

Três outras saíram logo depois, duas do nariz.

Soltei um grito, e fiquei congelada de pavor. Vi os vermes serpentearem pelo chão de porcelana da banheira e seguirem pela água até chegar ao ralo. Pelo menos mais uns vinte se libertaram, abrindo caminho pela boca e as narinas dela. E depois ainda vieram mais. Todos foram na direção do ralo fechado.

No desespero, minha respiração ficou muito acelerada enquanto eu olhava aquela cena horrível.

Até a escuridão me dominar.

Capítulo 2

LILIA

Dias atuais

– Lilia? – Uma voz cortou o vazio.

Eu pisquei, abri os olhos e me vi curvada sobre o ralo de uma pia amarelada.

– Terra chamando Lilia – repetiu aquela voz conhecida.

Confusa, eu me virei e encontrei minha colega de trabalho, Jayda, parada ao meu lado, então me afastei da pia. Eu me lembrava de estar esfregando a pia, tomada por uma névoa de confusão, quando senti um odor estranho e familiar, de podridão e sujeira. O odor foi tão forte que eu tinha mergulhado em recordações de novo.

Um sorriso envergonhado repuxou meus lábios e eu pigarreei.

– Desculpe, acho que eu estava em outro planeta.

Acontecia, às vezes. Algo disparava pensamentos, que me faziam mergulhar na pior lembrança da minha vida. Ela me envolvia tão completamente que eu perdia a realidade de vista.

Quatro anos tinham se passado desde a morte da minha mãe, mas eu me lembrava de cada detalhe. Dos cheiros. Dos sons. Do frio.

– Eu só estava dizendo que vou passar para a sala ao lado. – Com o antebraço sobre o nariz, Jayda tossiu. – Não sei o que a última pessoa que veio aqui comeu, mas, pelo cheiro, não deve ter sido algo saudável. Então vou deixar essas latrinas todas para você – disse ela, com uma risadinha.

Ainda aérea, peguei o pano que tinha deixado cair no chão e o joguei no balde com água e sabão ao meu lado. Meu estômago revirou com a náusea de

sempre e ocupei as mãos para tentar disfarçar o tremor nos braços; limpei-as no avental e puxei o balde até a pia seguinte.

– Você é uma fofa.

Com uma risada, ela foi na direção da porta, mas deu uma parada.

– Tem certeza de que está bem? Você está meio pálida.

– Tenho. Estou ótima. Só estava pensando em umas coisas.

– Em *muitas* coisas, pelo que pareceu. Mas sério, você não se importa se eu for para a sala? Pensei que podemos acabar cedo, se adiantarmos as coisas.

Com um meio-sorriso, eu dei de ombros.

– Pode ir.

Na verdade, eu odiava limpar os banheiros, os quartos dos pacientes, os escritórios, mas desconfiava que isso era o mais perto que eu ia chegar de trabalhar em um hospital de verdade. Meu sonho de fazer pesquisas médicas parecia morrer um pouco mais a cada dia, conforme meu corpo se cansava da vida. Na minha idade, eu deveria estar terminando o ciclo básico e decidindo se seguiria para a faculdade de medicina ou alguma outra, mas, com as poucas matérias que eu conseguia fazer na faculdade comunitária, nas folgas do trabalho, levaria uma década para chegar a esse ponto nos estudos.

– Obrigada, amiga. Começo de gravidez não combina com cheiro de esgoto.

Os banheiros do porão do hospital costumavam feder, mas o cheiro no ar naquele momento estava particularmente forte.

– Deixa comigo – falei, fazendo sinal para ela ir. – Vai lá. Não quero ter que limpar seu vômito também.

Rindo, ela saiu pela porta e, sozinha, soltei um suspiro longo e trêmulo. Com as mãos apoiadas dos dois lados da pia, fechei os olhos e tentei clarear a mente.

Gritos. Vermes pretos. Olhos vazios.

Balançando a cabeça, enterrei esses pensamentos nos recônditos da minha mente e me recusei a deixar que me consumissem. *Não. Hoje, não.*

Ouvi o gotejar baixo de água e abri os olhos para ver as cabines atrás de mim, refletidas no espelho.

Na última, vi uma coisa que eu não tinha notado ao entrar: pés com meias abaixo da porta.

Eu me virei e meu coração quase saiu pela boca. Havia mesmo pés embaixo daquela porta.

– Tem alguém aí? – perguntei, sabendo muito bem que havia.

Acima dos pés, vislumbrei a barra da camisola do hospital, que todos os pacientes usavam. Pacientes que não deveriam usar o banheiro do porão,

designado para funcionários.

Um som baixo de água chegou aos meus ouvidos de novo. Considerando a posição dos pés, a pessoa provavelmente não estava indisposta naquele exato momento, mas podia ter vomitado antes.

– Está precisando de ajuda? Eu posso ir chamar alguém, se estiver...

Apontei com o dedo por cima do ombro, como se a pessoa pudesse me ver.

Não houve resposta.

Cheguei mais perto, na ponta dos pés.

– Você está passando mal?

Ainda não houve resposta.

Cheguei à porta da cabine e espiei pelas frestas. Cabelo ruivo, comprido e desgrenhado, caía por cima da camisola, aberta o suficiente para revelar costas pálidas com sardas e uma calcinha branca. Um tom arroxeado irregular tingia os membros que eu conseguia ver, particularmente a perna e a mão.

Meu primeiro pensamento foi *livor mortis*, mas o afastei.

Minha garganta ardeu de tão seca, e tentei engolir a saliva.

Por favor, esteja bem.

Dei uma batidinha, reparei no leve movimento de destrancar da porta e torci para que a pessoa emitisse um protesto indignado à minha invasão de privacidade.

A pessoa não disse nada.

Abri a porta.

A cabeça da pessoa estava dentro do assento da privada, os fios de cabelo escondendo o rosto.

Estendi a mão, trêmula, segurei um ombro magro e puxei só o suficiente para mover a mulher para o lado. Ela caiu para trás, batendo com a cabeça na parede da cabine, e, assim que o cabelo saiu da frente do rosto, cambaleei para trás.

Eu me vi diante daquele mesmo brilho leitoso nos olhos. Era a minha mãe.

Minha visão periférica captou um movimento e deixei o ar escapar quando olhei naquela direção e tive um vislumbre de uma coisa preta, comprida e escorregadia descendo pela privada.

Um medo gélido se apoderou dos meus músculos. Eu pisquei. Três vezes.

Voltei o olhar para a minha mãe. Outra silhueta preta deslizante passou por seus lábios roxos, desceu pela bochecha da cor de uma ameixa e seguiu até o chão ladrilhado. Serpenteou direto na minha direção.

Um grito escapou do meu peito quando pulei para trás e caí de bunda no chão.

O verme veio para cima de mim, veloz e determinado.

Só que, antes de me alcançar, caiu no ralo do piso que havia entre mim e o corpo sem vida da minha mãe.

O ruído da porta batendo me causou outro tremor e me virei quando Jayda entrou correndo no banheiro.

– Lilia? Você está bem? Eu te ouvi gritar.

Com o nariz ardendo de vontade de chorar, balancei a cabeça, sem conseguir formar palavras.

Jayda deu um passo cauteloso na minha direção e passou os olhos pelo local.

– O que houve?

– A gente tem que chamar alguém – falei, apontando na direção da cabine.

– Chamar alguém? – Parecendo confusa, ela se virou para onde eu apontei. – Lilia? Você está bem?

Voltei a olhar para a cabine e não vi nada lá. Nenhum sinal de ter havido alguém ali.

– Eu, hã... – Meu rosto ficou quente de vergonha diante daquele choque de realidade. – Eu...

Minha mente procurou um motivo, algo que afastasse a possibilidade de eu ter ficado louca. Jayda passou por cima das minhas pernas e abriu a porta da cabine seguinte, então deu um pulo para trás e um grito.

– Que merda é essa?!

Minha pulsação disparou.

Será que ela tinha visto também?

Jayda tapou o nariz com o braço, teve ânsia de vômito e recuou.

– Espera... Eu... eu vou chamar alguém. Só espera.

Com a testa franzida, eu me levantei do chão quando ela saiu do banheiro e olhei para a cabine ao lado daquela em que eu tinha visto a minha mãe. Uma bola de pelo escuro com uma cauda comprida pelada flutuava na água da privada. Um rato.

Isso explicava o cheiro, pelo menos.

Minha respiração estava acelerada quando me encostei na parede de frente para as cabines e deslizei até o chão de novo.

Meu peso parecia demais para as minhas pernas. Um frio entorpecente correu pelos meus membros e peito. Sem dúvida, eu estava tendo um ataque de pânico, porque uma sensação fria e grudenta tomou conta de mim, como se água gelada estivesse enchendo meus pulmões, e eu tive certeza de que, se não tivesse me sentado, teria desmaiado.

Com os olhos fechados, respirei pelo nariz, contando até quatro e soltando. Acima do barulho incessante do sangue latejando nos meus ouvidos, ouvi a voz calma de Jayda ligando para a equipe de manutenção.

A náusea subiu do estômago para a minha garganta, mas engoli a vontade de vomitar. Senti o ácido me queimar por dentro, fechei bem os olhos e respirei com mais força pelo nariz.

Quando ousei erguer as pálpebras, olhei para a cabine vazia, me odiando por ter tido outro episódio na frente da minha colega de trabalho. Com os músculos enfraquecidos, eu me levantei de novo e, felizmente, o enjoo desceu da garganta para a barriga. Respirar pelo nariz ajudava.

Apertei o frasquinho com as cinzas da minha mãe que eu sempre usava no pescoço, pendurado no terço antigo que ela costumava guardar no bolso. Era uma superstição boba que a minha mãe tinha mencionado uma vez. Ela sempre usara um anel da minha avó pendurado em um colar. Quando eu perguntei por que ela o usava o tempo todo, ela me disse que os mortos nunca faziam mal a quem usava algo que pertencia a eles. Eu nem acreditava em Deus, mas a minha mãe acreditava, e parte de mim se sentiu compelida a ficar com o terço por esse motivo.

Meus músculos se contraíram quando a porta se abriu de novo.

Jayda entrou, mas manteve distância.

– Eu chamei a equipe de manutenção. Estão vindo. Você está bem?

Sua voz tranquilizadora me lembrou a da minha mãe. Com 23 anos, Jayda tinha só uns anos a mais do que eu, mas a vida parecia ter envelhecido nós duas.

– Acho que sim. Só... um pouco abalada.

– Não, querida. Eu quero saber se você está *bem*.

Eu sabia o que ela queria dizer. Ultimamente tudo parecia me deixar nervosa. O que será que tinha deflagrado o episódio daquela vez? Talvez o cheiro. Talvez eu tivesse visto o rato e processado como algo diferente. Não era a primeira vez que acontecia. Jayda tinha testemunhado alguns incidentes em que eu vira coisas que não existiam.

– Eu vou ficar bem.

As quatro palavras que tinham virado meu mantra nos últimos quatro anos.

Eu vou ficar bem.

Na maior parte do tempo eu de fato fiquei, exceto nas vezes em que algo trazia as lembranças à tona.

Ou em que eu tinha alucinações com a minha mãe.

Mas eu estava bem?

Ainda não sabia afirmar.

Capítulo 3

LILIA

Pegar o metrô na volta do trabalho era um saco. Andar de metrô depois de ter visto a minha mãe morta no trabalho era perturbador. Apesar de Jayda ter me incentivado a ir embora uma hora antes do habitual, eu ficara um pouco mais só para não sobrecarregá-la.

Eu nunca tinha falado das alucinações para ela, mesmo ela sendo mais uma amiga do que uma colega de trabalho. E nas vezes em que *falei* sobre a morte da minha mãe, nunca cheguei a mencionar os vermes pretos em sua boca.

Principalmente porque eu tinha o mau pressentimento de que eles não eram reais.

De acordo com o pai da Bee, Conner, a minha mãe havia cortado os pulsos naquela noite. A história que se contava era que Bee tinha saído do quarto e me encontrado desmaiada no chão do banheiro e a nossa mãe na banheira, com os pulsos cortados. Ela voltara correndo para o quarto e ligado para Conner, e, quando ele chegou, Bee estava escondida embaixo da cama, tremendo e murmurando sozinha.

Mas a história tinha uma lacuna. Um vazio que nunca fora preenchido, mesmo depois de anos tentando lembrar os detalhes daquela noite. Eu não conseguia lembrar se minha mãe estava com os pulsos cortados. Com certeza eu teria notado uma coisa tão horrenda dessas.

Quando insisti que tinha visto vermes saindo da boca da minha mãe, Conner negou e me mostrou o relatório do legista. Ali, clara como o dia, a causa da morte dela se destacava em meio a todos os outros detalhes horríveis: *perda grave de sangue devido a suicídio*. Foi aí que eu mergulhei em um lugar sombrio em que não conseguia confiar em mim mesma. Um lugar em que a realidade e os

pesadelos se misturavam.

Eu tinha me consultado com o médico da nossa família, alguns meses depois, para perguntar sobre os vermes, e ele basicamente discutiu comigo, afirmando que nunca ouvira falar desse tipo de coisa. Se tinham sido invenções da minha cabeça, isso até fazia sentido. Várias buscas no Google não mostraram nada a respeito dos vermes, e nenhum periódico médico sobre parasitas descrevia as complicações e a progressão de sintomas que eu observara ao longo da doença da minha mãe.

Não tive escolha além de aceitar que eu tinha imaginado os vermes. O trauma fazia coisas horríveis com a nossa cabeça, afinal.

Quando saí do trabalho, estava com a sensação de que havia corrido uma maratona mental. Eu ainda não estava plenamente recuperada, o que fez o metrô parecer diferente. Mais assustador.

Sendo pouco depois da meia-noite, a única linha em funcionamento era a vermelha, que tinha cheiro de mijo e estava bem vazia. Os únicos por lá eram drogados e pessoas indo de bar em bar, alguns já meio fora de si ou dormindo. Covington não era a pior cidade do país, mas também não era a mais segura.

O fedor forte de urina, pesado no calor de julho, era só uma pequena distração da turbulência ainda fervilhando na minha cabeça.

Eu nunca dormia muito. Era um círculo vicioso, na verdade. Tinha pesadelos horríveis, que me mantinham acordada por mais horas do que uma pessoa comum. Por causa disso, eu às vezes via coisas. E, dependendo das coisas que eu via, ficava difícil determinar se eu estava acordada ou dormindo.

De olhos fechados, respirei fundo, segurando o terço. Quando finalmente voltei a abri-los, percebi o olhar lascivo de um homem mais velho do outro lado. Devia ter uns 40 e muitos anos, a julgar pelos fios grisalhos na barba e no cabelo. A pele pálida denunciava que ele não pegava muito sol. A única outra mulher no vagão, de uns 60 anos, estava apagada no canto. Os outros dez ou doze ocupantes do vagão eram homens.

Minha ansiedade social é herança da minha mãe, que tinha desprezo pela ideia de que as pessoas eram inerentemente boas. Aos olhos dela, todo mundo era um assassino em série até que se provasse o contrário, e uma pequena parte dessa paranoia tinha se manifestado em mim ao longo dos anos.

Soltei o terço e enfiei a mão no bolso para alcançar o canivete que eu carregava para todo lado... até para a cama. Eu o tinha comprado um tempo antes, quando decidi trabalhar no turno da noite.

Como se sentisse meu incômodo, o homem mais velho baixou o olhar para o

pingente no meu pescoço, pendurado em uma corrente com contas pretas. As cinzas dentro compunham a forma mais pura da minha mãe – a doença que a matou fora incinerada. Senti vontade de segurá-lo de novo, de proteger a minha mãe dos olhares dele, mas afastei o olhar, embora ainda sentisse a atenção do homem em mim.

A voz nos alto-falantes anunciou que a minha estação era a próxima. Aliviada, eu me levantei e, sem olhar para o cara, andei pelo corredor enquanto o trem parava. Assim que a porta se abriu, corri para a plataforma vazia.

– Ei! – gritou uma voz rouca e grave atrás de mim. – Ei, garota!

Bêbados idiotas. Eu esbarrava com um pelo menos três vezes por semana, e não estava com saco naquela noite.

Eu o ignorei e segui na direção da escada à frente, meu corpo todo tremendo, os nós dos dedos doendo de apertar o canivete no bolso com força. Um aperto no botão abriu a lâmina e ofereceu um pouco de consolo quando a senti contra a coxa, sobre o tecido.

– Ei! Garota! – A voz estava mais próxima, mas não ousei me virar para olhar. – Espera!

Com o coração disparado, corri para a escada e, assim que pisei no primeiro degrau, um aperto firme no meu braço me fez parar. Eu me virei, vi o homem do metrô e tirei o canivete do bolso, segurando-o com a mão trêmula.

– Eu sugiro que você me solte. Agora.

Ele me obedeceu, então ergueu minha bolsa de lona.

– Você esqueceu isto aqui.

Desviei o olhar para a bolsa e depois para ele. Fiquei estupefata. A tensão nos meus músculos relaxou, e eu soltei o ar, trêmula. Peguei a bolsa e enfiei o canivete de volta no bolso.

– Obrigada.

As sobrancelhas fartas do homem se arquearam.

– Se cuida – disse ele, e saiu mancando na direção da plataforma.

Quando ele sumiu de vista, fechei os olhos e respirei fundo. *Se controla, Lilia.*

A placa luminosa na marquise do Teatro Luminet lançava uma luz forte na calçada enquanto eu seguia pela Prather Street até a porta sem graça logo depois da sua entrada. O prédio onde eu tinha passado boa parte da vida, situado acima

do teatro, tinha sido construído no começo dos anos 1920, quando apresentações teatrais faziam sucesso na cidade. Era uma espécie de ponto turístico de Covington, o lugar onde o primeiro assassino em série famoso de Massachusetts tinha deixado sua vítima, uma atriz conhecida na época, retalhada no camarim. Apesar de bastante conhecido, o prédio não tinha sido bem cuidado ao longo dos anos. Não havia dinheiro para reformá-lo, eu achava.

Subi a escada estreita, que rangeu sob as minhas botas. Nem o cheiro forte de mofo e naftalina afastava o odor de mijo do meu nariz. Quando enfim cheguei ao apartamento, o som de vozes me gerou um medo pulsante, principalmente quando reconheci a de Angelo, amigo de Conner. Ele tinha aparecido quatro anos antes e se grudado feito uma verruga horrorosa na minha bunda – do tipo cancerígena.

– Sei lá, cara, aqueles caras têm contato com o cartel – ouvi Conner dizer através da porta. – Tenho que pensar na minha filha.

Antes de morrer, minha mãe tinha retomado o contato com Conner por causa de Bee. Ele havia morado com a gente durante os dois primeiros anos de vida de Bee, até que a minha mãe o expulsou de casa e ele foi parar em Nova York, morando com uns caras em um bairro ruim. Uns dois anos antes de a minha mãe ficar doente, ele tinha aceitado voltar a morar conosco para nos ajudar, e tentou criar laços com a filha. Considerando que eu ainda não era maior de idade na época em que minha mãe morreu, se não fosse por ele nós provavelmente teríamos ido para adoção, pois minha mãe não possuía familiares, até onde eu sabia. Conner era um cretino às vezes, mas pelo menos tinha nos mantido juntas.

– São mil pratas. Olha só em volta – retrucou Angelo. – Sua vida não está nenhuma maravilha.

Depois que a minha mãe morreu, os dois tinham começado algum negócio escuso juntos, que Conner alegava não ser nada mais que vender material de ferro-velho que eles arrumavam. Nunca acreditei neles, principalmente depois que os vi dando uma surra em um cara, no beco atrás do nosso prédio. Mas era só tocar no assunto que a gente começava a brigar, e Conner encerrava a discussão me mandando cuidar da minha própria vida.

Eu não gostava disso, e gostava menos ainda de Angelo. O cara era um sundae sinistro com uma cereja podre e mofada em cima.

De testa franzida, entrei no apartamentinho e encontrei Angelo sentado na cozinha enquanto Conner tomava uma cerveja ao lado dele.

Conner se empertigou, provavelmente surpreso de me ver em casa meia hora

mais cedo do que o habitual.

– Oi, Lil, tudo certo?

Com quase 40 anos, Conner tinha uma aparência péssima, com as mãos e as roupas manchadas de graxa, por conta do emprego na oficina onde trabalhava havia seis anos. Seu amigo, por outro lado, era um pouco mais arrumadinho, mas tinha um cheiro que me lembrava terra remexida misturada com loja de materiais de construção.

Enquanto Angelo tomava um gole de cerveja, seus olhos pretos brilhosos me acompanharam do outro lado do aposento, bem longe dele, onde permaneci.

– Teve um problema de manutenção lá no trabalho. – Olhei para os dois e ajeitei a bolsa no ombro. – Achei um rato morto em um dos banheiros.

– Legal. – Conner deu uma risada debochada e tomou outro grande gole.

– Nem acredito que você não trouxe pro jantar – disse Angelo, o lábio meio curvado em um sorriso.

– Se eu soubesse que você estaria aqui, teria trazido.

O lábio dele tremeu. Angelo não gostava de ser desafiado, principalmente se acabasse fazendo papel de bobo.

– Acho que seu papai precisa dar um jeito nessa sua língua malcriada.

A implicação das palavras dele me fez engolir minha repulsa.

– Fácil. – Conner, obtuso como sempre, deu um chute leve na cadeira de Angelo na hora em que o babaca levou a cerveja aos lábios. O líquido respingou no colo dele, e tenho a impressão de que Conner tremeu um pouco quando Angelo lhe dirigiu um olhar assassino. – É só você não ser um escroto.

– Babacas não fazem ideia de como ter bons modos – soltei antes de conseguir me segurar.

Infelizmente, Conner não tinha coragem de confrontar o amigo caso ele retaliasse, então não era muito inteligente da minha parte ficar falando tanto.

Angelo me fuzilou com o olhar, mas não falou mais nada.

Na bancada ao lado dele, Conner pegou um prato de papel com uma única fatia de pizza.

– Guardei pra você jantar, Lil, se estiver com fome.

Ele jogou o prato na mesa na frente de Angelo, fazendo o queijo cair para o lado de um jeito que me fez perder o apetite.

Não que eu fosse comer muito, de todo jeito. Não com aqueles vermes na cabeça.

O telefone tocou, interrompendo o olhar fulminante de Angelo, e Conner atendeu. Depois de alguns *Tá* tensos, ele desligou.

– Porra! Aqueles pássaros do caralho! Callahan tá reclamando que o cimento tá todo cagado de novo.

Os pássaros da minha mãe. Gaiolas grandes no telhado do prédio abrigavam cerca de vinte pássaros diferentes, a maioria pombos e pardais. Nossa vizinha, Winnie, uma amiga da minha mãe que morava no mesmo andar, tinha se oferecido para cuidar deles depois da morte dela, mas não era muito boa na limpeza.

– Desculpe. Foi uma semana cheia. Eu vou limpar.

– Não, tudo bem. Ela também quer que eu dê uma olhada na pia da cozinha dela, eu acho.

Além de trabalhar na oficina, Conner tinha sido escolhido como faz-tudo não oficial do prédio, o que nos dava um desconto de 100 dólares no aluguel.

– Já volto – disse ele, e botou a cerveja na bancada antes de passar por mim.

Ultimamente a viúva Callahan o vinha chamando com frequência, e só se eu estivesse em coma para não ver o que estava rolando entre eles. Não que eu me importasse, tirando o fato de odiar ficar sozinha com Angelo.

Quando ele saiu, Angelo acendeu um cigarro, e o cheiro se espalhou pela cozinha.

– É proibido fumar aqui.

Ele abriu um sorriso malicioso horrendo.

– Vem apagar. Eu te desafio.

Revirei os olhos e passei por ele, indo até a pia para pegar um copo de água. Minha garganta tinha ficado seca de repente. Eu teria ido direto para o meu quarto, mas tinha medo de ele me seguir até lá. Era melhor estar mais perto das facas.

– Por que você está aqui a esta hora?

Olhei para trás e o peguei olhando minha bunda. Uma onda ácida me subiu pela garganta, e eu bebi água para afogar a vontade de dar um esporro nele.

– Gatinha Lily – disse ele, ignorando a minha pergunta. – Você não é mais tão pequena, não é, gatinha?

– Não me chama assim.

– Por que te incomoda? Você tem namorado, por acaso? – O som da risada dele, ao notar que eu não responderia nada, me deu nos nervos. – Não. Claro que você não tem namorado. Os homens são uns cretinos, né?

– Pra dizer o mínimo.

– Você já tocou em algum pau?

Eu balancei a cabeça e botei o copo na pia. Minha paciência tinha

oficialmente chegado ao limite. Quando me virei para sair, ele estava parado bem atrás de mim, me encurralando na bancada.

– Uma garota bonita como você. Já deveria ter pegado em muitos paus, a esta altura.

Fiz menção de passar por ele, mas Angelo pressionou o corpo contra o meu, disparando alarmes na minha cabeça.

– Me deixa passar, seu esquisito do caralho – falei entre os dentes, me soltando.

Senti unhas afiadas no meu pescoço e congelei, trincando os dentes de raiva, enquanto ele se inclinava para mim, como se ousasse me beijar.

Com os olhos fixos na minha boca, ele sorriu, o hálito fedendo a cerveja e cigarro.

– Às vezes, imagino o seu sangue no meu pau todinho e isso me deixa duro. – Os olhos pretos e frios foram da minha boca para os meus olhos, o sorriso no rosto dele sumindo. – Te incomoda quando digo isso?

Mordi a bochecha por dentro para firmar a mandíbula. Eu morria de medo desse cara, mas me recusava a admitir isso. Algo me dizia que ele gostava do medo.

O canivete. Estava no meu bolso, mas eu tremia tanto que provavelmente deixaria a porcaria cair antes de conseguir cortá-lo.

– Se você não me soltar agora, eu vou gritar.

– *Eu vou gritar* – debochou ele. – Então grita. Você acha que alguém neste bairro liga?

Ele deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça na minha cara. Com a boca fechada, virei o rosto o máximo que ele permitiu, me recusando a inspirar.

– Se não fosse por mim, seu velho estaria completamente endividado. Sou eu que mantenho sua irmã naquela porra de escola ridícula. E é por minha causa que você não precisa vender o seu cu na rua pra pagar a faculdade.

Depois que a nossa mãe morreu, a saúde mental de Bee deteriorou rapidamente. Ela se afundou no tipo de depressão que me fazia ficar de olho nela a noite toda e ligar para a escola durante o dia. Minha terapeuta sugerira um colégio interno, o Bright Horizons, focado em saúde mental. Bee tinha passado com facilidade, e até conseguira um pouco de ajuda financeira para cobrir parte da mensalidade. Conner e eu dividíamos o resto; ele contribuía a contragosto, porque achava que saúde mental era baboseira. O babaca teve a coragem de me dizer isso uma vez, e eu juro que precisei de toda a força de vontade do mundo para não dar um tapa na cara dele.

Mas eu não podia correr o risco de irritá-lo. Precisava que ele cobrisse parte do valor da mensalidade, então irritá-lo não era uma opção. Era por isso que eu continuava naquele apartamento apertado em cima do teatro, trabalhava em um emprego de merda e fazia o mínimo de matérias por semestre na faculdade comunitária.

E aguentava o Angelo, claro.

– Espero que você não esteja envolvendo a gente em algum esquema de cartel – arrisquei, e me arrependi na mesma hora.

Com os dentes à mostra, ele apertou meu pescoço com mais força, a pressão acelerando minha pulsação. Não o suficiente para cortar completamente a passagem de ar; ele só queria provar que podia me deixar morrendo de medo.

– Você se acha muito esperta, né? Que *cientistazinha promissora* lava manchas de merda de privadas? Hein? Hein?

Cravei as unhas nos dedos dele e me recusei a deixar o medo transparecer. Com uma mão ainda apertando meu pescoço e a outra, com o cigarro, segurando meu pulso, ele olhou para baixo.

– *Memento mori* – leu Angelo na tatuagem no meu antebraço. – Você é uma dessas piranhas góticas que ficam fantasiando sobre a morte o tempo todo, é isso?

Não, não era nada disso. Na verdade, a tatuagem era um lembrete de humildade, mas o que aquele imbecil sabia sobre isso?

– Me... solta.

Ele riu e soltou meu pescoço.

Enfim livre da mão dele, me afastei o máximo que pude, o corpo ainda tremendo por causa do confronto.

Ele apagou o cigarro na minha fatia de pizza desmantelada. Não que eu fosse comer, com o estômago embrulhado e bile na garganta. Com uma expressão de desprezo, Angelo saiu da cozinha. Nem um minuto depois, ouvi a porta anunciar a saída dele, e soltei o ar.

Se controla.

Depois de jogar a pizza no lixo, fui para o quarto. Depois que entrei, bati a porta e encostei a testa nela, deixando acalmar a adrenalina daquele encontro absurdo enquanto eu lutava contra as lágrimas.

Eu o odiava. Odiava que Conner o deixasse chegar perto de mim. Odiava me sentir fraca na presença dele. Vulnerável.

Respirei fundo e fui me acalmando. *Ele foi embora. Está tudo bem.*

Eu me virei para o quarto, que era meu santuário, cheio de livros, velas,

potinhos com as minhas ervas secas e meus sais favoritos, que eu tinha ganhado de Glinda, a dona da loja de homeopatia a um quarteirão dali. Um lugar que eu frequentava bastante quando a minha mãe ficou doente.

Deixei a bolsa ao lado da cama e abri o armário para pegar uma caixinha da prateleira mais alta. Abri-a e vi vários objetos aleatórios, pequenos tesouros que eu tinha colecionado nos últimos anos: ossos de um pardal morto havia tempo, a pena vermelha de um cardeal, que a minha mãe sempre dizia ser um presente dos anjos, um osso da costela de um esquilo e seis dentes de leite meus em um frasquinho com rolha. Embaixo de tudo havia uma foto minha e da minha mãe antes de a doença dela se espalhar, uma das presilhas de Bee, com uma abelha amarela e branca de vidro, moedas e pedras que eu tinha coletado, além de um cristal de proteção que Glinda tinha me dado.

Coloquei o terço na caixa, fechei-a e a coloquei de volta na prateleira. Então, tirei os sapatos e me sentei na cama, exausta. Precisava dormir um pouco. Tinha uma reunião com meu professor logo cedo.

Duas semanas antes, eu havia feito um trabalho para a aula de microbiologia. Um estudo de caso. A proposta era criar uma doença *fictícia*, e eu tinha aproveitado a oportunidade para escrever sobre a doença da minha mãe. Foi uma expurgação de culpa, na verdade, pois escrever sobre os eventos me ajudou a perceber como fora errado eu ter sido a responsável por cuidar dela nas semanas anteriores à sua morte. Minha mãe tinha se recusado a ir ao médico e a ser levada a qualquer hospital, por pior que fosse seu estado.

Só que no final, em vez de detalhar seu suicídio, eu escrevi sobre os vermes. Achei que não faria mal, pois não existiam mesmo. No trabalho, chamei a doença de síndrome do verme preto e, ao que parecia, aquele belo pequeno estudo de caso tinha me proporcionado uma reunião com o professor logo cedo, antes da aula.

Eu não tinha mencionado o nome da minha mãe no trabalho. Também não tinha me referido a ela como minha mãe. Ela sempre fora uma pessoa extremamente discreta. Ainda assim, mesmo tendo só 16 anos na época, eu não conseguia deixar de me culpar pelo seu rápido declínio. Por não ter insistido para ela ir ao médico quando as coisas pioraram e ela começou a ver coisas que não existiam.

Principalmente se isso pudesse ter salvado a vida dela, no final.

Do outro lado do quarto, na minha escrivaninha improvisada com caixas de madeira empilhadas e compensado, havia um quadro que a minha mãe tinha pintado anos antes de ficar doente. Uma paisagem composta de penhascos, com

um carvalho de aparência antiga e galhos curvos que seguravam um balanço. Sempre tinha me dado uma sensação de paz... um lugar distante do apartamento de merda naquela cidade de merda. Uma vez, eu perguntei se ela já tinha ido lá.

– Em sonho – dissera ela.

Uma dor melancólica cresceu no meu peito quando peguei a foto pendurada na parede ao lado da cama, comigo, minha mãe e Bee, tirada uns dois anos antes da doença. Ela sempre teve um brilho próprio, mas naquele dia estava ainda mais vibrante, com o sol cintilando em seus cachos quase cor de vinho. Ela tinha a beleza de uma chama indomada, destrutiva e feroz.

Sempre me disseram que eu era a cara dela.

Mas eu nunca tivera a chance de ser feroz e indomada. Sempre me senti mais como a chama daquelas lareiras elétricas, uma coisa falsa atrás do vidro, sem muito potencial para nada. A vida me algemou no momento em que minha mãe ficou doente, e eu não conseguia mais me soltar daquelas correntes.

Apesar de ter herdado alguns traços dela, Bee se parecia mais com Conner. Enquanto eu e minha mãe tínhamos olhos claros, verde-azulados, os de Bee eram castanhos como os do pai. Diferentemente de Bee, eu não conheci meu pai. Segundo a minha mãe, ele era um inútil, então eu nunca tive muito interesse em conhecê-lo.

Também diferente de mim, Bee tinha um caroço acima do olho direito, um cisto dermoide de nascença, que lhe causava insegurança desde que ela tinha começado a ir à escola, onde os colegas babacas debochavam dela. Infelizmente, minha mãe nunca pudera pagar pela remoção, então o caroço ainda deformava um pouco o olho dela, embora Bee não parecesse mais tão incomodada com isso.

Enquanto eu olhava para a minha pequena família destruída, um medo terrível se contorceu dentro de mim.

Me ajuda!

Mãe, não!

Gritos distantes ecoaram pelos meus pensamentos e, com os olhos fechados, balancei a cabeça.

Não, não. Não olha. Não olha.

A escuridão voltou para o fundo da minha mente, e eu soltei o ar, trêmula, reabrindo os olhos. Um leve tremor na minha mão sacudiu a foto enquanto eu acalmava a respiração.

Relaxa. Passou.

Pendurei a foto de volta na parede e peguei uma das amarras pretas que eu deixava escondidas embaixo da cama; era literalmente uma algema de BDSM que

eu tive que comprar em uma sex shop, um tempo antes. Depois de prender uma ponta na estrutura de metal da cama, fui me certificar de que Angelo não tinha decidido voltar para me perturbar mais. Não havia nada além de silêncio no apartamento, o zumbido do ar-condicionado na janela da sala, os carros na Prather Street e música abafada vinda do teatro abaixo.

Tranquila, enfiei o canivete embaixo do travesseiro e prendi a outra ponta da algema no pulso. Era de velcro, então, se necessário, eu conseguiria me soltar rapidamente. Era a única coisa que me impedia de sair perambulando numa crise de sonambulismo, mesmo que não fosse o método mais seguro. Eu tinha tentado remédios, mas, sem plano de saúde, isso não era mais uma opção. E, considerando o número de vezes que eu tinha acordado fora do apartamento, decidi que precisava fazer alguma coisa. A algema funcionava, e eu só precisava prender um lado, pois fazer força e sacudir o metal da cama costumava me acordar. Ainda bem.

Eu estava com a sensação de que teria uma noite agitada.

Capítulo 4

LILIA

O professor Wilkins estava sentado à minha frente, os olhos severos e insondáveis como sempre. Diferentemente dos outros professores, a sala dele ostentava riqueza, com poltronas de couro vinho, uma mesa pesada de cerejeira com um aparador combinando, lâmpadas de luz suave e estantes atrás dele. A sala combinava com sua personalidade. Ele devia ser o único professor da Faculdade Comunitária de Covington que usava gravata-borboleta todos os dias e falava como se tivesse saído de um filme antigo de Cary Grant.

Depois de um momento ajeitando alguns papéis espalhados na mesa, ele entrelaçou os dedos e me encarou.

– Srta. Vespertine... sobre o trabalho que escreveu...

Uma pontada no meu lábio inferior me lembrou de parar de mordê-lo; era um mau hábito que eu tinha adquirido para evitar roer as unhas.

– Senhor, eu posso... Eu fiz alguma coisa errada? Prefiro saber logo. Arrancar o band-aid de uma vez, digamos assim.

Ele se recostou na cadeira e me observou por um momento.

– Não. A senhorita certamente não fez nada errado.

Soltei o ar, aliviada, e relaxei as mãos no braço da poltrona.

– Que alívio.

– Seu trabalho foi bem intrigante. Fascinante em seus detalhes. A senhorita parece ter um conhecimento excepcional do organismo *fictício* sobre o qual escreveu. Os vermes descritos parecem apavorantes.

Fechei os olhos e tive um flashback daqueles seres saindo da boca da minha mãe, na visão da noite anterior. Tive pesadelos horríveis em que eles rastejavam pelo chão e saíam de bocas.

– Acho que eu tenho uma imaginação fértil.

– Fiquei curioso sobre o que aconteceu com o indivíduo de quem a senhorita cuidou no trabalho.

– Como assim?

– A senhorita não informou como as coisas ficaram. Apenas descreveu o surgimento da doença, a progressão e as suas observações.

Com os dedos ainda entrelaçados, ele relaxou na cadeira, os olhos transbordando preocupação.

– Bem, eu... Considerando que a doença não tem cura, não quis me ater a esse ponto.

– E por que não elaborou uma forma de cura?

Eu dei de ombros e pigarreei.

– O enunciado só pedia para escrever sobre uma doença fictícia e seu impacto na fisiologia humana.

– O que a senhorita fez de forma brilhante. Tão brilhante que me sinto compelido a perguntar: em que a senhorita se baseou para criar essa doença específica?

Será que mais alguém tinha escrito sobre a mesma coisa? Eu não estava entendendo por que ele tinha pedido uma reunião para fazer essas perguntas.

– Me desculpe, professor, mas eu a inventei. O senhor disse que eu não fiz nada errado, mas sinto como se estivesse me acusando de alguma coisa.

A tensão no rosto dele se suavizou numa risadinha e ele balançou a cabeça.

– Me perdoe. Não a estou acusando de nada, Srta. Vespertine. – Com um suspiro, ele olhou para mim de novo. – O organismo sobre o qual escreveu não é fictício. Embora eu saiba que existem milhares de parasitas, os sintomas que a senhorita descreveu são bem típicos dessa espécie em particular.

Uma onda de choque pulsou no meu peito, e a minha mente rebobinou um pouco, repassando as palavras dele.

– O q-que o senhor disse? – perguntei com a voz fraca.

– Eu falei que o organismo que descreveu no seu trabalho não é fictício. Ele *existe*.

Ele existe. É real.

Não era uma invenção da minha cabeça. Não. Aquilo não era possível.

– O senhor está brincando?

Com os lábios comprimidos, o professor balançou a cabeça.

– Eu não teria pedido uma reunião só para fazer uma brincadeira.

Mas era o que parecia. Por anos, eu tinha ouvido que aqueles vermes eram

fruto da minha imaginação. Fui levada a acreditar que o trauma provocado pelo suicídio da minha mãe me fizera ver coisas. Demorei, mas acabei aceitando a explicação. A mentira que a minha cabeça contou para proteger meu coração, porque o suicídio da minha mãe não fazia sentido nenhum. Ela amava demais as filhas para se permitir decair daquele jeito e acabar com a própria vida de forma tão terrível.

Tudo se desfez dentro de mim, se quebrou como galhos frágeis que me prendiam a alguma verdade.

Aquela notícia me validava e me apavorava ao mesmo tempo.

– Não é algo que se encontra em um livro ou pesquisa on-line. – O professor Wilkins interrompeu o turbilhão de pensamentos na minha cabeça. – E isso porque a pesquisa está em andamento, e por acaso é de propriedade particular.

– De propriedade particular? Mas uma coisa capaz de infectar seres humanos não deveria ser de interesse público?

– Vou voltar a isso em um momento. – Ele ergueu uma pilha de papéis ao seu lado, e eu vi o título do meu estudo de caso, que o professor tinha imprimido. – Depois de ler seu trabalho, eu o enviei a uma colega minha, para que ela o revisasse. O nome dela é Loretta Gilchrist. Ela é professora de entomologia e chefe de departamento da Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Dracadia. A senhorita conhece a instituição?

A universidade moderninha e cara demais para a qual eu tinha me candidatado sem muitas esperanças no meu último ano de escola, quando esperava um dia me tornar advogada, apesar de saber muito bem que não seria aceita. Sim, eu a conhecia. E, claro, não fui admitida. E que bom, porque só depois decidi fazer outra faculdade e encontrar a cura para a desconcertante doença que destruíra a minha mãe.

– Sim, já ouvi falar. Faculdade de direito, não é?

– Eles têm uma faculdade de direito, sim, mas são mais reconhecidos pelas pesquisas médicas.

– Bem, essa faculdade está meio fora da minha realidade, então acho que faz sentido que eu não soubesse disso.

– Eles são muito seletivos. Como a senhorita sabe, é uma instituição de bastante prestígio. Muitos indivíduos proeminentes já andaram pelos corredores de Dracadia. – Ele endireitou os ombros com uma expressão de orgulho. – Por acaso, é a minha *alma mater*.

Por mais que eu quisesse perguntar por que, nesse caso, ele dava aula de microbiologia geral em uma universidade comunitária, fiquei de boca fechada.

– Como eu imaginava, a Dra. Gilchrist também ficou muito impressionada. – Ele estendeu a mão para a mesa e pegou um envelope preto, que entregou a mim. – Parece que ela compartilhou seu trabalho com o diretor de admissões, o Dr. Langmore, que me pediu para entregar isto à senhorita.

Franzi a testa e peguei o envelope sem destinatário. Virei-o e vi que tinha sido lacrado com cera dourada, com o selo de um *D* em inglês arcaico.

– O que é isto?

– É para a senhorita. Abra.

A austeridade habitual dele se transformou em algo completamente fora do comum. O homem estava com um sorrisinho eufórico, e a fagulha de empolgação em seus olhos me deixou ao mesmo tempo curiosa e preocupada.

Rompi o lacre de cera e encontrei outro envelope preto dentro, esse endereçado a mim com uma bela caligrafia dourada. Ao abrir esse segundo envelope, encontrei um papel grosso, dobrado em três partes iguais. Um selo carimbado marcava o topo da página com o mesmo *D* da cera.

Prezada Srta. Vespertine,

Em nome da Universidade de Dracadia, tenho a satisfação de lhe oferecer uma vaga na Faculdade de Ciências Naturais. Nossa universidade se orgulha em ter excelência acadêmica e pesquisas médicas inovadoras. Acreditamos que as suas credenciais, junto com o endosso pessoal do Dr. Wilkins, a tornam uma candidata perfeita para o nosso programa de graduação.

Para o semestre de outono, a senhorita tem direito a uma bolsa acadêmica para cobrir todos os custos de viagem, livros e alojamento.

Caso aceite o convite, o trem da meia-noite em Covington Park oferecerá transporte até a cidade portuária de Thresher Bay, Maine. Lá, a senhorita tomará a balsa para a ilha Dracadia.

A matrícula depende da conclusão do seu registro. Encorajo-a a entrar na sua conta de aluna, que tomei a liberdade de criar, para começar sua inscrição para as aulas do outono. Para registro, as aulas começarão no dia 1º de setembro.

Devido à natureza competitiva das admissões, pedimos que entre em contato conosco o mais rápido possível com a sua decisão. Estou disponível no endereço de e-mail e/ou número de telefone listados abaixo, caso tenha alguma pergunta ou preocupação.

Aguardo ansioso pela sua resposta.

Atenciosamente,
Gilbert Langmore
Diretor de Admissões
LangmoreG@dracadia.edu
Escritório: 555-721-3699

Fiquei olhando para a carta, a confusão estampada no rosto enquanto relia algumas partes.

– Eu não... não estou entendendo. Minha admissão foi negada. E de forma justa. Eu não tinha a menor condição de entrar. Isso não faz nenhum sentido.

– A senhorita se candidatou ao programa de ciências médicas?

– Não. Na época eu planejava estudar direito. Mudei de ideia.

– Bem, parece que eles também reconsideraram. Embora eu não esperasse que a minha conversa com a Dra. Gilchrist resultasse em uma admissão, devo dizer que, academicamente, a senhorita tem a aptidão necessária. Não se engane a respeito de suas qualificações.

O entusiasmo dele não me contagiou.

– Eu agradeço, mas... esta carta está oferecendo um semestre. Não tem como eu pagar por uma faculdade dessas. Mal consigo pagar a mensalidade da Covington.

– Um semestre *com oportunidade de continuar*. A escola se orgulha de reter seus alunos e ter sucesso acadêmico. Desconfio que vão avaliar, no fim do semestre, e fazer uma nova proposta.

Ainda segurando a carta em uma mão, usei a outra para massagear minha nuca tensa.

– Perdão, não quero parecer ingrata, mas receber uma carta de aceitação assim parece tão... não oficial?

A empolgação na expressão dele se desvaneceu em uma expressão séria.

– Considerando que não tenha se candidatado, talvez o Dr. Langmore tenha achado que, se enviasse para a sua casa, talvez a carta não fosse levada a sério.

Fazia sentido. Se eu tivesse recebido uma carta de admissão chique daquelas em casa, para uma faculdade que tinha rejeitado minha candidatura antes, eu provavelmente teria pensado que era golpe e jogado fora.

– Entenda, Srta. Vespertine, que Dracadia recebe mais de *trinta mil* candidaturas por ano, principalmente de pesquisadores e pessoas que desejam seguir carreiras médicas. A taxa de aceitação deles é de 2,5 por cento. Bem abaixo de Yale, Harvard, Stanford, Princeton. São *menos* de mil alunos.

Eu entendia a matemática. *Se* eu tivesse me candidatado para a faculdade de ciências médicas, minha chance de entrar sem a indicação de Wilkins seria muito pequena. Provavelmente nenhuma.

– Essa universidade... ela fica *em* Dracadia?

Era uma ilhota na costa do Maine, salvo engano.

– Fica, sim.

Massageei ainda mais o pescoço.

– Fica a mais de três horas de distância.

– Sua bolsa inclui gastos de alojamento e viagem.

Outra olhada na carta confirmou a inclusão de moradia e transporte. Dracadia era um daqueles lugares que, assim como Martha's Vineyard, eu sempre achei que fosse um local de veraneio dos ricos. O custo de um semestre na universidade devia ser exorbitante... um pensamento que só serviu para deixar o convite mais difícil de engolir.

– Como eles obtiveram meus documentos recentes, minhas notas?

– Como instituição particular, eles não têm a menor obrigação de avaliar cada candidato pelos padrões habituais. Podem oferecer uma bolsa só por gostarem do seu nome. E, acredite, isso acontece.

– Para uma faculdade que se orgulha em reter os alunos e ter sucesso acadêmico, isso não parece muito inteligente.

Ele bufou de leve e assentiu.

– Eu entendo sua apreensão. E um pouco da sua descrença. Me permita voltar à sua questão sobre o organismo e a pesquisa. Dracadia é a dona da pesquisa, Srta. Vespertine. O organismo em questão se chama *Noctisoma*. É um parasita que existe predominantemente na ilha, e raramente infecta humanos. Nós não somos um hospedeiro muito confiável, e nem todos os médicos estão cientes de que o organismo é um patógeno *humano*. E é por isso que acho interessante a senhorita saber tanto do assunto, considerando que essa doença quase nunca é diagnosticada fora de Dracadia.

Não era um patógeno tipicamente humano.

– Talvez seja só coincidência.

– Duvido muito. A forma como a senhorita os descreveu sendo expelidos pela boca da pessoa é bem específica, como fui informado pela Dra. Gilchrist. No começo do ano, a senhorita me disse que tinha interesse em descobrir a cura da doença que tirou a vida da sua mãe. Não foram essas as suas palavras, na aula de apresentação?

Foram. Fiquei surpresa por ele se lembrar disso.

– Eu não quis ficar perguntando sobre o que ela teve, mas, se a paciente do seu estudo de caso for a sua mãe, tenho certeza de que não vai querer perder a oportunidade de frequentar a única universidade autorizada a estudar esse parasita específico... Mesmo que seja só por um semestre. As respostas para as suas perguntas não valem isso?

Sim. Valiam. Durante toda a vida, eu quis respostas. Respostas que médicos e especialistas que eu tinha procurado por conta própria não me deram.

– Por que esse organismo consegue infectar humanos?

– Evolução, claro. Mas exige um veículo de transmissão. A verdade é que eu não sou versado o bastante nesse parasita para saber como acontece, mas há um especialista em *Noctisoma* em Dracadia. O professor Bramwell. Ele dá aula de neuroparasitologia e anatomia macroscópica, e é patologista forense e anatômico licenciado. Ele também executa pessoalmente a autópsia das pessoas suspeitas de ser infectadas por esse patógeno.

Bramwell. Fiz uma anotação mental do nome.

– Foi por causa do meu trabalho que consegui a admissão?

– Eu apostaria que sim. Como falei, é um trabalho impressionante, e demonstra a amplitude do seu entendimento. Em vários assuntos, na verdade: parasitologia, fisiologia e pesquisa.

Ele se levantou da cadeira e pegou uma foto na estante atrás de si, então olhou para ela por um momento antes de colocá-la sobre a mesa. Na imagem, uma versão bem mais jovem dele estava na frente de um prédio de pedra antigo, com torres pontudas que lembravam a Catedral de Notre-Dame.

– Posso dizer por experiência própria que, quando for para Dracadia, a senhorita não vai mais querer ir embora.

Os vermes existiam. Não eram coisa da minha cabeça. Eram reais.

E havia uma universidade especializada no tema.

Parecia impossível. Um sonho que se aproveitara das minhas lembranças e dos meus pensamentos mais perturbadores e conjurara uma coisa absurda, como uma faculdade de elite oferecendo uma vaga a uma garota que mal conseguia pagar o ônibus para chegar lá.

– Eu posso pensar?

– Claro. Mas as aulas começam no dia 1º de setembro. Eu não demoraria muito. Como falei, são poucas vagas.

Um calor peculiar, inexplicavelmente nostálgico, tomou conta de mim quando olhei para a foto outra vez.

– Certo. E obrigada, professor. Agradeço sua confiança.

Capítulo 5

LILIA

Eu deveria estar estudando para a minha prova de física on-line, não fazendo buscas sobre a Universidade de Dracadia. Ainda mais porque estudar lá não era uma possibilidade para mim. Se eu fosse para uma universidade tão distante, com aulas em período integral, não teria como pagar metade da mensalidade da Bee, e Conner ainda surtaria se eu dissesse que não poderia mais pagar a minha parte do aluguel. Ele jogaria a escola da Bee na minha cara e a tiraria de Bright Horizons.

Mas clicar nas imagens da universidade me doeu.

Localizada em uma ilha, a faculdade já tinha sido um mosteiro, um lugar predominantemente construído para estudos religiosos. Embora alguns prédios parecessem mais novos, o campus mantinha a mesma aparência de arquitetura acadêmica gótica vista em faculdades antigas como Harvard e Yale. O prédio enorme que eu tinha visto na foto do professor Wilkins ficava em um penhasco íngreme, como se tivesse sido erigido direto na formação rochosa. Parecia ter séculos de idade, com as pedras cobertas de líquen e alvenaria entalhada raramente vistas hoje em dia.

Um muro de pedra separava o campus do bosque ao redor, e parecia haver uma cidadezinha no pé do penhasco. O campus me remetia a *Sociedade dos poetas mortos*. Cheio de tradições, oportunidades.

Um sonho.

Um sonho distante demais para mim.

Só por curiosidade, joguei o endereço do site de admissão na barra de pesquisa e entrei com as credenciais temporárias fornecidas na carta. Na tela, apareceu uma conta já criada para mim, como o diretor Langmore tinha

mencionado; era um perfil sem imagem, mas havia uma sequência de números designada para mim, e todas as minhas informações gerais já tinham sido preenchidas. Abaixo do meu nome, um botão para inscrição em disciplinas ficou me tentando a clicar. Comparei a URL com o site que eu tinha pesquisado. Parecia legítima.

Infelizmente, eu tinha responsabilidades demais.

Com um suspiro, encerrei a pesquisa e me recostei na cadeira enquanto olhava a pintura da árvore e do balanço e do enorme mar atrás. De alguma forma, ela capturava meu sentimento de nostalgia naquele momento.

– Eu queria que você estivesse aqui, mãe – sussurrei. – Seria ótimo receber um conselho seu agora.

Quando eu não estava tendo visões fantasmagóricas dela, às vezes eu a ouvia em meus pensamentos. Aquela voz suave, que falhava toda vez que ela tentava gritar comigo e com Bee. Eu sorri com a lembrança de rir sempre que ela estava brava conosco e aquela voz gentil não conseguia nos intimidar.

Eu me inclinei para a frente de novo, abri a barra de pesquisa e digitei *Noctisoma*. Agora que eu finalmente tinha um nome, talvez a internet oferecesse mais informações.

Alguns estudos médicos apareceram pelo Medscape, mas, quando cliquei neles, só vi uma breve sinopse, nada aprofundado ou acessível para pessoas sem login cadastrado. Abri o site do CDC e digitei o parasita lá. Só um relatório de uma conferência em Genebra o listava entre páginas e mais páginas de outros parasitas.

Não havia quase *nada*.

Para ser mais específica digitei "vermes pretos" e "Universidade de Dracadia". O primeiro artigo a aparecer na tela foi de uma tal *Gazeta Dracadiana*, datado de poucas semanas antes, com uma manchete que dizia "Mulher sem-teto ataca reitor com intenção de matar". Descrevia uma mulher que acreditavam ser Andrea Kepling, que morava em uma das casas abandonadas da ilha e tinha invadido o lar de um tal Dr. Lippincott, o reitor da Universidade de Dracadia. Portando uma picareta, ela o acusara de botar vermes em sua barriga, de acordo com a esposa de Lippincott, que testemunhara o ataque.

Parei aí. No auge da doença, minha mãe também tinha me acusado de colocar uma coisa dentro dela. De infectá-la de propósito. Foi a época em que seu olhar se tornou perdido, com pupilas dilatadas. Foi a época em que ela começou a parecer capaz de me matar. Eu não conseguia imaginar como seria ter alguém nesse estado invadindo a minha casa. Ainda mais com uma picareta.

Ao que parecia, a mulher tinha conseguido ferir a perna de Lippincott, mas fugiu antes de as autoridades chegarem.

O retrato falado de Andrea não mostrava alguém com cara de criminosa. De certa forma, ela lembrava a minha mãe, com o cabelo comprido e os olhos cansados.

Ao ouvir uma batida na porta, resmunguei e fechei o notebook.

– Eu estou estudando.

– Só preciso falar com você um segundo – disse a voz abafada de Conner, do outro lado da porta.

– Tudo bem. Um segundo.

Ele abriu um pouco a porta e espiou dentro antes de entrar.

– Oi, ah... – Ele esfregou as mãos e pigarreou. – Eu sei que as coisas andam difíceis pra você ultimamente. E, hã... você já poderia ter ido embora há muito tempo. Mas ficou e me ajudou com a Bee... e eu sei... eu sei que você não tem obrigação de fazer isso.

Não gostei da introdução daquela conversa. Conner raramente dava créditos à minha contribuição. Na verdade, ele costumava me criticar por recusar turnos adicionais no hospital, turnos que eu tinha recusado com relutância para poder estudar.

– Eu quero facilitar as coisas pra você.

Eu não estava gostando *mesmo* do rumo que aquela conversa poderia tomar. Não fazia o estilo do Conner, um trabalhador braçal que me passara um sermão quando eu tinha 16 anos sobre como nada na vida era de graça. Havia algo errado.

– Tudo bem.

– Nós já conversamos sobre esse assunto antes...

Assim que ele levantou a mão para massagear a nuca e desviou o olhar do meu, eu soube o que ele ia dizer e dei um suspiro.

– Você quer alugar o quarto que era da mamãe.

Eu achava que era por respeito a mim e a Bee que ele ainda não tinha feito isso, e fui grata por vários anos. Mas passar dificuldade só pela memória dela não fazia sentido. Já tinha se passado muito tempo.

– Tudo bem.

– Tem certeza, garota? Bom... você sabe, eu posso esperar mais um pouco.

– Não – falei, balançando a mão. – Nós precisamos de dinheiro. – Na pausa que se seguiu, ergui o olhar e o vi cutucando as cutículas com ansiedade. Talvez estivesse nervoso de me perguntar sobre o quarto. Eu também estava nervosa. –

Posso perguntar uma coisa?

– Claro, manda.

– Lembra que depois que a mamãe morreu eu te contei sobre...

– Os vermes. Sim. Eu lembro. – Com a testa franzida, ele baixou o olhar. – Eu não... Eu não te culpo por isso. Foi uma cena bem difícil de encarar, com a sua mãe sangrando por todo lado.

– Tem certeza que você não viu nada na banheira?

Eu sempre tinha achado estranho que aquela imagem permanecesse tão vívida na minha mente, sobretudo por ele afirmar que não tinha acontecido.

– Por que está me perguntando isso? – A voz dele soou desconfiada. – Você leu o relatório do legista, Lil. A autópsia. Várias vezes. Está tudo lá.

Eu suspirei e me recostei na cadeira. Eu tinha lido, mas o professor Wilkins também dissera que nem todo médico estava ciente do organismo como um patógeno humano. Talvez tivessem deixado passar na autópsia.

– Eu sei. Só... achei que você poderia ter visto mais coisa.

– Tudo que eu vi está detalhado no relatório – disse ele. – Você está bem?

– Estou. Estou bem. Eu só sinto falta dela.

Não fazia sentido discutir com ele. Em teoria, Conner não tinha visto o mesmo que eu. Talvez o sangue tivesse escurecido muito a água. Talvez todos os vermes tivessem dado um jeito de descer pelo ralo.

– É. – Ele soltou o ar pesadamente e pigarreou. – Então, hã, o que você diria se eu deixasse o Angelo vir morar aqui?

Meu humor mudou na mesma hora e um medo turbulento tomou meu estômago. Balancei a cabeça.

– Você não está falando sério, está?

– Só pensei que ele já vem aqui o tempo todo mesmo. E ele mora naquele buraco lá na Sumler.

– Não. Não! Que isso, Conner?! É sério?

– Ele é meu melhor amigo, Lilia.

Ele passou as mãos pelo cabelo, deixando transparecer mais do estresse que sentia no momento. Com os dedos apertando as almofadas ao meu redor, sufoquei a vontade de jogar alguma coisa nele.

– Esse cara é um nojento, Conner. Você sabe que ele me encurralou na última vez que esteve aqui e basicamente ameaçou me matar.

Com um gesto de desdém, ele balançou a cabeça.

– Que nada. Ele não faria isso. Ele só é babaca.

– Isso não é ser babaca. É ser um predador!

Com as mãos pendendo junto ao corpo, ele deu de ombros.

– E que caralhos você quer que eu faça, Lilia? Hein?

– Diz pra ele que *não*! É isso que eu quero. Ele é horrível.

– Mas ele poderia ajudar com a porra das contas! Eu não tô conseguindo!

– Tudo bem alugar o quarto, mas não para o Angelo. Por favor. Eu ainda tenho que morar aqui e trabalhar!

– Eu também trabalho! – O jeito como ele bateu com o dedo no peito passava uma energia de homem das cavernas que eu abominava. – Eu trabalho, e essa porra de apartamento está no meu nome. Então eu decido quem mora aqui!

Era a única coisa em que eu queria que a minha mãe tivesse pensado um pouco melhor antes de morrer. Não que ela tivesse muitas opções: eu só tinha 16 anos na época e não poderia ficar com o apartamento no meu nome. Mas incluir o nome de Conner só tinha gerado situações tensas e frustrantes.

– Tudo ficaria bem mais fácil por aqui – disse ele.

– Mas e quando Bee vier passar as férias? Você quer que ela fique perto dele? Acha que é bom para a saúde mental dela?

– Bee está ótima! Ela não precisa de uma escola cheia de palhaçada nem de terapeutas. Ela precisa de amigos! De uma vida!

A fúria explodiu dentro de mim e eu me levantei, cerrando os punhos junto ao corpo.

– Ela tem uma vida. E amigos! Ela está melhor porque *finalmente* está recebendo a ajuda de que precisa! Alguém está dando ouvidos a ela. E agora você quer acabar com tudo isso convidando o nojento do Angelo pra sua festa do pijama! Ele é um otário, Conner. Você precisa parar de andar com ele antes que ele nos meta em algum esquema perigoso!

– Ele salvou a porra da minha vida!

Eu estava presente nessa ocasião, mas, ao que parecia, um cara que eles tinham ido visitar um tempo antes tinha apontado uma arma para os dois. Por obra do acaso, Angelo tinha sido mais rápido no gatilho.

– Que merda, você pega no meu pé igual à sua mãe!

– Vai se foder, Conner. Vai se foder! Você nunca mereceu a minha mãe.

– Ah, é? Nenhuma de vocês, suas merdinhas ingratas, me merece. Então vai se foder, Lilia.

Ele saiu e bateu a porta, balançando o quadro da minha mãe na parede. E me deixando ainda mais irritada.

Meus olhos arderam, ameaçando derramar lágrimas. *Não desmorona*. Um calor furioso me tomou, e eu trinquei os dentes, desejando poder me

teletransportar em um piscar de olhos. Para um lugar bem distante. Como a árvore e o balanço diante do mar aberto.

Eu me larguei na cama e aninhei o rosto nas mãos. *Não desmorona.*

Eu não podia morar no mesmo lugar que Angelo. Não podia. O pequeno santuário que eu tinha construído naquele apartamento seria destruído pela presença dele. Com sorte, Conner cairia em si. Senão, eu teria que dar um jeito de fazer Bee ficar no alojamento nas férias. Eu a visitaria no Natal, que ainda estava longe. Os Natais em casa não vinham sendo mesmo grande coisa desde a morte da minha mãe. Basicamente, Bee e eu ficávamos sentadas no nosso quarto, ouvindo os discos antigos dos Beatles da minha mãe e bebendo muito chocolate quente. Tecnicamente, dava para fazer isso em qualquer lugar.

Já eu precisava dar um jeito de pagar pelo menos dois meses da mensalidade de Bee adiantado. Se conseguisse fazer isso, talvez, só talvez, não fosse impossível sair do apartamento.



– Você já considerou fazer um OnlyFans ou algo do tipo? – Jayda puxou um lençol branco com uma enorme mancha amarela.

Ainda esfregando a urina seca que tinha pingado pela lateral da cama, balancei a cabeça.

– Com certeza não.

Eu não tinha nada contra quem postava lá. Na verdade, se eu tivesse coragem, talvez até tivesse considerado a ideia. Mas não tinha.

– Vou te falar, já pensei nisso algumas vezes. Porra. Seria bem melhor do que tirar lençóis sujos rezando para não ser furada por uma agulha usada. – Ela jogou o lençol enrolado em um saco de roupa suja. – Uma amiga da minha prima fez. Estava ganhando uns dois mil por mês antes de arrumar um *sugar daddy*. Agora, a preguiçosa fica na piscina o dia todo, lendo romances.

Não sei por quê, dei risada. Provavelmente só precisava rir de alguma coisa, depois da conversa com Conner.

– É a sua chance, Lilia. O Senhor te botou em um caminho que você não esperava, e você precisa seguir por ele.

Eu suspirei, parei de esfregar o mijo e tentei me imaginar andando pelos corredores de uma universidade de elite.

– Eu sei, mas...

– Não tem "mas". Você cuidou da sua mãe. Agora, está cuidando da sua irmã *e* do pai dela. Já chega. O Senhor está te dizendo que está na hora de cuidar de *você*.

Apesar de não ser religiosa, eu não me importava que Jayda falasse sobre o Senhor. Adoraria acreditar que aquela tormenta toda tinha algum significado.

– Por que você não se tornou pastora, se sabe tanto dos planos do Senhor?

– Porque eu gosto demais de trepar – respondeu ela, passando a mão pela barriga redonda. – E o Senhor sabe que o papai dele é bom nisso. Então, não me botou nesse caminho.

Voltei a esfregar e bufei.

– Eu não posso só ir morar com você e Quentin?

– Você sabe que pode. É sempre bem-vinda. Mas não é isso que você quer. Você quer bancar a Harry Potter e ir morar com aquele pessoal branco, rico e metido, e nem adianta me dizer que não.

Eu soltei uma risada pelo nariz e balancei a cabeça.

– Na verdade, a ideia de morar com eles me assusta. Não conheço essa vida. Meu lugar é em Covington.

– *Eles* não importam. O que importa é o seu sonho. Você merece usar um jaleco, não um uniforme horrível sujo de merda.

– Bom, postar vídeos no OnlyFans não vai ser bom pra minha reputação.

– Por quê? – Ela apoiou as mãos nos quadris. – Por que não, porra? Tem gente que faz isso pra pagar a faculdade de medicina. Você faz o que tiver que fazer, Lilia. – Com a sobrancelha erguida, ela apontou para mim como uma mãe dando bronca no filho. – Não deixa ninguém te fazer sentir vergonha.

– Por que você sempre tem que ser tão...

– Certeira?

– Eu ia falar "positiva".

– Porque eu que não vou ficar aqui esfregando o chão e recolhendo lixo com você ano que vem se você tem uma bolsa integral à sua disposição. Vai. Resolve o resto depois.

E se eu fosse? Minha mãe sempre tinha sido espontânea assim. Sempre deixava a cautela de lado. Ela acreditava totalmente que as coisas dariam certo. Talvez eu só não tivesse ideia das batalhas que ela enfrentava, mas parecia que tudo dava certo no final. Nunca passamos fome. Nunca fomos despejadas, nem ficamos sem aquecimento no inverno. Nós tínhamos sobrevivido.

Eu queria mais do que tudo estudar a doença que tinha matado a minha mãe, e Dracadia era a minha chance, como Jayda tinha dito. Eu precisava disso. Saber

que não tinha ficado louca, que tinha visto aqueles malditos vermes saírem dela, e que não foram produto da minha imaginação fértil, me fizeram acreditar.

De qualquer forma, eu tinha que tomar providências, quer fosse para Dracadia ou não, porque tinha um mau pressentimento sobre as merdas que Conner andava fazendo com Angelo ultimamente. Pelo meu futuro e o da Bee, e pela nossa segurança, eu precisava encontrar uma saída.

Capítulo 6

DEVRYCK

– Por favor, não faça isso! – O acusado estava diante do conselho, trancado em uma enorme jaula dourada. – Eu imploro.

A câmara em volta era uma das três salas rituais nas catacumbas do Ninho, uma enorme catedral pouco depois dos limites da Universidade de Dracadia, pertencente à Sociedade das Sete Gralhas. Ou aos Gralhas, como éramos conhecidos. Paredes e pisos de concreto cinza pioravam a sensação de sufocamento, como a de ser enterrado vivo dentro de uma tumba. Era adequado, na verdade, considerando como aquelas cerimônias eram mortalmente entediantes. Nem a quantidade enorme de velas tremeluzentes conseguia iluminar a cripta fria e lúgubre, no centro da qual, entalhado em ladrilhos dourados, havia o emblema da sociedade: duas bengalas médicas cruzadas, como as usadas durante a peste, com um número sete. O mesmo emblema que tinha sido marcado no meu peito.

Fora da catedral, éramos um rumor. Um mito. Um segredo sussurrado em meio ao corpo estudantil. Material para conspirações.

Nunca se viu. Nunca se ouviu.

Os braços do acusado, cruzados diante do corpo, tremiam como galhos frágeis prestes a se partirem. Ele era o único que não usava uma das máscaras típicas de médico da peste, que escondiam o rosto de todos os outros membros na sala, inclusive o meu.

Círculos pretos profundos escureciam os olhos dele, denunciando que dormia pouco, e o jeito como ele mantinha o olhar baixo, se recusando a encarar as pessoas, dava a entender que ele entendia a gravidade de seus crimes e o nível de merda em que estava afundado.

Afinal, todos os Gralhas sabiam que não deviam roubar. Estava na porra do manual que nos entregavam na iniciação, quando ainda nem entendíamos quanto a sociedade levava suas leis a sério. Leis que eram diferentes das aplicadas no mundo exterior. Leis que existiam havia séculos e que continuariam a existir depois que todos os membros presentes se fossem.

O homem diante do conselho tinha sido membro por quase uma década. Quase uma década de privilégio e poder incalculável, reduzido ao fio de esperança ao qual ele se agarrava tão desesperadamente naquele momento. À única súplica de que os Gralhas perdoassem seu crime.

– Você tem algo a dizer em sua defesa?

A voz articulada do presidente Winthrop permanecia inalterada, ainda que meio abafada pela máscara. A morte prematura de seu antecessor o tinha promovido quatro anos antes e, desde então, ele mantivera a promessa de *limpar* a organização.

O acusado deu um passo à frente, segurando as grades douradas da jaula, e baixou o olhar.

– Apenas que eu sei que cometi um crime grave contra os meus irmãos. Foi um momento de desespero e loucura que inspirou esse ato imperdoável. Eu imploro por misericórdia. Me conceda clemência, e eu juro que vou fazer o que for necessário para reconquistar a sua confiança e o seu respeito.

Soltei uma risada, e o som ecoou pelo salão, chamando a atenção de alguns rostos mascarados e um olhar apavorado do acusado. Era compreensível, pois eu era um dos afetados pelo roubo. Anos de pesquisa que o acusado quase vendera para um magnata farmacêutico que teria se aproveitado do trabalho ao qual eu tinha me comprometido incansavelmente desde que conquistara um pouco de respeito, após a saída desastrosa do meu pai.

Felizmente, pegaram o culpado.

Sempre pegavam.

Seu nome era Paul Darrows, mas isso não importava mais. Pelo que eu sabia, ele tinha esposa e filhos. Trágico, considerando o seu destino naquele momento, mas o homem tinha testemunhado execuções suficientes para conhecer bem as consequências de seus atos. Os Gralhas eram uma das sociedades secretas mais poderosas do mundo, formada por ex-integrantes da CIA, do FBI, presidentes, inventores, e todos já tinham estado naquela sala em algum momento. Era inexplicável como Darrows achou que seria mais inteligente que todos eles.

Eu só tinha rido do comentário sobre *reconquistar confiança e respeito* porque o idiota tinha sido pego em flagrante: literalmente dando o cu para a

amante, que provavelmente preferia passar a noite contando as rachaduras do teto do que comendo aquele sujeito que devia ser péssima companhia.

Darrows devia ter sido capturado sem deixar rastros. Ninguém além dos homens naquela sala saberia o destino dele. E nenhum deles contaria, para não acabar na mesma situação do pobre coitado.

– Vamos votar sobre a questão.

Da veste preta com capuz, Winthrop tirou o broche preso ao seu peito. Era do tamanho de uma moeda de 50 cents, com o emblema da Sociedade das Sete Gralhas. Um lado era dourado, representando a irmandade: segurança e lealdade. O outro, preto: uma sentença de morte.

Seis outros membros pegaram seus broches também. Uma condenação exigia que sete pessoas votassem, e a maioria simples determinaria se Darrows viveria ou morreria.

Um a um, eles pousaram os broches na mesa à frente. Do meu lugar na sacada, vi surgir uma decisão unânime: todos os broches com o lado preto para cima.

Os Gralhas não aceitavam ladrões entre nós, afinal.

Particularmente porque a minha pesquisa era importante não só para os membros presentes, mas para a universidade e para o futuro de Dracadia.

– Irmão Darrows, pelos crimes de traição, furto e intenção de propagação de material confidencial, você foi considerado culpado.

Winthrop se recostou na cadeira e fez um sinal para a direita, onde havia dois outros membros da sociedade de pé.

– Não! – Um grito reverberou pelas paredes, e o homem enjaulado recuou para longe do conselho e se chocou com as grades implacáveis de ferro. Ele sacudiu a barreira, gritando e implorando.

Mas não havia como escapar.

Seus laços com a irmandade tinham se rompido. Ele tinha violado votos sagrados, a promessa marcada em sua carne... na carne de todos nós... a cicatriz que nos unia.

Ele não era mais merecedor da nossa misericórdia.

Darrows fez uma súplica rouca, como se seus executores tivessem algum poder sobre o destino dele. Como se fossem ousar conceder misericórdia diante dos irmãos superiores.

O membro conhecido como Executor se adiantou. Diferentemente das máscaras pretas usadas por todos os outros membros, a dele reluzia em um dourado resplandecente, com uma superfície que refletia as muitas velas

tremeluzentes espalhadas pelo salão.

Notei um brilho dourado na mão do Executor – um controle remoto. Com um clique do botão, uma parede de vidro deslizou do alto da jaula para envolver as grades, fechando Darrows lá dentro. Dois objetos que pareciam holofotes surgiram do chão, lá dentro, e tomaram posição. Um momento depois, um som de água corrente encheu a sala. O gás era invisível, inodoro e incolor. As máscaras usadas pelos membros bloqueavam com eficiência qualquer vapor que pudesse escapar da jaula, uma medida de segurança para o caso de o vidro ter uma rachadura ou fresta.

Darrows cobriu o rosto com as mãos e caiu de joelhos, uma tentativa inútil de afastar os vapores mortais que enchiam sua cela. Não importava; o gás tomou a jaula, invadiu seus pulmões e seu cérebro pelos espaços entre os dedos. Tomou seus músculos, e ele desabou para o lado, em convulsão. Momentos depois, o corpo ficou inerte.

O som de concreto sendo raspado ecoou pela sala quando o piso ladrilhado desceu, levando a jaula e o corpo sem vida de Darrows para o andar de baixo, onde ele seria incinerado e esquecido. Uma área ladrilhada aberta com o emblema subiu no lugar, sem deixar sinal de que Darrows estivera perante o conselho. De que ele tinha existido.

O nome dele nunca mais seria mencionado.

Capítulo 7

LILIA

Pouco mais de três semanas tinham se passado desde que eu havia recebido o convite para Dracadia. Infelizmente, a possibilidade de ir era tão grande quanto a de unicórnios cor-de-rosa descerem dos céus. Não conseguia pensar em uma logística que funcionasse, e sem dúvida o estresse envolvido nisso e em tudo mais vinha mexendo comigo, porque eu tinha começado a ter visões da minha mãe com mais frequência. Desde que Wilkins me contara que os vermes eram reais, meu cérebro estava a toda, tentando me convencer. Por conta disso, eu tinha ficado ainda mais exausta, chegando a dormir nas aulas de vez em quando e acordando sobressaltada, passando vergonha ao gritar pela minha mãe.

Eu tinha matado a última aula de microbiologia do trimestre, não só por causa do constrangimento de ter sido acordada no meio da aula, mas porque tinha medo de que o professor Wilkins me perguntasse sobre Dracadia. O semestre de outono começaria em uma semana, e eu não tinha feito nada para garantir minha matrícula. Como se as minhas finanças não fossem problema suficiente, Conner tinha começado a arrumar o quarto da minha mãe para um novo morador. Felizmente, tinha desistido da ideia de Angelo se mudar para lá, um pequeno raio de luz em meio ao caos. Devia ter entendido a estupidez de ter um homem como aquele por perto o tempo todo. Pelo menos, eu esperava que tivesse.

Em silêncio, naquela noite eu tinha saído para trabalhar enquanto ele empilhava caixas com os poucos pertences da minha mãe dos quais eu estava disposta a abrir mão. Depois de eu ter adiado essa triagem por tempo demais, Conner ameaçou jogar tudo fora se eu não separasse o que queria guardar. Então

separei umas coisas para Bee e para mim: discos, joias, quadros e algumas roupas velhas.

Ver o quarto dela vazio me deu uma dor no peito, e, por mais que eu soubesse que precisávamos do dinheiro, não aguentava a ideia de um estranho acabar ocupando aquele espaço.

Exausta de estresse, entrei na sala dos funcionários e fui até os armários, me esforçando para retribuir o sorriso animado de Jayda.

– Oi – falei, girando a tranca do armário.

– Oi!

O entusiasmo na voz dela pareceu meio exagerado e, quando ergui o olhar, a vi se aproximando.

Ainda sorrindo.

– Está tudo bem?

Eu me virei para o cadeado, sofrendo por ter que sustentar uma expressão simpática por tanto tempo, e abri o armário para jogar minha bolsa dentro.

– Tudo. Eu tenho uma coisa pra você, mas... quero que saiba que devolver não é uma opção, tá?

Curiosa, fechei a porta do armário e me virei para ela, reparando em seus braços escondidos às costas.

– O que é?

– Só uns parabéns.

De trás de si, Jayda revelou um envelope roxo do tamanho de um cartão e o entregou a mim.

– Pelo quê?

Ela franziu a testa.

– Como assim, *pelo quê*? Por que você fica agindo como se conseguir uma bolsa pra uma faculdade de elite não fosse nada de mais?

De repente, desejei nunca ter contado a ela sobre Dracadia... minha culpa já tinha chegado ao limite.

– Eu não tenho como ir embora desse jeito.

– Então você vai perder essa oportunidade?

– Não é o que eu quero, mas as minhas opções estão uma merda no momento.

– Abre o cartão, Lilia.

Devagar, eu abri o envelope e encontrei um cartão de parabéns lá dentro. Quando o abri, dei de cara com uma pilha de dinheiro. Notas de cem. De cinquenta. De vinte. De dez. Eu nem precisava contar para saber que havia pelo

menos mil dólares ali dentro.

Meu coração disparou.

A vontade de chorar fez meu nariz arder, e balancei a cabeça.

– Eu contei pra Danica que você foi aceita na faculdade. – Danica era nossa gerente de departamento, com quem eu sempre tive uma boa relação, então não vi problema em Jayda ter contado a ela. – Enfim, ela pediu uma contribuição a todos os médicos e enfermeiras. Tem mil e uns trocados.

O suficiente para pagar dois meses da mensalidade da Bee. Da minha parte, pelo menos. E mais um pouco. Isso me daria uma folguinha, permitiria que eu arrumasse um emprego e quem sabe juntasse dinheiro para mais dois meses.

– Não posso aceitar isso. É... É muita coisa, Jay.

– Nem adianta, meu bem. Esse dinheiro é seu. – Ela levantou a mão em um gesto de dispensa e balançou a cabeça. – E não precisa devolver, então para.

– Mas as aulas começam na segunda. Daqui a uma *semana*. Eu nem sei se me deixariam me matricular tão em cima da hora. Eu perdi a orientação e a matrícula.

– Eu não entendo nada dessas merdas de faculdade, então só vou dizer que é melhor você correr pra ver se ainda dá tempo de se matricular.

Com a pilha de dinheiro na mão, os empecilhos de antes pareceram... bem, contornáveis. Eu não conseguia imaginar um mundo em que a única coisa com que eu tivesse que me preocupar fosse a faculdade.

– Eu não sei o que dizer. Ninguém nunca fez nada assim por mim.

– O que você tem que dizer é simples. Repete comigo: Eu, Lilia Vespertine... – Ela ergueu a sobrancelha e fez uma pausa para me esperar.

– Eu, Lilia Vespertine...

– ... vou pra porra da Universidade de Dracadia.

Soltei uma risada chorosa.

– ... vou pra porra da Universidade de Dracadia.

Os olhos de Jayda brilhavam de orgulho quando ela cruzou os braços e sorriu.

– Pronto. É só isso que a gente quer ouvir.

Eu a abracei, segurando desesperadamente um soluço, porque, caramba, ela não precisava ter feito aquilo. E eu não teria como retribuir. Só quando terminasse de estudar, dali a uma década.

– Obrigada.

– De nada.

– Eu seria egoísta se pedisse mais um favor?

– Depende do favor – disse ela, com uma voz séria que me fez sorrir.

Eu a soltei e dei um passo para trás.

– Posso ficar com você esta semana? Conner está esvaziando o quarto da minha mãe e... eu não tô a fim de ficar pra ver isso.

– Claro que pode. Faz a mala e ajeita tudo que tiver que ajeitar hoje à noite. – De uma prateleira ao lado dos armários, ela pegou uma touca e enfiou as tranças compridas dentro, uma prática que tinha adquirido depois de molhar o cabelo sem querer em um balde de água suja, certa vez. – Eu e o Quentin passamos pra te buscar.

– Tem certeza? – Prendi o cabelo em um rabo de cavalo frouxo e baixo. – Eu não quero dar trabalho. Posso pegar um Uber.

– Eu insisto. Você não precisa desse peso todo nas costas no momento. Você tem coisas pra planejar.

Novamente, me vi tentando compreender a ideia de que em breve eu poderia estar naquele campus aparentemente místico.

No intervalo, usei um dos computadores dos funcionários para mandar um e-mail rápido para o diretor Langmore, para perguntar se ainda era possível me inscrever nas aulas. Por já passar das dez da noite, eu não esperava resposta, mas, quando o nome dele apareceu na minha caixa de entrada um pouco antes de eu fechar o navegador, meu queixo caiu.

> Claro, Srta. Vespertine. Estou enviando o link para a sua matrícula, assim como o pacote de boas-vindas que a senhorita teria recebido na orientação, semana passada.

O arquivo anexado se chamava "Boas-vindas à Universidade de Dracadia".

Nem morder a bochecha bastou para conter o sorriso que queria escapar. Porque eu, Lilia Vespertine, ia para a porra da Universidade de Dracadia.

Meu turno passou voando e, antes de ir para casa, fiz questão de agradecer e repreender Danica. Sentada no metrô, agarrada à minha bolsa, olhei pela janela, tentando segurar o sorriso para não parecer uma maluca enquanto me imaginava universitária de uma instituição renomada. Meu campus. Minha faculdade.

A vida parecia irreal. Um sonho.

Eu tinha saído para o trabalho naquela noite com o peso da desesperança e da decepção.

De repente, eu tinha um plano.

Entrei no apartamento a passos leves, atenta à presença de Conner na penumbra. Sem dúvida ele pegaria no meu pé por ir embora, e eu não queria lidar com isso quando ainda estava impactada com a decisão. Fui direto para o quarto, ficando ainda mais tensa quando girei a maçaneta e corri para o armário para pegar a mala, sem esquecer de pegar uns moletons. Botei a mala na cama e me virei para a cômoda, então fui empilhando calças jeans, duas saias que tinha comprado para entrevistas de emprego, vestidos que tinha pegado no armário da minha mãe, suéteres, roupa íntima, meias, minha caixa de tesouros. Joguei lá dentro meu cobertor favorito, uma foto minha com Bee e nossa mãe, e o quadro da minha mãe. Um carregador e artigos de higiene. Na mesa, peguei a carta de Dracadia e a enfiei na bolsa. Tudo coube perfeitamente na mala, e só quando eu botei a mão no zíper foi que senti uma presença ameaçadora na porta.

– Acho que você esqueceu uma coisa.

O som incômodo da voz de Angelo me fez sentir um frio na espinha, e eu me virei e o vi segurando uma calcinha de cetim minha junto ao rosto.

Eu desci o olhar e estendi a mão.

– Me dá.

– Acho que vou guardar de lembrança.

Escondi a irritação e fechei o zíper da mala.

– Faz o que quiser, Angelo. Não quero mais saber de você nem desta cidade. Já chega pra mim.

– Me diz pra onde você vai que eu devolvo.

– Você não acha que está meio *velho demais* pra ficar com essas gracinhas?

Tirei a mala da cama. Não tinha a menor intenção de ficar no apartamento com aquele bostinha. Mesmo que tivesse que esperar uma hora na rua até Quentin chegar, pelo menos haveria testemunhas para qualquer merda que ele pensasse em fazer.

– O que você está fazendo aqui, aliás? Como entrou?

– Me diz pra onde você vai – repetiu ele, ignorando as minhas perguntas.

– Não. – Com esforço, carreguei a mala pelo quarto e parei na porta que ele estava bloqueando. – Sai.

Ele não se moveu nem um centímetro.

Uma onda se espalhou pelo meu corpo. Se era medo ou adrenalina, eu não

sabia, mas sua potência vibrou nos meus ossos.

– Sai da minha frente, Angelo. Eu não estou de brincadeira.

Ele continuou parado.

– Foda-se – falei, pronta para passar por cima dele.

Angelo segurou a minha mão e empurrou para baixo a mala que eu estava tendo dificuldade em erguer, botando peso até eu não conseguir mais segurá-la.

– Você não vai a lugar nenhum, garotinha.

Meu Deus, o fedor dele. Como era possível que um homem tivesse cheiro de túmulo? Eu tinha certeza de que, se o abrisse, encontraria um cadáver lá dentro.

– Lil! Angelo! Eu trouxe cachorro-quente! Venham comer!

O som da voz de Conner provocou uma mistura turbulenta de alívio e medo. Minha esperança tinha sido já estar longe antes de ele chegar.

O bilhete que eu tinha escrito era uma despedida triste e insuficiente, mas eu não podia correr o risco de ele fazer chantagem emocional comigo. Ou de brigarmos e eu acabar irritando-o a ponto de ele desistir de pagar a parte dele da mensalidade da escola de Bee.

– Que delícia! – gritou Angelo, os lábios se curvando em um sorriso. – Parece que você também não estava planejando contar nada para o Conner.

Ele se desencostou da parede e seguiu pelo corredor na direção da cozinha. Por mais que eu quisesse fugir pela janela do quarto, eu devia a Conner pelo menos uma explicação.

Dei um suspiro, deixei a mala no quarto e fui até eles.

Com um cachorro-quente na mão, Conner franziu a testa quando parei na porta.

– Ei, o Angelo disse que você está de saída. Pra onde?

– Vou ficar na casa de uma amiga. Por que ele estava aqui antes de você?

– Nós vamos fazer uma reunião. Eu saí pra comprar o jantar. Ele ficou. – Com a sobrancelha erguida, ele me encarou. – Que amiga é essa?

– Da faculdade – menti. – Você não conhece.

Conner deu de ombros e mordeu o cachorro-quente, o molho escorrendo pelo queixo. Angelo ficou tamborilando na mesa enquanto seu cachorro-quente continuava no pratinho de papel.

– Só isso? – perguntou ele, sem tirar os olhos sinistros de mim. – Você não vai perguntar quem é?

Conner franziu a testa e limpou o queixo com o antebraço.

– Quem disse que eu ligo? Ela tem 20 anos.

O alívio desfez alguns nós no meu estômago, tanto que não ousei estragar o

clima contando sobre Dracadia. Eu ligaria. Deixaria o bilhete na marmita dele. Enviaria um pombo-correio. Ou uma coruja. Qualquer coisa que não envolvesse Angelo.

– Ah, mas tem mais coisa, não tem, Lil?

O rosto de Angelo se abriu em um sorriso maligno que eu tive vontade de esmigalhar usando um mata-moscas. Balancei a cabeça e engoli em seco.

– Ah, para com isso. Havia alguma coisa sobre uma tal... Dracadia, acho.

O tom teatral da voz dele me irritou, e eu teria sacrificado com prazer o meu dedinho do pé para ver o teto cair na cabeça dele.

O babaca tinha aberto o envelope na minha mesa. Ele estava no nosso apartamento sabe-se lá havia quanto tempo e tinha mexido nas minhas coisas.

– Que porra é essa? – perguntou Conner, enfiando outro pedaço de cachorro-quente na boca. – Parece coisa de filme de vampiro.

– É uma faculdade. Eu fui aceita – falei com relutância.

Conner ergueu a sobrancelha, os olhos brilhando de surpresa.

– Ah, é? Que ótimo, Lil! Parabéns! É, hã... outra faculdade comunitária?

Quando desviei o olhar, o sorriso arrogante de Angelo aumentou.

– Não. É uma faculdade da Ivy League, umas três horas ao norte daqui.

– Três horas? – Conner escondeu a testa franzida com um gole longo de cerveja, e, quando pousou a garrafa na mesa, a testa estava mais franzida ainda. – E você disse Ivy League? Está brincando? Você não consegue nem pagar duas matérias na Covington direito.

Eu tinha que seguir com cautela, pelo bem de Bee, apesar da tensão fervendo no meu sangue. Dizer a ele que eu tinha ganhado dinheiro de presente seria burrice, ainda mais na frente de Angelo.

– Eu ganhei bolsa integral.

Conner soltou um muxoxo que me fez entender que ele não estava feliz.

– Bom, não tem como você ir. Tem a Bee e metade do aluguel daqui.

– É a minha única oportunidade, Conner. Minha única chance. E não vou aceitar que você me faça sentir culpada. Eu fiquei quando não precisava ter ficado. Ajudei quando podia ter ido embora. E nunca pedi nada. Nunca. Mas estou pedindo agora pra você ser o cara decente que a minha mãe amou, e me ajudar. Por favor.

Conner assumiu uma expressão que eu interpretei como compreensiva, e soltou uma lufada de ar.

– Angelo, pode nos dar um minuto, por favor?

Angelo trincou os dentes, o olhar mais intenso.

– Um cigarro cairia bem – disse ele, e se levantou da cadeira, sem tirar os olhos de mim, até sair da cozinha.

Ao ouvir o clique da porta, soltei o ar, aliviada.

– Obrigada.

De braços cruzados, Conner olhou para o chão.

– Essa faculdade aí. Uau. Você acha que dá conta mesmo?

Finalmente uma conversa de verdade, sem ficar tentando demonstrar controle.

– Eu vou tentar.

Ele esfregou o queixo e soprou o ar, resignado.

– Tudo bem. Eu dou um jeito com o aluguel. Tenho alguns candidatos para o quarto. Callahan pareceu interessada.

Nossa, com certeza eu aceitaria a viúva Callahan sem nem pensar duas vezes, no lugar de Angelo.

– Mas você ainda vai poder me ajudar com a Bee? – perguntou ele, e eu sorri, feliz de saber que isso ainda era prioridade para ele.

– Eu tenho... um pouco de dinheiro guardado pra isso. Vou arrumar um trabalho na faculdade. Eles oferecem empregos de meio período, e talvez eu consiga outro à noite.

Com os lábios comprimidos em uma linha fina, ele assentiu.

– Você sempre foi inteligente, Lil. Desde que era pequena, sabe? Uma merdinha inteligente. Sua mãe... – Ele coçou o nariz com a parte de trás do polegar. – Eu sei que ela ficaria orgulhosa.

– Obrigada.

– O quarto sempre vai estar aqui pra você. E pra Bee. Não vou alugar nem nada.

Não que eu planejasse voltar nem tão cedo, se pudesse evitar. Mesmo que as coisas não dessem certo em Dracadia, eu planejava usar a mudança como oportunidade de seguir sozinha. Ainda assim, foi uma atitude decente da parte de Conner.

– Eu agradeço.

– Quando você vai?

– Estou indo agora mesmo. Vou ficar uns dias com uma amiga, depois ela vai me levar na estação de trem.

– Tudo bem.

Ele coçou o queixo de novo e deu um passo à frente, como se fosse me abraçar, mas então deu outro passo para trás.

Com os lábios curvados em um meio-sorriso, estendi a mão para apertar a de Conner, que retribuiu.

– Se cuida, Conner.

– É. Se cuida.

Capítulo 8

DEVRYCK

Caçar bêbados era horrivelmente anticlimático.

Uma bruma branca dançava pelos paralelepípedos molhados enquanto eu seguia por uma viela escura no coração de Emberwick, uma cidadezinha taciturna, de tamanho médio, perto da Universidade de Dracadia. Como a maioria dos vilarejos da ilha, aquele mantinha seu charme do mundo antigo, com arquitetura gótica francesa e lojas cobertas de hera. Era um labirinto exuberante de cafés, livrarias e museus, e, pelo que eu sabia, era onde ficava a loja com os chocolates mais deliciosos na Costa Leste. Não era um lugar de degradação, mas era exatamente isso que eu estava procurando ali.

O aroma persistente de rosas não saía da minha camisa, resultado de uma foda rápida e desinteressante. Era nauseante o jeito como a mente acabava indiferente às necessidades parasitárias da carne. Eu tinha um combinado de me encontrar duas vezes por semana com Loretta Gilchrist, a professora de entomologia, para aliviar o acúmulo de um apetite sexual insaciável. Uma prática boba, mas terapêutica até aquela noite, quando a mulher tinha me desanimado. Não por ser dez anos mais velha do que eu, nem por sua tendência a ter um ataque de tosse na hora do clímax. Apesar de a nossa rotina ter se tornado um tanto abjeta, eu sempre gostava do alívio intenso que não alcançava com nenhuma outra atividade física. E, mesmo que ela não fosse a companhia mais excitante do mundo, eu apreciava a sutileza dos nossos encontros.

Infelizmente, ela tinha violado minha regra de *não tocar*.

Normalmente, eu teria amarrado os braços dela para evitar o erro, mas, naquela noite, estava com pressa e irritado pelas necessidades do meu corpo. Pelos incessantes pensamentos intrusivos que tinham me deixado ansioso para

acabar logo com aquilo. Para foder logo e poder voltar aos meus estudos.

Para a minha total decepção, ela entendeu meu descuido como um sinal de amadurecimento. Ou pior, de *afeto*. Só de pensar nesse tipo de coisa eu sentia um arrepio de horror.

Mesmo naquele momento, mais de uma hora depois, eu ainda sentia a marca da mão dela na minha pele. Trinquei os dentes diante do espectro de seus dedos frios no meu ombro, descendo pelo braço até meus dedos totalmente insensíveis. Nem toda esfregação do mundo me fazia abstrair aquele toque indesejado.

Cocei o ombro enquanto seguia pela viela. No canto mais escuro do vilarejo, encontrei o homem que estava procurando, o que andava vivendo às escondidas. Para isso, a ilha era o lugar perfeito.

Ele não havia sido uma escolha completamente aleatória. Em uma visita anterior ao vilarejo, eu tinha visto o homem sair de um mercado de esquina e seguir para um lugar tranquilo, embaixo de uma árvore, em um parque próximo. Lá, com mãos trêmulas, ele tirara de um saco uma garrafa de uísque barato e bebido direto no gargalo, feito água. O alcoolismo era óbvio. O que eu não sabia na época era que o homem tinha atacado a esposa e os filhos, a ponto de deixar o mais novo em coma. Procurado pela polícia, ele estava fugindo de uma vida de crimes pelos quais nunca tinha pagado.

Talvez esse fosse um bom motivo para entregá-lo às autoridades, para agir como herói pelo menos uma vez na minha vida miserável.

Mas heroísmo era uma chatice.

O homem na viela tinha sido atraído para a ilha Dracadia com a promessa de dinheiro e refúgio, mas, no fim das contas, sua passagem para a salvação não tinha dado em nada. Ele fora enganado, e, sem recursos, havia permanecido na ilha. Um destino infeliz.

Quando cheguei mais perto, uma pontada intensa de dor atingiu meu crânio, me fazendo parar de repente. Como um choque no cérebro, a dor irradiava dos pontos de pulsação nos dois lados da minha cabeça, logo acima das orelhas. Era como ter lâminas percorrendo ossos, meus músculos contraídos, e um assobio intenso nos ouvidos que me fez cair de joelhos. Involuntariamente, trinquei os dentes, o que gerou espasmos lancinantes em minhas têmporas e meus globos oculares, travando minha mandíbula. Rosnados baixos subiram pela minha garganta, meus músculos estremecendo com aquela agonia terrível. Uma náusea fria se expandiu no meu peito, e eu respirei pelo nariz.

Um, dois, três, quatro...

Até a intensidade diminuir.

A dor lancinante foi passando.

E passando.

De olhos fechados, respirei fundo, concentrado no alívio. Em diminuir a tensão e relaxar os dentes. Segundos depois, tudo melhorou, e eu caí com as mãos no chão para recuperar o fôlego. Pedras frias e úmidas molharam meus joelhos através da calça, e o ar ameno esfriou o suor na minha pele. As dores de cabeça tinham piorado nos últimos meses, e muitas vezes chegavam sem aviso. Uma evolução preocupante.

Quando a dor finalmente diminuiu, fiquei de pé e segui pela viela.

O homem que eu procurava estava caído junto à antiga parede de tijolos, ao lado de uma fileira de latas de lixo. Restos do que eu presumi ser vômito sujavam sua barba escura e rala. Dei um chute leve na sua perna, mas ele não se mexeu. Agachei-me para verificar sua pulsação e fiquei aliviado de sentir um latejar fraco sob a pele.

Um objeto despontando do casaco em farrapos do homem chamou minha atenção, e, com mão enluvada, tirei uma foto do bolso dele. Uma versão barbeada dele estava ao lado de uma jovem, com não mais do que 30 anos, e dois garotinhos, que pareciam ter 8 e 10 anos. Guardei a foto de volta no casaco do homem e fiz uma anotação mental de queimá-la depois.

Então, o coloquei de pé enquanto ele resmungava, e passei o braço dele pelos meus ombros para lhe dar apoio. Um odor repulsivo atingiu meu nariz enquanto eu o arrastava na direção da saída da viela, onde meu carro estava estacionado.

Eu estava sentado no escuro, em uma cadeira velha de madeira, esperando o homem da viela acordar.

Grunhidos ecoaram pelos corredores úmidos e lúgubres das catacumbas da Torre Emeric, que séculos antes abrigava prisioneiros. O labirinto de túneis tinha sido interditado em algum momento do final do século XVIII, bem antes de ser comprado e transformado em um seminário e monastério. Foi por acaso que, durante meu terceiro ano em Dracadia, entediado com a palestra de física acontecendo dois andares acima, meu colega e eu saímos escondidos para fumar um cigarro e demos de cara com o que parecia ser a moldura de uma porta. Depois de semanas escavando a lama endurecida, que tinha se transformado em uma barricada pétrea, abrimos a entrada e nos deparamos com o laboratório

arcaico que já tinha pertencido ao Dr. Stirling. Os túneis escuros, intocados pela luz por séculos, tinham nos levado a celas escuras e abandonadas, prisões esquecidas que ainda guardavam os ossos decompostos dos infelizes ocupantes do local. Desde então, eu tinha instalado luzes pelos túneis, mas, mesmo no auge do verão, as passagens antigas mantinham uma escuridão incômoda.

O homem da viela levou a mão trêmula à cabeça e seus olhos se abriram lentamente. Ele permaneceu deitado no chão da cela por um momento, talvez tentando discernir para onde tinha sido levado. Arfando, ele se levantou subitamente e bateu na parede. Os olhos em pânico pousaram em mim enquanto eu o olhava, intrigado.

– O-o-onde eu estou? – Um chiado denso em sua voz indicava sede e provável desidratação. O chiado continuou a cada respiração trêmula dele.

– Na Universidade de Dracadia. Na Torre Emeric, para ser mais exato.

– Q-q-quem é você?

Tirei um fiapo de linha da minha calça preta e abri um sorrisinho falso.

– Professor Bramwell, o que é completamente irrelevante.

O homem foi na direção das grades da cela e segurou as barras de ferro.

– O que estou fazendo aqui? Eu quero sair! Agora!

– Acalme-se, Sr. Barletta. – Eu estendi a mão, o movimento fazendo a cadeira velha ranger quando peguei uma garrafa de Macallan no piso sujo ao meu lado. – Me conte, já tomou um uísque decente na vida?

A avidez nos olhos de Barletta me disse que seu desejo por álcool superava o medo naquele momento, e o homem lambeu os lábios.

– Acho que não.

Eu ergui a garrafa em provocação.

– É delicioso. Suave. Como avelã quente com notas de xerez. Quer um pouco?

Um brilho de desespero acendeu seus olhos embotados e úmidos.

– Quero.

Eu estendi a mão com a garrafa, que passava certinho entre as grades da cela.

Afoito, o estranho a tirou das minhas mãos, abriu a tampa e tomou um quarto da bebida cara antes de afastar a garrafa dos lábios. Com um suspiro de alívio, ele caiu encostado na parede e segurou a garrafa junto ao peito como se aninhasse uma criança pequena.

– Tem razão, Bramwell. É bom. Bom pra caralho. – Ele deu um gole ainda maior do que o anterior. Já tinha 2 mil dólares em bebida na barriga. – Agora, me conta por que eu estou aqui.

Soltei o ar com resignação, cheguei para a frente e apoiei os cotovelos nas coxas.

– Muito bem. Eu sou um patologista aqui da universidade. O principal pesquisador de um projeto de parasitologia custeado por indivíduos excepcionalmente ricos e poderosos.

– Que ótimo. Que porra isso tem a ver comigo?

– Que bom que perguntou. Por acaso, estou precisando desesperadamente de cobaias humanas.

Ele riu e virou a cabeça encostada na parede para me olhar.

– A resposta é *não*. Eu não sou cobaia de ninguém. Agora, me solta.

Baixei o olhar, sorri e me recostei na cadeira de novo.

– Ah. Eu não estava pedindo permissão, Sr. Barletta. Veja bem, o uísque que você tomou contém milhares de ovinhos, cada um dentro de uma maravilhosa casca que parece um esporo e o protege do etanol. Em dois dias, esses ovos vão virar embriões acomodados no seu fígado cheio de nutrientes. Os vermes vão continuar crescendo dentro de você e, depois de mais seis dias, vão sair dos ovos. É aí que a diversão de verdade começa. – Observei, achando graça, a cor sumir do rosto dele e a mandíbula afrouxar de surpresa e talvez um pouco de descrença. – Os vermes vão soltar toxinas potentes, que vão romper a barreira hematoencefálica. As toxinas vão intensificar suas necessidades mais básicas: sede, fome, sexo. Quando o parasita enfim perceber que não tem um útero quente e gostoso onde botar mais ovos e completar o ciclo, os vermes adultos vão começar a se alimentar desesperadamente do seu fígado, em uma tentativa de engordar para sobreviver. Por fim, você vai acabar tendo falência de órgãos e vai morrer. E é aí que você acaba por expeli-los. – Eu suspirei e dei de ombros. – Mas não fique nervoso com isso. Você já estava a caminho da falência hepática mesmo.

Barletta ficou de quatro e enfiou um dedo grosso na garganta. O vômito jorrou pela boca e pelo nariz no chão.

Enquanto ele vomitava e engasgava, eu tirei um reloginho de bolso da calça e poli a superfície na camisa, reparando que era quase meia-noite antes de guardá-lo de novo.

– Não adianta. Digamos que, só no tocante a esta conversa, você tenha conseguido expelir umas boas centenas de ovos. Ainda há muito mais. A caminho do seu fígado agora. Que eu imagino que esteja em um estado grotesco de cirrose, a esta altura.

Ele enfiou o dedo na garganta de novo e soltou uma tosse rouca.

– Seu filho da puta. Seu filho da puta escroto e maluco! Me solta!

– Filho da puta maluco? Eu te dei abrigo. Uma bebida cara. Não bati na sua cabeça com uma garrafa de bebida e te deixei em coma. Isso teria sido simplesmente inconcebível.

Ele arregalou os olhos e se sentou sobre os calcanhares enquanto soltava um soluço cansado.

– O que diferencia monstros de homens bons é só uma questão de perspectiva. Aos seus olhos, eu sou um filho da puta pelo que fiz. Mas eu, por outro lado, o vejo como um *parasita*.

Ele pegou a garrafa e a jogou na minha direção. No impacto com as grades de ferro, o vidro se quebrou e caiu no chão.

– Ah, que pena. Estimo que em cerca de uma hora você vá passar por uma abstinência bem intensa.

Com os lábios comprimidos, balancei a cabeça e me levantei da cadeira. Com uma mão fechada às costas, peguei um pedaço de vidro onde ainda havia um pouco de líquido. Embora os ovos fossem praticamente invisíveis, o fluido parecia se mover com a agitação dos parasitas contidos nos casulos. Dei um sorrisinho e joguei o caco longe.

– Fui eu que te ofereci dinheiro e abrigo na ilha Dracadia. Eu que te atraí para cá.

Novamente, a descrença tomou os olhos dele.

– Você? Por quê?

– O motivo vai ser revelado depois. Nós temos uma frágil ligação, Sr. Barletta.

Senti uma pontada intensa de dor nas têmporas e fechei bem os olhos. Soltei um grunhido e passei a base da mão no ponto em que a agonia quase fazia meu crânio vibrar. O que Barletta disse a seguir virou um ruído irritante, até o mundo voltar ao foco e eu abrir os olhos.

Fiquei grato por ter sido um episódio curto desta vez.

– Me solta daqui!

Ele pegou um caco de vidro e enfiou o braço por entre as grades em uma tentativa patética de me cortar.

Eu ri e balancei a cabeça com uma expressão de pena que sem dúvida o irritou.

– Considere isso uma penitência. Sua oportunidade de salvar uma vida, para variar. – Enfiei as mãos nos bolsos e me virei. – Estou vendo que está chateado. Volto amanhã com o café da manhã.

Os gritos de Barletta ecoaram atrás de mim enquanto eu seguia pelo

corredor.

Capítulo 9

LILIA

– Tem certeza que é aqui? – perguntou Jayda, ao meu lado, enquanto olhávamos para a estação de trem pelo para-brisa do carro dela.

Pelo menos, eu achava que era uma estação de trem.

Heras murchas pelo calor subiam pelo concreto rachado, e o prédio dilapidado, onde havia uma placa meio torta indicando o guichê de passagens, nem parecia estar em funcionamento. O local parecia abandonado, com lixo espalhado no estacionamento e palavras coloridas pichadas em um dos vagões de trem parados.

Depois de outra olhada na carta no meu colo, assenti.

– É o endereço que está na carta.

– Que tal eu ficar um pouco, só por garantia?

– Em quatro horas você tem que acordar para trabalhar. Eu vou ficar bem.

– Garota, é *trabalho*. Vai continuar lá amanhã e no dia seguinte. Não posso dizer o mesmo de você, se eu for embora.

– Eu tenho meu canivete e meu spray de pimenta. Isso deve pelo menos me dar uma vantagenzinha, né? Além do mais, são quinze pra meia-noite. Teoricamente, o trem chega em quinze minutos.

– Se ele *teoricamente* vier mesmo. – Jayda se inclinou para a frente quando nós duas notamos o mesmo cara com roupa puída recostado no prédio, e ela balançou a cabeça ao dizer: – Eu vou ficar. Assim, se o trem não vier, já te levo de volta.

Sorri e me encostei no banco, secretamente aliviada por ela não ter ido embora. Eu sabia me cuidar, mas às vezes era bom ter alguém cuidando de você.

– Eu sei que você não gosta de melodramas, mas...

Ela levantou a mão.

– Pode ir parando.

– Eu não sei o que eu faria sem você na minha vida.

– Para. Tá? Para. – A mesma mão que ela usou para me interromper pousou nos meus dedos e os apertou de leve. – Você é mais forte do que percebe, Lilia. Só precisa começar a acreditar.

– Eu vou, quando você começar a aceitar elogios e gratidão.

Ela riu e virou a cara, soltando a minha mão quando ri também.

Dez minutos se passaram. A ansiedade embrulhava meu estômago e eu mordia meu lábio inferior sem parar. Nunca tinha saído de Massachusetts. Nunca tinha viajado de trem nem de avião. Tínhamos feito algumas viagens para acampar, quando a minha mãe estava viva, mas nunca mais distante do que alguns condados. Dizer que eu estava nervosa era eufemismo.

– Talvez seja melhor a gente ir embora – falei para Jayda, dois minutos depois da meia-noite.

Assim que as palavras saíram dos meus lábios, o tremor da minha garrafa de água no suporte do carro atraiu minha atenção. Olhei e vi a superfície ondulando.

Jayda se virou para mim parecendo confusa.

Um segundo depois, uma luz cortou a neblina. Um zumbido alto surgiu ao longe, ruído branco sob o guincho de metal em metal. Uma buzina soou, vibrando no meu peito, e dei um pulo e vi o rapaz em situação de rua acordar sobressaltado.

Nós duas saímos do carro e, depois de pegar a minha mala e a minha mochila no banco de trás, andei com cautela até a frente do carro e vi uma forma escura enorme passar por entre as árvores. Um veículo monstruoso reduziu a velocidade e, com um berro furioso, soltou um suspiro final e parou.

Fiquei boquiaberta ao ver como era magnífico. Detalhes dourados davam à superfície preta brilhante uma aparência luxuosa. A lateral dizia *Expresso Dracadiano* com uma fonte dourada cintilante, com a cabeça de um dragão dourado curvada sobre as letras.

O trem ficou parado enquanto eu me maravilhava com o que via e, por janelas escuras, reparei em figuras sombrias se movendo lá dentro, que presumi serem outros passageiros.

Um homem de terno preto e chapéu com bordados dourados na lapela veio andando na minha direção. Alguns filmes que eu tinha visto me fizeram deduzir que era o condutor do trem.

– Cartão de embarque? – pediu ele, e eu remexi no envelope que estava segurando.

A passagem preta reluzente combinava com o trem, o dragão dourado e a bela fonte metálica, e eu a entreguei para ele.

– A universidade tem um trem próprio?

– O trem é de propriedade da universidade, mas serve a toda a Dracadia e ao Maine. – O condutor apontou na direção de uma entrada, onde uma rampa se estendia lentamente. – A senhorita está no vagão 2. A sala de estar e de observação ficam na frente. Temos mais algumas paradas, e devemos chegar ao porto por volta das cinco da manhã.

Eu assenti e sorri, a empolgação crescendo.

– Tudo bem.

– Bem-vinda a bordo, Srta. Vespertine.

Ele pegou a minha mala, e meus músculos se retesaram para pegá-la de volta. Todos os meus pertences estavam ali dentro. Minha vida toda, essencialmente.

Tive que lembrar a mim mesma que aquele não era o transporte público de Covington, que devia ser considerado lixo no mundo em que eu estava prestes a entrar.

– Bom, então é isso – disse Jayda, ao meu lado.

Eu me virei e vi seu sorriso cheio de orgulho enquanto observava o trem.

– Eu volto para ver você.

– Acho bom. – Ela me deu um abraço tão forte que quase fiquei sem ar. – Se cuida, Dra. Lilia.

– Obrigada por tudo – sussurrei.

Jayda me soltou e chegou para trás, e vi um brilho nos olhos dela.

– Vai. Seu futuro te espera.

Ao sentir o primeiro ardor de lágrimas, pisquei para afastá-las e me virei para o trem. Fazendo esforço para não chorar, inspirei fundo e subi a rampa atrás do condutor, passando pela parte das bagagens e pela porta automática que levava ao vagão 2.

Os assentos lá dentro eram de veludo preto macio com letras douradas, dispostos de dois em dois em ambos os lados do longo corredor que percorri até meu lugar. Os poucos passageiros por quem passei estavam olhando os celulares. Usando roupas de marca, blazers e blusas, com bolsas que deviam custar um mês do meu trabalho, eles tinham um estilo que condizia com o papel de alunos de elite.

Eu tinha usado parte do dinheiro que Jayda me dera para garimpar umas

coisas decentes em brechós. Eu tinha uma queda por vestidos vintage, graças à minha mãe, que sempre dissera que vestidos e saias eram a melhor maneira de uma mulher se rebelar contra a natureza implacável do mundo. Suaves, vulneráveis e ousados ao mesmo tempo. Eu nunca tivera coragem de usá-los no metrô, tarde da noite; deixava para usá-los nas aulas durante o dia. Para a viagem de trem, tinha optado por um vestido creme com babados, a jaqueta de couro desbotado da minha mãe e coturnos. Embora não parecesse viver na rua, eu também não estava tão arrumada quanto os outros passageiros, cujas joias pendiam dos pulsos e pescoços como ornamentos extravagantes. Relaxados nos assentos, com seus celulares, todos pareciam totalmente à vontade, talvez até entediados e nada impressionados.

Enquanto isso, eu estava zumbindo feito uma abelha de tanta ansiedade acumulada, e era um milagre não me ouvirem vibrando no assento.

Meus joelhos balançavam sem parar conforme o trem seguia em frente. Eu me virei para a janela e acenei quando vi Jayda passar, como se estivesse vendo a minha vida antiga ficar para trás e dar lugar a uma nova. Eu nem tivera tempo de compreender direito que estudaria em uma universidade da Ivy League, uma instituição respeitada. Cravar as unhas no braço não me arrancou daquele sonho estranho.

As coisas não estavam totalmente resolvidas com Conner e Bee. Eu tinha enviado dois meses da minha metade do pagamento para a conta da escola de Bee, mas precisava arrumar logo um emprego para começar a economizar e não voltar a me enrolar.

A rotina será puxada, mas não tinha sido sempre assim?

Foco no agora, Lilia. Palavras da minha mãe, que sempre tinham conseguido acalmar a minha ansiedade quando eu era criança.

Fechei os olhos e apoiei a cabeça no assento acolchoado, muito diferente do plástico duro com que eu estava acostumada no metrô. Eu precisava dormir, mesmo que só por algumas horas, para não parecer um zumbi quando chegasse ao campus.

Ao aproveitar o momento para tirar uma soneca, meus pensamentos foram longe.

Capítulo 10

DEVRYCK

Arrastei o bisturi do acrômio até o centro do peito e depois na direção do abdômen e fiz uma incisão em Y no cadáver. Já tinha executado um exame externo e confirmado que ela era de fato Andrea Kepling, enviada do consultório do Médico Legista do Condado de Calypso para confirmação da causa da morte.

O mapa desbotado de veias pretas, ou vonyxsis, que eu já tinha visto no exame externo, serviu como primeira pista. Entretanto, algumas outras toxinas parasíticas também podiam causar a descoloração, então isso não necessariamente confirmava um caso.

A segunda pista foram os fluidos pútridos de cor escura saindo da incisão. Pelo tempo de armazenamento, eu esperava alguma ejeção de fluidos, mas não a quantidade profusa de líquidos que escorreu até a bacia embaixo da mesa de exame.

E, porra, aquele *fedor*. Nem merda retida no intestino cheirava tão mal.

Uma sensação de cócegas em meu tornozelo chamou minha atenção para o chão, onde uma bola de pelos pretos andava entre as minhas pernas, como se tivesse o direito de estar ali. Era um gato bombaim, que eu tinha herdado depois que ele havia conseguido entrar no laboratório e do qual eu não conseguia me livrar de jeito nenhum. Mas ele afastava os ratos e camundongos, então decidi deixar o filho da mãe intrometido ficar.

– Estou vendo que você decidiu aparecer – falei por trás da máscara e da proteção que cobria meu rosto. – Eu quase comecei sem você.

O gato, que eu tinha batizado de Bane, andou pela sala e se acomodou no canto oposto, onde ficou lambendo as patas.

Com o fórceps na mão, puxei com cuidado a pele da falecida em uma abertura borboleta, para expor a caixa torácica embaixo. Não havia nada de excepcionalmente notável na pele ou nos ossos ainda cobertos por restos de carne. Exceto pelas veias escurecidas, o estado do corpo àquela altura parecia comum para uma pessoa que teria sido consumida por uma doença. O que eu esperava encontrar lá dentro contaria uma história sinistra e horrenda sobre a possível causa da morte dela.

Em seguida, peguei a tesoura de costela e cortei cada um dos ossos. Com um bisturi de autópsia, cortei os músculos que os seguravam e levantei a parte da frente das costelas para expor os órgãos abaixo. Usando a parte larga do bisturi, raspei um pouco de músculo do osso e notei outra característica própria do parasita: estriações nos ossos. Se eu removesse todos os músculos e carne, o esqueleto sem dúvida estaria tomado de linhas pretas desbotadas, como pequenas fissuras nos ossos. Por que ou como o parasita conseguia fazer aquilo ainda era um mistério.

Coletei uma pequena fatia de carne em uma placa de ágar para examinar mais tarde e a reservei, depois recitei rapidamente em voz alta o exame visual do coração, dos pulmões e dos fluidos nas cavidades. Mas não havia água. Exceto pela inflamação excessiva, não encontrei sinais de aspiração para os pulmões. Detectei apenas o fluido denso como um sérum, que eu acreditava ter vazado do trato gastrointestinal durante o transporte da paciente. Transferi cerca de um litro do fluido mofado das cavidades do abdômen e do peito para um pote estéril. Quando o ergui à luz, me perguntei quantos ovos conteria.

Amarrei o intestino com um barbante e cortei a gordura do corpo. Então, depois de livres, joguei as entranhas no balde que aguardava embaixo da mesa.

Enquanto eu retirava meticulosamente cada órgão e os pesava, finalmente cheguei ao que mais me interessava: o fígado. No caso dela, tinha cerca de um quarto do tamanho que deveria ter, preto, irregular e expelindo os fluidos que eu tinha coletado antes. Na ausência do parasita em si, aquilo confirmava *Noctisoma*. Eu nunca tinha visto outro parasita destruir o fígado daquele jeito. As enzimas liberadas pelo verme liquefaziam o órgão para consumo mais rápido e deixavam uma sujeira viscosa.

Um movimento chamou a minha atenção.

Olhei através da placa facial irritante que eu usava, e que refletia a luz, e vi algo se remexendo em uma poça de líquido no interstício dela. Com o fórceps, cutuquei e ergui um verme comprido, preto e brilhante, com quase 30 centímetros.

– Puta que pariu – murmurei.

A cabeça do verme grudou na minha luva, e, apesar de não estar sentindo nada, fiquei preocupado ao vê-lo mordendo meu dedo, então o soltei de volta na cavidade abdominal da falecida.

– Merda!

O verme deslizou pela aba de pele até a beirada da mesa de exame. Corri até o ralo ali perto, mas, antes que eu conseguisse vedá-lo com o sapato, o parasita desceu pelos buracos e sumiu. Nem Bane, meu gato, conseguiu alcançá-lo, e ficou passando a pata pelo ralo, chateado pela oportunidade perdida. Ele tinha a intuição de não comer os vermes, felizmente. No máximo teria atrapalhado o deslocamento daquele.

– Porra. Porra! – Tirei a luva e encontrei uma bolinha de sangue na superfície da minha pele.

Desde quando eles tinham passado a ter dentes?

Enquanto eu olhava para a falecida aberta, meus pensamentos voltaram para a breve orientação que Lippincott tinha me dado antes de eu concordar em executar a autópsia.

"Ela é um caso especial", dissera ele.

O que a tornava especial?

Depois de lavar a ferida com sabão, eu a cobri com um band-aid antes de vestir um novo par de luvas e voltar para ver se o corpo dela me revelaria o motivo.

Quando cheguei ao cérebro, eu já tinha o cenário da morte dela claro na minha mente. Depois de testemunhar a progressão algumas vezes, sabia o que os vermes dentro dela queriam: fugir. Serrei o último pedaço do crânio e, com um cinzel, arranquei a coroa de osso para expor o cérebro embaixo. Linhas pretas comprovaram a presença da toxina em alta concentração, e a presença de sangue deu uma ideia de como ela tinha morrido, o que foi confirmado pelos relatórios radiológicos anexados declarando que ela tinha sofrido um derrame. Depois de cortar todas as conexões nervosas, removi o órgão gelatinoso e o coloquei de lado. Ao cortar algumas fatias, encontrei o que estava procurando no córtex pré-frontal: um bolsão dentro de um saco membranoso transparente em que a toxina mais pura, além da que poderia ter sido retirada do fígado, cerca de uma semana antes, permanecia perfeitamente envolta.

Com a ponta de uma agulha, tirei o fluido lá de dentro e o depositei em um tubo de ensaio pré-preparado. Ergui o fluido roxo marmorizado de preto contra a luz. Talvez fosse tarde demais para utilizar qualquer coisa, pois ela estava morta

havia algum tempo. Apesar de meus melhores resultados terem sido obtidos minutos após a morte, ainda valia a pena manter a amostra. Apesar do inferno que a mulher tinha sofrido na vida com aquela doença, talvez um dia pudesse oferecer uma pontinha de esperança na morte.



De volta ao meu escritório, no corredor administrativo, olhei para o curativo no meu dedo e tentei entender o que eu tinha visto durante a autópsia. Claramente, o verme tinha evoluído, e eu desconfiava que fosse devido à inoculação repetida em humanos. Um fígado humano saudável teria sido motivo suficiente para desenvolver dentes.

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos.

Eu pigarreei.

– Entre.

A porta foi aberta pelo Dr. Lippincott, reitor de Dracadia, um antigo amigo do meu pai. Ao vê-lo, meu humor azedou ainda mais. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele atravessou a sala.

– Você não tem bebida escondida aqui, tem? – perguntou ele, as sobrancelhas erguidas em uma esperança patética.

Claro que eu tinha. Afinal, ninguém trabalha para babacas da alta classe sem ter algo que embote a infelicidade envolvida nisso. Enfiei a mão na gaveta sob a escrivaninha e peguei uma garrafa de bourbon e dois copos.

– Prepare-se, Devryck.

Lippincott era o único que não se dava ao trabalho de se dirigir a mim como doutor ou professor. Eu não tinha decidido ainda se a atitude era simpática ou condescendente.

Assim que o servi, ele tomou tudo de um gole só e sinalizou para eu servir mais.

– Acabo de sair de uma reunião de uma hora com Langmore. Ao que parece, ele recebeu uma ligação de Albert Wilkins. Você se lembra do Albert?

– Lembro. O maior alcoolista de Dracadia – respondi, vendo Lippincott tomar outra dose.

– Bom, ele cumpriu o tempo dele, parou de beber e parece estar trabalhando em uma faculdade comunitária de Massachusetts. Enfim, Langmore disse que ele contou sobre uma aluna que escreveu um estudo de caso *impressionante*

envolvendo um parasita.

– Que legal. – Botei os pés na mesa, esperando não tão pacientemente que ele chegasse logo ao ponto. – E que parte disso gerou uma reunião de uma hora?

– Langmore pediu fundos para cobrir o primeiro semestre inteiro dela. Pelo que ouvi, a garota é brilhante. Foi aprovada unanimemente pelo comitê de admissões.

Ele moveu os dedos para pedir mais bebida.

– E? – perguntei, servindo-o novamente.

– Langmore a colocou na sua ronda de neuroparasitologia.

– Espero que o trabalho de pesquisa dela tenha sido mesmo do caralho.

– Eu não cheguei a ler. – Ele fez um ruído de deboche e balançou a mão com desdém. – Você tem alguma ideia de quantos trabalhos de alunos passam pela minha mesa? É uma pilha de lama de pobres e infelizes pedindo auxílio financeiro. Quem tem tempo pra isso? Minha maior preocupação é que Langmore esteja tentando passar por cima de mim para facilitar a admissão desses alunos, e, se for esse o caso, pretendo pegar o filho da mãe com a mão na massa. Portanto, eu gostaria que ela ficasse na sua turma. Se você detectar alguma trambicagem com o babaca, me avisa. Estou prestes a ser indicado para o cargo de novo e não preciso de surpresas.

– Você está me pedindo para ser babá de calouro. – O tom da minha voz não poderia ter sido menos entusiasmado. – Quem é ela?

– Lilia Vespertine. De repente você pode torná-la sua assistente...

– De jeito nenhum.

Tomei outro gole de bourbon e apreciei a ardência na garganta enquanto engolia a vontade de socar a cara dele. Lippincott riu dentro do copo.

– No mínimo, quero ficar de olho enquanto ela estiver aqui. Se ele tentar colocá-la em outra turma avançada sem autorização prévia, vai ter problemas. – Lippincott retraiu os lábios e balançou a cabeça. – Estou só *esperando* uma chance de me livrar dele. E daquela vaca intrometida da Gilchrist – disse ele entre dentes.

– E como fica a garota, nesse caso?

– Nós negamos o auxílio financeiro para ela no segundo semestre. Ela ganhou uma Bolsa de Mérito por dificuldades financeiras. Não tem a menor chance de ela estudar aqui sem isso. – Ele passou o dedo pela borda do copo, os olhos desfocados. – Mudando de assunto, soube que você terminou o relatório de autópsia de Andrea Kepling. Posso perguntar o que encontrou?

– Estriações nos ossos. Quase total putrefação do fígado. Vonyxsis. *Tapetum*

lucidum bilateral. Níveis significativos de toxina isolada do cérebro e do fígado. Nada surpreendente.

Não me dei ao trabalho de mencionar o verme com dentes.

– Então estamos considerando noctisomiase.

– A presença da toxina é altamente indicativa, eu acho.

Ele soltou uma bufada alta e se ajeitou na cadeira como se estivesse incomodado com hemorroidas.

– Admito que não fui totalmente a favor de essa autópsia ser feita aqui.

– Por quê? – Eu precisava saber usar as palavras com Lippincott. Ele era como um político, no sentido de que, quanto mais perguntas se fazia, mais ele se desviava do assunto. – O que a torna tão *especial*?

Outro suspiro resignado e ele bateu com o dedo na borda do copo.

– Ela foi identificada como uma das pacientes desaparecidas do estudo do seu pai.

Claro. Quase duas décadas tinham se passado desde o desastre escandaloso que assombrava a minha carreira como uma maldição. Seis mulheres tinham morrido. Duas tinham desaparecido. E, de alguma forma, eu havia herdado o trabalho de merda de limpar a reputação do meu pai.

– Bom, parece que ela não tem mais como falar sobre isso. Então qual é o problema?

– O problema é que ela invadiu a minha casa e tentou me matar. Olha a merda que seria se, depois disso, você submetesse um relatório de autópsia de uma paciente que desapareceu de um estudo vinte anos atrás, com pistas de um parasita raro que por acaso era o foco de uma pesquisa que financiei com altas somas. Ela me acusou de *botar vermes* na barriga dela!

– Até onde eu sei, todas as provas de que essas mulheres participaram do estudo foram eliminadas.

Era nauseante como a vida inteira de uma pessoa podia ser transformada em uma mentira. Como uma existência podia ser apagada com tanta facilidade, sem perguntas ou explicação. Todos os detalhes das duas mulheres que tinham participado do estudo e depois sumido haviam sido apagados sem a menor consequência. Apesar de ter recebido todo o material do meu pai, eu não sabia nada das mulheres envolvidas no estudo.

Provavelmente era melhor assim.

– Mas, antes disso, o comitê ainda recebeu relatórios. Eu não preciso que a imprensa fique sabendo disso e comece a inventar que eu tive um papel na morte dessa mulher. Ela foi considerada mentalmente incapacitada e, portanto, sem

credibilidade, mas, como você sabe muito bem, *cadáveres* não mentem.

Meus pensamentos se voltaram para o momento durante a autópsia de Andrea em que tirei um verme de 30 centímetros da barriga dela.

– Eu acho surpreendente que ela só tenha ficado doente há pouco tempo. Tem 20 anos. Esse organismo não costuma habitar um corpo por tanto tempo.

– A polícia diz que ela estava em situação de rua aqui na ilha. Talvez tenha acabado infectada. Eu não tenho explicação. Não tive participação nos estudos sádicos do seu pai, nem tentei fazer contato com essa mulher depois do que ela fez comigo.

– Mas você veio aqui por algum motivo. O que houve?

– Quero que você altere o relatório.

Eu dei uma risada e me servi de outro drinque, sem saber se o filho da puta cara de pau estava falando sério ou brincando.

– Você está me pedindo pra deturpar as minhas descobertas?

– E não se atreva a usar termos técnicos e jurídicos comigo. Lembre-se de quem salvou a *sua* pele ano passado, com aquela garota Harrick. – Outro escândalo sem mérito algum. – Já tive que fazer muitos controles de danos para salvar o nome da sua família. Só gostaria que você removesse o detalhe da toxina.

– E as estriações nos ossos? Como eu explico isso, na ausência de qualquer anormalidade genética ou displasia?

– Apaga essa descoberta também.

Eu soltei um grunhido e passei a mão pelo rosto, ouvindo-o transformar um relatório simples em uma teia complexa de mentiras que até um patologista novato decente poderia desenrolar.

– Todo o perfil médico dela é baseado no dano causado por esse organismo. E se alguém questionar as minhas descobertas e ela for exumada?

– Ela vai ser cremada depois. Nem o hospital, nem o legista, nem a universidade estão interessados em absorver o custo de um enterro. Pelo que sei, encontraram um tio que pode assinar a autorização da cremação. Portanto, seu relatório é a verdade. Apaga as descobertas discretamente e ninguém vai saber.

Falsificar um relatório não era novidade. Eu já tinha feito isso antes, com explicações racionais e lógicas. Mas tentar conjurar um motivo para cada ataque fisiológico que aquela mulher tinha sofrido era algo que eu não precisava que fosse jogado no meu colo.

– Você me acha um cretino por pedir uma coisa dessas.

Girei um restinho de bebida no meu copo e me convenci de que seria má ideia jogá-lo na cara de Lippincott.

– Estou mais impressionado por você me pedir um favor que pode custar a minha licença.

– O que você quer em troca, Devryck?

Agora, sim. Uma barganha podia justificar o meu trabalho.

– Eu quero que retirem as câmeras do meu laboratório.

– Aquelas câmeras são exigência do custeio. Estão lá porque...

– Eu sei por que estão lá.

Virei a cabeça o suficiente para esticar a cicatriz que ia do meu pescoço até meu cotovelo. Um ataque de ácido, cortesia do corpo estudantil sempre vigilante, que tinha se sentido compelido a me vilanizar pelo desaparecimento de uma garota... sem as devidas provas, claro. Eu tinha passado dois meses de licença me recuperando do ataque, o que atrasou ainda mais meu trabalho.

– Eu não uso alunos como assistentes, como já expliquei várias vezes ao comitê.

– Por que insiste que as câmeras sejam removidas, então?

– Não gosto de sentir que estou sendo observado enquanto trabalho. Atrapalha meu foco. Mande retirá-las discretamente, e ninguém vai saber – falei, ecoando as palavras dele de momentos antes.

– Tudo bem. Combinado.

De pernas cruzadas, ele olhou em volta e tomou mais um gole de bebida. Não pude deixar de fantasiar como seria gratificante colocar uns vermes no drinque dele. Claro que era só a preguiça falando. Eu odiava a ideia de ter que editar meu relatório.

– Estou surpreso de ter conseguido encontrar você aqui em horário de trabalho. É um milagre que você durma. – Lippincott empurrou o copo vazio pela mesa. – Como está indo a pesquisa?

A minha mente não abandonava aquela fantasia, tão vívida e interessante. Pensar naquelas coisinhas se retorcendo, seguindo pelo esôfago dele até a barriga. *Para com isso, Devryck*. Pigarreei e dei de ombros.

– Regular e tediosa, como sempre.

– Alguma pista sobre a variante mais recente?

– Sim. Eu agora tenho uma mariposa com um probóscide totalmente desenvolvido que prefere um belo filé malpassado a fatias de laranja.

– Eu acho isso muito fascinante.

– Se não significasse um fracasso, talvez eu também achasse.

– Não quero pressioná-lo ainda mais, mas, com as avaliações trimestrais chegando, vai haver interesse indesejado no programa. – Ele fechou as mãos nos

braços da cadeira e os músculos de seu rosto se contraíram.

Eu sabia muito bem o que o incomodava. Não seria tarefa fácil enfrentar membros dos Gralhas – aqueles que tinham praticamente nascido com poder demais – com um relatório estagnado. Felizmente, meu status era um tanto protegido pelo fato de a minha linhagem na sociedade ter começado lá no meu tataravô, um dos fundadores. Era o único motivo para os Gralhas não terem jogado meu pai em uma de suas belas jaulas, depois da humilhação que ele causou. Humilhação que eu tinha sido encarregado de resolver.

Embora ambicioso e audaz o bastante para subir na hierarquia do poder, Lippincott era um Gralha da primeira geração. Um novo-rico que se casara com alguém com dinheiro, e o fato de não ter nascido rico o tornava praticamente dispensável. Ele seria facilmente deposto se fizesse merda.

– Eu ordenei que o laboratório noturno ajudasse na propagação e inoculação das mariposas na esperança de testar múltiplas variantes de uma vez – falei, como um pobre consolo.

Não importava quanto tempo eu levasse para concluir meu trabalho. A menos que me tornasse de repente uma ameaça à sociedade, eu não sofreria mais do que um tapinha na mão.

Lippincott, por outro lado, carregava o peso do fracasso.

Para a sorte dele, eu tinha outros motivos me rondando para continuar motivado. O mais notável era o fato de que, a qualquer momento, todos os músculos do meu corpo podiam se contrair em um espasmo, inclusive meu coração, e me levar a uma parada cardíaca. Então, sim, eu me sentia pressionado.

– Mas ainda estamos longe dos testes clínicos com *humanos*. – Lippincott afundou na poltrona como uma criança que não ia ganhar o que queria de Natal.

– Inocular um humano a essa altura seria desastroso. Mortal. *Irresponsável.*

Visualizei aquele bêbado de viela que eu tinha trancado numa cela e estava lá até o momento.

– Assim como a falta de resultados. Tenha em mente a dificuldade que foi conseguir a aprovação desse estudo, particularmente com alguém de sobrenome Bramwell no comando. – Ele esfregou as mãos, claramente ansioso. – A minha oportunidade de me tornar presidente desta instituição depende do sucesso disso, Devryck. Estou contando com você para obter resultados. Seu estudo pode mudar todo o cenário da medicina e da farmacêutica.

Como se precisassem me lembrar disso. O homem não botava o pé num laboratório havia vinte anos. Durante uma época ele fora brilhante, mas acabara escolhendo se dedicar à política e ao drama administrativo, um caminho que eu

evitava com o fervor de uma infecção por sífilis.

– Estou esperando ansiosamente seu próximo relatório – disse ele.

– Eu preciso de mais tempo. As toxinas produzidas por esse parasita mudam e evoluem o tempo todo.

Estavam praticamente virando monstros, com dentes e caudas de escorpião.

– Se é de mais tempo que você precisa, vou arrumar. Mas saiba que a universidade vai cair em cima nos próximos meses. O comitê, os patrocinadores, eles querem sucesso. Querem resultados. O potencial desse estudo foi o único ponto positivo para os patrocinadores.

– Eu vou conseguir resultados.

– Claro que vai. É nisso que você é diferente do seu pai. – O olhar dele pousou na minha mão, onde eu tinha colocado um band-aid na mordidinha do parasita. – O que aconteceu aí?

– Corte de papel. Nada sério.

Ele riu, bufando.

– Até infeccionar, desenvolver algum tipo de bactéria resistente e virar septicemia.

– Eu lavei, Edward. Bastante.

Com uma risada, ele deu um tapinha no tampo da mesa e se levantou.

– Vou deixar você trabalhar.

Capítulo 11

LILIA

O som de uma buzina me deu um susto, e eu acordei arfando, encostada na vidraça fria da janela. Havia baba na minha bochecha, e eu passei o braço pelo rosto da forma mais sutil que consegui, olhando em volta para ver os outros passageiros também despertando. Olhei pela janela na direção do mar ao longe e vi que, ao luar, uma névoa densa pairava sobre a água.

O mar.

Eu só o tinha visto uma vez, quando adolescente. Por mais que a minha irmã e eu sonhássemos em ir à praia, nossa mãe nunca nos levava e preferia fazer viagens para acampar na floresta. Como se tivesse medo de água.

Eu a achava hipnotizante.

– Atenção, passageiros, chegamos em Thresher Bay, Maine, onde são 5h06 da manhã. A temperatura está em agradáveis 18 graus, com áreas tomadas por neblina. A barca partirá aproximadamente às cinco e meia para levá-los à ilha Dracadia. Peguem sua bagagem e cuidado ao descerem pela rampa de saída. Se este for seu primeiro ano em Dracadia, parabéns e boas-vindas!

O trem entrou em um enorme domo de vidro e parou entre dois outros trens estacionados, separados um do outro por plataformas estreitas na qual havia um relógio acima de uma placa que indicava as partidas seguintes.

Diante de mim havia um cara da minha idade. Ele tirou os fones, os olhos azuis brilhantes, um contraste intenso com a pele escura, olhando além de mim, provavelmente para a janela do meu outro lado.

Senti um pequeno alívio ao ver uma pessoa além de mim que não usava roupas de grife.

Eu me levantei e esperei a fila de passageiros seguir até a área de bagagens.

Fui tomada por uma tensão inexplicável quando vi a minha mala, longe demais para eu conseguir pegar.

Relaxa. Ninguém quer a sua maldita mala.

No fim da fila, o garoto à minha frente fez um gesto me concedendo a vez, e, agradecendo com um movimento de cabeça, passei para o corredor atrás de todo mundo.

– Primeiro ano? – perguntou ele, entrando na fila atrás de mim.

Eu sorri com os lábios comprimidos.

– É tão óbvio assim?

Eu esperava que sim, considerando que eu era uns dois anos mais velha do que o usual para alguém do primeiro ano.

– É que você parece meio nervosa.

– Na verdade, eu estou no segundo ano, mas é o meu primeiro na universidade. E você?

A fila andou, e eu tirei a mala da prateleira, cambaleando para a frente enquanto a conduzia para o corredor estreito.

– Segundo ano. – Ele tirou uma mala bem mais chique da prateleira e, no breve momento antes de a fila andar, estendeu a mão. – Meu nome é Briceson Williams.

Retribuí o aperto de mão.

– Lilia. Prazer.

– O prazer é meu. De onde você é?

Olhei por cima do ombro para uma passageira loura que estava absorta olhando o Instagram, me virei de novo e baixei a voz.

– Covington.

– Ahh, onde fica o Luminet. – Com os lábios curvados em um sorriso, ele deu de ombros. – Eu moro a algumas cidades de lá, Lansmot. E meio que adoro teatro.

Até onde eu sabia, Lansmot era a segunda cidade mais rica de Massachusetts. Mesmo assim, não me senti uma pobretona perto dele. Na verdade, o achei simpático.

– Na verdade, eu moro em cima do teatro.

– Sério? Não acredito! Que inveja! – Ele riu e moveu a cabeça para me alertar de que a fila tinha andado.

– É – falei com o rosto virado para trás enquanto andava até a saída. – Sei todas as letras de *Les Misérables* a esta altura.

– Eu também sei. Mas por motivos diferentes, imagino. – Nós seguimos pela

plataforma a caminho da parte principal da estação. – O que você veio estudar?

Com mais espaço, ele veio para o meu lado e passamos a andar juntos.

– Microbiologia médica. E você?

– Química.

– Uau. Balanceamento redox. Eu odiava isso com todas as fibras do meu ser.

– Computação simples.

– Ahh, isso foi um insulto sutil.

Eu ri, com o braço doendo de puxar a mala pelas rachaduras no concreto.

A estação dava na rua, e todos atravessaram para a barca do outro lado. Raios pálidos de sol tinham começado a surgir acima das nuvens, embora talvez ainda levasse uma meia hora para nascer. Olhei para uma estátua na frente da estação e observei o perfil pétreo de um homem em uniforme de estilo colonial. A placa aos pés dele dizia *Lorde Comodoro Adderly*, e, abaixo, *Em memória daqueles que pereceram a caminho de Dracadia.*

Quando segui todo mundo para a estreita ponte de embarque, tive um vislumbre da água escura do mar abaixo. Eu nunca tinha entrado em um barco e esperava não enjoar. Principalmente na frente de um monte de gente que eu estava vendo pela primeira vez.

Assim como no trem, guardamos nossas malas em uma área específica. Briceson fez um movimento de cabeça.

– Se você costuma ficar meio nauseada, como eu, sugiro que fique na cabine – disse ele, como se lesse a minha mente.

Um sorriso nervoso ergueu o canto da minha boca e eu assenti.

– Tá. Beleza.

Ele foi para dentro de uma cabine de passageiros enorme, com mesas e bancos, e indicou um lugar perto de uma janelinha. Ficar cercada de paredes me fez sentir menos vulnerável, e deslizei para o banco à frente dele.

– É quanto tempo até Dracadia?

– Uns noventa minutos, mais ou menos. Não é muito.

– E a universidade... como é?

– É uma ótima escola. Um campus lindo. Se você conseguir superar os fantasmas e a história sinistra.

– Um estudante de química que acredita em fantasmas?

Ele soltou uma risada.

– Antes de vir estudar aqui, eu não acreditava em muitas coisas. Mas faz parte do ambiente. A gente tem que ir levando.

Depois de um anúncio curto do capitão, a barca saiu da doca e eu olhei pela

janela para ver a água do mar espirrando enquanto pegávamos velocidade. Eu tinha estudado o mapa de Dracadia, visto a posição dela a quilômetros da costa, no golfo do Maine, onde em algumas partes as águas chegavam a uma profundidade de mais de 300 metros, segundo o que li. O pensamento provocou um arrepio na minha nuca. *Por favor, não envie nenhuma onda enorme que vire o barco*. Ficar perdida no mar por acaso era um pesadelo recorrente meu, por algum motivo. Meu terapeuta tinha dito que podia ser a minha mente se sentindo encurralada nas minhas circunstâncias. O Google tinha sugerido que eu poderia em breve enfrentar um momento perigoso na vida.

Eu esperava que fosse só um pesadelo idiota que não significava nada.

– Você já viu algum fantasma, por acaso? – perguntei a Briceson, procurando uma distração para o embrulho no meu estômago.

Por mais que eu quisesse olhar para o mar, vê-lo baixar e subir com as ondas me fazia sentir um frio no peito, e eu decidi que *não* queria pintar a mesa à nossa frente com vômito.

– A única coisa que eu vou dizer é que você pode ver umas coisas esquisitas. Mas, até onde eu sei, ninguém foi *morto* por um fantasma lá.

– Nossa, bom saber.

Ele passou o braço pela parte de cima do banco e se ajeitou no assento.

– E o que uma microbiologista médica faz?

– Eu quero estudar doenças. Encontrar curas. Sabe como é, salvar o mundo. E você?

– Você acreditaria se eu dissesse que não sei? Acho que vou acabar virando professor e moldar as mentes daqueles que têm a vida mais bem encaminhada do que eu.

– Bom, pelo menos você tem um plano.

De alguma forma, uma hora e meia passou com conversa leve e só uma leve náusea, que eu consegui controlar respirando fundo pelo nariz. Ver o sol nascer no horizonte, com os raios de cor salmão se estendendo na superfície da água, também me distraiu um pouco. Só um pouco mesmo, pois os raios dourados desapareceram rapidamente por trás do tempo fechado.

Quando por fim a silhueta da ilha surgiu em meio à neblina, fiquei maravilhada com a curva arqueada que realmente parecia um dragão adormecido. Nuvens cinzentas carregadas de chuva pareciam colunas de fumaça subindo.

– Oi, Dracadia – disse Briceson, olhando pela janela.

– Uau. É lindo.

– Ainda mais lindo de perto.

O barco passou pela fenda nas rochas, sob o arco e na direção do outro lado da ilha. Torres de pedra apontavam para o céu carregado, erguidas na frente da coroa escura e densa de pinheiros que escondiam o terreno da universidade. O motor da barca reduziu a rotação ao passar pelas ondas agitadas na direção de uma estrutura de pedra parecida com um castelo, no pé do penhasco, cujo centro parecia ter sido entalhado em arco. Tochas tremeluzentes iluminavam o caminho pelo pequeno túnel que dava em um interior abobadado, onde vários barquinhos estavam amarrados. Funcionários dentro da casa de barcos de pedra correram em volta da barca e a amarraram conforme nos aproximávamos da rampa.

Parado no convés, ao lado da bagagem empilhada, havia um homem de meia-idade que sorriu para mim. E, quando peguei a minha mala, ele tocou meu braço gentilmente.

– Pode deixar, senhorita. Sua bagagem será levada para o seu quarto no alojamento.

Voltei a ficar inquieta. Eu desconfiava que todos os alunos na barca tivessem dinheiro para trocar todo o guarda-roupa ou substituir qualquer coisa que sumisse, mas não era o meu caso. Se ele perdesse minha mala ou, pior, ela fosse roubada, eu ficaria sem nada.

– Confie em mim – acrescentou ele, e percebi que eu ainda estava segurando a alça da minha mala. – Você não vai querer arrastar isso aí colina acima.

Ao ouvir isso, me virei para o lado e reparei, para além do túnel de tijolos, que o caminho desaparecia na montanha.

– Não se preocupe. Eles são bons em entregar tudo com cuidado – disse Briceson, atrás de mim. – Eu também fiquei um pouco ressabiado no começo.

O funcionário tirou uma caneta do bolso e olhou as primeiras páginas na prancheta que tinha na outra mão.

– Nome?

– Lilia Vespertine.

– Lilia... Lilia... ah, sim. Casa Crixson. Quarto 310.

Ele tirou um adesivo da página e o colou na minha mala.

– Beleza. Obrigada.

Antes de sair do barco, lancei mais um olhar na direção da minha mala.

Uma plataforma de pedra me levou ao túnel, e segui naquela direção, supondo que fosse o caminho para o meu alojamento, mas uma mão no meu braço me fez parar.

Briceson me soltou e ajeitou uma bolsa-carteiro no ombro.

– Posso pedir seu número?

– Ah. Hã. Eu não...

– Ah, não, não é isso. Eu, hã... Eu tenho namorado. – Ele abriu um sorriso torto e coçou a nuca.

Idiota, me xinguei em pensamento. Eu tinha que parar de achar que todos os caras que pediam meu número queriam ficar comigo.

– Claro. Desculpe, hã, sim.

Enquanto seguíamos na direção do túnel, dei meu número de celular para ele, que me mandou uma mensagem com um emoji de carinha sorridente dizendo *Oi*.

– Agora você tem o meu. Só achei que seria legal trocar umas falas de teatro, qualquer hora.

Eu sorri e assenti.

– Eu ia curtir.

– Lilia? Tem alguma Lilia Vespertine aqui?

Ao ouvir meu nome, eu me virei na direção de uma loira de olhos claros que, como o outro funcionário, também segurava uma prancheta.

Briceson me deu um tapinha no ombro.

– A gente se fala. Boa sorte!

– Obrigada. Pra você também. – Com essa despedida, fui na direção da loira que tinha me chamado. – Eu sou a Lilia – falei, andando até ela.

Depois de um olhar avaliador, ela abriu um sorriso tão grande que fez os olhos se enrugarem.

– Eu sou Kendall. Trabalho na diretoria. O Dr. Langmore me pediu para buscar você para uma apresentação rápida.

– Claro.

Fui atrás dela, me afastando do túnel e subindo por uma escadaria sinuosa de pedra até o que parecia ser um teleférico. Alguns alunos, inclusive Briceson, pegaram o caminho que levava ao prédio parecido com um castelo, e, quando baixei os olhos, olhando para alguns metros abaixo, eu os vi fazendo a subida íngreme.

Quando nos acomodamos, o teleférico começou a se movimentar, saindo da torre. Então, finalmente vi o terreno deslumbrante da faculdade com o mar ao fundo. O sol lutava para abrir caminho pelo céu nublado, emitindo um brilho suave por cima do campus agitado enquanto os alunos chegavam para o novo semestre.

Os prédios da universidade eram dispostos em um quadrado, cercados de um

muro antigo de pedra que acompanhava o limite do bosque em volta. O conjunto parecia um vilarejo feito de prédios maltratados pelo tempo, com arcos pontudos e abóbadas em cruzaria, alguns cobertos de hera, com jardins verdejantes e pátios entre eles.

A riqueza corria pelas veias da universidade, isso estava claro. Só que, em seus ossos, escondiam-se as tragédias adormecidas do passado, que transparecia na decomposição irreparável que envelhecera as partes externas como uma infecção fulminante.

– Dracadia já foi um mosteiro – disse Kendall, olhando pela janela do teleférico.

– E um manicômio também, né?

– É. Tem uma história um tanto sombria, mas sei que isso não impressionaria alguém como você.

Franzi a testa ao ouvir isso, sem entender direito o que ela queria dizer. Embora eu estivesse com uma resposta ácida na ponta da língua, eu não queria fazer isso no meu primeiro dia, por isso me virei para a janela e, pelo resto do trajeto, fiquei quieta enquanto Kendall falava sobre a vida estudantil no campus.

Quando o teleférico parou no terreno da universidade, desembarquei em uma plataforma estreita e desci um lance de escadas que levou a um gramado bem-cuidado de um pátio amplo. De lá, eu a segui cortando o centro do campus na direção do que devia ser o prédio administrativo principal. Situado em frente a uma enorme torre de relógio, no lado oposto do pátio, o prédio rivalizava em altura com todos os outros do campus.

Olhei com assombro para o lugar antes de entrarmos no prédio e seguirmos para o segundo andar, até um corredor de escritórios. Algo formigou na minha nuca quando paramos em frente a uma porta. Ao lado dela havia uma placa dourada com o nome *Dr. Gilbert Langmore* gravado.

– Espere aqui um momento.

Kendall bateu na porta e entrou.

O som de uma voz se espalhou pelo corredor e eu me virei na direção de uma porta entreaberta, tendo um vislumbre de um homem relaxado na cadeira, com uma expressão entediada, enquanto outro homem, que eu não conseguia ver, falava sem parar para respirar. Quando o homem entediado se virou para mim, senti aquele formigamento na nuca de novo.

Olhos cor de cobre sob longos cílios pretos e uma expressão naturalmente severa me encararam de volta. O movimento da mandíbula dele chamou minha atenção para a perfeição de seu perfil, delicado, anguloso e com uma leve barba

por fazer. Um calor trêmulo se espalhou sob a minha pele e subiu pelo peito quando ele piscou com desinteresse e se voltou na direção da voz.

– Lilia? – A voz de Kendall me fez desviar o olhar. – O Dr. Langmore está pronto para recebê-la.

Assenti, pigarreei e lancei mais um olhar para o homem, que não se deu ao trabalho de me olhar de novo.

– Ah, Srta. Vespertine. Entre. – Atrás da mesa havia um homem mais velho, de cabelo grisalho e óculos, que se levantou da cadeira e indicou a que ficava à frente dele, onde eu me sentei. – Imagino que tenha tido uma longa manhã, então serei breve, para a senhorita poder ir se acomodar. Sou o Dr. Langmore e gostaria de lhe dar pessoalmente as boas-vindas a Dracadia. – Ele se acomodou na cadeira. – Eu fiquei bem impressionado com o trabalho que escreveu para o professor Wilkins.

– Obrigada, senhor – falei, o olhar percorrendo as paredes, onde havia citações inspiradoras ao lado de diplomas emoldurados destacando cada item das credenciais dele.

Na mesa, havia uma foto de Langmore com um smoking vinho-escuro, os braços em volta de um homem um pouco mais alto e mais magro com um smoking rosa-claro.

– Sua análise foi excepcionalmente detalhada. Posso perguntar como *elaborou* esse organismo em particular?

Eu não sabia por que ainda alimentava uma sensação de precisar proteger a privacidade da minha mãe. Ela estava morta, afinal, e eu estava quase certa de que o organismo responsável por isso era algo que eu já sabia que raramente infectava humanos. Queria contar ao Dr. Langmore que sabia por experiência própria como a doença afetava um ser humano porque tinha presenciado o efeito todos os dias por semanas. Em vez disso, eu só sorri e dei de ombros.

– Só um conhecimento básico sobre parasitas unido a uma imaginação fértil.

– Interessante. – Com uma expressão pensativa, ele ajustou os óculos e assentiu. – Espero ansiosamente ver esse conhecimento florescer durante seu tempo aqui. Como declarei na minha carta, todas as despesas estão pagas durante o tempo que ficar. Se precisar de qualquer coisa, quero que me procure pessoalmente.

Uau. Eu nunca tinha sido recebida pessoalmente pelo diretor de uma faculdade, menos ainda convidada a fazer contato com ele.

– Agradeço pela sua hospitalidade.

Hospitalidade? Nem sabia se essa era a palavra certa.

– Você recebeu sua indicação de alojamento, certo?

– Sim, senhor.

– Ótimo, ótimo. Alguma pergunta sobre as suas aulas?

– Uma, sim. Tem uma aula de parasitologia e laboratório que está no meu cronograma, mas olhei os pré-requisitos e parece que não estou apta.

– Sim, eu mesmo a inscrevi. É o laboratório noturno do professor Bramwell. Não se preocupe. Sei que vai se sair bem.

Bramwell. O especialista que o professor Wilkins tinha mencionado no dia em que me deu a carta da universidade.

– Desculpe, eu não sabia que ele dava essa aula. O guia do curso citava...

– O professor associado e o professor assistente. O Dr. Bramwell supervisiona o curso e dá aulas, mas o associado e o assistente cuidam do laboratório noturno e das palestras. O Dr. Bramwell é o encarregado.

– Entendi. Tem uma outra matéria que não reconheci. Entomologia. Imagino que o senhor tenha me incluído nessa também...

– Não. Deve ter sido a Dra. Gilchrist. Ela é chefe do departamento da Faculdade de Ciências Naturais. Foi ela quem defendeu sua vinda para cá.

– Sim, o Dr. Wilkins me contou.

– Imagino que ela queira ter a senhorita na turma dela, mas pode sair, se quiser.

– Não, tudo bem. Vou ficar.

– Que bom. Agora, Srta. Vespertine, imagino que esteja cansada. Acomode-se, descanse e me permita lhe dar as boas-vindas a Dracadia. Vou pedir a Kendall que a leve para o alojamento.

Capítulo 12

LILIA

Merda.

Eu tinha tomado a decisão idiota de procurar meu alojamento sozinha enquanto explorava um pouco o campus no caminho. Olhei para o mapa que tinha conseguido com a secretária do diretor e o virei em uma tentativa inútil de entender onde eu estava. *É a minha cara me perder em um quadrado perfeito.*

Olhei para o prédio que estava diante de mim, uma torre sinistra cuja superfície coberta de líquen e trepadeiras verdejantes fazia a construção parecer bem mais antiga que os outros prédios do campus. Na pedra havia uma placa indicando ser a Torre Emeric.

O campus exibia seis casas diferentes, cada uma com seu brasão. Eram belos alojamentos, com suas bandeiras tremulando orgulhosamente na frente, mas nenhuma parecia ser a Casa Crixson. Pelo menos não no mapa para o qual eu estava olhando.

Rosnei de frustração, me virei e dei de cara com o peitoral firme de um homem. Ruborizei de vergonha e dei um passo para trás.

– Desculpe!

Meu olhar subiu por uma camisa preta de botão até um rosto perfeitamente esculpido, com olhos acobreados irradiando irritação. O homem bonito que eu tinha visto perto da sala do diretor. Sem dizer nada, ele me contornou.

– Com licença – falei para as costas dele, mas o homem não me deu a menor atenção.

Meu rosto esquentou mais com a irritação crescente, e eu virei o mapa, tentando entender onde estava. Olhei os arredores, vendo os alunos irem para lá

e para cá, todos bem-compostos e vestidos como se estivessem nas páginas editoriais de uma publicação acadêmica.

Reparei em uma mulher da minha idade vindo na minha direção. Ela tinha cabelo preto comprido cascateando pelos ombros e lábios vermelho-cereja que enfatizavam sua pele clara. Usava um cropped com um crânio na frente, uma calça preta com listras brancas e botas vermelhas. Meio fora da caixa, pelo que eu tinha visto até então. Talvez fosse aluna de artes.

– Com licença. – Minha voz ficou quase inaudível no meio do barulho, mas ela parou e se virou para mim, uma sobrancelha com piercing erguida. – Estou procurando a Casa Crixson. Não está no mapa.

– Porque não se chama Crixson.

– Como assim? Foi o cara da doca que falou.

– *Nós* chamamos de Crixson, mas o nome verdadeiro é Casa Corbeau.

Assim que ela disse o nome, olhei de novo para o mapa e a encontrei do outro lado do campus.

– Ah.

Ela balançou a cabeça.

– Vem comigo. Eu estou indo nessa direção.

Comecei a andar atrás dela enquanto enfiava o mapa na bolsa.

– Eu sou Lilia, aliás.

– Eu sou Melisandre – disse ela por cima do ombro. – As pessoas me chamam de Mel. Você é nova por aqui?

– Sou. É meu primeiro dia. Estou me sentindo tipo um peixe fora d'água. – Enfim a alcancei e olhei para todos os outros alunos em volta, que pareciam saber exatamente aonde estavam indo a passos determinados. – E por que vocês chamam a casa de Crixson?

– Você conhece o estudo Crixson? – Quando fiz que não, ela assentiu. – Imaginei. Existe uma teoria da conspiração sobre terem tentado abafar as informações a respeito.

– Quem?

– Os Gralhas. Eles são a sociedade *super*secreta de Dracadia – disse ela, com um sussurro dramático, enquanto eu digeria a informação de que sociedades secretas existiam fora de livros e filmes. – Enfim, dizem que eles estavam envolvidos em um teste clínico que aconteceu uns vinte anos atrás. Várias mulheres foram convidadas a participar de um estudo para uma nova medicação que reverteria diabetes. Todas ficaram hospedadas em Corbeau Hall, que, como você viu no mapa, fica meio separado do campus.

Parecia mesmo escondido no meio da ilustração de árvores em volta.

– Então, uma noite, seis das oito mulheres se afogaram no lago Squelette. E *voilà*! Seis esqueletos foram varridos para baixo do tapete.

– As seis? Tipo... ao mesmo tempo?

– É. – Quando passamos por outra garota de cabelo escuro, que mostrou o dedo do meio para ela, Mel sorriu e jogou um beijo em resposta. – Uma espécie de suicídio louco em massa.

– O que aconteceu com as outras duas?

– Ninguém sabe. Desapareceram. Alguns dizem que elas moram nos túneis embaixo do alojamento. Outros, que elas foram assassinadas e as almas delas assombram a Casa Crixson até hoje. Só os funcionários mesmo chamam o alojamento de Corbeau.

Confusa, balancei a cabeça.

– *Os Gralhas* conduziram esse estudo?

– Bom, eles tiveram participação. O pai do Doutor Morte era o pesquisador principal do projeto.

– Doutor Morte?

Corri o olhar pelo verde intenso do pátio do campus, com bancos, estátuas velhas e caminhos de pedra que cruzavam jardins e cercas vivas bem cuidadas.

– O professor Bramwell. Ele é...

– O professor de patologia. Mas por que *Doutor Morte*?

– Bom, além de passar o dia brincando com cadáveres, acredita-se que ele tem ligação com um desaparecimento totalmente diferente, dois anos atrás. De uma aluna chamada Jenny Harrick. Foi um baita escândalo. Dizem que ele ficou com ciúmes do namorado dela e a matou. Um desses casos tipo "se eu não posso ficar com ela, ninguém vai ficar".

– Sério?

Isso não combinava com um homem que era considerado brilhante em sua área. Eu conhecia homens brilhantes. Tinha trabalhado com eles. Raramente reparavam em qualquer coisa fora da própria bolha.

– Pois é. Ele tem cicatrizes no pescoço e no ombro. O namorado dela surtou, roubou ácido sulfúrico do laboratório de química e o atacou. – Mel soltou uma risada pelo nariz, como se não tivesse acabado de plantar uma imagem horrenda na minha cabeça. – O namorado foi expulso e o Doutor Morte só levou um tapinha nas costas.

– Mas você disse desaparecimento. O assassinato não foi confirmado?

Ela revirou os olhos.

– Tudo bem, vai. Aviso: todas as acusações de assassinato são baseadas em especulação e boato. Só que ela nunca reapareceu, e ele foi o último que a viu viva. Satisfeita?

Nossa. Que sensível. Eu só estava querendo confirmar se não havia prova de que ele a tinha matado.

A cobertura pesada de árvores engoliu a área aberta e o caminho seguiu por uma pequena floresta, atrás da qual vi um prédio de pedra que parecia bem mais antigo que os outros alojamentos pelos quais tínhamos passado.

– E você acredita nos boatos?

Ela deu de ombros.

– Eu sempre vou acreditar no mais fraco, e posso garantir que o professor Bramwell não é o mais fraco nesta universidade. Ele vem de uma família rica e antiga, e, nesta faculdade, isso significa poder.

– Voltando ao estudo Crixson, você disse que não se sabe muito sobre ele. Como *você* sabe tanto?

– Pesquisa. Eu queria saber por que todo mundo no campus evitava o alojamento. Quem revira um cemitério acaba encontrando um osso. – Nós atravessamos um pátio e chegamos à entrada do prédio, onde pedras escuras e gastas, cobertas de musgo e trepadeiras, formavam uma fachada sinistra. – Enfim, aqui está. Casa Crixson. – A flâmula presa na entrada do prédio exibia um escudo roxo e preto com um corvo ou uma gralha, não dava para discernir. – Um dos prédios originais, de quando este lugar ainda era um mosteiro. Antes de alguns prédios pegarem fogo.

– Isso foi recente?

– Nada. Foi há séculos. O monumento Adderly, lá em Thresher Bay, foi erguido por causa disso. O fato de celebrarmos um soldado britânico que expulsou o povo indígena da ilha e participou da queima de supostas bruxas diz muito sobre os problemas deste país.

Eu me lembrava de ter visto o monumento um pouco antes de entrar na barca.

– *Por que* ele é celebrado?

– Porque ninguém liga pra história de verdade. Há muitas mentiras a encobrindo. O povo acha que ele é uma espécie de salvador por ter matado um bando de "pacientes perturbados e selvagens" – disse ela, fazendo aspas com as mãos. – Hoje em dia, nós chamaríamos de pessoas com doenças mentais, mas, na época, eram considerados *possuídos por demônios*. – Ela suspirou e balançou a cabeça. – Mas não vou te encher com isso. Qual é o seu andar?

– Terceiro.

– Eu sou a responsável de lá. Se você for fumar, abra uma janela ou acenda um incenso. Todos os quartos de Crixson têm banheiro próprio, então, se você beber, esconda as provas no chuveiro durante as revistas. Nós nunca olhamos os chuveiros. E, se você for do tipo que geme, sugiro que receba suas visitas no porão.

– Eu sou bem tranquila. Só vim para estudar.

Ela deu uma risada irônica e revirou os olhos.

– É o que todos dizem no primeiro dia aqui. Bom, faça o check-in na recepção para pegar seu cartão magnético. Não o perca. E, se você ainda não tiver sua carteirinha, faça isso logo. Vai precisar dela para acessar o refeitório. A Livraria Dracadia fica em frente à torre do relógio, na praça. – Ela fez um gesto indiferente, como se tentasse espalhar todas as informações que saíam de sua boca de uma vez. – Lá parece um vilarejo, com muitas lojinhas legais.

– Obrigada pela ajuda.

– Imagina. Ah, e mais uma coisa. A menos que você tenha aula na Torre Emeric, é melhor não passar perto de lá, especialmente à noite.

Eu tinha olhado minha grade horária mais cedo e visto que eu teria aulas lá, sim. Pelo menos três. Uma à noite.

– Por quê?

– Porque é sinistro. É onde o Doutor Morte *realmente* trabalha. Tem um necrotério para os cadáveres e para as autópsias que ele faz. E uma sala de incineração.

– Ele faz autópsias aqui no campus?

– Só em casos especiais. O hospital da universidade fica a uns 3 quilômetros. Depois do centro de Emberwick.

O vilarejo que eu tinha visto em uma busca no Google, antes de chegar.

– Só o pessoal do curso de medicina vê os corpos, ainda bem. Eles são trazidos pelos túneis além do portão.

– Interessante. – Quanto mais eu descobria sobre o professor Bramwell, menos conseguia visualizar o homem que tinha conquistado um apelido tão sombrio e macabro. – Ele faz essas autópsias sozinho?

– É. Ele não é um cara muito amistoso. Como eu falei, a menos que você tenha que ir para aquele lado do campus, seria bom ficar longe.

Eu não sabia se ela estava tentando me assustar por saber que era o meu primeiro ano ali ou se estava sendo sincera.

– Entendi.

Só que nada que ela tinha dito me assustava. Eu já tinha visto muitos fantasmas e homens perigosos. Pelo menos os de Dracadia não teriam cheiro de coveiro.

Depois de pegar meu cartão magnético na recepção, fui direcionada pelo corredor até um escritório, onde tiraram uma foto feia minha para uma carteirinha presa a um cordão preto e dourado de Dracadia. De lá, eu finalmente fui para o quarto.

O cartão magnético deixou a luz verde quando o enfiei no leitor, então girei a maçaneta para me deparar com um quartinho aconchegante com piso brilhante de madeira e uma cama simples. Os alojamentos, embora cheios de antiguidades, pareciam oferecer algumas modernidades. À minha esquerda havia um closet pequeno, feito de madeira maciça do mesmo tom do resto do quarto, com uma cômoda pesada encostada na parede. Era muito espaço, que eu provavelmente não ocuparia por completo.

A janela na parede virada para o sul exibia o mar ao longe, e, na outra parede, havia uma escrivaninha com cadeira, que dava para o pátio de Dracadia. Para mim, era um mistério absoluto que um quarto com uma vista tão linda e quase panorâmica não tivesse sido ocupado imediatamente.

Minha mala tinha sido colocada ao lado da cama, e no colchão havia uma pilha de lençóis brancos dobrados ao lado de um moletom preto e uma camiseta com o logotipo dourado de Dracadia. Ao lado disso, havia uma bolsinha preta que continha um pin, um caderno, um bloco, uma caneta e uma garrafa de água, tudo com as mesmas cores e o logo da faculdade. Um cartão lá dentro dizia *Boas-vindas à Casa Corbeau, colega dracadiano!*

Quando sorri, uma sensação estranha e incomum tomou conta de mim.

Pela primeira vez desde que a minha mãe tinha morrido, senti que estava no lugar certo.

Capítulo 13

DEVRYCK

– Estou me sentindo... ótimo pra caralho – disse Barletta. – Tirando o fato de eu ter dormido a maior parte do dia. Estou ficando cada vez mais noturno. Mas, fora isso, estou me sentindo melhor do que nunca. Qual o motivo?

Ele enfiou uma garfada de ovos na boca, o apetite tão voraz quanto o dos pequenos invasores que, sem dúvida, tinham começado a se acomodar nas entranhas dele. A palidez amarelada da pele já tinha dado lugar a um tom saudável e, mesmo desgrenhado daquele jeito, ele parecia estar melhor do que quando eu o capturei.

– O organismo crescendo dentro de você não gosta de uma casa imunda. Por acaso, ele é muito exigente com o lugar onde planta suas raízes.

– Você pode não falar isso? É nojento. Prefiro não pensar.

Depois de poucas horas agonizantes de desintoxicação, ele tinha se tornado mais complacente, até agradável. Era impressionante como se sentir bem podia ser transformador. Provavelmente os vícios eram os causadores das dores crônicas que Barletta sentiu por boa parte da vida, e agora elas tinham passado. Ele não devia estar sentindo nem uma dor de cabeça.

– Como? Como ele *limpa*?

– Ele produz uma toxina muito poderosa, que elimina os organismos concorrentes e incita os mecanismos de reparação das células. Para sua sorte, o fígado é o único órgão capaz de se regenerar, então a toxina incrementa os fatores de crescimento que aceleram a divisão celular, provocando uma reparação rápida.

Com os olhos arregalados, ele balançou a cabeça e soltou uma risada.

– Eu não entendi porra nenhuma do que você falou, mas, o que quer que seja,

está funcionando. Estou sem a menor vontade de beber. Não estou sentindo aquela dor toda. Nenhum tremor, nem vontade de vomitar. Nada. – Ele comeu mais uma garfada de ovos. – Voltei a sentir o gosto das coisas – disse ele, com a boca cheia de comida. – O cheiro. Não me sinto tão bem desde que era adolescente.

– Claro. – Com o cotovelo apoiado no espaldar da cadeira, eu o observei casualmente devorar o café da manhã, alimentando os parasitas que logo sairiam dos casulos e causariam o caos no corpo dele. – A toxina produz compostos químicos que basicamente controlam a parte do seu cérebro que deseja álcool. O álcool seria prejudicial a todo o trabalho que ela está fazendo dentro de você. A toxina diz que você não precisa mais dele, e seu corpo reage.

– Como assim, é tipo... controle mental?

Eu sorri.

– Exatamente.

Com a comida a caminho da boca, ele hesitou e ficou de olhar perdido, parecendo pensativo.

– Então por que esses vermes são tão ruins, se fazem tanta coisa boa?

Senti um nó na garganta ao conter uma gargalhada.

– Porque eles são parasitas. Consertam seu fígado para se alimentarem. Limpam seu sangue para se alimentarem. Usam seu corpo para se alimentarem e, quando terminam, descartam você como um cadáver esgotado.

A expressão pensativa ficou séria.

– Não existe remédio pra isso?

– Ainda não.

– Mas o objetivo é esse, né? Você está trabalhando em um?

– Mais ou menos.

– Então eu vou morrer? – perguntou ele, como se só agora entendesse.

– Em algum momento. – Eu dei de ombros. – Mas você já estava morrendo mesmo. Aos poucos. Todos os dias. Eu provavelmente teria te dado um ano, no ritmo que você estava. No máximo.

Ele franziu a testa e mastigou devagar, como se sentisse o gosto amargo da verdade nas minhas palavras.

– Você não, hã... você não tem cara de assassino. Então por que está fazendo isso?

Eu me inclinei para a frente e apoiei os antebraços nas coxas.

– Porque, assim como o parasita dentro de você, eu só estou interessado em ganho próprio.

Com a testa franzida, o homem pareceu prestes a cair no choro.

– Eu tenho filhos, cara. Uma família.

– Você está cagando pra sua família – falei, sem um pingo de empatia. – Se ligasse, não teria feito mal a eles.

– Eu não pretendia machucar o meu filho. – As palavras saíram dele em um rosnado defensivo, os olhos brilhando sob a luz da lâmpada exposta acima. – Foi sem querer.

– Eu também não pretendo te matar. Vai ser só uma consequência.

– Então por que não me deixa ir embora?

Uma pontada de dor atingiu meu crânio, o som agudo em meus ouvidos, intenso e penetrante, e eu caí para trás, os dentes rangendo enquanto eu esperava o sofrimento passar. A escuridão tomou minha vista, como sombras engolindo a luz. O som sumiu em meio a risadas distantes.

– Me solta!

– O exército torto está chegando! Vem!

Meu irmão, Caedmon, me puxa pelo braço pelo longo corredor do porão, talvez o lugar mais assustador da velha mansão que já pertenceu ao meu avô e ao pai dele. De acordo com as histórias que ouvi das babás e empregadas, os ossos da minha bisavó estão em algum lugar da casa, e tenho certeza de que é justamente no porão.

Os gravetos que pegamos lá fora para usar como espadas arranham o piso de cimento atrás de nós. Fingimos que uma horda de infectados está nos perseguindo, e os chamamos de homens tortos, que andam a passos trêmulos e gostam de comer carne humana.

Sigo Caedmon pelos corredores, rindo enquanto tento acompanhá-lo e não ser comido pelos monstros invisíveis com olhos brilhantes.

As risadas se tornam um silêncio sinistro quando dobramos a esquina em outro corredor e paramos na frente de uma porta entreaberta. Uma porta que costuma ficar trancada.

O escritório e laboratório do meu pai.

Não temos permissão para entrar, mas uma espiada não vai fazer mal.

– Papai vai ficar zangado se entrarmos – diz Caedmon ao meu lado. Ele é só três minutos mais velho do que eu, mas age como se fosse mandachuva o tempo todo.

– Nosso pai está sempre zangado. – Dou um passo na direção da porta e uso o graveto para abri-la. – Você já viu ele sorrindo? Eu nunca vi.

Um aperto no meu ombro me faz parar.

– Devryck, não. Vamos embora.

Eu me solto da mão dele.

– Não seja medroso – digo, e me viro para a porta, mas a escuridão lá dentro me faz hesitar, e sinto um pouco de vergonha de admitir que estou morrendo de medo.

– O que você quer lá de dentro? Eu pego.

– Eu quero ver ela.

A única foto da nossa mãe fica na escrivaninha do nosso pai. Eu a vi poucas vezes na vida, pois meu pai às vezes gosta de nos atormentar mostrando como ela era linda. Ela morreu nos dando à luz, e, portanto, meu pai nos rotulou, principalmente eu, pois fui o último a nascer, como seus assassinos.

– Pra quê, Devryck? A gente nunca conheceu ela. Nem vamos conhecer.

A irritação do meu irmão me incomoda, e, num impulso, corro para o ambiente escuro.

A temperatura parece ter caído dez graus, o ar roçando minha pele como um sussurro fantasmagórico. Pela pouca luz que entra pela porta entreaberta, vejo o brilho dos frascos de vidro enfileirados na prateleira. Frascos que guardam criaturas estranhas suspensas em fluidos. Crânios e livros preenchem o espaço entre os potes. Mais livros ocupam pilhas arrumadas em bancadas e no chão. Mesas prateadas reluzem de tão limpas. Meu pai tem mania de arrumação.

A sala tem centenas de anos de idade, com uma história mórbida. Meu tataravô era um médico renomado, no começo dos anos 1900, conhecido como Besta da Casa Bramwell. Ele foi preso por executar experimentos medonhos em prostitutas que queriam abortar. As histórias me apavoravam, quando eu era pequeno, e tive muitos pesadelos com ele, que me mantinham longe da ala oeste da mansão, onde lá um retrato dele pendurado ao lado dos outros homens Bramwell. Os crimes dele amaldiçoaram duas gerações da nossa família, até nosso avô ajudar a desenvolver uma vacina que salvou milhares de vidas. Meu pai diz que foi isso que finalmente nos livrou da maldição dos Bramwell, e voltamos a ser respeitáveis.

Eu quero ser como ele um dia, como o meu avô. Quero fazer algo incrível e salvar vidas.

A sala do meu pai fica depois do laboratório, e, quando chego mais perto, me viro e vejo a porta da geladeira fechada. A geladeira de corpos, onde os mortos ficam guardados.

Às vezes, homens chegam carregando sacos grandes até o laboratório. Às vezes, eu espio e os vejo empurrando-os para dentro da geladeira.

– Bah!

Quando alguém sacode com força meus braços, dou um grito.

Caedmon solta uma gargalhada alta.

Dou um soco no ombro dele e só provoco um grunhido.

– Babaca!

Enquanto massageia o ombro, ele ri de novo.

– Você tinha que ter visto a sua cara!

Olho de novo para a geladeira e balanço a cabeça.

– Você acha que tem corpos ali dentro agora?

– Provavelmente.

Continuo olhando para aquela superfície prateada reluzente em que pode muito bem haver um cadáver.

– Você já teve curiosidade de ver como são?

– Não.

– Nem um pouco?

Caedmon resmunga de irritação e, com um cutucão no meu braço, eu chego um passo para o lado.

– Você veio olhar uma foto. Vamos olhar a foto e sair daqui.

– Por que você está com tanto medo?

Ele passa os olhos pelo ambiente e repuxa os lábios.

– Odeio este laboratório. Esta sala. Odeio tudo aqui.

– Nosso pai diz que o trabalho dele vai salvar vidas.

Eu quero acreditar nisso. De verdade. Mas conheço a índole do meu pai.

– Só homens bons salvam vidas, Devryck. E nosso pai não é um homem bom.

Com outro empurrão dele, sigo na tarefa pretendida e contorno a mesa perfeitamente arrumada. Ao acender o abajur, um brilho se espalha pelo tampo impecável. Depois de passar as mãos pela mesa, abro a gaveta ao meu lado. Tem um porta-retratos guardado lá dentro, e fico olhando a imagem da mulher mais bonita que eu já vi, com olhos de um âmbar chamejante, o cabelo negro como tinta. Não há dúvida sobre a origem de nossos traços mais notáveis.

Na foto, ela está olhando por cima do ombro, um sorriso largo no rosto, os olhos cintilando sob a luz. Fazia sentido que meu pai a amasse tanto. Que fosse obcecado por ela.

Ela era uma luz incompreensível na escuridão dele.

– O que vocês estão fazendo aqui?

Ao ouvir a voz furiosa, meus músculos se contraem de medo e eu largo a foto.

O porta-retratos bate na mesa de madeira e espalha cacos de vidro pela

superfície brilhosa. Com o impacto, a foto da minha mãe se solta da base.

O pânico sobe pela minha garganta e meu olhar se volta para o homem parado à porta. Talvez ele tenha sido bonito um dia, até digno da minha mãe, mas naquele momento ele incorpora a essência de um monstro.

Com as sobrancelhas franzidas em uma expressão de fúria, os olhos ardendo de loucura, ele repara na bagunça que eu fiz.

– O que você fez? – rosna ele entre os dentes, como se fosse um monstro.

– Foi sem querer, pai! – suplica Caedmon por mim, mas eu sei que não adianta. – Você deu um susto nele!

No que parece ser apenas um piscar de olhos, meu pai atravessa a sala na minha direção.

Eu deveria correr, ainda mais quando sinto Caedmon puxar meu braço, mas meus músculos estão paralisados e meus olhos, fixos na minha mãe.

Caedmon solta um grito quando, pela visão periférica, vejo o monstro empurrá-lo para longe, contra a parede.

Algo brilha no canto do meu olho, mas, antes que eu chegue a checar o que é, uma dor intensa atinge a lateral da minha cabeça. Uma luz irregular brilha sob as minhas pálpebras. A sala se inclina. Uma força implacável acerta o outro lado da minha cabeça.

Caedmon grita.

Tudo fica preto. Silencioso.

Tão silencioso que escuto o latejar do sangue pulsando nos meus ouvidos.

Abro os olhos.

Meu pai está ao meu lado, segurando Caedmon pelo braço enquanto ele tenta se soltar.

– Se você gosta tanto de mortos, então vai dormir com eles hoje.

Meus olhos se acostumam com a escuridão e volto a observar o ambiente. Olho para os potes ao redor. Orelhas, dedos e outros pedaços de carne que não consigo identificar, tudo suspenso em fluido. O armário de amostras, situado ao lado da geladeira de cadáveres.

– Não! Por favor, não!

Um assobio potente explode no meu ouvido quando a dor atinge meu crânio de novo. Com os olhos bem fechados, fico rangendo os dentes e seguro os dois lados da cabeça. A luz some quando a porta é fechada, e, quando corro até ela, ouço o som da tranca.

– Não! Por favor! Não me deixe aqui!

Uma coisa quente escorre pela minha perna, o cheiro de urina faz meu nariz

arder. Uma sensação fria, como de cristais de gelo, se espalha sob a minha pele, desliza do meu pescoço até as pontas dos meus dedos, um latejar denso e dormente nas mãos, e, quando levanto o braço para secar as lágrimas, não consigo sentir nada. Nem a minha pele, nem o piso áspero do armário embaixo de mim. Só um formigamento angustiante.

– Pai! Por favor! Me ajuda!

Os gritos de Caedmon ecoam pela porta e vão ficando distantes. Distantes.

Até tudo ficar em silêncio.

– Ei. Ei! O que está acontecendo? Você está bem?

Uma voz familiar, mas sem lugar naquela lembrança, invadiu meus pensamentos e me levou de volta ao presente. Pisquei para sair do abismo e me vi no chão sujo de concreto, onde devia ter caído.

– Você se importa? – perguntei, me levantando.

A tontura tomou conta do meu cérebro e anuviou minha visão por um momento, e eu tropecei para o lado. Porra. Odiava acordar daqueles sonhos.

– Eu me importo, sim. Você que me traz comida. Acho que é a única pessoa que sabe que eu estou neste buraco. – Ele se recostou na parede da cela e me observou enquanto eu me recuperava. – Então... seu pai fez você dormir com os cadáveres?

– O quê?

Eu tinha verbalizado a lembrança? Até então, só havia passado por aquilo sozinho e não tinha como ninguém saber.

– Você parecia meio distante ao contar. Disse que você e seu irmão estavam brincando onde não deviam. Seu pai bateu em você.

Bateu em mim era suavizar bastante as coisas. Acontece que ele acertou uma parte bem específica do meu cérebro e, consequentemente, desalojou e ativou uma doença priônica congênita latente. Zigliomiosite era o nome técnico, ou doença de Voneric, como era mais conhecida: uma doença rara, só observada em uma parcela excepcionalmente pequena da população. Incurável e com um processo destrutivo impossível de impedir.

Massageei as têmporas e respirei pelo nariz para afastar a névoa de confusão que ainda ocupava minha cabeça.

– Ele era como você. Morria de medo de qualquer coisa que pudesse desafiá-lo. Ele era fraco. Impaciente. Simplesmente detestável.

– Mas não tem uma partezinha sua que goste do seu velho? Mesmo que tenha batido, você se importa com ele, não?

Eu abri os olhos, a resposta ácida na ponta da língua, suplicando para ser dita. Em vez disso, eu a engoli, mais pelo bem da minha pressão sanguínea.

– Respondendo à sua pergunta: sim, ele me fez dormir com os cadáveres. Passei a noite ouvindo coisas. Sussurros pelas paredes. Se era meu pai tentando apavorar um garoto de 12 anos ou outra coisa, acho que nunca vou saber.

Barletta olhou para o centro da cela.

– O meu velho também era esquentado. Sempre pesava a mão. – Ele bateu com um dedo na lateral da cabeça. – Dizia que o meu cérebro era feito de pedra, pela quantidade de vezes que eu apanhava e me levantava.

– Você e eu não temos nada em comum.

Uma vergonha patética escureceu os olhos dele quando Barletta olhou para mim e para o chão.

– É. Acho que não. – Ele se agitou por um momento, parecendo imerso em pensamentos. – A minha morte... vai ajudar alguém?

Eu dei de ombros.

– Talvez. No mínimo, vai me dar uma compreensão melhor da toxina, para que eu possa salvar vidas.

Ele franziu as sobrancelhas e não se deu ao trabalho de me olhar quando perguntou:

– Dói?

– Sim – respondi em tom seco. – Mas não mais do que as coisas que você já fez com outras pessoas.

Ele se encolheu e cobriu o rosto com as mãos. Sem o álcool o protegendo, imaginei que a culpa o estivesse consumindo mais rápido do que os vermes em sua barriga.

– Isso é errado, sabe? O jeito que eu sou... que eu me sinto. Eu poderia dar uma virada. Fazer algo melhor da vida.

– Sim, acho que, em um universo alternativo, você poderia. Para o seu azar, eu te encontrei antes que isso fosse possível.

Capítulo 14

LILIA

O vento uivava ao passar pela janela enquanto eu estava deitada na cama, olhando o céu escuro. As aulas começariam na manhã seguinte logo cedo, e minha insônia não era surpresa alguma. A exaustão ardia nos meus olhos, mas, toda vez que eu os fechava, minha cabeça girava com pensamentos. Não devia ajudar o fato de o meu estômago estar roncando. Como ainda não me sentia pronta para ir até o refeitório, eu só tinha comido uma barrinha de cereal comprada na máquina do nosso andar. Não havia servido para muita coisa.

Mais cedo, eu tinha ido até a Livraria Dracadia, um prédio monstruoso cheio de alunos comprando materiais e livros e até alguns produtos de Dracadia. A maioria das minhas matérias disponibilizava os textos on-line, o que significava que eu precisava de uns poucos livros, que tinha empilhado com cuidado na prateleira acima da escrivaninha.

Ao notar no relógio que passava da meia-noite, saí da cama e atravessei o quarto até a janela voltada para o sul, diante da qual o luar brilhava na superfície escura do mar. Ao olhar para a água preta, me imaginei naquele mar, sozinha. À deriva. Morrendo de medo do que se esgueirava sob a água.

Durante semanas depois da morte da minha mãe, sonhei com o mar, apesar de ele me parecer tão distante quanto o espaço sideral. Eu sentia mãos me puxando. A água chegando à minha boca. O abraço gelado esmagando minhas costelas. Vozes que eu não reconhecia me mandando desistir.

Abaixo da superfície, eu via a minha mãe, calma e imóvel como se estivesse adormecida.

Ao primeiro sinal dos vermes pretos deslizando por seus lábios azuis, eu acordava trêmula e ofegante.

Com o passar do tempo, fui dormindo cada vez menos. De dez horas para sete, depois seis. Atualmente, eu tinha sorte se dormisse quatro horas por noite. Não tive a opção de tomar remédio para dormir depois que o convênio médico acabou, e eu sofria por falta de sono e ficava batendo cabeça nas aulas e ao longo do dia. A única coisa que me salvava era que eu tinha talento para gabaritar provas. Se não fosse isso, provavelmente teria repetido todas as matérias.

Com um suspiro longo e cansado, continuei olhando. Mesmo com todos os meus pensamentos e pesadelos distorcidos, eu nunca tinha imaginado como o mar seria hipnotizante. Como seria mágico, mesmo no pouco que dava para ver da minha janela. Tranquilizador. Vasto. Eu gostava que ele me fizesse sentir pequena e insignificante. Que fosse escuro e dominador, mas lindo ao mesmo tempo.

Um movimento errante chamou minha atenção e olhei para baixo; havia um inseto pulando pelo parapeito. Uma mariposa preta, pelo que eu podia ver. Eu nunca tinha visto uma. A asa, curvada num ângulo estranho, parecia machucada, e deixava para trás um pó preto fino no parapeito branco. Minha mãe morria de medo de mariposas, eu não sabia por quê. Sempre que uma entrava em casa, ela corria atrás com uma vassoura e a destroçava.

Estendi a mão para que a criatura subisse. Observei a asa ferida e reparei em buraquinhos que pareciam marcas de mordida. Ela bateu a asa boa, fazendo cócegas na minha mão, e, com um sorriso, eu a coloquei de volta no parapeito e voltei à minha vigília.

Quando meus músculos relaxaram e meu foco se transformou em um simples transe, ouvi um sacolejo dentro do quarto. Franzi a testa, me virei para a porta e notei um leve movimento da maçaneta.

O que é isso?

Em casa, quando uma porta era sacudida no meio da noite, eu não abria, porque ou era Conner chegando bêbado, depois de uma noite com amigos, ou um drogado de rua procurando um lugar para dormir. Mas eu não estava mais em casa.

Fui na ponta dos pés até a porta, vendo a luz do corredor oscilar embaixo. Tinha alguém ali, com certeza. Quase sem respirar, encostei a orelha na porta para ouvir.

Silêncio do outro lado.

Um arrepio gélido percorreu minha nuca.

Sussurros ininteligíveis roçaram meus ouvidos, e eu passei a mão ali e me virei, mas não vi ninguém além de mim. Mais arrepios, e enfim abri a porta. O

corredor estava vazio. Olhei para a esquerda e depois para a direita, mas não vi ninguém.

Mas um objeto chamou minha atenção. Na soleira da porta havia um botão de metal meio rudimentar, com uma cruz de ferro na superfície plana. Dei um passo para trás e tentei fechar a porta por cima do botão, mas não consegui. Franzi ainda mais a testa, abri a porta de novo e me curvei para pegá-lo.

A voz chegou mais alta desta vez, como se alguém tivesse se curvado junto comigo, bem ao meu lado, e daí pulei para trás e fechei a porta. O som ininteligível ecoou no meu ouvido, não com a cadência suave de um idioma estrangeiro, mas como algo estranho e abrupto. Perturbador. Segurando o botão, eu me afastei da porta, subi na cama e puxei as cobertas. Abalada demais, nem me dei ao trabalho de prender o braço na algema enquanto observava a porta, vendo a luz do corredor tremeluzir com sombras.

Capítulo 15

LILIA

– Que droga, anda! – Passei o cartão pelo leitor e recebi o sexto bipe com luz vermelha seguido. – Fala sério!

Ao me virar de leve para a esquerda, vi que a fila de sete alunos já tinha dobrado de tamanho nos últimos dois minutos, todos parecendo irritados e impacientes. A vergonha me corroía enquanto eu passava o cartão pela sétima vez.

Outro bipe vermelho.

– Aqui.

Um braço me contornou por trás, e eu me virei e vi um cara loiro e alto, com olhos azuis brilhantes, me oferecer um meio-sorriso enquanto passava o cartão dele e apertava o número dois no teclado abaixo.

Uma luz verde apareceu.

– Obrigada – falei, e guardei meu cartão, a pressão na garganta acalmando.

– Caloura?

– Segundo ano.

– Só alunos do terceiro e do último podem entrar no Refeitório Darrigan. – Nós dois andamos calmamente até a frente do refeitório. – Alunos do primeiro e do segundo ano estão restritos ao Cavick. A menos que um de nós aqui convide.

Outra explosão de constrangimento me deixou ruborizada.

– Eu não sabia. Me desculpe. Era perto da minha próxima aula, e eu só quis comer rapidinho antes de ir.

– Meu nome é Spencer.

Uma mão bem-cuidada esbarrou no meu braço quando ele a estendeu para mim, e eu a apertei de leve. O homem me lembrava Paul Walker, com um

charme juvenil e os olhos naturalmente felizes.

– Lilia.

– Alguma chance de você querer almoçar comigo?

Senti um aperto no peito. Parecia até que eu era alérgica a comer com outras pessoas.

– Ah... hã. Eu ia só... Eu ia comer no...

– Spence!

Kendall, a guia que me levara à sala de Langmore, se aproximou dele. Lado a lado, os dois pareciam Ken e Barbie. Quando ela pousou o olhar em mim, o sorriso sumindo, eu me perguntei se ela achava que eu estava usando a mesma roupa do dia anterior. Eu estava usando outro vestido, com flores azuis, mas a jaqueta e as botas eram as mesmas.

– Estou vendo que você está acompanhado.

Pigarreei e apontei com o polegar por cima do ombro, o que na verdade era a direção dos banheiros.

– Eu vou comer no pátio.

Ela arqueou as sobrancelhas bem-feitas e me dirigiu um sorriso falso.

– Que exótico da sua parte.

– Posso te fazer companhia? – perguntou Spencer.

Ele inclinou a cabeça na minha direção e senti um nó no estômago. Nada contra o cara, ele parecia legal, mas eu não queria abrir brechas para distrações. Meu objetivo era ficar concentrada nos estudos e mais nada.

Além do mais, sobre o que nós conversaríamos?

– Hã...

– Tudo bem se você não quiser. Sem pressão.

Spencer piscou para mim e, quando confirmei que preferia ficar sozinha, ele saiu andando com Kendall na direção da mesa comprida de pratos aquecidos. Optei pelas comidas frias, do outro lado da sala, e só quando eu fui na direção da saída, sem nenhum caixa à vista, foi que me dei conta de que ele tinha passado o cartão dele e basicamente pagado pelo meu almoço.

Aff. Você precisava ser tão idiota?

Quando passei por uma das mesas, avistei o cara de olhos acobreados de novo, em quem eu tinha esbarrado no dia anterior, sentado sozinho com um livro nas mãos. Quando aqueles olhos encontraram os meus e me flagraram olhando, eu desviei a atenção e bati a coxa na quina de uma das mesas. Com um grunhido baixo, passei a mão sobre o que sem dúvida seria um hematoma nas próximas 24 horas.

Quando saí do prédio, respirei fundo e, ao ver um banco vazio embaixo de um carvalho-vermelho impressionante, corri pelo gramado até ele. Depois de me acomodar, comi um croissant com salada de frango, uvas cortadas e aipo, batatas chips e suco de maçã orgânico. Até o almoço frio de Dracadia era mais impressionante do que qualquer coisa que eu teria comido em casa... e eu tinha escolhido uma entre umas dez opções.

Estátuas cobertas de líquen, lascadas e envelhecidas, ocupavam o pátio à minha frente: anjos e crianças aninhadas em figuras maternas. Olhei para as gárgulas ameaçadoras empoleiradas no exterior do prédio de engenharia, atrás de mim, reparando em suas poses sinistras, como se observassem as estátuas inocentes brincando. Do outro lado do pátio, pássaros pretos ciscavam. Os famosos corvos, supus. Eu tinha lido na história da escola que, como havia tantos na ilha, as pessoas acreditavam que eles tinham sido amaldiçoados.

Mas eles eram companheiros de almoço bem tranquilos.

Depois de comer, fui para a Torre Emeric para a minha primeira aula do dia. Como todos os outros prédios do campus, o belo interior estava bem preservado. O piso de madeira maciça brilhava conforme eu andava até as portas de madeira à frente. Abri uma delas e entrei em um auditório com iluminação fraca, onde um grupinho de alunos já tinha ocupado alguns lugares e olhava os celulares. Todos estavam com copos de café pretos e modernos com o logo do dragão roxo e dourado da cafeteria mais próxima, a Toca do Dragão. Era um lugar bem popular, pelo que eu soube, havia quiosques em alguns prédios acadêmicos também. Infelizmente, pagar 8 dólares por um latte estava acima das minhas possibilidades.

Encontrei um lugar no lado oposto da sala e me sentei na ponta da segunda fileira. Normalmente, eu escolheria um lugar nos fundos, mas como aquela matéria era mais complexa, eu queria ter certeza de que não perderia nada. Numa tentativa de passar despercebida, peguei meu celular. Encontrei uma mensagem de Jayda.

Jayda: Como está a vida anglicana?

Dei uma risada e respondi.

Eu: Surpreendentemente monótona até agora. Conheci um clone do Paul Walker.

Jayda: Conheceu? Tipo conversou com ele?

Eu: Ele me poupou de continuar sendo humilhada por um cartão recusado. Acho que pagou meu almoço também.

Jayda: Me diz que você não almoçou sozinha, Lilia.

Eu: Eu almocei sozinha.

Jayda: Jesus amado, qual é o seu problema, mulher?

Eu: Não vim aqui atrás de homem. Vim atrás de conhecimento. Não posso fazer merda, você sabe.

– Este lugar está ocupado?

Uma onda de surpresa me preencheu inteira, e quando ergui o olhar vi Spencer parado ao meu lado, as sobrancelhas erguidas, o copo preto na mão, como todo mundo.

Um olhar rápido ao redor mostrou vários assentos livres que ele poderia ter escolhido.

– Claro. Quer dizer, não. Não está ocupado.

– Legal.

Quando ele se sentou na cadeira, reparei em como estávamos incomodamente próximos. Tanto que, se eu não tivesse virado os joelhos, teria encostado no dele.

– Você não disse que era do segundo ano?

– Eu sou. Mas fui colocada nesta turma.

Peguei o notebook na bolsa – era de uma marca genérica, emprestado a mim pelo departamento de tecnologia, uma máquina bem menos chique do que o MacBook que todos os alunos tinham. Da lateral do assento, puxei o tampo para desdobrá-lo e franzi a testa quando não consegui.

– Ah. Você é dessas inteligentes, então.

Spencer apertou um botão que eu não tinha visto e o tampo subiu na hora. Sorrindo, ele tirou seu notebook da bolsa. Um Mac, claro.

Embora eu gostasse do jeito brincalhão dele e o achasse atraente, Spencer não fazia o meu tipo, então não fazia sentido eu ficar tão travada. Parecia que todas as respostas para ele saíam emboladas.

– Eu até que me viro, eu acho.

– Você perdeu uma conversa fascinante no almoço. Country clubes e moda de outono e um monte de coisas pras quais eu estou cagando.

Ele riu e eu sorri, me perguntando se ele só estava falando aquilo para me

agradar. Talvez esperasse me deixar mais à vontade, mas, infelizmente, os comentários só fizeram com que eu me sentisse ainda mais pária.

Quando eu estava chegando ao auge do constrangimento, uma pessoa entrou na sala.

Meu coração parou.

Com a camisa preta de botão, calça preta e cabelo preto um pouco despenteado, ele parecia uma sombra ameaçadora se movendo pela sala de aula com o tipo de graça letal que sem dúvida já tinha dilacerado vários corações. A roupa combinava com o infame copo que ele também levava com ele. Um formigamento me fez coçar a nuca e, quando ele foi na direção da mesa e do púlpito, em vez de para uma das cadeiras dos alunos, eu me perguntei se ele era um dos assistentes que o diretor Langmore tinha mencionado.

Olhos acobreados brilhantes percorreram a sala e, ao pousarem em mim, meu coração disparou de novo.

A garota da fileira na minha frente ergueu a câmera e tirou uma foto dele sem muita discrição. Eu olhei e a vi postando uma legenda com um emoji de rosto cansado:

Por que o Doutor Morte precisa ser tão gostoso?

Doutor Morte.

Eu quase me engasguei com a saliva nessa hora.

Bramwell.

O brilhante patologista especialista de Dracadia.

Considerando sua reputação e o respeito que o professor Wilkins, de Covington, tinha por ele, eu imaginava que ele tivesse uns 60 anos. O cara não podia ter muito mais do que 30.

Vestido todo de preto, ele se encaixava bem no papel de morte.

Alguns outros alunos entraram enquanto o professor Bramwell abria um livro, já no púlpito.

Desvia o olhar, ordenou minha cabeça, mas ele era um daqueles homens que prendem a atenção naturalmente. Do tipo que leva a vida sendo extremamente *gostoso*, como a morena descarada na minha frente tinha observado. Fiquei irritada com a distração que ele causava em uma aula que provavelmente seria uma das mais difíceis.

Quando todos os alunos chegaram, o professor Bramwell fechou o livro com um estalo alto, e várias arfadas de surpresa ecoaram pela sala ao mesmo tempo.

– Vamos começar. Eu sou o professor Bramwell, e esse é meu assistente, Ross. – Ele apontou para a primeira fila, onde havia um cara um pouco mais jovem, de óculos, com uma cabeleira desgrenhada que dava a entender que era um mestrando. – Esta aula é de neuroparasitologia, e vai continuar a partir da matéria de parasitologia, que é pré-requisito, e que vocês devem ter cursado ano passado.

O timbre grave da voz dele vibrou no meu peito enquanto eu praticamente engolia cada palavra que saía de sua boca. A autoridade em seu tom exigia obediência, e, quando olhei em volta, nenhum aluno estava debruçado sobre o celular.

Coloquei o meu na mesinha dobrável, abri o aplicativo de áudio e cliquei em gravar.

– É a sua primeira matéria com o Bramwell? – sussurrou Spencer, ao meu lado.

Eu assenti rapidamente.

– Ele não gosta de ser gravado. É esquisito, eu sei, mas, se ele te pegar gravando, vai tomar seu celular. Todas as anotações estão disponíveis no DracNoti. Você pode editar conforme for lendo.

– Ah. Merda.

Ao tentar pegar o celular, eu o derrubei da mesinha com um estrondo. Depois de pegá-lo, eu me sentei de volta e encontrei aqueles olhos flamejantes me encarando com uma irritação tão intimidadora que precisei desviar o olhar. Pigarreando, segurei o celular no colo.

O olho dele tremeu.

– É imperativo que vocês acompanhem e prestem atenção no material. O conteúdo é extenso, e meu ritmo vai ser rápido.

Com o olhar baixo, eu rezei intensamente para que a cadeira sumisse e eu fosse sugada para um buraco negro.

– Alguém aqui não cursou parasitologia?

Ah, Deus. Me mata de uma vez.

Eu fui a única na sala a levantar a mão, meio trêmula.

Novamente, aqueles olhos pousaram em mim. Intensamente.

– Nome?

– Lilia. Vespertine. Senhor.

– Fale comigo depois da aula, Srta. Vespertine.

Meu primeiro *fale comigo depois da aula* desde o nono ano.

– Esta matéria cobre assuntos baseados em uma pesquisa de propriedade

privada desta universidade e que ainda está em andamento. Isso significa que vocês não têm permissão de discutir o assunto fora desta instituição. Se alguém se opuser a isso – ele apontou para a esquerda –, é só sair e não deixar a porta bater na sua bunda.

Meu Deus, eu já tinha visto professores difíceis, mas aquele cara levava o troféu.

– Vocês todos devem ter assinado o acordo de confidencialidade on-line durante a orientação. Alguém não assinou? – perguntou ele, novamente acelerando meus batimentos cardíacos.

Mas que inferno, o destino devia estar mesmo querendo me sacanear, porque, de novo, levantei a mão trêmula, e o olhar dele me deixou com a sensação de que eu tinha sido arrastada por pedaços de carvão em brasa. Com um suspiro óbvio de frustração, ele se virou na direção da bolsa na mesa e pegou um papel, que entregou para Ross, que entregou para a morena na minha frente. Com um sorrisinho irônico, ela o entregou para mim.

No alto da página, com letras escuras embaixo do logo dracadiano, havia as palavras *acordo de confidencialidade*. Uma página inteira de letras pequenas vinha abaixo, mas eu nem me dei ao trabalho de ler antes de assinar, não com a turma toda em silêncio enquanto Bramwell esperava de braços cruzados.

Devolvi o papel para a morena, que o devolveu para Ross, que o entregou para Bramwell. Eu podia ter entregado até a minha alma para o sujeito para que a turma parasse de me olhar como se eu fosse a mosca pousada no bolo de aniversário.

Depois de uma expressão de reprovação seguida de um olhar rápido para o papel, ele o colocou na mesa e retomou a aula.

– A função mais importante de um parasita é garantir sua transmissão para o hospedeiro seguinte. – O jeito como ele andava de um lado para outro da sala, a voz carregando uma inflexão intensa, me manteve atenta ao mesmo tempo que me fazia anotar o máximo de palavras possível em um simples documento de Word. – Alguém aqui já ouviu falar de sequestro mental?

– Eu achava que essa aula era de parasitologia, não de conspirações da MK-Ultra – respondeu algum palhaço no fundo da sala, provocando algumas risadinhas entrecortadas.

Bramwell não abriu nem um sorriso, só ofereceu aquele olhar fulminante por um minuto incômodo antes de voltar a andar.

– O *Paragordius varius*, também conhecido como verme-crina-de-cavalo, é um parasita aquático que, para o próprio azar, escolheu o grilo comum como

hospedeiro. Como vocês podem ou não saber, os grilos, de modo geral, evitam água. Entretanto, esse verme inteligente solta um composto químico que confunde o grilo e o faz tentar suicídio por afogamento. Quando o grilo está submerso, o verme escapa. Se tiver sorte, o grilo não se afoga antes disso, mas muitas vezes não é o caso.

– Meu Deus – murmurou Spencer, ao meu lado. – O Doutor Morte já chegou nessa pegada mórbida.

– Outro exemplo. A vespa-joia fêmea faz praticamente um quartinho para os seus bebês dentro de uma barata, primeiro atacando as pernas dianteiras do inseto com uma toxina. Depois, atacando a cabeça e levando a barata tonta até sua toca como um cachorrinho perdido. Lá, a vespa bota os ovos e se sepulta junto com a barata. As larvas consomem a barata de dentro para fora e, por fim, emergem já adultas. – Bramwell fez uma pausa na caminhada, as mãos unidas nas costas, a postura deixando o botão aberto da camisa mais retesado e permitindo um breve vislumbre da pele por baixo. – O controle mental parasitário é uma ciência emergente, ainda não muito bem entendida. É um campo de estudo complexo e fascinante. Nas próximas dezesseis semanas, vocês serão introduzidos, assim como os ovos de vespa, em um mar de informações preciosas pouco conhecidas sobre várias espécies de parasitas. Recomendo que prestem muita atenção no programa e acompanhem as leituras.

Algo no jeito como ele falava, na paixão que transmitia em cada palavra, me causou um tremor de empolgação. O homem vivia e respirava ciência, dava para perceber isso.

Quando a aula terminou, eu me vi sem acreditar no relógio. Uma hora inteira tinha se passado no que pareceram minutos, e passei o tempo inteiro hipnotizada pelo homem e pela sua facilidade para transmitir informações, como se estivesse falando de algo tão comum quanto o tempo. Quando a turma arrumou as coisas e saiu, meu estômago ficou embrulhado de ansiedade com a ideia de ter que falar a sós com ele. Normalmente eu ficaria feliz de trocar uma ideia com ele a qualquer hora, mas algo me dizia que o homem não estava feliz com a minha presença na turma.

– Professor Bramwell, o senhor queria falar comigo?

O assistente, Ross, me lançou um olhar rápido enquanto passava atrás dele para sair da sala, mas Bramwell não se deu ao trabalho de tirar seus olhos âmbar de mim.

Então, eu me vi completamente sozinha com o cara que chamavam de Doutor Morte.

– Srta. Vespertine, eu soube que é nova em Dracadia.

– Sim, tecnicamente estou no segundo ano, mas...

– Me deixe explicar meu estilo de ensino, já que conseguiu pular o pré-requisito.

Por trás da gola da camisa, vi um pouco de pele contraída e clara. Uma cicatriz horrível, que eu achava que devia ser do tal ataque de ácido sobre o qual Mel tinha me contado. A menos que ela tivesse inventado aquela história.

– Eu não gosto de interrupções. Não estou aqui para brincadeiras. Saiba que eu reprovei mais alunos do que aprovei.

– Com todo o respeito, acredito que isso seja um ponto negativo para o professor da matéria.

A mandíbula dele estremeceu, como se estivesse remoendo as palavras entre os dentes para cuspir na minha cara.

– Também não gosto de alunos de graduação que se acham espertinhos.

– Peço desculpas. Senhor.

– A senhorita estar aqui é um erro. Não vamos torná-lo um erro escandaloso. Faça as leituras. Compareça às palestras.

– Pode deixar.

Ele resmungou um *hunf* no fundo da garganta, como se duvidasse, e, desviando o olhar, enfiou o livro e as anotações na bolsa, junto com meu acordo de confidencialidade assinado, inevitavelmente atraindo a minha atenção para as veias de seu antebraço, onde ele tinha dobrado a manga.

E para o fato de que ele não usava aliança.

Para, porra.

Eu queria perguntar mais sobre os parasitas. Talvez ganhar a simpatia dele compartilhando o pouco conhecimento que eu tinha sobre a sua especialidade, mas minha voz sumiu, a língua pesada na boca.

Então, saí do auditório e encontrei Spencer me esperando lá fora. Estranhamente, fiquei aliviada de vê-lo depois de uma interação tão intensa. Meus lábios estavam ardendo de tanto que o tinha mordido.

– Tudo bem?

Ajeitei a bolsa no ombro.

– Você esperava que não?

– Uma conversa sozinha com o Doutor Morte? Sei lá.

Fui na direção da minha aula seguinte, que parecia ser a mesma de Spencer, visto que ele me acompanhou.

– Vocês deram esse apelido por acharem que ele esteve envolvido no

desaparecimento de uma aluna?

– Isso. Ela namorava um amigo meu. Ele foi expulso.

– Ah. O que jogou ácido sulfúrico nele.

Spencer comprimiu os lábios.

– Você já ouviu a história.

– Já. Acho que essa parte me chamou menos atenção do que o boato.

– Ele não era um cara brilhante nem nada, mas o desaparecimento da Jenny fodeu com a cabeça dele.

Diminuí o passo e parei na frente do prédio da minha aula de redação.

– Por que todo mundo acha que Bramwell estava envolvido nisso?

Spencer enfiou as mãos nos bolsos e deu de ombros.

– Há imagens das câmeras de segurança que a mostram saindo por uma porta dos fundos do laboratório dele, na noite em que ela sumiu.

– E você não acha que isso torna o namorado um suspeito?

– Ele ficou puto, claro. Sempre achou que havia alguma coisa entre os dois, não sei por quê. Mas naquela noite eu o acalmei.

Revirei os olhos de forma exagerada.

– Então você é o herói do campus.

Ele esfregou a nuca e sorriu de um jeito que pareceu insinuante.

– Por aí.

Eu tinha sido vítima de boatos horríveis durante todo o meu tempo no ensino médio. Odiava fofocas, abominava como algo podia se espalhar como fogo em mato seco sem mérito nem comprovação. Sem dúvida o professor Bramwell era um grande babaca com uma cereja em cima, mas decidi esperar antes de declará-lo um assassino.

– Olha só, eu agradeço a sua preocupação, mas dou às pessoas o benefício da dúvida antes de pegar o forcado mais próximo.

– Desculpe, eu só achei que devia avisar.

– Eu agradeço. Se me der licença, preciso ir para a minha próxima aula.

Ele assentiu, me contornou e partiu na direção oposta.

Capítulo 16

LILIA

Um prédio impressionante com vários pilares, que me remetia a Washington, abrigava a biblioteca do campus, onde tinham me designado um trabalho administrativo remunerado. Depois de passar pela segurança e pelo detector de metais, um teto abobadado altíssimo adornado com lindos afrescos de anjos em batalha capturou a minha atenção quando entrei no espaço aberto. Havia sacadas dos dois lados, convergindo em uma escadaria sinuosa no meio do andar principal. Eu tinha ouvido falar que havia vários andares, com uma galeria impressionante de quadros e artefatos barrocos no sótão. Também tinha ouvido outras coisas sobre o sótão, inclusive que era um tradicional ponto de encontro para pegações, e eu teria que tomar cuidado ao ir lá. Lustres rebuscados pendiam sobre mesas compridas de madeira que eram divididas em vários nichos, cada um com vários abajures, tomadas e porta-lápis.

Antes de vir para cá, eu precisava aproveitar horas do dia em que não havia ninguém por perto para conseguir estudar em paz. Mas, ali, dava para ouvir um alfinete cair.

Segui as placas até o segundo andar, passando pelos nichos particulares de estudo, mesas em meio a paredes tomadas por estantes. A subida me levou até a linda rotunda, onde o piso e os corrimões de mármore branco faziam contraste intenso com a madeira escura dos outros aposentos. Bustos de pedra incrivelmente entalhados ocupavam pequenas alcovas em cima de pilares, dando ao local uma aparência romanesca. Pelas janelas da sala Memorial Adderly, observei a vista linda do jardim, com os carvalhos magníficos que eu imaginava que logo ficariam cobertos de neve, formando um cenário aconchegante. Na sala era possível aprender sobre a história de Dracadia, pelo que observei das velhas

fotografias e estantes de vidro que guardavam artefatos. Eu estava ansiosa para saber mais da história da escola quando tivesse oportunidade.

Eu não conseguia nem começar a imaginar quantos lugares secretos aquela escola mágica tinha. Provavelmente poderia estudar lá por anos e nunca explorar todas as muitas maravilhas. Quanto mais eu via, mais queria ver e saber.

Quando entrei na sala Stirling, dedicada a textos científicos, encontrei um homem mais velho, de pele escura e cabelo grisalho, indo colocar um livro numa prateleira alta.

– Com licença – falei ao me aproximar. – Estou procurando por Kelvin Reed.

O homem se virou, os óculos na metade do nariz enquanto ele me observava com o queixo meio erguido.

– Eu sou Kelvin Reed.

Sua fala articulada combinava com o colete por cima da camisa cinza, típicos de um antigo acadêmico. Eu sorri e assenti com respeito.

– Lilia. Fui designada para trabalhar aqui.

– Ah, sim. Srta. Vespertine. É um prazer conhecê-la. Eu sou o bibliotecário-chefe da Memorial Adderly e Ala de Ciências Stirling. – A voz daquele homem era tão agradável que eu poderia ouvi-lo por horas. – Suponho que já tenha passado pelo Memorial Adderly, certo?

– Sim. É o mesmo Adderly da estátua em Thresher Bay?

– Isso mesmo. O lorde comodoro Adderly é um pilar muito respeitado da história dracadiana.

O comentário dele me fez pensar na irritação de Mel com o memorial. Talvez eu tentasse descobrir o que a fez ter aquelas opiniões.

– Estou ansiosa pra aprender mais sobre a história da escola.

– Bom, a senhorita está com sorte. Por acaso, é uma exigência para trabalhar neste departamento. É nosso dever preservar textos preciosos, que conseguimos recuperar do navio de Adderly. Então, seu trabalho nesta semana é se familiarizar com textos sobre a nossa história, para poder consultar os outros.

– Eu também teria acesso a esses outros textos?

Com as sobrancelhas franzidas, ele suspirou.

– À maior parte deles, sim. Mas alguns são de fato restritos e exigem certas *permissões* para serem acessados.

De repente, foram esses que mais despertaram a minha curiosidade.

Assentindo, segui Kelvin para a sala Memorial Adderly, que era decorada para remeter a um navio antigo, com todos os detalhes náuticos: cordas com nós grossos, uma escotilha e remos. Talvez itens que tinham recuperado do navio de

Adderly.

– Vamos começar aqui – disse Kelvin, indicando os muitos livros da sala. – Deixe na mesa qualquer livro que tenha pegado para ler. Eu cuido deles. É importante que voltem para o lugar certo.

– Entendi. Eu só... preciso ficar lendo nas horas que tenho que passar aqui?

– Sim, exatamente.

Eu não poderia ter um trabalho mais perfeito. Só se houvesse um que me pagasse para dormir.

Kelvin saiu e fiquei observando a sala, procurando um lugar interessante para começar. Parei na frente de um quadro de uma mulher com cabelo castanho-avermelhado flamejante. Ela usava um vestido branco simples e segurava lírios. O nome embaixo dizia Irmã Mary Elizabeth, mas ela não estava usando nenhum traje religioso no quadro. Embaixo da pintura havia um livro grosso aberto sobre um suporte, uma Bíblia, ao que parecia. Romanos 12:17 tinha sido sublinhado: *Não paguem a ninguém o mal com o mal.*

Outro olhar para a mulher me fez continuar prestando atenção nela. Em como lembrava a minha mãe. Peguei um dos livros na estante ao lado do quadro e me sentei à mesa perto da janela.

De acordo com o texto, ela tinha ido para Dracadia quando era uma jovem freira, para cuidar e vigiar os considerados mentalmente perturbados e exilados no mosteiro. O livro a descrevia como uma mulher gentil e benevolente, particularmente admirada pelo Dr. Nathaniel Stirling.

O livro incluía uma imagem do doutor, conhecido por usar o famoso uniforme de médico da peste quando cuidava dos pacientes, que ele acreditava estarem infectados por espíritos ruins. Um tremor perturbador desceu pela minha espinha quando olhei para a imagem dele na página, usando a máscara com bico e a capa preta comprida. Vê-lo devia provocar pesadelos nos pacientes. Parecia que a ala de ciências tinha sido batizada em homenagem a ele por ter descoberto sem querer o ácido estírlico, um antisséptico feito de jesteiro. Aparentemente, isso tinha facilitado as cirurgias que ele executava, e o homem tinha sido aclamado como padrinho da esterilização.

Só que ele empregava a descoberta de uma forma bem mais sinistra quando a intenção era banir o mal dos pacientes.

Eu me vi imersa na história do mosteiro como uma espécie de precursora das instituições para pessoas com doenças mentais, onde os pacientes eram sujeitados a uma variedade de experimentos para exorcizar os ditos espíritos ruins do corpo.

Quando saí do transe, reparei que já estava escuro lá fora. Um olhar para o relógio revelou que eu tinha ficado uma hora além do meu tempo de trabalho.

– Merda – murmurei, e empilhei os livros na mesa, como Kelvin tinha pedido.

Peguei minha bolsa e me virei, esbarrando na pessoa atrás de mim numa explosão de papéis que voaram pelos ares e se espalharam no piso de mármore.

– Minha nossa! – O Dr. Langmore chegou para trás e ajustou os óculos. – Não foi minha intenção assustá-la, Srta. Vespertine.

Ruborizada de vergonha, eu me abaixei e peguei os papéis caídos em uma pilha meio bagunçada.

– Foi culpa minha, senhor. Eu não estava prestando atenção.

Eu me levantei e devolvi a pilha de papéis, que ele recebeu com um sorriso.

– Por favor, eu insisto em dividir a culpa.

– Eu estava indo embora. Meu tempo de trabalho terminou uma hora atrás.

– Ah! Ambiciosa. Nós gostamos disso. – O olhar dele foi para a janela e voltou. – Está bem escuro lá fora. A senhorita vai sozinha?

– Hã. Vou. Meu alojamento não é longe.

Ele estreitou os olhos, inquieto.

– Ainda assim, eu aconselharia cautela.

– Claro.

Um movimento atrás dele chamou minha atenção, e eu vi um homem obscurecido andando na nossa direção, os olhos atentos quando entrou na sala do memorial.

Langmore pigarreou e seguiu o meu olhar, virando-se para o professor Bramwell. Tive a impressão de que a área de atração de seu poder de intimidação era bem ampla, pois até o diretor pareceu meio incomodado com sua presença.

– Sim, bem. Tome cuidado, senhorita. Tenho uma reunião de equipe.

– Claro – falei, ainda encarando Bramwell.

Quando o olhar de Bramwell encontrou o meu, desviei o rosto e pendurei a bolsa no ombro. Bramwell não disse uma palavra quando passou por mim, apesar do meu educado aceno de cabeça acompanhado de um sorriso, que sumiu rapidamente quando eu me virei.

Que babaca. Era admirável que ele visse qualquer coisa além do próprio nariz.

Com isso, me dirigi à saída.

A lua brilhava alta no céu enquanto eu atravessava o pátio. A maior parte do campus parecia ter se recolhido para a noite, embora alguns alunos ainda andassem de um lado para outro. Eu tinha sobrevivido ao primeiro dia, e, mesmo com os momentos ruins, tinha gostado. Mesmo com todos os defeitos, a faculdade tinha uma magia sombria. A história, a arquitetura, o mistério do campus e das pessoas... tudo isso mexia comigo e inspirava um desejo de absorver tudo.

Não era comum que eu tivesse essa sensação de pertencimento. Apesar de eu não ter nascido em uma família rica, como a maioria dos alunos, havia muita coisa em Dracadia que ia além de dinheiro. O local existia em um bolsão próprio de intriga, como histórias de Pã e de mundos distantes.

Imaginar que eu tinha me tornado parte dessa trama ainda parecia irreal.

Observei os arredores com olhar vigilante e fui na direção do pequeno bosque que separava meu alojamento dos outros.

– *Lilia* – sussurrou uma voz atrás de mim, e levei um susto.

Eu me virei e só vi os galhos das árvores balançando ao sabor da brisa. Passei os olhos pelo pátio e observei dois alunos ao longe, e mais um indo na direção de um alojamento.

Quando me virei para pegar o meu caminho de volta, uma coisa chamou minha atenção, do outro lado de um carvalho. Uma figura obscurecida, e foi só olhando com muita atenção que consegui enxergar à luz fraca emitida por um poste. Uma capa preta comprida. Um nariz comprido e adunco. Dois buracos pretos nos olhos.

A máscara de médico da peste que eu tinha visto.

Arfando, eu me virei e dei de cara com uma parede humana atrás de mim.

– Opa! – Spencer riu e segurou meus braços quando me choquei com ele. – Tem alguém com pressa.

– Eu vi alg... – Eu me virei na direção da árvore e não havia mais nada lá. Uma olhada mais atenta não mostrou nem os alunos que eu vira antes. – Tinha alguém perto da árvore. Eu... Eu juro que vi...

– Você não deveria estar andando sozinha. Sei que você disse que é a favor de dar às pessoas o benefício da dúvida, mas algumas são só escrotas mesmo.

Com os músculos relaxando e um suspiro de alívio, eu me virei para ele.

– Você é?

– Escroto? Achei que já tivéssemos estabelecido que sou. – Com uma risada, ele deu um tapinha no meu braço. – Vem. Eu te levo. Aonde vamos?

– Crixson.

– Ahh. Crixson. Acostume-se a ver coisas que não existem.

Eu odiava admitir, mas fiquei meio aliviada de ter companhia. Dracadia não era Covington, nem de longe, mas isso não queria dizer que não havia crime algum.

– Então, por que você acha que é seguro andar com *você*? – Eu estiquei o pescoço, procurando a figura atrás de nós.

– Esse é o momento em que você avalia se eu vou dizer algo machista, né? Tipo, que é porque sou homem?

– Sei lá. É?

– A verdade é que eu fiquei treinando até tarde. Senão, estaria no meu quarto vendo reprises de *Big Bang Theory* com meu colega de quarto.

Eu ri só de imaginar isso.

– Parece animado.

– Muito. De onde você está vindo?

Bandeiras da escola ondulavam ao sabor da brisa fraca que jogava meu cabelo na cara. Todos os sons estavam chamando a minha atenção e eu ficava lançando olhares por cima do ombro, com a sensação perturbadora ainda vibrando nos meus ossos.

– Do trabalho – falei, tentando controlar as mechas selvagens que faziam cócegas nas minhas bochechas.

– Legal. Onde colocaram você?

– Na biblioteca.

Maldita mecha que entrou na minha boca e aumentou a minha irritação. Meu cabelo normalmente fica desgrenhado e descontrolado, mas com vento? Parecia que ele tinha vontade própria.

– Eu fiquei lá semestre passado. Neste eu estou na cozinha.

Fiquei surpresa e franzi a testa.

– Você... Você trabalha?

Eu sempre tinha pensado que só quem não tinha condições de pagar a mensalidade é que precisava trabalhar. A floresta na frente do meu alojamento parecia mais escura naquela noite, as árvores mais sinistras, por algum motivo, e, novamente, tive que admitir que estava grata pela companhia de Spencer.

– Trabalho. Ah, espera... É agora que você diz alguma coisa sobre jovens ricos serem péssimos? – Ele riu, e isso aliviou seu tom acusatório.

– Acho que eu julgo um pouco as pessoas mesmo.

– Também acho – disse ele quando chegamos à porta do meu alojamento.

– Obrigada por vir comigo.

– Disponha.

Ele roçou o dedo pela minha mão e, por reflexo, eu cheguei para trás e pigarreei para disfarçar o ruído que escapou da minha boca. Spencer enfiou as mãos nos bolsos, comprimiu os lábios e deu um passo para trás, ofendido ou constrangido pela minha reação.

– A gente se vê amanhã.

– Sim. Me... desculpa. Boa noite.

Eu não tinha muita experiência com amizades. Principalmente com amigos homens. Com os muitos problemas em casa, nunca consegui prestar atenção nos garotos da minha idade; nas poucas vezes que eu tinha me envolvido com eles, não foi de forma amistosa. Todas as conversas com Spencer pareciam esquisitas e forçadas, da minha parte. Eu nem tinha sido tão educada assim com o coitado.

Então, por que ele estava sendo legal comigo?

Quando entrei no alojamento, passei pelo saguão e vi a televisão, onde uma notícia me fez parar de repente.

Especificamente, o rosto que apareceu na tela.

Angelo.

Franzi a testa e corri para o saguão. Cheguei na hora em que o âncora estava falando que um CEO bilionário tinha sido assassinado brutalmente alguns dias antes. Por um momento, entrei em uma realidade paralela e pensei que Angelo podia ser o assassino, mas segundo a notícia estava só sendo procurado para interrogatório.

– *As autoridades acreditam que Angelo DeLuca pode ter envolvimento com uma seita, e é considerado perigoso, sempre portando uma arma.*

– Meu Deus – murmurei. Com mãos trêmulas, fui para um canto tranquilo e liguei para Conner, roendo as unhas enquanto esperava que ele atendesse.

– Oi, e aí?

– Você viu o noticiário? Estão dizendo que Angelo pode estar envolvido no assassinato daquele cara rico! – falei num sussurro alto, o pânico na minha garganta sufocando as palavras.

– Que nada, não foi ele. Ele estava aqui o tempo todo. O coitado está surtando. Um dos amigos dele, que é policial, disse que o nome do Angelo estava escrito com sangue na parede. Ele acha que foi marcado por alguém, mas não me diz quem.

– E que seita é essa que citaram?

O som do suspiro de Conner chiou no telefone.

– Um grupo sádico aí. Eles se autodenominam Schadenfreude, mas não

comente isso com ninguém. Angelo diz que eles são perigosos. No começo, o babaca nem queria me contar sobre eles.

– Sádicos? – Eu baixei a voz ainda mais. – Do tipo que... *tortura* gente?

– Acho que é – respondeu Conner, e meu estômago ficou embrulhado.

– Não seria bom você ficar longe dele, então?

– Ele só precisa ficar quieto num canto até a polícia descobrir o verdadeiro culpado.

– Conner, e se o assassino for atrás de você? Meu Deus, você está bêbado?

O cara não tinha noção do perigo que podia estar correndo. Um grupo sádico associado a Angelo? Não tinha como ser pior.

– Um pouco, mas ninguém vai vir atrás de mim, Lil. Nós estamos bem. Ninguém vai conectar nós dois. Ele não usa o nome DeLuca há cinco anos.

– Só que a cara dele está na televisão. Alguém pode reconhecer.

– O cara está tão paranoico que nem sai de casa. Tem me mandado fazer as coisas para ele.

– Só acho que você devia informar à polícia. Talvez possam te proteger.

Pelo menos do grupo sinistro ao qual Angelo parecia associado. Embora eu estivesse grata por não estar no meio da confusão, não era burra a ponto de pensar que criminosos se limitavam aos homens que procuravam. Às vezes, iam atrás de amigos e familiares em um esforço de transformar a vingança em espetáculo.

– A polícia não vai proteger porra nenhuma. Relaxa. Bee está na escola. Você está na faculdade. Eu sou o único que pode se enrolar com essa merda, e eu garanto que vou ficar bem.

Passei a mão pelo rosto e grunhi pela indiferença de Conner com coisas importantes. Coisas que podiam piorar rapidinho.

– Só... não faz nenhuma besteira. Está bem?

– Tudo bem. Como está a faculdade? – Uma pergunta tão casual, considerando o assunto da vez.

– Ótima. Está ótima, Conner.

– Bom saber. Eu falei sério com você, garota. Estou orgulhoso.

– Obrigada. Me mantém informada, tá?

– Pode deixar.

Com isso, ele desligou, e eu suspirei, trêmula.

– Oi.

Ao ouvir uma nova voz, ergui o rosto e dei de cara com Mel parada ao meu lado.

– Tudo bem?

– Tudo. Eu só precisava fazer uma ligação particular. – Guardei o celular, torcendo para ela não ter ouvido a conversa. – Já estou indo para o meu quarto.

– Eu vi você andando com Spencer – disse ela, seca.

– Ah. Pois é, ele me acompanhou até o alojamento. Nós somos só amigos.

– Posso dar um conselho não solicitado?

Com a cabeça ainda girando, eu não estava com humor para aquilo, mas respondi com:

– Claro...

– Eu tomaria cuidado com ele.

Caramba. Ela agora era a principal informante sobre homens sinistros, por acaso? Primeiro Bramwell, agora Spencer.

– Por quê?

– Porque ele é um mentiroso de merda. Um manipulador.

Eu dei de ombros, meio irritada de ela ter se metido na minha vida. Tivemos uma vizinha assim, em Covington. Uma mulher mais velha que vivia perguntando sobre a saúde da minha mãe e se a doença dela podia ser transmitida pela ventilação dos apartamentos. Conforme a doença foi progredindo, nós decidimos deixá-la confinada no quarto, para não gerar fofoca no prédio.

– Ele tem sido legal comigo.

– Claro que tem. É isso que manipuladores fazem.

Talvez o aviso dela fosse pertinente, mas eu já tinha muitas preocupações, com Conner ligado a um foragido da polícia, e não tinha espaço mental para ela naquele momento.

– Eu agradeço pelo aviso.

– Estou falando sério, Lilia. É melhor não se meter com ele.

– Anotado – falei, e parti para o meu quarto.

Capítulo 17

LILIA

Cavick Hall era o refeitório mais intimidador que eu já tinha visto. Um teto abobadado, alto o suficiente para acomodar um ônibus espacial, podia ser visto acima de vigas grossas de madeira que reforçavam as paredes. Lustres elegantes e janelas de vitral acima de bustos esculpidos davam uma sensação gótica ao espaço amplo. Assim como no bufê do Darrigan Hall, havia fileiras de pratos em mesas compridas, mas Cavick tinha o dobro; a quantidade de opções oferecidas era quase sufocante.

Considerando a ampla variedade, escolhi um café da manhã meio patético de torrada com abacate e uma xícara de café. Tinha perdido um pouco do apetite depois daquela conversa com Conner e, após uma noite quase toda insone, ainda não tinha dormido direito. Eu tinha pensado em fazer uma ligação anônima para a polícia e denunciar os negócios escusos do Angelo, mas e se com isso eu acabasse prejudicando o Conner? Eu não podia correr o risco de descobrirem que ele também estava envolvido em alguma coisa.

Decidi deixar para lá. Afinal, ficar ruminando aquilo não resolveria o problema.

Enquanto mordiscava a torrada, olhei para os outros alunos que tinham passado ali para comer. Diferentemente do ensino médio, onde eu era vista como uma otária por me sentar sozinha, Dracadia parecia acolher os solitários espalhados pelo salão, nada incomodados por estarem assim. Alguns estudavam enquanto comiam. Outros olhavam o celular. Alguns comiam em grupos, mas eram sempre de poucas pessoas. Curioso como eu me sentia menos sozinha em minha solidão.

Depois do café da manhã, atravessei o campus e novamente fui para a Torre

Emeric ter uma aula na qual não tinha me inscrito: entomologia, com Loretta Gilchrist. Como ela tinha sido a principal defensora da minha vaga, eu não estava em posição de reclamar, e esperava causar uma boa impressão para o caso de ela ter algo a ver com a minha bolsa para o segundo semestre.

– Srta. Vespertine?

Ao ouvir a voz feminina, eu me endireitei para pegar o notebook na bolsa. Uma mulher atraente, de cabelo escuro com algumas raízes grisalhas, talvez com 40 e tantos anos, estava na minha frente, segurando o já famoso copo de café preto e dourado, os olhos comprimidos num sorriso.

– Sim?

– Dra. Gilchrist. – Ela estendeu a mão pequena, e nos cumprimentamos. – Estou vendo que aceitou o convite. Que maravilha.

– Sim, claro. Obrigada por qualquer magia que a senhora tenha usado para me ajudar a entrar. Fico muito grata, e impressionada. O campus é incrível.

– É mesmo. Assim como seu trabalho sobre o *Noctisoma*. – Ela ergueu o copo com as duas mãos e tomou um gole barulhento, de um jeito indecoroso para uma mulher que parecia tão discreta. – Achei os detalhes clínicos simplesmente fascinantes. Me conte, já teve oportunidade de conhecer nosso reitor, o Dr. Lippincott?

– O reitor? Não.

Não podia imaginar um motivo para conhecê-lo; eu não sabia dizer nem quem era o reitor da Covington Community. Talvez nem houvesse um reitor lá, então achei estranho ela me perguntar isso.

– Recomendo que marque uma hora. Ele vai gostar muito de conhecê-la, tenho certeza.

– Tudo bem. Eu não sabia que o reitor marcava horários com alunos.

– Realmente não é comum. Ele é um homem muito ocupado. Mas, para a senhorita, eu sei que ele vai abrir uma exceção.

Ela comprimiu os olhos em uma risadinha, então levou o copo à boca para tomar mais café.

– Ora, olha só quem está aqui.

Quando Spencer se aproximou de mim, Gilchrist baixou o copo e se virou para ele.

– Vocês já se conhecem? – perguntou ela.

– Já. Nós fazemos outra matéria juntos. – Ele colocou a mochila na cadeira ao lado da minha, indicando que pretendia se sentar ao meu lado naquela aula também. – Parasitologia.

Gilchrist franziu a testa e desviou o olhar de mim para Spencer.

– A aula de neuroparasitologia do Dr. Bramwell? Mas é uma turma avançada, de terceiro ano. Ele *não permite* ninguém do segundo lá.

O tom argumentativo na voz dela me soou estranho, como se eu tivesse *escolhido* estar na turma do Zangado.

– A espertinha aqui conseguiu entrar.

– O Dr. Bramwell é bem criterioso com os alunos. Não faço ideia de como conseguiu encantá-lo.

Novamente, ela abriu aquele sorriso que eu estava começando a achar tão fingido quanto o de Kendall.

– Na verdade, eu não me inscrevi na matéria dele. Fui inscrita.

Pela reação que ela teve, pareceu que eu tinha lhe dado um tapa na cara.

– Por quem?

– Não sei bem, para ser sincera. Eu fiz o login para me registrar nas matérias, e as aulas já estavam na minha grade.

– Sim, bom, a senhorita está apta a fazer a minha matéria. A dele não.

Eu dei de ombros, cada vez mais incomodada com a conversa.

– O professor Bramwell pareceu estar de acordo.

– Claro. Mas ele não é o chefe de departamento da Faculdade de Ciências Naturais. Eu que sou. Se me der licença...

A questão devia ser mais séria do que eu pensava. Com sorte, ela não solicitaria que eu fosse retirada da matéria, porque, por mais que ele fosse um babaca, eu ainda pretendia arrancar algumas respostas dele.

– A nossa grade de matérias deve estar bem parecida, né? – A pergunta de Spencer me arrancou dos meus pensamentos, e ele se inclinou para mais perto. – Na verdade, eu sou o monitor desta matéria aqui. Só pra você saber, ela às vezes é meio estranha. A mulher estuda insetos o dia todo.

Dei uma risada com o comentário, enquanto via Gilchrist fazer uma ligação e se virar para a parede, falando baixo para que não ouvíssemos a conversa.

Muito estranho.

Quando ela se virou, guardando o celular, seus olhos estavam em mim de novo. A receptividade tinha sumido e sido substituída por uma expressão fria, que me deixou inquieta.

– Vou me lembrar disso – sussurrei para Spencer. – Eu não sabia que estava burlando uma regra.

– Se Bramwell não se importa com a sua presença, não tem muito que ela possa fazer. Ele é muito próximo do reitor e dos diretores.

– Eu não quero causar nenhum problema. Só acho a aula dele fascinante.

– Fascinante? – Spencer deu uma risada e se recostou na cadeira. – Espera só pra ver. Depois de algumas festas no campus, você vai recuperar a sanidade.

Franzi a testa, com uma resposta ríspida no fundo da garganta, mas, quando Gilchrist subiu ao púlpito para começar a aula, o insulto desapareceu.

A aula de Gilchrist não foi tão cativante quanto a do Dr. Bramwell. Nem de longe. Ela era tão monótona que eu mal consegui permanecer concentrada, e minhas pálpebras pesadas do pouco sono da noite anterior logo me fizeram desejar ter levado um copo de café para a aula. A luta para ficar acordada, prestando atenção, foi maior do que a minha capacidade de absorver qualquer coisa que ela tivesse dito, e, no fim da aula, eu estava com a sensação de ter tirado um cochilo nada relaxante.

– Estou impressionado – disse Spencer, me alcançando quando saí para a minha aula seguinte. – Tenho quase certeza de que peguei no sono no meu primeiro dia de aula dela.

– Ela é uma mulher inteligente, sem dúvida, mas até robôs falam com mais entonação.

Spencer soltou uma risada e indicou um grupinho de homens passando.

– Eu a ouvi comentando alguma coisa sobre o reitor Lippincott.

– É. Ela sugeriu que eu marque um horário com ele, mas aposto que ele é superocupado.

– Eu consigo um horário pra você.

Esse cara... Se eu não achasse que ele era genuinamente legal, começaria a me perguntar sobre suas motivações.

– Você tem esse tipo de influência?

– Ele é meu pai.

Ah. Merda. De repente comecei a repassar na mente todas as nossas conversas, e tentei não me permitir ficar muito abalada com a lembrança do primeiro dia, quando ele pagou meu almoço.

– Uau. Sério?

– Não pense que é tudo isso. Meu pai é do tipo que segue regras rigorosamente. Acredite, eu não tenho privilégios.

– É por isso que você trabalha na cozinha?

– Ele insiste que eu demonstre *esforço responsável* na contribuição com os meus estudos. – Ele soltou um longo suspiro e balançou a cabeça. – Mas eu não veria problema em falar com a secretária dele.

– Se você me der o número dela, eu mesma falo. – Enfiei a mão na bolsa para

pegar o celular e reparei que não estava lá. – Ah, merda. Acho que deixei o celular na sala. Olha, eu falo com você mais tarde.

– De noite, né? No laboratório noturno?

– Isso! – gritei por cima do ombro.

Corri na direção da sala de aula, andando entre as cadeiras vazias até achar meu celular no chão. Quando me curvei para pegá-lo, vozes se aproximaram, e foi só por um instinto aleatório que me agachei atrás da fileira à minha frente. Arrependida dessa decisão, balancei a cabeça, mas, antes que pudesse me levantar, o clique de uma porta ecoou pela sala e me fechou lá dentro com quem tinha entrado.

– Meu tempo é curto. Peço que seja rápida.

Ao ouvir aquela penetrante voz de barítono, espiei entre os assentos e vi o professor Bramwell com a professora Gilchrist, que andou na direção dele, vindo da porta que tinha sido fechada.

Merda.

– Não entendo por que você a colocou em uma turma que tem pré-requisito. Como chefe de departamento desta faculdade, eu devo ser informada de qualquer exceção feita em relação aos alunos. É bem estranho, e mais ainda porque você não retornou minhas ligações.

– Peço que não confunda as coisas. Isso não tem nada a ver comigo e você.

– Claro que não. E eu sei que você é terminantemente contra o envolvimento com alunas. Por favor, me desculpe, Devryck. – Os ombros dela murcharam enquanto chegava perto. – Eu não quis desrespeitá-lo, e sei que você *nunca* se envolveria com uma aluna assim.

As minhas desconfianças sobre ele deviam fazer sentido, então. Aquele cara devia preferir transar com um livro a dar em cima de uma aluna.

– Eu só... Você se afastou do meu toque? – Com as mãos unidas, ela não ousou dar mais nenhum passo na direção dele, e o desespero em seu tom me fez balançar a cabeça. – Prometo que não vai acontecer de novo. Por favor, me dê outra chance.

Outra chance? Fiquei perplexa por ela sofrer por aquele babaca, e, como mulher, achei sofrido de ver. Eu queria pular de trás da cadeira e enchê-la de bom senso.

Ele se afastou mais, parecendo incomodado.

– Não questione minhas decisões relacionadas à minha turma. A Srta. Vespertine está inscrita porque eu permiti e porque acho que ela tem potencial.

– Sério? – Quando percebi que tinha falado em voz alta, levei a mão ao rosto

e senti o pânico se espalhar pelo meu corpo como correntes elétricas.

No entanto, quando olhei de novo, não parecia que eles tinham me ouvido. Nem olharam na minha direção, graças a Deus.

– Potencial? Aí já é exagero. Ela é inteligente, isso eu admito, mas não *tanto*, Devryck.

Destapei a boca e franzi a testa. Que coisa escrota de se dizer.

– É só isso? – perguntou ele, com ar de tédio.

– Me diz você.

– Eu te ligo se mudar de ideia.

Ai. O tom indiferente dele me deixou com pena de Gilchrist. Por mais gostoso que ele fosse, principalmente considerando que era um professor, ele tinha um lado bem rabugento.

Gilchrist fez um ruído de desdém e balançou a cabeça.

– Você é, sem a menor sombra de dúvida, o homem mais confuso que eu já conheci.

– Esse é o problema, Loretta. Você se confunde com facilidade.

Meu celular se iluminou com uma notificação e eu quase o deixei cair tentando desligá-lo. Com os olhos comprimidos, de boca fechada, esperei que um deles se aproximasse. Certamente tinham visto a luz na penumbra da sala. Certamente eu seria puxada pela nuca e expulsa, acusada de bisbilhotar.

A porta se fechou. Olhei entre as bancadas e não vi mais nenhum dos dois ali. Soltei o ar, estremecendo, e olhei para a mensagem de Jayda, perguntando sobre Angelo. Sem dúvida ela tinha visto a notícia.

Enfim, me levantei e vi que o professor Bramwell não tinha saído. Ele estava diante da fileira à minha frente, as mãos nos bolsos, parecendo furioso, como sempre.

Merda.

– Na próxima vez que a senhorita quiser bisbilhotar, talvez devesse ser mais discreta.

– Eu, hã... não pretendia ouvir nada. Só esqueci meu celular aqui.

Com uma risadinha nervosa, mostrei o telefone, como se isso provasse alguma coisa. Ele não se deu ao trabalho de responder, só me olhou como se estivesse conjurando silenciosamente a porta do inferno para poder me jogar nas chamas ardentes e encerrar o dia. Em vez disso, só se virou para ir embora.

– Professor! – Eu corri e quase deixei o celular cair. – Eu queria saber se podia fazer umas perguntas. Sobre o *Noctisoma*.

– Não tenho tempo. Meu horário de atendimento a alunos é limitado, Srta.

Vespertine. Pode marcar uma hora.

– Certo. Claro. Vou fazer isso.

Sem nem me olhar de novo, ele saiu, e eu suspirei. Que sujeito tenso! Meus pensamentos se voltaram para a conversa com Gilchrist, especificamente o elogio sutil que ele tinha feito.

– Potencial – sussurrei sozinha. – *Potencial*.

Ele sabia que eu estava ali quando falou isso? Que eu tinha ouvido? Havia um charme em um homem famoso por ser brilhante e mal-humorado fazer um elogio aleatório, como um pedaço de chocolate saboroso que eu queria saborear antes que derretesse.

Ele é um babaca, argumentou a voz dentro da minha cabeça. *Não pense demais nisso.*

Ele era mesmo. Um babaca excepcionalmente bonito e inteligente.

Suspirei de novo e fui para a minha aula seguinte.

Capítulo 18

LILIA

De acordo com a ementa da matéria do professor Bramwell, eu tinha que esperar em frente ao meu alojamento até que o ônibus do campus me buscasse. Às 23h50, fiquei meio agitada, porque, caramba, eu não queria me atrasar pra aula daquele homem. Quando estava quase desistindo do ônibus e atravessando o campus a pé, vi o brilho de faróis vindo na minha direção. Um micro-ônibus com luzes internas roxas parou. Na lateral, pintada em letras pretas, havia a palavra *Nocticadia*, e, abaixo, *Laboratório noturno*.

Nocticadia?

A coisa toda parecia meio teatral demais para algo que tinha a ver com o professor Bramwell, então imaginei que fosse algo feito pelos alunos ou pela própria faculdade. Entrei e encontrei uns vinte e poucos alunos, incluindo Spencer, que acenou para mim lá de trás.

Engoli um resmungo e fui me sentar da fileira ao lado da dele.

– Eu já estava ficando nervosa – falei, me sentando no banco acolchoado.

– Griggs nunca se atrasa. – Ele inclinou a cabeça na direção do motorista. – Nem quando neva. O cara sempre chega lá na hora.

– Você já fez essa matéria?

– Praticamente. Fiz o pré-requisito do Bramwell, semestre passado. O laboratório era o mesmo.

– O que é Nocticadia? – perguntei, olhando pela janela quando o ônibus parou para que mais dois alunos de Hemlock Hall entrassem.

– É como chamamos o laboratório noturno. Uma brincadeira com *Noctisoma*.

– Ah. Certo. E por que noturno?

– É quando os parasitas ficam mais ativos.

De alguma forma, vi sentido nisso. Eu lembrava que, quando doente, minha mãe sempre parecia mais ativa à noite. Andando pela casa para pegar comida ou ficando acordada para ver televisão. Uma vez, acordei e a vi comendo um hambúrguer cru e quase surtei. Ela tinha desejos esquisitos assim com frequência, depois que todo mundo tinha ido dormir.

Duas paradas depois, o ônibus chegou à Torre Emeric, onde todo mundo saiu. Eu segui o grupo, que obviamente sabia aonde estava indo, e descemos um lance de escadas. Descemos três andares antes de finalmente chegarmos a uma porta dupla e entrarmos em uma sala com pé-direito alto abobadado e bancadas de madeira em que velas tinham sido acesas. Eu nunca tinha estado em um laboratório iluminado por velas. Bicos de Bunsen, sim, mas nunca velas.

Livros e potes com amostras, frascos e béqueres ocupavam as paredes da sala, que refletia um brilho roxo suave, emitido por tanques grandes distribuídos por toda a sala. Em cima das bancadas havia gaiolas cobertas de tela que prendiam borboletas roxas brilhosas, que não paravam quietas. Embora tivesse equipamentos modernos, o local era diferente de qualquer laboratório em que eu já tivesse trabalhado. Parecia saído de um filme de ficção científica.

– Bem-vinda a Nocticadia – disse Spencer, ao meu lado, enquanto eu assimilava toda a estranheza. – É aqui que estudamos a mariposa-sominyx e propagamos *Noctisoma*.

– Mariposa-sominyx? – Voltei o olhar para as gaiolas. – Isso aí são *mariposas*?

– São. Estranho, né? Originalmente elas são pretas, mas, quando estão infectadas por *Noctisoma*, ficam roxas. Elas são noturnas e dormem durante o dia.

– É por isso que o laboratório é tão tarde.

– Isso e, como comentei antes, o parasita gosta de festejar depois que o sol se põe.

– Como eles sabem que o sol se pôs, se ficam aqui embaixo? – perguntei.

Spencer deu de ombros.

– Evolução, eu acho. Ou seria adaptação? – Ele franziu a testa e bateu no queixo. – De alguma forma, eles sabem.

Fascinada, fui na direção de um domo em outra bancada e olhei para as mariposas lá dentro. Sim, de perto eu via os traços mais grossos e peludos que diferenciavam mariposas de borboletas. As asas roxas praticamente brilhavam contra as linhas pretas e finas, que pareciam veias. Na penumbra, quase não dava para ver detalhes, então acendi a lanterna do celular para enxergar melhor.

Uma mão rápida a cobriu, e quando me virei deparei Spencer ao meu lado.

– Elas são sensíveis à luz.

Assim que ele falou isso, eu me virei e vi os olhos reflexivos e brilhantes de uma mariposa me encarando enquanto enfiava um apêndice fino, que eu achava que era um probóscide, pelo buraco da tela. Lembrou o jeito como os olhos da minha mãe ficaram nos estágios finais da doença, e como ela quase sibilava quando eu acendia a luz do quarto.

– Desculpe. Eu não sabia.

– É por isso que usamos velas. A luz natural das velas e luz bioluminescente não incomodam, mas qualquer coisa fluorescente ou ultravioleta, luz de celular, nada disso pode. Elas ficam agressivas e isso dificulta o trato.

No canto do domo havia um prato contendo o que parecia ser um pedacinho de carne.

– Aquilo é... carne?

– É. Elas não gostam muito de coisa doce. Essa turminha aí gosta de carne crua e sangrenta.

Que também estava entre os desejos da minha mãe. Estranho.

Olhei para o probóscide e me perguntei se era forte o bastante para romper as luvas e a pele.

– Eu nunca ouvi falar de algo assim em uma mariposa.

– É por causa da infecção. Sem isso, elas costumam ser bem dóceis, na natureza.

– Elas estão infectadas com vermes *Noctisoma*?

– Sim. Bramwell vai falar disso na aula, mas elas são o hospedeiro primário, como os grilos mórbidos dele. Mas não se preocupe. Nós só mexemos nelas com luvas. É no estágio de larva que estamos interessados mesmo.

– Você os viu? Os vermes?

– Vi. Vem cá. – Com um movimento de cabeça, ele me levou até um tanque na parede, que brilhava em roxo. – Tem uma bactéria bioluminescente na água. Não faz mal aos vermes.

Mais de dez vermes pretos compridos e finos se remexiam no chão do tanque, e meu queixo caiu quando me inclinei para olhar melhor.

Os vermes. Os mesmos que vi saindo da minha mãe.

Reais.

Era intrigante vê-los tão à vontade no tanque. Menos parecidos com os monstros que eu tinha construído na minha cabeça.

Socorro!

Mãe!

Com a lembrança, eu me encolhi e afastei o olhar, e vi Spencer apontando para alguma coisa. Segui o dedo dele até uma mariposa no fundo do tanque. O movimento ocasional das asas me fez ver que ainda estava viva.

– Ela não se afoga?

– Só os machos se afogam. As fêmeas, em geral, afundam na água para botar ovos. Quando depositam rápido, conseguem sobreviver.

Franzi a testa, cheguei mais perto e vi montinhos de ovos saindo da mariposa e sendo depositados na superfície de vidro.

– Depois que botam os ovos, elas vão até as groselhas-negras na superfície.

Olhei para cima e vi o que pareciam ser pequenas ninfeias na superfície da água, onde havia frutinhas presas nas pétalas.

– É assim que as larvas se espalham, né? As mariposas comem as frutas.

– É. A menos que Bramwell recolha todas as frutas infectadas.

– Pra quê?

– Muito bem, turma, encontrem um lugar para sentar para podermos começar! – disse Ross, o cara que eu lembrava ter visto na aula teórica do professor Bramwell.

Ele estava na frente da sala, tirando uma pilha de cadernos da bolsa carteiro em cima de uma das bancadas vazias, e depois os distribuiu entre todos. Eu escolhi a bancada no fundo da sala, de onde viam-se facilmente o tanque reluzente e a mariposa que abriu caminho até a superfície da água.

Ross jogou um dos cadernos na bancada e eu olhei as páginas, que continham quadradinhos vazios para datas, descrições e anotações.

– Vocês vão registrar tudo em detalhes. – O som da voz do professor Bramwell levou minha atenção de volta para a frente da sala, onde ele estava parado com um ar de autoridade que me deu um frio na barriga.

Apoiei a mão sobre a região, incomodada com o que tinha sentido.

– Se não atualizarem os registros, o resultado é dispensa automática. Ross vai cuidar do laboratório, e todas as perguntas devem ser dirigidas a ele, não a mim. – Ele olhou para mim, permaneceu assim por um momento, depois contornou a mesa. – Eu tenho horas de atendimento exclusivas para questões gerais. Sugiro que marquem com antecedência, ou não serão atendidos.

Sem dizer mais nada, ele passou, o olhar fixo no meu. Uma mistura deliciosa de café e colônia almiscarada ficou no ar.

Quando Ross começou a aula, eu me virei e vi o professor Bramwell sair por uma porta nos fundos da sala.

– Aquela porta dá pra onde? – sussurrei para Spencer, que estava na bancada à minha frente.

– Pro porão. É onde fica o laboratório de pesquisa dele. O necrotério também fica lá. O acesso é proibido.

– Quer dizer que ninguém nunca foi lá escondido? – Não era possível que a única curiosa o bastante para considerar uma coisa dessas fosse eu.

– Não dá. Tem uma porta de aço que ele mantém trancada.

– E por que tanto segredo?

Spencer se virou para trás e abriu um sorriso.

– Há muitas teorias sobre isso. Alguns acham que ele tem um laboratório estilo Frankenstein lá embaixo, para reanimar seus amiguinhos cadáveres.

Soltei uma gargalhada e baixei o olhar quando Ross se virou na minha direção.

– Outros dizem que ele está trabalhando em um projeto secreto do governo. Ninguém sabe ao certo.

– Mas você disse que ele leva as larvas pra lá, não disse?

– É. De vez em quando, ele pega umas frutinhas e some com elas.

– Interessante.

Então ele não ficava só abrindo cadáveres no porão. Ele estava estudando o parasita também, o que me fez me perguntar se ele estava trabalhando em uma cura.

Se sim, eu precisava fazer parte daquilo. Desde a morte da minha mãe, meu único motivo para estudar ciências e medicina girava em torno de descobrir o que a acometera naquelas semanas anteriores à morte.

Ao longo da hora seguinte, fiquei lançando olhares para a porta, me perguntando se Bramwell voltaria. Ele não voltou, o que só aguçou ainda mais a minha curiosidade e distraiu meus pensamentos. No fim das contas, observar as mariposas só ocupava uma pequena fração do tempo de laboratório. Passamos a maior parte da hora preparando colorações, vendo fragmentos de *Noctisoma* por um microscópio e preenchendo placas de ágar. Não foi o evento mais emocionante da minha vida.

Mas inspirou um objetivo para o semestre:

Descobrir o que Bramwell fazia naquele laboratório.

Capítulo 19

DEVRYCK

Havia começado como uma pesquisa sobre o quanto a minha nova aluna seria um pé no saco, mas acabei intrigado. Uma investigação rápida mostrou que Lilia era ao mesmo tempo inteligente e atlética, pelo menos segundo um anúncio escolar de Covington High que a listava como melhor aluna e oradora da turma e campeã estadual de atletismo. Mas fiquei curioso para saber mais.

Ainda não tinha me dado ao trabalho de ler sua dissertação sobre o parasita fictício que, ao que parecia, tinha feito com que conseguisse uma vaga na minha turma, mas, em um esforço de saber mais sobre a garota, eu pedira à secretária de Lippincott para me mandar o arquivo dela. Passei os olhos pelo estudo de caso e, quando li a parte da progressão de sintomas, me inclinei para a frente na cadeira e franzi o cenho.

Aversão à luz. Sede intensa. Brilho nos olhos. Episódios de paranoia.

Ela relatou uma tatuagem de borboleta logo acima do umbigo da paciente, pela qual uma mãozinha passava, segundo a paciente. Ilusões estranhas que eram comuns nos infectados.

Até a linha do tempo de eventos batia perfeitamente com a da noctisomiase.

Embora parecesse faltar conhecimento sobre o organismo, o que fazia sentido, pois não havia muita coisa publicada sobre ele, achei interessantes as observações dela sobre a fisiologia. Durante a leitura do trabalho, eu não tinha reparado em nenhuma menção a algum sintoma significativo: a vonyxsis. O escurecimento das hemácias, nos estágios finais, era devido à falta extrema de oxigênio, causada por uma proteína que os vermes produziam. Na paciente descrita, Lilia tinha notado febre e fadiga muscular, e por conta disso

administrou um sal mineral de tecido conhecido como *ferrum phosphoricum* – um sal celular transportador de oxigênio que teria destruído o subproduto da proteína. Ao fazer isso, ela tinha evitado a vonyxsis e possivelmente prolongado a vida da paciente em mais umas duas semanas.

Impressionante.

Não era inédito que pacientes infectados com o parasita aparecessem de tempos em tempos, mas em geral eram casos isolados, e só na ilha. Os médicos do continente, que ignoravam o parasita como patógeno humano, nunca faziam a conexão. Como a garota tinha encontrado um caso assim era um grande mistério. Wilkins, seu antigo professor, desconfiava que a paciente do estudo fosse a mãe de Lilia, pois ela não tinha se dado ao trabalho de identificá-la.

Peguei o computador e digitei o nome dela na ferramenta de busca.

O obituário de uma mulher chamada Francesca Vespertine apareceu, e Lilia era listada como parente viva, junto com a meia-irmã, Beatrix. Não havia nenhuma fotografia. Nenhuma outra informação.

Com o nome da mãe, entrei na minha conta do PathNet, que me dava acesso ilimitado a relatórios de legistas e de autópsias, desde que estivessem arquivados direito. Uma busca rápida apontou o arquivo de Francesca, e uma olhada no relatório do legista revelou que ela tinha cometido suicídio na banheira. Tinha cortado os pulsos, ao que parecia, um fator que *não* condizia com pacientes de noctisomiase. Na minha experiência, os infectados tinham um senso forte de autopreservação até o parasita estar pronto para ejetar, o que em geral resultava em afogamento. Entretanto, a autópsia também não listava nenhuma outra patologia esclarecedora.

Se tomasse só isso como base, poderia até achar que o relatório do legista e o estudo de caso de Lilia eram de duas pessoas diferentes, só que olhei para baixo e reparei na mesma tatuagem de borboleta coberta de pequenas lacerações, onde ela sem dúvida tinha se arranhado. Não reconheci o nome do legista, mas, se a paciente havia manifestado todos os sintomas que Lilia detalhara, ele tinha omitido sinais óbvios que estariam presentes em uma autópsia. O mais notável eram as estriações nos ossos e a decomposição do fígado.

A descoberta me fez desconfiar se ele não tinha alterado o relatório.

Se fosse esse o caso, teria sido para encobrir alguma coisa.

Esse pensamento me fez pensar sobre como Francesca Vespertine teria sido infectada.

Com sorte, Lippincott continuaria relapso e não leria o estudo de caso nem investigaria a mãe de Lilia. Era fato que eu não tinha intenção de compartilhar

minhas descobertas com ele. A garota tinha acabado de conseguir uma vaga na minha lista de curiosidades, o que mantinha o segredo dela em segurança. Ao menos por um tempo.

Meu celular tocou ao meu lado, e vi o número de Langmore piscando na tela. Franzi a testa e atendi.

– Dr. Bramwell, peço desculpas pela interrupção, mas acabei de receber uma ligação da Dra. Gilchrist pedindo que eu retire imediatamente a Srta. Vespertine da sua turma teórica e também do laboratório.

– Com base em quê?

– Ela alega que a aluna não tem preparo para acompanhar a matéria e que não fez o pré-requisito obrigatório. Eu, particularmente, achei que ela tinha uma boa base no assunto, mas peço desculpas por ter passado por cima de você. Antes de seguir em frente, queria saber sua opinião.

Saber minha opinião. Tive vontade de rir. O homem devia estar se mijando inteiro na calça naquele momento.

– Sim, claro – respondi cordialmente, segurando a raiva que enrijecia meus músculos. – Me permita compartilhar meus pensamentos. A Dra. Gilchrist precisa parar de se meter nas minhas questões. Eu aprovei a matrícula da Srta. Vespertine. Fim da história. Se Gilchrist tiver problema com isso, pode vir falar comigo. Diretamente.

A mulher não ousaria fazer isso. Era uma surpresa ter tido coragem de falar com Langmore, para começo de conversa, a menos que ela realmente achasse que eu não me importaria. Se fosse qualquer outro aluno, talvez eu não me importasse mesmo. Mas algo naquela aluna me deixava intrigado a ponto de desafiar a chefe do departamento.

– Muito bem. Vou manter a vaga dela e informar sua decisão à Dra. Gilchrist. Agradeço a atenção.

– Certo. Obrigado.

Desliguei o celular, irritado com o fato de a mulher ter a ousadia de agir pelas minhas costas assim. Claramente, ela ainda guardava rancor pelo que tinha acontecido entre nós. E quis me passar a perna tentando retirar Lilia da minha turma discretamente. A audácia me enfureceu, e que bom que Langmore tinha me procurado. Claro, eu desconfiava que ele soubesse o que podia acontecer se não me consultasse. Ninguém tocava no que era meu sem arcar com as consequências.

A minha turma.

Os meus requisitos.

A minha aluna.

Sem dúvida, Lilia Vespertine seria uma dor de cabeça gigantesca. Mas ela era *minha* dor de cabeça.

Capítulo 20

LILIA

Como era possível que, quanto mais eu observasse, menos eu soubesse sobre aquele homem?

Quatro dias tinham se passado e, em um campus que abrigava milhares de alunos e funcionários, eu tinha conseguido descobrir o paradeiro do Doutor Morte. Além de neuroparasitologia, ele dava aula de patologia anatômica para o quarto ano e no mestrado, o que parecia ocupar a maior parte de suas tardes, além de fazer visitas ocasionais ao prédio da administração, onde eu achava que ele tinha reuniões de funcionários. Toda manhã, precisamente às sete, ele podia ser visto correndo perto da torre do relógio, fazendo o circuito habitual do campus, quatro voltas, o que dava uns 16 quilômetros. Não que eu tivesse tempo para acompanhar cada segundo do dia dele, claro. Eu tinha muito a fazer, mas ele raramente passava sem que eu notasse.

Aquele dia foi a exceção.

Alguns alunos tinham ido passar o fim de semana em casa, mas eu havia ficado. A última coisa que eu queria era voltar e me envolver naquele show de horrores do Angelo, embora a situação parecesse ter se acalmado na semana anterior.

Eu tinha permanecido a manhã toda no refeitório, na biblioteca e em um dos cafés do campus, e em nenhum momento vira o professor Bramwell entrar ou sair da Torre Emeric, então me perguntei se ele estaria fora da ilha também.

Como fazia 20 graus, uma temperatura agradável, decidi pegar uma das bicicletas do campus e dar uma volta. Minha carteirinha me deu direito a alugar uma bicicleta por seis horas. Considerando os 30 quilômetros de comprimento da ilha, eu desconfiava de que precisaria desse tempo inteiro.

Depois de um interrogatório de cinco minutos com o porteiro, que insistiu em saber aonde eu ia, quando ia voltar e se planejava me encontrar com alguém, saí pelo portão do campus. A bicicleta acelerou por uma estrada estreita meio apavorante, íngreme o bastante para que eu pudesse manter a mão longe do freio, nervosa e com medo de tombar para a frente. O caminho que passava pelo meio da floresta descia pela encosta e, quando cruzei longas áreas cheias de árvores, me perguntei como voltaria sem lesionar os músculos das coxas.

Áreas amplas de floresta se abriam em volta de ocasionais casas no estilo chalé, prédios adoráveis do século passado, com telhados arredondados assimétricos e frontões inclinados que me davam a sensação de ter caído em um pequeno país europeu. As propriedades em Covington eram dos estilos tradicionais de bangalô e Cape Cod, enquanto as da ilha eram chalés bonitinhos de contos de fadas, cobertos de hera, com arcos de madeira cheios de flores coloridas.

Toda a ilha tinha uma aura mágica, diferente de qualquer lugar que eu já tinha visitado. Assim como a própria universidade, passei a gostar dela rapidamente, como o professor Wilkins tinha previsto.

A primeira semana de aulas passou voando. Eu gostei das aulas, até as temidas matérias de cálculo e fisiologia quantitativa, e finalmente comecei a me adaptar à nova rotina. Uma mudança estranha e bem-vinda. Os dias tentando conciliar as aulas com um emprego de tempo integral tinham dado lugar a longas sessões de estudo e de exploração. Trajetos tensos de metrô à noite, cercada de estranhos, foram trocados por micro-ônibus com rostos familiares, todos com objetivos em comum. Embora eu soubesse que ainda tinha que arrumar dinheiro para a escola de Bee, não sentia mais o peso enorme disso me sufocando.

Alguns quilômetros à frente, passei por uma placa que dizia *Emberwick* e entrei no que parecia ser um vilarejo à beira-mar; uma cidadezinha encantadora paralela a um calçadão e ao azul infinito além. À direita, águias voavam acima do píer que se estendia por dezenas de metros na direção dos poucos barcos de pesca ancorados na água. Os pneus da bicicleta quicavam nas pedras envelhecidas enquanto eu admirava as lojas com fachadas de tijolos cobertas de hera nos dois lados da rua. Apesar de alguns veículos passarem, a maioria carrinhos de dois lugares, as grades para bicicletas na frente das lojas estavam lotadas; sem dúvida, era o principal meio de transporte da maioria dos habitantes da ilha.

Quando vi a loja de boticário, reduzi a velocidade e avistei um lugar em uma

das grades na frente. Depois de estacionar, espiei pela vitrine da loja ao lado do boticário, chamada Glaucus, um lugar que parecia vender amuletos da sorte para pescadores e viajantes marítimos. Havia badulaques expostos na vitrine, uma variedade de medalhões entalhados, pedras, anzóis e um artefato que parecia um cordão de ossinhos. Um suporte de livros ao lado da porta exibia livretos sobre folclore dracadiano, e peguei um quando reparei na palavra *Grátis* escrito em um pedaço de papel preso ao suporte.

Ao folheá-lo, vi uma breve descrição de diferentes histórias: "Sirenas da Baía dos Ossos", "O Cazanuto", "Mangudarme do Poço do Diabo", "Nereidas do Lago Squelette"... Todas ambientadas em locais variados na ilha. O local tinha tantas histórias e lendas que eu poderia passar horas estudando.

Guardei o livreto na bolsa para ler depois e entrei pela porta velha de madeira do Boticário Mar Salgado. Fui recebida pelo som de um sino e pelo cheiro delicioso de gengibre. Velas ardiam por toda a loja, e uma parede de potes se destacava à direita, cheios de todos os tipos de fluidos coloridos. Elixir de matcha ginseng. Cogumelo juba-de-leão. Maca. Moringa. Peguei um dos potes para examinar a transparência do líquido dentro, que parecia cristalino.

– Posso ajudar com alguma coisa? – disse uma voz atrás de mim, e me virei para encontrar uma mulher mais velha impressionante, com olhos amendoados profundos e cabelo grisalho, cuja pele brilhava em sua perfeição atemporal. Ela franziu a testa ao me encarar. – Nossa, você parece uma pessoa que eu conheci.

– Pareço?

– Parece. Você por acaso conhece alguma Vanessa Corbin?

– Não, infelizmente não.

Uma expressão de surpresa surgiu nos olhos dela. A mulher balançou a cabeça.

– Você é a cara dela.

Abri um sorriso e dei de ombros.

– Dizem que todo mundo tem um sósia no mundo.

– Bom, eu a conheci uns vinte anos atrás, então desconfio que ela não seja tão idêntica assim agora. – Ela se virou na direção de uma pequena coleção de potes em uma mesa atrás de si e os guardou em uma das prateleiras próximas. – Você mora em Dracadia?

– De certa forma. Estou estudando lá. – Peguei um dos sabonetes e, ao botá-lo de volta na mesa, senti aquele aroma delicioso de novo. – De onde vem o gengibre que estou sentindo?

– Ah, é só um chá de pedra negra que eu fiz mais cedo.

– Chá de pedra negra?

Eu tinha frequentado algumas lojas holísticas, em Covington, mas nunca tinha ouvido falar daquilo.

– Sim, é um chá originário daqui. Demora um pouco para ser preparado, mas cura qualquer aflição.

– Tem para vender?

Não que eu tivesse muito dinheiro para gastar, mas sempre ficava de olho em coisas que pudessem afastar as viroses das estações. Com o inverno chegando, era melhor começar a trabalhar na minha imunidade.

– Ah, não. Dá trabalho demais para vender. Mas que tal se eu te der uns saquinhos?

– Sério? Eu posso pagar.

– Não, não. Tudo bem. – Ela balançou a mão e foi na direção da registradora. – Eu não recebo muitos jovens aqui – disse ela, remexendo em algo abaixo do balcão, só o topo de sua cabeça visível.

– A minha mãe sempre gostou de ervas medicinais. Nunca tomou uma aspirina na vida.

A mulher franziu a testa e se levantou, segurando um sachezinho branco que parecia preenchido por cristais pretos.

– Tem certeza de que você não conhece Vanessa Corbin?

– Absoluta.

– Que estranho. Ela e a mãe eram antigas clientes minhas. Vanessa amava chá de ervas e bala de mel. Aqui, tome duas para você experimentar. – Em uma tigela no balcão, ela pegou duas balas douradas enroladas em plástico e as colocou em um saquinho. – E aqui está o chá.

Depois de exibi-lo por um momento, ela colocou o sachê no saquinho com as balas.

– É só colocar água quente, um pouco de gengibre e mel, e você vai se sentir no paraíso. Pode até colocar a bala de mel dentro. É só mel cru endurecido com um toque de sabugueiro. – Ela fingiu estremecer e sorriu. – Muito bom para as noites frias de inverno.

– Muito obrigada – falei, aceitando o saquinho. – Por que o nome é pedra negra?

– Porque são extraídas das rochas na Baía dos Ossos. E é por isso que nós não vendemos. É perigoso tentar chegar lá.

– Perigoso? É protegida por dragões, por acaso?

– Por tubarões mesmo. A pessoa tem que mergulhar no Poço do Diabo. Meu

neto conhecia aquelas cavernas submarinas como a palma da mão. Mas é local de nascimento de alguns dos maiores tubarões. Tubarões *lendários.*

Eu nem conseguia me imaginar mergulhar em um lugar chamado *Poço do Diabo*, menos ainda sabendo que ninhadas de tubarões aguardavam por lá.

– Ele é um encantador de tubarões, por acaso?

O sorriso dela sumiu e a mulher baixou o olhar.

– Ele faleceu alguns anos atrás.

– Ah, sinto muito.

Com um suspiro, ela olhou ao longe por um momento, então sorriu de novo.

– Mas sim, e é por isso que o irmão dele me traz umas pedras negras de vez em quando.

Olhei para o que havia no meu saquinho, só um sachê pequeno, mas, considerando o perigo para obter as pedras, eu não achava mais certo aceitar.

– Tem certeza de que quer me dar isso? Não quero que fique sem suprimento.

– Eu insisto.

– Bom, nesse caso, vou levar um pouco do de matcha e ginseng também.

– Ótimo. – Com uma piscadela rápida, ela pegou uma caixinha de matcha na prateleira atrás e somou a mercadoria para mim. Quando terminou, me deu um saco um pouco maior com tudo que eu tinha comprado. – Vê se não some, hein?

– Ah, eu vou voltar, com certeza.

Na saída da loja, vi alguns mapas de Dracadia e, quando parei para pegar um, reparei em um pôster ao lado da estante. Mostrava um homem procurado pela polícia por violentar brutalmente o filho e que acreditavam estar escondido na ilha. Pôsteres de *Procurado* e de *Desaparecido* decoravam todos os quadros de avisos em Covington, então ver mais um do tipo não era nada especial. Só não combinava com a ilha.

O cabelo grisalho fazia o homem parecer ter uns 40 e poucos anos, e os olhos castanhos fundos me deram arrepios. Ele tinha *cara* de abusador de crianças. Olhei para o nome. Barletta. Não reconheci, mas o que me chamou a atenção foi a semelhança com Angelo, por algum motivo. Aquela aparência desgrenhada de criminoso.

Isso me fez pensar na minha casa. Não tinha notícias de Conner desde a ligação, e mais nada havia saído no noticiário. Com sorte, as coisas esfriaram.

Ao lado de Barletta havia um pôster de *Pessoa desaparecida* cujos cantos estavam meio curvados, como se fosse meio antigo. Uma loira de olhos azuis me encarou: Jennifer Harrick, a garota que tinha sumido. Sobre quem Mel tinha me contado, no meu primeiro dia.

Me sentindo sombria, saí da loja e subi na bicicleta. Depois de guardar as coisas na cestinha de vime, abri o mapa. A rua principal contornava a ilha e dava do outro lado da universidade, onde eu esperava que o solo tivesse menos inclinações. Seguindo por uns 15 quilômetros, no lado oposto da ilha, ficava a Baía dos Ossos. Saí pedalando em um ritmo tranquilo na direção da minha parada seguinte.

O vento soprava meu cabelo e senti gosto de maresia quando o inspirei. Um calor agradável se espalhava pela minha pele onde os raios de sol tocavam; era o primeiro dia ensolarado daquela semana na ilha. Novamente, eu me vi pensando em quanto a minha vida tinha mudado em poucos dias. Como eu tinha ido de carregar um canivete e voltar correndo para casa no escuro para um passeio tranquilo de bicicleta à beira-mar.

A sensação de liberdade me assustou um pouco, como se eu tivesse me tornado ingênua e relaxada. Afinal, o local ainda não tinha conquistado totalmente a minha confiança, e não fazia sentido que eu me sentisse tão à vontade ali. Nem tinha levado o canivete no passeio; deixei-o na escrivaninha do alojamento. Conner teria me chamado de burra pelo deslize.

Depois da morte da minha mãe, eu tinha conquistado certas liberdades que não tinha quando menor, mais por necessidade. Conner precisara de ajuda com o aluguel, então eu tive que arrumar um emprego, e, como eu estudava de dia, precisava trabalhar à noite, até tarde. Como Conner tinha perdido a carteira de motorista por ter sido pego dirigindo bêbado várias vezes, tive que contar com o transporte público. Era um tipo mais assustador de liberdade. Um tipo que eu não fazia questão de ter, mas, novamente, foi necessário.

Eu havia sido jogada em um mundo que teria me devorado viva se eu não tivesse aprendido a navegar nele rapidamente, muito jovem. Cheguei a achar que devia agradecer a Conner por isso, já que tinha sido ele a me dar o maior empurrão para a idade adulta, mas, sinceramente, considerando a mãe que eu tive, e a vida que vivi, é bem possível que eu já viesse me preparando para aquilo a vida toda.

Não demorou para que a estrada sinuosa fizesse uma curva junto a uma série de penhascos, e cheguei a uma placa velha e torta que dizia *Baía dos Ossos*, com um corvo rudimentar entalhado na madeira. A uns 100 metros dali, um arco de árvores de galhos finos criava um túnel acima de uma escadaria comprida que descia. Peguei o celular no bolso e tirei uma foto rápida, pensando em como seria encantador se o local fosse decorado com luzes.

A escada rangeu e estalou enquanto eu descia até onde o túnel se abria em

pinheiros verde-escuros e dunas de areia branca que se afunilavam até a margem rochosa da enseada.

Aves pretas, corvos ou gralhas, eu não sabia quais, tinham se acomodado nas árvores e na margem. Eram muitas. No fim da escadaria havia uma placa que pedia que eu não alimentasse os pássaros e que evitasse a ponta sul da enseada durante o fim do inverno, pois era onde eles podiam ser mais agressivos.

Pisei nas pedras da enseada e duas aves levantaram voo. À minha frente havia a amplidão do mar, lindo e totalmente apavorante. Ondas dóceis vieram na minha direção, mas eu recuei, sem permitir que a água me tocasse. Talvez um dia ousasse molhar os pés, mas certamente não naquele. Não diante do risco de ser puxada pela água e não ter ninguém para se preocupar nem pensar em me procurar.

Com os penhascos em volta e as árvores atrás, a praia tinha uma tranquilidade pacífica. Segui a curva da enseada na direção de uma rocha, e ali um som ecoou acima de mim. Por um breve momento, pensei no pôster de *Procurado* que tinha visto na cidade.

E se fosse o abusador de crianças? E se ele estivesse escondido naquele bosque?

O meu lado garota da cidade suplicou para ir embora enquanto eu me repreendia por não ter levado meu canivete.

Um vislumbre de movimento atraiu meu olhar para o pico achatado da rocha, onde uma figura musculosa, de camiseta preta bebia de uma garrafa de água e olhava para o mar.

Curiosa, subi o trecho de rochas irregulares, tomando cuidado ao pisar. Assim que cheguei ao topo, a visão ficou mais nítida, e identifiquei o professor Bramwell a uns 25 metros de distância.

Levei a mão à boca e me enfiei atrás de uma pedra com um arquejo de surpresa. Não que eu estivesse chocada de ver alguém em uma praia *pública*. Era por causa da *pessoa* que eu tinha visto. Ao ouvir passos se afastando, espiei por cima da pedra e o vi parado, segurando algo na mão. O sol reluziu na superfície de aço.

Uma lâmina.

Ele recuou o braço e a atirou na direção das árvores. Do chão, pegou outra lâmina e a arremessou também.

Foquei no alvo do arremesso e vi que a primeira tinha acertado o meio do tronco, a segunda logo ao lado. Vi-o arremessar uma terceira, que se cravou ao lado das outras duas.

Mas não foram as facas que chamaram minha atenção. Sob as camisas de botão despretensiosas que ele usava para dar aula, o homem tinha um corpo escultural que retesava o tecido da camiseta. Junto com o estado desgrenhado do cabelo normalmente perfeito e a calça jeans casual, baixa nos quadris, ele me deixou hipnotizada.

Fiquei babando pelo meu professor.

Para, Lilia.

Eu me senti uma predadora olhando para ele.

Ele manuseava a arma com tanta facilidade que só pude concluir que praticava com frequência. Um hobby? Provavelmente adequado para um homem que vivia cortando corpos.

Um arrepio desceu pela minha espinha quando esse pensamento se firmou na minha cabeça. Um ser humano normal talvez tivesse a necessidade de sair correndo, pois quem ia querer acabar em um penhasco rochoso na floresta com um homem que cortava cadáveres à noite? Um homem que parecia excepcionalmente habilidoso com suas armas.

Eu, ao que tudo indicava, continuei olhando, vendo-o arremessar mais algumas vezes, se movendo e girando, sem errar o alvo sequer uma vez. Por motivos que eu não era capaz de explicar, fiquei hipnotizada pela habilidade dele.

Confusa, mas fascinada.

Ofegante, com uma camada de suor cobrindo o pescoço e os braços, ele arremessou mais uma faca e se virou para a beira do penhasco, na direção oposta à minha, onde uma ponta de pedra se projetava para o mar. Na hora que ele segurou a barra da camisa, como se fosse tirá-la, eu me abaixei.

Ai, meu Deus.

Meu cérebro me mandou ir embora e dar privacidade ao sujeito, mas, quando me levantei da pedra para verificar se ele não me veria sair, ele não estava mais lá. Só as roupas empilhadas.

Avancei, disparando pela descida irregular, até ter um vislumbre das pernas dele entrando na água. Voltando o olhar para o alto do penhasco, calculei uma queda de uns 15 metros ou mais.

– Ah, merda!

Desci a pedra correndo até a margem rochosa para procurá-lo. Segundos se passaram e a percepção horrenda de que eu podia ter acabado de ver o homem saltar para a morte me abalou.

Pelo amor. Não esteja morto. Não esteja morto.

Mais ao longe, a cabeça dele surgiu na água. A distância da margem me

causou um arrepio na espinha quando imaginei a profundidade lá e que criaturas podiam se esgueirar abaixo.

Fechei os olhos com força, a respiração trêmula e, quando ele começou a nadar de volta para a pedra, decidi que já tinha sido emoção demais.

Novamente, observá-lo só me deixara mais perplexa.

Quem era aquele homem?

Enquanto subia a escada de volta na direção da minha bicicleta, decidi que as perguntas nunca seriam respondidas se eu ficasse apenas olhando de longe. Eu precisava chegar mais perto.

Isso significava que eu precisava marcar a temida reunião.

Capítulo 21

LILIA

Levei uma semana para conseguir marcar uma reunião com o Dr. Bramwell. O cara nunca respondia aos e-mails nem atendia ao telefone indicado no programa. Ao me lamentar com Jayda, ela me disse para *ser ousada* na hora de lidar com homens em posição de poder. Então, cinco minutos depois de a aula dele começar, fui atrevida e perguntei se podia marcar um horário, e, em resposta, ele me lançou um olhar fulminante.

E aí aceitou se encontrar comigo depois da aula.

Com as mãos suadas, eu o segui da sala de aula até seu escritório. Meu estômago estava embrulhado, e, por mais delicioso que o perfume dele fosse, só serviu para aumentar a minha náusea.

Mantive os olhos focados nas salas ao redor para me impedir de olhar o movimento da bunda dele na calça preta. Eu sabia que ele tinha uma bunda firme por causa do que tinha visto naquela calça jeans colada que ele estava usando no penhasco.

Para, Lilia!

Fiz uma careta e insisti mentalmente para que meus globos oculares não voltassem para olhar de novo, mas esse era o problema do meu cérebro: depois que eu pensava, não conseguia voltar atrás, e eu logo me via em um jogo perigoso de tentar ignorar o assunto.

Finalmente, chegamos à sala dele, onde Bramwell enfiou uma chave de aspecto antigo em uma fechadura de ferro preto e abriu um pouco a porta. O lugar era relativamente pequeno, mas cheio de textos e periódicos médicos em pilhas organizadas na mesa e no chão.

O homem gostava de arrumação.

Eu me sentei em uma das cadeiras quando Bramwell se sentou à minha frente.

– Srta. Vespertine, reservei quinze minutos para esta reunião. Faça com que valham a pena.

Eu não perdi tempo.

– Eu soube que a noctisomiase é rara em humanos. Como se deu o primeiro caso de infecção?

Ele relaxou na cadeira, entrelaçou os dedos e me olhou, e percebi naquela hora que eu não tinha calculado quanto seria intenso ter a atenção exclusiva dele. Como seria envolvente e ameaçador ao mesmo tempo.

– Eu vou falar sobre a história do *Noctisoma* em uma aula futura.

– Eu sei, e estou ansiosa por essa parte, mas, de acordo com o seu programa, será só em dezembro.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– E daí?

– Bom, eu pergunto por motivos pessoais.

Principalmente porque a matéria tinha a duração de dois semestres, e eu talvez não tivesse a informação de que precisava se não conseguisse bolsa para um segundo semestre. Ele pareceu irritado e suspirou.

– Na era colonial, acreditava-se que a doença tinha sido espalhada pelos indígenas, que disparavam as larvas usando zarabatanas nas pessoas que consideravam uma ameaça. É difícil dizer quantos casos emergiram depois da queda da tribo, pois a ilha ficou abandonada por vários anos. Ressurgiu uns trinta anos atrás, quando um andarilho que acampou na floresta encontrou as groselhas-negras e as comeu.

– O senhor está trabalhando em uma cura, não está? No seu laboratório. É por isso que pega as larvas?

Ele me encarou em silêncio por um momento, e, por mais que eu quisesse desviar o olhar, porque o sujeito era intimidador pra cacete, não fiz isso.

– Suas perguntas começaram a cruzar uma linha delicada, pois têm a ver com as *minhas* atividades.

– Desculpe. Só estou curiosa.

– A curiosidade muitas vezes nos leva por um caminho perigoso.

– A senhorita diz isso como se já o tivesse atravessado.

Os cantos dos lábios dele tremeram, e Bramwell se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos na mesa reluzente.

– Respondendo à sua pergunta, eu estou estudando o organismo para

entender melhor como ele afeta o corpo humano.

Em vez de soltar a primeira pergunta que surgiu na minha cabeça – ou seja, *como foi que a minha mãe acabou infectada?* –, pensei nas minhas palavras com cuidado.

– O senhor recebe muitos casos do continente?

– Não.

– Mas a doença é transmitida de uma pessoa para outra?

– Raramente.

Franzi a testa. Como a minha mãe teria pegado? Eu nunca vira uma groselha-negra na vida, antes de ir para Dracadia.

– Bom, deve ser.

– Está fazendo perguntas ou tentando me convencer, Srta. Vespertine?

– A minha mãe morreu de noctisomiase.

Eu o desafiava a duvidar disso.

– Nossa instituição teria confirmado esse diagnóstico, se tivesse sido avaliado direito. Qual é o nome dela?

– Não importa. Ela se recusou a ir ao médico.

– E a autópsia? – perguntou ele, em tom de quase tédio. – Deve ter apresentado sinais de patologia noctisomal.

Se apresentou, foi comunicado a mim em língua de legista, que eu não falava.

– Que tipo de patologia?

– As mais notáveis seriam estriações nos ossos e decomposição do fígado.

Eu não conseguia me lembrar de ter visto nada disso. A questão mais notável, além da perda de sangue, havia sido o fluido nos pulmões.

– Talvez tenham deixado passar.

Ele remexeu a mandíbula e estreitou os olhos.

– Sua mãe é da ilha? – perguntou ele.

– Não.

– Ela frequentou Dracadia? Veio visitar? Morou aqui por algum tempo?

Eu não gostei da forma como ele estava descartando a questão perante meus olhos, mas respondi com sinceridade:

– Não.

Ele deu de ombros de um jeito indiferente, que me deu vontade de dar na cara dele.

– Então há boas chances de não ter sido noctisomiase.

– Eu sei o que vi, professor. Vermes pretos. Iguais aos do laboratório noturno. Eu os vi saindo do corpo dela. – Gesticulei na direção da minha boca. – Como se

estivessem tentando escapar.

– A morte pode ser uma coisa difícil de assimilar, Srta. Vespertine.

O jeito dele refutar tudo que eu falava, como se eu tivesse imaginado, fez a frustração fermentar em meu estômago. Eu tinha passado tempo demais acreditando nessa mentira. Já bastava dessa merda. Dane-se ele. Eu não tinha imaginado. Sabia disso agora.

– Não foi choque nem alucinação. Foi real.

Talvez eu parecesse estar à beira das lágrimas, porque ele se recostou na cadeira e soltou o ar de um jeito longo e exasperado.

– Muito bem. Foi real. Infelizmente, eu não examinei a sua mãe, e não posso dizer ao certo como ela pode ou não ter sido contaminada. Só compartilho o que décadas de estudo me ensinaram.

Eu dei um suspiro e assenti. Havia ficado nervosa de novo, e ele tinha razão. Talvez a tentativa de convencê-lo tivesse me agitado.

– Peço desculpas pela minha reação.

– Se respondi a todas as suas perguntas, talvez agora possa me deixar voltar ao trabalho.

– Posso fazer mais uma?

– Claro.

Minha boca ficou seca de repente diante da forte possibilidade de uma resposta negativa.

– Eu queria saber se tem alguma vaga de assistente de laboratório aberta.

– Ross pode lhe dizer as vagas disponíveis, mas elas são preenchidas rapidamente.

– Eu não estou falando do laboratório geral. Eu estou falando... – *Seja ousada.* – Eu estou falando de trabalhar com o senhor.

Ele quase nem me deixou terminar a pergunta antes de descartá-la com uma resposta rápida:

– Não. Temo que não.

– Não precisaria ser o semestre todo. – Cheguei para a frente na cadeira, o desespero me fazendo parecer uma pedinte chorosa. – Fico feliz de lavar equipamentos ou preparar reagentes. Talvez só...

– *Não*, Srta. Vespertine. Eu não aceito alunos assistentes no meu laboratório sob nenhuma condição. Agora, se me der licença, eu gostaria de voltar ao trab...

Ele soltou um grunhido e pressionou a cabeça entre as mãos. Com os olhos comprimidos, Bramwell trincou os dentes, e um gemido sibilado foi o único som que ele fez antes de cair da cadeira no chão.

– Professor!

Eu larguei a bolsa e contornei a mesa. Encontrei-o encolhido, as mãos cobrindo as orelhas.

– Merda! – Ele apertava as bases das mãos nas têmporas.

Meu corpo todo tremeu com a adrenalina, o coração disparado. A cena me levou de volta às noites em que minha mãe sofria de dores de cabeça terríveis. Sem saber o que fazer, eu me ajoelhei ao lado dele. Uma expressão de agonia surgiu em seu rosto e fez o corpo se sacudir incontrolavelmente.

Convulsão. Era uma convulsão.

Repassei mentalmente a lista do que lembrava ter lido sobre convulsões em um dos meus livros de medicina. Remover qualquer coisa potencialmente perigosa.

Eu afastei a cadeira e, quando olhei ao redor, a dica número dois surgiu na minha mente. Puxei o paletó dele, pendurado no braço de um sofá de couro, enrolei-o e o coloquei delicadamente embaixo de sua cabeça. Depois disso, afrouxei sua gravata e abri os dois botões de cima da camisa. Enquanto parte de mim estranhou estar fazendo aquilo, outra parte não sentiu nem pensou. Trabalhei à base de adrenalina naquele momento.

Ele tremia e se sacudia quando eu empurrava com cuidado seu ombro para virá-lo de lado.

Roendo a unha, olhei para o relógio e vi que a convulsão já durava quatro minutos. Segurei a mão dele só para que soubesse que eu estava ali, como sempre fazia com a minha mãe.

Ele sussurrou alguma coisa, e eu me inclinei para a frente, tentando entender o que ele tinha dito.

– Impérvio – sussurrou ele de novo.

Impérvio? Eu tinha ouvido direito?

Os tremores diminuíram. A respiração desacelerou. Gotas de suor cobriam a testa dele, e o rosto tinha ficado branco como papel, mas parecia que a convulsão tinha passado.

– Professor?

Apertei a mão dele de leve e seus olhos se abriram. Ele recuou em um sobressalto e quase bateu a cabeça na mesa.

– Não toque em mim! Não toque em mim, porra!

A ordem veio como um rosnado, e eu cheguei para trás, me empurrando para longe com as pernas.

– Me desculpe. Eu... só queria ver se o senhor estava bem.

Parecendo confuso, ele se sentou e olhou ao redor. Quando viu o paletó enrolado, sua mandíbula enrijeceu.

– É um paletó de 500 dólares amassado no chão – disse ele, jogando o paletó de volta na cadeira. – Na próxima vez que decidir enrolar alguma coisa, pense em pegar algo seu.

Qualquer pena que eu poderia ter sumiu naquele momento.

– Sério? Acabou de ter uma convulsão na minha frente e está preocupado com a poeira no casaco?

– Só mais uma terça-feira na minha vida. Isso não é novidade.

Ele se levantou e parou ao meu lado. Não gostei de ficar sendo observada de cima, então também me levantei.

– Acho que eu não devia ter me dado ao trabalho de ficar, então.

– Acho que não.

Babacaotárioescroto!

– Me perdoe por agir como um ser humano decente.

– Um ser humano decente teria dado a um homem alguma dignidade e saído depois de ser *dispensado*. – Ele falou a última palavra entre os dentes.

Passou pela minha cabeça naquele momento que talvez Bramwell não estivesse com raiva de mim, mas sim meio constrangido. Apesar da vontade de discutir e não baixar a cabeça, suavizei meu tom.

– Peço desculpas. Eu agi sem pensar.

– Certamente... – A mandíbula dele se contraiu de novo; o músculo tremeu enquanto ele obviamente lutava para segurar as palavras. Depois de respirar fundo, Bramwell abotoou a camisa e ajeitou a gravata. – Exagerou um pouco.

Dei de ombros e juntei as mãos para que ele não visse quanto eu estava tremendo.

– Só estava tentando deixá-lo confortável. Senhor.

Ele olhou para mim na última palavra e a mandíbula tremeu.

– Pode ir embora agora, Srta. Vespertine.

Assentindo sem dizer nada, peguei minha bolsa. Não sabia por que estava chateada por ir embora, além do fato de meu plano de trabalhar no laboratório dele ter sido recusado com ferocidade. Não era como se eu esperasse um abraço por ter ficado ao seu lado naquela situação.

Mas pelo menos um agradecimento teria sido bom.

Capítulo 22

DEVRYCK

– Ah! Droga!

Barletta levantou a mão para se proteger da lanterna que apontei para ele pelas grades. Um brilho prateado se refletiu nos olhos dele, dando ao homem uma aparência perturbadora, comum nos infectados com *Noctisoma*.

– *Tapetum lucidum*.

– O quê?

– É o que faz os olhos de alguns animais parecerem brilhantes. – Eu abaixei a lanterna e me sentei na cadeira em frente à cela. – Os humanos, claro, não têm. Mas o organismo é noturno e precisa disso.

Ele esfregou os olhos e grunhiu.

– Eu não suporto a luz. Dói.

– Você não precisa mais dela.

Baixando as mãos, Barletta ficou com o olhar perdido, um ar de perturbação contorcendo seu rosto.

– Eu não quero ver as coisas que ando vendo ultimamente.

– Que tipo de coisas?

Passei o braço pelo encosto da cadeira, já sabendo o que ele ia me contar.

– Meu filho. – Barletta piscou com força e pareceu segurar lágrimas ao pigarrear. – O sangue da cabeça dele – disse, indicando a própria. – Ele me visitou na noite passada. Foi como um sonho. Uma porra de pesadelo.

– Alucinações são comuns. O organismo às vezes usa essas imagens para manipular você.

A tristeza que vi nos olhos dele momentos antes se transformou em medo.

– Quer dizer que vou voltar a ver meu filho assim?

– Vai. A culpa é uma ótima ferramenta de manipulação.

O olhar dele se perdeu de novo, a testa se franzindo devagar, indicando que a notícia o perturbava.

– Você disse um tempo atrás que revelaria o porquê de tudo isso. Por que eu?

– Eu falei mesmo, não é? – Cheguei para a frente e apoiei os cotovelos nas coxas. – Talvez seja melhor revisitar a história da minha infância. Afinal, de que adianta uma revelação, uma reviravolta, se ela não tiver impacto nenhum?

Ele cruzou os braços e balançou a cabeça.

– Eu fiz alguma coisa com você?

Soltei uma gargalhada sem humor.

– Sim, você fez uma coisa comigo, mas vamos chegar a isso daqui a pouco.

– Aquela noite com os cadáveres. Foi isso que te deixou assim? Por isso você me tirou das ruas? Para me ver passar por essa merda? Tem algum tipo de trauma que precise descontar em outra pessoa?

Que me deixou assim. Abusadores tinham uma visão muito distorcida da realidade. Sem achar graça da acusação, nem me dei ao trabalho de responder à última pergunta. Na verdade, todos os músculos do meu corpo lutavam para que eu não enfiasse a mão entre as grades e o estrangulasse ali mesmo. Era só o consolo de saber o que aconteceria que acalmou meus pensamentos.

– Aquela noite seria a primeira de muitas. O meu pai encontrou um jeito de me deixar morrendo de medo, e usava esse poder sempre que podia. Até que eu acabei ficando tão morto por dentro quanto os cadáveres.

– Você não tinha uma mãe cuidando de você?

– A minha mãe morreu no parto.

Meu irmão e eu só tínhamos Hannah, a empregada. E, como ela era mais velha e meu pai não tinha interesse em trepar com ela, foi a única que ficou.

Uma imagem de Hannah fazendo carinho nas minhas costas durante uma das minhas crises me fez lembrar de Lilia, na minha sala. Nos movimentos gentis, o olhar preocupado. Na mão delicada segurando a minha. Havia algo nela... muito genuíno e real.

Eu odiava que ela tivesse me visto daquele jeito, no chão, desamparado, com a dor afetando todos os músculos do meu corpo como uma labareda lancinante. Foi só quando a convulsão acabou, quando o rosto borrado dela entrou em foco e vi aqueles enormes olhos azul-esverdeados me encarando com preocupação e pânico, que algo mudou em mim, despertando uma dor inexplicável no meu peito. No entanto, tudo que surgiu na minha mente foram as palavras que meu pai dizia sempre que eu tinha uma crise, quando menino.

"Você sempre foi o mais fraco."

"Patético."

– O que eu fiz com você, então? – A voz de Barletta me arrancou da reflexão.

A resposta estava nos recônditos da minha mente, mas me recusei a desviar os pensamentos para aquelas águas escuras e sombrias. Ainda não. Uma dor crescente latejava nas minhas têmporas. Uma escuridão terrível penetrou na minha consciência, e novamente fui vítima das lembranças.

– Me conta quem riu de você. – Caedmon está sentado na beira da cama, me observando, enquanto eu olho pela janela.

Fui mandado para casa mais cedo depois de uma crise de dor de cabeça. Meu corpo todo ficou paralisado e acabei me mijando na frente dos meus colegas.

– Todo mundo.

– Então eu vou aplicar um castigo em todo mundo.

Eu não respondo, só continuo olhando pela janela.

– O que as vozes te disseram? – pergunta ele.

Às vezes, eu as escuto quando estou trancado naquele armário. Vozes estranhas, que sussurram segredos. Promessas de morte.

– Não lembro agora.

Ao meu lado, Caedmon pega a minha mão.

– Você está gelado.

É só a percepção de que ele tocou na minha pele que me faz desviar o olhar. Não que eu tenha sentido o toque. Não sinto nada nas mãos e nos braços desde a noite em que meu pai bateu na minha cabeça.

Puxo o braço, desgostoso por não sentir as coisas. É irritante saber que alguém está te tocando e você não sentir nada.

– Eu tenho que sair daqui, Caedmon. Nós temos que ir para longe daqui.

– Para onde?

– Não sei. Para longe, onde ele não possa mais nos fazer mal.

– Ou talvez você devesse parar de irritar ele. Todos os dias, você testa a paciência dele, Devryck.

Ele desvia o olhar, sabendo muito bem que as punições que sofri nunca foram proporcionais aos crimes. Meu pai sempre foi rigoroso comigo. Não importa o que eu faça, não importa quanto me esforce para deixá-lo feliz. Ele me odeia. Sempre odiou, e Caed sabe.

– Eu tive duas dores de cabeça hoje. O Dr. Meinsh diz que vão piorar.

Caed volta a atenção para mim, aquela expressão abobalhada e bem familiar

de preocupação nos olhos dele.

– E os espasmos?

– Eu não conseguia me mexer. Não conseguia respirar. Achei que estava morrendo.

Ele repuxa os lábios num rosnado feroz.

– E o que ele vai fazer quanto a isso?

E então sou eu que viro a cara. Olho para o pátio abaixo da minha janela e vejo um falcão dar um rasante em um pássaro menor.

– Não tem nada que ele possa fazer. Um dia, vão ficar tão ruins que meu coração vai parar. Eu não quero morrer aqui. Nesta casa. – Sou tomado de pânico, e me encolho, tremendo quando o medo toma conta. – Ele vai me botar de volta naquele quarto com os cadáveres. Vai me fazer dormir lá! Eu preciso sair daqui. Preciso! – Esfrego o alto da cabeça até machucar. – A Morte está vindo atrás de mim, Caed! Vai me pegar!

– Ei. – Caed passa os braços ao meu redor, mas eu o empurro e bato com a base da mão no peito dele para afastar o abraço. – Shh. Está tudo bem, Dev – sussurra ele, tentando me acalmar. – Na próxima vez que ele te jogar lá, eu quero que você diga uma palavra. Uma palavra poderosa, tá?

Eu fico imóvel no abraço dele e respiro com força pelo nariz.

– Que palavra?

– Impérvio.

– Impérvio?

– É. Significa que nada de ruim pode te machucar. Nunca. Quando você sentir que a Morte está vindo, diz essa palavra. Aí a Morte não vai poder tocar em você.

– Você está doente. – Novamente, o som da voz de Barletta me tirou das lembranças. – É por isso que está fazendo isso aqui. Alguma coisa te deixou doente.

– Não alguma coisa. *Alguém*.

Parei por um momento e me perguntei quanto deveria contar para um estranho. Não importava. O homem logo sucumbiria à infecção, e todas as nossas conversas sumiriam no vazio com ele.

– Eu tenho uma doença genética rara, chamada doença de Voneric. Normalmente, fica adormecida até uma idade avançada. A menos que seja deflagrada por um trauma.

– A pancada na sua cabeça. Seu pai deflagrou a doença.

– Sim. A qualquer momento posso ter uma convulsão, que, no pior dos casos,

pode provocar uma parada cardíaca.

– Se é genética, isso quer dizer que seu irmão também tem?

– *Tinha*.

Ele arqueou as sobrancelhas e se remexeu no chão.

– Ele não está mais vivo.

– Não. – Por mais que já fizesse muito tempo, a raiva ainda me corroía e suplicava para que eu a libertasse. – E não, nem toda a prole é afetada pela doença. Mas, como eu falei, vamos chegar a isso em breve. Desconfio que você esteja morrendo de fome, no momento.

– Estou. – Ele olhou para o prato que eu tinha colocado ao lado da cadeira quando cheguei. – Ando desejando umas merdas estranhas. Tipo... carne malpassada.

– O *Noctisoma* usa ferro para produzir as proteínas que disparam as mudanças fisiológicas. Como seus olhos refletores, por exemplo. Eles tiram ferro do seu sangue, e você vai precisar de mais.

Tirei a tampa prateada de cima de um prato de bife malpassado com batata e vagem que eu tinha pedido ao chef de Darrigan Hall. Por baixo das grades da cela havia uma portinha pela qual passei a comida para ele.

Com uma empolgação frenética, Barletta puxou o prato, pegou o pedaço grosso de carne com as duas mãos e o consumiu como um animal. O sangue escorreu pelos braços dele, a carne tão malpassada que possivelmente transmitiria alguma doença. Não que eu me importasse. Qualquer infecção bacteriana que ele pudesse sofrer seria rapidamente destruída pelo *Noctisoma*, que não gostava de concorrência.

Enquanto ele devorava o jantar, empurrei uma canequinha de água para a cela, que ele pegou rapidamente e tomou soltando um ruído irritante.

– Por que tão pouca bebida? Estou com sede – disse ele, me devolvendo a caneca como se eu tivesse alguma intenção de lhe dar mais.

– Seu cérebro está dizendo que você está com sede.

– Meus lábios estão secos como um deserto.

Ele levou à boca uma garfada de batatas, e eu fiz careta quando vi a comida escorrer pelas laterais da boca até o prato, onde ele a pegou de volta.

– Sim, acho que estão. O parasita quer que você procure uma fonte de água, para que ele possa, em dado momento, te matar. Na verdade, se não precisasse dos seus órgãos saudáveis agora, ele ficaria perfeitamente satisfeito de viver dentro de você debaixo da água.

Barletta fez uma pausa momentânea na maneira nojenta como comia.

– Puta que pariu, cada vez que você me conta sobre esse treco, eu fico mais nervoso. Isso vai ser tipo uma daquelas cenas de *Alien*, com ele pulando do meu peito?

– Não vai ser bonito nem agradável, mas não chega a ser tão teatral quanto aquilo, não.

Com o olhar baixo, ele balançou a cabeça enquanto pegava um pouco de vagem.

– É muito escroto – disse ele, com a boca cheia de comida. – Eu tenho a sensação de estar na melhor forma da minha vida. Como se eu pudesse correr a porcaria de uma maratona.

Eu dei de ombros.

– E provavelmente poderia.

– Mas isso não vai acontecer, né? – Ele espetou mais vagem com o garfo, sem se dar ao trabalho de me olhar. – Você não planeja me soltar depois disso.

– Não. Não planejo. – Por que mentir para o sujeito ou dourar a pílula do inevitável? – Preciso dos organismos crescendo dentro de você, e pretendo colhê-los quando você morrer.

– Para quê?

Esfreguei os dedos, mas tudo que senti foi o formigamento desconfortável da pressão na área, como pontadinhas de eletricidade. Novamente, eu me vi pensando na mão de Lilia segurando a minha. Que aquela sensação de formigamento tinha marcado a carícia gentil dela.

– Para que eu possa voltar a sentir.

– Ué, você não consegue sentir nada? Nadinha?

– Não. É como estar preso dentro de um cadáver.

Ele deu uma risada debochada e balançou a cabeça, para depois voltar a comer purê de batata.

– Isso deve fazer você agir feito um doido.

Trinquei os dentes enquanto olhava para ele, algo sombrio se retorcendo nas minhas entranhas.

– Me faz agir.

Ele deve ter percebido a ira na minha voz, porque me olhou e endireitou os ombros.

– Esses vermes são a cura?

– Não. – Eu me levantei da cadeira e enfiei as mãos nos bolsos. – As toxinas deles são a cura. Infelizmente, não são fáceis de replicar em laboratório. É preciso um corpo humano fresco.

– Eu sou o primeiro que você... sabe, que você infectou assim?

Com o olhar baixo, andei de um lado para outro.

– Não. Houve outro antes de você.

Barletta passou a língua pelos dentes e bateu com o garfo no prato. Um prato de plástico, depois do pequeno incidente com a garrafa que ele tinha jogado em mim.

– Quanto tempo você acha que consegue se safar fazendo isso?

– Desconfio que até eu fazer alguma besteira e ser pego.

– Estou vendo que você não é bobo – disse ele, com um ar de decepção. – Posso pedir um favor?

Eu parei de andar.

– Não.

– Não é nada complicado. Só lápis e papel. Eu queria... queria escrever uma carta para os meus filhos.

Claro que eu não permitiria, nem se eu lesse a porcaria toda antes de enviar. Ele não merecia perdão. Nem merecia pedir. Mas talvez pudesse servir para negociações depois.

– Acho que consigo atender a esse.

– Eu agradeço. Sabe, meu filho tem convulsões. Desde pequeno.

– Sim. Estou ciente.

Ele soltou o ar, trêmulo, e baixou o olhar para o prato de novo.

– Você acha que eu que causei?

– Eu não sou o médico dele. Não tenho como saber. Mas você com certeza não facilitou a vida dele.

O brilho prateado nos olhos de Barletta oscilou com o que imaginei serem lágrimas.

– Você não vai fazer mal a eles também, vai? À minha esposa e aos meus filhos?

– Não tenho nenhum motivo para fazer mal à sua família. Não sou como você, que faz mal a crianças.

Ele se encolheu, com uma careta, e limpou o nariz.

– Sabe, essa coisa de sobriedade... é uma merda.

Eu esperei mais alguns minutos enquanto o via enfiar o que restava da comida na boca.

– Você vai terminar a sua história? – perguntou ele, empurrando o prato de volta pelas grades da cela. – Ainda estou curioso para saber o que isso tem a ver comigo.

– Na próxima visita – prometi, e peguei o prato antes de voltar para a minha sala.

Capítulo 23

LILIA

Quando me aproximei da Torre Emeric para a aula de entomologia, minha mochila vibrou. Tirei o celular lá de dentro e entrei em pânico ao ver que a ligação era da orientadora acadêmica da escola de Bee.

– Alô.

– Srta. Vespertine?

– Sim.

– Aqui é Janet Kemphell. Está tudo bem com a Bee. – Uma onda de alívio percorreu meu corpo, mas logo perdeu o efeito quando ela acrescentou: – Estou ligando para falar das mensalidades. A senhorita tem um momento?

Faltando apenas quatro minutos para a aula, eu entrei em uma espécie de viela estreita entre a Torre Emeric e o Descartes Hall para ter privacidade.

– Tenho.

– Eu só queria saber quando a senhorita vai poder enviar o pagamento. Agora já são sessenta dias de atraso e... bem, eu não quero ter que fazer isso, mas talvez seja preciso retirar sua irmã da escola.

– Espera aí. Como assim, sessenta dias? Eu mandei mil dólares, algumas semanas atrás. Juntando com o pagamento de Conner, cobriria dois meses.

– Srta. Vespertine, nós não recebemos nenhum pagamento do Sr. Doyle desde junho. Tentamos inúmeras vezes falar com ele, mas ele nunca retorna nossas ligações. O pagamento que a senhorita enviou cobriu a mensalidade de julho, mas agora faltam agosto e setembro.

Senti pontadas de náusea. Eu me curvei, com a mão no estômago, que tinha começado a se embrulhar com o choque.

– Lamento muito mesmo por ter que fazer essa ligação, Srta. Vespertine. Eu

sei quanto a sua irmã ama a escola e...

– Por favor. Eu imploro, Srta. Kemphell. Vou conseguir o dinheiro. – Fechei os olhos com força e respirei pelo nariz para não vomitar. – Pode me dar algum tempo?

– Eu sei que a senhorita está fazendo o que pode. E sempre foi pontual com a sua parte do pagamento. Temos uma bolsa-auxílio que pode segurar a matrícula por mais trinta dias. Eu posso falar com o reitor e avaliar essa possibilidade. Mas, além disso, a senhorita precisaria pagar por trinta dias atrasados.

– Eu entendo. Prometo que vou conseguir o dinheiro.

– Novamente, peço desculpas por ter que fazer essa ligação. Sua irmã é uma das nossas melhores alunas, e ela tem feito grandes progressos aqui.

– Agradeço seu investimento nela e vou fazer o possível para mantê-la matriculada.

– Eu agradeço. Nos falamos em breve.

– Obrigada.

Desliguei e logo em seguida procurei o número de Conner nos meus contatos. Chamou, chamou e caiu na caixa postal. Trincando os dentes, encerrei a ligação e liguei de novo. E de novo. Depois da quarta tentativa, mandei uma mensagem simples:

Eu: Me liga imediatamente.

Furiosa, enfiei o celular no bolso. Vozes do outro lado da viela chamaram minha atenção, e eu me encostei na parede junto de um arbusto de tuia. Quando olhei, vi Gilchrist e Spencer andando na direção da viela. Então entraram na passagem escura entre os prédios, ela empurrou Spencer contra a parede e passou a palma da mão pela virilha da calça jeans dele enquanto o beijava.

Antes que as coisas fossem longe demais, eu me encostei na parede, com a sensação de que tinha visto algo proibido. Uma vibração incômoda percorreu meu corpo enquanto eu corria para a entrada da Torre Emeric, a cabeça tentando processar se eu tinha acabado de ter uma alucinação. A imagem não teria me chocado tanto se eu não tivesse testemunhado Gilchrist se humilhando pelo professor Bramwell só uma semana antes.

Quando ergui os olhos, o diabo em pessoa se aproximou, uma bolsa de couro preto pendurada no ombro, o olhar enfiado no livro qualquer que estava lendo. Quando convergimos na entrada, ele interrompeu a leitura e me encarou

enquanto passava, ao mesmo tempo que fechava o livro.

– Srta. Vespertine – disse ele, e o cumprimento quase me fez cair de bunda no chão.

– Professor Bramwell – respondi com um movimento respeitoso de cabeça.

Ele desapareceu lá dentro, e eu fui atrás, correndo para o meu lugar de sempre na aula de Gilchrist.

Assim que me sentei, meu celular vibrou com uma mensagem de Conner.

Conner: O que houve?

Segurei a vontade de jogar o celular na parede ao digitar a resposta.

Eu: O que está acontecendo com a mensalidade da Bee?! Kemphell disse que você não paga há meses!

Conner: Aconteceram uns problemas. Eu planejava acertar este mês, mas aí aconteceu a merda com o Angelo e agora estou afundado em dívidas.

Em outras palavras, os negócios escusos que ele tinha com Angelo para ganhar mais dinheiro tinham dado errado.

Eu: Você me prometeu! Ela vai ser expulsa.

Conner: Eu já te falei, ela não precisa daquela escola. Só precisa de mais amigos.

Eu: Pare com isso. Eu estou por um fio aqui. Você pode pelo menos pagar um mês?

Conner: Preciso de algumas semanas.

Eu: Eu preciso que você jure que vai pagar. Por favor.

– Ei, como vai?

Irritada com a interrupção, guardei o celular e me deparei com Spencer. A imagem de Gilchrist com a mão na virilha dele passou pelo meu cérebro, mas balancei a cabeça e a afastei.

– Bem. Obrigada.

– Está tudo bem? Você parece *estressada*.

– Problemas de família.

Com uma risada debochada, ele se sentou ao meu lado.

– Você também?

A metade de mim que era uma escrota frustrada quis responder que pessoas ricas não tinham os mesmos problemas, mas consegui abrir um leve sorriso, apesar do caos absoluto dentro da minha cabeça no momento.

– Ei, quer almoçar depois?

Me controlando para não parecer confusa, olhei para Gilchrist, que estava no púlpito, preparando o computador, o olhar fixo em Spencer.

Como eu poderia responder sem dar a entender que tinha visto os dois?

– Você não tem namorada?

– Não. – Ele afundou mais na cadeira e apoiou o cotovelo no encosto. – Mas que importância tem isso? É só um almoço. Você tem que comer, né?

– É.

Outro olhar na direção de Gilchrist me confirmou que ela ainda estava olhando para ele. Foi nessa hora que as palavras de Mel ecoaram na minha cabeça. *Ele é um manipulador.*

Não que eu fosse tirar conclusões baseada apenas na palavra de uma pessoa, mas a persistência dele em ficar perto de mim me parecia esquisita. Mesmo que eu desse para Spencer o benefício da dúvida, aquilo estava meio estranho.

– Acho que vou passar desta vez. Estou com muita coisa na cabeça.

Não queria ser babaca, só não estava com cabeça para ficar de papo no almoço, depois do meu mundo ter virado de cabeça para baixo.

O sorriso de Spencer murchou até virar uma expressão de desânimo, mas ele assentiu.

– Você conseguiu a reunião com o meu pai? – perguntou ele.

– Não, eu nem tentei, pra ser sincera.

A não ser para agradecer por me permitir estudar ali, eu não tinha nenhum outro motivo para tomar o tempo dele. Não sabia por que a professora Gilchrist tinha insistido para que eu o procurasse.

Ainda em conflito por ter recusado o convite de Spencer para o almoço, eu suspirei. O cara sempre tinha sido legal comigo, e eu desconfiava que fossem só minhas inseguranças e minhas ideias sobre amigos homens em geral que me deixassem na dúvida sobre as intenções dele.

– Você poderia almoçar comigo *amanhã*?

Os olhos dele se iluminaram.

– Sim, claro! Legal.

Isso permitiria que pelo menos uma parte do caos na minha cabeça se

acalmasse. Porque, naquele momento, eu não tinha a menor ideia de como pagaria as mensalidades que faltavam.

– Estou só começando a me ambientar aqui, e Conner já fez merda. Não importa quanto eu me afaste, esse cara sempre estraga tudo.

Deitada na cama do meu dormitório, fiquei olhando para o teto enquanto ouvia Jayda gritar com os dois filhos, que, ao que parecia, estavam brigando.

Ela voltou à conversa com um grunhido.

– Qual é o nível de desespero, no momento?

– Não o suficiente para considerar fazer sexo por dinheiro. Ainda.

Eu me virei de bruços e fiquei passando o dedo pelo bordado amarelo da colcha.

– Não é exatamente *sexo* por dinheiro.

Ela tinha passado a falar mais baixo, e o silêncio ao fundo revelava que ela tinha se escondido em um lugar tranquilo. Franzi a testa.

– Do que você está falando?

– Eu ouvi falar de um site.

Eu me virei de barriga para cima e bati com a mão na testa.

– Jayda, eu não...

– Espera aí. Me escuta. É tudo anônimo. Você não mostra a cara nem nada.

Pressionei o alto do nariz e balancei a cabeça, já convicta de que eu não iria concordar, mas admitindo estar curiosa.

– Que site é esse?

– Abre a mente, tá? Porque eu conheço uma pessoa que recebeu um bom dinheiro para fazer isso.

– Sua prima?

– Não. Não foi a minha prima.

Seu tom de voz me fez notar que ela estava hesitando, e eu me sentei na cama de repente.

– Foi você! Foi *você*?

– Olha, eu não queria sugerir isso, mas você está ferrada, e eu posso falar por experiência própria. O dinheiro vale a pena.

A empolgação na voz dela de repente me deixou mais do que curiosa.

– O que você fez?

– Só... abre a mente, tá?

– Você já disse isso.

– Certo. – Ela soltou o ar de um jeito que fez o celular chiar. – Eu lustrei a ostra em público.

– O quê?

– Eu fiz a DJ no estacionamento do mercado Daly.

– Fez o *quê*? – Balancei a cabeça, tentando decifrar o que ela estava dizendo. – Do que você tá falando?

– Porra, eu toquei siririca!

– Você se masturbou em público?

– Isso. E não vou mentir, foi a coisa mais excitante que eu já fiz. – Ela soltou uma risada nervosa enquanto eu me desafiava a imaginá-la fazendo uma coisa dessas, grávida, logo no mercado Daly. – Você é paga por tokens, e o site cobra uma pequena taxa nesses tokens, então basicamente vai tudo pra você. Eu ganhei *200 dólares* com aquele vídeo, fora as gorjetas. E eu nem precisei mostrar a cara.

Caramba. Duzentos? Jayda não mentiria sobre isso.

– Você recebe rápido?

– Sim. Quanto mais ousado, mais você recebe. Acho que alguns homens gostam de mulheres grávidas. Você poderia bancar a estudante, com uma saia curta e meias até os joelhos.

– Jayda, eu não vou dar uma de Britney Spears versão 1998. Eu tô na faculdade, porra. Ninguém usa meias até os joelhos.

– Você quem sabe. Mas estou dizendo que uma jovenzinha como você, com suas coxas saradas e de saia curta, ganharia uma boa grana.

Balancei a cabeça em um esforço desesperado de não considerar seriamente aquela sugestão.

– A gente não precisa comprovar idade nem nada? Eu acabaria tendo que me identificar.

– Nesse site, não. Eu não sei como eles fazem, mas é assim. Olha, isso não vai ser a sua carreira, Lilia. Alguns vídeos e você acaba com a dívida com a escola. Porra, pode ser até que *amem* essa coisa da estudante e você só precise fazer um *único* vídeo.

Que ódio, ela fez isso parecer fácil e interessante demais. Que todos os meus problemas poderiam ser resolvidos com uma única conversa com ela.

– Eu tenho que fazer algum barulho?

– Eles curtem uns sonzinhos molhados.

– Nossa, só piora. – Soltei um grunhido, e ela me repreendeu.

– Você não precisa gemer nem nada. Mas pode fazer em algum lugar onde tenha gente falando, para saberem que é em público.

Cobri os olhos com a mão e bufei.

– Isso é tão... errado.

– Olha, o Conner é um babaca. Você e a Bee nunca vão poder contar com ele de verdade, viu? E agora que ele está metido com o Angelo... Qualquer esperança de decência já era. Você precisa resolver as coisas sozinha, Lilia. Lembra quando eu falei *seja ousada*? Não deixe um homem tirar esse sonho de você. Faça qualquer merda que precisar para mantê-lo.

Ela tinha razão, droga. Contar com Conner era como rezar para nevar no inferno. Por mais gente boa que ele fosse, não levava jeito para essas coisas de pai. Tirar Bee da escola e a colocar no mesmo espaço que Angelo e qualquer atividade criminosa em que ele estivesse envolvido seria péssimo. E eu precisava tomar as rédeas das coisas. Resolver tudo sozinha. Quando se formasse, Bee cuidaria da própria vida, mas, até lá, eu precisava tomar uma atitude.

– Como é possível eu odiar e amar você ao mesmo tempo?

Jayda riu.

– Você me ama mais do que me odeia.

– Verdade. – Soltei o ar, resignada, e olhei ao redor, desejando poder fazer o vídeo ali. Mas, como Jayda dissera, quanto mais ousado, mais dinheiro, e eu não conseguia pensar em nada mais ousado do que uma aula. – Tudo bem, eu tenho o laboratório noturno daqui a pouco, então preciso desligar.

– Se cuida. E me conta se decidir fazer.

– Conto.

Assim que desliguei, bati com a mão na testa e mandei uma mensagem para Jayda.

Eu: Eu esqueci de perguntar o nome do site.

Jayda: VoyeurBait.

Eu: Até o nome precisa ser perturbador, é?

Jayda: Abstrai.

Saí da cama e, com um suspiro exasperado, olhei pela janela para o pátio abaixo. Alunos andavam de um lado para outro, parecendo livres como pássaros saltitando. Não pude deixar de me perguntar se algum deles estava tentando resolver um problemão naquele momento, ou se as aulas eram sua única fonte de

estresse.

Por que a minha vida precisa ser tão caótica o tempo todo?

Enquanto olhava ao redor, vi uma coisa ao longe. Estreitei os olhos e me inclinei para a frente, espiando pela janela na direção do carvalho entre Shanlot Hall e a torre do relógio.

Uma figura vestindo uma capa longa e o que parecia muito uma máscara de médico da peste.

Soltei o ar com força e cambaleei para trás, tropeçando na cadeira e caindo com força de bunda no chão. Pontadas quentes de dor subiram pela minha coluna, fiz uma careta e me levantei. Quando olhei pela janela de novo, não vi mais nada. Só os alunos transitando.

Que ótimo. Além da minha vida estar um show de horrores, eu ainda estou vendo coisas que não existem.

Soltei uma bufada, me joguei na cama e apoiei a cabeça nas mãos.

A tela do meu celular se iluminou com uma mensagem de Bee.

Bee: Ei, está tudo bem? Eu tentei comprar um lanche com o meu vale-alimentação mais cedo e recebi a notificação de que o saldo foi reduzido.

Tive vontade de chorar nessa hora.

Eu: Está tudo bem. Só teve uma pequena confusão com a sua conta. A redução é temporária.

Bee: Tudo bem, Lil. Eu não faço questão de lanches entre as refeições nem nada. Só queria mesmo ver se estava tudo bem.

Eu queria dizer para ela que não estava. Que eu estava à beira das lágrimas, tentando descobrir o que fazer. Mas só respondi com:

Eu: Não se preocupa, tá tudo ótimo!

Bee: Se você e Conner estiverem passando por dificuldades, posso arrumar um emprego. Já vou fazer 17 anos, né?!

Não seria má ideia, mas não tive coragem de lembrá-la do último emprego

que tivera, uns meses antes, que havia terminado rapidamente quando Bee teve uma crise e gritou com uma cliente. Ela jogou o milk-shake na cara da mulher, o que encerrou de vez o período bem curto na sorveteria.

Não que eu também não tivesse as minhas crises, mas até agora eu não tinha atacado ninguém.

Eu: Não precisa. É coisa temporária.

Bee: Tá bom! Como está Dracadia?

Eu: Aqui é lindo. Tipo Sociedade dos Poetas Mortos, mas com ciência. E garotas.

Bee: Ah, legal. Mal posso esperar pra te ver no Natal.

Eu: Eu também. Te amo.

Bee: Eu também te amo.

Porra. Eu ia fazer aquilo, não ia? Eu ia mesmo me filmar na aula.

Mas quando?

O laboratório seria perfeito. O professor assistente normalmente explicava as coisas por vinte minutos, e nós tínhamos nossas próprias bancadas, com armários dos dois lados. A minha era a última, o que significava que ninguém me veria. A menos que Spencer resolvesse ficar me xeretando.

A ideia embrulhou meu estômago.

Duzentos dólares, Lilia. Duzentos que poderiam reduzir os dois mil da dívida.

A decisão foi se concretizando lentamente na minha cabeça. Eu faria mesmo aquilo.

Capítulo 24

DEVRYCK

Usando luvas, levantei a língua de Barletta.

– O lábio superior e o inferior, assim como as papilas sublinguais, apresentam vonyxsis – ditei para o celular. – A dentição está normal. Icterícia escleral bilateral. *Tapetum lucidum* bilateral. Membranas mucosas secas. – Encostei o estetoscópio nas costas dele, ouvi por um momento, então subi mais e passei pela coluna para o outro lado. – Os sons das vias aéreas superiores estão difusos por todos os campos pulmonares. Um leve chiado, mas tosse não produtiva. Fim da gravação.

– Gravação encerrada – disse a voz robótica feminina.

Um odor horrível e distinto pairava no ar – um odor que lembrava a morte –, o que era típico nos infectados. Eu não tinha muita explicação para isso, porque os humanos não eram o hospedeiro natural do parasita. Talvez tivesse um propósito nas outras vítimas.

– O que é vonyxsis? – perguntou Barletta, se sentando calmamente na cama.

Eu virei o braço dele e exibi um mapa preto e fino de veias no pulso dele.

– Isso não pode ser bom. Porra, o que tá acontecendo? – Ele virou a cabeça rapidamente e tossiu, cuspindo vermelho no concreto. – Estou com muita sede. Preciso de água.

– A quantidade de água que eu te dou durante o dia é suficiente. Eu já expliquei o que está acontecendo, Sr. Barletta. São progressões normais da infecção.

– Não é. Estou tendo cãibra à noite. Alucinações. Essa merda é pior que a desintoxicação.

Mal tinha começado.

Continuei virado para ele enquanto guardava os equipamentos e seguia para a porta da cela.

Embora Barletta não parecesse muito motivado a fugir, isso inevitavelmente mudaria. Os exames físicos logo virariam lutas. Felizmente, a culpa o fazia se controlar na maior parte do tempo, e era uma fraqueza que eu pretendia aproveitar pelo máximo de tempo que ele valorizasse a própria consciência.

Mas essa logo seria uma emoção fugaz.

– Você não vai embora, vai? – Ele passou a mão pelo cabelo e franziu a testa quando baixou o braço e viu vários fios em sua palma. Engolindo em seco, o homem jogou os fios longe. – É tão silencioso aqui. Não suporto o silêncio.

– Tenho trabalhos para avaliar.

– Espera. – Ele avançou. – Você ia me contar mais da sua história. Da sua infância. Lembra?

Eu precisava mesmo voltar para o laboratório, mas respondi:

– Muito bem.

– Você disse que as convulsões podem provocar um ataque cardíaco. Isso já aconteceu?

– A ponto de ter parada cardíaca, não. Mas eu passei um susto, uma vez.

Fechei os olhos com a lembrança daquele fatídico dia... o dia que mudou para sempre o rumo da minha vida.

– Os peitos dela são perfeitos – diz Caedmon, com um ar de assombro, sentado dentro de um armário de roupa de cama. – Não acredito que ela esconde eles embaixo daqueles suéteres feios.

O armário ao lado do vestiário das funcionárias tem um pequeno entalhe que dá para um dos chuveiros. Dizem que um doidinho da manutenção fez o buraco, dois anos antes, e foi pego batendo punheta. Mas ele nunca contou a ninguém sobre o buraco. Não que eu já tivesse olhado. Não suporto armários. Desde aquela noite.

A Academia Von Naerick é uma escola pequena, afiliada à alma mater *do nosso pai, a Universidade de Dracadia. Nosso sobrenome nos concede o tipo de regalia de que poucos outros alunos usufruem, e nós dois o aproveitamos quanto foi possível. Aos 17 anos, já passamos por cinco outras escolas, e todas nos expulsaram de forma discreta, para não manchar nosso histórico. Mais uma e nosso pai provavelmente vai nos mandar para uma fazenda de cartel de drogas no coração do México.*

Só que o buraco, como todo mundo chama, é um ato de insubordinação que

não podemos deixar de lado. Caedmon e eu somos como guias turísticos dos depravados e levamos grupinhos de alunos mais novos para os nossos showzinhos de espionagem. Meu irmão já viu os peitos e a bunda de quase todas as professoras, e é uma espécie de especialista autodeclarado no assunto.

Um dos garotos empurra Caedmon para espiar e, com um sorrisinho, eu balanço a cabeça.

Um momento depois, meu irmão dá um soco na cara dele. O pobre garoto é arremessado para trás no piso de concreto, grunhindo. Sangue escorre de um lábio que provavelmente vai ficar inchado.

– O próximo que empurrar vai apagar. Babaca. – Com um movimento de cabeça para o grupo, ele pergunta: – Quem é o próximo?

Três garotos se juntam ao redor dele, mas Caedmon escolhe um. Eu fico no corredor do túnel, para vigiar e fumar um cigarro enquanto espero cada membro do grupo dar uma olhada. Quinze minutos depois, os garotos saem, alguns arrastando os pés, decepcionados. Não devem ter visto muita coisa, pois o banho das professoras não dura tanto assim.

Quando os garotos se retiram para o alojamento, Caedmon sai do armário, contando o dinheiro.

– Cinquenta pratas.

Ele me entrega 25 e, com outro trago do cigarro, enfio o dinheiro no bolso. Não que a gente precise de dinheiro. É só um jeito de passar o tempo.

– Você não fica nem um pouco curioso, Devryck? – Caedmon tira o cigarro de mim e dá uma tragada longa.

– Claro que fico. Mas nem um belo par de peitos vale isso.

Além do mais, eu não preciso olhar por um buraco. Já tive contato íntimo com os peitos da Srta. Chandler, na casa dos barcos, depois do treino de remo. No mesmo dia, ela confessou que queria um ménage com o meu irmão.

– Ele realmente fodeu com você.

– Enfim, é melhor a gente voltar. Caesar disse que, se eu chegar atrasado na primeira aula de novo, ele vai cortar a minha mão e enviar os ossos pro nosso pai.

Caesar é o guarda que nosso pai contratou para ficar de olho em nós. Não é um guarda-costas, claro. O babaca é um antigo soldado da máfia, que só se importa com o próprio rabo. O único trabalho dele é manter Caedmon e eu longe de confusão. Ou melhor, deixar nosso pai em paz.

– Um homem como nosso pai gosta.

Caedmon segura a maçaneta do armário para fechar a porta bem quando o som de sapatos contra o concreto ecoa pelo corredor.

Nós dois disparamos para a esquina do corredor, na direção do som, e nos encostamos na parede para espiar o que haveria no corredor seguinte.

Lâmpadas expostas em gaiolas velhas iluminam a passagem longa pela qual duas figuras avançam na nossa direção. Homens que nunca vimos, mas os dois usam ternos pretos, e cada um está segurando uma arma.

– Vem! – sussurro para Caedmon e o puxo para trás.

A porta no final do corredor está trancada como sempre, um beco sem saída, e nós corremos na outra direção, de volta ao armário.

O som dos passos fica mais alto. A qualquer momento, os homens vão dobrar a esquina e nos encontrar. Não faço ideia de quem eles são ou do que querem, mas de qualquer forma não seria bom nos encontrarem ali.

Com um puxão no meu braço, eu me viro e vejo Caedmon me levando para o armário.

Faço que não. Eu não posso. Não vou.

– Não! Não!

– Não temos para onde ir, Devryck. Vem!

Os passos se aproximam ainda mais.

Caedmon coloca a mão na minha boca e continua me arrastando para o armário. O pânico cresce na minha barriga e sobe como um furacão pelo meu peito. Sibilo sob a mão dele, tentando respirar, o ar passando pelo meu nariz muito insuficiente. A luz fica fraca quando ele fecha a porta, ainda me segurando.

Até que ficamos imersos em escuridão.

– Eu estou aqui, Devryck – sussurra ele no meu ouvido. – Foca na minha voz.

Respirando ofegante, eu fecho os olhos, meu corpo todo trêmulo e rígido. O aperto distante da mão dele atravessa o torpor que faz meus braços ficarem gelados e pesados.

– Vai ficar tudo bem. Não vai acontecer nada. Foca na minha voz, Dev.

Uma dor penetrante atravessa meu crânio e eu levanto as mãos, me soltando do braço dele. Caio de joelhos. Um líquido quente escorre pelas minhas coxas e forma uma poça no chão, até vazar por baixo da porta. Meus músculos se enrijecem, mil nozinhos repuxando sob a minha pele.

A luz invade o armário e, pela visão borrada, vejo os dois homens. Uma escuridão se aproxima pelas bordas, ameaçando me afogar. Algo sacode meu corpo.

– Deixem ele em paz! – grita Caedmon.

Um pesadelo escuro me engole inteiro.

– Ele se mijou! – rosna uma voz desconhecida. – Pega o outro!

Uma dor intensa atinge meus músculos, e eu caio no chão, inerte. Através da névoa, vejo um dos homens arrastar Caedmon para fora.

Puxado por um braço ao redor de seu pescoço, meu irmão me encara, os olhos arregalados de medo.

– Vocês não podem deixar ele aí! Ele vai morrer! Ele vai morrer!

Impérvio.

Abro a boca para gritar a palavra. Nada sai.

– Impérvio! – grito, enfim. – Impérvio.

Avisto um par de sapatos, e é nessa hora que percebo que o segundo homem está na minha frente. Por um momento, acho que ele vai me arrastar junto com o meu irmão. Em vez disso, ele acerta um soco na minha bochecha, provocando uma explosão de luz que se acende no fundo dos meus olhos, e o impacto faz meus dentes se chocarem uns contra os outros.

Meu irmão desaparece atrás de um escudo preto.

– O que isso significa? *Impérvio*? – A pergunta de Barletta me arrancou da lembrança e me arrastou de volta ao presente.

– Impenetrável, basicamente.

– Quem eram eles? Quem levou seu irmão?

– Na ocasião, eu não sabia.

Depois, eu descobriria que eles tinham recebido a ordem de levar um de nós. E, como eu tinha me mijado, escolheram levar o meu irmão.

– O que aconteceu com o seu irmão?

– Vou deixar essa parte pra próxima vez.

Capítulo 25

LILIA

Minha pulsação latejava nos ouvidos quando desci do ônibus Nocticadia para entrar na Torre Emeric. Ignorei Spencer enquanto ele falava sobre algum evento do campus que estava chegando, a mente fixa na ideia de eu me tocar em público.

Que merda eu estava prestes a fazer?

Eu já tinha me tocado, mas só umas poucas vezes, e sempre debaixo de pilhas de cobertores e travesseiros. Sempre tive medo de Conner me flagrar, sempre foi rápido e raramente foi satisfatório.

Mais cedo, eu tinha encontrado um blog com dicas de como gravar vídeos sem chamar muita atenção. Dicas para se masturbar em público... minha vida tinha me feito chegar a esse ponto.

O blog recomendava não usar calcinha, para evitar a tarefa desajeitada de tirá-la ou puxá-la para o lado para filmar. Então, escolhi uma saia que ia até os joelhos, adotando o tema de estudante com um xadrez cinza pregueado, depois passei uma hora andando pelo quarto tentando me acostumar à estranha sensação de vulnerabilidade de ter minha região íntima descoberta. Odiava a sensação de estar nua. Mesmo depois do banho, sentia necessidade de me vestir rápido, então o ar fresco subindo por baixo da saia enquanto eu andava para a aula gerou um arrepio na minha nuca.

Do tipo ruim.

Entramos no laboratório, corri para a minha mesa e vesti o jaleco, como sempre. Avaliei a logística de executar a tarefa e franzi a testa, tentando encontrar uma forma de conseguir segurar o celular entre as pernas com uma das mãos.

Duzentos dólares. Duzentos dólares. Os 200 dólares mais fáceis que você vai

ganhar.

Meu corpo todo tremia quando me sentei no banco e abri as pernas na pequena alcova sob a mesa. Felizmente, havia gavetas dos dois lados, e, com o movimento mais sutil que consegui, peguei o celular enquanto outros alunos se acomodavam e olhei para baixo para ligar a câmera. Depois de mudar para vídeo, flagrei Spencer desviando o rosto rapidamente.

Por favor, que ele não fique olhando pra cá o tempo todo.

Já era ruim pensar em fazer o impensável no meio da aula. O adicional de ter Spencer me olhando o tempo todo tornaria tudo uma desgraça ainda maior.

Quando Ross chegou e todos os alunos estavam acomodados, minha pulsação disparou. A pior parte já tinha passado: ir à aula sem calcinha. De acordo com o site, eu só precisava gravar por dois minutos.

Dois minutos, 120 segundos, 200 dólares, lembrei a mim mesma.

Soltei o ar, trêmula, apertei o botão de gravar e posicionei o celular entre as coxas. Quando Ross começou a falar, engoli em seco, respirando com força pelo nariz.

Vamos lá, Lilia. Dois minutos.

Com o fone encaixado entre os joelhos, verifiquei se estava na posição correta e o aproximei mais, subindo pelas coxas. Do frasco pendurado na minha bolsa, ao lado, peguei um pouco de álcool em gel e limpei as mãos o melhor que pude. Em seguida, com um braço apoiado na mesa, enfiei a outra mão embaixo da saia e fiz uma careta quando meus dedos encontraram minha pele exposta.

Ai, meu Deus. Não acredito que estou fazendo isso.

Respirei fundo e fiquei acariciando minha fenda, os músculos das coxas se contraindo pelo contato. Engoli em seco e mantive os olhos em Ross, que continuava recapitulando o laboratório da semana anterior, e, enquanto ele falava, continuei me tocando delicadamente. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Me acostumando com a tarefa.

Trinta segundos já tinham se passado.

Minha mente tentava assimilar o que eu estava fazendo e, quando finalmente entendeu a realidade, algo mudou dentro de mim. Uma umidade melada escorreu pelas pontas dos meus dedos. No tampo preto da bancada, visualizei um rosto. Olhos acobreados. Uma voz grave. Sobrancelhas severas.

– Peço desculpas por interromper.

Olhei para a frente da sala, onde o professor Bramwell surgiu como um cavaleiro das trevas, com camisa e calça pretas por baixo de um jaleco branco impecável.

Um friozinho na barriga me fez remexer quando ele assumiu o lugar no púlpito. Afastei a mão da minha pele sensível e apoiei o dedo molhado na parte interna da coxa, onde tentei limpá-lo.

– Estou vendo uma leve redução na quantidade de larvas, e acredito que seja porque vocês estão apertando o fórceps com força demais ao transportar os vermes adultos para o tanque.

Enquanto ele explicava detalhadamente como lidar com o parasita, eu observei os movimentos de sua mão, me concentrando nos dedos e me desligando do assunto. Eram do tamanho perfeito. Nem muito finos nem muito grossos. Perfeitos para imaginar dentro de mim.

Ah, meu Deus, para.

Sem pensar muito, eu me vi passando o dedo pela fenda de novo. Diferentemente de antes, quando Ross estava falando, eu não conseguia tirar os olhos do professor Bramwell. Sua voz grave era uma carícia em meus ouvidos, provocando um calafrio no meu pescoço. Fixei o olhar naquelas mãos enquanto ele falava e imaginei sua aspereza na minha pele.

Antes que conseguisse me controlar, a fantasia criou raízes em minha mente e eu enfiei o dedo dentro de mim e tirei. Uma necessidade tenaz surgiu em meu ventre. Músculos enrijeceram.

Minhas coxas estremeceram enquanto ele continuava falando com a turma, e eu me perdi na fantasia vívida dele me fodendo com os dedos. Um olhar em volta me mostrou que ninguém, nem mesmo o intrometido do Spencer, estava me olhando.

Depois que consegui me acostumar com o que eu estava fazendo... Diferente do que pensei a princípio, achei emocionante a ideia de me levar silenciosamente ao clímax em uma sala cheia de gente.

Ofeguei enquanto olhava para Bramwell, identificando inclusive uma cicatriz leve em seu pescoço que despontava sob a gola. Fiquei metendo os dedos com avidez, e fiquei tão molhada que a lubrificação escorreu pelas minhas coxas.

Meus músculos se contraíram. Mais ainda.

Bramwell pousou os olhos em mim nessa hora.

Eu mordi meu lábio inferior, respirando intensamente pelo nariz, tentando ficar com cara de paisagem enquanto meu corpo tremia com o caos. Uma cãibra tomou minha mão, que estava curvada em um ângulo nada natural, e lutei para impedir que a parte de cima do meu braço se movesse enquanto meus dedos trabalhavam.

Uma necessidade insaciável de chegar ao clímax se acumulava no meu

ventre.

Eu precisava.

A tensão dentro de mim estava tão grande que o celular escorregou.

A caminho do chão, ele bateu no puxador de uma das gavetas com um barulho alto que ecoou pela sala antes de quicar para longe do meu alcance.

Uma pontada de horror me percorreu, e eu me levantei para pegá-lo.

No meu pânico, não reparei que a aula tinha sido interrompida e que Ross tinha reassumido a posição, até sapatos pretos brilhantes surgirem na minha visão periférica e eu seguir o comprimento de uma calça preta, subindo até encontrar o olhar reprovador do professor Bramwell. Olhei para o celular, ainda gravando, e torci para ele não olhar para baixo.

Lembrei as palavras de Spencer no primeiro dia, de que ele não gostava de ser gravado e que confiscaria o aparelho se encontrasse provas disso. Como distração, sustentei seu olhar de desprezo por mais tempo do que gostaria.

Por favor, não olhe.

Meu coração entalou na garganta quando ele olhou.

Eu me curvei mais para pegar o celular, mas ele foi mais rápido.

O sangue sumiu do meu rosto. *Não, não, não. Por favor!*

Enquanto Ross continuava falando com a turma, que parecia não notar a cena caótica acontecendo no canto dos fundos, o professor Bramwell se inclinou na minha direção.

A proximidade dele, o perfume delicioso chegando devagar até mim, o hálito quente de canela no meu rosto, tudo isso disparou minha pulsação.

– Me diga que não está gravando as minhas aulas, Srta. Vespertine.

Ele falou baixo, mas o tom grave atiçou meus sentidos. Engoli com a garganta sequíssima e balancei a cabeça.

– Não estou – sussurrei.

– O documento que a senhorita assinou me dá permissão de confiscar seu celular, se eu desconfiar que está.

Alarmes dispararam dentro da minha cabeça quando a cena se desenrolou como um pesadelo apavorante.

– Por favor, não faça isso.

– Então a senhorita vai apagar agora o que estava gravando. Na minha frente.

Um olhar rápido para Spencer me fez ver que ele estava nos olhando por cima do ombro, a testa franzida, sem entender.

– E se o senhor confiscar o celular? Vai deletar pessoalmente?

– Eu não tenho autorização para olhar seu celular, Srta. Vespertine.

Ele se inclinou para mais perto ainda, e, pelo amor de Deus, precisei ter a força de vontade de uma freira para não me virar e confirmar quanto aqueles lábios estavam próximos dos meus.

– Isso seria invasão de privacidade. Aberto a consequências.

Com o olhar fixo na bancada, respirei pelo nariz para acalmar a respiração trêmula e ofegante que entalava minha garganta.

– Mas você ainda me pediria pra apagar a gravação depois?

– Eu ficaria mais inclinado a confiar que a senhorita faria isso caso se mostrasse disposta a entregar o celular. Ou a senhorita é culpada ou não é.

Eu não tinha muita escolha. Se apagasse o vídeo naquele momento, Bramwell teria uma imagem da minha boceta bem na sua cara. Sem dúvida eu seria expulsa da turma dele e possivelmente da universidade. Se eu permitisse que ele pegasse o celular, havia uma chance de ele olhar mesmo assim, mas aí ele teria que admitir ter visto. Eu teria que confessar o que tinha feito ou sustentar a mentira.

– Pode pegar. Estava gravando sem querer. Deixei o celular cair e o botão de gravar disparou sozinho. Mas, se não acredita, pode olhar meu celular.

Quase suando, esperei que ele desafiasse meu blefe e perguntasse por que eu não lhe mostrava o vídeo, se era tão inocente. Bramwell se empertigou, assomando sobre mim com aquela postura autoritária, a mandíbula se contraindo como se ele estivesse trincando os dentes.

– Muito bem. Devolvo no fim da aula.

Assim que ele se afastou, soltei o ar e voltei para o meu lugar.

Burra. Burra. Burra!

Como se a vida não pudesse ficar pior, agora ainda havia a possibilidade de o meu celular não ter travado imediatamente e ele ver o vídeo vergonhoso e, claro, não falar nada sobre o assunto. Fiquei quente de vergonha, e tive vontade de desabar com a exaustão de ter que me estressar com isso, além de todo o resto. Ele cavaria um motivo para me reprovar? Ou ligaria o foda-se para a invasão de privacidade e veria o vídeo mesmo assim, para depois me entregar por comportamento indecente?

De qualquer modo, minhas chances de descobrir mais sobre a pesquisa dele tinham acabado de escorrer definitivamente por entre os meus dedos.

Literalmente.

Olhei para Spencer outra vez e o peguei de sobrancelhas arqueadas, querendo saber o que tinha acontecido. Com um movimento sutil de cabeça, eu me virei para o outro lado, os olhos ardendo em lágrimas enquanto a raiva me subia pela garganta. Ele não entenderia. Nenhum deles entendia o desespero.

Principalmente Bramwell. Eu odiava a vidinha privilegiada deles, cuja única preocupação era pensar em que bolsa de marca combinar com a roupa do dia seguinte.

Para, Lilia, repreendeu minha cabeça. *Só para.*

Relutante, voltei a atenção para Ross, desesperada para tirar aquelas coisas da cabeça, mas o tom monocórdio da aula me jogou de volta à imagem de Bramwell vendo o que eu tinha feito. Ele só precisaria encostar na tela para que acendesse de volta, naqueles primeiros dois minutos. Será que se dera a esse trabalho? As perguntas martelando na minha cabeça eram infinitas.

Minha única redenção talvez fosse a reputação do sujeito. Se o boato por trás das cicatrizes que eu via em seu pescoço tivesse fundamento, ele jamais correria o risco de ser acusado de outro escândalo com uma aluna.

Capítulo 26

DEVRYCK

Levei o celular para o laboratório subterrâneo, olhando para a tela acesa. Assim que começou a se apagar, eu toquei nela para que não bloqueasse. Foda-se a invasão de privacidade. Eu já tinha confiado duas vezes em pessoas tentando roubar minha pesquisa, e não deixaria uma garota recém-saída da adolescência tentar fazer a mesma coisa. O fato de ela ter um conhecimento tão profundo do organismo já a tinha colocado no meu radar, mas depois de vê-la detalhar tão bem a manifestação clínica, fiquei em estado de alerta sobre suas intenções.

Cheguei à minha sala no laboratório subterrâneo, de onde Lippincott tinha feito a gentileza de tirar todas as câmeras. Então, cliquei no ícone da galeria de fotos e a imagem na janelinha da prévia me deixou intrigado. No quadradinho do canto, com o fundo quase todo escuro, só dava para ver o que parecia ser a mão dela embaixo da saia.

Porra.

Joguei o celular na bancada e me afastei, sem deixar de olhar.

Eu estava errado. Muito errado.

Não faça isso.

Eu queria dizer que a vontade de olhar se devia à desculpinha de precisar saber se ela tinha gravado a minha aula, mas era mentira. A verdade enfurecedora era que eu precisava ver se ela tivera coragem de fazer algo tão ousado e absurdo bem na minha frente.

Massageei a nuca e andei de um lado para outro ao lado da mesa.

Por quê? Por que olhar, se eu já tinha ideia suficiente do que havia naquele vídeo?

A tela escureceu um pouco e eu dei um pulo para impedir que bloqueasse. Assim que toquei na tela, o vídeo começou a rodar.

Ao fundo, só dava para ouvir a voz murmurada de Ross. A câmera parecia estar posicionada entre os joelhos dela, considerando o pedaço pequeno de coxas e a barra da saia no alto da tela.

Senti um arrepio implacável, e eu queria dizer que era a repulsa fervilhando, mas sabia que não era. Uma avidez adormecida terrível latejou na minha virilha.

A câmera chegou mais perto das profundezas escuras embaixo da saia e, assim que ela puxou a barra, permitindo a entrada de luz, meus joelhos quase falharam. A boceta dela surgiu perfeita, totalmente depilada, e quando ela encostou dois dedos na fenda, se abrindo, eu mordi os nós dos dedos enquanto olhava para aqueles lindos lábios rosados.

Puta que pariu.

Puta. Que. Pariu.

No começo, ela só brincou com a fenda, acariciando a pequena pérola que fez as pontas dos meus dedos formigarem.

"Peço desculpas por interromper", eu me ouvi dizer ao fundo, e a coxa dela tremeu, fazendo a imagem pular.

Na mesma hora, ela parou, o dedo apoiado na coxa, e a vi limpar a lubrificação na pele.

Para. Para agora, seu filho da puta inconsequente.

Afinal, eu já tinha me envolvido em escândalos demais na vida. No último envolvendo uma aluna fiquei com uma reputação que nem merecia ter ganhado. Eu nunca tinha tocado nela, nunca tinha sentido a menor inclinação, mas me fizeram parecer um predador. Felizmente, a total falta de provas e um álibi sólido tinham limpado meu nome, mas eu jurei que nunca mais me meteria numa confusão daquelas de novo. Não com a minha pesquisa prestes a alçar voo. Não quando a sequência horrível de fracassos que eu vinha tendo logo alcançaria outra estratosfera de sucesso.

Quando estendi a mão para desligar o vídeo, ela moveu os dedos de novo. Fiquei paralisado, vendo os dedos dela provocarem aquela área que me dava água na boca.

Com os olhos bem fechados, balancei a cabeça. *Não faça isso*. A garota devia ter pelo menos doze, talvez treze anos a menos do que eu. Uma mulher, mas ainda jovem.

E aluna, ainda por cima.

Um som obsceno, molhado, um ASMR pornô, me fez abrir os olhos e ver

dois dedos desaparecendo dentro dela, a minha voz ainda soando ao fundo. Entrando e saindo, ela meteu aqueles dedos molhados enquanto eu falava lá na frente sem saber de nada.

Novamente, mordi os nós dos dedos, quase me machucando para que eu não acabasse tocando a ereção dolorosa crescendo sob meu zíper. Eu não aguentava mais.

Pausei o vídeo e saí do aplicativo.

Uma fome voraz me tomou inteiro. Em todos os anos como professor – professor assistente, no mestrado, residente na faculdade de medicina, e professor universitário –, eu nunca tinha sentido uma atração sexual como aquela. Nunca. Já recebera propostas ousadas de alunas e lidado com os flertes, mas sempre tinha sido muito adepto a ignorar tudo. Jamais tive interesse nas minhas alunas, nem mesmo nas que apareciam insinuantes na aula. Uma até deixou um pedaço de papel com um recado para eu me encontrar com ela na biblioteca em determinado horário.

Garotas bonitas com dinheiro e um futuro brilhante, mas eu nunca tinha mordido a isca.

Eu não era burro a ponto de destruir a minha reputação por causa da paixonite boba de uma estudante. Nem mesmo quando essa paixonite tinha beirado uma estranha obsessão, como foi no caso de Jenny Harrick.

Mas foi a audácia daquela garota que ultrapassou minhas defesas. Ela sentada na minha aula, com aquele cabelão que me lembrava folhas de outono, suas respostas abusadas e aqueles olhos. Olhos ousados, verde-azulados, que viviam me desafiando. Olhos que deviam estar me encarando enquanto ela se masturbava durante a minha aula.

Eu devia ter ficado furioso, mas era a coisa mais excitante que eu já tinha visto. Talvez um efeito da última injeção que tinha tomado.

Eu pensava que minha libido tinha diminuído com o tempo, considerando que eu tinha perdido o interesse em Loretta tão rápido. Claramente, não tinha.

Na verdade, eu ousava dizer que tinha piorado.

A luz na tela ficou mais fraca de novo, e encostei para que não bloqueasse. Em um impulso de adrenalina, mandei o vídeo para o meu celular, depois cliquei nas mensagens dela e apaguei o envio permanentemente. Aproveitei e olhei algumas das conversas, uma delas com alguém chamado Conner.

Cliquei na conversa e li as trocas mais recentes. Só entendi que Conner devia o dinheiro da mensalidade de alguém chamado Bee. Se ele era namorado ou marido dela, não dava para saber. Não havia mensagens anteriores, como se ela

tivesse apagado tudo.

A segunda conversa era com alguém chamado Jayda, e falava de um site chamado VoyeurBait. Fiquei curioso e digitei o endereço no meu celular, em uma janela anônima, e fui recebido por um vídeo de uma mulher se masturbando em uma biblioteca. No alto da página lia-se: *Dinheiro fácil! Envie seus vídeos e ganhe dinheiro!*

Na mesma hora, concluí que ela tinha feito o vídeo por dinheiro. Cliquei de novo nas mensagens dela com Conner e de repente montei a história na minha cabeça. Ao que parecia, ele, quem quer que fosse, tinha passado a perna nela usando um dinheiro muito necessário.

Pelo visto, se tocar em público não era um hábito, notei enquanto olhava as fotos chatas do campus em sua galeria. Só por desespero.

Uma lembrança daqueles dedos molhados mergulhados em sua boceta surgiu nos meus pensamentos, como um vapor venenoso que se evaporou rapidamente, me deixando torpe e bêbado. O fato de ela parecer ter gostado da tarefa me causou um arrepio.

Um homem mais sábio a teria expulsado da turma e evitado a dor de cabeça que certamente viria.

Mas eu nunca disse que era sábio.

Antes do fim de uma hora, voltei ao laboratório, onde encontrei a Srta. Vespertine em sua bancada, composta, parecendo totalmente inocente com aqueles olhos de gazela e os lábios perfeitos. Quando me aproximei, meu olhar desceu para as pernas dela, e eu me retraí pela imagem daquelas coxas flexionadas em volta do celular. Porra, como eu ia encarar aquela garota de novo, depois daquele vídeo?

Ainda bem que o rosto dela não apareceu no vídeo, ou eu teria perdido toda a compostura.

Entreguei a ela o celular, que já estava bloqueado havia tempo.

Ela nem olhou na minha cara ao pegar o aparelho. Isso deveria ter me feito sentir pena dela, mas meu lado escroto gostou bastante da vergonha dela.

– Vou acreditar que a senhorita vai apagar o que gravou da minha aula.

Por um momento, ela olhou para o celular, então me encarou. O jeito como seus olhos me avaliaram, como se ela soubesse que eu tinha visto, só endureceu

minha expressão fria. Eu tinha aprendido desde cedo a mentir na cara de pessoas bem mais intimidadoras do que uma garota astuciosa. Esperei para ver se ela teria coragem de me desafiar.

Em vez disso, ela só guardou o celular, e seu olhar nem hesitou.

– Claro, professor.

Maldita.

Maldito rosto inocente, malditos lábios de flor de cerejeira, que ela ficou mordendo, e que deviam ter *gosto* de cereja.

Sem mais uma palavra, ela pegou os livros e foi embora.

Capítulo 27

LILIA

Meu dedo pairava acima do botão de enviar. *Depois disso, não vai ter como voltar atrás.*

Droga.

Droga!

Eu odiava que aquela fosse a solução mais fácil que eu tinha. Odiava estar naquela situação por ter sido ingênua a ponto de pensar que Conner se importava com a minha irmã. Ou comigo. Mas Jayda tinha razão. Estava na hora de parar de depender de homem. Mesmo que eu precisasse me tomar uma profissional do sexo, era melhor do que ficar acorrentada.

Seja ousada, Lilia.

Aff. Mas eu não era. Eu era tímida e quieta, e ficava muito constrangida quando o assunto era sexo.

Mas eu também estava desesperada.

Uma mensagem de Bee apareceu na tela e me deu um susto. O celular escorregou dos meus dedos, mas eu o peguei antes que caísse no chão.

E, ao fazer isso, cliquei no botão de enviar sem querer.

Meu coração disparou.

Nessa fração de segundo, mudei de ideia e tentei fechar o aplicativo antes que fosse tarde demais.

Mas *era* tarde demais.

Não. *Não!*

Eu me sentei na beirada da cama e me curvei, o estômago embrulhado.

Merda. *Merda!* Eu nunca tinha feito nada assim em toda a minha vida. Nunca havia enviado nem um nude para um namorado, não que eu tivesse tido

muitos.

– Não, não, não.

Uma notificação atraiu minha atenção para o celular, que iluminou meu quarto escuro. **Seu vídeo foi carregado com sucesso! Prepare-se para receber!**

– Não. Meu Deus, por favor. Não!

Quase mergulhei no aparelho em busca de um botão de deletar. Mas não havia nenhum.

Não havia como desfazer o que eu tinha feito.

Outra notificação apareceu. Uma visualização. Dez visualizações. Trinta visualizações. Cinquenta visualizações.

Não!

Por que não tinha como apagar?!

Desci até o pé da página, onde encontrei um endereço de e-mail para pedidos de remoção. Com mãos trêmulas, digitei uma súplica para que meu vídeo fosse retirado imediatamente do ar e cliquei em enviar. Lágrimas surgiram nos meus olhos enquanto eu via as visualizações aumentarem a cada minuto. Cliquei no vídeo na minha galeria e, rangendo os dentes de raiva, o apaguei.

As pontadas de enjoo ressurgiram e fechei o aplicativo de imagens para olhar a mensagem que Bee tinha me enviado.

Bee: Eu só queria te dizer que aprecio demais tudo que você faz por mim. Só isso. Eu te amo.

Nem as palavras fofas dela conseguiram apagar a angústia no meu peito naquele momento. Coloquei o celular na mesa e me encolhi na cama. Fechei os olhos cheios de lágrimas.

Uma verificação rápida do meu e-mail mostrou que ninguém tinha respondido ainda. Dez minutos depois, olhei de novo. Nada.

De manhã, o número de visualizações estaria altíssimo. Era totalmente possível que o meu professor tivesse sido um dos muitos a assistir ao vídeo, embora não tivesse dado o menor sinal disso ao me devolver o celular. O rosto dele estava inabalável, como sempre, completamente ilegível. E agora? Como saber quantos estavam assistindo?

Em meio a um breu, um bipe incessante quicava em minha cabeça. Abri os olhos com os fracos raios de sol entrando pela janela, e o primeiro pensamento que tive foi o vídeo. Peguei o celular, o estômago embrulhado na mesma hora. Ao longo da noite, eu tinha chegado a cinco mil visualizações. A minha conta mostrava 867 dólares em tokens.

Não que eu me importasse com o dinheiro.

Olhei meu e-mail e encontrei uma mensagem do VoyeurBait:

Prezada Universitária20,

Infelizmente, como você já começou a ganhar tokens por esse vídeo, não podemos apagá-lo.

Obrigado pelo contato.

Tony B.

Um frio intenso encheu meu peito enquanto eu olhava o e-mail. A tela se acendeu com uma mensagem de Jayda.

Jayda: E aí, fez?

Eu nem respondi. Saí correndo para o banheiro e cheguei lá a tempo de jorrar na privada o jantar da noite anterior. O ácido queimou a minha garganta enquanto eu limpava os resquícios de vômito e tirava a roupa para um banho rápido, os olhos ardendo em lágrimas de novo. O motivo do meu choro não fazia muito sentido, considerando que eu mesma tinha feito aquilo. Só odiava a sensação de impotência. Nem a perspectiva de ganhar tanto dinheiro me fazia abstrair que estranhos tinham visto eu me tocando. Eu não criticava quem fazia isso, como Jayda. Ficava feliz de ela ter encontrado um jeito de ganhar dinheiro extra para a família, e minha opinião a respeito dela não mudava por isso. Mas não era para mim. Eu nunca tinha sido extrovertida desse jeito, então era um mistério insolúvel o motivo de ter achado que conseguiria postar algo pessoal e íntimo assim sem me abalar.

No calor do chuveiro, tentei pensar em Bee e em como o dinheiro permitiria que ela ficasse na escola. Ela poderia voltar a ter o passe de almoço regular, em vez do reduzido. Mas a única imagem que eu conseguia invocar era a de um amontoado de *voyeurs* anônimos assistindo ao vídeo. Fazendo só Deus sabia o

quê.

Quando terminei, me vesti rapidamente. Nem me dei ao trabalho de olhar as visualizações quando saí para a aula.

Capítulo 28

DEVRYCK

A curiosidade estava me corroendo.

Eu devia estar lendo as anotações dos alunos e estudando as observações deles sobre os estágios larvais. Em vez disso, me peguei olhando os vídeos novos postados no site VoyeurBait. Página após página de homens e mulheres se masturbando em público. Só quando cheguei no fim da terceira página foi que encontrei a imagem familiar, postada por Universitária20.

Cliquei na prévia grátis.

Assim como nas poucas vezes em que eu tinha assistido ao vídeo no meu celular, na noite anterior, meu corpo endureceu quando vi aquelas coxas roliças. Desci a página e vi que seis mil pessoas já o tinham visto. Rangendo os dentes, procurei no site um link de denúncia, mas só encontrei uma porra de endereço de e-mail que provavelmente não daria em nada.

Saí do aplicativo e abri o número do meu advogado. Além de ser o melhor do país, ele por acaso era um Gralha, então realizaria imediatamente qualquer pedido meu.

E eu queria aquele vídeo derrubado para ontem.

Não era só o fato de ela ter postado um vídeo da minha aula, por mais que eu quisesse acreditar nessa desculpa patética, embora isso também me irritasse. Não, havia toda uma psicologia estranha acontecendo na minha cabeça naquele momento, que eu não tinha a menor intenção de tentar desemaranhar.

Griffin atendeu no terceiro toque.

– Devryck! Que bom receber uma ligação sua. O que aconteceu?

– Eu preciso de um favor.

Bane pulou na minha mesa e andou na minha frente, querendo carinho. Apesar da irritação que contraía meus músculos, passei a mão suavemente nas costas dele, me controlando para não puxar os pelos.

– Pode falar.

Correndo o risco de perder a calma e descontar no gato, peguei Bane e o mandei ir para o chão com uma batidinha em sua bunda.

– Tem um site chamado VoyeurBait. Um vídeo foi postado por uma tal Universitária20. Eu preciso que seja derrubado. Imediatamente.

– É uma aluna sua?

– Isso importa?

– Não. Claro que não. Vou procurar o dono e enviar uma notificação imediatamente.

Fiquei um pouco menos tenso. Não sabia qual era o meu problema no momento, mas o resolveria depois que o vídeo fosse derrubado. Só precisava que fosse tirado da porra daquele site.

– Agradeço. E, se eu tiver como retribuir, não deixe de me falar.

– Pode deixar. Te dou notícias em breve.

– Ótimo.

Eu desliguei, o dedo batendo na mesa enquanto eu via o número de visualizações aumentar. Imaginar que cada *pim* era um babaca sentado de queixo caído batendo punheta enquanto olhava para ela me deixou tenso de raiva. Joguei o copo do outro lado da sala, e ele se espatifou ao bater na minha estante. Aquela escrotinha mentirosa tinha postado o vídeo, e eu não deixaria um bando de pervertidos ficarem olhando para ela daquele jeito.

Babacas otários, que só a viam como um par de pernas definidas e uma boceta. Eles não tinham ideia de quanto a garota era brilhante e inteligente. Esperta demais para a sua idade.

Bonita demais para ser vista como uma coisa tão simples e recreativa.

Menos de quinze minutos depois, Griffin me ligou.

– Eu falei com um tal de Tony. Ele diz que vai tirar o vídeo em dez minutos. Eu respondi que, se ele não cumprir o combinado, a porra da operação dele toda vai ser derrubada até o fim do dia.

Não era um blefe. Griffin era poderoso, tinha as conexões certas para fazer algo assim acontecer. Uma vez, ele derrubou um site da dark web para um cliente em questão de minutos, algo que o FBI não tinha conseguido fazer em meses. Sinceramente, não me surpreenderia se o cara tivesse ligações com o Anonymous, considerando como fazia as coisas tão rápido.

– Agradeço pela sua atenção. E, novamente, me avise se eu puder fazer algo em troca.

– Você sempre foi um ótimo aliado. – Eu o tinha ajudado em algumas exumações, emitindo resultados favoráveis para ele no tribunal. – É um prazer ajudar.

Precisamente dez minutos depois, atualizei o site.

O vídeo não estava mais lá.

Eu sorri e me recostei na cadeira. Se ela estava tão desesperada por dinheiro, teria que arrumar outra forma de conseguir. Eu me recusava a permitir que uma população inteira de rolas balançantes ficasse babando por ela. Acabaria com qualquer pessoa que postasse naquele site e botaria fogo em tudo antes de deixar que isso acontecesse.

Eu não conseguia parar de pensar naquilo.

A visão de homens batendo uma para ela emaranhava meu cérebro agitado feito uma maldita teia, e cerrei os punhos ao lado do corpo. Eu estava tão absorto no pensamento que não ouvi a pergunta de Barletta.

– Professor? Isso é normal?

Voltei a atenção para ele, que estava curvado, com a calça abaixada até os tornozelos. Um momento antes, ele estivera sentado na cama, mas agora estava de frente para a parede, o braço se movendo de modo abrupto. O som revelador de pele batendo, junto com os grunhidos baixos, confirmaram o que eu já sabia.

Pigarreei e me virei de costas.

– É. A infecção aumenta o desejo sexual.

O maldito fedor no ar tinha piorado e invadido meu nariz quando tentei limpar a garganta. Segundos depois, os gemidos dele reverberaram pela parede da cela, e ele gritou.

– Porra! Porra!

Quando vestiu a calça de novo e caiu na cama, reparei nos pontos molhados na parede, onde ele tinha ejaculado.

– Isso é humilhante pra caralho – disse Barletta, fazendo uma careta enquanto mudava de posição.

Isso me fez ver uma curva estranha em suas costas. Distorção da coluna era uma progressão normal, conforme o parasita começava a atacar e esgotar partes

do corpo.

– É tipo... vem do nada, e se eu não dou um jeito... minhas bolas começam a doer pra cacete. Desculpe por fazer isso na sua frente.

– Não precisa se desculpar.

– Eu estava pensando na história que você me contou. De quando o seu irmão foi levado daquele jeito. – Ele tossiu, e um borrifo vermelho manchou o concreto. Ele semicerrou os olhos quando engoliu em seco. – Por algum motivo, não parei de pensar nisso. O que aconteceu com Caesar? Ele não tentou ajudar?

Afastei os pensamentos de Lilia e do vídeo e voltei à lembrança de Caesar naquela noite.

– Ele não era leal a nós.

– Você acha que ele teve algo a ver com o desaparecimento do seu irmão?

Olhei para o homem e estudei a expressão dele em busca de sinais de reação àquela pergunta. Uma careta. Uma contração muscular. Uma mudança no olhar. Nada.

Uma dor lancinante atacou minha têmpora. Fechei os olhos e contraí a mandíbula enquanto massageava o local. *Dez, nove, oito, sete, seis...*

– Você está bem? – perguntou Barletta quando luzes irregulares piscaram atrás das minhas pálpebras.

– Estou. – Levou uns dois minutos para passar dessa vez, e eu endireitei os ombros e soltei o ar devagar quando a dor passou. – Meu pai o puniu. Ele o interrogou para tentar descobrir quem tivera a coragem de sequestrar o filho de Warren Bramwell. Mas foi em vão.

Eu espio pela fresta da porta de uma das salas adjacentes ao laboratório do meu pai. Caesar está amarrado a uma cadeira, o rosto machucado, com hematomas que mostram cada soco implacável que levou. Com os olhos inchados e desfigurados, os lábios distendidos e sangrando, ele mal parece humano. Meu pai está na sua frente, dois homens o ladeando, ambos de terno, luvas pretas e máscaras que parecem um pássaro sinistro. Máscaras que vi em livros sobre a peste. Máscaras de médicos feitas para impedir a entrada dos germes. Não entendo por que os homens a estão usando.

– Onde está meu filho, porra? – pergunta meu pai pela décima vez.

Caesar não responde. A cabeça dele balança como uma melancia equilibrada num palito de dentes, uma visão que me enjoa.

Quero derrubar a melancia e vê-la se espatifar no concreto. Ver um homem levar uma surra até quase perder a vida não é fácil, mas eu quero o meu irmão de

volta, e não culpo meu pai por ser violento nesta situação. Na verdade, quero mais violência. Mais sangue.

Um dos homens mascarados ao lado do meu pai bate na cara de Caesar de novo e o impacto faz sangue jorrar e um dente cair.

Ainda assim, o guarda se recusa a falar.

Cerrando os punhos, eu trinco os dentes, desesperado para dar uns socos.

Meu pai grunhe e se vira de costas para ele enquanto passa a mão pelo rosto.

– Tirem ele da minha frente.

Não. Não!

Ele não revelou nada, e seis dias se passaram sem sinal de Caedmon.

Dou ao meu pai certo crédito por seus esforços. Eu sempre tive a impressão de que ele odiava nós dois e ficaria feliz em nos descartar. Mas ele até negociou uma recompensa com a polícia, uma quantia bem significativa para um homem que age como se não estivesse nem aí.

Os dois homens arrastam Caesar na direção da porta atrás da qual estou me escondendo, e eu me levanto às pressas. Me escondo em uma alcova pequena e escura e os vejo carregarem o corpo inerte. Um telefone toca na sala onde meu pai ainda está, e, depois de espiar para ver se os guardas foram embora, volto na ponta dos pés para onde estava e espio lá dentro.

Meu pai atende.

– Sim.

Não consigo ouvir o que a outra pessoa diz, mas a expressão exasperada do meu pai dá lugar a uma testa muito franzida.

– O que eles querem? – Há uma pausa, e ele passa os dedos pelo cabelo e anda de um lado a outro. – Eu tenho dinheiro. Posso pagar o que eles quiserem.

Outra pausa.

– Não! Não é possível! Não! Diga que não!

Um bipe encerra a ligação, e ele bate o telefone com um rugido de raiva.

– Merda! Merda! Merda!

Levando as mãos ao cabelo, ele volta a andar de um lado a outro.

Em um movimento ousado, chego mais perto, até estar dentro da sala.

Ele não me nota logo, caminhando na direção da parede. Quando se vira, um olhar zangado encontra o meu.

– O que você está fazendo aqui?

– Quem era?

– Não é da sua conta, porra!

– Tem a ver com o meu irmão! Me conta!

Com os olhos ardendo em fúria, ele rosna para mim.

– Já falei. Não é da sua conta. Se você não estivesse tão ocupado mijando na porra da calça, talvez ele estivesse aqui agora!

As palavras dele são como um golpe forte no meu peito, e eu engasgo com o impacto.

– Vai se foder! Eles tinham armas! Eram dois!

– E o mais triste disso tudo é que deixaram você vivo.

Lágrimas surgem nos meus olhos, mas não vou dar a ele a satisfação de saber quanto suas palavras me magoam. Só trinco os dentes e deixo a raiva me engolir.

– Você sabe quem o levou, não sabe?

– Não.

– Mas querem algo de você. O que é? Me conta!

A ira explode dentro de mim, e eu pulo na direção dele, as mãos formigando de vontade de estrangulá-lo.

Dou dois passos à frente, e ele tira uma arma das costas e aponta para mim.

Eu paro de repente enquanto tento assimilar a cena.

– Sai da minha frente ou vou acabar metendo uma bala na sua cabeça.

– Me diz onde ele está. Eu vou atrás dele. Vou atrás de todos eles.

Ele solta uma risada.

– Você vai é mijar na calça e ter outra convulsão – diz meu pai, encolhendo um dos braços junto ao peito e se sacudindo, debochando de mim.

É impressionante que meus dentes não esfarelem, de tanto que os trinco.

– Eu odeio você. Ele odiava você.

– Você estragou a minha vida. No dia em que respirou pela primeira vez e ela morreu. Agora, Caedmon. Você não é filho meu.

As lágrimas se libertaram e, olhando para ele através do véu líquido, tento pensar em um único motivo para não instigá-lo a meter uma bala na minha cabeça. A resposta chega em uma névoa vermelha. Vingança.

– Você pode ter lamentado minha primeira respiração, pai, mas saiba que vou adorar ver seu último suspiro.

– Meu Deus. Seu pai parecia ser um escroto. Você chegou a descobrir o que falaram naquele telefonema?

Barletta apoiou os cotovelos nos joelhos dobrados enquanto continuava sentado, encostado na parede.

– Descobri, sim.

– Mas vou ter que esperar para saber, né?

– É. Tenho certeza de que você vai ficar fascinado pela história.

Ele remexeu o queixo enquanto esfregava os dedos. Agitado.

– Isso aí que eu vou saber vai explicar por que você me pegou?

– É.

– Quanto tempo eu ainda tenho?

– Acho que não passa de uma semana. – Minha voz sem entonação não demonstrava a menor empatia.

Com o lábio inferior tremendo, ele virou a cabeça para o lado o suficiente para que eu visse um brilho descendo por sua bochecha. Para o azar dele, não havia mais nada em mim a que pudesse apelar, só um buraco sem fundo onde jogar suas lágrimas inúteis.

Meu coração era um cemitério. Uma apatia fria e voraz enterrada com ossos adormecidos. Nada me faria sentir pena dele.

Barletta enfiou dois envelopes fechados entre as grades.

– Você pode fazer isso chegar aos meus filhos?

– Claro – menti.

Capítulo 29

LILIA

Aguentei uma hora de aula e não absorvi nada. O celular ficou ao meu lado o tempo todo, me tentando a entrar no site e ver quantas visualizações nauseantes tinham se acumulado naquele intervalo de tempo.

Quando saí da aula, enfim tomei coragem e fui atrás de um lugar tranquilo embaixo de uma árvore. Entrei no site e olhei as páginas de vídeos em busca do que eu tinha postado.

Nada.

Cliquei no meu perfil e, na aba Meus Uploads, não havia nada.

Espera. Como assim? O vídeo tinha *mesmo* sido removido?

Os tokens que eu tinha acumulado estavam em 935 dólares, mas hesitei em clicar no botão de transferir. E se isso fizesse o vídeo voltar?

Não. Deixa pra lá.

Não valia a ansiedade de o vídeo reaparecer. Eu não tinha ideia do que tinha dado em Tony, ou qualquer que fosse o nome dele, para que mudasse de ideia, mas fiquei grata o suficiente para não abusar da sorte. Um alívio potente percorreu meu corpo, e fui para Darrigan Hall almoçar.

Spencer me encontrou na porta e, depois de permitir minha entrada, fomos para o bufê. Eu só tinha comido lá no café da manhã, desde que tinha chegado. No almoço, eu costumava ficar no pátio, e o jantar normalmente era só uma sopa que eu levava para o quarto.

Peguei o prato e olhei as muitas opções: peixe fresco com limão e alcaparras, frango vermelho picante, carne coreana, ravióli, opções veganas, acompanhamentos infinitos e sobremesas, tudo preparado por chefs no local.

– Está tudo bem? – perguntou Spencer, atrás de mim, botando batata no prato.

– Fico perdida com tantas opções.

– É, é uma loucura a quantidade que preparam todos os dias.

Me servi de legumes assados com arroz e salada, e nós dois pegamos uma mesa perto da frente. Olhei em volta quando me sentei no banco comprido, e meu olhar cruzou com o do professor Bramwell, que me encarava de uma mesa ao lado de alguém que eu supus ser outro professor.

Então, pareceu que o outro professor também estava me fitando com um olhar avaliador. Ele colocou o garfo no prato à frente e se inclinou na direção do professor Bramwell, que não parava de me encarar.

Franzi a testa e me virei, me perguntando se eu era o assunto dos sussurros dele, e peguei Spencer olhando para além de mim, provavelmente na direção dos professores.

– Parece que meu pai arruma tempo para algumas poucas pessoas.

– Seu pai?

Ele assentiu, e eu segui o olhar dele na direção do professor que tinha me olhado um momento antes, e que ia deixando a mesa com o prato de comida pela metade.

– Aquele é o reitor Lippincott?

– É.

Lippincott parou para me olhar de novo, testa franzida, e, ao meu lado, Spencer acenou para ele. O homem mais velho não acenou de volta, só apertou a mão de Bramwell e se encaminhou para a saída.

Quando ele passou por nós, Spencer se inclinou para o lado, provavelmente para captar a atenção dele.

– Pai, eu quero te apresentar...

O Lippincott mais velho seguiu sem nem mover a cabeça para dar a entender que tinha ouvido e saiu do salão.

– Ele te ignora?

– Nos dias bons. Nos ruins... Bom, vamos só dizer que prefiro os bons. Mas não sei o que o deixou de pá virada hoje.

Ver Lippincott mancar me fez lembrar do artigo que eu tinha lido um tempo antes, sobre a mulher sem-teto, Andrea Kepling, que o atacara em casa.

– Ei, você conhece uma mulher chamada Andrea Kepling?

– Quem?

Um olhar furtivo em volta confirmou que não havia outros alunos por perto

e eu me inclinei para a frente.

– A mulher que atacou seu pai.

– A maluca que alegou que meu pai tinha botado vermes nela? Nunca a vi, mas sim. Ele tem uma cicatriz horrível na perna por causa dela.

Eu tinha me esquecido dessa informação... Ela alegava que ele a tinha infectado.

– Tipo... vermes de *Noctisoma*?

– Quem sabe? A mulher era pirada.

– Era?

– Sim. – Outro olhar rápido ao redor e ele se inclinou para ainda mais perto. – Ouvi meu pai contar a alguém que ela morreu umas semanas atrás. Foi encontrada caída na banheira da casa onde estava ficando. – Ele passou a língua pelos lábios e olhou para além de mim. – Acho que Bramwell fez a autópsia nela. – Spencer falou baixo, como se o cara fosse ouvir em meio à barulheira no salão.

Vermes na barriga. Bramwell fazendo a autópsia. Enquanto eu remexia o meu almoço, absorvia em silêncio a imagem que Spencer estava formando na minha cabeça, e que me fez questionar como ela poderia ter morrido.

– Alguma chance do seu pai a ter conhecido em outra época?

– Não. Ele disse que nunca a tinha visto na vida.

– Lippincoooott!

Com o grito estridente atrás de nós, eu me virei e vi quatro caras se aproximando, todos de camisa polo e bermuda cáqui, um deles carregando o que devia ser uma bola de rúgbi; pareciam saídos direto de um catálogo da Abercrombie.

Com o sangue latejando nos ouvidos, torci para que não se sentassem à nossa mesa.

Por favor, não se sentem.

Mas todos eles pararam em volta de nós, dois de cada lado. De canto de olho, vi um dos caras me encarar tão intensamente que quase esperei que saíssem raios laser dos seus olhos. Fiquei toda tensa, e senti uma vontade enorme de desaparecer.

– Quem é a sua nova amiga? – perguntou o que estava me encarando.

– Não é da sua conta – disse Spencer em tom divertido, embora as palavras fossem afiadas.

– Bom, a *não é da sua conta* me parece entediada, sentada aqui com você. Você é nova aqui, né? – O cara finalmente falou diretamente comigo, e eu fiz que sim. – De onde você é?

– Não sou daqui.

O cara deu uma risada e se sentou de lado no banco, todo virado para mim.

– Ninguém é daqui.

Eu odiei que ele estivesse próximo a ponto de eu conseguir sentir sua respiração no meu ombro.

– Porra, e ainda bem – acrescentou um dos amigos dele. – Todos os fantasmas e histórias sobre este lugar provavelmente levariam uma pessoa à loucura. Tipo o *Doutor Morte* – sussurrou ele, e soltou uma risada.

– Então, conta pra gente, ruiva. De onde você é?

Olhei para Spencer, que comia como se ignorasse minha irritação crescente, e percebi que ele não tinha nenhum plano de me poupar dos seus amigos.

– Pra que você quer saber? – perguntei, soando um pouco irritada.

– Só curiosidade. Por que você não quer dizer? – Um sorrisinho repuxou o canto dos lábios dele e me fez me perguntar se ele já não sabia.

– Para com isso, Jared. Deixa ela em paz – disse Spencer, finalmente.

– Eu não entendo por que é segredo. Agora eu *preciso* saber.

– Bom, a situação acabou de ficar estranha. Obrigada pelo almoço, Spencer. A gente se fala mais tarde. – Eu me levantei do banco, mas senti um aperto no meu braço e olhei para baixo, os dentes cerrados, furiosa com o babaca que estava me segurando. – Me solta. Agora.

– Srta. Vespertine, posso dar uma palavrinha?

Ao ouvir a voz bem mais madura, eu me virei e vi o professor Bramwell atrás de mim, seus olhos irritados fixos no garoto do rúgbi. O clima mudou, como se a mera presença dele jogasse uma camada de gelo na mesa.

Minha pulsação acelerou e a mão soltou meu braço.

Engoli em seco e assenti.

– Claro.

Com um leve movimento de cabeça, ele me chamou para acompanhá-lo até a saída, desacelerando o passo quando eu o alcancei.

– Sinto muito se pretendia terminar de almoçar, mas a senhorita parecia estar precisando de uma saída.

– O senhor é muito observador. Então, eu não estou encrencada?

– Eu não sei. Me diga a senhorita. – Bramwell parou do lado de fora do refeitório e se virou para mim, olhando para trás quando um grupo de alunos passou. – Apagou o vídeo?

– Apaguei. Claro.

– Então, se eu pedir uma prova, vai me entregar voluntariamente seu celular.

Com o olhar fixo no dele, tirei o celular da bolsa e o estendi. Ele apenas olhou para o aparelho e depois para mim, sem pegá-lo.

– Ótimo. – Um silêncio constrangedor pairou por um momento antes de ele olhar para o refeitório e depois de volta para mim. – Estou vendo que a senhorita e o Sr. Lippincott ficaram amigos.

Enfiei o telefone na bolsa e vi os olhos dele acompanharem o movimento. O homem tinha os maneirismos de uma pantera; parecia que não deixava escapar nada.

– Ele é legal. Sincero.

– Eu diria que *legal* e *sincero* raramente andam juntos.

– Não parece ser o caso do Spencer.

– Claro que não. – Ele flexionou a mão e, no breve interlúdio da conversa, me peguei olhando para a bolsa a tiracolo que atravessava o peito dele, valorizando seus ombros largos. – Já corrigi as provas da semana passada. Em uma turma com 68 alunos, na qual dez já foram reprovados, a senhorita foi a única que gabaritou.

Uma leve curva em seus lábios revelou que isso o agradava. Por motivos que eu não era capaz de explicar, essa percepção mexeu comigo.

– Para alguém que parece ter um bom conhecimento de neuroparasitologia, talvez ache a aula bem chata – comentou ele.

– De jeito nenhum. Acho suas aulas fascinantes.

Novamente, os lábios dele se curvaram, dessa vez um pouco mais. Sem aviso, ele jogou uma maçã para mim, que eu não tinha reparado que ele estava carregando.

– Caso sinta fome mais tarde. Boa tarde, Srta. Vespertine.

Com isso, ele saiu andando para o pátio.

– Ei! – chamou Spencer, se aproximando. – Desculpe. Aqueles caras são uns babacas. Tudo bem com o Doutor Morte?

– Tudo.

Eu o vi atravessar o pátio como uma tempestade passando no céu. Esse era o jeito perfeito de descrevê-lo: ameaçador e agourento, mas fascinante ao mesmo tempo.

– Ele só queria me perguntar sobre uma coisa do meu diário de laboratório.

Era estranho não conseguir afastar o olhar, não conseguir parar de pensar naquele sorriso aparentemente inofensivo. Um sorriso que ainda estava me causando um friozinho na barriga.

– Ah, tá. Olha, na verdade eu te convidei pra almoçar porque queria saber se

você vai fazer alguma coisa no sábado.

Enfim parei de pensar no Bramwell.

– Vou estudar, provavelmente.

– Alguma chance de eu te convencer a tirar uma noite de folga e ir a um evento beneficente comigo? – Eu devia estar com uma expressão de total desinteresse, porque ele continuou: – É um baile com um concerto à luz de velas, mas juro que não é um encontro. Eu só... preferiria ir com alguém que não fica perturbando meu juízo.

– Acho que não. Desculpe. Além do mais, eu nem tenho roupa pra um evento desses.

– Você não teria que se preocupar com isso. O vestido seria por minha conta. Um agradecimento por me salvar de ter que ir com Kendall.

Ter que ir com Kendall? A garota era linda, e definitivamente babava por ele. Normalmente não seria nenhum sacrifício convidá-la.

– Tem um campus inteiro para convidar, Spencer. E luz de velas me parece muito... *íntimo*.

– Prometo que não vai ser. Por favor. Estou disposto a implorar, se necessário.

Suspirei, me recusando a ceder. Odiava compromissos sociais de modo geral, mas um feito para gente rica sem dúvida me daria até coceira.

– Deve ter outra pessoa que você possa convidar.

– Não tem, eu garanto.

De braços cruzados, bufei, odiando ter empatia a ponto de considerar o pedido dele.

– Que horas?

– Começa às oito. Termina à meia-noite.

– Eu não vou ficar fora até meia-noite.

– Tudo bem. A gente vai embora na hora que você precisar voltar. Palavra de escoteiro.

Droga, o cara não desistia com facilidade.

– Tem certeza de que não tem outra pessoa que você prefira levar?

– Absoluta.

Não vai, Lilia. Não cede.

– Tudo bem, eu vou.

Capítulo 30

LILIA

Entediada no trabalho, eu me peguei lendo os textos na sala Memorial Adderly de novo, e, como antes, a história de Mary Elizabeth me levou à história da escola. Embora vários dos diários de Adderly fossem de acesso restrito, consegui botar as mãos no que detalhava alguns dos experimentos executados nos pacientes. Ele descreveu uma jovem só um ano mais nova do que eu que tivera um caso com um homem casado. Devido ao passado respeitável dele, os clérigos da cidade concluíram que ela só podia ser uma bruxa para seduzir alguém tão devoto.

Eu ri disso com deboche.

Como resultado, a mulher fora enviada para a ilha para aguardar seu julgamento. O Dr. Stirling, sobre quem eu tinha lido da última vez – o médico sinistro que usava o uniforme da peste para afastar os espíritos ruins dos pacientes –, aparentemente tinha convencido os clérigos de que possuía métodos para salvar a alma dela e assim evitar a fogueira e um julgamento em praça pública.

Continuei lendo e descobri que ela não estava segura nas mãos do Dr. Stirling. Enquanto estava sob os cuidados dele, um dos globos oculares e a língua dela foram removidos e a boca, costurada. As anotações detalhavam que ela tinha sido obrigada a ingerir ácido estírlico para purificar o corpo, mas sua morte foi por perda excessiva de sangue depois de ela ter sido forçada a fazer uma sangria para expelir sangue preto.

Fiz uma pausa, a testa franzida.

Sangue preto?

A saúde mental dela tinha se deteriorado significativamente no mosteiro, e a

mulher expressou pavor por causa de alucinações e da sensação de ter cobras na barriga.

Novamente, eu me vi olhando para o nada. *Seria possível...*

A anotação me levou a procurar algum outro sintoma. E encontrei mais um: olhos brilhantes, considerados uma característica demoníaca.

Depois de mais algumas páginas, parei ao encontrar um desenho rudimentar de um crânio humano com dentes pretos afiados. A anotação ao lado o descrevia como sendo da tribo Cu'unotchke, que habitava a ilha na mesma época em que os primeiros colonizadores chegaram. Os antigos acadianos os consideravam selvagens, monstros, com dentes de pedra preta supostamente usados para cortar carne e olhos que brilhavam como os de um animal. Tirei uma foto do desenho do crânio, me concentrando especificamente nas marcas estranhas no osso: finas e pretas, quase parecendo entalhes, como mínimas fissuras.

Minha mente girava. O professor Bramwell tinha dito que o organismo possuía uma história antiga. Era possível que datasse dos anos 1700? Na nossa reunião, ele também tinha mencionado estriações nos ossos como uma descoberta das autópsias, que a doença tinha reaparecido trinta anos antes. O pai dele tinha trabalhado com *Noctisoma*? Era essa a base do estudo Crixson?

Meus pensamentos se voltaram rapidamente para a hora do almoço, no refeitório com Spencer, e para a conversa sobre o pai *dele* e Andrea Kepling, que também tinha citado vermes na barriga. Bramwell tinha feito a autópsia nela. Se o que Bramwell dizia era verdade, que ele raramente encontrava casos fora da ilha e que a doença não era transmissível de uma pessoa para outra, era possível que Andrea Kepling fosse de Dracadia?

Era possível que tivesse sido uma das pacientes a escapar do estudo?

Fui até o computador, que tinha uma conexão instável de internet, e digitei "Andrea Kepling" na barra de pesquisa. O artigo que eu já tinha lido era um de três resultados... um outro era um jornal que usava a mesma manchete sobre o ataque dela contra Lippincott. Mas o terceiro tinha sido escrito por um blogueiro que usava o nome Anon Amos, e cliquei nele. Embora quase todos os detalhes fossem os mesmos dos outros dois artigos, havia uma diferença: aquele post questionava a participação de Andrea no estudo Crixson, a mesma suspeita que eu tinha.

Comecei a pesquisar na mesma hora o estudo Crixson, mas só encontrei um artigo sobre as seis mortes inexplicadas, todas registradas como suicídio. Todas por afogamento, sem menção às duas outras pacientes.

Intrigada, pesquisei mais e encontrei outro artigo que oferecia uma breve

sinopse do experimento, organizado pelo Dr. Warren Bramwell, um antigo professor de Dracadia.

O pai do professor Bramwell.

O estudo tinha como objetivo testar uma inoculação que supostamente reverteria os efeitos da diabetes insulinodependente. Ao que parecia, o preparado que foi dado às mulheres tinha por foco a imunidade do corpo, bloqueando os linfócitos que atacavam células beta do pâncreas que secretavam insulina. Uma possível cura para a diabetes.

Só que o resultado trágico encerrou rapidamente o projeto. Infelizmente, não havia muita informação disponível sobre os supostos suicídios.

Depois de pegar o diário, voltei correndo para a mesa de atendimento, onde Kelvin registrava os livros no computador.

– Nós temos algum material sobre o estudo Crixson?

– Temos, mas infelizmente essas referências estão trancadas e inacessíveis devido à tragédia associada ao projeto.

– Tem algo que eu possa ver? Mesmo que seja só uma sinopse do projeto?

– Não tem, Srta. Vespertine. Terminou de usar o diário de Adderly? Eu preciso levá-lo de volta ao cofre antes de bater o ponto.

– Sim. Obrigada.

Tinha que haver informações. De que outra forma Mel saberia tanto do caso?

Talvez ela tivesse outras fontes que eu pudesse acessar.

Com um suspiro, eu me virei e, do outro lado da ala de ciências, vi o professor Bramwell em uma das mesas. Meus pulmões murcharam como um balão quando o vi curvado sobre um livro, estudando compenetradíssimo com os dedos enfiados no cabelo.

– Posso incomodar por um momento? – perguntou Kelvin, atrás de mim, me tirando dos meus pensamentos.

Balancei a cabeça e me virei.

– Claro. Do que precisa?

Ele me entregou uma pilha de apostilas de física.

– Por favor, devolva isto às prateleiras.

– Pode deixar.

Olhei para a numeração e percebi que o corredor ficava na altura de onde o professor Bramwell estava. Mantive o olhar fixo nele enquanto me aproximava com as apostilas, tentando não ficar babando enquanto ele estudava, sobretudo porque eu queria muito interrogá-lo sobre Andrea Kepling.

Não seja chata.

Por que minha pulsação acelerava quando ele estava por perto?

Ele não afastou o olhar do livro aberto na mesa, e, quando massageou a nuca, meus dedos formigaram por motivos que eu não soube explicar.

Mais perto.

Mais perto.

Cheguei ao corredor, a cabeça girando para decidir como tocar no assunto Andrea Kepling. *Você precisa mesmo investigar tudo?*, repreendi-me em pensamento. *Só pergunta sobre o tempo. Ou sobre algum esporte.*

Eu odiava esportes.

Pergunta se ele quer um copo d'água, mas, pelo amor de Deus, não pergunta sobre Andrea Kepling.

Eu me aproximei da mesa, juntando coragem a cada segundo. *Seja ousada.* O ar se acumulou nos meus pulmões e, com um suspiro infrutífero, segui na direção da estante.

Ele virou a cabeça de leve, como se sentisse alguém passando.

Parei ao lado dele por um breve momento, os lábios entreabertos para proferir alguma das infindáveis perguntas flutuando na minha cabeça e que poderia acabar escapando.

– Devryck! – chamou uma voz familiar, e vi a professora Gilchrist se aproximando, o olhar altivo e fixo no professor Bramwell.

Quando me virei, notei que ele estava me encarando. Senti algo estranho na barriga, então apertei as apostilas e passei por ele para ir até a estante. De canto de olho, vi Gilchrist se sentar em uma das cadeiras ao lado da dele.

– Tenho uma boa notícia! Consegui isolar dezenas de espécimes não infectados. A Sociedade de Preservação não ficou muito feliz, mas entendeu a importância dessa pesquisa.

Era feio bisbilhotar, mas não consegui me segurar.

– Ótimo. Obrigado.

Um momento de silêncio pairou entre eles, e eu contornei a ponta do corredor até a fileira seguinte, fingindo guardar um livro lá.

– Por que você está ignorando as minhas ligações? – Ela falou em tom mais baixo, mas ainda assim consegui ouvir. – Eu estou... confusa. Fico repassando a última vez que nos encontramos para tentar descobrir o que fiz para te aborrecer.

– Eu não vou ter essa conversa de novo.

– Devryck... eu... eu acho que estou apaixonada por você. Não consigo parar de pensar em você.

Por um espaço entre os livros, vi os dedos dele tamborilarem com

impaciência na mesa, os ombros contraídos de irritação. Quanto mais a mulher falava, mais ela ativava essa bomba-relógio.

– Só mais uma vez – disse ela, com voz de flerte. – No meu escritório. Prometo que não vou ligar mais.

– Não.

– Não? – Com as sobrancelhas erguidas, ela parecia ter acabado de levar um tapa. – É por causa de outra pessoa?

Eu hesitei, sem conseguir respirar enquanto esperava a resposta. Por algum motivo, precisava saber também. Continuei bisbilhotando e o vi cerrar os punhos.

– Por que você não me responde? – insistiu ela, claramente pouco atenta aos sinais.

Não se mete nisso. Não é da sua conta.

O que tinha acontecido no refeitório mais cedo também não era da conta dele, mas Bramwell não hesitara em se intrometer. E eu fiquei grata por isso.

Respirei fundo, contornei o corredor de novo, pigarreei e parei atrás dele.

– Professor Bramwell?

Meu coração estava disparado. Eu não acreditava que tinha reunido coragem para me intrometer na situação. Ele virou a cabeça sem dizer nada, e eu uni as mãos suadas para impedir que tremessem.

– Encontrei o texto de patogênese eucarionte que o senhor pediu.

Era mentira, e fiquei sem acreditar que as palavras estavam saindo da minha boca com tanta facilidade. Ele franziu a testa, se virou na cadeira e me observou por um momento.

Por favor, não me deixe fazer papel de idiota.

– Se vier comigo, posso mostrar onde está.

Outro momento angustiante de silêncio, então ele endireitou aqueles ombros largos.

– Sim. Claro.

Bramwell olhou para Gilchrist, e não ousei encará-la. A mulher devia estar me fuzilando com os olhos. Quando ele se levantou, eu enfim arrisquei um olhar, e a expressão no rosto de Gilchrist me fez sentir um arrepio na nuca.

– Professora Gilchrist – falei, cumprimentando-a com um movimento de cabeça.

Os lábios dela se curvaram num sorriso fingido.

Com um movimento de cabeça, pedi a Bramwell que me seguisse por mais quatro corredores, e, quando estávamos longe o suficiente para ela não ouvir, eu

me virei e vi que ele de fato tinha me seguido.

Bramwell enfiou as mãos nos bolsos e chegou mais perto.

– Ou a senhorita é incrivelmente esperta ou excepcionalmente fofoqueira.

Pigarreei de novo e baixei o olhar.

– Sinto muito, mas o senhor parecia estar precisando de uma saída – falei, repetindo as palavras dele no refeitório.

Com olhos semicerrados, ele me encarou daquele jeito perturbador e avaliativo.

– A senhorita trabalha na ala de ciências?

– Sim.

– Com que frequência?

– Quatro noites por semana, senhor.

Ele me encarou mais um minuto e eu senti o peso do seu olhar.

– Obrigado, Srta. Vespertine.

Quando ele passou por mim, eu me virei.

– Professor Bramwell, espere.

Quando ele parou, eu me arrependi na hora da minha natureza impulsiva.

– Posso fazer uma pergunta?

– Depende da pergunta.

Era agora ou nunca. Provavelmente nunca mais conseguiria a atenção total dele desse jeito.

– Sei que não vai me contar nada específico, mas eu queria saber se o senhor responderia a uma pergunta sobre Andrea Kepling.

Ele se virou para me olhar de novo, mas não disse nada. No entanto, a estranheza estava estampada em suas marcas de expressão. *Como você sabe sobre ela?*

– Eu sei que a autópsia dela foi feita aqui.

– E como recebeu essa informação?

– Não posso dizer.

Mas, tendo me visto com Spencer, eu desconfiava que ele fosse inteligente o bastante para saber a resposta. Embora eu não quisesse dedurar Spencer, minha busca desesperada por respostas afastou essa preocupação para o fim da minha lista de prioridades.

Bufando de modo exasperado, ele cruzou os braços, o que chamou minha atenção para seus bíceps musculosos.

– O que quer saber? Só não posso revelar nada sobre os registros médicos dela.

O que significava que eu teria que saber fazer a pergunta.

– Alguma ideia de como ela pode ter contraído o *Noctisoma*?

A bochecha dele tremeu com um sorrisinho e Bramwell chegou mais perto. Mais perto. Até eu sentir notas do seu perfume delicioso.

– Eu nunca confirmei esse diagnóstico.

Mas o fato de não ter negado me fez pensar que talvez estivesse mentindo. Olhei para ele sem hesitar.

– Ela alegou que Lippincott tinha botado vermes na barriga dela. E foi enviada para o senhor fazer a autópsia. Acho isso uma supercoincidência.

– Me permita alertá-la. A senhorita é uma mariposa confusa dançando em volta de uma chama descontrolada. Cega para o perigo incompreensível das suas curiosidades.

– Eu quero saber a verdade.

– A verdade é um luxo exclusivo dos poderosos.

Eu não duvidava disso, principalmente em um lugar como Dracadia, mas me recusava a aceitar.

– Eu vim atrás de respostas, professor. Não tenho medo de fazer perguntas.

– A que custo? Sua bolsa de estudos? Seu futuro? Sua *vida*?

– Isso é uma ameaça?

– É. – Ele deu um passo à frente e eu me encostei na estante atrás de mim, e ele levantou o braço, criando uma espécie de jaula. – A senhorita não sabe com quem está se metendo.

Eu já tinha sido encurralada por homens, sentido muito medo deles, mas esse não era o caso com o professor Bramwell. Aquilo quase parecia um convite. Uma provocação. Com o coração disparado, ergui o queixo de modo desafiador.

– Com quem eu estou me metendo?

Ele desceu o olhar para minha boca de um jeito que pareceu íntimo demais, atento demais, para que eu não conseguisse ler os pensamentos que giravam em sua cabeça.

– É fascinante como a senhorita pode ser tão doce e tão ousada ao mesmo tempo. – Ele passou a língua pelos lábios, e eu torci para ele fazer algo ousado, tipo encostá-los nos meus. – A senhorita é indiscutivelmente brilhante, então pare de agir como tola. Esqueça esse assunto.

Ele passou por mim e, depois que sumiu de vista, soltei o ar, trêmula. Caramba, como o sujeito era tenso.

Mas nem o Doutor Morte podia me intimidar, àquela altura. A minha curiosidade tinha sido aguçada. As paredes daquele lugar guardavam segredos

sombrios, esqueletos do passado, que eu pretendia desvendar a qualquer custo.

Capítulo 31

DEVRYCK

– Temos um problema.

Lippincott andava de um lado para outro na minha frente enquanto eu estava recostado na cadeira da minha sala, vendo o homem surtar. Ele não parava de resmungar sobre terem mentido para ele, o cabelo no alto da cabeça já desgrenhado de tanto ele esfregar o couro cabeludo.

– A garota. A garota é um problema.

– Que garota? – perguntei enquanto tomava casualmente a minha bebida, mesmo sabendo perfeitamente de quem ele estava falando.

Lippincott balançou a cabeça, sem diminuir o passo.

– Para de gracinha. Você sabe que garota. *Aquela* garota. A que eu falei pra você ficar de olho.

– Mas estou de olho nela. Qual é o problema?

Normalmente, eu teria achado o nervosismo dele meio divertido. Considerando o fato de que tinha uma coisa bem mais interessante esperando no meu laboratório (uma injeção recém-preparada da toxina), eu estava entediado.

– O problema? Você já olhou para ela?

Quase todas as noites quando eu fechava os olhos, mas não quis dizer isso em voz alta.

– Ela é idêntica à mãe dela!

– Muitos filhos são.

– Para de gracinha, Devryck!

Ele bateu com o punho na minha mesa, mas sua raiva não me intimidou. Com a postura ereta, ele me encarou com uma coragem inabalável, vendo que minha paciência já estava começando a sumir.

– A mãe dela é a outra mulher *desaparecida*. A fugitiva do estudo falido do seu pai.

Merda. Isso me preocupou. Tinha esperado que ele seguisse obtuso o bastante para não fazer essa conexão, da qual eu desconfiava desde que lera o relatório cheio de falhas do legista.

– Você tem certeza disso? – falei, bancando o burro.

– Você acha que eu me esqueceria de um rosto daqueles?

Considerando as perguntas que Lilia havia feito, eu tinha a impressão de que ela não sabia que a mãe tinha participado do estudo. Senão, acho que ela teria sido bem mais específica em suas muitas questões.

– Eu falei que ia ficar de olho nela, e vou ficar.

Peguei o decantador de bourbon para encher o copo dele, porque, caramba, com o rosto vermelho daquele jeito, o homem parecia prestes a ter um derrame.

– Até agora, ela não causou nenhum problema – acrescentei enquanto enchia o meu próprio copo.

Já que Lippincott tinha confirmado as minhas suspeitas sobre a participação da mãe dela no estudo Crixson, fiquei calculando as chances de tudo aquilo. O destino devia estar agindo a toda de novo, pelo tanto que ficava me lembrando de como meu pai tinha sido um cretino.

– Ela está aqui por um motivo, Devryck. Está buscando informações, sem dúvida. E, quando conseguir, eu vou me ver outra vez diante do pelotão de fuzilamento. A porra do seu pai *arruinou* a minha vida com isso. – Ele se afastou da minha mesa e voltou a andar de um lado para outro. – Arruinou!

Ele deu um soco no ar, feito um louco, como se o meu pai estivesse na frente dele. Não que eu o julgasse. Também teria uns socos para dar no sujeito.

– Relaxe. Ela só está curiosa sobre o organismo.

Ele me ignorou e pegou a bebida na mesa, derramando algumas gotas na superfície lustrosa, um detalhe que me deixou muito irritado.

– Gilchrist a colocou na porra da *Casa Crixson*. Você acha que não foi intencional? – Ele virou a bebida e quase engasgou porque não esperou o suficiente para responder à própria pergunta. – Não. A mulher está no meu pé. Está tentando me sabotar por não tê-la promovido!

Ele balançou a cabeça e voltou a andar de um lado para outro e bebericar o bourbon. Rosnando, ele afrouxou a gravata, o que reforçou sua cara de lunático.

– Aquele ser medíocre e mentiroso. Traíra babaca que mentiu na minha cara! – Era difícil saber se ele estava falando de Langmore, da mãe da garota ou de outra pessoa. – Eu errei. Dar um semestre a ela aqui foi uma ideia de merda. De

merda!

– Você só está chegando a essa conclusão agora?

– Eu não tinha a menor ideia de quem ela era. O sobrenome não é o mesmo. As informações dela não chegaram com um álbum de família! – Era impressionante que ele não tivesse arrancado todo o cabelo da cabeça de tanto que passava a mão pelos fios. – Ela tem que ir embora.

– Não seria melhor conter o problema? Ela assinou um acordo de confidencialidade, o que significa que não pode repassar nada relacionado ao *Noctisoma*. Não sem sofrer as consequências legais.

Ele coçou o queixo, considerando as minhas palavras enquanto olhava ao longe.

– Ela tem outros parentes?

Eu não gostava da ideia de dar a ele informações pessoais de Lilia, mas não contar poderia aguçar sua curiosidade e fazer com que ele a observasse mais de perto, em vez de confiar que eu ficaria de olho nela.

– Uma meia-irmã e o ex-namorado da mãe.

Outro gole e ele balançou os dedos, pedindo mais.

– E a mãe faleceu? Nós sabemos que ela faleceu?

Empurrei a garrafa para ele, me recusando a obedecer ao homem cada vez que ele acabava a bebida, mas ele que não ousasse derramar de novo.

– Quatro anos atrás, pelo que descobri.

Lippincott se serviu da bebida, e eu a vi balançar perto da borda, mas, para a sorte dele, não derramou.

– Ela não te procurou para fazer nenhuma pergunta?

Isso era risível.

– Procurou. Fez um monte. Nenhuma delas preocupante. – A cadeira rangeu quando eu me recostei e botei os pés sobre a mesa. – Ela é só uma garota sonhando em encontrar a cura para a doença que tirou a vida da mãe.

– Ela não perguntou *nada* sobre Crixson?

– Não. E que importância isso teria? Os arquivos estão lacrados. As informações sobre a mãe dela e Kepling não existem mais. Você está sendo paranoico.

À parte a mera fascinação que nutria pela garota, eu não tinha nenhuma conexão com ela nem lhe devia lealdade. O fato de eu a estar protegendo não fazia sentido. Ele soltou o ar e se sentou na cadeira em frente a mim.

– Talvez você tenha razão. Que porra ela pode fazer? Nada. – Ele tomou a bebida toda de uma vez e bateu com o copo na minha mesa. – Tudo bem. Ela

fica. Até segunda ordem.

Foi nessa hora que me ocorreu que eu tinha acabado de negociar a permanência de Lilia na universidade.

E não fazia ideia do motivo.

Eu olhei para o celular, onde o vídeo de Lilia estava pausado.

Eu tinha sonhado com ela na noite anterior. Aqueles dedos longos e delicados passando pelos meus braços até subirem pela minha nuca. Algo que me atormentara a tarde toda, até a noite, quando ela atrapalhou minha concentração na biblioteca. Gilchrist era um incômodo, mas Lilia era uma distração. Uma distração irritantemente bem-vinda.

Pensei na expressão dela quando eu a abordei na estante. No olhar desafiador que me deu vontade de tomar aquela porra daquela boca carnuda e acabar com o inferno que me mantinha refém do feitiço venenoso dela. Aquele aroma excitante que mexia com a química do meu cérebro. O encanto delicioso que sem dúvida atraía homens para a desgraça.

Um toque. Um toque acabaria com aquela curiosidade angustiante, mas poderia me jogar de vez na loucura.

Por que a maldita tinha que ser tão curiosa? As perguntas que tinha começado a fazer rodeavam águas perigosas, principalmente desde que Lippincott tinha deduzido quem era a mãe dela. E se a pessoa errada acabasse ouvindo, quem sabia que consequências Lilia sofreria?

Eu abominava aquela obsessão secreta que tinha começado a desenvolver por ela.

Era errado.

Embora Lilia fosse maior de idade, uma mulher, essencialmente, ainda era proibida, e o fato de eu sentir qualquer desejo atestava a eficácia da minha última inoculação.

Tirei a seringa do estojo, onde a substância roxo-clara fazia minhas veias ansiarem por uma dose. A toxina tinha começado a metabolizar em um ritmo bem mais lento depois das várias semanas de uso, mas não estava nem perto de estável o bastante para testes clínicos. Na ausência do parasita, ela não tinha o mecanismo verdadeiro para se reabastecer, e, portanto, seus efeitos tinham pouca duração. Gerações subsequentes do parasita tinham se mostrado mais específicas

para a genética humana, mas ainda havia uma falha. Sustentabilidade.

Duas: o sacrifício humano ainda era necessário para procriar o parasita e ensinar a ele nossa fisiopatologia.

A outra questão era um efeito colateral que deflagrava a minha própria necessidade de procriar.

Mesmo na ausência do parasita em si, pois a inoculação que eu fazia em mim consistia apenas na toxina pura, o composto ainda compelia meu cérebro a foder alguma coisa, um ímpeto que eu tinha conseguido controlar na maior parte do tempo, mesmo na presença de muitas mulheres jovens e férteis no campus. Um mecanismo químico resultante da toxina que eu injetava voluntariamente em mim mesmo.

Porque também era essa toxina que compelia meu sistema imunológico e ajudava a criar proteínas protetoras que efetivamente corrigiam os danos causados pela minha doença. Que os revertiam, ainda que temporariamente. Cada nova crise, quando meus músculos travavam e a minha cabeça latejava de agonia, era uma nova destruição que precisava ser revertida pelo exército potente de proteínas da toxina.

E, ainda assim, eu corria o risco de ter o coração afetado.

Ansiava pelo dia em que eu poderia controlar melhor a toxina, de forma a conseguir uma reversão completa da genética defeituosa que causava a doença. A mesma doença que acabou matando meu pai.

O que eu buscava não era a glória pelo que a minha pesquisa tinha o potencial de alcançar. Eu só queria sentir alguma coisa de novo.

Depois de limpar o local com álcool, alinhei a seringa com a minha veia e perfurei a pele. Não doeu. O líquido não ardeu. Só houve um pouco de sangue acumulado em volta da ferida, que eu cobri com algodão, e depois removi a seringa.

Em qualquer outro laboratório, eu teria me ferrado por me usar para testes. Teria perdido a licença e sido excluído da academia.

Felizmente, Dracadia não era qualquer outra universidade.

Se ficassem sabendo, eu desconfiava que fingiriam não saber, desde que eu continuasse a relatar os progressos. E não morresse. Embora mantivesse uma imagem de legitimidade nos laboratórios superiores, ali, no meu laboratório particular, eu podia fazer qualquer coisa. Inclusive praticar um homicídio.

Eles precisaram me convencer a dar continuidade à pesquisa do meu pai. No leito de morte do homem, eu tinha prometido que os estudos de sua vida morreriam com ele. Foi Lippincott que me encorajou a considerar a ideia. A

investigar o potencial de curar meu próprio problema. Ele concordara em financiar a pesquisa e trabalhara para revigorar o interesse nela, depois que meu pai tinha afastado toda a comunidade acadêmica.

Eu precisava que fosse um sucesso.

Estava desesperado para desvincular minha imagem do legado vergonhoso do meu pai.

A sala balançou e se inclinou quando a toxina pulsou pelas minhas veias. Uma sensação de euforia me dominou com o grande aumento de dopamina. Grunhindo e gemendo, eu me contraí e flexionei os músculos enquanto a toxina entrava na minha corrente sanguínea. Embora não conseguisse devolver minha sensação de tato, cada dose diminuía a chance de ter convulsão. E, claro, alimentava a minha libido.

Peguei o celular e olhei o vídeo pausado de Lilia.

Para com isso, falou a voz da razão. *Ela, não.*

O que havia naquela garota que me fazia violar minhas próprias regras?

Talvez fosse o fato de saber que Lippincott estava de olho nela. Que, sem saber, ela nadava em um mar plácido com tubarões se esgueirando sob a superfície e me comovesse com a sua vulnerabilidade.

Talvez fosse o jeito como ela me desafiava e provocava todos os meus preconceitos, aquela resiliência inabalável que eu achava tão atraente. Uma dose de fogo nas minhas veias que incitava o meu sangue.

Eu me sentia atraído por motivos que não conseguia justificar nem entender. Uma percepção que me irritava loucamente. Ela era uma comichão no meu cérebro que eu não conseguia saciar. O brilho enlouquecedor no canto do olho durante a aula, que distraía meus pensamentos. O tipo de garota que seduzia com um único olhar. Uma mordida no lábio.

E ela tinha capturado a minha atenção com ganchos de aço.

Queria saber mais sobre ela, quem ela era, de onde vinha, como aquela mente brilhante funcionava.

Mas não seria certo.

Afastei o celular porque, porra, eu ia acabar ficando excitado, como qualquer pervertido que tivesse visto aquele vídeo. Então, me recostei na cadeira e libertei meu pau. No passado, eu teria chamado Gilchrist para aliviar a tensão e me levar ao tipo de êxtase que me era muito fugidio durante o sexo. Fechei os olhos e imaginei meu último encontro com Gilchrist, quando eu a botei de joelhos, a boca em volta do meu pau. Uma pontada de decepção acompanhou cada movimento da minha mão. Ela sempre errava o ritmo, e, por algum motivo,

achava que eu gostava da sensação dos seus dentes no meu pau.

Percebi que estava franzindo a testa enquanto movia a mão para cima e para baixo, a ereção baixando porque a fantasia não serviu para me excitar.

Uma nova imagem surgiu na minha cabeça.

Cabelo castanho-avermelhado como fogo.

Olhos verdes gélidos.

Lábios macios e carnudos explorando a minha pele.

Fiquei duro conforme cada gota de sangue ia direto para o meu pau. Antes que pudesse me segurar, estava metendo na minha própria mão imaginando Lilia, a saia curta puxada para cima, sem calcinha, me provocando. Ao mesmo tempo que meu estômago se embrulhava e contraía com um incômodo perturbador, meu pau apreciava a imagem. Com o punho batendo em um ritmo delicioso e depravado, eu me imaginei segurando o cabelo dela, usando sua boca das formas mais vulgares e exóticas.

Joguei a cabeça para trás diante da explosão de luz que atingiu o fundo do meu cérebro. Jatos quentes explodiram no meu punho, deixando os movimentos finais escorregadios. Estremecendo, soltei um gemido, a porra de um gemido. Eu nunca fazia som nenhum quando gozava, mas a agonia foi agridoce. Apoiei a cabeça no braço, dando umas últimas bombadas, e estremeci de novo.

Respirando intensamente pelo nariz, tentei recuperar o fôlego, e foi nessa hora que a minha consciência voltou e eu gemi de novo, agora de frustração.

– Porra.

De repente, Lilia Vespertine tinha se tornado mais do que uma aluna.

Tornara-se um problema sério.



– Eu sinto eles. Dentro da minha barriga. Você que botou eles lá! Seu filho da puta! – Barletta andava de um lado para outro na cela, mancando de uma ponta à outra. – E-e-eles ficam entrando e saindo, entrando e saindo.

– Relaxe, Sr. Barletta.

Observei as paredes e reparei em mais manchas de umidade; vários pontos onde ele provavelmente tinha aliviado o desejo sexual. A ânsia de vômito me fez desejar ter levado um pouco de unguento de cânfora para o nariz, ou um purificador de ar. Eu tinha me acostumado com o cheiro de cadáveres, mas aquilo ali era completamente diferente.

– Não! Eu não vou relaxar! – Ele se jogou contra as grades da jaula. – Eles estão me comendo de dentro para fora! Você acha que eu não sinto?!

Suspirei, a cabeça ainda focada na ruiva irritante de boca atrevida.

– Eles só começam a consumir depois que a pessoa morre. O que você está sentindo é um pico de crescimento. E talvez esteja tendo alucinações.

– Eu quero arrancar eles. Tira eles de mim! – Ele socou as grades com o que deve ter sido um golpe doloroso, que fez seus dedos estalarem. – Por favor!

– Na hora certa. Eu prometo. Sente-se. – Indiquei a cadeira que ele tinha derrubado no chilique. – Vou terminar a minha história e te dar água.

Olhos cautelosos me avaliaram, transbordando desconfiança.

– E não me venha com copinho de nada. Eu quero um copão cheio! Com gelo.

– Combinado.

Com as mãos tremendo, ele puxou a cadeira para mais perto das grades e se sentou, parecendo mais calmo. Com a progressão da doença, as explosões ficariam cada vez mais violentas no desespero para fugir.

– Fora a sensação de movimento dentro de você, como está se sentindo? – perguntei.

– Estou com umas dores. Às vezes, fico com a impressão de que tem uma coisa rastejando na minha pele. – Ele coçou o braço e fez uma careta, como se estivesse sentindo aquilo no momento. – E fico vendo o meu filho. O tempo todo. Só que não é o meu filho. É... uma versão distorcida, que carrega um martelo e diz que vai abrir meu crânio.

Ah, a justiça da culpa. Era quase divertida demais, às vezes.

– Ele não é real, eu posso garantir.

– Mas parece. – Ele desviou de mim seus olhos inquietos e brilhantes. – Real pra cacete.

– É a sua culpa brincando com você.

Ele baixou o olhar para as mãos agitadas.

– Você tem alucinações com seu irmão?

– Tenho – respondi com sinceridade. – Frequentemente.

– Então... a ligação que o seu pai recebeu. A que você citou na última história. O que era?

A pergunta dele sugou toda a minha alegria, meu prazer, de um jeito horrível. Os efeitos eufóricos da toxina viraram algo sombrio e distorcido, que revirou meu estômago.

– Eu só descobri bem depois. Só quando soube o destino do meu irmão.

Com a bebida em uma das mãos, olho para baixo, para as pedras pontiagudas e mortais onde as ondas do mar se quebram em potentes borrifos de água. O mundo oscila ao meu redor no mesmo ritmo, me fazendo balançar para a frente e para trás. As palavras do meu pai ecoam na minha cabeça em um vácuo de pensamentos tóxicos.

– Não faz isso.

Ao ouvir a voz de Caedmon, eu me viro e o vejo parado ao meu lado. Mas não é ele, é só sua versão intangível que me visita quase todas as noites. Vê-lo me enche de vergonha, e eu me viro para as pedras abaixo.

– Eu fracassei. Sou um fracasso.

– Não é. Isso é coisa do nosso pai.

– Devia ter sido eu.

– Para – diz ele, me repreendendo com o tom impaciente de sempre. – Para de ficar choramingando e sai dessa beirada. Você é inteligente demais pra desperdiçar seu tempo com culpa.

– Eu não tenho nada, Caed. Nada.

Sem meu irmão, toda força que ainda me restava foi destruída, deixando pouco mais do que uma casca.

– Eu me sinto vazio, esvaziado. Tão oco que chega a ser frio.

– Me escuta. – A voz dele é suplicante, e, mesmo no meu torpor, sinto seu desespero. – Nosso pai tem alguma coisa que eles querem. Descubra o que é e me liberte.

– Não adianta. Ele nunca vai me contar.

Viro outro gole da garrafa de bebida e cambaleio de novo.

– Claro que não vai. Você tem que descobrir sozinho, Devryck. Pensa, porra!

A voz de Caedmon carrega uma raiva que penetra meu torpor.

– Ele guarda todos os segredos no laboratório.

– Sim. Muito bom.

– É o trabalho da vida dele. O que estão querendo.

– Sim. Exatamente. – O tom dele, carregado de esperança, ancora o meu foco.

– Como?

– Você sabe como. Você já viu, guardado. Enfiado naquele armário.

– O cofre?

Eu o visualizo na sala dele. Nos fundos daquele armário. O pequeno cofre onde ele guardou a foto da nossa mãe.

– Sim. O que tem no cofre?

– Além da foto dela? Não tenho ideia. Nunca consegui abrir.

Quem ia querer os experimentos fracassados dele? O estudo que desgraçou o nome da nossa família?

– Encontre um jeito. E, puta que pariu, cara, sai desse precipício. Você está me deixando nervoso.

Um sopro errático de vento me desequilibra e cambaleio para trás. Meus pés se atrapalham. Eu escorrego nas pedras.

O chão some debaixo de mim e eu deslizo pelas pedras escorregadias, a superfície irregular cortando a minha barriga quando me seguro no beiral.

– Merda!

Ouso olhar para baixo, onde o mar me convida a me soltar, me provoca a soltar a mão e cair no abismo.

– Sobe, Devryck! Sobe!

Contraio os músculos e me ergo, os braços tremendo com o esforço.

– Levanta! – As palavras dele são um berro doloroso que abala minha mente.

– Ahhhh! – A agonia martela meus ossos enquanto meus músculos travam em uma rigidez mortal. – Não consigo! Eu vou morrer, porra!

– Você não vai morrer. Sobe de volta, seu frouxo do caralho!

– Não. – Eu relaxo os músculos e fico pendurado em uma mão só. – Não, Caedmon. Eu não quero.

– Eu preciso de você, irmão. Estou implorando. Tenta.

Imagino meu irmão, onde quer que esteja, sobrevivendo. Agarrando-se às esperanças.

Com isso, respiro em meio à dor lancinante, os dedos cravados na pedra. Segurando com força e firmeza, eu me ergo, e, antes que escorregue, movimento rapidamente os braços para me segurar no beiral. Dou um impulso com a perna, usando os músculos das coxas para me empurrar para cima. Em um esforço conjunto de todos os membros, consigo voltar para cima e me afastar da beirada perigosa. Deitado de barriga pra cima, respiro pelo nariz, louco para botar ar em pulmões que parecem ter sido esmagados por uma mão de ferro.

Caedmon fica me olhando.

– Me liberta.

Volto cambaleando para casa, aos poucos ficando sóbrio enquanto penso no meu irmão. Na entrada principal, passo por Dmitry, nosso mordomo, que me chama, mas as palavras dele se perdem em meio aos pensamentos incessantes na minha cabeça. Ele tenta me impedir quando chego à porta do porão, mas eu o empurro em um acesso de fúria.

O ar esfria enquanto desço pela longa escadaria circular na direção do

laboratório do meu pai. Gritos vindos de trás ficam mais intensos, as palavras um borrão.

Desço um corredor longo e chego ao laboratório, cuja porta está entreaberta.

Lá dentro, escuto os gritos do meu irmão.

Caedmon!

Empurro a porta e encontro meu pai diante de uma caixa sobre uma das mesas de exame. Ele segura uma pequena câmera, seu rosto uma máscara de fúria e lágrimas.

– Pai? – Vou na direção dele, confuso. – Caedmon?

Ele larga a câmera e cambaleia para trás, parecendo prestes a desmaiar.

Antes que ele a pegue de novo, alcanço o aparelho e o levanto, meus olhos encontrando na mesma hora a telinha que mostra meu irmão amarrado a uma cadeira. Pelo ponto de vista do câmera, vejo chamas saírem de um maçarico e lamberem as pernas em carne viva e cheia de bolhas do meu irmão.

O pânico sobe pela minha garganta. Eu caio para a frente e bato com as mãos no concreto. Uma torrente de vômito sai de dentro de mim. Outro jato se acumula ao que já estava no chão e respinga no meu rosto.

Com pernas bambas, eu me levanto e olho dentro da caixa. Meu pai corre na minha direção, mas eu me viro a tempo de empurrá-lo, o que o derruba sentado. De dentro da caixa, retiro uma caixinha preta com um bilhete:

Como solicitado, devolvemos seu filho.

Com as mãos tremendo, abro a caixa e encontro uma pilha de cinzas.

Minha respiração fica muito curta. A sala gira, fora de controle.

Eu resvalo para a escuridão.

– Mataram ele. – O tom sombrio de Barletta me trouxe de volta ao presente.

Meus músculos se contraíram com a pergunta.

– Acho engraçado que você reaja a essa história como se não a conhecesse.

As sobrancelhas dele tremeram, os olhos reflexivos se movendo na cela escura.

– Eu não... não estou entendendo o que quer dizer.

– Foi você que levou meu irmão até o assassino dele.

Pronto, ali estava. O motivo para eu ter tirado um homem das ruas e o infectado com os vermes mortais que tinham começado a destruir seu corpo.

Vingança. Vingança pelo meu irmão gêmeo, que tinha sido brutalmente assassinado por ganância. Pela mesma pesquisa à qual eu dedicava a vida.

Barletta desviou o olhar de mim.

– Eu? – perguntou ele, com uma risada nervosa. – Não, você pegou o cara errado. Eu não sei do que você está falando.

– Não me insulte. Na noite do dia 23 de outubro, você levou dois comparsas e meu irmão até um prédio abandonado fora da cidade. Você foi o último a vê-lo vivo.

O silêncio pairou no ar e Barletta enrijeceu os ombros e se mexeu na cadeira, talvez por se dar conta de que não havia chance de eu deixá-lo vivo.

– Eu só fiquei naquele trabalho por um ano.

– Trabalho. Levar humanos para o abate era o seu trabalho.

Ele balançou a cabeça, uma negação nauseante tomando seu rosto e me fazendo desejar cortá-lo fora.

– Eu não sabia nada sobre ele, nem sobre você ou o seu pai. Me disseram que eu ia levar um garoto para um lugar na zona leste. Não sabia para quem nem por quê.

– Mas levou mesmo assim. – Minha voz não tinha inflexão. Nem empatia. Tão sem vida quanto um cadáver. – Nunca questionou nem foi atrás para ver se o garoto ainda estava vivo. – Eu dei de ombros e me acomodei na cadeira. – Por que faria isso, se vivia espancando o próprio filho?

Com uma expressão contorcida de medo, ele se balançou na cadeira.

– É por isso que eu estou aqui, né? Foi por isso que você me trouxe para cá. Por uma porra de vingança maluca?

– Você é tão brilhante.

– Eu nunca tive intenção de machucar garoto nenhum. Se eu soubesse que iam torturar ele...

– O que você teria feito? – Eu inclinei a cabeça e observei o homem cuspir mentiras na maior naturalidade, como se fossem verdades. – Teria salvado ele? Chamado a polícia? Feito o que qualquer ser humano decente faria? – Soltei uma gargalhada sem humor. – Não. Eu acho que não. Você é um merda. Comida de verme.

– O que você quer? Você deve querer alguma coisa.

– Por acaso, quero mesmo. E agora é a hora de pedir, antes que seu cérebro comece a se deteriorar.

– O quê? – Ele caiu de joelhos e se segurou nas grades da cela. – Qualquer coisa! Eu faço qualquer coisa!

Inabalado pela súplica dele, observei com repulsa enquanto o homem derramava lágrimas inúteis.

– O motivo de eu ter trazido você aqui é simples. Eu preciso de um nome. Um nome que só você pode me dar.

– Quem? Quem?

– Parece que demorei demais para chegar a Victor Rossi, um dos dois capangas que levaram meu irmão. Infelizmente, ele morreu de ataque cardíaco. O outro sucumbiu rapidamente aos vermes, mas não antes de me dar seu nome. Então, cabe a você me dar o nome do homem a quem entregou o meu irmão.

– Isso aí já faz quanto tempo? Uns vinte anos? – Ele soltou as grades e se encolheu, derrotado. – Como é que eu vou lembrar?

– Não sei. – Do bolso interno do casaco, tirei uma seringa fechada e a ergui diante dele. – Isto é o antídoto que vai te impedir de morrer. Sugiro que você lembre. E se mentir pra mim... Pode dizer adeus à cura.

– Ahhh, meu Deus. Meu Deus do céu, puta que pariu! – Ele passou a mão pelo rosto. – Victor Rossi... é... eu conheço esse nome. Então... o cara... ele era... – Ele franziu a testa e pareceu fazer um esforço enorme, desesperado para lembrar. – De Nova York... Era... Angelo. Angelo! Era Angelo! Angelo DeLuca!

– Tem certeza disso?

– Tenho. O cara era um babaca. Lembro o rosto dele claramente. – Os olhos dele se acenderam com uma esperança nauseante que eu estava ansioso para apagar. – Ele tinha um nariz torto, como se tivesse levado muitos socos. E tinha uma cicatriz horrível no olho.

Era impressionante o quanto uma pessoa era capaz de lembrar nas circunstâncias certas. Tomei uma nota mental do nome, minha próxima cobaia.

– Então você vai ficar sentado aí quietinho enquanto eu faço umas pesquisas sobre o Sr. DeLuca.

– E esses vermes, cara? Não aguento mais eles se mexendo dentro de mim. Estou ficando apavorado!

Eu dei de ombros, sorrindo.

– Com sorte, vou encontrá-lo com facilidade. Mas, antes de eu começar essa caçada, você tem certeza absoluta de que é esse o cara?

– Tenho. Eu juro pelo... pela minha própria vida. É ele. Por favor. Tira essas coisas horríveis de dentro de mim!

Eu me levantei da cadeira e ajeitei a calça, ignorando o desespero dele. Não tinha a intenção de ajudá-lo. A seringa que eu havia mostrado só continha uma solução salina estéril.

– Eu aviso sobre o andamento da pesquisa.

– Por favor, vai logo, cara. Não aguento mais essa merda. – Ele esfregou a cabeça e se balançou para a frente e para trás. – Não dá mais. Está fodendo com a minha cabeça.

– É. Fode mesmo com a cabeça. É a natureza dele. Nós vamos nos falar em breve, Sr. Barletta. Tenha uma boa-noite.

– Boa... Tenha uma boa-noite? Numa prisão? Cadê a minha água? Eu quero a minha água!

– Ah, é, quase esqueci.

Andei pelo corredor até um copo de plástico ao lado de uma mangueira que eu tinha puxado para os andares subterrâneos. Eu a abri e enchi o copo até a metade, o dobro da quantidade que eu tinha dado das outras vezes.

Os olhos dele se iluminaram quando voltei com o copo, as mãos esticadas entre as grades da cela.

– Por favor – disse ele com a voz trêmula, aceitando a bebida com cuidado e dando um gole grande.

Então, ele franziu a testa e abriu a boca como se fosse vomitar. Um verme preto comprido escorregou de seus lábios para o copo, que ele baixou lentamente, com as mãos trêmulas e os olhos arregalados de pânico.

– Ah, porra – sussurrou ele com voz trêmula. – Ah, porra, fodeu.

Enfiei as mãos entre as grades para que ele me entregasse o copo. Como se em transe, Barletta não tirou os olhos do copo ao passá-lo para mim.

– Isso aí... – Ele engoliu em seco e segurou outra ânsia de vômito. – Isso aí é o que tem dentro de mim?

Eu levantei o pouquinho de água que restava até a lâmpada exposta e estudei o verme enrolado no fundo, reparando nos dentes que tentavam se agarrar à superfície.

– Sim. Parece que eles evoluíram.

Ele cobriu a boca com a mão e respirou com dificuldade pelo nariz.

– Eu não quero vomitar. Tenho medo de mais desses bichos saírem!

– Sim, é melhor deixá-los aí dentro, senão eles vão tentar fugir.

Eu abaixei o copo e me virei para Barletta, que estava agachado no canto da cela, tremendo.

– Você não é normal da cabeça, né? Não tem como você ser.

O som da minha risada ecoou pelo corredor.

– Diz o homem que bateu no filho com uma garrafa...

– Eu estava bêbado. Jamais machucaria alguém de propósito. Mas isso aqui...

é doentio!

Suspirei e olhei para dentro do copo, para o verme crescido. Um verme que tinha passado as últimas semanas se alimentando do fígado do sujeito.

– Acho que você tem razão. Deve ter sido de tanta porrada que levei na cabeça. – Eu bati com um dedo na têmpora. – É isso que acontece quando um cara bate nos filhos.

– Você não vai me soltar.

Com a cabeça inclinada, sem acreditar na ignorância do homem, eu soltei uma gargalhada.

– Foi isso que você pensou? Que nosso tempo juntos terminaria comigo te soltando? Vai achando.

Choramingando, ele se balançou para a frente e para trás, passando as mãos pela cabeça.

– Eu estava numa situação de merda quando trabalhei para aqueles cretinos que levaram seu irmão. Não estou mais.

– Que ótimo. De verdade. Desconfio que, na próxima vez que conversarmos, você vai estar meio ocupado.

Ele parou e me olhou, seu desespero quase risível.

– Com o quê?

– Tentando não vomitar suas tripas.

Segui pelo corredor e, ao som do grito de Barletta, dei um sorrisinho e olhei para trás. Algo chamou minha atenção.

Uma figura escura no corredor oposto, depois da cela de Barletta.

Franzi a testa e me virei, examinando a silhueta, e voltei naquela direção até estar na frente de Barletta de novo. A figura não se mexeu. Só ficou olhando, quase toda escondida pelas sombras.

– Quem está aí? – gritei.

– Tem alguém ali? Você está vendo alguém? – Barletta se jogou contra a grade e tentou agarrar meu casaco. – Me tira daqui, doutor! Eu quero sair!

Franzindo o cenho, olhei para os dedos agarrando meu casaco e os afastei. Quando ergui o olhar de novo, a figura obscura tinha sumido. Para garantir, eu cheguei mais perto, o copo com o verme ainda na mão.

Não havia nada além do corredor vazio à frente, tomado pelo som dos gritos de Barletta.

Capítulo 32

LILIA

Depois de duas horas reunindo trechos de vários artigos e estudos sobre simbiose como perspectiva evolucionária para a prova de Gilchrist, fiquei de saco cheio.

Muito de saco cheio.

Quem imaginaria que relacionamentos benéficos entre insetos podiam ser tão chatos?

A aula de Bramwell pelo menos oferecia um pouco de terror e ação, com seus parasitas controladores de mente.

Quando me recostei na cadeira, vi, pela porta aberta do meu quarto, Mel passando. A universidade era uma coisa estranha. Em casa, eu sempre deixava a porta fechada, para ter um pouco de privacidade. Em Dracadia, gostava do oi ocasional quando um colega passava. Eles costumavam ser respeitosos e nunca entravam, nem me pareceram enxeridos ou curiosos sobre o que acontecia no meu quarto. Talvez fosse por isso que eu não me importava.

– Mel! – chamei, derrubando o copo de café que tinha deixado no chão ao lado da cadeira... para não derrubar na mesa. – Merda.

Peguei uns lenços de papel na caixa ao lado do notebook, me ajoelhei e sequei tudo, sem perceber a princípio que ela tinha parado na minha porta.

– E aí? – disse ela, encostada na moldura da porta.

Joguei os lenços encharcados fora, limpei as mãos molhadas na saia do vestido e me levantei.

– Oi. Posso te fazer umas perguntas?

Acenando freneticamente, eu a chamei para dentro do quarto e fechei a porta.

– Claro...

– É sobre o estudo Crixson. É que eu trabalho na biblioteca e... bom, não consigo encontrar nada a respeito. O bibliotecário com quem eu trabalho disse que existem alguns textos, mas que são de acesso restrito.

– Esses textos são inúteis e sem sentido.

Inúteis e sem sentido. O que isso significava? Que ela tinha informações melhores?

– Então... como... como você sabe tanta coisa?

– Por que você quer saber?

Dizer que eu tinha desconfianças sobre Andrea Kepling e a natureza do experimento feito pelo pai do professor Bramwell seria revelar demais de uma vez. Antes, eu queria ter uma noção das informações que ela tinha.

– Andei pensando na pesquisa atual do professor Bramwell. – Então acrescentei, baixando a voz: – Não confio nele.

– Nem você nem ninguém.

Tudo bem, ao que parecia eu precisava de uma moeda de troca maior.

– Eu sei o que aconteceu com uma das participantes que fugiu.

– Como?

Em vez de responder, balancei a cabeça. Se ela soubesse que tinha sido Spencer a me dar a informação, provavelmente a consideraria inútil.

Mel me encarou por um momento, mexendo a mandíbula. Pensando.

– Vai no meu quarto hoje de noite e eu te mostro.

Simples assim. Eu achei que teria que fazer algo absurdo, tipo sacrificar um bode para que ela me desse as informações, mas ali estava ela, oferecendo tudo como bebida grátis numa festa.

– Tudo bem. Que horas?

– Depois das dez.

Uma batida na porta nos interrompeu, e abri a passagem com a testa franzida para encontrar uma loira desconhecida usando uma roupa chique que, aos meus olhos desacostumados, parecia de marca. As linhas duras em seu rosto a faziam parecer ter uns 40 anos, mas o cabelo e o vestido davam um ar de juventude. Percebi um tremor no lábio dela quando me examinou rapidamente, claramente avaliando meu traje menos impressionante.

– Srta. Vespertine? – perguntou ela, como se o nome deixasse um gosto amargo em sua língua.

– Sim?

– Sou Missy Finch, dona da butique de Emberwick. O Sr. Spencer Lippincott

me mandou para tirar suas medidas para um vestido.

Deixei todo o ar escapar quando lembrei que tinha me comprometido a ir a um evento beneficente com ele.

– Ai, meu Deus.

– Spencer?

O tom de repulsa na voz de Mel fez com que eu me retraísse. Não que eu me importasse de ela ter algo contra ele, mas foi um péssimo momento. Eu não precisava que ela desse para trás bem quando eu estava chegando a algum lugar com minhas perguntas curiosas.

– Você está mesmo saindo com esse cara? Ele é um escroto!

A loira desviou o olhar para Mel e, a julgar por sua expressão de desprezo, parecia considerar Spencer mais do que um cara qualquer que a tinha mandado vir tirar minhas medidas.

– Como é?

– Olha, é um mal-entendido – interrompi antes que uma briga começasse no meu quarto. – Srta. Finch, agradeço sua visita, mas não preciso que tire as minhas medidas.

Os olhos azuis dela arderam de indignação.

– Eu vim até aqui, deixei minha butique fechada, tive que discutir com aquele porteiro tirano e agora ainda estou ouvindo um amigo da família ser insultado.

Bufando de irritação, Mel saiu do quarto batendo os pés, e eu voltei a me virar para a loira.

– Peço desculpas. Pode me dar só um minuto?

Ela cruzou os braços e ergueu o queixo com arrogância.

– Se não passar disso.

Corri atrás de Mel, que tinha percorrido só uns três quartos no corredor.

– Espera. Você pode me contar por que odeia tanto o Spencer?

– Eu entendo. Você está cagando pros avisos da esquisita. Vai lá aproveitar seu romancezinho com o filho privilegiado do reitor.

Jesus emo do céu, eu estava sem a menor paciência para ela naquele momento.

– Eu dou pelo menos uma chance a todo mundo. Inclusive a você. Assim como eu não daria ouvidos para o que alguém dissesse a seu respeito sem verificar por mim mesma, gostaria de formar uma opinião própria a respeito dele.

– Então descubra sozinha. Mas depois não diga que eu não avisei.

– E sobre o nosso encontro? Você ainda topa?

Um olhar furtivo ao redor e ela se inclinou para mais perto de mim.

– Você está pedindo informações delicadas. Por que eu deveria confiar em você, se você confia tão *abertamente* nos outros?

– Porque você ainda quer saber o que eu sei. E eu nunca disse que confio totalmente no Spencer. De onde eu venho, sair espalhando segredos pode acabar em morte.

– Tipo aqui.

Ela passou a língua pelos dentes e, com os braços cruzados, olhou fixamente para mim de novo, como se precisasse pedir permissão aos seus outros humores primeiro.

– Não sei por que perco meu tempo com você, Vespertine. Talvez por você não ser uma escrota riquinha metida a besta, mas mesmo assim você me irrita pra caralho.

– Isso é um sim, então?

Ela revirou os olhos e bufou.

– É. Acho que é.

Ainda bem. Dei um suspiro de alívio e voltei para o meu quarto. Dei de cara com Missy remexendo nos vestidos pendurados no meu armário.

– Ei!

– Não é que você não tenha um péssimo gosto, veja bem. É só que, bom, você não tem noção de equilíbrio.

– Eu tenho equilíbrio.

Ela me observou pelo que pareceram vários minutos, os olhos se estreitando de vez em quando como se em represália aos pensamentos em sua cabeça.

– Você me lembra alguém. Tem algum parentesco com os Corbins?

– Não. Mas você é a segunda pessoa que pergunta.

– É impressionante. O cabelo. – Ela gesticulou para o próprio, o rosto franzido como se houvesse algo de errado com o meu. – O rosto. Os olhos. Parece que estou olhando para ela de novo.

– Quem?

– Uma antiga colega minha. Vanessa Corbin. Ela morou aqui na ilha por vários anos.

– Mas sou tão parecida assim?

– Idêntica. – Ela gesticulou com desdém e balançou a cabeça. – Vamos acabar logo com isso, que tal? Eu levo as medidas para a minha loja e vejo que vestido ficaria melhor em você.

– Espera, espera, espera. – Gesticulei tentando interrompê-la. – Não posso

escolher o vestido?

Ela olhou para a minha roupa.

– Não acho que seja boa ideia.

– Bom, acontece que eu sou bem chata com o que visto. E não estou podendo gastar...

Ela levantou a mão, se recusando a me ouvir.

– O custo não importa. Como eu falei, os Lippincotts são *amigos*.

– Tudo bem. Mas eu gostaria de experimentar a roupa antes do evento. Eu me recuso a usar qualquer coisa que me deixe desconfortável.

– Não vai dar, meu bem. Dependendo do vestido, os ajustes podem não ficar prontos a tempo.

– Tudo bem.

Se por acaso eu odiasse o vestido, usaria um dos meus ou fingiria estar passando mal. De todo modo, aquela mulher não ia dizer o que eu teria que usar. Quando ela segurou meus ombros e me colocou ereta, seu olhar pousou em meu pescoço. Ela franziu a testa e ergueu o frasco das cinzas da minha mãe pendurado na corrente.

– O que é isto?

– Era da minha mãe – respondi, meio sem graça.

– Você vai ter que tirar na noite do baile. Não vai combinar com nenhum dos vestidos que tenho em mente.

Grunhi e balancei a cabeça.

– Tudo bem. Podemos tirar logo as medidas?

Nos vinte minutos seguintes, ela devia ter tirado umas cem medidas diferentes, como se fosse clonar uma versão tridimensional de mim em sua loja. Com impaciência, deixei que ela fizesse seu trabalho, meio irritada com sua lentidão.

Quando ela terminou e foi embora, eu estava até ansiosa para voltar à simbiose dos insetos.

E teria mergulhado de cabeça nos estudos, se não tivesse visto o professor Bramwell lendo embaixo da árvore, no pátio. Era incomum, pois ele raramente era visto fora de sua sala ou do laboratório, pelo que eu tinha observado nas duas semanas anteriores.

O fato de o cara ficar simplesmente um gostoso com um livro nas mãos me deu vontade de arrancar meus próprios olhos. Comi uma maçã sentada no parapeito da janela, olhando para ele, odiando o fato de o meu foco ter sido completamente abalado pelo homem, de novo.

Sim, um homem. Não um garoto. Não um colega de turma.

O meu professor, em que eu pensava muito mais do que deveria.

O que começou como curiosidade pelo que ele estava lendo logo virou uma fantasia a respeito de como seria ter toda a atenção dele em mim, como aquele livro tinha. Imaginava que ele fosse intenso, que lesse apaixonadamente cada página, desesperado para absorver o máximo possível das palavras.

Olhando com atenção, passei o polegar pelo lábio inferior, imaginando-o preso entre os dentes dele.

De repente, Bramwell ergueu o rosto e fixou o olhar no meu.

Com um arquejo de humilhação, levei um susto e caí do parapeito da janela. Uma pontada de dor subiu da minha bunda para a coluna, e eu fiz uma careta enquanto massageava a bunda que tinha amortecido a queda.

– Que elegante. Muito elegante.

Capítulo 33

LILIA

Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque.

Fiquei olhando para o relógio até que, precisamente às 22h08, saí rumo ao quarto de Mel. Os corredores nunca ficavam em silêncio, com os alunos estudando até tarde. A sala comunitária no fim do corredor vibrava com o grupo de alunos de física estudando para outra prova, como na semana anterior; dava para identificá-los porque eles enchiam o quadro de equações e muitas vezes gritavam "Eureca!" quando as solucionavam. Também era a única hora em que o corredor ficava com cheiro de maconha.

Quando cheguei ao quarto de Mel, só precisei bater uma vez para a porta se abrir e ela espiar todos os lados do corredor. Um puxão no meu braço me fez entrar aos tropeços no quarto.

– Olha, você podia só ter dito *entra*.

Fiz cara feia, massageei o ponto onde as unhas dela tinham afundado na minha pele e olhei para o quarto, que era significativamente maior do que o meu, com uma salinha de estar e um corredor que eu supus que levasse a um quarto.

Ignorando a minha reclamação, ela fez um sinal com a cabeça para que eu a seguisse, então me levou pelo corredorzinho até uma porta que deu em um quarto, como eu imaginava.

O que eu não esperava era que ela me levasse a outra porta, um armário, nos fundos do qual havia outra portinha.

– Que isso? Estamos indo pra Nárnia? – perguntei, olhando para o batente que parecia ter metade do tamanho de uma porta normal.

– Décadas atrás, quando o alojamento foi construído, ele hospedava crianças, tipo um orfanato. Os colonizadores morriam de medo de "monstros selvagens" –

disse ela, fazendo aspas com as mãos – virem e pegarem as crianças no meio da noite, então construíram essas portinhas, que levam a porões, para escondê-las em caso de uma invasão.

– Imagino que essas invasões nunca aconteceram.

– Imaginou certo.

As dobradiças rangeram quando ela abriu a porta, que dava para uma escada sinistra, e, da prateleira do armário, pegou uma lanterna de LED.

– Vem. A turma está esperando pra te conhecer.

– A turma?

Eu esperava que isso não fosse um código para uma pilha de cadáveres. Eu a segui escada abaixo, onde o ar ficou mais denso e frio. Não adiantou nada esfregar os ombros para me aquecer, e, quando chegamos ao pé da escada, eu estava toda arrepiada.

– Meu Deus, você devia ter me avisado pra trazer um moletom.

– Para de frescura.

Os sininhos na saia hippie de Mel tilintaram quando ela me conduziu por um corredor estreito, ao fim da escada, que fazia uma curva para a esquerda. Não pude deixar de pensar em como teria sido estranho dar de cara com alguma coisa enquanto cruzava aquela passagem sozinha.

– Por que você quis explorar aqui embaixo? Parece o lugar perfeito para esconder uns cadáveres.

Mel me olhou por cima do ombro, com um sorrisinho travesso que me fez notar que ela tinha um lado sombrio e me questionar se eu era burra de ter ido atrás dela.

– Os mortos têm histórias – disse ela. – Você já teve algum encontro?

– Como assim? Tipo com fantasmas?

Claro que sim: um homem usando uma máscara com bico, apesar de eu ainda não ter entendido se ele tinha sido resultado da falta de sono ou se fora real. De todo modo, eu não o mencionaria.

– Isso. O campus todo é perturbado por assombrações, mas este prédio é o pior.

– Por quê? Por causa do estudo Crixson?

– Em parte, sim.

Ela continuou pelo corredor escuro enquanto meu olhar vagava pelas paredes antigas de pedra que pareciam se estreitar quanto mais avançávamos. Novamente, eu não conseguia imaginá-la explorando aquele lugar sozinha.

– Além dos experimentos, também era aqui que faziam os exorcismos em

crianças, quando o local era um mosteiro. Ao que parece, alguns dos construtores que trabalharam na universidade eram supersticiosos a respeito disso, e um terço da equipe foi embora, enquanto outros se recusaram a percorrer essas passagens, então elas nunca foram devidamente investigadas ou isoladas.

– Os exorcismos... Isso foi na época do Dr. Stirling?

– Você leu sobre ele?

– Li.

A lembrança das minhas leituras e das torturas que ele tinha infligido não me tranquilizou enquanto andávamos por aqueles túneis.

– Então, de meados até o fim dos anos 1700, esse lugar era uma espécie de depósito de hereges e acusados de bruxaria. Mandavam qualquer pessoa com doença mental para cá também, por acharem que estava possuída. No começo dos anos 1800, abriram um manicômio. Foi quando as coisas ficaram realmente perturbadoras.

– Como assim?

– Começaram a torturar os pacientes e a descartá-los em covas coletivas onde agora é a Baía dos Ossos. Esses túneis escondidos passaram a ser utilizados como solitárias de muitos pacientes. Onde eles passavam fome e eram deixados para morrer.

– Meu Deus. Que horror. Como você sabe disso tudo?

Ela deu de ombros e passou a mão por um trecho da parede. Quando olhei melhor, vi marcas de arranhões.

– Eu leio muito. Mas também houve um investigador nos anos 1800 que se disfarçou de paciente. Antes de ele desaparecer misteriosamente, mandou para um amigo trechos codificados de diário que detalhavam as torturas que ele tinha testemunhado. Isso tudo está na área de acesso restrito, na biblioteca.

– E como você conseguiu acessá-los? Eu trabalho naquele departamento e não posso sequer chegar perto deles.

– Meu pai já fez várias doações para a biblioteca e é presidente do comitê de supervisores. Os membros da administração e do comitê têm acesso a praticamente qualquer coisa. O Kelvin também, mas com ele não tem negociação. Ele é certinho demais.

O corredor enfim se abriu para uma sala circular de tamanho mediano, sem janelas nem portas. Um tremor desceu pela minha espinha quando me imaginei presa ali, como os pacientes que Mel tinha citado. Velas iluminavam o espaço onde havia três outras pessoas sentadas em almofadas grandes e multicoloridas:

um cara asiático com cabelo cor-de-rosa e uma mulher com cabelo preto curtinho, pele escura e uma coleção de piercings nas orelhas, no nariz, no lábio e na sobrancelha. E Briceson, que estava bebendo de uma garrafa que reconheci ser de Jack Daniels.

– Lilia! – disse ele em um tom mais animado do que da última vez que tínhamos nos visto.

Com um sorrisinho, eu acenei.

– Oi.

O cara de cabelo rosa cruzou os braços e me olhou de cima a baixo.

– Então você trouxe sangue fresco, Mel?

– Essa é a Lilia. Lilia, esse é o Ken.

Ken balançou a mão, depois acendeu o que pensei ser um baseado, considerando o jeito como o segurou entre o polegar e o indicador, dando uma baforada em seguida.

– Parece que você já conhece o Briceson. E essa é Catalina, mais conhecida como Cat.

Em resposta ao aceno nada entusiasmado dela, assenti de leve, e a garota de cabelo escuro voltou a ler o livro em suas mãos. Estreitei os olhos e vi *O anticristo*, de Nietzsche, na capa.

Havia uma garrafa de Patrón no meio do círculo, que Mel pegou e serviu em um copo de shot.

Ela virou tudo, encheu o copo de novo e o ofereceu para mim.

Balancei a cabeça, recusando, e ela deu de ombros e virou a segunda dose.

Por toda a sala havia caixas velhas cheias de pastas pardas e dois notebooks. Havia outros equipamentos que não reconheci, eletrônicos de algum tipo, em que Briceson mexia entre goles de uísque.

– O que é isso? – perguntei, olhando para aquela salinha de reunião deles.

– Bem-vinda à Anon Amos.

Mel se sentou em uma das almofadas e balançou os dedos na direção de Ken, que passou o baseado para ela.

– Peraí. O quê? São vocês?

– É, aqui na universidade nós somos tipo a versão underground do Snopes. – Com a voz rouca, ela soprou fumaça e passou o baseado para mim. Novamente, recusei, e Mel deu de ombros e o entregou para Cat. – Se é verdade, nós pesquisamos os fatos. Se é mentira, encontramos provas que confirmem isso.

– Então, quando eu te perguntei sobre o estudo Crixson...

Sem desviar o olhar do meu, Mel estendeu a mão para Briceson e balançou os

dedos. Ele pegou uma pilha de pastas de uma das caixas e as entregou.

– Estes arquivos foram roubados por dois estudantes de ciência da computação, em 2005. Eles esconderam tudo aqui embaixo e nunca falaram a respeito. Os dois foram expulsos no ano seguinte, mas, depois disso, este lugar virou um depósito de informações inacessíveis.

– A escola não descobriu nada?

– Ainda não. – Ela se levantou da almofada, atravessou a sala e folheou os arquivos. – Por isso, sugiro que você comece a procurar agora, não importa a informação que esteja buscando. E, quando terminar, você vai me contar o que sabe sobre uma das participantes.

Ela pressionou as pastas no meu peito e se sentou ao lado de Cat, que ainda não tinha tirado os olhos do livro. Era estranho Mel não pedir que eu cumprisse antes a minha parte do acordo.

Eu me sentei no chão ao lado de uma das velas, do outro lado da sala, e coloquei os arquivos na minha frente. Não entendia por que eu estava tão nervosa, como se fosse abrir uma câmara cheia de cadáveres. Estranhamente, foi quando abri a primeira pasta que um medo frio desceu pela minha nuca. Passei a mão nela, mas isso não acalmou minha inquietação, principalmente quando virei a primeira folha e vi um rosto levemente familiar.

– Warren Bramwell – disse Briceson, ao meu lado, me fazendo notar que tinha cruzado a sala. – Pai...

– Do Doutor Morte. Sim, deu para perceber.

Os olhos podiam ser de cor diferente, o cabelo mais claro e com fios grisalhos que o filho ainda não tinha, mas o parentesco era inegável. Os olhos tinham a mesma intensidade impressionante, como se enxergassem sua alma. Bonito era eufemismo, e talvez fosse o que lhe conferia aquele charme sinistro.

– O Dr. Stirling da universidade.

Enquanto Briceson falava, eu passei os olhos pelo relatório de incidente que devia ter sido feito por um representante da universidade, pela forma como elogiava as credenciais e o trabalho dele.

– A formação dele era endocrinologia?

– Sim. Pelo que sei, a esposa tinha diabetes desde a infância. Ele tinha esperanças de curá-la.

Virei a página e dei de cara com a foto de uma jovem de pele escura anexada ao que reconheci como um prontuário médico.

Yolanda Murdock, 29 anos, histórico de diabetes dependente de insulina.

Mais uma página virada, mais uma mulher com um prontuário anexo. A

segunda era loura, com 30 anos de idade, e também tinha diabetes. A mesma coisa nas páginas que vieram depois, e depois, e depois. Quando terminei de passar os olhos pelos prontuários das seis mulheres, continuei lendo o arquivo até encontrar uma sinopse do experimento.

OBJETIVO: Avaliar a eficácia e a segurança da toxina NuBram1 no tratamento da diabetes tipo 1 na prática clínica de rotina.

OBJETIVO SECUNDÁRIO: Dados demográficos e biométricos, adesão ao tratamento, reações adversas à droga.

METODOLOGIA: Injeções seriadas de toxina NuBram1 purificada, por um período de seis meses. Eficácia medida pelo aumento dos níveis de massa de células beta e de insulina.

À primeira vista, o sumário passava uma imagem de legitimidade. Havia gráficos detalhados que exibiam as dosagens incrementais dadas às participantes e os sintomas que elas relatavam. Alterações no trato digestivo. Alucinações. Sensibilidade à luz.

Continuei lendo o relatório, intrigada. A tal toxina NuBram1 tinha sido purificada a partir de quê? A resposta se revelou na página seguinte:

Toxina purificada derivada de larvas *Noctisoma*.

Eu sabia. Eu sabia que o Bramwell pai tivera algum envolvimento com *Noctisoma*.

Uma tabela de efeitos colaterais listava mais sintomas. Coisas horríveis, como ideações suicidas e terrores noturnos. Uma das mulheres enfiou uma faca na própria barriga, alegando ter sentido algo se movendo dentro dela. E uma outra, depois de se recusar a comer, teve alucinações em que via a filha morta lhe dizendo para *alimentar os bebês dentro dela*.

Virei as páginas rapidamente até chegar no resultado do experimento, que encontrei em um relatório da polícia sobre autópsias que tinham sido realizadas nas mulheres, depois que seus corpos foram tirados do lago. Todas haviam participado de um suicídio em massa. O legista tinha chegado a essa conclusão com base nas perturbações mentais contínuas documentadas no estudo e na falta de evidência de crime. Supunha-se que as mulheres tinham submergido na água

gelada voluntariamente. Duas apresentavam sinais de derrame. Todas provavelmente tinham sofrido de hipotermia por causa das temperaturas invernais.

Fechei a pasta para pegar outra quando uma coisa caiu de dentro dela.

Uma foto.

Nela havia três homens de jaleco. Um deles eu reconheci como o Dr. Warren Bramwell. Outro era o Dr. Lippincott. Eu nunca tinha visto o terceiro homem. Eles ladeavam as oito mulheres, cujos rostos examinei.

Meu olhar parou em uma delas. Um rosto familiar.

Familiar demais.

A foto escorregou dos meus dedos. Meu coração estava disparado, batendo contra as costelas. Fios de pânico envolveram meus pulmões e apertaram. Segurei o meu pingente e passei o polegar pela superfície.

– O que foi? – perguntou Briceson, ao meu lado, me tirando do estado de choque.

Ele pegou a foto do chão, e olhei novamente para ela. Com a mão tremendo, apontei para a terceira mulher da direita para a esquerda.

– Essa é a minha mãe.

– Espera aí. Você a conhece? – perguntou Mel, atravessando a sala e se sentando ao meu lado.

– Eu tenho uma foto dela lá no meu quarto. Sim, essa é a minha mãe.

– Puta merda. – Ela pegou a foto da mão de Briceson e olhou fixamente para a imagem que eu não conseguia me obrigar a olhar de novo. – Eu sabia da Andrea, por causa do chilique dela com Lippincott, algumas semanas atrás. Não sei se a encontraram, depois disso. Mas nós não temos nenhuma informação sobre a última participante que não esteja na ficha de admissão dela. Acredita-se que ela e Andrea são as duas que abandonaram o estudo, mas não é nada oficial.

– Que nome vocês procuraram?

Minha voz distante espelhava o choque que ainda pulsava em mim. Eu tinha a sensação de estar presa em uma suspensão da realidade. Como se tivesse escorregado para debaixo d'água e respirado fundo.

– Vanessa Corbin. Andrea, na verdade, se chama June Galloway. O pessoal daqui me disse que as duas moravam na ilha.

Morava na ilha? A minha mãe?

– Eu a conhecia como Francesca Vespertine. Minha mãe.

Mel inclinou a cabeça, como se só estivesse percebendo naquele momento que eu não estava assimilando a novidade muito bem.

– Está tudo bem? Você está pálida.

Eu não sabia como responder. Eu estava bem? Não muito. Meu cérebro não sabia por onde começar a juntar as peças. Muitos fios soltos balançavam na minha cabeça, todos precisando ser amarrados para que meu cérebro pudesse sossegar. E eu não conseguia. Não conseguia amarrar os fios soltos porque eles não faziam o menor sentido.

– Tudo certo – menti.

– Onde está sua mãe agora?

Onde está sua mãe agora? A pergunta ecoou na minha cabeça e meus pensamentos se agarraram a ela como a um bote salva-vidas. O medo perfurava meu estômago e uma coceira nos meus antebraços me fez coçá-los. Furiosamente.

– Ela morreu quatro anos atrás. As duas mulheres estão mortas, na verdade.

Um frio vazio retorceu-se em minha barriga, que se embrulhava e era corroída pelo estresse da sensação de ter sido invadida. Vandalizada e rechaçada do que eu conhecia como verdade. Eu me sentia dormente. Como se estivesse sonhando. Só podia ser um sonho. Não era possível que a minha mãe tivesse feito aquilo comigo. Com a gente. Todas as lembranças terminavam em um ponto de interrogação. Todas as histórias que ela tinha contado me deixaram em dúvida sobre quantas haviam sido contos de fadas.

– Você tem certeza que June também está morta?

As perguntas de Mel seguiram como uma intromissão bem-vinda na escuridão que me sugava. O vazio impossível de não saber de verdade quem eu era naquele momento.

June. Andrea. Os nomes se emaranharam na minha cabeça.

– Pelo que eu sei.

– Como você sabe disso?

Não respondi, porque não era da conta dela.

– Tudo bem, mas posso perguntar como a sua mãe morreu? – Mel desviou o olhar, sua expressão um equilíbrio delicado entre empatia e curiosidade. – Se não quiser contar os detalhes, tudo bem. Eu entendo.

– Suicídio. Na banheira – respondi friamente, e apertei bem os olhos com as imagens que surgiam na minha cabeça.

Mãe! Para, por favor!

Pigarreei e balancei a cabeça para tentar afastar os ecos das vozes.

– Você não acha isso meio maluquice?

Da perspectiva dela, devia parecer mesmo. Da minha? Fazia todo o sentido,

considerando o que eu sabia sobre o *organismo* e o jeito como ele sequestrava a mente. Ele queria uma fonte de água para se reproduzir e gerar mais ovos.

O que não fazia o menor sentido era o fato de a minha mãe ter acabado infectada quando aquelas mulheres supostamente só receberam injeções de toxina purificada. E por que só vinte anos depois ela teria apresentado os sintomas? De acordo com o que eu tinha aprendido na aula de Bramwell, os sintomas começavam logo depois da infecção. A toxina exercia controle mental daquele jeito mesmo na ausência do organismo? Será que isso tinha adiado a infecção dela, de algum modo?

Infelizmente, ninguém naquela sala apertada e sufocante poderia responder àquela pergunta. Mas um homem, sem dúvida, sabia.

Um peso enorme de exaustão caiu sobre mim, pressionando meus ombros para baixo. O peso de ter que desvendar um mistério que não fazia sentido.

– Qual é a sua conclusão? – perguntei.

– Que o Bramwell pai matou todas aquelas mulheres e tinha alguma ligação com o patologista que *convenientemente* registrou as mortes como suicídio. Afinal, o que pensariam se Dracadia, a principal instituição de pesquisa médica do mundo, fosse palco de um escândalo envolvendo seis mulheres mortas e duas desaparecidas?

Era plausível. Plausível e escuso.

Estendi a mão para pegar a foto de novo e a virei para ver a data no verso: 9 de janeiro de 2003. Eu nasci no dia 13 de novembro do mesmo ano.

Será que foi por minha causa que minha mãe abandonou o estudo alguns meses depois? Será que alguém tinha tentado impedir que ela saísse?

– Você sabe se o Bramwell pai ainda está vivo?

– Não está. Saiu um obituário enorme no *Gazeta Dracadiana*. Ele morreu uns oito anos atrás, por aí. Antes de eu vir pra cá. Acho que você consegue encontrar o obituário nos registros da biblioteca.

– Bom, então eu preciso falar com o filho dele sobre isso.

Um sacolejo forte no meu braço me arrancou do transe em que eu tinha caído de novo.

– Não! Tá de sacanagem? Você não ouviu quando eu falei que os arquivos foram *roubados*?

– Se a minha mãe era uma participante, se ela morreu por causa desses experimentos, eu tenho o direito de ter respostas.

Cat soltou um resmungo, fechou o livro e o colocou de lado.

– Eu sabia que não era boa ideia convidar uma pessoa de fora. Porra, ela tem

cara de que lê livro erótico de vampiro.

– Cala a boca, Cat – rebateu Mel, que então se voltou para mim. – Olha, eu entendo, tá? Se a mãe fosse minha, eu ia surtar com essa porra toda também. Mas você não pode só ir procurar o filho do psicopata que orquestrou tudo isso. Se for inteligente, ele não vai te contar nada, e nós todos sabemos que o Doutor Morte não é burro. Senão ele não teria escapado ileso do desaparecimento da Jenny.

– Você acha mesmo que ele teve alguma coisa a ver com aquilo?

– Eu dividia quarto com ela, tá? E posso te dizer que não tem a menor chance de ela ter fugido. Ele sabe o que aconteceu com ela. Assim como sabe o que aconteceu com essas mulheres. Mas ele não vai te contar porra nenhuma. Esses homens são poderosos. É por isso que não tem informação nenhuma sobre esses homicídios. Eles eliminam todos os rastros.

Eu tendia a dar razão a ela sobre isso. O que significava que todos aqueles fios na minha cabeça ficariam soltos para sempre, me instigando a buscar respostas que eu provavelmente nunca encontraria.

– Eu não sou burra. Não perguntaria abertamente.

– Perguntar o quê, aliás? Você tem a prova. Ela participou do estudo.

– Mas ela não morreu junto com as outras. Morreu quatro anos atrás. O que aconteceu nesse tempo?

Como se finalmente entendesse meu dilema, Mel bufou e se recostou na parede.

– Bom, o que você espera dele? Mesmo que Bramwell saiba os detalhes do estudo, você acha que ele vai te contar? Como você planeja conseguir essa informação?

– Ainda não sei. Eu queria trabalhar de assistente no laboratório dele.

Ela revirou os olhos.

– Ah, boa sorte. Ele não aceita assistentes, e nunca ia dar chance pra uma caloura. Confie em mim, eu sei. Estava tão louca para ter acesso aos arquivos desaparecidos que convidei Ross para tomar um café. – Ela fez um gesto de vômito, que eu teria considerado meio dramático, porque Ross não era feio, mas a minha cabeça ainda girava e eu estava meio enjoada. – Ele é o amado professor assistente do Bramwell, afinal. Mas ele não sai com alunos, caso você decida seguir esse caminho.

– Que arquivos? – perguntei, ignorando o comentário dela.

– Os que detalham a ação da toxina antes de essas mulheres "cometerem suicídio" – disse ela, fazendo aspas com as mãos. – Tem uma seção inteira de

anotações faltando. Inoculações diárias que não foram registradas. E o que aconteceu com esse cara? – Ela apontou para o pesquisador não identificado da foto. – Também não tem nada sobre ele. É como se nunca tivesse existido. Ele não está nem nos relatórios. Nem Lippincott. O que não surpreende.

Fazia sentido Lippincott ter se distanciado do projeto falido, se ele tinha aspirações de se tornar reitor um dia. O que não fazia sentido e continuava a me incomodar em meio a todas aquelas especulações era o que teria levado a minha mãe a expelir vermes pela boca. Como se ela tivesse sido infectada. Como? E por que ela e Andrea só tinham sucumbido recentemente à doença?

– Bom, acho que não importa – falei. – Você tem razão. Ele não aceita assistentes. Eu já perguntei.

– Provavelmente para se proteger. Jenny estava doida para trabalhar no *Noctisoma* com ele. Ela só falava disso. Ela só falava *dele*.

Mel revirou os olhos de novo, como se achasse patético que a colega de quarto tivesse ficado tão impressionada com ele.

– Ele também recusou, então?

– Pelo visto, sim. Um dia ela foi se encontrar com ele depois do laboratório noturno e nunca mais foi vista.

– E você tem certeza que Bramwell teve algo a ver com isso.

– As câmeras de segurança a registraram saindo do laboratório secreto dele. Foi a última vez que ela foi vista.

Se essa era a única evidência que tinham contra o sujeito, não era o suficiente para me convencer de que ele a tinha matado. Bramwell mal olhava para mim ou para qualquer outra garota da turma, e eu nunca o tinha visto dar corda às alunas que flertavam descaradamente com ele. E certamente a universidade não manteria um homem acusado de assassinato como professor.

– Ele chegou a ser preso?

– Claro que não. Você tá de sacanagem?

Eu tinha que pensar em um jeito de me aproximar dele. Talvez pedir aulas particulares, mas ele provavelmente só me encaminharia para Ross. Tinha que haver algum outro jeito. Jenny Harrick tinha conseguido chegar ao laboratório dele, então não era impossível. Eu só precisava de uma isca, algo que o atraísse, mas considerando que o sujeito não demonstrava qualquer interesse em nenhum aluno, eu provavelmente teria mais facilidade em capturar a atenção de alienígenas no espaço.

Mel cutucou meu braço, novamente me arrancando dos meus pensamentos.

– Eu juro pela vida do meu cachorro, se você contar pra alguém sobre este

lugar ou sobre esses arquivos, vai se arrepender. Entendeu?

– Perfeitamente.

– Que bom. E fica longe do Bramwell. Ele não é chamado de Doutor Morte à toa.

Embora o mistério do desaparecimento de Jenny Harrick fosse interessante, pois estava relacionado ao professor Bramwell, a minha maior curiosidade era o Bramwell pai. Eu precisava saber mais sobre aqueles experimentos e o que tinha acontecido com a minha mãe. Se ele tivera algum papel na morte dela.

O arquivo que eu tinha lido me fez questionar tudo. Não podia ser mera coincidência o fato de a mulher da foto ser idêntica à minha mãe.

A coisa que mais me incomodava era a possibilidade de tudo que eu sabia sobre a minha mãe ser uma grande mentira. De onde ela tinha vindo. Quem ela tinha sido.

Ela tinha mentido sobre os pais também? Será que eu tinha familiares na ilha?

As perguntas pareciam infinitas, mas serviram de combustível para as minhas investigações. Porque eu pretendia chegar à verdade sobre quem a minha mãe realmente era e o que tinha acontecido com ela.

E nem o Doutor Morte iria me impedir.

Capítulo 34

LILIA

Depois de terminar a lista de tarefas que Kelvin tinha solicitado em meu horário de trabalho, corri para a sala Memorial Adderly para ter um pouco de paz e tranquilidade. Lá, tirei o notebook da bolsa e pesquisei "Corbin Ilha Dracadia". Apareceu um obituário de Arabella Corbin, que aparentemente tinha falecido quatro anos antes. Richard Corbin, o marido, tinha morrido antes. A única outra pessoa era a filha dela, Vanessa Corbin, que tinha desaparecido em 2003. A foto anexada oferecia um vislumbre sinistro de como minha mãe teria ficado se tivesse chegado aos 74 anos.

Minha avó.

Tentei assimilar essa ideia, mas a informação se recusava a entrar. Eu não queria acreditar que a minha mãe, uma mulher que eu adorava, respeitava, em quem confiava, havia mentido para mim por tantos anos. Ela dissera na minha cara que sua mãe tinha falecido precocemente de derrame e que ela nunca soubera muita coisa sobre o pai.

Acreditei nisso por anos.

Mesmo supondo que minha mãe abandonara o estudo por *minha* causa, por que mentir sobre sua família? Pelo pouco que pesquisei dos Corbins, não me pareceram pessoas horríveis.

Lágrimas se formaram nos meus olhos quando pesquisei mais fotos de Arabella. Ela parecia ter sido uma mulher ativa, uma ceramista, que participava de vários eventos de artesanato na cidade. Parecia ser amada e respeitada pela comunidade, que falou bem dela nos comentários abaixo do obituário. As fotos dela mais jovem mostravam o cabelo comprido castanho-avermelhado, como o meu, e olhos azuis, lindos e vibrantes, como os da minha mãe.

Outro artigo contava sobre uma venda de propriedade que tinha acontecido dois anos antes de sua morte. Olhei o endereço e anotei em um caderno. Quando pesquisei o local, descobri que a casa tinha sido tomada em algum momento por falta de pagamento da hipoteca.

Assim que meu horário de trabalho terminou, fui para o barracão de aluguel de bicicletas levando o endereço junto. Depois do interrogatório habitual do guarda no portão, pedalei rumo à cidade. Passei pelas lojas e dobrei uma esquina para uma rua de terra que terminava em uma cerquinha branca. Atrás da cerca havia um chalé amarelo pequeno, com porta branca e janela em arco meio escondida por um arbusto de flores cor-de-rosa. O pátio na frente cercava um carvalho grande, e havia um banquinho branco embaixo. Caminhos de pedra contornavam os canteiros de flores, e pássaros voavam em volta de um pequeno chafariz de pedra. Embora parecesse meio descuidado e desabitado, era muito lindinho, com o vasto mar azul atrás.

Depois de limpar um pouco a janela embaçada pela maresia, espiei dentro do espaço vazio e tranquilo que parecia não abrigar ninguém havia anos. Continuei bisbilhotando, abri a cerca e andei pelo pátio na direção dos fundos da casa. Assim que dobrei a esquina, parei. O ar ficou preso nos meus pulmões.

Havia um olmo vibrante, com galhos tortos, mais ao lado, com um balanço pendurado em um galho e, mais além, um penhasco que culminava em uma linda queda para o mar.

A pintura da minha mãe.

A visão foi uma punhalada no peito. Um lugar que eu achava que ela tinha imaginado, que sempre me dera tanta paz e serenidade, era a casa onde ela tinha crescido.

Como era triste ver que agora estava vazio e abandonado. Desejei naquela hora ter dinheiro para comprar a casa e revitalizá-la, ter um pedacinho do meu passado... um lugar onde Bee e eu pudéssemos tentar consertar a confusão que a minha mãe tinha deixado.

Mas eu só conseguia supor que a minha mãe tivera seus motivos, esses que talvez envolvessem o pai do professor Bramwell e aquele estudo.

Enquanto olhava para o mar e absorvia a serenidade da vista, me lembrei de uma coisa que tinha lido. Minha avó havia falecido quatro anos antes. Franzi a testa, tirei o celular do bolso e abri o aplicativo de anotações, onde eu tinha escrito algumas datas que encontrara na pesquisa.

15 de julho.

Por volta dessa época, minha mãe tinha saído da cidade para procurar um

especialista e conseguir auxílio financeiro para tratar o pequeno tumor benigno acima do olho de Bee.

Fiquei tomando conta da minha irmã por dois dias, para a minha mãe poder ir sozinha, o que achei estranho na época; ela nunca tinha ido a lugar nenhum sem nós duas. Embora não fosse um risco de vida para a minha irmã, o cisto sempre lhe causou inseguranças e talvez até contribuísse para sua ansiedade social. Minha mãe não suportava a ideia de não poder custear sozinha essa remoção. Um pouco mais de uma semana depois dessa viagem, minha mãe apresentou os primeiros sinais de doença, que nós achamos que fosse algo que ela pegara na viagem. Desde então, tinha progredido em questão de semanas até a morte dela.

Será que minha mãe tinha voltado para morrer em casa? Talvez Bramwell e Crixson não tivessem nenhuma relação com aquilo. Será que ela tinha se exposto ao *Noctisoma* nessa ocasião?

Se sim, como?

Capítulo 35

LILIA

Três dias tinham se passado desde o encontro com Mel. Três dias pensando obsessivamente em todas as informações sobre a minha mãe e os meus avós que eu conseguira pelo Google. Três dias questionando todos os momentos da minha vida. Tentando construir na cabeça quem era o pai do professor Bramwell.

Aquele arquivo tinha virado meu mundo todo de cabeça para baixo. Os retratos mentais da minha vida até aquele ponto pareciam um final alternativo para uma história que já tinha sido escrita.

Quem era a minha mãe e por que ela tinha mentido para mim e para Bee?

Como ela tinha ido parar na Universidade de Dracadia e conhecido Warren Bramwell?

A não ser nos poucos artigos cobrindo os suicídios, em que a imprensa tomara o cuidado de não manifestar uma acusação contra Warren Bramwell – por motivos legais, eu presumia –, eu não tinha encontrado absolutamente nada sobre o homem. Alguns periódicos publicados e o obituário dele, claro, mas nada de significativo. Nem mesmo aqueles sites sinistros que alegavam ter acesso a endereços e registros públicos. Nem uma foto no Google Imagens, o que era estranho, considerando que ele tinha sido professor por muitos anos. Era como se sua existência tivesse sido apagada.

Na frente da sala, o professor Bramwell dava a aula sobre *Cordyceps*, um fungo parasita que infectava formigas e liberava uma substância química que a fazia subir uma árvore, onde o fungo saía de seu corpo para liberar esporos que caíam no chão e infectavam mais formigas.

Eu não conseguia tirar os olhos dele, observando seus movimentos enquanto

ele dava aula. Por mais interessante que o tópico fosse, eu não parava de me perguntar se o pai de Devryck tinha matado a minha mãe.

Claro que também pensei em Jenny Hendrick. O pai *e o filho* eram assassinos?

As acusações que eu tinha ouvido não pareciam nada além de especulação e boato, longe de determinantes para atribuir um homicídio a ele, a menos que provas tivessem sido intencionalmente ignoradas.

Nem o estudo Crixson e o envolvimento da minha mãe nele ofereciam dados que me fizessem conectar Warren Bramwell à morte *dela*. Parecia que a minha mãe tinha engravidado e saído do estudo bem antes de as outras mulheres terem cometido suicídio.

Mas e se Mel estivesse certa? E se houvesse mais informações que eu ainda não tinha? E se eles fossem tão poderosos a ponto de conseguirem se safar de uma acusação de assassinato? De apagar todas as provas? Era isso que tinham feito com a minha mãe?

Eu havia pesquisado o Bramwell filho também, e os resultados foram parecidos. Artigos aos montes publicados em periódicos de pesquisa e prêmios de tese de doutorado que ele tinha ganhado alguns anos antes, mas nada muito profundo ou pessoal.

Só que eu não conseguia parar de pensar no assunto. O destino tinha me levado para Dracadia, tinha me colocado no caminho do professor Bramwell por um motivo. Pela minha mãe, eu precisava superar o incômodo que sentia perto dele, ou nunca descobriria o que tinha acontecido de verdade.

Em um momento da aula, os olhos dele encontraram os meus, e algo estranho se contorceu na minha barriga. O olhar dele permaneceu fixo, intenso, e me desviei. Quando fiz isso, reparei em Spencer olhando de cara feia para Bramwell e para mim. Como se também tivesse percebido.

Eu me perguntei quantos outros alunos notaram, e o pensamento aqueceu minhas bochechas e minha barriga.

– Srta. Vespertine – chamou uma voz grave, e eu me virei para o professor Bramwell de braços cruzados na frente da sala, me olhando. – Que motivo o fungo teria para fazer uma formiga subir a árvore, em vez de ficar no chão?

Uma olhada pela sala revelou todos os olhares em mim, e meu coração disparou caoticamente no peito. Eu nunca tinha sido chamada em uma aula da faculdade. A menos que tivesse levantado a mão. A maioria dos professores só me conhecia como um número, não um rosto, e certamente não por nome, com exceção de Wilkins, quando eu estudava na Covington. Mas ele nunca tinha me

chamado em sala.

– Para expandir a dispersão e a chance de infectar outra formiga.

– Precisamente. E por que isso é importante, Sr. Lippincott?

– Hã, porque a população de formigas é muito grande?

– Concorda, Srta. Vespertine?

– Embora seja verdade que parasitas ajudam a controlar a população de insetos, acho que eles costumam ser mais egoístas. O que importa para o *Cordyceps* especificamente é a necessidade de cumprir seu ciclo de vida. E, claro, como o senhor falou no começo da aula, a função mais importante de qualquer parasita é garantir a transmissão para o hospedeiro seguinte.

Os lábios dele se curvaram no tipo de sorriso que fazia meu estômago estremecer, alimentando uma culpa profunda que havia lá.

– Muito bom, Srta. Vespertine.

Supondo que eu suspeitasse mesmo de uma conexão entre Crixson e a minha mãe, e eu não tinha certeza se suspeitava, considerando que os fatos não batiam, não fazia sentido culpar meu professor por isso, uma vez que os experimentos tinham acontecido vinte anos antes. Ele não devia ter mais de 13 ou 14 anos na época.

Enquanto Bramwell prosseguia com a aula, notei outro olhar dele na minha direção e outro leve sorriso que logo sumiu quando ele deixou de focar em mim.

Talvez houvesse algo ali, uma pequena fagulha de interesse da parte dele, mas é claro que eu podia estar vendo coisa onde não tinha. Será que eu teria coragem de flertar com um professor para me aproximar dele?

De *seduzi-lo*?

De jeito nenhum. Só o pensamento já me deixava com um frio na barriga. Mas o homem era um cofre, lacrado com aço derretido no qual eu nunca conseguiria penetrar. As poucas interações que eu tinha visto entre ele e Gilchrist me fizeram crer que nem sexo funcionava. Eu teria que apelar para seu cérebro, de alguma forma, e de um jeito que não o irritasse. Ter bom desempenho na aula não era suficiente. Eu precisava que ele me visse como uma aluna excepcional, tão apaixonada pelo organismo como ele.

Flerte inofensivo. Nada que fizesse algum de nós acabar expulso. Eu só precisava ganhar a confiança dele.

No fim da aula, guardei meu caderno e me encaminhei para a saída.

– Srta. Vespertine, uma palavrinha, por favor – disse o professor Bramwell quando cheguei à porta.

– Claro.

A turma saiu e, novamente, Spencer me lançou um olhar de reprovação.

Enquanto o professor Bramwell recolhia suas anotações, eu me forcei a ignorar o volume do bíceps sempre que ele dobrava o braço e as mangas arregaçadas que deixava à vista o mapa de veias em seus antebraços. E aquelas mãos. Mãos que pareciam ao mesmo tempo delicadas e habilidosas, como se pudessem extirpar gentilmente toda a vida de você. Eram mãos bonitas, com unhas aparadas e dedos fortes e finos que eu conseguia imaginar segurando um bisturi com total precisão. Um artista, sem dúvida.

Para flertar com ele, mesmo que intelectualmente, eu teria que me permitir apreciar essas coisas. Teria que me permitir ficar atraída por um homem que era proibido. Um homem que eu imaginava ser poderoso o bastante para conseguir minha expulsão antes que eu sequer terminasse de dizer *Elite privilegiada*. E depois? Se isso acontecesse, eu nunca descobriria a verdade sobre a minha mãe.

– Quero pedir desculpas pela outra noite, na biblioteca – disse ele. – Não tive a intenção de ser tão rude.

– Tudo bem. Rude é educado, no lugar de onde eu venho.

– E de onde vem mesmo?

Me distraí momentaneamente pela mão dele se flexionando.

– Covington.

– Interessante.

– Como assim?

– A senhorita não me parece particularmente hostil.

Os olhos dele me lembravam moedas refletindo uma chama, um olhar metálico e ardente que aqueceu meu sangue.

– Eu tenho um lado arisco.

– Não duvido disso.

E assim, do nada, uma brecha para flertar. Se era intencional ou não, eu não sabia, e não importava. Era uma oportunidade de começar a desarmá-lo.

Flerta, Lilia. Diz alguma coisa. Algo inteligente, não uma burrice ou uma palhaçada.

– Mas é meio presunçoso da sua parte supor que, só por eu ser de uma área menos favorecida, eu devesse automaticamente ser hostil.

– A reação de luta é uma parte ancestral do nosso mecanismo de defesa, que nos permitiu nos adaptar, nos defender, sobreviver. Tenho certeza de que lhe foi útil.

– O senhor está falando de ciência de novo.

Bramwell moveu os lábios como se fosse sorrir, mas não foi o caso.

– Sempre. – Ele se inclinou e senti cheiro de canela em seu hálito, junto com o cheiro delicioso do seu perfume. – Eu não falei que era uma coisa ruim. – Bramwell arqueou a sobrancelha, se empertigou e enfiou outro caderno na bolsa. – Era só isso.

Mandei meu coração se acalmar e assenti. Ele tinha retribuído o flerte? Eu não era a mais esperta nem a mais perspicaz quando o assunto era homens, mas o sujeito tinha chegado tão perto que eu suspeitava ter ultrapassado a barreira entre professor e aluna.

– Espera... hã... Posso fazer uma pergunta sem deixá-lo irritado?

– Provavelmente não. Mas faça a sua pergunta.

– Um tempo atrás, quando falei que achava que a minha mãe tinha sido infectada com *Noctisoma*, o senhor perguntou se ela era daqui. Acha que a doença é mais comum nos moradores da região?

– Comum? Em geral, não. Eles têm um folclore próprio a respeito das frutinhas. Acreditam que são o veneno de espíritos maus e costumam manter distância. São só turistas ignorantes que às vezes consomem as frutinhas.

– Eu tenho quase certeza que Andrea Kepling não era turista.

Eu também teria mencionado a minha mãe, mas não seria útil desperdiçar todos os meus fatos recém-descobertos em uma única interação.

– E eu tenho quase certeza de que já tivemos essa conversa. Está brincando com fogo de novo, Srta. Vespertine.

– É febre patológica. Só estou tentando me livrar das perguntas infinitas afligindo a minha cabeça.

Era quase criminosa a facilidade que eu tinha de flertar usando ciência. E, pior, eu nem me sentia fingindo. Ele moveu a mandíbula e estreitou os olhos com uma admiração divertida, então cruzou os braços e ficou me encarando, os músculos retesando o tecido da pobre camisa que se agarrava a ele com força.

– Embora eu esteja intrigado, não tenho autorização para falar sobre essa questão. E apreciaria se não houvesse mais perguntas.

Ele estava intrigado?

Com o quê? Com o fato de Andrea não ser turista? Ou eu tinha mesmo conseguido abalar de leve aquela armadura de aço?

– Então, só uma pergunta geral sobre o organismo em si. Juro que vai ser a última.

– Qual é a pergunta?

– Em algum caso os sintomas só apareceram depois de anos?

– *Anos?* Não. O parasita age na hora.

Assim como eu me lembrava de ter ouvido na aula, mas quis confirmar.

– Então não tem uma fase de latência nem nada assim?

Ele balançou a cabeça e enfiou mais papéis na bolsa.

– Não que eu tenha identificado. Mas os ovos têm uma cobertura externa mais grossa, como esporos, que permite que resistam em ambientes hostis, como temperaturas extremamente frias, por exemplo.

O fato de o pedacinho de pele aparecendo entre os dois botões abertos da camisa dele me distrair mesmo que minimamente já deixava evidente o potencial de sedução do sujeito. Com seu tom de voz e seu extenso conhecimento, era fácil me perder nas palavras dele.

– Mas eles acabam se manifestando, quando as condições são favoráveis... E são *bem* favoráveis em um humano.

E isso não fazia sentido no caso da minha mãe. Eu não me lembrava de qualquer momento da infância em que minha mãe tivesse mais do que um resfriado pesado, até ela ficar extremamente doente, quatro anos antes. O que tinha acionado a infecção? Tinha alguma coisa a ver com o estudo Crixson?

Parecia não haver evidências que esclarecessem isso.

– Respondi ao seu fluxo infinito de perguntas?

Não exatamente, mas eu não queria irritá-lo com a enxurrada que ainda estava quicando na minha cabeça. Afinal, o objetivo era flertar, não chatear.

– Respondeu. Obrigada.

Quando ele passou a alça da bolsa por cima da cabeça e a colocou atravessada no peito, tive um vislumbre da cicatriz em seu pescoço, o que me lembrou de que o homem não tinha motivos para confiar nos alunos da faculdade, principalmente uma de primeiro ano, como eu. Ele tinha sido marcado, fisicamente e por boatos, o que fortalecera sua armadura, deixando-a mais difícil de quebrar. Ele ter se dado ao trabalho de ouvir a minha pergunta já era surpreendente.

– Fique longe de confusão, mariposa curiosa – disse ele, então rumou para a porta.

Mariposa curiosa.

Um apelido.

E bem adequado, considerando o fato de que eu não tinha a menor intenção de fugir do fogo.

– Ei, espertinha. Valeu por me fazer passar vergonha – disse Spencer enquanto corria para me alcançar, depois da aula.

– Eu não tenho como fazer você passar vergonha. Só você detém esse poder. – Eu ri, ajeitando a bolsa no ombro.

– E o que está rolando entre você e o Bramwell?

– Oi?

– Tipo... o jeito como ele te olha na aula. É estranho.

– Ele deve ter reparado que eu estava distraída.

– Não, não. É outra coisa. Tipo, linguagem corporal de homem. Eu percebo essas coisas.

Eu ri, bufando, e tentei imaginar Spencer lançando um daqueles olhares ostensivamente sensuais.

– Isso é *mansplaining*?

– Eu só tomaria cui...

– Cuidado. Sim. Eu tomo muito cuidado. Por que todo mundo me dá tantos avisos?

– Alguém te avisou de mim?

– Na verdade, sim.

– Quem? A Mel?

Parei de andar. Apesar de não precisar ficar sabendo de mais fofocas, principalmente se não diziam respeito a mim nem a acontecimentos do meu tempo na universidade, talvez pudesse esclarecer algumas dúvidas que eu tinha.

– O que tem a Mel? – perguntei, sonsa.

Com as bochechas infladas, ele soprou ar e enfiou as mãos nos bolsos.

– Eu estava bêbado. A gente se beijou. Ela não curtiu quando eu não quis nada com ela depois e inventou uma história de que eu a *assediei*. Tudo bem, o beijo não foi tão ingênuo assim, mas não aconteceu mais nada.

– Por que ela inventaria isso? Por que qualquer mulher inventaria?

– Eu conheço a Mel há uns dois anos, e só posso dizer que ela não bate bem da cabeça.

Grunhi e fui na direção da minha aula seguinte.

– Sei. Ela deve ser maluca.

Um aperto no meu braço me fez parar, então Spencer me soltou.

– Não é isso que tô dizendo. Só que ela gosta de história. Gosta de remoer teorias da conspiração e os problemas de todo mundo. Pode ter certeza, se você a irritar, ela vai revirar coisas sobre você também.

– Mas vocês dois concordam que o Dr. Bramwell teve alguma coisa a ver com

o desaparecimento de Jenny Harrick. Se isso é verdade, por que fazer a aula dele?

– Porque eu preciso do crédito pra me formar. Não tem outro motivo. E, pode acreditar, não é fácil ficar naquela sala quando se suspeita que o próprio professor fez algo assim. Eu tento vê-lo como inocente, porque sei que o meu amigo errou na retaliação, mas o jeito como ele interage com você... – Spencer franziu a testa e balançou a cabeça. – Me faz questionar tudo de novo.

– As interações dele não foram nada impróprias. – Não de forma óbvia, pelo menos. Exceto pela conversa na biblioteca. – Mas não preciso de você de olho em mim. Eu sei me cuidar.

– Não quero te desrespeitar. Pelo contrário. Eu te vejo como amiga, Lilia. Só isso.

– Só isso mesmo? – Quando ele abriu a boca, eu o interrompi. – Porque não estou interessada em nenhum tipo de relação além dessa.

Spencer fechou a boca e pigarreou.

– Eu entendo. Amanhã à noite ainda está de pé?

Engoli em seco e me obriguei a não parecer surpresa de ter sido pega desprevenida.

– Amanhã?

– O baile beneficente.

– Ah. É. – Eu não podia desistir agora que ele provavelmente já tinha pagado pelo vestido. – Claro. Como amigos, né?

– Com certeza.

Droga.

Capítulo 36

LILIA

Billie Holiday cantava ao fundo no meu quarto enquanto eu fazia anotações da aula de redação. Eu tinha uma reunião com meu orientador para discutir qual seria o tema dos trabalhos que eu teria que escrever antes do principal, no final do semestre. Eu tinha escolhido evolução da biomedicina, achando que seria relevante para o meu diploma, mas não tinha me dado conta de que a aula seria um tédio, dada por um homem que não sabia o significado de inflexão.

"The Very Thought of You" começou a tocar e eu fiz uma pausa, a música me relembrando de quando era mais nova e a minha mãe ouvia um disco inteiro de Billie Holiday enquanto cozinhava. Com uma taça de vinho na mão, ela dançava pela cozinha, fazendo uma bagunça que eu e a minha irmã teríamos que limpar depois.

Mas eu ficava feliz de vê-la tão feliz. Mesmo com a perspectiva de limpar molho de espaguete dos armários, eu amava quando ela cozinhava.

Ao meu lado havia uma caneca fumegante do chá de pedra negra que eu tinha ganhado da boticária da cidade. Eu tinha acrescentado as balas de mel a ele, que aliviaram o sabor amargo, tornando-o um complemento delicioso dos meus estudos.

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos e, de testa franzida, atravessei o cômodo e a abri. Missy Finch estava no corredor, segurando uma capa para roupas.

Droga. Eu torcia para que ela tivesse me esquecido. Ou que o vestido tivesse caído sem querer em um picador de papel.

– Está na hora! – disse ela, com um gritinho entusiasmado, e passou por mim

ao entrar no quarto. – Vamos experimentar!

– Ah, na verdade agora eu não posso. Estou tentando escrever...

– É imperativo que eu verifique se cabe. Não vou lidar com aquele tirano do portão de novo. Vamos fazer isso agora.

Derrotada, eu a vi abrir a bolsa e, quando ela tirou o vestido lá de dentro, todo o ar sumiu dos meus pulmões. A saia do vestido era comprida, de cetim vinho, com tule preto delicado. O corpete previa ombros de fora e era decorado com estrelas-da-primavera pretas e vinho e incrustado com diamantes cintilantes. Fiquei de queixo caído.

– Achei que o vinho combinaria com seu cabelo. Anda, anda. Tira a roupa.

Isso me arrancou do transe.

– Espera aí, como é que é? Aqui? Vou trocar de roupa no banheiro.

Ela franziu o rosto todo.

– E arrastar a cauda no chão do banheiro? Nem pensar. – Com isso, ela pendurou o vestido no encosto da minha cadeira e se virou, cruzando os braços com uma bufada. – Que ridículo. Se estivéssemos em uma butique... – Ela balançou a cabeça e bufou de novo. – Deixa pra lá.

Ainda a encarando, eu tirei rapidamente o moletom velho que estava usando, que sem dúvida a faria torcer o nariz se não estivesse tão empolgada com o maldito vestido. Nervosa, enfiei as pernas no vestido e passei com cuidado os braços pelas mangas transparentes que também tinham detalhes lindos de flor. Quando estava vestida, eu me virei para olhar para ela e vi meu reflexo no espelho.

Com um ruído de surpresa, fiquei me encarando.

Era eu, mas tão... elegante. Tão diferente da garota pobre de Covington que usava roupas herdadas da mãe.

– É lindo, não é? – A voz de Missy, tão próxima, me fez desviar o olhar. – Caiu como uma luva – disse ela, mexendo nos botões nas costas.

Do fundo da bolsa do vestido, ela tirou um estojinho de couro preto e o abriu. Dentro havia uma gargantilha com uma estrela-da-primavera de diamante, com folhas de diamante entre as flores, e um par de brincos de diamante combinando. Ela tirou meu colar com o frasquinho e o colocou delicadamente na minha mão para depois colocar a gargantilha no lugar. Tão linda e delicada contra o meu tom de pele.

– Perfeito – acrescentou Missy.

Eu não conseguia parar de olhar. O vestido tinha um apelo obscuro que, junto com os diamantes, parecia quase sedutor por si só. Exagerado demais para

acompanhar Spencer como amigos. Demais mesmo.

– Eu não posso usar isto.

– Como é?

– É lindo. Simplesmente deslumbrante. Mas vai passar a ideia errada a Spencer.

Ela soltou algo que pareceu uma mistura de risada e ruído de desdém.

– Essa é a tragédia das mulheres, não é? A gente se priva da beleza para não *passar a ideia errada* para os homens.

Aff. Falando assim, parecia ridículo mesmo. Ainda assim, eu não queria chamar atenção. De ninguém.

– Eu entendo, mas fico me sentindo uma ostra sem pérola.

Os lábios de Missy se curvaram num sorriso e ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– E como ficam as outras ostras, quando suas pérolas são retiradas?

Eu odiaria entrar em uma discussão com ela, porque a mulher devia ter umas boas respostas, a julgar pelas duas últimas.

– Eu não consigo me acostumar com a semelhança de vocês. Com Vanessa, a mulher que eu...

– Eu sei quem é. Vocês eram amigas?

– Que nada. Ela era minha concorrente em tudo. No esporte, nos estudos, na *vida amorosa*. Coisas que não importam mais.

Ela se virou e abriu minha caixinha de maquiagem, que guardava coisinhas como o rímel que eu quase nunca usava, protetor labial, alguns elásticos de cabelo e um batom do mesmo tom que a minha mãe usava quando saía de casa.

Missy tirou a tampa e o girou, revelando uma cor vermelho-escura e, com uma expressão meio conspiratória, ela o passou nos meus lábios.

– Ela era minha mãe – confessei, por fim, antes de esfregar os lábios. – Você sabe se ela tem familiares na ilha?

Eu só usava batom em raras ocasiões, mas, quando me olhei no espelho, não pude deixar de apreciar como combinava perfeitamente e acrescentava alguma cor ao meu rosto.

Com os lábios apertados em uma linha rígida, ela balançou a cabeça.

– A mãe dela faleceu uns quatro anos atrás. O pai, um ano antes disso. Pessoas boas, honestas. Zero senso estético, claro. Mas boas pessoas.

– E ela não tinha mais nenhum parente?

– Até onde eu sei, não. Os Corbins eram uma família bem unida. Eu mesma quase não acreditei que Vanessa tenha apenas ido embora do nada. Não... ela não

parecia ser do tipo que faria algo assim.

– Você conheceu June Galloway?

Ela riu com deboche e revirou os olhos.

– *Todo mundo* conhecia June. Era meio estranha, aquela lá. Andava mais com os drogados.

– Ela era amiga da minha mãe?

– Não que eu saiba. Sua mãe era bem mais certinha do que June.

– Você sabe se alguma das duas estudou em Dracadia?

Ela fez uma careta, como se eu tivesse dito algo absurdo, e soltou uma risada arrogante.

– Não. Acho que não. A família delas não teria condições de bancar. Principalmente a de June. Só a elite e os ricos estudam aqui. E... você.

– Obrigada – falei, em tom seco.

– Não foi um insulto. – Ela me contornou, mexendo no vestido. – Eu amo dinheiro, mas a riqueza é anestesiante. A sua cara quando se viu nesse vestido é algo que eu raramente vejo. Achei... gratificante.

– Eu amei o vestido.

– Que bom. – Com a sobrancelha erguida, ela parou na minha frente. – Use-o. Sinta-se linda. E, pelo amor de Deus, Lilia, divirta-se.

Capítulo 37

DEVRYCK

– Fica longe de mim! Fica longe, porra! – Olhos prateados ensandecidos brilhavam no escuro, onde Barletta estava agachado, no canto da cela. – Não toca em mim!

Um soluço escapou do seu peito. Ele arranhava a parede, as costas mais curvadas do que da última vez que eu tinha lhe levado comida. Havia sangue seco em suas unhas, cujas pontas tinham se quebrado com os arranhões. O corpo tinha marcas compridas e vermelhas, cortes que ele deve ter conseguido fazer na própria pele.

Franzi a testa e passei os olhos pelo local, vendo só o colchão, a Bíblia que ele tinha requisitado na minha última visita e um pente de plástico pequeno cheio de fios de cabelo.

– Como você fez essas marcas?

Um choramingo ecoou pela cela quando ele sacudiu a cabeça e arranhou as paredes com mais força.

– Por favor – sussurrou ele, trêmulo. – Por favor, não me machuque.

Naquele estágio da infecção, eu teria esperado mais hostilidade. Mais desespero para fugir. Ficar encolhido no canto era novidade.

– Quer um pouco de água?

Ele respirou com dificuldade, por algum motivo morrendo de medo, enquanto se juntava mais à parede, movendo os olhos.

Com impaciência, fui até a mangueira e enchi meio copo, como da última vez. Quando voltei para a cela, ele não se deu ao trabalho de chegar mais perto quando ofereci o copo de papel pelas grades, então eu o coloquei no chão e recuei.

Ele deu um pulo incerto para a frente, então parou, os olhos indo de mim para a jaula como se avaliasse a distância. Seu comportamento me lembrou o de um pequeno animal, como um roedor.

– Não vou encostar em você. Não sei por que ficou tão arisco de repente.

Ele ficou de quatro e avançou, pegou o copo e engoliu o líquido. Havia um arranhão comprido que começava no pulso, passava pela mão e ia até o cotovelo, como se ele tivesse brincado com a ideia de cortar mais fundo.

Novamente, olhei a cela em busca do que ele poderia ter usado para se cortar, mas o pente foi o objeto mais afiado que encontrei.

Assim como antes, ele afastou o copo da boca já se mostrando enjoado, apoiou as mãos no concreto e vomitou. Fluidos misturados com sangue saíram de sua boca, chegando ao chão. O movimento na poça chamou minha atenção para quatro vermes se remexendo lá.

Gemendo, Barletta recuou até a parede de novo.

– Porra! Porra!

– Me conta como você fez esses cortes.

– Você enlouqueceu? – Uma mistura de soluço e risada reverberou pelas paredes. – Você que fez! Seu filho da puta sádico! – Ele cravou os dedos no antebraço e arranhou até as primeiras gotas vermelhas brotarem. – Assim como botou os vermes em mim. Foi você!

Automutilação não era incomum nos infectados, mas só até certo grau, e, quando examinei seu flanco, achei possível que, com certo contorcionismo impressionante, ele pudesse ter se ferido. Com as alucinações que tinha, não teria me surpreendido se Barletta tivesse se perdido em uma cena dentro de sua cabeça, em que algo o atacava daquele jeito.

Eu adoraria acabar com o sofrimento dele e prosseguir com a coleta da toxina, mas era importante deixar a natureza seguir seu fluxo.

E parecia que a natureza já tinha decidido o destino daquele homem.



Olhei para os papéis espalhados na minha mesa e tentei encontrar justificativas para o comportamento de Barletta. Ele tinha entrado no estágio da doença em que as vítimas ficam combativas e violentas, mas a reação dele mais cedo me deixara confuso.

Meu celular tocou e eu atendi depois de ver que era James, um companheiro

Gralha para quem eu tinha ligado um tempo antes.

– Sim?

– Devryck, tenho que admitir que essa missão de encontrar Angelo DeLuca deve ter sido a mais desafiadora até agora.

– Por quê?

– Não existe quase nada sobre esse cara. Passou um tempo na prisão. Parece que a família o expulsou por ser meio pavio curto. Teve alguns empregos, coisas variadas. Mas o último paradeiro conhecido dele foi em Nova York, uns quatro anos atrás.

Quatro anos atrás. Que ótimo. O babaca poderia estar em qualquer lugar. Eu relaxei na cadeira, pressionei o alto do nariz e soltei um grunhido.

– Você viu os noticiários de umas semanas atrás? – perguntou James, mas eu não vinha assistindo televisão ultimamente, pois só tinha um monte de baboseira política para ver, e eu tinha minhas próprias preocupações. – Ao que parece, ele esteve envolvido no assassinato de um investidor importante de Massachusetts. Parece que o nome dele estava escrito com sangue nas paredes.

– Você tem uma foto desse cara?

– Consegui uma antiga, sim, da polícia. Descobri que ele foi preso por tráfico de drogas, um tempo atrás. Também foi acusado de tráfico humano, mas os promotores tiraram essa acusação porque a vítima não quis cooperar.

Soltei um arquejo.

– Então não tem nada recente?

– Fora esse assassinato de duas semanas atrás, não. Parece que ele se meteu com a pessoa errada, e meu palpite é que acabou morto.

Eu não sabia como me sentir sobre isso. Em parte, aliviado por não ter que procurá-lo e arrastá-lo até ali, mas também decepcionado por não ter a chance de matá-lo.

– Se você puder mandar a foto da polícia, será ótimo.

– Tudo bem. Desculpe por não conseguir mais do que isso, mas parece que nem o FBI consegue encontrar o cara. Eu acho que ele está morto.

– Que pena seria.

– É. Menos um maldito no mundo.

Ele não tinha ideia do nível de maldito que o cara era. Nem que eu desconfiava que ele tinha matado meu irmão. Torturado Caedmon com um maçarico.

De quanto eu o faria sofrer por isso.

– Agradeço por ter tentado. Se encontrar mais alguma coisa, não hesite em

falar comigo.

– Sempre. Se cuida.

Com essa despedida, desliguei. *Merda.* Provavelmente era melhor que eu não o tivesse encontrado. Qualquer envolvimento com questões do FBI me colocaria em evidência, e eu não precisava disso no momento. Não quando já acompanhava um homem à beira da morte. Seria só questão de tempo até Barletta sucumbir. Além do mais, eu tinha feito o suficiente para vingar meu irmão, não tinha?

O motivo do sequestro de Caedmon me parecera óbvio na época, quando soube da importância da descoberta do meu pai e de tudo que ele tinha feito para protegê-la. A capacidade de curar o incurável valia milhões de dólares. Mesmo nas mãos incapazes de criminosos, a ciência poderia ser vendida, replicada. Se não fosse pela proteção dos Gralhas e da universidade, eu provavelmente teria corrido tanto risco quanto meu irmão. Era uma pena meu pai não ter admitido a crueldade, os absurdos que outros estavam dispostos a fazer para reivindicar a descoberta dele. Talvez, se tivesse reforçado a proteção de si mesmo e da família, meu irmão ainda estivesse vivo.

Para não chamar atenção, decidi interromper minha busca de Angelo DeLuca. Logo teria que lidar com um cadáver mesmo.

Barletta era suficiente. Por enquanto.

Meu celular tocou de novo, e vi uma mensagem de Lippincott.

Lippincott: Espero vê-lo no baile de hoje.

Soltei um grunhido e só enviei um joinha como resposta. Eu odiava o teatrinho dos financiamentos acadêmicos. Não entendia por que os ricos não podiam só entregar o dinheiro em silêncio, sem necessidade de caviar e conversas banais.

Antes de arrumar as coisas e voltar para o meu apartamento no campus e me arrumar para a palhaçada da noite, decidi dar uma olhada em Barletta mais uma vez.

O silêncio conforme eu seguia pelo corredor escuro foi o primeiro sinal de que algo estava errado. O som dos meus passos no concreto deveria tê-lo feito começar a gemer e suplicar. Foi o fluxo de sangue vindo da cela para o corredor que me fez desacelerar os passos. Cheguei à cela, onde ele estava caído de lado, as costas contra as grades. Franzi a testa, peguei a chave e destranquei a porta. Virei

o corpo dele e encontrei uma cena macabra. Um globo ocular destruído estava fora da órbita contra a bochecha. O outro tinha sido arrancado, completamente mutilado, dando lugar a um fluxo de sangue para o rosto. Na mão dele estava uma ferramenta de aparência rudimentar, um pedaço de pedra afiado com o mesmo tom antigo das paredes em volta. Usei a luz do celular para perscrutar a cela, sem achar fissuras nem pedra quebrada. Fiquei intrigado: como ele tinha conseguido fazer aquilo? Ao mesmo tempo, entendia os arranhões em seu corpo. Suicídio desse tipo era extremamente incomum. O verme procurava água para acasalar e reproduzir. Para viver.

Pensei no relatório da autópsia da mãe de Lilia, na informação de que ela tinha cortado os pulsos. Será que era uma evolução? Ou algo sinistro em ação?

Quando me agachei ao lado dele, a pedra em sua mão chamou minha atenção de novo. Mais cedo, quando ofereci a água, reparei em um arranhão comprido na parte interna do seu pulso. No ângulo em que ele estava, o copo só podia ter estado em sua mão direita. Eu também o tinha visto escrever com a mão direita. Para ter certeza, virei seu pulso para confirmar o arranhão ali. Mas a pedra que arrancara seus olhos estava na mão esquerda. Era só uma teoria, mas me parecia que a mão direita dele era a dominante e teria arrancado os olhos, caso ele próprio tivesse feito o serviço.

– Merda.

Eu precisava abandonar as inspeções e correr, pois os parasitas só permaneceriam no corpo por pouco tempo até fugirem para procurar uma fonte de água.

Peguei uma maca deixada do outro lado do corredor, voltei correndo e botei o corpo de Barletta nela, desajeitado. Uma olhada no relógio mostrou que passava das sete. Tempo suficiente para lidar com Barletta e seguir para o temido baile.

Levei o corpo para outra sala mais adiante no corredor, que tinha um grande tanque prateado de hidroterapia que eu havia comprado. Havia uma mangueira dentro, e eu abri a água e o enchi. Acendi a lâmpada no teto e deslizei o corpo de Barletta da maca para o tanque, onde ele afundou. A água subiu rapidamente e engoliu as pernas, os braços e, por fim, o rosto dele. Virei a lanterna do celular para a água e vi quando, infalivelmente, coisinhas pretas saíram por sua boca e seu nariz. Algumas que desceram pelas pernas dele sem dúvida saíram do ânus e conseguiram encontrar o caminho por baixo da roupa. Mais de doze parasitas saíram do cadáver e correram pela água em uma busca desesperada por um par. A barriga do cadáver se remexeu com mais parasitas.

Enquanto eu olhava aquela cena horrível, não pude deixar de pensar em quanto eu tinha mudado; não era mais aquele garoto encolhido no armário, ouvindo as vozes dos mortos. O adolescente assustado que não suportava estar no mesmo lugar que um cadáver. Foi a morte do meu irmão que me arrancou esses medos e me levou à fascinação macabra que eu tinha desenvolvido pela morte. As minhas curiosidades tinham me levado àquela geladeira fria onde meu pai guardava os corpos que precisava examinar. E foi lá, olhando nos olhos de um dos mortos, que imaginei meu irmão deitado. A imagem tinha humanizado os monstros na minha cabeça, e perdi o medo deles. Quanto mais eu aprendia sobre o corpo humano, menos ouvia aquelas vozes terríveis, até que, em determinado momento, elas sumiram completamente.

Só ficou um abençoado silêncio.

Dali a umas duas horas, a maioria dos vermes já teria saído para a água, e eu os coletaria e permitiria que acasalassem com os outros vermes que eu já tinha coletado. Depois, levaria Barletta para a sala de autópsia e o abriria para coletar amostras de cérebro e fígado, onde a toxina estaria mais potente para isolamento e purificação.

Cada vez que os vermes infectavam, suas toxinas ficavam mais específicas para a genética humana, e os elixires se tornavam mais eficientes. Os efeitos duravam mais.

Infelizmente, eu estava ficando sem cobaias. Tinha conseguido justificar ir atrás dos homens que sequestraram meu irmão, mas, com a notícia do desaparecimento de Angelo, eu só podia rezar para que o elixir mais recente fosse um sucesso. Senão, eu teria que procurar outra vítima.

Capítulo 38

LILIA

Respira. Só. Respira.

Eu estava sentada no fundo do ônibus do campus, torcendo para evitar toda e qualquer atenção. Spencer tinha se oferecido para me buscar no alojamento, mas se eu aceitasse isso ia ficar com ainda mais cara de *encontro*. Em retrospecto, considerando a quantidade de olhos grudados em mim, eu me arrependia dessa decisão.

Minha perna se balançava sem parar embaixo do tule enquanto o ônibus sacolejava, e torci para nenhum dos meus peitos pular da roupa, pois isso seria mesmo a cereja daquele bolo de merda.

O ônibus parou em Carmady Hall. Mais uma parada e eu finalmente me libertaria dos olhares dos outros alunos que voltavam para seus alojamentos depois das aulas noturnas. Eles nem tentaram ser discretos, e eu precisei ficar olhando fixamente pela janela para reduzir o risco de encará-los.

O ônibus voltou a se mover, meus peitos balançando e testando a integridade de cada ponto do corpete. Parabéns a Missy pelo fio mágico que ela tinha usado para costurar tudo.

A parada seguinte era Jaxstone Hall, mas, como o ônibus do campus não ia até Wattscrick Hall, onde o baile aconteceria, eu teria que atravessar o Jardim Canterbury. Era uma caminhada de dez minutos passando pelo velho mausoléu.

Meio sinistro.

Claro que eu não era totalmente burra. Tinha o spray de pimenta enfiado na faixa na minha cintura, o que Jayda me dera logo antes de eu partir para Dracadia.

Quando o ônibus enfim parou de novo, eu quase dei um pulo. Felizmente,

Missy tinha me deixado usar uma sandália rasteira preta e ornamentada quando mencionei que eu era um desastre com saltos. Ela não ficou muito entusiasmada, mas aceitou com pouco mais do que um resmungo baixo.

– Me dá seu número? – perguntou um dos passageiros quando eu passei. Provavelmente um calouro.

Nem me dei ao trabalho de me virar e olhar para ele enquanto saía correndo do ônibus, antes que a ansiedade que percorria meu corpo pudesse me desequilibrar e me jogar de cara no chão. Em terra firme, fechei os olhos e respirei fundo, mas, ao ouvir a porta se fechando, eu me virei e bati no vidro.

Com o rosto franzido de irritação, a motorista abriu a porta de novo.

– Qual é o último horário? – perguntei, mexendo no tule da saia.

– É esse mesmo.

– Espera. Você não passa aqui de novo?

– Não. Precisa de carona pra voltar? Vai ter que chamar um DracUber.

– DracUber? – Com tanto nome brega... – É tipo... um Uber?

– Mais ou menos isso.

Ela fechou a porta com um sopro de ar que balançou meu cabelo e avançou pela rua.

Eu não tinha levado dinheiro para pedir um carro. Merda.

A temperatura tinha caído um pouco, mas a humilhação do trajeto de ônibus me manteve quente quando tomei o caminho do jardim. Meu vestido farfalhava no concreto, e fiquei grata por Missy não poder me ver naquele momento, senão estaria dando um ataque por eu sujar a barra. No céu, a lua brilhava alto, ainda bem, ou eu estaria em plena escuridão naquele lugar que já tinha sido um cemitério.

Andar sozinha no escuro não era novidade para mim, pois já tinha feito isso muitas vezes na minha cidade. Embora eu já tivesse dado de cara com uma boa cota de esquisitos, nunca tinha sido atacada.

No entanto, nunca estivera usando um lindo vestido de baile com os peitos meio para fora.

Os poucos fios que saíam do coque banana que eu tinha feito estavam de pé, meus músculos contraídos e prontos para pegar o spray de pimenta, se necessário.

Mas o jardim estava tranquilo.

Sereno.

Era meio como se eu caminhasse por um pátio inglês antigo e impecável, em um sonho, com as cercas vivas perfeitamente podadas, os crisântemos vibrantes e

as flores coloridas de final de verão. Mal podia esperar para ver a universidade no outono. Como devia ficar linda com todos os tons de laranja e vermelho.

O som de folhas sendo esmagadas me fez parar, e eu me virei, passando os olhos pelos arbustos e árvores. Procurei algum sinal de movimento, mas não vi nada. Sem querer ficar parada, continuei andando pelo jardim, os ouvidos alertas a qualquer outro som.

Uma luz à frente me chamou a atenção, e vi o que parecia uma estufa de vidro. Meu coração ficou preso na garganta e eu parei. De onde estava, vi um grupo de pessoas de vestidos chiques e smokings, as toalhas brancas engomadas sob o brilho suave de velas. O lugar exalava riqueza.

Ai, meu Deus. O que eu estou fazendo?

Era chique demais. Chique demais para mim.

Eu me virei para ir embora, mas parei quando avistei uma pessoa parada diante da estufa. Com um cigarro na mão, ele olhava para as estrelas, mas a imagem dele com um paletó e uma calça preta perfeitamente alinhados fez meu coração subir à garganta.

Bramwell.

Fechei meus olhos com cílios cheios de rímel, inspirei fundo três vezes e oscilei quando uma onda de tontura me dominou. Afastei a sensação, mantive o olhar fixo nas costas do professor Bramwell e saí do jardim para o pátio da estufa, a uma curta distância de onde ele estava. Como se sentisse a minha presença, ele inclinou a cabeça para o lado, ainda sem se virar para me olhar, e o pânico cresceu na minha barriga quando observei o perfil perfeito e a mandíbula digna de um modelo.

Se esconde, mandou meu cérebro. Não o deixe te ver assim.

No entanto, ele se virou e foi tarde demais. Nossos olhares se encontraram. Um arrepio desceu pela minha coluna enquanto eu avaliava a expressão dele. Não foi um olhar entre aluna e professor, mas entre dois estranhos, deliberado e intenso. Eu queria me encolher toda e ficar invisível pelo jeito como o olhar dele me devorou.

Os ombros largos encimavam uma cintura magra, e ele estava com uma bebida em uma mão e um cigarro na outra. Eu nunca o tinha visto tão casual e imponente ao mesmo tempo. O homem preenchia o smoking com uma graça afiada e letal, além de um ar de autoridade.

A visão me fez contrair as coxas.

O mundo ao redor ficou silencioso, uma galáxia escura girando com uma força gravitacional que me puxou mais para perto. Cada nervo ganhou vida sob o

olhar dele, e fiquei toda arrepiada.

– Lilia? – A voz atrás de mim me atingiu como um balde de água fria, e eu me virei e vi Spencer, também de smoking. Ele me olhou de cima a baixo, os olhos arregalados de fascinação. – Meu Deus. Você está... Uau.

Um olhar por cima do ombro me mostrou o professor Bramwell se virando para as estrelas, sem dúvida desinteressado no nosso encontro.

– Você veio andando? – perguntou Spencer, olhando para trás de mim, na direção do jardim.

Saí do torpor e balancei a cabeça.

– Não. Vim no ônibus do campus.

– Você pegou o ônibus do campus? – Ele ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça. – Bom, está resolvido: eu vou te levar de volta de carro.

– Você tem carro? Pensei que os alunos não podiam ter carro na ilha.

Com um sorriso arrogante, ele deu de ombros.

– A maioria não pode, mas a minha família mora na ilha. Se você tem residência aqui ou se é funcionário, dá para conseguir um passe.

– Deve ser legal.

Não que eu tivesse carro... ou pudesse comprar um.

– Vem. Você deve estar congelando.

Ele me ofereceu o braço, que aceitei com relutância.

– Só pra esclarecer: nós somos amigos.

Spencer riu e balançou a cabeça.

– Quem te magoou?

– Como assim?

– Eu nunca conheci ninguém tão determinada a evitar um encontro.

– Você não está achando que isso aqui é um encontro, né?

Franzi a testa e tentei recolher o braço, mas Spencer o segurou e o manteve junto ao dele.

– Relaxa. Somos só dois amigos indo a um baile beneficente.

– Que bom. – Depois de deixar isso claro, a tensão nos meus músculos diminuiu um pouco. – E o baile é para beneficiar o quê?

– É uma rinha de ricos, basicamente. Perdão pelo linguajar.

– Eu gosto do linguajar. Faz com que eu me sinta menos... deslocada.

– O baile, no fim das contas, serve para financiar a pesquisa do professor Bramwell, mas sob o disfarce de reprodução para preservação.

Outro olhar por cima do ombro enquanto Spencer me levava por uma das portas de vidro revelou que o professor Bramwell não estava mais lá.

– Pelo que me lembro do convite, é para ajudar a manter a diversidade genética das mariposas naturais da ilha. Acho que era uma exigência para usar as mariposas-sominyx nas pesquisas.

A temperatura aumentou bastante quando entramos na estufa.

– Ah. Então, substituir no ambiente as mariposas que são mortas no laboratório.

– Exato – disse Spencer, me conduzindo mais para dentro do lugar com decoração elegante.

Lustres pretos tremeluziam no salão, conferindo ao local uma luminescência suave. Um mar de vestidos elaborados e smokings deixou meu estômago embrulhado, apesar de meu traje estar perfeitamente adequado. Nisso, Missy se saiu bem. Fora alguns rostos jovens – entre eles, o de Kendall, que me lançou um olhar fulminante de onde estava, ao lado de um dos caras do rúgbi que reconheci outro dia do refeitório –, a maioria das pessoas parecia ser mais velha, o que eu achava que fazia sentido para um evento beneficente.

A elegância rígida era um tanto suavizada pela música de piano que preenchia as pausas entre as muitas conversas acontecendo à minha volta.

No centro do salão havia uma jaula de vidro que ia até o teto alto abobadado, como uma versão enorme dos domos de vidro no nosso laboratório noturno, e, lá dentro, voavam centenas de mariposas-sominyx pretas.

– Vou pegar bebidas – disse Spencer, mas eu mal registrei suas palavras enquanto soltava seu braço e ia na direção das mariposas, fascinada.

As asas pretas não davam sinal de infecção, como eu tinha aprendido no laboratório. Uma mariposa tinha pousado no vidro e, quando encostei um dedo ali, suas asas se moveram. Mais mariposas voaram para o meu lado do vidro, como se atraídas. Olhei para baixo e vi a luz se refletindo nas flores do meu vestido.

– Atraídas pela luz.

Ao ouvir aquela voz grave, eu me virei e vi o professor Bramwell olhando para o vidro, a uma distância curta de mim. Vê-lo acelerou minha pulsação, como antes.

– São tantas. De onde vieram?

– Compradas de um criador aqui em Dracadia. A penitência da universidade por usá-las para estudar *Noctisoma*. Dracadia é o único lar dessas mariposas, e o número poderia diminuir, se não tomássemos cuidado.

– Mas elas são o hospedeiro natural do organismo, não são?

– São, mas nem todas estão fadadas a serem infectadas. Só as curiosas.

Com uma taça de champanhe na mão, ele chegou mais perto, mas, ao que parecia, tomando o cuidado de manter alguma distância entre nós, pois parou em algum limite invisível.

– Está vendo um trinco no teto lá no alto?

Olhei para cima e vi uma espécie de porta de vidro no teto da estufa, um espaço entre as vidraças que não estavam tão grudadas como as outras.

– Estou.

– Vão abrir no final do jantar e soltar as mariposas na natureza.

– Os morcegos devem estar ansiosos por isso.

Ele sorriu, e a risada sombria que veio em seguida fez meu estômago tremular tanto quanto as asas das mariposas.

– Felizmente, as não infectadas são um pouco mais espertas na hora de sobreviver. Se bem que seria um fim bem mais misericordioso, não acha?

– Acho que sim. Não consigo imaginar ser um inseto. Perseguida por tantas coisas perigosas.

Ousei olhar na direção dele e o vi com o olhar fixo nos meus lábios. Agradeci internamente por ter retocado o batom antes de sair do quarto.

– Precisa prestar mais atenção, Srta. Vespertine.

Ele se virou como se estivesse olhando o salão, o que me levou a fazer o mesmo. Spencer me encarava do outro lado do ambiente, com uma expressão curiosa.

– Parece que você e o Spencer estão se dando bem.

O professor Bramwell tomou sua bebida e, quando uma das mulheres uniformizadas passou com uma bandeja de taças de champanhe, sinalizou pedindo outra. Não pude deixar de notar o sorriso insinuante no rosto dela quando ele pegou a taça sem lhe dar a menor atenção.

A mulher se virou para mim, as sobrancelhas erguidas sobre olhos cinzentos impressionantes.

– *Voulez-vous boire un autre verre, mademoiselle?*

Embora eu reconhecesse as palavras sensuais como francês, um dos idiomas falados pelos habitantes da ilha, eu não tinha ideia do que ela havia perguntado.

– Desculpe, eu não entendi direito. Está perguntando se eu quero uma bebida? – Um sorriso surgiu em seus lábios e, quando ela assentiu, eu respondi educadamente: – Não, obrigada.

O sorriso dela durou mais um momento e ela voltou a atenção para o professor Bramwell, cujos olhos estavam em mim.

– *Si vous comprenez, retrouvez-moi dans le placard dans dix minutes.*

Um músculo na mandíbula dele se retesou e Bramwell voltou sua atenção de mim para a garçonete.

– *Je comprends. Et je decline votre offre*.

A cadência suave da voz dele tinha uma fluência magnética, que me deixou ao mesmo tempo intrigada e querendo mais. Eu não sabia o que ele tinha dito a ela, mas pareceu abalar a compostura da garçonete, que empertigou os ombros, assentiu secamente e se afastou.

Eu fiquei olhando para ela, tentando entender a interação deles.

– Não respondeu à minha pergunta – disse o professor Bramwell, interrompendo meus pensamentos, e começou a beber a nova taça de champanhe.

Minha mente voltou ao último comentário dele sobre eu estar me dando bem com Spencer.

– Nós somos só amigos.

– Amigos – repetiu ele enquanto seus olhos desciam por todo o meu vestido, depois subindo de volta.

Homens ficavam me olhando desde que eu tinha começado a ter seios, mas o olhar de Bramwell tinha algo de diferente. Algo que eu queria estudar e desvendar sem ninguém em volta. Uma ordem tácita e a tensão perturbadora que fazia meus ossos vibrarem.

Um labirinto intricado no qual eu queria me perder.

Um calor correu sob a minha pele, sem dúvida me deixando corada.

Era estranho vê-lo assim, sem um livro na mão ou indo apressado para algum lugar. Quase parecia que ele não sabia o que fazer no ambiente.

Nada muito diferente de mim.

– Para ser sincera, eu me sinto deslocada aqui. – Olhei em volta e notei os olhares de alguns convidados, homens e mulheres. – Parece que todo mundo sabe que eu sou pobre.

– Acha que estão te olhando porque é pobre? – Ele escondeu o sorrisinho na bebida e tomou um gole grande que esvaziou a taça. Sua mandíbula se contraiu quando ele cerrou os dentes. – Os ricos têm um apetite insaciável por coisas raras e valiosas. Estão olhando porque você é a única coisa aqui que *vale a pena* olhar.

O ar se tornou inebriante, fazendo cócegas no meu peito a cada inspiração intoxicante. Com as bochechas coradas, eu me virei e vi Spencer acenando para eu me aproximar de onde ele estava com alguns homens, inclusive o pai dele.

Mas eu não queria ir até Spencer. Queria ficar ali com o meu professor, lutando para recuperar o fôlego. Ao lado, as mariposas batiam as asas, os

movimentos espelhando a sensação na minha barriga cada vez que aquele homem abria a boca.

– Vá, Srta. Vespertine – sussurrou o professor Bramwell, sua proximidade deixando meus nervos em chamas. – É jovem demais para não cometer erros.

Com essas palavras, ele se afastou com um ar de arrogância que me deixou de pernas bambas.

Minha cabeça me impelia a segui-lo. Eu queria.

Mas fui até Spencer, que me entregou uma bebida escura, roxa. Franzi a testa diante da cor, que não me permitia ver o fundo do copo.

– O que é? – Cheirei o conteúdo e só senti um odor doce de frutas.

– Só ponche – disse ele, e tomou um gole. – Se você acha que o bom reitor me deixaria batizar a bebida, se enganou.

Com a boca seca depois do encontro com o professor Bramwell, tomei um gole, e o sabor doce atingiu minha língua com um prazer inesperado.

– Que gostoso. – Tomei outro gole, tentando identificar o sabor. – É de quê?

– Não faço ideia, mas garanto que uma dose de rum teria deixado ainda melhor.

– Eu nunca experimentei rum.

– Ah, nós temos que resolver isso. Não hoje, claro. – Com um puxão leve no meu braço, ele me guiou para o grupo de homens com quem estava um momento antes. – Quero te apresentar ao meu pai.

A ideia de ficar cara a cara com um homem que tinha participado da pesquisa que podia ter resultado na morte da minha mãe me pareceu meio pesada para a noite. Embora eu fosse adorar cutucá-lo para obter respostas, o vestido fazia com que me sentisse vulnerável.

– Não sei...

– Está tudo bem. Ele já tomou uns bons drinques. Talvez seja a melhor hora pra conhecê-lo.

Se ele ficasse bêbado, talvez acabasse esquecendo que tinha me visto. Com relutância, fui atrás de Spencer e dei outro gole na bebida.

– Pai, quero te apresentar uma pessoa. Esta é minha amiga Lilia.

Uma leve consternação perpassou o rosto do reitor antes de ele sorrir e estender a mão para mim.

– Lilia. É um prazer conhecê-la. Spencer me disse que você estuda pré-medicina também.

– Bom, ainda não decidi se vou fazer medicina. Estou um pouco na dúvida.

– Eu, hã... peço desculpas pelo meu comportamento estranho naquele dia, no

refeitório. Não pretendia ser grosseiro. É que você me pegou de surpresa.

– Como?

– Você me lembra uma velha conhecida.

– Ah, é? Quem? – provoquei, sabendo bem a resposta.

Embora a pergunta estivesse na ponta da minha língua, me incitando a questionar o que ele sabia sobre as mortes daquelas seis mulheres, eu me segurei. Lippincott balançou a mão de modo casual e riu.

– Eu vejo tantos rostos passarem por esta universidade que é difícil saber quem ou onde exatamente. Nosso cérebro é estranho, não é?

– Muito estranho. Você também me parece familiar – menti.

Outra garçonete, uma jovem loira de olhos brilhantes, veio na nossa direção e tocou o braço do reitor de um jeito que me pareceu meio íntimo. Ela se inclinou para sussurrar algo no ouvido dele, e eu a vi dando um leve aperto nele.

Ele assentiu e a soltou.

– O jantar já vai ser servido. Lilia, você se junta a nós em nossa mesa?

– Claro – respondi, mesmo preferindo me sentar com as mariposas.

O reitor levou nosso grupinho a uma mesa redonda para oito pessoas, e todos se acomodaram, com Spencer ao meu lado.

Um homem mais velho que não reconheci me deu uma piscadela ao se sentar à minha esquerda, me causando um desconforto instantâneo. Uma mulher da mesma idade dele, usando joias ornamentadas, se sentou do outro lado dele.

À nossa frente, sentou-se o reitor, que ficou olhando com alguma frequência na minha direção e só parou quando um homem passou atrás dele e deu tapinhas em seu ombro.

– Posso perguntar quantos anos você tem, minha jovem? – questionou o homem ao meu lado, inclinando-se na minha direção o suficiente para me deixar tensa de novo.

Pigarreei e tomei outro gole de bebida antes de colocar a taça na mesa.

– Vinte.

– Que idade maravilhosa. Eu me lembro de quando tinha 20 anos. E estudava nesta mesma universidade. Eu era capitão de rúgbi.

– Uau. Que incrível.

– Charles Dandridge – disse ele, estendendo uma mão gorducha.

– Lilia – respondi, retribuindo o aperto de mão.

– É um prazer conhecê-la, Lilia. – O olhar dele desceu, e não tive dúvidas de onde pousou. – Eu era bem mulherengo, na época.

– Não duvido.

Pigarreei de novo e me virei para o outro lado. Ao fazer isso, vi a professora Gilchrist vindo na direção da nossa mesa.

Não senta aqui. Por favor, não senta aqui. Por favor, não senta aqui.

Para minha total consternação, ela tomou a cadeira ao lado do reitor, e o sorriso em seu rosto sumiu assim que seu olhar pousou em mim.

Com um sorriso tímido, acenei de leve.

Claro que ela não respondeu.

Um sorriso forçado enrugou seus olhos quando ela ocupou a cadeira. No movimento mais sutil que consegui, eu me virei para Spencer.

– Não sabia que Gilchrist estaria aqui – sussurrei.

Minha mente voltou para o dia na viela, em que eu tinha visto os dois juntos.

– É, ela meio que organizou o baile. Foi ela que negociou todas as mariposas. Uma besteira, sério. Elas só vão voltar a circular, e nós vamos tirar suas carcaças das gaiolas logo, logo.

– Que horror. Falando em horror, o cara ao meu lado é meio bizarro, né – sussurrei em tom ainda mais baixo.

– Ahhh, ele é inofensivo. Podre de rico, mas inofensivo. Um velho amigo do meu pai.

Outra figura conhecida veio andando na direção da mesa, e meu coração subiu à garganta pela segunda vez naquela noite quando o professor Bramwell se sentou duas cadeiras depois de Spencer. Quando os olhos dele me encontraram, um calor correu pelas minhas veias.

A cadeira entre ele e Spencer permaneceu vazia, e foi nessa hora que eu reparei que todos à mesa tinham acompanhante. Menos ele.

Meus olhos foram na direção do reitor, que logo afastou o olhar de mim. Eu me inclinei para Spencer de novo.

– Seu pai... Quer dizer... Sua mãe...

– Ela está em casa. Doente. Isso só significa que ela tomou comprimidos demais para dormir de novo.

– Ah. Entendi.

– Pois é. Acontece muito.

– Eu não sabia se Gilchrist era... – Hesitante, eu só balancei a cabeça. – Deixa pra lá.

Com um gesto sutil, ele cobriu a boca com a mão e se inclinou para mais perto de mim.

– Na verdade, eles não se suportam, o que torna a situação meio estranha.

Lembrando-me dela com a mão na virilha de Spencer, eu assenti.

– Posso imaginar.

No silêncio que se seguiu, eu olhei para a organização elaborada da mesa: três garfos à esquerda, duas facas e uma colher à direita, um garfo e uma colher menores acima do prato e um utensílio estranho com dentes que eu nunca tinha visto.

O garçom trouxe uma variedade de entradas que me deixaram boquiaberta: tartare de atum, ceviche de halibut, polvo braseado, latke de salmão. Eu não tinha a menor ideia do que era nada daquilo, mas experimentei o tal latke só porque era pequeno.

A rodada seguinte foi bisque de marisco, e, enquanto estendia a mão para os talheres, vi o professor Bramwell me olhando.

Tentei não reparar no lugar ao lado dele, ainda vazio.

– Doutor Bramwell – murmurou o homem à minha esquerda enquanto comia. – Quando eu estava em Las Vegas, mês passado, fui a um restaurante onde se pode pedir sopa de "fungo-lagarta" por meros 700 dólares. Dizem que tem propriedades curativas maravilhosas. Que é um tratamento natural para o câncer. *E* é afrodisíaco. – Ele me cutucou debaixo da mesa, e eu franzi a testa. – O que você acha?

Para um homem que supostamente tinha uma quantidade absurda de dinheiro, ele não tinha modos à mesa, considerando a forma ruidosa como tomava a sopa.

Voltei minha atenção para o professor Bramwell, que olhou para o homem com desinteresse não disfarçado. Fiquei me perguntando se eles já se conheciam de antes, porque eu quase sentia a química hostil entre os dois.

– *Ophiocordyceps sinensis*. Um primo da espécie *Cordyceps* que transforma formigas em zumbis. Inofensivo para humanos, mas, se você é trouxa a ponto de pagar 700 dólares pelo que acha que é a mais nova panaceia, eu me perguntaria se na verdade não teria infectado seu cérebro.

Morder meu lábio não foi suficiente para conter a risadinha na minha garganta.

Nitidamente abalado, o homem ao meu lado se empertigou, soltou resmungos de irritação e se recostou na cadeira.

– Essa não é a base da sua pesquisa, professor?

– A minha pesquisa foca em uma única toxina e no efeito dela na reação autoimune. Não, eu não acredito que seja uma grande cura com o poder de melhorar sua vida sexual. Desconfio que nem Viagra prometa tanto.

De olhos arregalados, baixei o olhar para o prato à minha frente. Eles deviam

se conhecer. O professor Bramwell tinha certa rispidez socialmente, mas eu nunca o tinha ouvido insultar alguém abertamente.

A Sra. Dandridge tossiu no guardanapo, e eu não sabia se ela tinha terminado a tosse com uma risadinha ou um engasgo. O reitor Lippincott soltou uma risada nervosa.

– Devryck tem um... ótimo senso de humor.

Um ar de desconforto acompanhou as palavras dele, mas o clima continuou tenso. Lancei outro olhar para o professor Bramwell, que tinha tomado mais uma taça de champanhe e pousou seu olhar de cobre em mim assim que botou a taça na mesa.

Fiquei me sentindo estranhamente atraída. Eu não conseguia explicar. Por mais ríspido que ele fosse, eu o achava totalmente cativante. Magnético.

Quando a lagosta chegou, eu mantive uma conversa leve com Spencer sobre a comida e locais interessantes em Dracadia que ainda não tinha conhecido. Mesmo assim, não pude deixar de lançar mais olhares ao professor Bramwell, cada um deles recebido por um olhar fixo descarado. Meu vestido estava pinicando nas partes em que parecia apertado, me prendendo, conforme minha pele corava e eu sentia um nó no estômago.

A garçonete loira de antes reapareceu e, com um leve toque no ombro de Lippincott, sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Quando ela olhou para mim, me toquei de que já a estava encarando havia muito tempo. Pigarreando, desviei o olhar para as minhas mãos no colo e vi Dandridge fazendo a grosseria de apertar a própria virilha embaixo da mesa ao meu lado.

– Com licença um momento – disse o reitor Lippincott, empurrando a cadeira para trás e colocando o guardanapo na mesa.

Assim que ele saiu do salão de jantar atrás da garçonete, a tensão no meu estômago aliviou um pouco, me lembrando de quanto me sentia inquieta perto dele.

Mas o descanso foi curto, pois, alguns minutos depois, o reitor voltou ao seu lugar, e a minha ansiedade ficou um pouco maior do que antes.

A sobremesa chegou. A minha era um quadradinho de cheesecake com uma espécie de cobertura de frutas vermelhas, mas cada pessoa da mesa recebeu uma coisa diferente.

– Eles sabem economizar, né? – Spencer bufou e botou o que parecia um morango recheado de cheesecake na boca.

Eu brinquei com meu garfo de sobremesa e me forcei a não olhar para Bramwell de novo. Era ridículo e talvez até impróprio.

Mas parte de mim não se importava.

O professor Bramwell tinha reparado em mim, e por mais que eu originalmente tivesse detestado a ideia de ir ao baile, fiquei feliz por ter ido.

Comi um pedaço do cheesecake delicioso, o sabor me lembrando do drink de mais cedo. Quando lambi a calda dos lábios, flagrei o professor Bramwell afastando o olhar. Voltei a atenção para Gilchrist, que me olhava de cara feia do outro lado da mesa, os lábios repuxados em reprovação.

– De onde você é? – perguntou o Sr. Dandridge, e me retraí em pensamento.

Talvez falar a verdade o inspirasse a me deixar em paz.

– Covington – respondi, com o máximo de naturalidade que consegui, e me obriguei a não me agitar quando ele franziu o cenho.

– Covington? Aquela cidade horrível em Massachusetts?

– É.

– Meu Deus. Como você, hã... Como você veio parar aqui, em Dracadia?

– Bons resultados e boas notas.

– Todo mundo em Dracadia tem bons resultados e boas notas. – Ele se inclinou para perto de mim, tão perto que senti seu bafo quente na minha bochecha. – Ou foram as atividades extracurriculares que te deram uma vantagem sobre seus colegas, hein? – Por baixo da toalha de mesa, ele botou a mão na minha coxa. – Eu também tenho vários contatos aqui.

Meus músculos se contraíram com a vontade de bater nele, minhas bochechas tão vermelhas de raiva e humilhação que mal consegui proferir uma palavra. Devia estar escrito na minha cara.

Mas uma paralisia fria se acomodou nos meus ossos. *Faz alguma coisa!*, pedia minha cabeça, mas meu corpo estava rígido e pesado de choque. Quando a mão dele subiu, eu finalmente segurei o pulso dele, os olhos ardendo sob a ameaça de lacrimejar.

Ele segurou a minha mão e a levou até a coxa dele, e meus músculos tremeram para me soltar. A luta silenciosa toda passou despercebida pelos outros, que continuaram comendo a sobremesa sem dizer nada. Nem Spencer pareceu notar quando sorriu para mim e colocou outro morango na boca.

– O que será que a sua esposa pensaria se soubesse que você está apalpando a jovem ao seu lado, Charles?

Todos na mesa arquejaram ao mesmo tempo enquanto o professor Bramwell tomava casualmente um gole de mais uma taça de champanhe.

– Ou você tem essa liberdade porque estão em um relacionamento aberto?

O tom do professor Bramwell carregava um deboche que ecoou o do Sr.

Dandridge, alguns momentos antes, e eu não sabia o que era mais chocante: o que ele tinha dito ou ele ter ouvido as palavras de Dandridge, para começo de conversa.

O homem soltou a minha mão na mesma hora e, embora eu tenha ficado aliviada, meu rosto ardeu com a vergonha de não ter me defendido.

– Devryck! – O reitor Lippincott se levantou e jogou o guardanapo na mesa. – É sua intenção insultar meus convidados em um baile muito importante que, por acaso, foi organizado para financiar a sua pesquisa?

– É sua intenção ignorar o fato de que outra das suas convidadas está sendo incomodada? Ou apenas os sentimentos dos doadores ricos importam, *Edward*?

– Chega disso. Por favor – disse o reitor.

– Sim. Para mim, já chega *mesmo*. – Bramwell voltou a atenção para Spencer. – Seja um cavalheiro e troque de lugar com ela. – Ele se voltou para mim e logo depois lançou um olhar quase fulminante a algo além de mim. – E, se valoriza a sua anatomia, eu o aconselharia a manter suas mãos próximas do seu próprio corpo, Sr. Dandridge.

Com isso, o professor Bramwell jogou o guardanapo na mesa e se levantou. Meu coração despencou até o estômago enquanto o via andando na direção da saída.

– Isso é uma ameaça? Ele me ameaçou, Edward? – Dandridge se remexeu na cadeira e esbarrou no meu braço.

– Não... ele... Não, não foi uma ameaça. – Lippincott soltou aquela risada nervosa de novo.

– Ele me ameaçou, sim! Eu ouvi. Todo mundo na mesa ouviu.

– Entuba, Charles – disse a esposa, finalmente. – Você é um constrangimento.

Eu tinha ouvido o suficiente. Bramwell o *tinha* ameaçado. Por mim. Nos meus 20 anos de vida, ninguém nunca tinha me defendido. Ninguém tinha se intrometido em meu favor.

Compelida a ir atrás dele, eu me levantei, mas, assim que fiquei de pé, uma tontura me fez cambalear para trás.

– Lilia? – Spencer segurou meu braço e me firmou. – Você está bem?

– Não. Estou me sentindo... estranha.

– Quer tomar um ar fresco?

Com a boca fechada para não vomitar, eu assenti.

Baixei o rosto para fugir dos olhares intrometidos e permiti que Spencer me levasse para fora da estufa até o pátio.

– Desculpa. Eu não queria...

– Para. Você deixou meu pai constrangido. Eu amei. – Spencer deu outra risada debochada.

Outra onda me atingiu e eu cambaleei.

– Nossa. Eu estou mesmo... Tem certeza que não colocaram álcool naquela bebida?

– Tenho quase certeza. Tudo bem que a minha tolerância aumentou bastante nos últimos anos. Quer água?

Passei a mão pela testa e assenti.

– Fica aqui. Eu já volto.

Minha visão estava borrada nos cantos. Olhei ao redor, mas não vi o professor Bramwell em lugar nenhum.

Outra onda de vertigem me dominou e eu cambaleei para o lado, e me apoiei em uma das pesadas cadeiras de ferro que ficavam no pátio.

O som de movimento no jardim chamou minha atenção naquela direção.

Tentei espiar entre os arbustos, mas não vi nada lá. Minha visão ficou mais embaçada e, quando a imagem mudou, cambaleei de novo.

– Epa! – disse Spencer, e segurou meu braço antes que eu caísse sentada.

Ele me deu um copo de água, e, apesar de não querer beber nada, com o estômago gorgolejando daquele jeito, tomei alguns goles.

– Melhor?

– Não muito.

– Vamos caminhar, de repente o ar fresco e o movimento ajudam.

Ele passou o braço pelo meu e me levou para o caminho do jardim. Fiquei de olho procurando por Bramwell ou pelo que quer que tivesse feito o barulho. O caminho desfocava, mas até que o movimento ajudou um pouco.

– Me desculpa. Eu devia ter trocado de lugar com você. Dandridge tocou mesmo em você?

A pergunta me fez contrair o rosto diante da lembrança dele apertando a minha coxa embaixo da mesa.

– Sim. Isso foi bem bizarro.

– Me perdoe. Posso garantir que ele nunca me apalpou debaixo da mesa, e eu não sabia que ele era escroto nesse nível.

– Eu só quero esquecer tudo isso.

– Tudo?

A expressão magoada dele gerou outra onda de náusea no meu estômago. Eu me virei e vi uma figura parada na frente do mausoléu, ao longe. Uma capa preta

comprida. A máscara da peste. Coisa da minha imaginação? Ou era real? Soltei o ar e recuei, esbarrando em Spencer. Dei uma olhada rápida na direção dele, me afastei e pigarreei.

– O que foi? – perguntou ele.

– Lá perto do mausoléu. – Apontei naquela direção e precisei balançar a cabeça para clarear a visão dupla atrapalhando meus olhos. Quando a cena voltou a uma forma única borrada, não havia mais nada lá. – Eu vi... tinha... alguém de máscara.

– Máscara?

– Eu fico vendo esse cara. – Minha cabeça estava confusa. – Alguém me seguindo, de máscara. Tipo... aquelas que os médicos usavam na época da peste.

– Máscara da peste? – Com as sobrancelhas franzidas, ele se retraiu. – Que estranho. Você o viu perto do mausoléu?

– Vi. Ele estava só... – Outra onda de tontura. – Parado lá, um momento atrás. Olhando.

Spencer soltou o meu braço e, quando andou na direção que eu tinha mencionado, estendi a mão para o braço dele.

– O que você vai fazer? – A minha voz estava meio arrastada.

– Fica aqui. Eu vou lá olhar.

– Não... a gente nun... nunca deve ir olhar.

Senti uma tensão pulsar na minha cabeça, fiz uma careta e massageei o ponto dolorido. Spencer me ignorou e avançou naquela direção de novo, então eu segurei o braço dele com mais força.

– Spencer... e se... for perigoso?

– Se tem alguém te assediando, isso precisa parar. Fica aqui.

– Não. Isso é uma ideia *péssima*.

Ele franziu a testa e me olhou, como se só então estivesse entendendo que minha situação estava piorando.

– Tudo bem. Vamos.

Andamos pelo jardim na direção do mausoléu. A figura apareceu de novo, e eu apontei e parei de repente.

– Ali!

Spencer soltou meu braço e avançou na direção da figura.

– Ei! Babaca! Algum problema?

– Spencer!

Eu queria ir atrás, mas, droga, não sabia se conseguiria dar sequer dez passos, menos ainda me defender. Então recuei, vendo Spencer através de uma névoa

quando ele desapareceu atrás do mausoléu.

Segundos se passaram.

O ar ficou mais frio.

Um minuto.

Dois minutos.

– Spencer! – chamei em um sussurro aflito, me sentindo totalmente vulnerável, sozinha.

Desajeitada, tirei o spray de pimenta da cintura e cambaleei de novo com o movimento. Não sabia por que eu não o tinha entregado a Spencer, mas, naquela hora, fiquei feliz de ter aquilo.

Busca ajuda. Vai buscar ajuda.

Eu me virei para o caminho, mas o mundo continuou girando, a tontura aumentando quando cambaleei em volta dos arbustos. O ambiente tinha mudado, de algum modo. Eu tinha perdido qualquer senso de direção e, pior, minha visão estava sumindo.

Minha visão periférica foi escurecendo, criando um campo de vista estreito, enquanto eu tentava seguir pelo caminho familiar.

Uma piscada lenta.

Abri os olhos para a escuridão acima, as estrelas cintilando altas e luminosas. Eu tinha caído? Não lembrava.

Uma piscada lenta.

Quando reabri os olhos, uma figura apavorante estava acima de mim. A máscara da peste. Eu queria gritar, mas nada saiu. A figura inclinou a cabeça, me observando.

Tira a máscara!

Consegui erguer a mão, mas meus braços pareciam pesos mortos.

– Me deix...em paz...

A figura olhou abrupta em outra direção, como se tivesse ouvido algo.

Uma piscada lenta.

Meu corpo balançou quando algo deslizou sob as minhas costas.

– Me ajuda.

Minha voz não passou de um miado fraco que espelhava a moleza nos meus ossos. Abri os olhos e vi o mundo se movendo rápido demais, a visão embrulhando meu estômago.

Fechei os olhos de novo.

Um calor me envolveu. Um calor maravilhoso e relaxante, e o cheiro de couro e colônia. Despertei e vi uma mão enluvada em um câmbio. O ronronar

monótono de um motor. Levantei a cabeça para ver quem tinha me capturado e fui recebida por uma luz forte demais atravessando a janela atrás da pessoa. Gemi e fechei bem os olhos, vendo apenas brilhos irregulares atrás das pálpebras.

Talvez eu estivesse morrendo.

Talvez eu morresse até o fim da noite.

A morte parecia um cobertor quente.

Capítulo 39

LILIA

Acordei com um sobressalto e me sentei. Ao sentir a restrição no braço, olhei sob a luz fraca e me vi presa por uma algema à moldura de aço de uma cama.

Olhei para o vestido que eu estava usando, que tinha pedacinhos de... comida?

Fui tomada pela confusão, minha cabeça latejando com a tarefa de tentar acompanhar meus olhos.

Música de piano. Mariposas. Jantar. Spencer. Bramwell. O homem mascarado.

Uma náusea gorgolejante queimou minha barriga quando passei os olhos lentamente pelo aposento ao meu redor. Minha visão tremeu com a dor de cabeça.

A escuridão. As paredes de pedra lascadas pelo tempo e cobertas de musgo. Chão de cascalho. O ar, tão frio que parecia que eu tinha sido jogada em uma tumba. O cheiro pesado e úmido de terra e de decomposição invadindo meu nariz. E as grades. Não era um quarto. Era uma cela. Uma prisão.

Não. Não!

Ele tinha me capturado. O homem da máscara.

Minha pulsação disparou enquanto eu pensava em todos os filmes horríveis de assassinos em série em que a vítima terminava acorrentada em um porão. O terror da situação me fez tentar fugir, e eu puxei a algema, tentando passar o pulso pela abertura. Com a pele machucada e ardendo, eu tremi com o esforço, contorcendo a mão para deixá-la do menor tamanho possível.

A dor no meu crânio se intensificou com o estresse, e desisti da fuga para massagear as têmporas latejantes.

– Era só pedir a chave.

Ao ouvir aquela voz grave, eu arfei, e as sombras à minha direita se moveram para tomar uma forma. Quando o vi, uma corrente estranha serpenteou pela minha pele, devorando meu medo.

Calça preta. Camisa branca de botão. Um rosto arrasadoramente lindo. A tensão no ambiente pareceu sumir quando a presença dele dominou o cômodo como uma tempestade sombria.

Professor Bramwell?

Minha cabeça girou com um milhão de possibilidades que justificassem minha presença ali, mas eu não tinha qualquer lembrança do que havia acontecido na noite anterior. Meu professor tinha me sequestrado?

Pensei na forma como ele tinha me defendido no jantar. Não era possível.

Ainda assim, a tensão apertou meu estômago enquanto ele se aproximava, meu instinto de luta ou fuga vibrando com a necessidade de fazer uma coisa ou outra. A luz cintilou em uma chave de metal que ele ergueu para eu ver. As elegantes luvas pretas de couro que ele usava me fizeram questionar as coisas. Talvez eu tivesse visto programas policiais demais, mas só me ocorria um motivo para alguém usar luvas pretas. Ele se ajoelhou ao meu lado e, com o clique da algema, eu puxei a mão e me recostei na cabeceira, recuando para longe dele.

– Você me algemou?

– Parece que você é sonâmbula.

Ele se levantou e, com as mãos enfiadas nos bolsos, foi até a porta da cela, que abriu como se quisesse me mostrar que eu estava livre para ir embora.

– E a prisão?

– Eu não podia te levar para o meu escritório. Nem para o seu alojamento. Essas celas estão ligadas ao meu laboratório. O laboratório noturno fica dois andares acima de nós.

– Você não guarda cadáveres aqui, né?

– Não. Eu não guardo cadáveres aqui.

Meu estômago se acalmou só um pouco, pois nada parecia fazer sentido ainda.

– O que aconteceu?

– Você foi drogada.

Eu massageei a marca vermelha que a algema deixara no meu pulso.

– Como? Com o quê?

– Groselha-negra.

Eu fiquei sem ar. Groselha-negra? Merda. Merda!

– Como sabe?

Ele cruzou os braços e se recostou nas grades de aço da cela.

– Você teve alguns episódios de vômito à noite. Eu fiz um teste químico, específico para a reação enzimática encontrada nessas frutas.

Ai, meu Deus, não só essa ideia era humilhante, como a contração no meu estômago e no meu peito me diziam que eu talvez fosse ter uma nova rodada a qualquer momento.

– Então, eu... eu estou infectada com *Noctisoma?*

– Assim como nem todas as mariposas estão condenadas à infecção, nem todas as groselhas-negras estão também.

– Mas como você *sabe*? – Assim que eu perguntei, a resposta me ocorreu. – Analisou meu vômito?

– Haveria larvas residuais. Ovos. Eu não vi nenhuma das duas coisas no telescópio.

Novamente, a ideia do professor Bramwell analisando meu vômito pareceu pior do que ele me algemar a uma cama dentro do que já devia ter sido uma prisão. Ridículo, mas esse era meu estado mental no momento.

– Ai, meu Deus. Eu não me lembro de nada. De vomitar. De ser trazida para cá.

– As groselhas-negras são um alucinógeno muito forte. Mais poderoso do que qualquer droga natural. Apenas a associação delas com o *Noctisoma* impede que abusem de seu uso com mais frequência. Senão, desconfio que fariam parte das festas de fraternidade por todo o campus.

Passei a mão pela testa, tentando imaginar em que ponto da noite eu tinha sido drogada. O cheesecake. Tinha frutas vermelhas. E a bebida. Tinha o gosto do cheesecake.

– Por que alguém me drogaria?

De testa franzida, ele respirou fundo e... *Deus, me leva daqui*... eu vi seu peitoral definido, onde a camisa estava desabotoada. Isso me lembrou do dia em que eu o tinha visto arremessando facas, no bosque. Os músculos de seus braços. O suor. Mas ele era muito bom com aquelas facas. Será que as arremessaria em mim?

Infelizmente, uma névoa densa ainda confundia a minha cabeça, tornando impossível ser mais esperta que Bramwell, caso ele tivesse intenções sinistras.

– O *porquê* é insignificante no momento. A pergunta que deveria estar se fazendo é *quem*.

Era agora que ele confessava que tinha sido ele?

– Imagino que você não tenha ideia...

Novamente, ele enfiou as mãos nos bolsos e andou na direção da parede à minha frente.

– Spencer Lippincott já foi acusado de dar groselha-negra a uma aluna, e ela alegou que, depois disso, ele a assediou sexualmente.

– Mel.

– Sim.

Bramwell se virou e andou até as grades da cela de novo, pra lá e pra cá, como costumava fazer quando estava dando aula.

– Ela nunca mencionou as frutas. Nem ele.

Bramwell parou de andar e me olhou como se dissesse: *Fala sério, Lilia, você não é tão idiota assim.* Normalmente, eu não era, mas, além de estar tonta, estava morrendo de fome, por algum motivo.

– Claro que ele não teria mencionado. E eu desconfio que ela não soubesse.

– Como *você* sabe?

Ele moveu a mandíbula, os olhos indecifráveis me encarando. Não ia me contar.

Com os braços cruzados em uma resistência teimosa, balancei a cabeça.

– Spencer não faria isso.

– Eu já falei, legal e sincero são coisas que não andam juntas quando se trata de Spencer. E agora teremos outro escândalo.

– Por quê?

– As câmeras me registraram carregando você.

A angústia causada por essa imagem atrapalhou minha concentração. Eu, desmaiada nos braços dele, sendo carregada pelo jardim. O jardim. Sim, eu me lembrava dessa parte. Eu andando pelo jardim com Spencer. E um homem. Um homem de máscara.

– O Jardim Canterbury tem câmeras?

Ele esfregou o queixo, como se frustrado pela minha lentidão mental, como se fosse minha culpa. As groselhas podiam não ter surtido efeito em mim, mas certamente tinham matado alguns neurônios.

– O estacionamento onde estava meu carro tem câmeras.

– Não, eu estou perguntando porque vi uma pessoa. No jardim. Um homem com máscara de pássaro.

– Máscara de pássaro?

– Não era de pássaro, era uma daquelas máscaras da peste, que os médicos usavam.

Ele franziu a testa de novo e ficou me olhando.

– Você viu uma pessoa com uma máscara da peste?

– Vi. Ele estava perto do mausoléu. – Uma série de lembranças foi me voltando de forma irritantemente lenta, uma cena de cada vez. – Spencer saiu correndo atrás dele. Eu fiquei tonta e caí. O homem de máscara estava de pé ao meu lado.

– Spencer viu esse agressor mascarado?

Ele tinha visto? Ou só foi atrás dele por minha causa?

– Não tenho certeza.

– Ele tirou a máscara em algum momento?

– Não. Fiquei apagando o tempo todo. Você viu quando me encontrou?

– Infelizmente, não. Eu ouvi um grito. Quando te encontrei, você estava caída, desmaiada. Não havia mais ninguém. Ele tocou em você? – A pergunta tinha um tom duro, como se a ideia de algo assim o irritasse.

Se ele tinha me tocado? Não que eu lembrasse. Não conseguia me recordar sequer de um dedo na minha pele. Balancei a cabeça e consumi neurônios demais tentando me lembrar de um único detalhe além da máscara.

– Eu juro que vi.

– As groselhas-negras são bem potentes. Talvez...

– Eu já o tinha visto antes. Em várias partes do campus. Me olhando.

Bramwell ficou contemplativo, como se tivesse mergulhado em pensamentos.

– Você é sonâmbula.

Não era uma pergunta, mas eu respondi mesmo assim.

– Sou.

– Toma algum remédio?

– Não.

– Você se sente cansada ao longo do dia?

Eu sabia aonde ele estava querendo chegar com aquilo e, com um revirar de olhos, respondi:

– Às vezes. Olha, o cara não é uma alucinação, tá bem?

– Só estou aventando a possibilidade. Você leu algo relacionado à peste recentemente? Um artigo, talvez? Ou viu alguma máscara?

Eu tinha lido sobre o Dr. Stirling quando cheguei ao campus. É bem verdade que foi na mesma época em que comecei a ver o homem de máscara.

– Li, sim – respondi com sinceridade. – Você acha que *é mesmo* uma alucinação?

– Só estou sugerindo que a exaustão pode ferrar com a sua cabeça. Eu sei por

experiência própria.

Talvez eu *tivesse* sonhado. A possibilidade nauseante de ter sido só uma alucinação sufocou a discussão entalada na minha garganta.

– Se for esse o caso, então estou me sentindo uma idiota. Em relação a tudo isto.

– Alucinações não entorpecem ninguém. Ainda não se sabe quem fez isso, e desconfio que eu vou ficar na berlinda de novo.

– Mas ninguém te viu me trazendo para *cá*.

– Eu trouxe você pela entrada de cadáveres. Então, não.

Meu Deus, só de pensar nisso meu estômago virou do avesso. Mas eu estava viva e intacta. Por mais perturbadora que fosse a situação, a ideia de ele me tocar enquanto eu estava desmaiada não me deixava com tanto asco quanto deveria.

– Então, só uma reclamação minha te traria problemas.

Não foi uma pergunta, e, de repente, minha mente horrivelmente manipuladora entrou em ação, porque foi aí que eu percebi que tinha algo para negociar com o professor Bramwell. Uma moeda de troca.

Com os olhos estreitados, ele fez aquela coisa irritante de me examinar, e eu não consegui interpretar o que estava se passando em sua cabeça. Talvez ele quisesse me estrangular por dizer aquilo em voz alta. Ou arremessar facas na minha cabeça.

– Me aceita como assistente, que eu não digo nada – acrescentei rapidamente.

– Não. Eu já falei, não trabalho com assistentes. – Com os braços cruzados de novo, ele passou o polegar pelo lábio inferior de um jeito que achei hipnotizante, casualmente sedutor. – Eu posso dar dinheiro. Uma quantia significativa.

– Não.

A resposta saiu mais rápida do que eu teria imaginado diante da perspectiva de ganhar dinheiro, principalmente porque eu precisava desesperadamente pagar a escola da Bee. Mas eu também precisava desesperadamente saber mais sobre os vermes, e antes do previsto no programa do curso.

– Eu vou embora. Passo uns dias fora, e aí não vou estar aqui para limpar o seu nome.

Eu nem sabia mais quem estava falando, àquela altura. Talvez eu tivesse sido infectada e o parasita tivesse assumido o controle, porque Lilia Vespertine *não era* tão ousada assim.

A risada sombria dele me causou arrepios na nuca, e seus olhos tinham um brilho implacável que deslizou pelos meus ossos.

– Ora, ora, você é uma mariposinha malvada.

Eu odiei sentir que meu estômago se contraiu quando ele disse isso.

– Eu quero trabalhar no seu laboratório. Não no noturno, não em um laboratório idiota onde vai me mandar lavar equipamentos e preparar reagentes. Quero trabalhar na toxina com você. E quero ser paga em dinheiro pelo meu tempo.

Eu engoli em seco. Embora por fora pudesse parecer tranquila e controlada, minhas entranhas estavam gritando. Ele inclinou a cabeça e tive um vislumbre de fascinação em seu olhar acobreado.

– Olha só você. Uma mariposa tão ousada. Bem mais ousada do que eu pensava.

– Me aceite como assistente, que faço você sair de herói desta vez.

– Ou eu posso te trancar nesta cela e jogar a chave fora. Ninguém te encontraria. E, depois de um tempo, todos teriam esquecido.

Eu realmente não havia confirmado se ele era um assassino psicopata. Maldita névoa ainda densa no meu cérebro.

Desviei o olhar para a porta entreaberta da cela, depois para ele. Em um esforço patético de chegar lá primeiro, eu me embolei no tule e no cetim irritantes, fiquei presa na saia do vestido por um momento e corri para a única saída. Assim que cheguei à porta de grades, o mundo girou e as barras de ferro bateram na minha coluna. A mão enluvada de Bramwell apertou meu pescoço e cortou a entrada de oxigênio.

Uma onda de adrenalina percorreu meu corpo e colidiu com a excitação inexplicável que deixou meus nervos faiscando como fios desencapados.

– Você vai aceitar o dinheiro que estou oferecendo e não vai comentar nada sobre o que aconteceu. Entendido?

Com o olhar fixo nos meus lábios, ele se inclinou para perto, a língua correndo o fio dos dentes. Com a boca aberta, tentando respirar, eu o encarei, observando o magnetismo de sua expressão severa.

O caos explodiu na minha cabeça enquanto eu tentava entender o fato de que meu professor estava com a mão no meu pescoço, tinha acabado de ameaçar me trancar em uma cela e jogar a chave fora, e ainda assim eu não tinha fechado acordo. Talvez *eu* fosse a psicopata. Afinal, poderia ter negociado as respostas que buscava sobre a minha mãe, e talvez ele tivesse me contado.

Mas talvez ele tivesse mentido.

Ou me sujeitado à regra de *somente três perguntas*.

Só consegui balançar a cabeça.

– Me prender... não... salva a sua... pele.

Ele apertou mais forte, em frustração.

– Puta que pariu, por que você tem que ser tão teimosa?!

Com a mandíbula contraída de raiva, ele me soltou com um grunhido. Levei as mãos ao meu pescoço, massageei o ponto onde ele tinha me sufocado e me curvei para a frente quando comecei a tossir.

– É uma maldição. Mas eu prometo não te irritar e ser prestativa. E eu não vou contar nada pra ninguém. Ninguém precisa saber que eu estou trabalhando para você.

Outro rosnado frustrado me revelou que eu o venceria pelo cansaço.

– Assim que você chegou a esta faculdade, eu soube que seria uma porra de uma dor de cabeça para mim.

Eu me empertiguei, ignorando a esperança nascente que aqueceu meu peito.

– Isso é um sim, então?

Ele passou as mãos pelo cabelo e bagunçou as mechas em geral volumosas e arrumadas em um caos desgrenhado que achei dolorosamente atraente.

– Tudo bem. Você vai trabalhar como minha assistente. Vai fazer o que eu mandar. Não vai tocar em nada nem se meter onde não for chamada. Só vai usar a entrada de cadáveres. E, se decidir violar qualquer uma das minhas regras ou falar do nosso combinado com alguém, eu vou te fazer se arrepender do momento em que tentou me chantagear.

– Você acabou de me ameaçar? De morte, desta vez?

Ele nem hesitou diante da minha acusação.

– Não me provoque, Srta. Vespertine. Quer jogar duro? Saiba que as minhas bolas são feitas de aço.

– Isso deve doer.

Os lábios dele tremeram como se ele estivesse tentando segurar um sorriso.

– Saia pelos fundos. E só volte amanhã às oito da noite.

– Posso fazer mais uma pergunta antes de ir?

Ele soltou um grunhido quase sofrido.

– O quê?

– Tem algum prédio aqui no campus que *não* tenha câmeras?

Capítulo 40

DEVRYCK

A garota era um problema. Um problema incrivelmente lindo, mas irritante.

O fato de ela conseguir me fazer exigências ousadas enquanto olhava bem na minha cara me fez desejar estrangulá-la ou beijá-la. Eu não sabia qual opção me tentava mais.

Fui escroto em levá-la a pensar que o homem que tinha visto não passava de alucinação, mas precisei fazer isso. Menti para a segurança de Lilia, que não fazia ideia do mundo corrupto e caótico em que estaria se metendo caso arrumasse encrenca com os Gralhas.

Eu descobriria quem a estava incomodando e resolveria a questão.

Meu palpite era Spencer. Sendo um membro novato, ele ainda precisava aprender que não podia usar o traje cerimonial como se fosse Halloween. Usar as máscaras fora do Ninho levava a consequências sérias, e eu gostaria de garantir que o infrator fosse adequadamente punido.

Principalmente porque eu não gostava da ideia de alguém mexendo com ela. E tinha quase certeza de que era exatamente isso que Spencer tinha em mente quando a drogou. O garoto já tinha feito isso antes, e, deliciosa como Lilia estava com aquele vestido, eu desconfiava que o babaca não tivesse conseguido se controlar.

Essa era uma percepção que me irritava pra cacete.

Desde que encontrei o vídeo no celular dela, eu tinha feito questão de ignorar a garota; o que era impossível no geral, principalmente quando ela usava aquelas saias curtas que balançavam sobre o que eu imaginava ser uma bunda empinada. Mas, quando ela chegou ao baile, na noite anterior, parecendo um afrodisíaco

ambulante com chantili em cima e chamando a atenção de cada pau pelo qual passava, algo mudou dentro de mim.

Eu nunca tinha desejado tanto algo na vida.

Chamá-la de bonita era como chamar o sol de morno. Com aquele vestido ela ardia como a parte mais quente de uma chama. E, porra, eu tinha sentido o calor.

Bati na porta de Lippincott e, ao ouvir a resposta do outro lado, entrei. Havia papéis espalhados pela mesa, junto com garrafas vazias de água e embalagens de barrinhas de cereal. Eu me sentei na cadeira em frente a ele e engoli a vontade de dizer quanto queria meter a porrada em seu filho.

– Devryck, que boa surpresa.

O tom seco na voz dele me dizia que o pequeno incidente com Dandridge no baile ainda o incomodava. Eu sempre tinha abominado aquele pervertido filho da mãe, um antigo diretor da universidade que nunca havia tentado controlar seu gosto por mulheres mais novas. O sujeito tinha quase 72 anos, e eu o tinha visto pegar em mais coxas do que um faminto em um bufê de frango liberado.

Mas naquela noite ele por acaso tinha apalpado a coxa errada.

– O que fez você sair da sua cripta?

– Achei que você gostaria de saber que alguém foi visto usando o traje cerimonial fora do Ninho. Desconfio que pode ter sido seu filho.

Ele pegou um frasco de antiácido ao lado do computador e botou duas pastilhas na boca.

– Quando foi isso?

– Depois do baile. Ele estava vagando pelo jardim.

– Ah. Sim. A noite em que você deixou Spencer com um olho roxo?

Franzi a testa.

– Eu não encostei no seu filho.

– Ele insiste que era você com o traje cerimonial, e que ele te viu sem a máscara. Disse que você deu um soco na cara dele e o apagou. Ele está com um belo olho roxo para marcar a ocasião.

Embora eu tivesse visto Spencer correr para o mausoléu, não fui atrás nem encostei um dedo nele.

– Como falei, eu não toquei no seu filho.

– Mas as câmeras captaram você carregando a Srta. Vespertine até o seu carro.

– Ela tinha desmaiado. Só fui levá-la para um lugar seguro.

Ele se recostou na cadeira, passou os dedos pelo cabelo e soltou o ar com

força.

– O diretor Langmore está ouvindo o lado dela da história. Pelo seu bem, Devryck, reze pra garota não te jogar na fogueira. Uma acusação até dá pra segurar. Duas já é mais desafiador. E, se você for investigado por conduta imprópria com uma aluna, vai perder a oportunidade de seguir para os testes clínicos. Meu conselho? Fique longe dessa garota.

Indiferente aos comentários dele, eu inclinei a cabeça.

– De que exatamente você está me acusando?

– Todo mundo à mesa notou que havia algo rolando entre vocês dois.

Eu duvidava muito disso. Se o babaca inescrupuloso sentado ao lado dela tivesse sentido uma fração do que eu estava sentindo na hora, teria feito um esforço maior para evitar perder as próprias mãos. Dandridge não passava de um desperdício de partes do corpo e de oxigênio precioso.

– Porra, você perdeu a cabeça? – prosseguiu Lippincott, a voz ficando irritantemente hostil. – E ainda tem a audácia de insultar nosso maior doador! Na frente da esposa dele!

– Ele estava apalpando a coxa da Srta. Vespertine enquanto você comia sua porcaria de cheesecake.

– Eu não ligaria nem se ele a jogasse na mesa e chupasse a boceta dela de sobremesa! O sujeito praticamente carregou o projeto nas costas com o financiamento! Ele pode fazer o que quiser!

Trinquei os dentes para conter minha fúria até que um espasmo de dor subiu para a minha cabeça. A imagem que ele tinha plantado na minha cabeça me fez perder o controle e, pela minha dignidade e reputação, fiquei apertando os braços da cadeira, acalmando o ímpeto de segurar Lippincott pelo pescoço e arrancar a traqueia dele.

O que estava acontecendo comigo tinha se tornado algo inédito, algo sombrio e violento, e, no centro de tudo, havia uma garota perturbadora, com lábios perfeitamente carnudos que eu queria morder, que tinha conseguido me corromper. Uma merdinha ardilosa que tinha me desarmado.

– Você é brilhante, Devryck. Talvez o homem mais brilhante que eu conheço. Não deixe uma garota medíocre de Covington acabar com anos de pesquisa e inovação. Estou tentado a tirá-la da sua turma e colocá-la em outra matéria só para eliminar a *tentação*.

Soltei o ar cheio de fúria e empertiguei os ombros.

– Isso não vai ser necessário.

– Que bom. Vou considerar o olho roxo de Spencer um *mal-entendido*. E vou

investigar quem decidiu que era uma boa ideia usar o traje cerimonial como fantasia. Enquanto isso, volte ao trabalho.

Só a pequena parcela de respeito que eu tinha pelo sujeito me impediu de dizer para ele enfiar o mal-entendido e as opiniões no cu e ir se foder. Anos antes, depois que meu pai enfim desistiu de Caedmon, Lippincott organizou uma espécie de força-tarefa, composta de alguns contatos próximos, para procurar um dos homens que tinham sequestrado meu irmão. Ele sempre fora gentil com Caedmon na nossa infância e o tratava como um filho antes de Spencer nascer. Passei a sentir pena dele depois da noite em que Caedmon e eu flagramos nosso pai comendo a esposa dele durante um dos jantares de Lippincott. Não havia muito que o coitado pudesse ter feito, pois eram o dinheiro e o status dela que davam a ele influência na universidade. Ele era terrivelmente patético no que dizia respeito à esposa, mas sem dúvida tinha subido na vida e obtido poder suficiente para que eu preferisse evitar ir para sua lista de desafetos.

Eu não precisava da dor de cabeça de deixá-lo irritado. Não com a minha pesquisa começando a ter avanços maiores.

E ele *tinha* razão quanto a uma coisa. Eu não queria que Lilia ferrasse com a minha vida. Não porque ela fosse uma *garota medíocre de Covington*, como ele tinha dito, mas porque ela era a única coisa nos últimos dez anos que tinha conseguido me distrair da minha pesquisa.

Isso significava que aceitar que ela trabalhasse no meu laboratório podia ter sido a decisão mais burra que eu já tinha tomado.

Capítulo 41

LILIA

Ficou claro que o diretor Langmore não acreditou em mim, pois me abordou com o olhar transbordando de ceticismo. Não que eu pudesse culpá-lo. Eu não gostava de bancar a ignorante, mas, para garantir meu lugar no laboratório de Bramwell, estava disposta a me submeter ao escrutínio dele.

– Então... deixa eu ver se entendi – disse ele, abrindo as mãos sobre a mesa cheia de papéis. – Você foi atacada no Jardim Canterbury por um homem mascarado. Era uma máscara de pássaro, correto?

– Sim, senhor. Tipo uma máscara da peste.

Se era verdade que a máscara fora uma alucinação, eu não via mal em mencioná-la, ainda que só para atrapalhar qualquer teoria que tivessem construído em torno de Bramwell.

– Certo. E Spencer estava lá?

Eu não conseguia mesmo lembrar o que tinha acontecido com Spencer. A última coisa de que eu me recordava era ele correndo na direção do mausoléu.

– Ele saiu.

– Ele te deixou lá sozinha, e você foi atacada por esse homem com a máscara de pássaro?

– Isso. Eu não sei para onde Spencer foi, mas ele não estava lá para ajudar.

– Mas você alega que o professor Bramwell te ouviu gritar e foi ajudar.

– Sim. Ele lutou com o homem-pássaro.

Mesmo eu não tendo visto isso acontecer, tinha que admitir que gostava da fantasia.

– Certo. E, enquanto isso acontecia, você fugiu de volta para o seu

alojamento?

Por mais que eu quisesse encerrar a história aí, não podia dizer isso a ele. Langmore teria me desmentido na mesma hora.

– Não. Eu não estava me sentindo bem quando saí da festa. Acabei desmaiando. O professor Bramwell me carregou para o carro com a *intenção* de me levar para o meu alojamento.

– Mas...

– Eu vomitei. No carro dele. E fiquei morrendo de vergonha. Pedi para ele encostar, então desci do carro e saí correndo.

– Pra onde?

– Pra capela.

Depois de conversar com o professor Bramwell, fiquei sabendo que não tinha câmeras no exterior da capela. Ao que parecia, Jesus não gostava de espiões, e por mim tudo bem. Também era o único lugar que ficava destrancado à noite.

– Depois do que aconteceu, fiquei muito abalada e com medo. Eu me escondi nos bancos da capela a noite toda e rezei.

– Aham. – O tom de descrença na voz dele combinava com o olhar que ele me lançou na mesma hora. – Mas você não denunciou isso para a polícia do campus?

– Não. Sei que foi errado e que eu deveria ter denunciado. – Baixando o olhar para o colo, eu remexi as mãos, me perguntando se alguma daquelas mentiras parecia remotamente crível. Vítimas podiam ser contestadas ou isso era só uma regra tácita? – Mas estou denunciando para o senhor agora.

– Eu conversei com Spencer. Ele disse que você não estava se sentindo bem quando ele te deixou, e que você de fato viu uma figura no jardim. A parte em que suas histórias não batem é quando você diz que ele saiu correndo. Ele disse que foi *atacado* por alguém.

Claro que disse. Spencer era um gênio criativo quando se tratava de manipular histórias. Se eu ainda tinha alguma dúvida do que havia acontecido entre ele e Mel, a minha situação com certeza batia o martelo de que o cara era estranho.

– Como falei, não lembro para onde Spencer foi.

– Ele alega que foi o professor Bramwell que o atacou e o nocauteou.

Segurei uma risada e senti minha garganta arranhar. A única coisa que me veio à mente foram as poucas vezes ao longo da noite em que eu tinha falado com o professor Bramwell e reparado na cara feia de reprovação de Spencer.

– Isso é um absurdo. Eu vi o professor Bramwell lutar com o homem de

máscara. Spencer foi embora.

– Spencer tem lesões que sustentam as alegações dele. Um olho roxo de aspecto bem desagradável.

– E daí? Só porque eu não tenho lesões, minhas alegações são desconsideradas?

– Eu não falei isso. – Langmore levantou as mãos, claramente incomodado com a minha réplica. – Essas palavras não saíram da minha boca.

– Tenho motivos para acreditar que fui drogada, senhor.

Assim que falei essas palavras, ele fechou a boca.

– Talvez você devesse considerar fazer um teste...

– Me deram groselha-negra. Um alucinógeno conhecido. Desconfio que tenha sido Spencer.

Eu tinha evitado a acusação até aquele momento, porque acusar Spencer certamente complicaria a minha vida. Ele era filho de Lippincott, e eu dependia de Lippincott para garantir minha bolsa de estudos. Como reitor, era ele quem decidia se eu poderia continuar estudando em Dracadia, e considerando que eu finalmente tinha conseguido uma oportunidade de descobrir o que havia acontecido de verdade com a minha mãe, não queria estragar a chance deixando o homem com raiva. Sim, a coisa certa a fazer era denunciar Spencer, mas eu não tinha provas naquele momento, e ser expulsa de Dracadia teria *me* deixado com raiva.

– Ele tinha me dado uma bebida, mais cedo naquela noite. Tenho certeza que muitas testemunhas do baile podem atestar isso. Infelizmente, um exame de urina não identifica groselha-negra.

– Tem certeza que te deram groselha-negra?

– Claro que não. O único que poderia confirmar isso é o professor Bramwell, mas, a esta altura, o senhor talvez considere que há conflito de interesses, com base nas acusações de Spencer. Então, por que não fazemos assim? Como eu sou a vítima dessa situação...

Ter que admitir isso, dizer essa palavra, queimou minha língua como ácido. Quando tivesse privacidade, eu lidaria com a raiva de ter sido drogada, e como Spencer era meu principal suspeito, eu faria questão de ficar longe dele.

– Para não causar um escândalo, não vou prestar queixa contra Spencer. Vou evitá-lo, como devia ter feito desde o começo. O senhor tem meu relato do homem com a máscara. Talvez possa se dedicar a isso, pois estou dizendo que foi ele que me atacou.

Infelizmente, ele não chegaria a lugar algum com essa pista, e, embora me

sentisse meio mal por enviá-lo numa caçada infrutífera, eu não precisava de Spencer botando a culpa em Bramwell... principalmente depois de eu ter conseguido fechar um ótimo acordo com o professor. Sem mencionar que Spencer sabia muito bem que Bramwell não o tinha atacado. A situação toda parecia ter a ver com vingança, no mínimo, principalmente considerando que Spencer ainda guardava rancor pela expulsão do amigo. Não teria me surpreendido se o sujeito tivesse provocado o próprio olho roxo, tipo uma coisa saída direto de *O clube da luta*.

– Tem certeza disso? Nós levamos ataques como esse a sério. Quero que se sinta acolhida depois do que aconteceu.

– Tenho certeza. Vamos considerar resolvido. Vou passar a pensar mil vezes antes de sair à noite.

Aff. Isso ia totalmente contra o meu feminismo, mas me agarrei ao fato de que era por uma boa causa. Eu tinha a oportunidade pela qual andara esperando de aprender mais sobre a doença da minha mãe, e não queria perder tempo intrincada na teia vingativa de Spencer.

– Muito bem. Vamos procurar esse homem mascarado, por questão de segurança do campus. E vou pedir que relate qualquer outra preocupação que tiver diretamente a mim.

– Claro.

Capítulo 42

LILIA

A entrada de cadáveres era um túnel velho, de tijolos, com dois pontos de acesso: a porta fora dos portões da universidade, que me faria ter que lidar com o guarda tirano e arruinaria toda a intenção de não ser vista, ou a porta que levava à sala do incinerador, que era conectada ao túnel de cadáveres. Nenhuma das duas entradas tinha câmera. As duas eram bem sinistras, principalmente à noite.

Um arrepio percorreu meu corpo enquanto eu andava pelo espaço aberto, carregando apenas o meu celular com a lanterna acesa. À esquerda, havia seis portas de aço, como as de fornos antigos, e abaixo delas havia portas deslizantes menores, que pareciam bloquear as chamas usadas para queimar os corpos. Um cheiro de cinzas no ar revelava que um deles tinha sido usado recentemente.

Joguei esse pensamento para o fundo da mente e cruzei rápido o aposento até uma porta de tamanho normal, na metade do túnel de cadáveres: um túnel de tijolos em arco, cujas extremidades estavam escondidas na escuridão, como algo saído de um filme de terror. A temperatura lá dentro devia estar uns cinco graus mais baixa, com o frio seco tomando meus ossos. Mais uns metros e o túnel se abriu na sala de autópsia, com as mesas de aço inoxidável, pias, balanças, piso de ladrilhos brancos e uma porta de aço à esquerda que levava ao refrigerador, onde os cadáveres da escola de medicina ficavam armazenados. Embora parecesse impossível, aquela parte era ainda mais fria do que o túnel, com um cheiro estéril de água sanitária que fez meu nariz arder e que sobrepujava o odor leve de formol.

Eu só me lembrava vagamente do caminho com base na apresentação rápida que o professor Bramwell fez ao me conduzir para fora de lá naquela manhã. A

cela onde eu tinha acordado ficava em outro túnel obscuro, que eu provavelmente não teria conseguido encontrar nem se tentasse.

Segui pela sala de autópsia até a porta do laboratório, onde digitei no teclado ao lado um código que ele tinha me dado. Uma luz vermelha no teclado ficou verde e a porta estalou, abrindo passagem para um espaço amplo com bancadas de madeira, microscópios, pilhas de livros e paredes cobertas por estantes. Velas tremeluziam em lanternas e lampiões por todo o local, e, como no laboratório noturno, tanques por toda a sala emitiam um brilho roxo suave. Passei por um que continha dezenas de vermes rastejando no chão, bem mais do que nos do laboratório lá de cima. Inúmeras prateleiras abrigavam potes de espécimes nos quais objetos não identificados estavam suspensos no que eu presumia ser formol. Em meio aos resquícios velhos e ultrapassados de um laboratório dos anos 1800 havia algumas comodidades modernas espalhadas: duas grandes geladeiras de aço, uma centrífuga, incubadoras, balanças e capelas de exaustão. O contraste do velho com o novo me deixou intrigada. Decerto a universidade poderia custear os equipamentos de um projeto tão importante, especialmente considerando o baile extravagante a que eu tinha ido.

O professor Bramwell entrou pela porta do outro lado, que levava à sala dele, usando um jaleco branco comprido e um par de óculos de proteção apoiado no topo da cabeça. Ao me ver, ele parou. A testa franzida me deu a impressão de que ele não esperava que eu *realmente* aparecesse.

Pigarreei, abri um sorriso tímido e acenei.

Resmungando, ele continuou andando na direção de uma das bancadas, e, quando o segui, ele apontou para a porta por onde tinha chegado.

– Meu escritório.

Intimidada, com os nervos em polvorosa, obedeci à ordem e fui na direção do escritório. Ao cruzar a porta, saí em outro corredor menor, com três portas fechadas e uma entreaberta. No fim do corredor havia uma placa de saída, que eu imaginei que levasse à escada que subia para o laboratório noturno acima de nós, bem mais sofisticado.

Com passos curiosos, entrei na sala de tamanho médio onde o cheiro de couro, madeira polida e livros velhos se misturava com vestígios deliciosos do perfume dele. Se o laboratório era o coração da sua pesquisa, aquela sala era o cérebro, considerando todas as referências médicas e de parasitologia que preenchiam as estantes. Vi desenhos de anatomia humana espalhados na mesa de centro quando passei. Admirei a mesa de cerejeira com entalhes exóticos brilhando sob a luz fraca. Atrás dela, uma vitrola vintage em um armário de

madeira estava com a tampa aberta. E, acima disso, na parede, havia uma plaquinha com a frase em latim *Mortui vivos docent*. Reconheci-a de uma aula de perícia forense que tivera dois semestres antes.

Os mortos ensinam aos vivos.

Diferentemente da sala dele na ala administrativa, aquela tinha mais comodidades, o que me deu a impressão de que era ali que Bramwell passava a maior parte do seu tempo: uma geladeirinha, um sofá de couro e um divã com um cobertor sobre o braço, uma lareira pequena irradiando um calor aconchegante e um cabideiro de chão com um guarda-chuva pendurado. Como o laboratório, a sala guardava crânios de vários tamanhos, potes com objetos estranhos... órgãos e ossos dissecados, pelo que entendi. Havia um esqueleto humano em tamanho natural de pé em uma base. Livros tomavam espaço por todo lado que eu olhava, em pilhas perfeitas. Dois microscópios. Velas tremeluzindo em grandes lampiões.

Algo roçou meus tornozelos, e, em pânico, pulei na mesa do professor. Virei-me e vi uma bolinha de pelo preto me observando com olhos dourados. Soltei o ar de alívio, ri e desci da mesa.

– Oi, oi – falei, e me ajoelhei para fazer carinho no gato. – O que você está fazendo num laboratório? – Franzi a testa na hora que as palavras saíram da minha boca. – Espero que ele não esteja fazendo experimentos em você.

O gato se aproximou para receber carinho, e eu sorri, cedendo ao danadinho carente de atenção.

– Que estranho, ele não me parece uma pessoa que gosta de gatos.

Passos me alertaram da aproximação de Bramwell e eu abandonei o gato, corri para uma das cadeiras em frente à escrivaninha e me sentei logo antes de ele entrar.

O professor Bramwell tirou o jaleco e os óculos no caminho até a escrivaninha, pendurou tudo no cabideiro e se sentou na cadeira. Reparei no caimento justo de sua camisa de botão quando ele se sentou inclinado para a frente e apoiou os cotovelos na mesa. Com expressão indecifrável, ele me encarou por um momento.

– Eu soube que você falou com o diretor Langmore.

– Falei.

– O que disse a ele?

Eu me remexi na cadeira, porque o olhar do sujeito era como raio laser na minha pele.

– Que você tentou me ajudar, mas eu saí correndo. Morrendo de vergonha

por ter vomitado no seu carro.

– Para a igreja, suponho.

– Sim.

– Ótimo. – Ele se recostou na cadeira e entrelaçou os dedos, sem se dar ao trabalho de desviar os raios laser para outro lugar. – Você vai colocar um jaleco toda vez que entrar no laboratório. Vai ter um disponível na sala de autópsia. Luvas e óculos também são um requisito.

– Certo. Posso fazer uma pergunta?

Apesar de ele não ter emitido som algum, a expressão séria me fez entender que estava grunhindo em pensamento.

– Por que este laboratório parece saído da Idade das Trevas?

– Os espécimes com que você trabalhou no laboratório noturno foram infectados recentemente. Os deste laboratório estão na fase terciária e têm uma sensibilidade intensa à luz. Nós também vamos trabalhar com *Noctisoma* adulto, que tem uma aversão muito forte a qualquer coisa que não seja luz natural.

– Eles sobrevivem na luz do sol, então?

– Eles *conseguem*, embora sejam noturnos e *prefiram* a noite.

O comentário dele me trouxe uma observação à mente.

– A minha mãe quase não dormia à noite. Acha que os vermes tiveram interferência nisso?

– Não tenho ideia do que pode ter causado a insônia da sua mãe, considerando que você alega que ela não era da ilha nem nunca tinha vindo aqui, mas, sim, eles podem afetar os ritmos circadianos. Quanto ao aspecto arcaico do laboratório, tenho equipamentos suficientes nos três outros laboratórios deste prédio. Prefiro concentrar os fundos no estudo em si, e não em reformar este laboratório específico. Ele cumpre seu propósito.

Definitivamente sensível com relação ao laboratório.

– Claro. Eu não quis ser desrespeitosa.

Os laboratórios no andar de cima eram bem equipados; eu só não esperava ir trabalhar numa cripta. Mas talvez fosse mesmo adequado, considerando o apelido Doutor Morte.

– Já trabalhou em algum laboratório antes? – perguntou ele.

– Hã, brevemente. Em um laboratório de micologia, quando me formei no ensino médio. Basicamente, eu contava esporos com um microscópio.

– Então talvez você tenha uma noção *básica* de etiqueta e segurança em um laboratório.

Exceto pelas vezes em que meu colega e eu borrifávamos álcool nas bancadas

e acabávamos botando fogo nelas.

– Claro.

– Nada de comida e bebida. Tenha uma boa higiene. Não cheire nem experimente nada. E, pelo amor de Deus, não use a boca como pipeta.

– Ninguém faz isso. Faz?

Com a sobrancelha arqueada, ele soltou um som de exasperação e pegou na mesa um copo descartável com o famoso rótulo de dragão dourado do café Toca do Dragão.

–Também vou pedir para ajudar em autópsias de vez em quando. Tem alguma experiência com cadáveres, Srta. Vespertine?

Ele ficou me encarando enquanto tomava a bebida.

– Não.

– Então, vai seguir minhas instruções sem a porra de um monte de perguntas. Eu gosto de silêncio enquanto trabalho. Observe e vai aprender.

– Sim, senhor.

– Vou te dar duas horas por noite. Você será compensada em dinheiro, como pediu.

Aplaquei a coceira de curiosidades na nuca.

– Posso perguntar de quanto vai ser a compensação?

– Duzentos dólares por semana. Você vai limpar equipamentos e manter o laboratório arrumado. E não vai bisbilhotar nada.

Meu Deus. Duzentos por semana? Eu esperava no máximo cinquenta. Embora certamente apreciasse o pagamento, o maior benefício seria aprender sobre o organismo em si. Eu precisava entender melhor os mecanismos dele, os detalhes que só seriam ensinados no semestre seguinte, de acordo com o programa. Se eu obtivesse conhecimento sobre o verme, talvez a progressão da doença da minha mãe passasse a fazer mais sentido.

– Entendido.

– Tem outras salas neste corredor. O acesso é proibido.

Isso, claro, só aguçou a minha curiosidade. Mesmo assim, respondi:

– Entendido.

– Ótimo. Vamos começar.

Na primeira hora, eu segui Bramwell enquanto ele me mostrava todas as máquinas no laboratório. Algumas eu já conhecia, como o micrótomo, a centrífuga e o citômetro de fluxo. Outras, como o banho de órgãos isolados, eram novidade para mim. Ele também me mostrou uma estrutura de aço de tamanho médio: a autoclave, onde eu teria que esterilizar instrumentos e placas.

Enquanto ele me conduzia na direção da série de microscópios em uma mesa, parei na estante onde tinha visto as amostras estranhas em formol, mais cedo.

Pedaços indefiníveis de dissecções de carne e osso ocupavam quatro prateleiras, cada pote com pequenas etiquetas: doença de Gaucher, cálculo coraliforme, displasia fibrosa. Doenças que anotei mentalmente para pesquisar quando voltasse ao alojamento.

– Estranhezas médicas em que esbarrei – disse o professor Bramwell, atrás de mim. – O corpo humano é um quebra-cabeça magnífico.

– Deve ser fascinante olhar lá dentro.

Achei curioso que ele colecionasse coisas dos mortos que nem eu, com meus pequenos objetos. Acabei me perguntando se ele fazia isso pelos mesmos motivos. Se guardar pedaços das pessoas em potes afastava os pesadelos.

– Você não acha grotesco? – perguntou ele, olhando para sua parede de troféus.

– Acho, claro, mas é isso que torna tudo fascinante. Eu quero aprender com base nessa curiosidade.

– Você é uma curiosidade.

Depois de uma breve introdução aos exames histológicos que eu examinaria, ele me botou para fazer algumas tarefas. Pequenas placas de Petri ocupavam a bancada e eu coloquei ágar-ágar nelas enquanto murmurava baixinho comigo mesma. Embora apreciasse começar com calma, tivera esperanças de pôr as mãos na massa logo de cara.

À minha frente, o professor Bramwell se sentou de costas para mim, olhando um microscópio.

– Posso fazer uma pergunta?

– Essa frase vai ecoar na minha mente até a morte – disse ele, sem se dar ao trabalho de me olhar, e eu sorri.

– Por que mariposas? Além de elas serem o hospedeiro natural, por que usá-las para estudar uma toxina em humanos?

– Elas são mais baratas do que seres humanos, e não é considerado homicídio quando temos que matá-las.

Soltei uma risadinha meio roncada e derramei um pouco do ágar-ágar na base de plástico embaixo.

– Por acaso, elas também têm uma reação imunológica similar.

– É mesmo? Qual é a questão da toxina e a reação humana?

– Você está parecendo uma criança, fazendo tanta pergunta.

Foi o tom seco dele que eu achei divertido. Não que eu quisesse irritá-lo. Parecia acontecer naturalmente entre nós.

– Só estou tentando entender a natureza da pesquisa em que estarei envolvida.

– É possível que você só conheça os aspectos negativos da infecção, mas a noctisomiase também tem vários benefícios.

– Por exemplo...

Ele bufou, e eu baixei o rosto para disfarçar um sorriso.

– Você alega que sua mãe foi infectada, mas ela costumava reclamar de doença, dor ou mesmo algo bobo como uma indigestão?

– Não que eu me lembre, não. Na verdade, ela teve artrite nas mãos por anos, mas não me lembro de reclamar muito disso.

Ele afastou o rosto do aparelho, trocou as amostras por outras na bancada e olhou pelo microscópio de novo.

– Se isso for verdade, é interessante, particularmente no caso da artrite dela.

– Por quê?

– O organismo limpa o corpo. Remove todos os outros patógenos. – A voz dele soou arrastada por estar tentando se concentrar na lente enquanto falava. – E, no caso de artrite, redireciona o sistema imunológico e impede que ele ataque as juntas.

– Então seria uma possível cura para doenças autoimunes?

– A possibilidade existe. A metodologia é um labirinto infinito. Por enquanto, meu foco é mais limitado.

Balancei a cabeça, imaginando todas as doenças incluídas naquele guarda-chuva.

– Esse projeto é enorme.

– Isso é um eufemismo.

– Então por que fazer isso sozinho? Me parece que você precisaria de uma equipe para executar tudo.

– Como já deve ter percebido, eu não me dou muito bem com pessoas. *Além disso*, antes preciso me certificar de que a toxina tem potencial.

Mordi o lábio, na dúvida se fazia a pergunta seguinte.

– Eu soube que seu pai era professor e pesquisador também. Ele estudava *Noctisoma*?

Ele se virou na cadeira, afastando-se do microscópio.

– Terminou de colocar o ágar-ágar? – perguntou, ignorando minha dúvida.

– Terminei.

– Ótimo. Pode ir.

– Eu... ainda tenho vinte minutos. Não quer que eu faça mais alguma coisa?

– Não. Isso é tudo. Cuidado na volta.

Com isso, ele se virou para o microscópio. Decepcionada, bufei e passei por ele na direção da sala de autópsia.

– Srta. Vespertine. Espere.

Eu me virei no meio de um passo.

– Vou acompanhá-la até a parada de ônibus do campus. O caminho é bem escuro à noite.

Ele se levantou, e eu precisei me virar para esconder minha cara de surpresa.

– Eu sei me virar. Já andei por lugares piores.

– Tenho certeza que sim, mas, como agora você é responsabilidade minha, *eu insisto*.

Responsabilidade. O que aquilo significava?

Mesmo que eu me recusasse a admitir, fiquei meio aliviada de não ter que caminhar sozinha por aquela sala sinistra de incineração.

Enquanto ele tirava o jaleco, o tecido se prendeu na camisa e puxou a gola o suficiente para que eu visse as cicatrizes horríveis em sua clavícula e no ombro. Cicatrizes que ainda tinham a cor rosada de uma ferida recente. Tentei pensar no que teria dado ao agressor a coragem de jogar ácido nele.

A pausa abrupta em seus movimentos chamou minha atenção, então ergui os olhos e o peguei me encarando. Limpei a garganta, tirei meu jaleco e, depois de pendurá-lo junto com o dele do lado de fora do laboratório, Bramwell foi andando na frente, como se estivesse me guiando em vez de me acompanhando.

Dei uma corridinha para alcançá-lo e andei ao lado dele pelos túneis escuros.

– Como você não fica com medo quando sai à noite?

– Eu sou conhecido como *Doutor Morte*, acho que a maioria das pessoas tem medo é de *mim*.

– Acho que sim. Se bem que eu não te acho tão assustador. Rabugento, mas não assustador.

Ele me olhou sem achar graça.

– Minha natureza rabugenta tem um propósito. Infelizmente, você parece ter uma resistência inexplicável.

Eu sorri e ignorei deliberadamente os fornos de crematório quando passamos por eles a caminho da saída.

– Eu gosto de tirar minhas próprias conclusões sobre as pessoas.

– Admirável, mas não muito inteligente quando os alertas são legítimos.

Legítimos? Legítimos tipo o rumor sobre assassinato ou só a brincadeira com o fato de que ele passava tempo com cadáveres?

– Está confessando alguma coisa, professor?

Ele parou de repente, a rampa de saída logo à frente.

– Pergunte.

– O quê?

– Você está doida pra perguntar. Ficou olhando para as minhas cicatrizes ainda agora. Se eu quiser matar uma aluna, certamente tenho todas as ferramentas necessárias.

Ele olhou por cima do ombro na direção dos fornos, um lembrete ameaçador de como ele podia eliminar as provas rapidamente.

– Eu sou tola por pensar que você não a matou?

– Não sei. É?

– O que eu descobri não indica que você a matou. Mas você a convidou para o seu laboratório.

– Eu não a *convidei*. Pelo que sei, ela entrou pela sala do incinerador quando eu estava no laboratório superior pegando amostras. Desconfio que ela tenha percebido que não dava para chegar lá sem o código da porta e abandonou a missão, fosse ela qual fosse. – Com os braços cruzados, ele soltou o ar com exasperação. – Só na manhã seguinte foi que eu soube do desaparecimento dela, e aí já estava sendo tachado de assassino.

Eu não conhecia Jenny Harrick, mas, com base nas interações que já tivera com o professor Bramwell, aquela versão da história parecia a mais plausível que eu tinha ouvido até o momento. Era nauseante pensar que as pessoas tinham concluído tão rápido que fosse um caso de assassinato, ainda mais sem nenhuma evidência de que ela sequer tivesse sido morta.

– Não acho que você é um assassino.

Ele ergueu a sobrancelha e continuou em direção à saída.

– Então a mariposa fez amizade com a chama.

– Hum – falei, andando atrás dele. – Pensei que a chama não tivesse a capacidade de ser amigável.

– Você supõe que eu sou um perigo para *você*.

Sorrindo, ajeitei a bolsa no ombro.

– Bom, se você realmente fosse, teria me trancado naquela cela.

– Acho que eu ainda posso fazer isso. Mas seria uma pena enjaular um espécime tão...

– Intrigante?

– Irritante. De fato, você seria a pior prisioneira da história dos sequestros. Um bando de macacos-uivadores causaria menos dor de cabeça.

Ele abriu a porta e me deu a vez para sair primeiro. A porta pesada bateu atrás de nós quando seguimos pela pequena colina até o pátio aberto onde ficava a estrada, a uns 100 metros.

– É errado eu ficar ofendida com isso?

Soltei uma gargalhada, me virei e vi um sorriso surgindo nos lábios dele. Um sorriso verdadeiro e genuíno, e, puta merda, o mais bonito que eu já tinha visto. De dentes alinhados e brancos, e uma covinha na bochecha. Desejei poder tê-lo capturado, mas sumiu tão rapidamente quanto surgiu, e eu vi as sobrancelhas dele se contraírem e darem lugar a uma expressão de pânico.

Ele se curvou para a frente, as mãos fechadas com força, e soltou um grunhido.

Quando Bramwell caiu no chão, a adrenalina explodiu pelas minhas veias, e eu larguei o celular e me abaixei ao lado dele.

– Professor!

Rangendo os dentes, ele tremia e se sacudia, mas não foi como a convulsão que tivera um tempo antes. Os olhos dele se fixaram nos meus, suplicantes de um jeito que arrasou meu coração.

Eu não sabia o que fazer!

– Vou pedir ajuda – falei, e tentei procurar meu celular caído.

– Não!

Ele estendeu a mão e segurou meu pulso; a outra mão, quente, segurando meu antebraço. Com os olhos bem fechados, ele ficou me segurando enquanto seu corpo sacudia e tremia e ele grunhia e ofegava. Seus lábios se moveram, e ele sussurrou alguma coisa que eu não consegui ouvir de primeira, até seu rosto se contorcer e o corpo se curvar como se Bramwell tivesse sido atingido por uma corrente elétrica.

– Impérvio!

Aquela palavra de novo. Eu a tinha ouvido na primeira vez que ele tivera uma daquelas convulsões.

Não me mexi, nem tentei me soltar. Haveria um hematoma ali no dia seguinte, mas não me importava. Fiquei vendo-o suportar aquela onda desconhecida.

Liga pra alguém, eu pensava, a recusa dele por ajuda remetendo às vezes em que minha mãe tinha feito o mesmo. *Liga agora!*

Quando peguei meu celular para ligar para a emergência do campus, o aperto

no meu braço ficou mais suave. Olhei para ele e vi a tensão em seu rosto diminuir. O corpo estava tremendo menos e ele expirou pelo nariz. Com os olhos ainda fechados, Bramwell parecia calmo, e o toque que sentia no meu antebraço passou a ser o polegar dele me acariciando. Pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Quando ele abriu os olhos, parecia haver uma serenidade quase torpe neles, que se transformou diante dos meus olhos. Os músculos se enrijeceram de novo, e ele me soltou, recuando e se sentando depressa.

Evitando me olhar, ele fechou a cara, passou as mãos pelo peito e pela calça e pegou um estojo prateado com cigarros dentro.

– Você está bem?

Bramwell enfiou um cigarro entre os lábios, depois procurou e pegou um isqueiro para acendê-lo. Uma tragada longa e ele apoiou o cotovelo no joelho dobrado enquanto pressionava o alto do nariz.

– Imagino que você consiga seguir o resto do caminho até o ponto.

– Eu não vou embora enquanto não souber que você está bem.

– Eu estou bem. – Ele fez um sinal de dispensa. – Agora, por favor. Vá.

– Não.

Quem visse o olhar que ele me lançou acharia até que eu tinha dado um tapa na cara dele.

– Vou esperar alguns minutos. Pela minha paz de espírito.

Coloquei a bolsa ao lado dele e me sentei na grama, que tinha ficado significativamente mais fria nas últimas horas.

– Você tem uma doença.

– Não me diga – disse ele, e deu outra tragada no cigarro.

– O que é?

– Doença de Voneric. Uma doença congênita rara. Feliz?

– Uma doença autoimune.

– Sim.

E foi assim que eu entendi por que o sujeito era tão dedicado, tão determinado e apaixonado por um bando de vermes.

– É por isso que você está trabalhando na toxina. Mas achei que você tivesse dito que o foco era diabetes. Diabetes é uma complicação?

– Não. Por acaso, o mecanismo é similar. Infelizmente, ninguém se importa com uma doença que só afeta uma a cada quinhentas mil pessoas.

Eu quis perguntar se o pai dele tinha estudado a mesma coisa, mas não queria que ele me cortasse de novo.

– E é... – Eu fechei a boca, sem querer concluir a pergunta.

– Fatal? É. Se chegar ao coração, é fim de jogo para mim.

Meu Deus, ele falou com tanta naturalidade. A ideia de ter testemunhado sua quase morte duas vezes fez meu estômago ficar embrulhado.

– O que é *impérvio*?

Ele franziu a testa.

– Não é nada. – Com o cigarro entre os dedos, Bramwell passou o rosto pelo bíceps esticado. – Peço desculpas por ter encostado em você.

– Não precisa pedir desculpas. Estou feliz por meu braço estar ali. – Fiz uma careta e balancei a cabeça. – Meu Deus. Esquece que eu fiz esse comentário. – Que coisa idiota de se dizer. – Então, essa toxina... como você sabe que afeta a autoimunidade assim?

– Já foi demonstrado em ratos.

– Você disse mais cedo que precisa provar que a toxina tem potencial. O efeito nos ratos não prova?

– Prova. – Outra tragada no cigarro e ele o apagou na grama. – Infelizmente, a morte é um efeito colateral potencial bem grande. Até eu conseguir isolar uma variante estável da toxina, estou preso ao estudo das mariposas.

– Pelo jeito que você fala nas aulas, eu achei que você gostava de estudá-las.

– Depende da mariposa.

Com os olhos em mim, ele se levantou e cambaleou para trás. Com a cabeça girando, sem saber se ele tinha acabado de flertar comigo de novo, estendi a mão distraidamente para ele. Quando Bramwell afastou o braço, eu não insisti. Certo. Ele não gostava de ser tocado.

– Desculpe – falei.

– Eu não pretendia ser...

– Você não é. Nem um pouco. Por favor, não ache que precisa explicar nada. Eu não devia ter encostado em você. Deus do céu, não queria que isso soasse tão estranho. Nem pervertido.

Aff. *Só para de uma vez.* Balancei a cabeça e peguei minha bolsa.

– Já vou indo. Acho que o último ônibus passa em dez minutos.

– Srta. Vespertine.

Ao ouvir o chamado, eu me virei.

– Até amanhã.

Com um sorriso, eu assenti.

Capítulo 43

LILIA

Meu braço doía um pouco onde o professor Bramwell tinha segurado. Deitada na cama, observei o contorno roxo leve dos dedos dele e o acariciei.

Depois de prender um braço com minha algema, acendi a lâmpada ao lado da cama e me acomodei sob a coberta. Assim que fechei os olhos, quase senti a mão dele ainda me apertando. Segurando. A força daqueles dedos atingindo meus ossos.

O lençol frio correu pelas minhas pernas expostas quando me virei de bruços, a corrente da algema tilintando na moldura de metal da cama ao deslizar para o outro lado. Imaginei a mão dele guiando a minha pelo meu corpo, entrando pela minha calcinha. Com os lábios entreabertos, soltei um suspiro pesado e passei o dedo pela fenda já molhada.

Tão molhada, imaginei o professor Bramwell sussurrando no meu ouvido. Na minha imaginação, ele estava curvado sobre mim, o peitoral nu pressionando minhas costas enquanto ele passava os dedos por aquele ponto sensível e excitado que praticamente vibrava sob seu toque. Virei o rosto para o travesseiro, e pensamentos mais escusos surgiram. Pensamentos em que ele me segurava pela nuca, me avisando que ou eu gozava ou seria sufocada.

Movi os dedos mais rápido, minha respiração ofegante contra o algodão. Enfiei um travesseiro entre as pernas e deixei que a superfície firme pressionasse minha fenda sensível. A cama rangeu baixo quando movi os quadris. Com a mão livre, puxei a camisola para baixo e libertei um seio. Quase dava para sentir a mão dele na minha pele, os dedos provocando o mamilo, e o hálito quente no meu pescoço.

Seja uma boa mariposinha que eu vou te foder com força. Enquanto me esfregava no travesseiro, imaginei-o metendo em mim, meu corpo menor sacudindo sob o dele, bem maior. A sensação do pau dele entrando fundo, me preenchendo.

Com calor e tesão, me apoiei nos joelhos, empinei um pouco a bunda e enfiei dois dedos dentro de mim, chocada ao notar como estavam molhados quando os tirei e meti de novo. *Por favor, me come*, supliquei em pensamento, ainda presa na fantasia de estar debruçada sobre a mesa dele. *Por favor, professor Bramwell. Me come com força.* Meu ventre se contraiu em ondas quentes de desejo, cada músculo tremendo quando o orgasmo veio, e eu gemi no travesseiro. Gemidos altos e roucos que carregavam o prazer embriagado de luxúria de um clímax intenso.

Rebolei no travesseiro ainda enfiado entre as pernas, aproveitando os últimos resquícios de prazer. Com a bunda ainda empinada, virei o rosto para o lado e inspirei um pouco de ar fresco, a respiração pesada e rápida.

Na mesa de cabeceira, peguei uma garrafa de água pela metade e bebi até a sede passar junto com o prazer. Quando as ondas finais de euforia cessaram, tirei o travesseiro do meio das pernas e o coloquei embaixo do outro, no qual eu quase tinha me sufocado. A algema tilintou quando me virei de novo, e, de barriga para cima, olhei para o teto escuro, ainda tentando recuperar o fôlego.

Puta merda. Eu só tinha me masturbado algumas vezes na vida, mas nunca tinha sido tão bom *assim*.

Resmungando, me virei de lado e fui tomada por certa vergonha. Eu tinha acabado de me masturbar pensando no meu professor. Que por acaso também era meu chefe. Ele devia ter pelo menos uns 30 e poucos anos, e, embora eu quisesse que isso fosse um obstáculo, infelizmente só atiçava o meu fogo. Algo no homem me despertava fantasias sombrias.

Eu gostava que ele fosse mais velho. Mais maduro. Eu sempre tinha sentido atração por homens mais velhos.

Lembrei uma conversa com a minha mãe, quando eu tinha uns 14 anos, bem antes de ela ficar doente. Ela tinha me dito que os garotos da minha idade eram imaturos e que eu precisava esperar até eles crescerem um pouco. Eu segui achando isso até o começo do ensino médio, quando conheci aquele que viria a ser meu primeiro namorado de verdade, se é que podia chamá-lo assim. Eu o chamava mais de Fantasminha. Ele era do terceiro ano, estava prestes a se formar. Eu tinha sido escolhida para ajudá-lo com física, para que passasse de ano, mas ele passava quase todas as nossas aulas tentando me convencer a bater

uma para ele, e, quando completou 18 anos, a dinâmica das nossas interações mudou. Eu pensei que ele fosse perder o interesse por saber que poderia arrumar problemas, uma vez que já era considerado adulto e eu ainda era menor de idade. Mas, ao contrário, isso pareceu deixá-lo bem mais interessado. Por algum motivo, achei isso excitante também.

Ele me disse que eu era mais madura. Mais inteligente. Mais bonita. Eu tinha certeza de que tinha me apaixonado por ele, mas só até flagrá-lo trepando com outra garota no beco atrás do cinema, onde ela trabalhava na época. Uma garota do segundo ano. Isso marcou o fim das minhas pequenas explorações com o Fantasminha, mas a experiência tinha destravado outra coisa. Uma coisa bem mais depravada.

A imagem de ser dominada e devorada por um homem mais velho tinha se entranhado nas minhas fantasias.

Até Angelo começar a prestar atenção em mim. Nessa época, minhas fantasias tinham murchado até se esconderem em um cantinho da minha mente.

Eu pensei que tivessem sumido de vez... até o professor Bramwell me segurar naquela noite. Odiava admitir que tinha gostado um pouco demais do aperto forte, que chegou a machucar.



Um som me despertou do sono e abri os olhos na escuridão do quarto. O ranger de madeira velha ecoou pelo cômodo e eu me virei e vi a porta do armário aberta. A respiração entalou no meu peito quando algo se moveu. A forma sinuosa de uma mulher se aproximou, usando um vestido branco.

O cabelo ruivo afogueado dançava em torno dos ombros conforme ela deslizava pelo chão, e, quando chegou perto, meu coração subiu à garganta.

– Mãe?

Os olhos pretos como carvão davam a ela uma aparência apavorante, demoníaca. Mãos pálidas e enrugadas se estenderam enquanto ela mancava na minha direção. Ela parou ao lado da minha cama e me encarou com aqueles olhos de boneca e a boca aberta, muito aberta, aberta demais. A abertura anormal da mandíbula fez minha pele ficar toda arrepiada.

Um formigamento dominou meus músculos. Eu não conseguia me mover!

Vermes pretos saíram de sua boca e caíram em mim.

Um grito saiu da minha garganta e eu me sentei na cama com um ruído

metálico alto. Confusa, me virei e vi meu braço esticado.

Preso. Algemado.

A algema estava presa à cabeceira. Sim, eu tinha feito aquilo. Me prendera na cama. Voltei a atenção para o armário, que estava com a porta fechada.

Eu tinha sonhado. Não fora real. Apenas um sonho.

Soltei o ar, trêmula, e me deitei no travesseiro, encarando o teto de novo enquanto segurava o frasco de cinzas da minha mãe pendurado no meu pescoço. Lágrimas surgiram nos meus olhos. Eu odiava aquelas visões monstruosas dela. Ela não era um monstro. Ao menos não era antes de ficar doente.

Uma lembrança sombria e sinistra surgiu nos limites dos meus pensamentos. Ecos de gritos. Unhas se cravando em braços.

Mãe! Por favor! Não!

Eu não consigo respirar!

Com os olhos bem fechados, balancei a cabeça e escondi o rosto no travesseiro.

Não, não, não. Não olha. Afasta. Afasta!

Os gritos sumiram ao mesmo tempo que a dor no meu braço voltou. O hematoma feito por Bramwell.

Meus pensamentos se voltaram para os olhos suplicantes e os músculos trêmulos dele. Em sua expressão relaxada quando segurou meu braço e acariciou a pele.

A dor diminuiu.

Soltei meu braço e fiquei passando o polegar no hematoma, desesperada para que a dor afastasse o pesadelo.

E afastou.

Capítulo 44

LILIA

O jaleco que eu tinha usado na última vez que trabalhei no laboratório estava pendurado no gancho junto à porta. Eu o vesti, como o professor Bramwell tinha pedido, e digitei o código para que a porta do laboratório se abrisse. Quando entrei, eu o vi digitando em um notebook em uma das bancadas. Velas tremeluziam no laboratório, dando um aspecto sinistro ao local, como algo saído de *O médico e o monstro*.

Umedeci os lábios, onde tinha passado o mesmo batom que usara na noite do baile. O tom que aparentemente tinha chamado a atenção dele.

Ao lado de Bramwell havia um estereomicroscópio e, do outro, um domo de vidro grande com duas pequenas mariposas-sominyx roxas, que não estavam pousadas nas paredes, como deveriam, mas sim caídas no chão da jaula.

– Bichinhos novos? – perguntei ao reparar nos buraquinhos no topo do domo, na tigela de frutinhas oferecidas a elas e, claro, no pedaço de carne sangrenta que me enojou.

– Grupo de teste número dez – resmungou ele, continuando a digitar.

– Essas são as mariposas que você está usando para estudar a toxina?

– Sim.

– Você deu nome a elas?

Uma observação rápida das mariposas me mostrou variações de cor suficientes para diferenciá-las. Uma tinha um ponto branco e a outra tinha um probóscide torto.

– Não. Eu não dei nome a elas.

Ele ainda não tinha afastado o olho do aparelho.

– Que pena. Acho que dá azar não dar nome a cada uma.

Com a sobrancelha erguida, ele me lançou um olhar, então pareceu prestar mais atenção quando reparou na minha boca. Ele limpou a garganta e se virou de novo com a testa franzida, e eu mordi o lábio, me sentindo vitoriosa por ele ter notado.

– Fique à vontade, se quiser.

– Eu? Uau. Que *responsabilidade*. Os nomes precisam ser bons se queremos que o experimento dê certo, né?

– Acredito que o nome não interfira nisso.

Eu sorri e voltei a atenção para as mariposas.

– A propósito, qual é o nome do gato?

– Bane.

– Você é fã da DC, por acaso?

– Não. Eu só *não* sou fã de gatos curiosos que gostam de invadir meu espaço.

Sem dúvida, ele tinha herdado o gato. Mas ainda era fofo Bramwell ter permitido que o bichinho ficasse. E ele tinha colocado um nome. Voltei a atenção para as mariposas e observei a dobra não natural das asas, que me fez lembrar a coluna da minha mãe entortando nos estágios finais da doença. Que eu me sentia impotente e triste de vê-la mancar pela casa, com dor. Uma angústia sombria latejou no meu peito, e eu limpei a garganta.

– Então, os nomes... Acho que a do fundo, com o ponto branco na asa, deveria ser Aquiles, e a da frente, com o probóscide engraçado, deveria ser Pátroclo.

Pelo perfil dele, vi suas sobrancelhas descendo, e dei uma risada pensando em quantos músculos o sujeito devia contrair por dia de tanto franzir a testa.

– Você tem obsessão por mitologia grega?

– No seu mundo canônico, acho que pode passar essa impressão.

– Posso perguntar como é no *seu* mundo? – perguntou ele, fazendo um desenho rápido no caderno ao lado do microscópio, que pareceu ser a melanização da larva, por causa da pigmentação escura.

Quando olhei para o desenho, notei uma pequena cicatriz branca logo abaixo do nó do dedo, e fiquei me perguntando o que a teria causado. Quando ele fez uma pausa abrupta, ergui o olhar, vi sua sobrancelha arqueada de expectativa e percebi que eu não tinha respondido à pergunta.

– É de um romance que eu li, um tempo atrás.

Ele soltou um suspiro reprovador.

– Deve ter sido enriquecedor.

– Não deveria criticar romances, professor. Por acaso, o amor é

biologicamente importante para os seres humanos. Reduz a pressão arterial e a depressão e melhora o sono.

A expressão contemplativa no rosto dele virou um sorrisinho debochado.

– E de que forma isso beneficia você como *leitora*? Essencialmente, um *voyeur*. Você não tem conexão íntima com esses personagens fictícios.

– Quem disse? Eu me apego muito aos meus namorados literários.

Ele franziu a testa de novo.

– *Namorados?*

– Eu leio muito.

Balançando a cabeça, ele bufou.

– Tudo bem. Aquiles e Pátroclo.

– Soa melhor do que Grupo de Teste Número Dez. – Passei o dedo pelo vidro, curiosa para saber por que as mariposas não se deram ao trabalho de bater as asas nem se sobressaltaram com a minha presença. – O que tem de errado com elas? Por que estão no chão da gaiola?

– Elas sofrem de um problema que afeta sua habilidade de voar. Os músculos usados para contrair as asas estão lesionados.

– Então você pretende injetar a toxina nelas para ver se vai reverter o problema?

– Exatamente.

– Já teve algum sucesso com isso?

– Não. A mariposa metaboliza a toxina antes de conseguir recuperar os músculos.

– Então a chave está em desacelerar o metabolismo. Mas como?

– Se eu soubesse, estaria em um iate tomando champanhe, em vez de respondendo aos seus milhões de perguntas. De novo.

Eu sorri e a mariposa se moveu, acompanhando a unha que passei pelo vidro.

– A primeira vez na vida que eu andei de barco foi no trajeto de balsa para cá. Primeira vez no mar. Eu nunca entrei na água.

Vi pelo canto do olho ele erguer a cabeça do microscópio e se virar para mim.

– Você nunca entrou no mar?

– Sempre tive medo. O tamanho. A força. O fato de poder derrubar uma pessoa e carregá-la quilômetros além da margem. Aí você acaba sozinha e à deriva no meio do nada. Com Deus sabe o quê nadando embaixo de você. – Fiquei olhando ao longe, lembrando o cenário no trajeto de balsa. – Águas profundas me apavoram.

– Ou talvez seja o mar que teme as suas profundezas, Srta. Vespertine.

A diversão na voz dele e a covinha na bochecha deram a entender que o comentário não era sério, mas fiquei me perguntando se não haveria algum fundo de verdade naquilo. Se aquele homem só fazia elogios assim ou disfarçava seus insultos por trás de sorrisos bonitos e palavras poéticas.

– Que ideia absurda – falei, entrando na brincadeira. – O mar não tem medo de nada. – Eu me virei para as mariposas e lutei contra a vontade de sorrir. – Bom, as mariposas estão batizadas. Portanto, este experimento não pode falhar.

– Se você diz... – Com os olhos ainda no microscópio, ele pegou o caderno ao lado e o entregou para mim. – Preparei uma lista de tarefas.

Havia uma nota autoadesiva despontando da lateral escrito *Vespertine*, então abri as páginas e dei de cara com rabiscos ilegíveis.

– Meu Deus. Você precisou fazer aula para aprender a escrever feio assim?

Ele soltou um resmungo reprovador.

– Não esqueça que é *você* que quer este trabalho. Não o contrário.

Eu ri baixinho, tentando decifrar a primeira tarefa da lista, e comecei a trabalhar nas tarefas insignificantes que eu tinha pedido especificamente para não fazer.

As horas passaram rápido e, novamente, o turno acabou. Assim como na noite anterior, ele disse que me acompanharia até o ponto de ônibus. Uma tensão intensa abalou meus nervos quando pensei que, na última vez que tínhamos andado juntos, ele havia desabado do nada na minha frente.

– Não tem um milhão de perguntas hoje? – disse ele, olhando para as estrelas enquanto andávamos.

Eu sorri e baixei o olhar.

– Tudo bem. Mas depois não vai esquecer que foi você que pediu.

– Eu assumo total responsabilidade.

– Você parece meio jovem para ser professor contratado e ter diploma de medicina. Como foi isso?

– Eu era adiantado. Ajuda ter as conexões certas. Lembre-se disso.

Mordi a bochecha por dentro, na dúvida se devia fazer a pergunta seguinte. Uma que rondava minha cabeça havia dias e que eu não teria tido coragem de fazer do nada, mas, como ele estava aberto a perguntas, por que não?

– Por que me carregou para o seu carro naquela noite? Podia ter me deixado no jardim. Outra pessoa podia ter me ajudado.

Quando ele me olhou, sua testa fez aquele movimento muito atraente para cima.

– Se eu soubesse que você ia acabar me chantageando, talvez tivesse feito isso

mesmo.

Eu ri.

– Você não me parece um homem fácil de chantagear.

– E você não me parece uma jovem que deseja se enfiar em um laboratório obsoleto com parasitas. Mas aqui estamos nós.

Meu sorriso sumiu quando contemplei por que ainda me sentia tão atraída por aquele tema depois da morte da minha mãe. Por que minha curiosidade tinha tanto controle sobre mim.

– Eu me sinto compelida a fazer algo importante da vida. Devo isso à minha família.

– Você não deve nada à sua família – disse ele em tom ríspido, como se eu o tivesse insultado. – Paixões são inúteis, se as perseguimos pelos outros. Elas se tornam obrigações. Indesejáveis.

– Esse projeto é a sua paixão.

– Acho que sim. Apesar de toda a politicagem. – Ele me encarou. – Qual é a sua?

Era uma pergunta a que eu tinha respondido muitas vezes em formulários e entrevistas, e sempre dava a mesma resposta neutra de querer ajudar as pessoas. Mas isso também não era verdade, e, visto o último comentário dele, tive a sensação de que Bramwell perceberia isso, então respondi de forma sincera.

– Não sei. Acho que eu ainda estou procurando. Eu amo ciência. Amo aprender. E quero descobrir a cura da noctisomiase um dia. Tomar o seu trabalho.

– Boa sorte. – Ficou claro pela curva de seus lábios que Bramwell estava contendo um sorriso. – Para responder à sua pergunta sobre eu não ter te deixado no jardim naquela noite... eu a considero um incômodo intrigante.

– Acho que faz sentido, vindo de um homem que eu considero brilhantemente antissocial.

A ruguinha nos cantos dos olhos dele indicou um leve sorriso. O cara era mesquinho quando se tratava de sorrisos.

– Acho que é justo. Tenho o dom de repelir.

Eu dei uma risada debochada e balancei a cabeça.

– Não é o que pensa a morena que se senta na minha frente na aula – comentei.

– O que tem ela?

Eu me arrependi na hora de ter falado.

– Ela parece muito...

Uma imagem surgiu na minha mente, de dois dias antes, quando ela tirou uma foto dele dobrando as mangas da camisa antes da aula e postou com a legenda **Me enforca, professor** 😈.

– Atenta durante as suas aulas.

Ousei olhar para ele e o vi de cabeça baixa, a testa franzida, as mãos enfiadas nos bolsos, as mangas dobradas até aqueles antebraços maravilhosos que a garota tinha capturado na foto.

– Ela é bonita – acrescentei, para avaliar a reação dele. – Parece seu tipo.

Um pouco à frente, os faróis do ônibus se aproximavam do meu ponto.

– Não mesmo. Eu não tenho tipo, principalmente em se tratando de alunas.

– Ela vai ficar muito decepcionada com esse dado, tenho certeza. – Àquela altura, eu nem sabia se ainda estava falando da garota. – Em outras circunstâncias, ela talvez fosse seu par perfeito.

– Em outras circunstâncias... – Sua pausa durou um batimento cardíaco que sufocou o meu enquanto eu via um sorrisinho brincar em seus lábios. Um momento de hesitação. – Eu talvez corresse atrás de você.

Soltei o ar de um jeito nervoso. Segurei a alça da bolsa em uma tentativa falha de manter a compostura e engoli em seco.

– E eu talvez permitisse.

O ônibus parou, acabando com o momento. Se é que aquilo tinha sido um momento.

– Boa noite, professor.

– Boa noite, Srta. Vespertine.

Capítulo 45

LILIA

O quê?

Olhei para a minha primeira prova de entomologia, tentando entender a nota que tinha aparecido no computador.

Quarenta e cinco pontos de oitenta, o que dava 56 por cento de aproveitamento. Eu não tirava 56 por cento em uma prova desde o fundamental II.

Ao olhar para a prova corrigida, vi páginas e páginas de anotações em vermelho, e, de início, a nota quase pareceu legítima, considerando haver tantas correções... até eu começar a ler. As anotações marcavam erros técnicos ridículos, como uma vírgula que deveria ter sido ponto e vírgula, um parágrafo que Gilchrist achava que deveria ter sido dividido, embora a informação estivesse relacionada com as frases anteriores, e aparentemente, para o gosto dela, eu não tinha dado espaço suficiente entre marcadores.

Com as bochechas vermelhas e quentes, segurei a vontade de chorar enquanto esperava o fim da aula. Eu teria adorado comparar minha nota com a de outro aluno, mas a única pessoa que eu conhecia era Spencer, que não tinha ido à aula, e eu estava sem o menor interesse de interagir com ele depois do ocorrido no baile. Ele tentou me ligar, mas ignorei.

Quando a aula acabou, uma pequena fila se formou com outros alunos esperando para falar com a professora Gilchrist, e eu esperei pacientemente a minha vez, apesar de ter vontade de sumir. Quando chegou a minha vez, minha mão tremia pela raiva que eu tinha acumulado na última hora.

– Como posso ajudar, Srta. Vespertine? – A voz dela tinha um tom de tédio que só piorou a minha frustração.

– A minha nota... Me parece que, em relação ao conteúdo, todas as minhas respostas discursivas e de múltipla escolha estão corretas.

– Aham. E?

– Eu tirei 56 por causa de erros de gramática e *formatação*? A senhora não especificou antes a importância desses quesitos e quanto pesavam na nota.

O rosto dela nem tremeu com a minha reclamação. Na verdade, ela ficou mais arrogante.

– É um curso universitário. Você deveria saber muito bem como formatar um trabalho direito.

– Eu entendo, mas... *cinquenta e seis*? Quer dizer, eu acertei todas as respostas. Entendi o conteúdo, e a senhora não fez nenhum comentário sobre a composição e o conteúdo das minhas discursivas.

Com a postura ereta, ela apoiou os cotovelos na mesa e entrelaçou os dedos.

– Me diz uma coisa: você pretende fazer pesquisas um dia?

– Sim.

– Sim. – Ela ergueu as sobrancelhas e sorriu de um jeito que era ao mesmo tempo piedoso e condescendente. – Escrever pedidos de financiamento é uma parte enorme do orçamento de projetos de pesquisa. Se você não formatar direito, bom, vai parecer inapta.

Ela levantou as mãos com desdém. Com o desdém que deu uma nota que interferiria bastante na minha média geral.

– Isso faria sentido... se esta fosse uma aula de escrita para financiamento.

– Não me diga que você é uma daquelas alunas que se acha merecedora só por causa das suas circunstâncias.

– Como é?

Pigarreei, o choque das palavras dela me deixando estupefata. Seu queixo empinado me revelou que eu não tinha ouvido errado nem interpretado mal.

– Não estou querendo ser chata – acrescentei. – Só estou preocupada com o que vai acontecer com a minha média.

– Vai diminuir, o que é uma pena. Parece que os menos favorecidos não deveriam estar em uma instituição renomada e digna como Dracadia. Eu me enganei quanto a você.

– Como assim?

Ela bateu com o dedo na tampa do copo preto de café.

– Eu te vi olhando para Spencer duas vezes durante a prova. Você tem sorte de eu não ter te dado zero por *colar*.

Colar? *Colar!*

A acusação me acertou como um soco na cara. Eu tinha passado horas estudando para aquela prova.

– Eu não colo e, se pretendesse colar, não seria do Spencer.

Com uma risada sem humor, ela balançou a cabeça.

– Você é uma garotinha arrogante, não é? Tão espertinha e metida.

– O quê? Eu não... Não estou entendendo. Eu juro que nunca colei. Eu nunca *colaria*. – Odiei que minha voz estivesse trêmula, denunciando minha vontade de chorar. – Quero fazer tudo certo enquanto estiver aqui.

– Sei que quer. E tenho certeza de que seu comportamento manipulador funciona com alguns professores aqui de Dracadia, Srta. Vespertine, mas eu não sou um deles. – O sorriso arrogante que veio em seguida perfurou minha barriga como um garfo enferrujado. – Agora, se me der licença, tenho uma reunião importante. A nota permanece a mesma.

Um desespero gélido surgiu no meu peito quando saí da sala dela. Eu tinha planejado almoçar em Cavick, mas decidi que o melhor era voltar para o alojamento e dormir um pouco. A exaustão e a raiva pesavam, e eu ainda tinha duas aulas à tarde.

Quando contornei o prédio e passei pela viela, alguma coisa me puxou forte pelo braço e me fez cambalear para trás até bater em uma superfície sólida. Minha primeira reação foi querer gritar, mas uma mão cobriu a minha boca, e meu corpo foi puxado para trás, na direção da viela. Lá, fui encostada nas pedras duras do prédio.

Spencer estava na minha frente, os dois olhos vermelhos e com olheiras escuras e fundas, um deles ainda roxo e inchado. O corpo dele tremia, o lábio curvado para baixo, como se ele estivesse prestes a chorar.

Soltei um grito, e ele me conteve com mais força, contraindo a mandíbula de frustração.

– Por favor! Me escuta! Só por um momento. Estou implorando.

Meu coração disparou e eu o encarei, me perguntando o que ele faria. Será que era agressivo a ponto de me estrangular? Estava com raiva a ponto de me dar um soco?

– Eu sei que você acha que eu tentei... te fazer mal... naquela noite. E eu juro, Lilia, eu não fiz isso. Eu não faria mal a você. Nunca. – A voz dele estava trêmula, como se ele estivesse prestes a desmoronar. – Tem coisas que você não sabe... pessoas aqui que... são muito ruins. E o professor Bramwell é uma delas. Você entende?

Eu não me dei ao trabalho de mover a cabeça ao ouvir o comentário.

– Ele me deu uma surra naquela noite. Fez isso com a porra do meu olho. – Ao ouvir isso, eu tentei fazer que não, e ele pressionou o corpo junto ao meu, o lábio repuxado de raiva. – Deu, sim! Eu vi, porra. Ele tirou aquela merda de máscara e me deu uma surra. E ninguém acredita. Nem Langmore. Nem a porra do meu pai. Nem mesmo você. – Ele baixou a cabeça, os olhos brilhando com as lágrimas. – Se eu tinha intenções naquela noite? Não. – Com os olhos fechados, ele balançou a cabeça. – Tinha. Como não ia ter, com você linda daquele jeito naquele vestido? Mas eu não te droguei. Eu não faria isso. Não com você.

Inclinei a cabeça para o lado, e ele tirou a mão da minha boca.

– Você drogou a Mel?

Ele franziu as sobrancelhas e bufou.

– Sim. Mas não é o que você está pensando. Eu só estava tentando descobrir o que ela sabia sobre Jenny e Bramwell. Só precisava que ela relaxasse um pouco.

– Você tentou transar com ela?

– Eu flertei. Tentei dar um beijo nela, e só. De novo, eu só queria que ela se abrisse comigo.

– Ela falou a verdade, então. Você é mesmo um cretino.

Ele segurou o meu braço com força.

– Eu não fiz essa merda porque queria. Eu fiz porque tive que fazer.

– Como assim? Seu pai mandou você drogá-la?

A expressão dele se fechou e senti um calafrio.

– Eu já falei. Tem pessoas ruins nesta faculdade. Algumas piores do que outras.

– Eu vi você com Gilchrist. Eu a vi... tocar você.

Ele franziu a testa, parecendo envergonhado, e desviou o olhar.

– Você a beijou.

– Ela ameaçou me reprovar se eu não... – Ele fez uma careta e soltou o ar, os lábios se crispando de repulsa.

– Se você não o quê?

As lágrimas brilharam nos olhos dele, e Spencer balançou a cabeça.

– Spencer, se você não *o quê*? Foi Gilchrist que mandou você fazer tudo isso?

Ele olhou na direção da entrada da viela e depois para mim, a mão acariciando freneticamente o meu cabelo.

– Eu gosto de você, Lilia. Muito. Demais. Não consigo parar de pensar em você, e fico arrasado de saber que agora você me odeia.

– Eu não te odeio. Só preciso que você me diga a verdade.

– Se você gosta de mim... ainda que só um pouco... mesmo como amigo, você

vai ficar longe de Bramwell.

– Do que você tá falando? Ele é meu professor.

– Eu o vejo te olhando, às vezes. Você nem percebe quanto ele te olha. Ele seguiu você até a aula. Deve até estar te vigiando agora mesmo, porra. O cara é maluco.

Sem dúvida eu estava deixando transparecer a confusão que dominava meu cérebro, e balancei a cabeça.

– Sim. Ele te observa. Se cuida, Lilia. Na verdade, some desta faculdade. É melhor pra você.

Ele segurou o meu pescoço, mas não apertou, só fez um carinho com o polegar. Seu rosto se contraiu, como se ele fosse começar a chorar. Mas então só saiu andando pela viela.

Fui tomada por uma estranha vulnerabilidade enquanto andava pelo túnel de cadáveres na direção do laboratório do professor Bramwell. Apesar de ter passado a tarde querendo acreditar que Spencer estava enganado, dizendo a mim mesma que eu tinha observado Bramwell o suficiente para saber que ele não estava me olhando daquele jeito, os argumentos de Spencer me deixaram confusa. Ele obviamente não gostava de Bramwell, e eu até entendia que o fato de o amigo dele ter sido expulso fosse motivo suficiente para despertar certa animosidade, mas a ponto de ele querer incriminar Bramwell como agressor? Inventar que ele era um escroto que me stalkeava por aí?

Como se meus problemas já não estivessem empilhados como uma torre de Jenga prestes a desmoronar, a escola da Bee tinha me ligado mais cedo para avisar que só conseguira aprovar metade da bolsa e que eu teria que pagar 500 dólares o mais rápido possível.

Um dinheiro que eu não tinha no momento.

Me sentindo esmurrada pelos eventos do dia, entrei no laboratório e encontrei o professor Bramwell curvado, estudando algo na bancada. Uma vela tremeluzia ali perto, e ele mexeu em algo na bancada com um fórceps. Foi distração suficiente para banir os pensamentos sobre Spencer, Bee se Gilchrist e todas as outras coisas ruins que andavam caindo sobre mim.

Ao sentir um toque nos tornozelos, me abaixei para fazer um carinho rápido em Bane, grata pelo cumprimento fofo dele em um dia tão merda, e me

aproximei do professor Bramwell para ver que ele tinha colocado uma mariposa em uma placa grande no microscópio, o tórax aberto revelando os órgãos. Ele pegou um verme preto fino e comprido, que se remexeu e se debateu no ar. O professor inclinou a cabeça e pegou outro fórceps, que usou para segurar uma ponta enquanto examinava o parasita.

– Filho da puta.

– Que foi? – perguntei, intrigada pelo assombro na voz dele.

– Outro com dentes.

– Dentes?

Bramwell colocou o verme ao lado da mariposa, segurando uma ponta, e, quando o bicho se mexeu embaixo da lente, espiei a telinha quadrada e vi pequenas estruturas similares a presas mordendo o fórceps.

– Parece que evoluíram.

– Você está me dizendo que essas coisas...

A ideia embrulhou meu estômago. O fato de eu não ter almoçado nem jantado depois do que tinha acontecido mais cedo não devia estar ajudando.

– Sim. Ao que parece, agora eles podem morder.

Ele ergueu o verme, colocou-o em um pote de fluido límpido e então tampou. Ao lado, Bramwell ergueu a vela e a segurou acima da mariposa, como se procurasse mais vermes.

Naquele ângulo, a chama da vela tremeluzia sobre os nós dos dedos dele, e franzi a testa, pois aquilo não parecia causar qualquer efeito. Ele não se mexeu nem piscou, como se não sentisse.

– Professor! – Pulei na direção de Bramwell, que levou um susto e derrubou o pote com o verme no chão, fazendo o vidro se espatifar. O verme se remexeu no ladrilho na direção de um ralo.

– Não! Merda!

Ele foi atrás, escorregando no ladrilho molhado, mas recuperou o equilíbrio e firmou o sapato por cima do ralo. O verme foi até o sapato e ergueu a parte superior do corpo, que se encostou na superfície do couro.

– Me dá o fórceps!

Eu corri para a bancada, peguei o fórceps e escorreguei na água, tal como ele momentos antes.

Bramwell pulou na minha direção, segurou meu braço antes de eu cair e me botou de pé.

Um pouco atordoada, parei um momento para recuperar o fôlego e, ao mesmo tempo, nós dois viramos a cabeça na direção do verme, flagrando sua

cauda desaparecendo pelo ralo.

Ele suspirou.

– Merda.

– Me desculpa. Eu não pretendia...

Talvez fosse o cansaço junto com a fome e o fato de eu tê-lo decepcionado, mas minha voz tremeu e eu pisquei para segurar as lágrimas. Como se percebesse que ainda estava segurando meu braço, ele franziu a testa, chegou para trás e enfiou as mãos nos bolsos do jaleco.

– O que você tem?

Balancei a cabeça, sem querer contar, porque contar me faria chorar, e eu *não* ia chorar na frente dele.

– Vou limpar essa sujeira.

Quando fui na direção do armário, ele chegou para o lado e bloqueou o caminho.

– Lilia, me conte o que houve.

Uma sensação estranha surgiu no meu peito quando o ouvi dizer meu nome, e, quando o encarei e vi a preocupação nos olhos dele, não consegui segurar as lágrimas.

– Não posso.

– Me conte. Agora.

Por que eu estava protegendo Gilchrist? Ela não tinha demonstrado o mínimo de consideração comigo quando disse aquelas coisas mais cedo. Na verdade, seu coração trevoso devia ter ficado emocionado de saber como suas palavras me afetaram. Que ela tinha interpretado muito bem e mirado direto nas minhas inseguranças mais profundas.

– Gilchrist me acusou de colar em uma prova. E meu deu nota 56.

O olho dele tremeu, a mandíbula se contraiu.

– Sério?

– Não sei se ela vai fazer alguma coisa sobre a acusação de cola, mas, se fizer, tudo vai por água abaixo. Vou repetir o semestre e perder a vaga.

– Relaxa. Ela precisaria de provas.

Embora a confiança no tom dele tivesse amenizado na mesma hora minha preocupação, não fiquei totalmente calma.

– Ela me acusou de colar do Spencer. Ela já ameaçou reprovar o Spencer em outra ocasião. Ele não vai falar a verdade para salvar a minha pele.

Bramwell deu uma risada debochada.

– Como se Spencer chegasse aos se... – Ele terminou a frase com um

resmungo.

Eu não sabia por quê, mas aquele comentário me encheu de satisfação e diminuiu um pouco mais do peso na minha mente. Talvez porque Bramwell raramente fizesse elogios. Ou talvez porque tivesse me passado a impressão de estar do meu lado.

– Dá um trabalho enorme provar que um aluno colou, e acho que ela não tem energia nem motivação para isso.

O alívio que senti ao contar para ele só aquela pequena parte do meu dia me fez querer despejar tudo, cada detalhe horrível, até tirar tudo de mim, mas eu não faria isso. Ele não precisava saber das minhas desgraças financeiras, além de tudo.

Ele devia ter mais dinheiro do que era capaz de usar. O fato de eu dever 500 dólares para a escola de Bee e ter meros 10 dólares na conta bancária provavelmente pareceria absurdo para Bramwell. Para todos os alunos da faculdade também. Ali eu ainda não tinha conhecido ninguém com dificuldades financeiras, como eu.

– Às vezes, eu acho que vir para cá foi um erro. Tenho a sensação de que está tudo contra mim o tempo todo. Não tenho como vencer.

– Mas e aí? Você volta para Covington?

– Não sei. Eu não quero, mas...

Mesmo que repassasse à escola de Bee os 200 dólares que Bramwell tinha combinado de me dar semanalmente, eu precisaria de mais tempo para pagar tudo.

– É que tudo parece tão pesado, às vezes...

– E a sua solução é abandonar a faculdade. Ignorar a bolsa.

– Como eu disse, não quero, mas...

– Nada de "mas". Você pode ser inteligente, mas diz um monte de coisa idiota.

Eu poderia ter relevado o comentário, porque ele não sabia o que se passava pela minha cabeça na hora, que Gilchrist era só uma das minhas muitas preocupações, mas a resposta dele me irritou mesmo assim. Pessoas com dinheiro sempre me irritavam, e eu me odiava por isso, mas, porra, às vezes elas agiam como se seus problemas fossem os mesmos de todo mundo. O que ele teria pensado se soubesse que eu tinha colocado uma porra de vídeo pornográfico em um site só para pagar a escola da minha irmã? Teria me julgado por isso? Dado um sermão sobre a virtude e a decência humanas?

– Desde quando você se importa? Sei que você vai gostar de voltar a ficar em

paz no seu laboratório, sem ninguém para quebrar potes ou deixar um material escapar pelo ralo. Esta faculdade não é para mim, com alunos que gastam centenas em vestidos para usar em uma noite. Que podem pagar por cafés caros em copos lindos com o logo do dragão dourado – falei, fazendo um movimento esnobe com o pulso. – Que não precisam pensar em nada além das notas e dos estudos. Eu estou cansada de me estressar por coisas que nunca passam pela cabeça das pessoas.

– E voltar para Covington vai eliminar todas essas dificuldades?

– Claro que não. Mas todo mundo em Covington tem dificuldades. Pelo menos eu não sou uma pária lá.

– Sim. Brilhante. Você vai acabar num emprego de merda que vai odiar e do qual vai se ressentir pelo resto da vida.

– Que diferença faz para você se eu ficar ou não?

Observei aqueles olhos normalmente indiferentes em busca de alguma explicação pelo incômodo dele.

– Faz diferença.

– Por quê?

– Alguém te tratou como escória aqui? Alguém jogou sua falta de dinheiro na sua cara?

Na hora me veio o comentário de Gilchrist, que pelo visto ficara grudado na minha mente, considerando como eu estava me sentindo naquele momento. Mesmo assim, não me dei ao trabalho de mencioná-la. Mantive os lábios fechados, o que ele aparentemente interpretou como uma resposta positiva.

– Para de sentir pena de si mesma. O que você diz é ridículo.

– O que eu digo é ridículo? Por quê? Porque não tenho os mesmos problemas da elite rica?

– Não. Ficar se comparando a eles é ridículo.

– Ah, sim. Eu quase esqueci que estávamos em esferas diferentes. Obrigada por me trazer de volta à realidade. – Lágrimas se formaram nos meus olhos quando ousei confessar o que tinha me incomodado a tarde toda. – Talvez Gilchrist tenha razão quando diz que "os menos favorecidos não deveriam estar em uma instituição renomada e digna como Dracadia".

Os olhos dele escureceram de desdém.

– Ela disse isso para você?

Por mais que eu me arrependesse de ter falado, foi bom compartilhar com alguém. Tirar o peso de parte da humilhação que ainda abalava meu orgulho.

– Disse. Depois de afirmar que eu me considerava merecedora só por causa

das minhas circunstâncias. Então, repete por que o que *eu* falo é ridículo. Por que eu não tenho o direito de me comparar com os outros alunos. Por que eu não deveria voltar para onde é o *meu lugar*.

A mandíbula dele se flexionou, o lábio se curvando de repulsa.

– Porque você é melhor do que eles. Mais forte. E, infelizmente, vai ter que se esforçar mais pelo que quer. Mas você tem um entendimento das coisas que vai além da compreensão deles. Você é excepcional, Lilia. E, pelo amor de Deus, se desperdiçar esse intelecto por causa das palavras ignorantes de uma víbora invejosa como Loretta Gilchrist, esse será o crime mais absurdo que vai cometer.

O calor fez meu rosto arder. Meus braços tremeram com a vontade de abraçá-lo e beijá-lo. Em vez disso, apenas o encarei, concentrada na respiração irregular que entrava e saía de mim.

A tensão sufocante entre nós ameaçava implodir em qualquer movimento ousado, um único acender de fósforo. Ele fechou a mão na bancada onde estava encostado, e foi nessa hora que reparei na marca vermelha e na pele inflamada, onde ele tinha se queimado com a vela.

– Ah, meu Deus. – Estendi a mão até a de Bramwell, que recuou e segurou o punho junto ao peito. – Você se queimou feio. Precisa limpar e botar um curativo aí.

– Eu sei o que preciso fazer.

– Certo – falei, dando um passo para trás. Claro, ele devia ter feito plantões no pronto-socorro e na unidade de queimados em algum momento da vida. – Você não sente nada mesmo?

– Não. Nada.

– Não consigo nem imaginar como é isso. Deve ser assustador não sentir nada.

Ele abaixou a mão e flexionou os dedos.

– Já me acostumei.

– Você tem essa doença desde sempre?

– Sim.

– Sinto muito.

– Eu não preciso da sua pena, Srta. Vespertine. – A voz dele endureceu, o espaço entre nós de repente ficou mais frio. – Se fizer a gentileza de limpar o vidro quebrado, agradeço. Tome cuidado para não se cortar.

– Claro.

Nas duas horas seguintes, eu me ocupei com tarefas básicas de laboratório: usar a autoclave, esterilizar uma nova solução de ágar-ágar e flagrar olhares

esporádicos do professor Bramwell, como na noite do baile, olhares roubados que, na verdade, não eram nada. Nada além de curiosidade. Pensei na noite anterior, quando ele me disse que, em outras circunstâncias, teria corrido atrás de mim. Não sabia o que o tinha feito confessar aquilo, mas ele já voltara para a concha e se escondera embaixo de um cobertor.

Enquanto limpava a capela de exaustão, reparei em uma bandeja com tubos com uma estranha solução roxa e preta. Franzi a testa, inclinei a cabeça e li o rótulo vertical dos tubos de ensaio: *NyxVar2.10, NyxVar2.12, NyxVar2.15*. Abaixo, estava escrito *Toxina Noctisoma* e a data. Fingindo esfregar alguma coisa com força, observei o fluido estranho lá dentro, a mistura quase marmórea de roxo e preto que devia ser o que ele planejava injetar nas mariposas.

No fim do meu turno, o professor Bramwell me levou até o ponto de ônibus sem dar uma palavra. Com os ombros encolhidos, o olhar fixo no chão, ele parecia preocupado. E eu estava cansada demais para bombardeá-lo com perguntas, então só andamos em silêncio. Assim como na vez anterior, ele me olhou de longe até que os faróis do ônibus se aproximassem e eu fizesse sinal. Com as mãos nos bolsos, Bramwell se virou e voltou para o laboratório.

Gotas de chuva caíram no meu braço e, quando olhei para cima, senti gotas frias no rosto. Que perfeito. Felizmente, o ônibus estava perto, porque, quanto mais tempo eu passava ali, mais rápido as gotas caíam. Mais rápido. Mais rápido.

Quando o ônibus finalmente chegou, a chuva tinha se intensificado, batendo com força na calçada. Foi nessa hora que eu percebi que tinha deixado a bolsa e a identidade no laboratório.

Merda! Merda!

Eu precisava do documento para entrar no alojamento.

Merda, merda!

Grunhi, fiz sinal para o motorista seguir em frente e, conforme a chuvarada me atingia, acertando a pele como balas que se dissolviam, corri até o laboratório e fui à sala do incinerador, onde me sacudi para me livrar da água gelada que ainda cobria minha pele. Tremendo, segui pelo túnel gelado dos cadáveres, cerrando os dentes para que não batessem. Eu estava de saia naquele dia, pois pensara que voltaria antes da chuva prevista para a noite. Que azar ter que andar de saia na chuva.

Não havia sinal do professor Bramwell quando entrei na sala de autópsia e fui na direção dos ganchos com os jalecos. Quando me aproximei, vi uma coisa despontando do bolso do meu jaleco. Um bilhete.

Eu o abri e encontrei um cartãozinho de plástico com o logo do café Toca do

Dragão. O papel só dizia *Agora você pode comprar café quando quiser. B.*

Era um passe anual, que ele devia ter comprado para si mesmo, e, lembrando de como eu tinha me lamentado da vida mais cedo, fiz uma careta. Eu não costumava ficar me botando para baixo de modo tão patético, mas estava cansada. Estressada. Confusa. Irritada. Um monte de emoções que formavam a tempestade perfeita. Mesmo assim, me senti meio idiota de ter despejado tudo em cima dele.

Tirei o jaleco do gancho, encontrei a bolsa embaixo e a peguei, só então me lembrando da caminhada terrível que teria que fazer até o alojamento, porque o último ônibus da noite já tinha passado. Eu chegaria encharcada e, com a minha sorte, acabaria com uma pneumonia horrível, provando que a minha mãe tinha razão, tantos anos antes.

Um som chegou aos meus ouvidos... alto, sofrido, carregado de dor. Um arrepio subiu pela minha coluna e os pelos da minha nuca se eriçaram.

Ecoou de novo, e daquela vez reconheci o tom de voz. Bramwell?

Ele podia estar tendo outro ataque.

Sem pensar duas vezes, digitei o código no teclado e entrei correndo no laboratório. Peguei o celular, pronta para fazer uma ligação caso ele tivesse uma parada cardíaca daquela vez. Corri os olhos pelo espaço iluminado por velas e vi o domo de vidro onde Pátroclo e Aquiles saltitavam. Voavam? Apesar da minha vontade de ir observá-los, foi só uma breve distração na minha busca, e segui pela outra porta até a sala de Bramwell. Reduzi a velocidade ao ouvir os gemidos baixos e espiei na sala dele.

Ele estava sentado à mesa, virado na direção das estantes, sem camisa, os músculos brilhando de suor, um torniquete amarrado logo abaixo do bíceps desenvolvido.

Passei os olhos pela bandeja de tubos de ensaio na frente dele, os tubos marmorizados que eu tinha visto antes, sob a capela. Ao lado, havia uma seringa.

A menos que eu estivesse enganada, aqueles eram os tubos de ensaio com os rótulos *NyxVar.* A toxina de Noctisoma. Ele tinha injetado *em si mesmo*?

Incrédula, fiquei paralisada, olhando-o se contorcer na cadeira, grunhir e gemer, no que parecia ser sua reação à toxina que penetrava seu organismo. Meu celular escorregou da mão e caiu no chão.

Merda. Merda!

Cobri a boca com a mão, peguei o celular e fui recuando. Quando o ouvi se movendo, sem dúvida se levantando da cadeira, eu me virei para a porta mais próxima e entrei. Passos se aproximaram e, em pânico, fiquei apalpando a porta

na escuridão até sentir uma superfície de metal nas pontas dos dedos e passar a mão num trinco. Eu o abri e me fechei lá dentro. Pela barreira, ouvi a outra porta se abrir. Passos.

Mordi o lábio, rezando para ele não me encontrar lá. Considerando o tanto que preservava sua privacidade, quem sabia como reagiria se desconfiasse que eu o tinha visto?

Os passos se afastaram, soltei o ar.

Quando estendi a mão para o trinco da porta, nada aconteceu. *Ah, não. Não, não, não.*

Mexi no trinco, puxei, mas não adiantou. Um fedor pútrido agrediu meus sentidos, tão repulsivo que lacrimejei e cobri o nariz com as costas da mão, segurando a ânsia de vômito. Tateei cegamente na porta, encontrei um interruptor e acendi a luz. Um tubo fluorescente se iluminou no teto, me virei e vi que tinha me trancado no que parecia ser uma sala de autópsia menor, com uma única mesa de exame. Um lençol branco cobria o que certamente era um corpo.

Trêmula, fui nas pontas dos pés até lá, o coração disparado a cada passo, e puxei o lençol.

Na mesa, havia um homem com pontos na reveladora incisão em Y de pós-autópsia. Os globos oculares tinham sido removidos, deixando ali órbitas vazias. Outra ânsia de vômito me subiu pela garganta, os ácidos queimando enquanto eu respirava com força pelo nariz. Aquela imagem fez uma gota gélida de medo atravessar a minha coluna, e, soltando o ar com força, voltei a cobri-lo com o lençol rapidamente. Mesmo sem os olhos, algo nele me pareceu vagamente familiar, mas não consegui identificar o quê. E não me importei, porque foi nessa hora que me dei conta de que eu estava presa ali dentro com ele.

Corri para a porta. Eu que não ia ficar lá a noite toda com um cadáver sem olhos. Não mesmo! Quando a porta não cedeu de novo, bati com força. O pânico subiu pela minha garganta e soltei um grito.

Tentáculos frios de medo deslizaram pela minha nuca.

Um olhar por cima do ombro revelou a figura fantasmagórica de um homem parado ao lado da mesa de exame. Com a testa encostada na porta, fechei bem os olhos. *Não, não, não*. A histeria tomou conta e comecei a bater na porta. Um soluço escapou do meu peito.

– Socorro! Alguém me ajude!

A porta se abriu e eu bati de frente no corpo parado à entrada. Passei os braços em volta dele, os dedos se cravando na pele para me segurar ali, longe

daquela sala e da morte que havia nela. Todos os músculos do meu corpo convulsionavam de pavor, e eu soltei o ar, tremendo, as lágrimas descendo pelo meu rosto.

De início, ele não se mexeu, mas então os braços fortes me envolveram e me puxaram para mais perto.

– Ah, porra, Lilia. Desculpe. Me desculpe.

Continuei agarrada a ele e deixei o medo se esvair de mim. A percepção de que eu poderia ter ficado a noite toda presa lá dentro corroía meus ossos cada vez que eu ousava imaginar a situação. Foi nessa hora que senti o carinho leve no meu cabelo úmido e ergui o olhar para o professor Bramwell, que estava me abraçando, os olhos carregados de remorso.

Um remorso que virou confusão enquanto ele fazia carinho no meu cabelo mais devagar.

Curiosidade e receio lutavam nos olhos de Bramwell, que passou a mão pela minha bochecha e parou para esfregar os dedos. Ele acariciou meu lábio inferior e então foi para o meu cabelo de novo, onde deixou uma mecha escorrer pelos dedos, os olhos acesos de fascinação.

– Eu estou sentindo você.

Olhei para ele, o medo dentro de mim se dissolvendo, e levantei a mão.

Sua mão grande envolveu a minha, bem menor, palma com palma, e fechou os dedos nos meus, engolindo-os.

– Estou sentindo tudo. – Ele soltou uma risada engasgada. – Estou sentindo tudo, porra!

Bramwell me tomou nos braços e me girou. Senti um embrulho no estômago e soltei uma risada, apesar das lágrimas de antes.

A sala parou de girar quando ele me colocou no chão e me segurou junto ao corpo. Apertado. Eu não me mexi. Como na noite anterior, deixei que me abraçasse enquanto respirava.

– Você está tão gelada... – disse Bramwell, o calor praticamente irradiando dele enquanto eu relaxava no abraço.

– Estava chovendo muito e...

Minhas palavras ficaram no ar assim que os dedos dele percorreram as minhas costas e desceram para os meus braços, onde ele fez uma carícia leve.

Ele soltou o ar, trêmulo, e acariciou meus ombros e meu pescoço, até segurar meu rosto com as duas mãos. O aroma delicioso de especiarias e almíscar do perfume dele se misturou com o de canela do seu hálito, a mistura inebriante me fazendo salivar. O olhar dele desceu até os meus lábios e eu me perguntei se ele

me beijaria.

Os batimentos inquietos do meu coração marcaram cada segundo enquanto eu esperava.

Balançando a cabeça, ele chegou para trás.

– Perdão. Você é a primeira coisa que eu sinto em muito tempo.

Quando ele afastou as mãos, estendi as minhas para segurar seus antebraços e mantê-las no lugar.

– Qual é a última coisa que você se lembra de sentir?

O rosto dele passou a expressar dor.

– A mão do meu irmão logo antes de ele ser sequestrado e morto.

– Ah, meu Deus. Eu sinto muito.

Com a testa franzida, ele passou os dedos pela minha clavícula e umedeceu os lábios.

– É gostoso sentir você.

Falei com a voz embargada:

– Eu também gosto de sentir você.

Aqueles olhos curiosos pareciam grudados nos meus lábios, e ele passou o polegar pela minha boca. Antes de eu poder avaliar seu próximo gesto, Bramwell se inclinou para a frente e pressionou os lábios nos meus.

Todos os sons e o mundo ao nosso redor desapareceram. O beijo começou lento, apenas uma pequena amostra, com os lábios dele encostando nos meus. Ele segurou meu rosto e me puxou para mais perto, mergulhando de cabeça no beijo, e uma maré formigante de excitação se espalhou pela minha pele.

Dizem que alguns beijos são como fogos de artifício. O dele parecia um anestésico de efeito lento, sugando silenciosamente meus sentidos, até que eu só conseguisse sentir o cheiro, o gosto e o toque dele.

Segurei seus braços enquanto ele consumia meu ar e passava as mãos pela minha pele exposta. Ele me puxou para ainda mais perto e me beijou com um fervor tão apaixonado que meus joelhos bambearam. Eu nunca tinha sido beijada por um homem. Por garotos, sim, mas nunca por um homem. Nem mesmo o Fantasminha, que tecnicamente era um adulto, chegava perto da habilidade e do domínio do professor Bramwell. O jeito como ele provocava com a língua e me segurava como se eu fosse porcelana frágil. Foi nessa hora que eu percebi que nunca tinha sido beijada de verdade.

Quando ele se juntou a mim com mais força, a necessidade de oxigênio fez meus pulmões arderem e minhas costelas contraírem. Recuei um pouco, mas ele me segurou com firmeza, enfiando os dedos no meu cabelo e contraindo a

mandíbula ao usar a língua com mais vontade. Senti uma tontura, a necessidade de respirar disparando alarmes na minha cabeça. Choraminguei junto aos lábios dele e pressionei as mãos em seu peito.

Quando ele se afastou, inspirando fundo, um frio ocupou o espaço entre nós, e a tontura aumentou, acabando com meu equilíbrio. Cambaleei e ele me segurou antes que eu caísse.

Com a testa encostada na minha, ele respirou pesadamente.

– Me desculpe. Não sei em que merda eu estava pensando.

– Tudo bem.

– Não. Não está tudo bem. – Ele me soltou e chegou para trás. – Eu não posso fazer merda. Não agora.

Não leva pro lado pessoal, avisou minha cabeça.

Ele passou a mão pela testa e se virou de costas para mim.

– Me perdoe. Estou atordoado no momento. Eu não pretendia...

– Tudo bem. Eu entendo. Foi um momento tenso para nós dois.

Ele desviou o olhar para a sala de autópsia atrás de mim.

– Você não viu nada lá dentro.

– Claro que não. Mas... você injetou a toxina em si mesmo – respondi. Como ele não comentou nada, se limitando a me olhar com aquela expressão fria e sóbria, prossegui: – Eu me lembro de ter visto frascos sob a capela. Você está fazendo testes clínicos em si mesmo, não está?

Ele se virou lentamente para me olhar.

– Sua situação é muito precária, Srta. Vespertine.

As palavras de Spencer ecoaram na minha cabeça. O aviso de que o professor Bramwell era um homem mau.

– Você está... infectado com vermes?

– Não. Claro que não. A toxina é purificada.

– Então ela não te deixa doente?

– Não.

Eu engoli em seco e baixei o olhar.

– Não vou contar pra ninguém.

– Como posso confiar em você? Como vou garantir que você não vai usar isso contra mim?

Peguei a mão dele e entrelacei nossos dedos, mantendo o olhar fixo no dele.

– Eu te dou a minha palavra.

Irritadiço, ele soltou a minha mão.

– Vem – disse ele com voz ríspida. – Eu te levo até o seu alojamento.

– Até lá? Não vão nos ver?

– Tem um caminho pelo bosque.

– Está chovendo demais – argumentei, porque não queria ficar sozinha e não queria deixá-lo sozinho. E se ele tivesse outra convulsão sem ninguém por perto? – Acho que eu devia esperar aqui um pouco. E se você precisar de ajuda?

Nenhuma célula do meu corpo imaginou que ele consideraria aquele pedido, e eu estava pronta para argumentar mais, para discutir, quando ele assentiu brevemente.

– Tudo bem.

Enquanto Bramwell escrevia furiosamente em um diário, fiquei sentada no sofá, sem sapatos, só as meias compridas, lendo no celular um capítulo da apostila para a aula do dia seguinte. Um piano suave ecoava do toca-discos, e o ambiente aconchegante contrastava com a emoção febril ainda vibrando nos meus ossos. Meus lábios formigavam do beijo, e, tão sutilmente quanto consegui, passei o polegar por eles, desejando poder capturar de novo a sensação daquela boca na minha.

Foco, Lilia.

Voltei a focar na leitura, bocejei e me espreguicei, me acomodando mais nas almofadas, me esforçando para manter os olhos abertos. Entre o texto detalhado e os ecos do beijo, o turbilhão de pensamentos na minha cabeça me exauriu.

– Se estiver cansada, o sofá vira cama. Você pode dormir aí.

Dormir ali? Eu só pretendia ficar umas duas horas para observá-lo. Nunca imaginei que ele me convidaria para passar a noite, e não ousei perguntar em voz alta.

– E você?

– Eu vou dormir aqui na minha poltrona. – Ele planejava ficar também. Nós dois, dormindo no mesmo lugar. – Está chovendo muito.

Ele tinha ido trancar o incinerador uns quinze minutos antes e devia ter reparado. Estávamos presos juntos por causa da chuva. Sozinhos. No calabouço do prédio.

Eu dormiria no mesmo ambiente do professor Bramwell. O *Doutor Morte*.

Talvez eu tivesse que ficar apavorada, principalmente porque havia um cadáver sem olhos na sala do outro lado do corredor. Infelizmente, não me

apavorou. Por mais que isso pudesse ser ingenuidade minha, eu sentia uma coisa com Bramwell que nenhum outro homem na minha vida, inclusive Conner, tinha me feito sentir: segurança. Deixei esse pensamento me envolver como um cobertor enquanto eu o olhava, e voltei o foco para a questão do momento.

– Não precisa se sacrificar. Pode dormir na cama. Eu faço outra cama com as almofadas do sofá.

– Eu uso as almofadas.

– Não seja idiota. Você tem o dobro do meu tamanho.

– Você sempre foi teimosa assim?

– Desde o útero, infelizmente. Nasci nove dias depois do previsto.

Ele resmungou e continuou escrevendo. O homem estava uma delícia com a camisa branca parcialmente abotoada, que ele tinha vestido depois, e os óculos de aro fino que usava quando lia. No meio das anotações, ele parou e passou os dedos pela superfície brilhante da mesa, depois botou a mão acima da vela e a recolheu rapidamente, para esfregar a pele onde devia ter queimado.

Eu sorri ao vê-lo explorar todas as diferentes sensações ao redor. O mundo devia parecer muito intenso agora que ele voltara a sentir.

– E o que acontece agora? Considerando que você obteve uma variante eficaz?

– Eu espero para ver como ela afeta as mariposas. Se elas continuarem a reagir de forma favorável, nós vamos para o passo seguinte.

– Eu achava que as mariposas não tivessem um sistema nervoso como o nosso. Como você mede a eficácia nelas?

– Enquanto Pátroclo e Aquiles continuarem voando, a toxina estará funcionando.

– Você vai ser famoso, professor Bramwell. – Escondi o sorriso atrás do celular e li sem atenção a mesma frase do livro que já tinha lido dez vezes. – Vai aparecer em todas as apostilas por ter curado a doença de Voneric. Artrite. Diabetes.

– Não vamos nos precipitar.

– Chama-se manifestação. E funciona.

– É? O que você manifestou?

Arqueei a sobrancelha.

– Trabalhar no seu laboratório.

Ele grunhiu em reprovação.

– Chantagem não é manifestação.

– Os mecanismos para alcançar um objetivo não importam, desde que

funcionem. – Mordi o lábio inferior, maravilhada com o foco inabalável do sujeito no trabalho. – Talvez eu tenha manifestado aquele beijo.

Ele ficou imóvel, olhando para as anotações, e retirou os óculos lentamente.

– E por que você faria isso?

Baixei o olhar para minhas mãos agitadas e dei de ombros.

– Você está zangado?

– Só comigo mesmo. Não com você.

– Por quê?

– Porque você é minha aluna. Eu sou seu professor. Também sou uma década mais velho. Você tem muito a perder, se alguém descobrir. Nós dois temos.

– Quem descobriria? Não tem ninguém aqui.

Ele passou a língua pelos lábios, os olhos perdidos nos pensamentos que giravam em sua mente ativa. Com um movimento de cabeça, ele voltou ao presente.

– Não posso fazer isso, Lilia. Este laboratório ainda está sujeito a ocasionais visitantes. Especificamente o reitor da faculdade.

– Eu gosto quando você diz meu nome.

Não era algo que eu confessaria normalmente de forma tão ousada, mas o beijo me lembrou de que eu não era a única a sentir aquela atração. Um silêncio pesado preencheu o espaço entre nós enquanto nos olhávamos, a intensidade interrompida apenas quando pigarreei e me levantei do sofá.

– Então eu posso começar a tirar essas almofadas para fazer a minha cama?

– Pode. – Ele se levantou da poltrona e me ajudou a tirar as almofadas firmes de couro e a arrumá-las enfileiradas para fazer uma cama. – Você não vai dormir aqui. Pode dormir no colchão – disse ele, abrindo o sofá-cama.

– Fala sério. Olha. – Eu apontei para a fileira de almofadas, que devia ter no máximo 1,20 metro de comprimento. – Você deve ter mais de 1,80 de altura. Vai ser como dormir numa cama de boneca.

– Tenho 1,85. E vou ficar bem.

No armário, ele pegou lençóis e cobriu colchão, então voltou até o armário para buscar quatro travesseiros. Me deu dois.

Antes que Bramwell pudesse me impedir, eu me deitei nas almofadas.

– Olha só, está vendo? Fica melhor pra mim.

– Para a cama.

– Não seja ridículo. Eu vou ficar bem.

– Para a cama. Agora.

A autoridade firme na voz dele mexeu em algo profundo em mim. Algo que

suplicava para ser aberto e libertado. Um vislumbre de fantasia passou pela minha mente, ele segurando meu pescoço, dando ordens com aquela voz.

– Você vai ter que carregar meu cadáver para lá.

– Estou acostumado com essa tarefa.

Com os lábios comprimidos, ele se curvou e, para meu total choque, enfiou as mãos sob mim e me levantou nos braços.

Soltei um gritinho nada sexy quando ele me jogou no ar, minha saia esvoaçando em volta do shortinho que eu tinha colocado por baixo, e o colchão macio e fofo amortizou minha queda.

– Que teimosia.

Ele foi até a lareira e acendeu uma chama pequena, cutucou-a bastante até o fogo pegar e produzir um calor agradável. Como se hipnotizado, ele ficou olhando para o fogo, mantendo as mãos à frente para esquentá-las.

– Eu achava que nunca mais sentiria calor. Não assim. – Em seu perfil, percebi uma leve curva dos lábios. – Meu irmão me provocava dizendo que eu estava meio morto, de tão frias que as minhas mãos eram o tempo todo.

– Você disse que seu irmão foi sequestrado e morto, né?

O olhar que ele lançou para trás teve ares de *Ah, é. Teve isso*. Bramwell se virou para o fogo e eu puxei o cobertor que ele tinha deixado na cama.

– Ele foi sequestrado quando nós tínhamos 17 anos. No colégio interno. Enviaram para nós o que acreditamos serem as cinzas dele. Por anos, me questionei se eram mesmo dele. Mas, mesmo que não fossem, a mensagem estava clara. Ele estava morto.

Um medo enregelante despertou no meu estômago quando uma imagem do rosto apavorado de Bee surgiu na minha mente. Pisquei logo para afastá-la.

– Eu sinto muito.

– Eu me culpava pelo que aconteceu com ele.

– Por quê?

Olhei para o nada, me perguntando se a culpa dele pesava como a minha. Se o sufocava e o afundava, como costumava acontecer comigo. Bramwell franziu as sobrancelhas e abaixou as mãos.

– No dia em que ele foi levado, eu tive uma das minhas crises. Não tive como reagir.

– Você era um adolescente. Não foi culpa sua.

Ele balançou a cabeça como se estivesse se recusando a aceitar, então se levantou e foi até a mesa. De uma das gavetas, pegou uma foto, que entregou para mim.

Olhei para dois garotos adoráveis, com cabelo escuro e olhos acobreados, um com uma covinha mais proeminente à esquerda, o outro com a covinha mais proeminente à direita.

– Vocês são idênticos – falei, passando o dedo pelo que eu sabia ser o professor Bramwell, por causa da covinha.

– Ele era três minutos mais velho.

Depois de examinar os dois lado a lado, devolvi a fotografia.

– Não consigo imaginar perder a minha irmã. Ela vai fazer 17 este ano. Eu tenho medo de como vai ser para ela.

– Como assim?

– Ela está em uma espécie de colégio interno também. Uma escola especial, para ajudá-la. Ela ficou mal quando a minha mãe morreu e... bom, ela ficou perdida. Precisa lidar com algumas questões mentais. Ela, hã... encontrou a minha mãe na banheira.

Meus nervos vibraram, como costumava acontecer diante da imagem do que eu tinha visto naquela noite. Só que, daquela vez, eu me senti aberta, como se não me importasse em mostrar a ele toda a feiura. Aquela anormalidade, que parecera uma sombra por tantos anos.

– A escola tem sido ótima para ela, mas é muito caro mantê-la lá.

Ele ficou pensativo por um momento.

– A herança da sua mãe não cobre a mensalidade dela?

– Herança?

Eu tive vontade de rir, mas ficou claro naquele momento como nós dois éramos de mundos completamente diferentes. Ele devia achar inconcebível que uma mulher vivesse de forma tão irresponsável a ponto de não deixar uma herança para a filha. Meu mundo devia ser tão estranho para ele quanto o dele era para mim.

– A minha mãe não tinha nada quando morreu. O namorado dela, Conner, é o pai de Bee. Nós dois dividimos a mensalidade.

– Você paga a mensalidade da escola da sua irmã enquanto está na faculdade?

– É. – Eu não queria admitir que estava com pagamentos atrasados. – Foi por isso que insisti em receber em dinheiro. Não quero ser desse tipo, mas às vezes a gente faz coisas por desespero, sabe? – Tentei não esboçar nenhuma reação ao me lembrar do vídeo que tinha feito na aula dele, algumas semanas antes. – Ou talvez você não saiba.

– Nunca sinta vergonha de ser firme na busca do que você quer, Lilia. O caminho para o sucesso raramente é virtuoso. – Depois de guardar a foto na

gaveta, ele se sentou na poltrona. – E como é esse Conner?

Eu dei de ombros.

– Ele é legal. Não pulou fora, então acho que não posso reclamar. Mas ele tem uns amigos bem merdas.

– Eles pegam no seu pé?

Mordi a bochecha para não deixar a repulsa transparecer quando pensei em Angelo.

– Um deles, sim. É o único que me assusta de verdade.

– Qual é o nome dele?

Um ar de hostilidade deixou a voz dele mais dura, e vi linhas rígidas de raiva deixarem sua expressão mais sombria. Como se o irritasse saber que o homem me assustava.

– Não importa.

Por mais vergonhoso que possa parecer, eu gostei da reação defensiva dele. Nunca tinha contado com um homem para me proteger. Nunca. Mas algo primitivo surgiu no fundo dos meus pensamentos, a imagem dele me sufocando, e me vi estranhamente excitada com isso.

– Enfim, entendo o que você quer dizer sobre a culpa. Eu tinha 16 anos quando a minha mãe morreu. Eu sabia que ela estava ficando cada vez pior e tentei fazê-la ir para um hospital, mas ela se recusou. Ela estava muito paranoica com tudo e todos, e...

– Não foi culpa sua.

Essas palavras se engancharam na minha barriga e puxaram uma escuridão retorcida das minhas entranhas. Minha cabeça suplicou para que eu o ignorasse. Para que o considerasse um mentiroso. Desviei o olhar e forcei um sorriso.

– Você está jogando as minhas palavras para cima de mim.

– São palavras bem sábias.

Bramwell estendeu a mão para a mesa e pegou um decantador com um líquido âmbar. Eu o vi servir uma dose em um copo e tomar um gole, tão hipnotizada pelo brilho que tive vontade de lamber dos lábios dele. Cada pequeno gesto, do rodopio preguiçoso da bebida ao jeito como ele inspirou seu aroma, além do toque gentil do copo nos lábios, tinha um tom provocante.

– Posso tomar um pouco?

– Quanto falta para você fazer 21?

– Algumas semanas.

Ele arqueou a sobrancelha, pegou outro copo e serviu metade da dose.

– Como eu não conheço sua tolerância a bebida, vamos começar com isso.

Ele me entregou o copo e seu dedo roçou no meu quando peguei a bebida. Girei o copo, como ele tinha feito, e senti o aroma amadeirado e frutado, com uma nota sutil do que me lembrou caramelo. Um pequeno gole e fechei os olhos, deixando a bebida se acomodar um momento na língua, onde ardeu, e então engoli.

– Hum. Que gostoso.

Gostei da sensação da bebida descendo pela garganta até a barriga, quente e rascante. Quando abri os olhos, ele estava me encarando por cima do copo.

– Eu nunca tinha provado isso.

Bramwell virou a bebida e tomou em um só gole metade do que eu tinha deixado no meu copo.

– É das boas.

– Posso fazer uma pergunta? – Assim que ele fez uma careta, eu ri e pigarreei. – Quem é o cara na sala de autópsia? Ele me pareceu familiar.

– Você o reconheceu sem os globos oculares? – Sem olhar na minha direção, ele fez um ruído de deboche. – Só uma pessoa que me pediram para examinar.

– Eu achei que ia ficar presa lá com ele a noite toda. Me apavorei. E aí você chegou e... – Escondi o pensamento do beijo em outro gole de bebida, me lembrando do gosto dos lábios dele. – Fiquei tão aliviada de te ver!

Os lábios dele se moveram, como se ele fosse sorrir, então baixou o olhar, parecendo mergulhar em pensamentos.

– Os mortos são inofensivos. É o que eles deixam para trás que inspira medo. – Ele desviou o olhar e se serviu de mais bebida. – Preciso terminar as minhas anotações. Devia dormir, Srta. Vespertine. Já é quase meia-noite.

– Eu queria ter trazido minha escova de dentes. Mas o uísque vai matar qualquer bactéria na minha boca, né?

– Eu não contaria com isso como método sempre, mas desconfio que você vá sobreviver por hoje.

Pousei o copo em um porta-copos na mesa lateral junto ao sofá, onde tinha colocado o celular antes. Embaixo do cobertor, abri a saia e a tirei, ficando só com a camisa e o shortinho de baixo. Quando a coloquei no chão ao meu lado, reparei em Bramwell olhando para a peça, talvez achando que eu não estivesse usando nada por baixo. Eu me perguntei se deveria ter mencionado o short, que eu me mexia muito quando dormia, o que fazia as roupas enrolarem, e que isso me deixava louca. Achei melhor não dizer nada, especialmente porque ele já tinha voltado a atenção para as anotações.

Só que havia uma questão.

– Por acaso você tem alguma coisa que sirva para prender um dos meus braços? Não quero sair sonambulando para a sala dos cadáveres. Acho que eu teria um ataque cardíaco.

De outra gaveta na mesa, Bramwell pegou um par de algemas, se aproximou do sofá-cama e prendeu um lado na moldura de metal e o outro no meu pulso. Como não me soltou, eu o olhei e o peguei examinando meu braço.

– *Memento mori* – leu ele, passando o polegar pela tatuagem, e a carícia suave gerou um fogo irreprimível sob a minha pele. – Lembre que você tem que morrer.

– Eu fiz depois que a minha mãe morreu.

– Um lembrete para apreciar a vida como se fosse uma bênção.

Eu sorri e baixei o olhar.

– Alguns dias são mais difíceis do que outros.

– Ter um propósito ajuda. Nos impede de fazer coisas idiotas, como abandonar os estudos.

Fiz uma careta.

– Mais cedo, quando falei aquelas coisas... eu estava com raiva. Não queria ter falado mal da professora Gilchrist. Você não vai contar a ela que eu disse aquelas coisas, né?

– Não. Eu não vou dizer nada. Desde que você prometa não abandonar Dracadia.

Eu abri um sorriso brincalhão.

– E perder a oportunidade de continuar te irritando? Nunca.

– Ótimo.

Ele ergueu a chave da algema e a colocou na mesa lateral, ao lado do meu copo.

Pensando bem, talvez fosse estranho pedir ao meu professor para me algemar, mas isso demonstrava o nível de confiança que eu tinha nele. Provavelmente poderia ter dormido nua e ele não teria encostado um dedo em mim. O sujeito era rígido em relação a isso.

Nenhum outro homem na minha vida tinha me passado tanta confiança. Nem Conner, embora eu nunca tivesse testado a teoria.

Eu me acomodei na cama, a coberta até o pescoço, e o vi se acomodar na poltrona. Depois de dar mais uma olhada para a minha saia no chão, ele voltou a fazer anotações, parando de vez em quando para me olhar, e, quando nossos olhos se encontravam, ele voltava a escrever.

Por mais que eu quisesse continuar conversando, saber mais sobre aquele

homem enigmático, eu não queria incomodá-lo enquanto ele trabalhava.

No silêncio, o sono pesou.

Cada vez mais.

Até que, enfim, não consegui mais ficar de olhos abertos.

Capítulo 46

LILIA

Um som me acordou com um sobressalto. Olhei para o espaço escuro com uma leve noção de que havia fogo crepitando ali perto. A porta à frente estava aberta. Uma força invisível me compelia a ir até lá. Eu não sabia o que ou por quê, mas, quando me levantei da cama, fui puxada para trás. Olhei para o meu braço e vi uma coisa prateada no pulso, mas minha mente não registrou o que era.

Então, eu puxei. E puxei.

– Lilia. – Ouvi uma voz sussurrar, e me virei na direção da porta de novo. Olhei. Esperei.

A escuridão se condensou em uma forma que andou até a luz. Um homem com uma curvatura grotesca na coluna. O mesmo que eu tinha visto antes, na mesa de autópsia. O homem sem olhos, cujas órbitas escuras e fundas guardavam terrores.

– Vem dormir com a gente – sussurrou ele. – No fundo do lago.

Ele cambaleou para mais perto.

Puxei o pulso.

– Não.

– Está na hora, Lilia. Sua mãe está esperando no fundo do lago.

– Não!

Puxei com mais força, e uma dor atingiu meu pulso, mas não me importei. Eu precisava me soltar! Agora!

Ele foi chegando mais perto, até ficar diante de mim.

– Lilia!

O homem segurou meus ombros, e eu soltei um grito apavorado.

– Lilia!

Uma luz se acendeu. Algo me sacudiu. Com força. Abri os olhos e vi o professor Bramwell diante de mim, as mãos segurando meus ombros.

Olhei para a porta e, ao vê-la fechada, engasguei com o ar da minha respiração acelerada.

Só um pesadelo. Foi só um pesadelo.

Mas meu corpo todo tremia, e a vibração intensa sacudia meus ossos. Eu só reparei que Bramwell tinha feito uma pergunta quando ele inclinou a cabeça e disse:

– Lilia.

– O quê?

– Você está bem?

Limpei a garganta e olhei novamente para a porta, para ter certeza de que estava fechada e que o cadáver tinha sumido.

– Estou. Eu... eu tive um pesadelo.

– Você quase acordou os mortos com aquele grito.

Na mesa lateral, ele pegou a chave das algemas e as abriu, liberando minha mão.

Soltei o ar, nervosa, ainda abalada. Eu já tinha visto mortos antes, mas algo naquele cara na sala de autópsia me apavorava. Talvez fosse a falta dos olhos. A imagem das órbitas vazias me dava calafrios.

– É.

Quando Bramwell se virou, um medo inquieto ressurgiu em mim, e eu segurei o braço dele.

– Espera. Você pode ficar comigo? Aqui? Só... só por uns minutos, até eu pegar no sono de novo?

Ele baixou o olhar para onde a minha mão o segurava, demorando-se por um momento. Foi nessa hora que eu reparei que ele estava usando só uma cueca boxer, que cobria um pacote bem avantajado.

– Posso – disse ele, e não pude deixar de avaliar todo o seu físico.

Não era nem necessariamente secar o sujeito, mas apreciar sua forma física perfeita: os ombros largos e musculosos que desciam até uma cintura mais fina, e aquele V esculpido que desaparecia na cueca. Não era musculoso demais, só o suficiente para fazer uma garota ficar olhando e se perguntando quantas horas ele passava na academia.

Ao percorrer o corpo dele com os olhos, notei a mutilação no braço e no ombro, e uma marca preta estranha abaixo da clavícula. Não era uma tatuagem.

Era algo mais fundo, que queimara a pele e deixara uma marca horrível na carne. Uma marca do que pareciam ser duas bengalas médicas e um sete dentro de um círculo. Fiz um gesto na direção da figura.

– O que é isso?

Ele comprimiu os lábios.

– Um erro que eu cometi no começo da minha carreira universitária.

– Tipo uma fraternidade?

– Algo assim.

Cheguei para o lado para abrir espaço, e ele contornou a cama e se deitou no colchão ao meu lado, tomando o cuidado de manter alguma distância entre nós. Depois de acomodado, ele jogou um lençol sobre a parte inferior do corpo, me privando de avistar o volume notável e as pernas musculosas que ele tinha.

Ele sempre dormia de cueca? Ou pelado? Talvez só estivesse mantendo a compostura perto de mim. Ou talvez ele dormisse com mais roupa. A lareira tinha aquecido a sala com um calor pegajoso, e ele estava deitado mais perto de lá, então talvez fosse uma questão de conforto.

– Eu acharia perigoso me algemar à cama todas as noites – disse ele, interrompendo meus pensamentos.

– Não costumo usar algemas. E, normalmente, acordo rápido. Não sei por que não foi assim desta vez.

– Você sofre de terror noturno?

Um vislumbre do homem sem olhos vindo na minha direção me fez enrugar o rosto.

– Sim. É horrível.

– Paralisia?

– Às vezes.

– Eu também tinha, quando menino. Claro, não precisava fechar os olhos para ter pesadelos, com o pai que eu tinha.

E foi assim, do nada, que tive o primeiro vislumbre do passado dele e do mistério envolvendo o seu pai.

– Ele era abusivo?

– Perdão, eu não devia ter falado nisso. Não quero falar dele agora.

Droga.

Bufando, ele se acomodou nas almofadas e virou para o outro lado.

Decepcionada, eu me virei também e apaguei a luz.

Capítulo 47

LILIA

– Lilia.

Ouvir meu nome me tirou do vazio escuro do sono, e meus músculos estremeceram. Por instinto, enfiei a mão embaixo do travesseiro para procurar o canivete e abri os olhos, atordoada por não reconhecer o ambiente de imediato.

O som de gemidos e movimento me fez me virar e ver que o professor Bramwell tinha adormecido ao meu lado. Ele estava se contorcendo, aparentemente no meio de um sonho, e, quando levantou os braços acima da cabeça e os enfiou embaixo do travesseiro, fiquei com um desejo latejante entre as minhas coxas. Meu Deus do céu, o sujeito era gostoso até dormindo. Já eu devia babar que nem um são-bernardo.

Ele tinha dito meu nome, ou eu tinha sonhado?

– Isso – sussurrou ele, ainda se mexendo. – Isso aí. – As palavras meio arrastadas me fizeram entender que ele ainda estava em sono profundo. – Me toca, Lilia.

Fiquei paralisada. Um formigamento quente se espalhou pela minha nuca.

Ele estava sonhando *comigo*?

Bramwell virou a cabeça e sua barriga tremeu, os quadris ondulando em uma onda sensual de prazer inconsciente.

– Assim, isso.

Contraí as coxas com a fantasia de tirar a calcinha e montar nele. Com os braços embaixo do travesseiro, os músculos se contraindo de inquietação, ele parecia preso e totalmente indefeso. Como um animal perigoso acorrentado à cama.

Desci mais o olhar, passando pelo abdômen definido até a ereção gigantesca

fazendo a cueca parecer uma barraca armada, e, meu Deus, como eu queria tocá-lo. Mordi o lábio inferior, imaginando minhas mãos nele, cada relevo e veia deslizando sob os meus dedos. *Não faça isso*, ordenou minha cabeça. Mas eu queria muito pegar naquele pau e sentir o peso dele nas mãos.

Ele soltou um grunhido másculo e grave, o som percorrendo a minha pele como mãos ásperas, me causando arrepios.

Antes que eu pudesse me segurar, estendi a mão lentamente, roçando os dedos bem de leve sobre uma de suas coxas – aquelas enormidades que ele tonificava com as corridas diárias. Músculos longos se contraíram embaixo dos meus dedos quando os arrastei para cima.

Com uma arfada pesada, ele estendeu a mão e segurou meu pulso. Eu me virei e o vi de olhos abertos, mas pesados de sono, me encarando. Furioso.

– O que você está fazendo? – rosnou ele. – Tira a mão de mim!

Quase morri de vergonha enquanto tirava a mão e tentava pensar em uma explicação. Eu não esperava que ele ficasse *zangado*. Surpreso, talvez, mas não assim.

– Você... você disse o meu nome. Pediu para eu te tocar. Desculpe.

Eu me virei, desejando poder entrar num buraco e me trancar lá. A vergonha me fez ficar com lágrimas nos olhos.

Eu sou muito burra.

Minutos se passaram em silêncio, e eu olhei para a porta, me perguntando se não devia ir embora e voltar para o alojamento. Tomei minha decisão e me sentei na cama, sem ousar sequer olhar para ele. Quando estendi a mão para a saia, senti a mão de Bramwell segurando meu braço.

– O que você acha que está fazendo?

– Vou voltar pro alojamento. Eu não devia ter te tocado daquele jeito.

– Você não vai a lugar nenhum a essa hora.

Puxar o braço era inútil, considerando a força dele.

– Por favor. Isso já está bem constrangedor.

Um puxão forte me derrubou no travesseiro e eu olhei para ele, a testa franzida pelo movimento abrupto.

Aquele olhar predatório me devorou como se eu fosse um banquete, a raiva intensa de antes se transformando em uma luxúria indomável.

– Você tem ideia de como é difícil pra caralho ficar deitado do seu lado? Estou quase morrendo. – Ele me lançou outro olhar voraz e lambeu os lábios. – Eu estava dormente desde que me lembro. Você foi a primeira coisa que eu senti em *anos*, Lilia. Tudo que eu quero é tocar em você.

– Então toca.

Eu me virei e estendi a mão para ele. Com a sobrancelha franzida, Bramwell segurou meu pulso e contraiu a mandíbula.

– Pare – avisou ele.

– Me toca.

– Não.

Girei o braço para me soltar, sentindo o rosto arder em uma mistura de constrangimento e frustração.

– Então me solta.

Bramwell me segurou com mais força, as narinas se dilatando de raiva, e quando movi o outro braço para empurrá-lo, ele segurou meu outro pulso também. Uma chave virou em mim e eu me contorci para me libertar. A força dele ficou evidente enquanto me segurava com facilidade, mesmo com o meu esforço para me soltar. Ele juntou meus braços e, com facilidade, me virou de lado e me puxou para perto, me deixando com as costas contra o seu peito. Fiquei respirando pesado enquanto permanecia presa no abraço inflexível dele, sem chance de escapar, e não trocamos uma palavra.

Enquanto eu olhava a estante à minha frente, percebi a rigidez dos braços ao meu redor, a firmeza que me envolvia. Com obstinação. Mas também notei como eu me sentia à vontade no abraço dele. Segura.

Mais um minuto se passou e ele reduziu a força.

Bramwell apoiou a testa no meu ombro e passou a mão pelo meu braço até o quadril. O roçar lento e angustiante da ereção encostada na minha bunda dificultou minha respiração enquanto eu me remexia junto a ele numa batalha silenciosa de vontades.

– Isso que está rolando com você... está acabando comigo. – A voz dele tremia tanto quanto os músculos dos braços que me seguravam feito uma jaula de aço. – Você é uma doença que suplica para nunca ser curada. Que me infecta com esse desejo insuportável por coisas que eu não deveria querer.

– Então me *solta* – repeti.

– Não – disse ele em um tom intransigente, os dedos se cravando nos meus quadris. – Não consigo.

Sem dizer nada, tirei o shortinho, deixando a calcinha como única barreira.

Por mais tóxico que fosse, eu estava adorando aquele joguinho, o vaivém, os toques roubados e a tensão deliciosa. Eu sabia que era errado. Sabia que daria muita merda depois.

Se descobrissem sobre nós, eu perderia tudo e seria obrigada a voltar para a

vida que eu odiava, com Conner e Angelo. Não teria mais como continuar investigando a verdade sobre a minha mãe. Bee sem dúvida seria expulsa da escola e, meu Deus, se ela descobrisse o motivo, me odiaria.

Eu também me odiaria.

E as consequências não paravam por aí. Bramwell perderia o emprego, e aí? O projeto continuaria? A universidade continuaria a patrociná-lo ou o abandonaria e deixaria milhões de pessoas sofrendo com a perda da descoberta dele?

Eu sabia de todas essas coisas.

Mas não conseguia me controlar.

Eu odiava e ao mesmo tempo desejava sua forma viciante de se infiltrar nas minhas veias e me alimentar com aquele desejo descontrolado e inconsequente. Ia contra tudo que eu era. Tudo em que eu acreditava. Mas também *era* tudo.

Por muito tempo, eu tinha sido obrigada a enterrar aquele meu lado. Tinha crescido rápido demais e deixado a adolescente aventureira e livre para trás. Quando as minhas amigas falavam de garotos, encontros e de encherem a cara em festinhas, eu estava estressada com contas e cuidando da minha irmã ao mesmo tempo que me agarrava a um sonho distante de sair daquele apartamento. Por fora, havia uma jovem inteligente e responsável cheia de potencial, mas eu ansiava pela garota burra que precisava de um descanso. De um momento inconsequente.

Bramwell era o meu momento. Mesmo que ele não quisesse mais nada comigo no dia seguinte e fosse me jogar fora feito lixo, ele era meu maior risco, e eu precisava agarrá-lo com vontade e não deixar que escapasse.

Literalmente.

Enfiei a mão entre a minha bunda e o volume dele e senti o membro duro por baixo da cueca, e o corpo dele ficou rígido, duro como pedra contra mim.

Ele pegou minha mão e interrompeu meus movimentos em silêncio, e esperei para ver se ele me mandaria parar. Mas Bramwell apertou a mão sobre a minha e moveu os quadris para forçar o pau na minha mão ávida. Uma respiração trêmula atingiu minha nuca e ele mordiscou meu ombro.

A onda de vitória veio com um friozinho na barriga. Mordi o lábio e sorri quando ele abriu mão de um pouco do controle.

Com movimentos cuidadosos, massageei a ereção que forçava a cueca, os olhos arregalados ao sentir o comprimento e a grossura, o tanto que forçava a camada fina de tecido como se fosse pular para fora a qualquer momento. Minha nossa. Não era de admirar que Gilchrist ficasse abanando o rabo para ele como

uma cadelinha perdida.

– A gente tem que parar. Porra, eu não posso fazer isso.

A voz dele carregava uma tensão rouca, e eu o teria soltado na mesma hora, mas sua mão ignorou suas palavras ao subir pela barra da minha blusa. Uma trilha lenta e provocante levou as pontas dos dedos dele até o sutiã de renda por baixo, que ele puxou para libertar meus seios.

– Me manda parar, Lilia. Porra, estou implorando.

Ignorando seu pedido, enfiei a mão dentro da cueca e acariciei o pau duro que suplicava por atenção. Ele sibilou e moveu os quadris, metendo contra a minha mão.

– Você vai acabar comigo. E eu não vou impedir. Está gostoso demais pra parar.

Com um grunhido de frustração, ele apertou meu peito como se me punisse pela sua falta de controle, e eu gemi, mas aquele aperto dominador, tão deliciosamente firme, transformou o gemido em um som gutural de desespero.

A dor intensa diminuiu com os movimentos e carícias dele, e eu arqueei as costas, sentindo o alívio do toque.

Ele aplicou menos força quando passou a ponta do polegar no mamilo.

– Cada centímetro de você é uma coisa nova a explorar. Uma nova textura. Uma nova curva. Sensações que me foram roubadas por muito tempo. – Em círculos pequenos, ele pintava um prazer inescapável, que me deixou tonta de tesão. – Porra, sua pele parece seda. Eu poderia passar horas te tocando sem cansar.

Com um leve empurrão, ele me colocou de frente para ele e levantou a minha blusa até o pescoço, puxou o sutiã e se inclinou para botar o mamilo na boca. Segurei o encosto do sofá-cama acima e mordi o lábio inferior enquanto o prazer por tê-lo ali me sugando fazia minha boceta latejar. Meus dedos se fecharam na barra de metal acima, minhas pernas apertadas enquanto a umidade suave da minha excitação se espalhava pela calcinha de algodão. Eu me remexi quando ele foi para o outro seio, sugou o mamilo até ficar duro e passou a língua no bico sensível.

Parecendo perceber meu tormento, ele desceu a mão aberta até chegar quase às minhas coxas, e passou os dedos sobre a calcinha.

– Claro que você está molhada.

A voz dele carregava um tom de raiva diante da descoberta. Cheguei mais perto do peito dele, um de seus braços embaixo de mim, me segurando como se eu fosse tentar escapar. Como se eu fosse tentar uma coisa dessas naquele

momento.

Dedos determinados passaram pela barra da calcinha e eu me arqueei em uma agonia deliciosa quando ele percorreu minha fenda inegavelmente encharcada.

– Puta que pariu.

Aquela voz grave no meu ouvido aumentou o desejo frenético por ele, que parecia uma corda esticada, pronta para arrebentar. De propósito ou por instinto, sua outra mão segurou meu pescoço enquanto ele passava o dedo pela minha boceta molhada, para cima e para baixo, espalhando a lubrificação que ele tinha causado. Pelo canto do olho, vi-o levar a mão à boca, e um som grave de satisfação ecoou de seu peito.

– Por que você precisa ter o gosto de uma fruta proibida? Merda, você está me matando, Lilia. Não posso fazer isso. Não posso.

– Não para. Por favor, eu imploro. Passei tantas noites... – Eu me interrompi, constrangida de admitir que tinha fodido meu próprio travesseiro só pensando nele.

– Você o quê? Me conta tudo. Cada detalhe. Quero ouvir o que você faz quando está sozinha.

Ele se mostrou interessado e, apesar de eu correr o risco de fazer a confissão mais constrangedora da minha vida, estava inebriada demais para me importar no momento.

– Eu sonho que você entra no meu quarto. E...

Ele passou um dedo molhado pelo meu clitóris e eu arqueei as costas com um gemido.

– E o quê?

– E você... se deita na cama ao meu lado, como aqui.

– Você está dormindo?

– Estou.

Ele ficou mordiscando minha orelha, a respiração trêmula confirmando que a história o excitava, e por isso prossegui.

– Você enfia a mão na minha calcinha... bem assim.

Ele me abriu e massageou meu clitóris o suficiente para me fazer trincar os dentes.

– Eu te fodo com os dedos?

– Sim, com certeza.

Ao ouvir isso, ele enfiou dois dedos em mim, o polegar ainda pressionando o clitóris. O homem sabia exatamente o que estava fazendo, como se tivesse uma

porra de diploma em uso de dedos. Sons úmidos reverberaram pela minha cabeça enquanto eu contava a fantasia.

– Você... me sufoca um pouco. Não com força. Só o suficiente para me deixar sem fôlego.

– Gosto desse sonho.

Ele apertou meu pescoço e a pressão fez meus lábios se abrirem, e, porra, foi perfeito. A falta de ar. O estado das minhas roupas, que me fazia parecer arrebatada, a sensação dos dedos me penetrando e me acariciando enquanto ele me segurava. Cada detalhe culminava na imagem impecável na minha cabeça.

– Me conta, mariposinha. Eu já chupei a sua boceta nessas fantasias?

– Ainda não. Mas... mais porque eu... – Hesitei em admitir a verdade que dançava na ponta da minha língua. Era besteira. Toda garota que eu conhecia já tinha sentido a boca de um garoto lá embaixo. Eu já tinha sentido dedos me penetrando, mas nunca uma boca. – Eu nunca fiz isso.

Para minha total decepção, ele parou de repente.

– Me diz que está brincando.

Fiquei quente de vergonha.

– Você é virgem?

A pergunta me trouxe à mente as tentativas incrivelmente desajeitadas e insatisfatórias aos 15 anos, com o Fantasminha. Não, tecnicamente eu não era virgem, mas isso não significava que eu tivesse *experiência*. Ao menos, não o tipo de experiência em que o professor Bramwell sem dúvida se destacava. Minhas vivências sexuais até então se resumiam a boquetes e punhetas, duas habilidades que eu tinha apurado nas aulas particulares.

– Não sou virgem, mas não fiz muita coisa nos últimos dois anos. Eu só... não tinha tempo pra garotos, então não saí muito depois que a minha mãe morreu.

– Porra.

Ele me soltou, se deitou de barriga para cima e passou a mão pelo rosto. Senti ainda mais vergonha e me deitei ao lado dele.

– Eu quero fazer isso com você.

– Não. Eu não vou ser seu primeiro em nada.

– Certo. Então é melhor que eu viva essas coisas com algum babaca, no banco de trás de um carro. Algum garoto que vá sumir no dia seguinte.

Ele fez um som rouco de reprovação, e eu me virei e o vi contraindo a mandíbula, como se eu o tivesse irritado.

– Por favor, Devryck. Eu quero.

Fiquei morrendo de vergonha quando percebi que o tinha chamado pelo

primeiro nome. Claramente, ele também tinha percebido, pois baixou lentamente as mãos e se virou para mim.

– Repete.

– Eu quer...

– Não isso.

– Por favor... Devryck.

Outro momento angustiante de contemplação se passou, e eu tive certeza de que ele se afastaria de novo. Em vez disso, ele se levantou da cama e assomou sobre mim. Uma sombra de desejo transformou seu olhar quando ele me encarou de cima enquanto acariciava o pau grande e duro. Devryck puxou o lençol, deixando à mostra minha blusa erguida e a calcinha encharcada.

– Não vou te comer hoje, mas vou devorar essa boceta irritantemente molhada, e vou apreciar cada momento por saber que eu sou o único homem que já sentiu o seu gosto. – Com os olhos fixos nos meus, ele puxou a calcinha devagar até meus joelhos e só então desviou os olhos. – E, como sou um cretino egoísta, que precisa conviver com o fato de que não posso ter você, vou fazer de um jeito que qualquer *garoto* que venha depois te deixe profundamente insatisfeita, e você vai ter que usar os próprios dedos, desesperada para se lembrar de quando estava com a cara do seu professor entre as pernas.

Suas palavras vulgares incitaram meus nervos, me causando um tremor de excitação. Ele passou a língua pelos lábios enquanto deslizava minha calcinha até os tornozelos e a tirava.

– Calcinha é para meninas tímidas – disse ele, com desdém.

Como se eu o tivesse levado àquele desespero. Como se eu fosse a única culpada pelo que aconteceria naquela noite.

Depois de se livrar da fina camada de algodão, ele abriu minhas pernas e o desdém evidente em sua testa franzida se tornou uma expressão de gratidão enquanto ele me olhava. Com o peito subindo e descendo, Devryck manteve o olhar fixo entre as minhas coxas e mordeu o nó do dedo enquanto ficava de joelhos.

– Porra, Lilia. Puta merda.

Ele passou a mão pela parte interna da minha coxa com reverência e chegou para a frente, se apoiando nos braços musculosos. Beijou a parte interna da coxa, e a maciez de seus lábios me fez sentir um frio na minha barriga. Os beijos foram descendo, e, quando ele finalmente chegou no alto das minhas coxas, eu prendi o ar, o coração tão agitado que era incrível que ele não o ouvisse martelando minhas costelas. Ele roçou o nariz na minha fenda e eu estremeci com o contato.

Uma inalação profunda fez minha pulsação disparar. Ele estava me cheirando. *Lá*. Ai, meu Deus. Eu só queria fechar as pernas, mas pressionaria a cabeça dele.

Soltei um gemidinho e estendi a mão para segurar o alto da cabeça dele. Queria mandar que ele parasse, mas a humilhação me deixava eufórica. Qual era o meu problema? Era tão primitivo. Excitante. Tão excitante que eu sentia uma vontade desavergonhada de me esfregar em sua barba por fazer.

Ele segurou meu pulso e o afastou de sua cabeça.

– Devryck, eu estou nervosa.

– E é pra estar mesmo. Seu professor vai chupar a sua boceta, Lilia. Isso é errado por muitos motivos, mas já estou num ponto em que não consigo mais me segurar. Agora, não tem nada que eu queira mais do que sentir esse seu clitóris obscenamente rosado na minha língua. E nós nunca mais vamos fazer isso depois de hoje. Entendeu? Isso não pode acontecer de novo.

– Entendi – falei com a voz rouca.

Com a mesma expressão severa e inflexível que exibia em aula quando se recusava a ouvir mais perguntas, ele abaixou a cabeça.

Com as pernas bem abertas, eu virei a cabeça para o lado e fechei os olhos. No silêncio da minha mente, rezei para estar com um cheiro normal, para não ter pulado nenhuma parte ao me depilar de manhã. *Ai, meu Deus, por que estava demorando tanto?* Eu me sentia totalmente aberta, exposta. A expectativa cresceu no meu ventre e, quando ele finalmente encostou em mim, todas as terminações nervosas se acenderam. Meus músculos estremeceram intensamente e eu cravei os dedos no lençol. Pensei em quanto eu tinha ansiado por aquele homem enquanto mordia o lábio com força e apertava a cabeça no travesseiro, desesperada, ávida, faminta.

Ao receber uma lambida longa e delirante, arqueei as costas, os dedos segurando o lençol enquanto o choque da invasão dele me queimava por dentro.

Senti a barba por fazer arranhando minha coxa, a língua quente e molhada dançando no meu clitóris, enquanto os dedos me mantinham aberta para aquele ataque.

Eu queria morder, arranhar, gritar, mas só puxei o travesseiro para cima do rosto, pressionei-o ali e me concentrei em todas as sensações que ele causava. Nos sons que ele fazia do fundo da garganta. No jeito como seus dedos entravam e saíam de mim, trabalhando junto com a boca implacável. Era um nível de habilidade que eu nem conseguia apreciar totalmente porque nunca tivera ninguém tão atrevidamente enfiado entre as minhas pernas. Na minha pouca

experiência, os garotos é que receberam. E receberam sem pensar muito, e raramente retribuíam.

Bramwell tinha razão. Tinha acabado para mim. Eu estava totalmente ferrada, e não havia a menor chance de voltar a sentir algo tão intenso, impactante e proibido de novo. Joguei o travesseiro para o lado e ousei erguer a cabeça para vê-lo me devorar como se eu fosse sua última refeição na vida. Os sons úmidos, gemidos e grunhidos que ele soltava eram obscenos e safados, e demonstravam que ele apreciava a atividade fervorosamente.

Ele levantou a cabeça por um momento, os olhos em geral severos totalmente inebriados, enquanto minha excitação brilhava no rosto dele de um jeito que me lembrou um animal se esbaldando na presa. Quando ele abaixou a cabeça de novo, eu o senti sugar meu ponto mais sensível com tanta intensidade que me arqueei contra o rosto dele. Mãos fortes me seguraram enquanto a boca devorava meu clitóris com uma determinação implacável.

Arfei de surpresa, arqueei o corpo e voltei a me deitar, virando a cabeça de um lado para o outro, agarrando o lençol sem perceber, desesperada para cravar os dedos em alguma coisa. Eu tinha aprendido a me tocar sozinha, mas nunca tinha sido *assim*. Uma força intensa e deliciosa que deixou minha barriga contraída, minhas coxas tremendo. Um soluço subiu pela minha garganta quando a tensão ficou mais intensa. Mais poderosa do que quando eu me roçava no travesseiro ou me masturbava.

A pressão latejava e pulsava como uma besta faminta engordando com o meu prazer. Eu estava prestes a chegar ao clímax. Ah, Deus. Eu nunca tinha gozado com ninguém. Só tinha conseguido sozinha, e por um ou dois segundos.

Minha respiração acelerou. Meus músculos tremeram e ficaram rígidos. Muito tensos.

Sim. Sim. Sim.

Rebolei na cara dele. Na cara do meu *professor*. Só o pensamento já tinha algo de obsceno e imoral, mas eu me preocuparia depois com o nível de depravação. No momento, eu estava perto demais para parar. Tão perto!

Ele levantou o rosto e ficou segurando meus joelhos separados enquanto me olhava.

– O q... o que você está fazendo? – Pareci uma bêbada, inebriada. Rebolei contra a cama, desesperada pelos lábios e dedos dele, e por aquele jeito demoníaco de me sugar que tinha virado o meu mundo de cabeça para baixo segundos antes. – Por favor. Eu preciso...

– Precisa de quê?

Um tapa forte e ardido acertou minha boceta e eu me remexi e gemi com a sensibilidade do local, uma mistura deliciosa de prazer e dor.

– Eu preciso gozar. Preciso muito gozar!

Rebolei mais enquanto o desespero vibrava no meu corpo inteiro, intensificando o desejo. Eu ansiava pelo toque dele como uma flor murchando. A ânsia que ele havia despertado com os dedos percorria meu corpo com uma violência punitiva.

– Você é uma ninfetinha safada, não é? Vira. – A ordem dele foi seca e cruel, e, quando me virei de bruços, ele me puxou com rispidez para apoiar os joelhos. – Bunda empinada. Mãos abertas no colchão.

Frustrada e dolorosamente excitada, eu obedeci direitinho e deixei que ele posicionasse meus joelhos como queria. Eu precisava daquilo. Precisava que ele me levasse até o fim, senão eu morreria de agonia. Isso era possível? Alguém podia morrer de necessidade desesperada de gozar?

Suas mãos grandes prenderam meus tornozelos no colchão e me seguraram toda aberta. Esperei que ele fizesse alguma coisa. Que voltasse a meter os dedos em mim de novo ou passasse a língua pelo meu clitóris latejante. Minhas coxas tremiam com um desespero faminto que eu nunca tinha sentido.

Em vez disso, ele se curvou sobre mim, os braços musculosos me prendendo.

– Aposto que a sua boceta está implorando para ser preenchida agora.

Não era uma pergunta. O sádico sabia o que estava fazendo. A tensão no ar tinha dentes e garras que perfuraram minha pele. Eu nunca tinha desejado tanto ser devorada.

– Sim. Por favor. Está doendo. Porra, está doendo muito.

Senti uma dor intensa quando ele puxou meu cabelo e levantou minha cabeça da cama.

– Você achou que eu ia ficar com pena? Que ia ser gentil? Eu sinto esse desespero toda vez que te vejo.

Ele deslizou o polegar pela fenda da minha bunda, e eu arfei quando ele ameaçou penetrar aquela entrada apertada, pressionando e massageando.

– Por isso, eu não sinto pena de você, Lilia. Na verdade, minha alma desgraçada fica em chamas por saber que você está sentindo essa dor.

Ele manteve o polegar onde estava e se revezou entre lamber minha boceta e meter o dedo. Toda vez que eu me aproximava do clímax, ele parava, me puxava de volta do limite, e eu ficava encharcada e mais desesperada ainda. Ele brincou assim comigo pelo que pareceu uma eternidade, sem nunca parecer se cansar daquele joguinho cruel.

Eu, por outro lado, fiquei repuxando e arranhando o colchão, suplicando, quase chorando.

Deitada de barriga para cima outra vez, abracei os joelhos, me mantendo toda aberta quando ele mandou. Com a mesma expressão fria de antes, ele me olhou enquanto acariciava seu pau. Querendo me provocar. O nível de controle que o homem demonstrava aumentou minha excitação enquanto ele me encarava com aqueles olhos frios que queimavam minhas entranhas.

– Eu não sou capaz de expressar fielmente quanto eu adoraria meter meu pau em você agora.

A mera sugestão fez a cabeça do pau dele ficar mais melada. Eu queria dizer para ele meter, mas seu tamanho me assustava. Provavelmente me partiria ao meio. Umedeci os lábios e desejei poder sentir a lubrificação acumulada naquela glande.

– Está pronta pra gozar, Lilia?

– Por favor, para de me provocar. Não aguento mais.

– Não *te* provocar? Do jeito que você me provoca todos os dias, com essas saias curtas e esses lábios carnudos de putinha? Com esse batom irritante que eu imagino todo espalhado no meu pau?

– Você também não se veste como um padre. Não acha que todas as garotas da turma sonham em trepar com você?

– Não estou nem aí para as outras garotas. Só tem uma que passa pela minha cabeça muito mais do que deveria. Eu vou te fazer gozar, Lilia. Vou te dar o alívio que tanto deseja, e depois não vou mais tocar em você. Mas a sua boceta pertence a *mim*. Se deixar algum outro babaca indigno chegar perto dela, eu vou cortar a língua dele e enviar para você num pote.

Eu devia estar maluca, considerando o tanto de lubrificação que escorreu pela minha bunda quando ouvi essas palavras vulgares e psicóticas. Por mais educado e refinado que ele fosse, o sujeito tinha um lado sombrio que era um afrodisíaco para a minha libido. Ele atiçava um desejo imoral que se conectava profundamente com as fantasias que eu guardava em uma caixa amarrada com fita isolante em algum lugar dentro da minha cabeça.

Vermelha e inchada de tanto ser chupada, eu me imaginei sentada na aula no dia seguinte, vendo a camisa de botão e a calça jeans escura dele, ouvindo aquela voz que fazia todas as garotas da turma desejarem que a aula fosse de literatura erótica. Tentei imaginar a sensação apavorante de saber que eu só o possuíra uma vez e que essa vez fora suficiente para acabar comigo pelo resto da vida.

Mas não pude ficar pensando nisso porque cada pensamento voltou às

pressas para o presente quando ele encostou a boca em mim de novo. Com mais gentileza desta vez, como se soubesse que eu estava quase esgotada e querendo saborear o restinho.

Com toques muito leves, ele me atiçou e me provocou até o ápice de novo. Meu corpo se contraiu e relaxou, hesitante em deixar que ele me levasse por aquele caminho traiçoeiro, sem confiar nos truques dele, mas Bramwell foi persistente. Não se afastou, não brincou com meus sentidos ao mudar de repente de posição. Ele incitou meu apetite com o mesmo movimento consistente da língua até meus músculos tremerem de novo, a respiração sair ofegante e minhas mãos se fecharem com força.

Por favor, por favor, por favor, minha cabeça suplicava. A tempestade no meu ventre se debatia, se contorcia e se expandia, como uma maré ganhando impulso. Mais rápido. Mais rápido. O ápice eufórico pairava sobre mim como uma ameaça maligna capaz de me puxar e me afogar em uma onda sombria de êxtase. Ele se recusou a me deixar gozar, e eu queria retribuir na mesma moeda, fazendo-o esperar sentado pelo fim que ele e sua língua implacável claramente queriam.

Mas não consegui. Porra, o cara estava deixando meus músculos contraídos e trêmulos de desespero.

Ele moveu a língua mais uma vez e a onda jorrou sem dó nem piedade numa explosão no fundo da minha cabeça. Com o corpo curvado, gritei o nome dele, me contorcendo contra sua boca implacável, enquanto ele movia o rosto e dava uma última chupada longa e angustiante no meu clitóris, para me levar até o fim.

Ele me soltou com um estalo e eu senti os choques subsequentes que me percorreram como pequenos raios. Foi tudo. Tudo que eu sonhava que seria com ele, e, quando Bramwell gemeu, lambendo o gozo que escorria de mim, levantei a cabeça da cama para guardar melhor a cena na memória. Todas as sensações, todos os cheiros, todos os sons. Eu o queria no meu sangue, pulsando por mim, aquecendo a minha pele nas noites em que eu ficaria sozinha na cama, pensando naquele momento. Bem ali. Bem agora. Para sempre.

Ele se apoiou nas minhas coxas para se levantar e me olhou com uma expressão de assombro que fez meu ventre se contrair de novo; uma expressão que me incitava a desviar o olhar, a evitar ver o triunfo orgulhoso surgir no rosto dele, como tinha acontecido com todos os outros garotos que sentiram que, de algum modo, tinham me conquistado.

– Eu sabia que você seria linda gozando, mas não imaginei que fosse assim.

– Assim como?

Ele não respondeu, mas o brilho lascivo e possessivo em seus olhos ao afundar os dedos na minha pele disse tudo. *Minha*. Com um aperto firme nos meus tornozelos, ele me puxou até a beira da cama e caiu para a frente, apoiando-se nos braços esticados. Uma das mãos acariciou meu cabelo e os lábios roçaram meu pescoço.

– Você pode tomar banho primeiro, se quiser – disse ele junto do meu pescoço.

Parecia uma bobagem tomar banho separado depois do que ele tinha feito comigo, mas não me dei ao trabalho de fazer sugestões.

– Pode ir você.

Eu ainda não queria lavá-lo do meu corpo. Parte de mim esperava que sua essência penetrasse minha pele. Que talvez ele sentisse o mesmo tremor de desejo que eu sentia, se guardasse parte dele dentro de mim. Que pensamento doentio.

Só quando ele se afastou foi que eu vi o que devia ser uma ereção dolorosamente rígida forçando a cueca boxer. Como eu queria passar a língua ali... O simples pensamento me deixou salivando, e meu reflexo de engasgo não surgiu por um triz. Quando ele se virou, eu observei as costas largas e musculosas que desciam até a bunda mais deliciosamente definida que eu já tinha visto e coxas longas e fortes que eu imaginava serem capazes de prender uma mulher com pouco esforço.

Ele sumiu por uma porta à direita da lareira e a fechou em seguida. Uma luz surgiu pela fresta embaixo, seguida do som de um chuveiro sendo aberto.

Eu me virei para o computador na mesa dele, para os armários sem dúvida lotados de arquivos antigos.

A minha versão mais nova, a garota que tinha crescido em ruas perigosas, onde a etiqueta e o decoro não passavam de palavras chiques dos ricos, suplicou para que eu mexesse nas coisas dele sem o menor pudor.

A outra parte de mim abominava a ideia de trair sua confiança.

Eu me levantei da cama, arrumei meu sutiã e minha blusa e peguei a calcinha enrolada, o fundo ainda úmido quando a vesti de volta. Mas, quando andei na direção da mesa dele, hesitei.

Um homem como ele deixaria informações assim, com acesso fácil a qualquer um? O computador devia ter senha. A mesa devia estar trancada, além dos arquivos. Eu era burra a ponto de pensar que ele facilitaria que descobrissem algo que teria sido uma parte humilhante de seu passado? Os experimentos que mancharam o nome da família dele.

Passei o dedo pelo touchpad do laptop, o que fez surgir um pedido de senha.

Um puxão nas gavetas à direita confirmou que ele as tinha trancado.

Seria inútil tentar remexer nas coisas dele. Principalmente quando eu já tinha uma vantagem que, até onde eu sabia, a maioria não tinha. Quantas pessoas podiam dizer que tinham se aproximado tanto daquele homem?

Olhei para a porta do banheiro, a luz na fresta embaixo piscou, e umedeci os lábios antes de correr para pegar a bolsa e procurar o batom. Passei uma camada grossa nos lábios e, sem precisar de incentivo, andei até a porta e girei a maçaneta devagar, descobrindo que não estava trancada. Um empurrão leve a abriu e o som constante de água correndo ficou mais alto quando olhei o ambiente cheio de vapor. Ficou óbvio, com base na decoração simples e moderna dos azulejos, na pia de porcelana e na privada de tom branco, que o cômodo tinha sido acrescentado depois, pois não combinava com a idade daquela área subterrânea. O chuveiro era um box simples cheio de vapor, no qual eu só conseguia identificar o contorno dele, meio curvado, o braço se movendo rápido, com os movimentos impiedosos da mão fechada ecoando pela cabine. Meio virado, ele não me viu olhando, e minha língua formigou quando me imaginei alisando aquele pau comprido.

Puxei a barra da blusa por cima da cabeça e tirei o sutiã, depois a calcinha. Com passos cuidadosos, cheguei mais perto, e, quando puxei a porta de correr para o lado, fui recebida pela visão completa da ereção dele. Era enorme.

De onde eu estava, dava para ver todo o ombro e o bíceps que tinham sido atingidos no ataque de ácido. O brilho da pele nova, cicatrizada. As cicatrizes. Tantas espalhadas por sua pele. Fiquei com os dedos coçando de vontade de tocá-lo, para sentir a crueldade que tinha sido feita com ele. Eu já tinha reparado naquilo, mas, debaixo das luzes fortes, era quase gritante.

Ele se virou e o olhar desceu imediatamente pelo meu corpo, a apreciação em sua expressão me dando confiança. Quando o olhar subiu de novo, ele pareceu ficar vidrado nos meus lábios.

Entrei no chuveiro e fechei a porta para ficar lá dentro com ele. Com o olhar fixo no dele, fiquei de joelhos e estreitei os olhos por causa das gotas de água que caíam no meu rosto.

Ainda segurando o pau, ele me olhou com cautela, o peito subindo e descendo.

Não me dei ao trabalho de desviar o olhar quando me inclinei para a frente e lambi a ponta melada, então o vi fechar bem os olhos.

– Lilia... – O sofrimento na voz dele revelou uma batalha acontecendo em sua cabeça. – Eu não posso fazer isso.

Passei a ponta do dedo pelas veias de sua ereção, o mapa profundo de sangue alimentando o pênis ereto.

Uma dor forte se espalhou pelo meu crânio quando ele puxou meu cabelo.

– Por favor. Puta que pariu.

Mas isso não me fez parar. Avancei e passei a língua pelas bolas pesadas, depois as coloquei na boca.

Ele soltou um sibilo e segurou meu cabelo com mais força.

– Para – disse ele com voz rouca, mas, quando eu parei, ele soltou meu cabelo e pressionou o alto da minha cabeça. – Não para. Porra.

Fechei a boca na cabeça do pau dele e explorei as texturas com a língua. Uma marca leve de batom sinalizava o caminho percorrido pela minha boca, e não consegui nem imaginar como meu rosto devia estar naquele momento. Abri a mandíbula para fazer caber e dei uma sugada longa e apaixonada.

Com as sobrancelhas franzidas, ele mordeu o lábio inferior e soltou um gemido grave.

– Porra, Lilia. Sua boca é tão gostosa...

O elogio apurou meus sentidos enquanto ele metia o pau na minha boca em um ritmo lânguido e lento. Depois de um quarto do comprimento, comecei a engasgar; endireitei melhor o corpo e mudei de posição para tentar engolir uma parte maior.

– Isso mesmo. Engole tudo que aguentar. Quero foder esses seus lábios carnudos.

Tomando cuidado para não encostar os dentes nele, suguei a umidade de sua pele e saboreei seu gosto enquanto ele entrava e saía da minha boca com facilidade.

– Você vai engolir minha porra, vai?

Havia um tom delirante na voz dele, e eu o soltei com um estalo de sucção, assentindo. Voltei a colocá-lo na boca e passei a sugar com mais força.

Bramwell apoiou uma mão de cada lado e uma expressão de êxtase dolorido surgiu em seu rosto quando ele meteu tudo na minha boca com fervor descontrolado. Um rosnado escapou entre seus dentes, a cabeça se inclinou para trás e os tendões do pescoço se tensionaram. Ele foi movendo as coxas cada vez mais rápido, os grunhidos ecoando ao meu redor.

– Que boa menina – disse ele com voz trêmula e tensa.

Meu corpo todo tremia a cada metida fervorosa dele. Subi as mãos pela parte de trás de suas coxas musculosas até a bunda dura e cravei as unhas nele, sentindo-o se contrair a cada chupada.

Bramwell gemia e ofegava enquanto eu o segurava contra a minha cara.

– Me mostra esses olhos lindos – disse ele com voz rouca.

Quando ergui o olhar para o dele, Bramwell me segurou pela nuca e deu uma estocada na minha boca com brutalidade. Sem parar, as coxas se contraindo a cada arremetida.

A baba escorria pelos cantos dos meus lábios.

Os grunhidos dele foram aumentando de volume em sons misturados de dor e prazer.

Um segundo depois, ele estremeceu, e jatos quentes atingiram o fundo da minha garganta.

Tossi e engasguei, mas não tirei a boca de seu pau em momento algum. Segurei sua ereção com força e firmeza enquanto o som de alívio que subiu do peito dele ecoava nos azulejos e jatos quentes enchiam a minha boca e escorriam pelo meu queixo. Eu engoli e lambi a cabeça de novo, sugando a porra cheia de água.

Arranhei as canelas no piso quando ele me puxou para ficar de pé e me encostou na parede. Havia irritação, êxtase e exaustão em seus olhos, como uma tempestade turbulenta, enquanto ele me segurava, emanando calor.

– O que você tá fazendo comigo? – Ele encostou a testa no meu ombro, o corpo tremendo, o peito subindo e descendo. – Que porra é essa que você tá fazendo comigo, Lilia?

Passei os dedos pelo seu cabelo. Ele segurou minha bunda e me levantou, então passei as pernas pela cintura dele.

Meus dedos desceram por seu pescoço, percorrendo a pele inchada das cicatrizes de ácido.

Ele se afastou, mas eu o agarrei com mais força e passei os braços por seu pescoço.

– Não. Por favor. Desculpe.

Por um momento, ele ficou parado, mas logo levou os lábios aos meus e o corpo imprensou o meu na parede do chuveiro.

– Por que você veio aqui? Por que insiste em piorar tudo?

– Piorar? Ou fazer você me querer tanto quanto eu quero você?

– Nós já combinamos. É só uma noite. – Ele limpou o restante de batom manchando sua boca. – Só isso.

– É só isso mesmo? Você acha de verdade que tudo vai voltar magicamente a ser como antes?

– Tem que voltar. Meu trabalho é importante demais.

Eu não queria que as palavras dele tivessem me magoado tanto. Não queria a sensação de ficar sem ar depois de um soco no peito, mas foi exatamente o que senti naquela hora. Eu me odiei por permitir que ele me afetasse tanto. Por me permitir baixar a guarda, desmoronar em uma pilha de escombros infelizes, sabendo que ele chutaria cada pedacinho para longe.

Segurei as lágrimas e me mexi para me soltar, mas ele me apertou mais.

– Me solta.

– Não. Não enquanto eu não tiver certeza de que você não vai dizer uma palavra sobre o que aconteceu.

– É claro que não vou, *professor*. Sua reputação está a salvo.

– Não é isso, Lilia. Para de ser boba e emotiva. Vão acabar com você para me manter aqui. Entende? É disso que estou falando quando digo que meu trabalho é importante demais. Vão pintar você como uma piranha pobre para poupar meu bom nome.

– E daí? Eles já acham isso mesmo, não acham? *Você* não acha?

Ele não respondeu, só ficou parado, franzindo o cenho para qualquer pensamento que estivesse passando por sua cabeça.

Eu me recusava a me arrepender daquilo. Não importava o que ele dissesse, nem o que fizesse, nem como tudo acabasse. O fato era que ele tinha me feito sentir algo extraordinário. Algo que ninguém nunca tinha me feito sentir. Mesmo correndo o risco de sofrer e sentir saudade.

– Eu não ligo para o que isso significou para você. Valeu a pena mesmo assim.

O olhar dele se suavizou, e então ele suspirou e me colocou no chão. Me fez carinho na cabeça e deu um beijo na minha testa.

– Eu não me arrependo de hoje.

Ele passou por mim e saiu do chuveiro. Pelo vidro, eu o vi pegar uma toalha em um dos ganchos na parede e se secar. Ele enrolou a toalha na cintura e, com um olhar na minha direção, saiu do banheiro e fechou a porta com um clique suave.

Não chora. Não ouse chorar.

Eu não estava apaixonada por ele nem nada, só tinha ido atrás de Bramwell pela oportunidade de saber mais sobre o organismo e, possivelmente, sobre a minha mãe. Eu também tinha planejado usá-lo. Isso não me tornava tão merda quanto ele?

Eu tinha sobrevivido ao desinteresse dos poucos garotos em quem tinha feito boquete embaixo da arquibancada da escola e nos bancos de trás de carros

velhos. Então, aquilo não era novidade para mim, certo?

Só que era. Tudo era novidade. Todo o prazer envolvido. O jeito como ele deu sem pedir nada em troca. A sensação dos braços dele em volta de mim e as palavras sacanas e excitantes que ele sussurrou no meu ouvido. Tudo era novidade. Tudo era lindo. E, mesmo que fosse fugaz, tinha sido perfeito.

Quando enfim saí do chuveiro, ele estava sentado na beirada do sofá-cama, a toalha ainda enrolada na cintura, um cigarro nos dedos, parecendo hipnotizado pelas chamas. Deu uma tragada no cigarro, inclinou a cabeça para trás para soprar a fumaça e só lançou um olhar rápido na minha direção.

Também enrolada na toalha, fui na direção do outro lado da cama e me sentei.

– Ter cavidades peitorais não te fez parar de fumar? – perguntei, tentando deixar o clima mais leve e aliviar o silêncio constrangedor.

– Eu não fumo sempre. Só quando estou tenso ou atordoado depois de uma foda intensa, e no momento estou as duas coisas.

– Eu te deixei tenso.

– Deixou. Mas não é culpa sua. É minha.

– Por que alguém precisa ter culpa?

Ele deu uma risada debochada e se inclinou para jogar o cigarro na lareira.

– Chega de perguntas por hoje. – Ele passou o braço pela beira da cama e voltou a olhar para o fogo, e eu me deitei no lençol do outro lado. – Você deveria estar me odiando agora – disse ele, a voz carregada de remorso.

– Deveria. Mas não estou.

Com uma risada sem humor, ele balançou a cabeça.

– E eu achando que a mariposa é que sucumbiria ao fogo.

Capítulo 48

LILIA

Dobrei o lençol que eu tinha usado e o deixei em cima do sofá. Como a luz do sol não chegava à sala subterrânea, apenas o barulho do relógio me fez saber que a manhã já tinha chegado. O professor Bramwell estava digitando no computador. Ele ficou lá compenetrado por boa parte da madrugada, parando apenas para me lançar uns olhares ocasionais. Ele tinha me ajudado a fechar o sofá-cama e colocar as almofadas no lugar, mas não trocamos nenhuma palavra.

Totalmente vestida, pigarreei e me virei para ele.

– Bom, acho que a gente se vê na aula.

– A gente se vê na aula, Srta. Vespertine – disse ele, voltando a digitar.

O tom frio e distante foi uma facada no meu coração, e eu segurei as lágrimas quando me virei para a porta. *Para*, repreendi a mim mesma. Eu sempre tinha sido mais resistente do que isso. Mais forte. Garotos da escola já tinham feito promessas falsas enquanto metiam o pau na minha cara, mas dar as costas a eles sempre fora fácil. Porque eles só queriam tomar sem retribuir. Eram egoístas e transformavam suas conquistas em esporte. Eu nunca tinha gozado com *nenhum deles*, nunca tinha sentido a pele deles na minha nem os visto ficar de joelhos para me dar prazer primeiro.

Por mais que eu tentasse me convencer do contrário, Bramwell era diferente. Excepcional.

E isso fez tudo doer mais.

– Lilia, espera.

Eu me recusei a me virar e deixar que ele visse a angústia no meu rosto, o jeito como suas ações me abalaram profundamente. Eu queria poder arrancar

todos os sentimentos de mim como ele tinha feito, com tanta facilidade.

Ao ouvir passos, minha cabeça me mandou correr para a porta. *Não seja infantil.*

– Vira. – O tom de comando na voz dele me fez entender que Bramwell me viraria se eu não obedecesse, então obedeci e o vi parado ali, com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos. – Eu não vou esquecer a noite de ontem tão cedo. Me diz que você entende quanto achei importante você estar aqui no momento em que meu experimento deu certo pela primeira vez.

As palavras dele cortaram meu coração como uma lâmina envenenada.

O experimento deu certo. Será que Bramwell era tão sem noção que não entendia que a noite anterior tinha sido mais do que isso para mim? Que ele tinha virado meu mundo todo de cabeça para baixo em questão de horas? Que o que nós tínhamos feito tinha marcado minha memória para sempre, e que não importava com quantos garotos eu tivesse ficado, nem com quantos homens eu ficasse depois daquele dia, ele sempre seria o mais marcante?

– Eu entendo.

Ele contraiu a mandíbula e se virou, como se fosse voltar para a mesa, mas parou de repente. Sem aviso, veio na minha direção e, pela nuca, me puxou contra os seus lábios. O beijo foi cruel e doloroso, as mãos parecendo arame farpado na minha pele, e eu queria empurrá-lo para longe e dizer quanto odiava seus jogos idiotas. Que eu odiava essa coisa de morde e assopra, gato e rato.

Diz pra ele, Lilia! Faz ele sofrer também!

Mas não consegui. Porque a verdade incômoda era que ele tinha me iluminado. Eu era mesmo uma porra de uma mariposa burra.

Derreti com o movimento e, quando ele me puxou para mais perto e beijou meu pescoço, eu me entreguei, flutuei em nuvens grandes e fofas de alegria idiota e não correspondida. Era mais fácil assim, mergulhar na estupidez e fingir que o beijo dele significava alguma coisa. Meu lado masoquista tomou conta e sorveu a atenção dele como uma idiota apaixonada. Porque, mesmo que eu soubesse a verdade, mesmo que eu soubesse que era tudo mentira, era bom pra cacete.

Ele se afastou e, pela primeira vez desde a noite anterior, vi um sinal de dor em seus olhos. Ótimo. Eu queria emoldurá-lo, estudá-lo, só para saber que eu tinha deixado alguma coisa dentro dele também. Que ele ainda conseguia me sentir na pele.

Com o olhar fixo no dele, levei a mão à barra da saia, desci a calcinha e a passei facilmente pelos tornozelos, porque nem tinha me dado ao trabalho de colocar o shortinho. Enrolei a calcinha na mão e a enfiei no bolso da calça dele,

ao lado do volume duro que roçou a ponta do meu polegar.

– Calcinha é para meninas tímidas – falei, e me encaminhei para a porta.

Capítulo 49

DEVRYCK

Merda!

Eu andava de um lado para outro do escritório, passando as mãos pelo cabelo. Horas tinham se passado desde que Lilia fora embora. Horas que eu tinha ficado sentado à escrivaninha, tentando me concentrar em alguma coisa que não fosse minha língua na boceta dela. Era inútil. Ela tinha penetrado nos meus poros, entrado em mim, me infectado com o tipo de luxúria torpe que me fazia parar e bater punheta de hora em hora.

Minha rejeição não tinha sido pessoal. Eu tinha ligação com indivíduos corruptos e perigosos demais. Gente que adoraria saber que eu tinha comido uma aluna, não só pelo escândalo, mas para ter algo a usar contra mim. Até o momento, eles não tinham nada. Eu não tinha nada. Eu era um rebelde, totalmente distanciado de qualquer coisa importante que me prendesse.

E era exatamente assim que eu queria ficar.

Infelizmente, Lilia estava fodendo com a minha cabeça nesse sentido.

Com as mãos apoiadas na mesa, olhei para o relatório pela metade na tela do computador, para a mesma frase que eu tinha escrito umas doze vezes na tentativa falha de me concentrar. Uma chama descontrolada ardia em mim, me queimando de vontade de tirar Lilia da aula em que ela estivesse naquele momento e trepar com ela até não aguentar mais.

Em parte, era efeito da toxina, que invariavelmente afetava meu desejo sexual. A outra parte era o fato de que ela tinha feito uma coisa comigo que nenhuma outra mulher tinha conseguido: ela tinha me feito sentir. Não só mental, mas fisicamente. Todos os nervos do meu corpo vibravam com a lembrança da sua pele macia. Das curvas, pontas, texturas e defeitos que me

faziam desejar uma noite inteira de toques e explorações. Daqueles olhos desafiadores que combinavam com o fogo do cabelo e com a boca hábil que não só sabia as palavras que faziam meu sangue ferver, mas também dominava a pura e incontestável arte de chupar um pau.

Ela era uma feiticeira. Devia ser. O que mais poderia explicar o veneno tóxico correndo pelo meu corpo? A incapacidade de ficar dez minutos sem pensar nela, sexualmente ou não? Meu corpo sentia falta dela. Tinha passado as últimas horas me punindo por ter deixado que ela saísse do escritório daquele jeito. Sem calcinha.

Imaginei uma brisa batendo na barra de sua saia e a levantando, deixando à mostra aquela bundinha linda.

Foco. Por favor! Foco, porra!

Quanto antes eu entregasse o relatório a Lippincott, mais tempo eu ganharia. Afinal, a toxina ainda precisava de ajustes. Eu ainda tinha alguns tremores e não conseguia controlar minha temperatura corporal. Também tinha calafrios, nos quais reparei melhor depois que Lilia tinha ido embora.

E o desejo sexual.

O apetite infinito de meter o pau em alguma coisa devia ser o pior.

Não em alguma coisa. Em *alguém*. *Nela*.

O fato de ela ser totalmente proibida para mim só me fazia querê-la mais, e a pior parte era que eu tinha o poder de arruinar ou mudar a vida dela. Ela era exatamente o tipo de mulher por quem eu facilmente deixaria de lado qualquer moral patética que ainda existisse na minha consciência... uma mulher cuja motivação e paixão não eram maculadas por poder e dinheiro. Ávida por aprender, e eu queria ser o responsável por dar cada colherada de depravação que ela desejava.

Tirei a calcinha do bolso pela enésima vez e inspirei aquele aroma doce e excitante que me deixava inebriado. Como em todas as outras vezes, uma onda de sangue correu direto para o meu pau ao mesmo tempo que a dor surgiu na minha virilha.

Furioso, caí sentado na cadeira e abri o cinto, como tinha feito tantas vezes antes, para me esfregar até machucar e alimentar o monstro insaciável que arranhava minhas entranhas, desesperado e faminto. *É isso que você quer? Você vai me deixar trabalhar, se eu fizer isso?*

Eu tinha aula em uma hora, teria que vê-la, sabendo que não podia tocá-la nem sentir seu cheiro ou sua pele. A infelicidade dessa ideia corroeu meus ossos.

Quando encontrei Gilchrist depois de ter trepado com ela, eu não sentira

nada. Nem um pulsar no pau, nem desejo de possuí-la de novo. Lilia era diferente. Ela me causava sensações físicas que eu não experimentava havia muito tempo, algo que eu nunca imaginei que aconteceria novamente, mesmo com a volta dos meus sentidos. Além das carícias superficiais de todas as outras mulheres que eu tinha conhecido, o toque de Lilia tinha queimado minha pele e meu sangue, e agora era a única coisa que eu desejava.

Ela era o calor do sol em um cadáver frio e podre. O primeiro fôlego depois de uma vida de morte.

Como eu poderia dividir um campus inteiro com ela, sabendo que Lilia podia se apaixonar a qualquer momento por algum moleque inexperiente que não teria ideia do que fazer com uma garota como ela? Só de pensar nisso comecei a bolar planos cruéis e terríveis, como deixá-la em uma das celas lá embaixo. Prendê-la como se fosse uma das minhas mariposas.

Outra pontada de dor latejou na minha virilha quando a imagem dela amarrada e presa surgiu na minha cabeça como um feitiço perigoso. Eu me toquei com força e rapidez, punindo a minha carne enquanto expulsava os ímpetos obsessivos. Mas, como o monstro dentro de mim, essas ideias se enraizaram e floresceram em uma fantasia completa que eu não conseguia afastar. Minha doce e deliciosa Lilia deitada à minha frente como uma refeição apetitosa.

Segurei a calcinha dela junto ao rosto, inspirando o cheiro enquanto me imaginava enterrando o pau nela. Aqueles peitos lindos e deliciosos balançando na minha cara, uma expressão de dor e prazer no rosto dela, e o som irresistível dos gemidos macios que ecoavam na minha mente com a potência de uma granada.

Lilia.

O nome dela era um bisturi usado cravado no meu peito, passando por ossos frágeis e carne podre. Perfurou o único órgão que jurei que jamais seria tocado de novo e me infectou com uma avidez insuportável.

Eu queria a dor. A impossibilidade. O êxtase absoluto de tomá-la para mim. E era aí que se escondia a verdade trágica a respeito de como ela tinha se tornado tentadora; se fodê-la me fizesse passar uma eternidade no inferno, eu receberia a danação de braços abertos e um sorriso no rosto.

Meu corpo enrijeceu quando fui chegando ao clímax, e eu chamei o nome dela enquanto jatos de porra escapavam da cabeça do meu pau para a minha mão.

Exaurido e fraco, peguei a mesma toalha que tinha limpado todas as outras

ejaculações e passei a mão grudenta em pontos molhados de antes. Eu não podia negar; cada uma tinha me deixado trêmulo de satisfação, mas eu precisava muito conseguir fazer algo além de encharcar a merda de uma toalha com a minha porra.

Passei a mão limpa pelo rosto, soltei o ar de alívio e olhei o meu pênis agora flácido. Quando me inclinei para a frente para retomar o relatório, uma lembrança de Lilia ajoelhada na minha frente surgiu na minha cabeça.

Não, não, não!

O sangue voltou para o meu pau, meus músculos endureceram com a nova excitação, e olhei horrorizado a besta insaciável alerta de novo.

Puta que pariu!

Eu não sabia dizer se era a toxina ou a ruiva ardente que tinha conseguido foder com a minha mente antes de ir embora. Vesti a calça com dificuldade e me levantei.

Chega.

Ainda lutando contra uma ereção gigantesca, bati na porta da sala de Gilchrist. Quando ela respondeu, eu entrei, uma das mãos no bolso, onde apertei sutilmente o botão de gravação no celular.

– Devryck, que surpresa agradável. Sente-se.

Ela indicou uma das cadeiras e fixou o olhar na minha virilha. A merda era que ela devia achar que era a causadora.

– Eu soube que você acusou uma das minhas alunas de colar e deu uma nota ruim para ela, além de ter feito alguns comentários bem escrotos.

Ela ergueu o olhar e fez um ruído de deboche.

– Como é? Você veio aqui pra isso? Para defender a sua aluna? – Como eu não me dignei a responder, ela empertigou os ombros. – Por acaso, ela também é minha aluna, e não conseguiu elaborar respostas coerentes para as perguntas discursivas.

– Eu li as respostas, e não só eram coerentes, mas também certeiras. Quanto à acusação de cola, você e eu sabemos que a Srta. Vespertine teria mais sucesso colando de um gambá morto do que de Spencer Lippincott.

– Spencer por acaso é muito bom...

– Não tenho muito tempo – falei, interrompendo-a, meu pau ficando flácido.

– Então, vamos direto ao cerne da questão. Eu te rejeitei. Você está com raiva.

Ela me lançou um olhar incrédulo e se remexeu, claramente incomodada.

– Como ousa tocar nesse assunto?

– Você não está com raiva de mim?

Ela me encarou e abriu a boca como se fosse falar, se remexendo de novo.

– Ora, claro que estou. Estou magoada.

– E está descontando em uma aluna que não tem nada a ver com isso.

– Eu vejo vocês dois. É um relacionamento estranho.

– Você vê com olhos ciumentos – falei secamente. – Não há relacionamento algum entre mim e a Srta. Vespertine.

Até eu fiquei impressionado com a minha facilidade para mentir. *Havia* algo entre nós; eu só não sabia o que era.

– Pare de usá-la como saco de pancadas emocional.

Gilchrist tamborilou as unhas na mesa e observou minha expressão, que devia ser de absoluta apatia.

– Tudo bem. Embora eu não tenha mudado de ideia a respeito da minha avaliação e das observações originais, por você vou reavaliar a nota da Srta. Vespertine e retirar a acusação, com uma condição.

Esperei sem muita expectativa o que ela tinha a dizer.

– Janta comigo.

Bingo. Exatamente o que eu queria.

– Não.

– Não? – Ela soltou uma risada debochada. – Então faça um favor a si mesmo, Devryck, e não se meta em assuntos que não lhe dizem respeito, ou vou acrescentar acusações além da tentativa de cola. – Com a sobrancelha erguida, ela cruzou os braços. – Como as suas estranhas interações com a Srta. Vespertine.

– Eu convidaria a administração a procurar a Srta. Vespertine e perguntar sobre qualquer comportamento impróprio. Minhas interações com ela sempre foram honradas e profissionais.

Minha alma quase murchou depois dessa.

– Talvez. Mas quem acreditaria no homem que já foi acusado de algo parecido antes?

– Da mesma forma, quem acreditaria que uma professora respeitável escolheria dar notas ruins por causa de ciúmes?

Peguei o celular no bolso para confirmar se continuava gravando e apertei o botão de parar, contendo uma gargalhada quando os olhos dela quase saltaram da cara.

– Não se meta comigo, Loretta. E não se meta na minha vida, ou vou cuidar para que todos os membros da administração *e o meu advogado* recebam uma cópia disto aqui.

Capítulo 50

LILIA

Ele se recusava a olhar para mim.

Usando uma calça jeans escura e uma camisa branca de botão, o professor Bramwell estava no púlpito descrevendo o comportamento quimiotáxico de *Leishmania*, um assunto para o qual eu de repente não ligava, sem lançar um único olhar na minha direção. Eu teria ficado frustrada com isso se ele não tivesse massageado a nuca algumas vezes, esfregado o queixo e até afrouxado um botão da camisa em determinado momento, o que também não passou despercebido pela garota sentada na minha frente. Ela tirou uma foto dele e postou com a legenda "Isso aí, Papai Morte" e depois deu zoom na parte da frente da calça dele, no contorno óbvio de uma ereção imensa.

Eu me remexi no assento, meu lado mais mimado querendo chutar as costas da cadeira dela. *Com força*. Não que fosse culpa dela se o sujeito emanava sensualidade e virilidade pura por cada poro do corpo. Só a visão dele evocava imagens de suor e músculos, movendo-se como uma máquina bem lubrificada. Eu me encolhi ao pensar nisso e desviei o olhar para me livrar daquele pensamento corrosivo que me fez cruzar as pernas.

Maldito.

Quando saí da sala de aula, revirando os olhos para a fila de garotas esperando para fazer um milhão de perguntas só para terem alguns momentos da atenção dele, flagrei o olhar concentrado dele me acompanhando. Seria assim de agora em diante. Olhares roubados e silêncios constrangedores. Eu odiava isso, aquela dinâmica entre nós. Poucas horas tinham se passado, e a minha pele já sentia falta de suas mãos ásperas, da carícia suave de seus lábios.

Pelo resto do dia, fiz o que tinha que fazer sem muita atenção. Por memória

muscular. Abri o notebook, fiz anotações, guardei-o de volta, fui para a aula seguinte, comi. O tempo todo, minha cabeça estava focada no professor Bramwell e no que tínhamos feito na noite anterior.

Durante um longo banho quente, encostei a testa nos ladrilhos e tentei desesperadamente recriar as sensações com meus próprios dedos. Nem o toque da água escorrendo, o calor e meu corpo escorregadio conseguiram replicar algo ao menos parecido com a sensação deliciosa que ele tinha despertado com a boca. Como uma besta faminta e desesperada que jamais ficaria saciada. Tudo depois dele seria medíocre.

Ele tinha razão. Tinha acabado para mim. Ele tinha me revelado meus segredos mais sombrios, que foram modificados e alterados para os moldes dele, depois me costurara de volta como algo completamente diferente.

Eu nem reconhecia a babaca nostálgica que tinha me tornado. Enquanto me olhava no espelho embaçado do banheiro, eu balancei a cabeça.

– Que porra você está fazendo? – sussurrei.

Eu tinha que superar aquilo. Superá-lo. Foi só uma noite. Uma noite que eu jamais esqueceria.

E mais nada.

Capítulo 51

LILIA

Eu precisava espairecer.

Correr sempre foi para mim uma forma de desestressar, e, como não conseguia dormir, decidi que uma corrida pelo campus talvez organizasse meus pensamentos.

Usando meu moletom de Dracadia e um short preto, peguei meu spray de pimenta e saí no comecinho da manhã. O sol só despontaria em 45 minutos, e uma calma tranquila cobria o campus. Havia algumas semanas que eu não corria, e foi bom mexer os músculos que tinham ficado parados por causa da minha agenda absurdamente ocupada.

No começo do semestre, eu descobrira o horário das corridas de Devryck. De acordo com o que eu tinha observado, ele só sairia dali a uma hora, o que significava que era improvável que nos esbarrássemos, e, com os fones nos ouvidos, peguei o caminho pelos alojamentos, onde alguns outros poucos corredores acenaram quando passei. Atletas, a maioria, considerando os trajes de Dracadia que eu os tinha visto usando no campo durante os treinos. Minha playlist era uma mistura louca de rap e músicas alternativas com ocasionais músicas pop no meio.

Mas lembranças espontâneas da minha noite com o professor Bramwell chegavam em flashes erráticos.

O olhar intenso. As mãos dele em mim. O rosto dele entre as minhas pernas.

Com os tênis de corrida batendo no concreto, acelerei o ritmo, o rabo de cavalo balançando atrás da cabeça. Contornei a ala acadêmica Rawlings e subi a pequena colina na direção da Casa Sigma Phi, como se estivesse sendo perseguida pelos pensamentos.

Mais imagens surgiram.

Os lábios dele nos meus. A mão segurando o meu cabelo. Envolvendo meu pescoço.

Vapor saía da minha boca à medida que a pulsação acelerava, e me forcei a aumentar a velocidade.

Dedos dentro de mim. Sacanagens sussurradas. Pensamentos safados. Dentes mordiscando meu queixo.

Corri mais rápido, a respiração ficando errática, o coração disparado. Eu não estava mais correndo num ritmo normal. Eu disparava pelo campus, meus músculos ficando fracos com o esforço. O ar frio pesava nos pulmões, e reduzi o passo para uma caminhada rápida, ofegante. Com os olhos semicerrados, me forcei a parar de pensar nele porque, porra, eu sabia que não tinha como dar certo. Ele era meu professor. Tinha como interferir na minha nota e talvez até na minha bolsa de estudos. Eu não podia perder isso. Não podia ir embora de Dracadia.

Tirei um dos fones do ouvido, parei com as mãos apoiadas nas coxas e respirei. Quando me senti suficientemente oxigenada, eu me levantei e me preparei para outra volta no campus. Então, ao longe, vi o professor Bramwell dobrar a esquina de Prythe Hall, usando a calça de moletom cinza e a camiseta preta sem mangas que valorizava seus braços fortes.

Ah, merda.

Um olhar para o relógio me fez saber que eu ainda tinha trinta minutos até o horário em que ele tipicamente saía para correr. *Que saco!*

Dei meia-volta e corri à frente dele.

Para meu desespero, ele me alcançou e ficou acompanhando o meu ritmo. Tirou um dos fones pretos do ouvido.

– O que está fazendo, Srta. Vespertine?

– O que você acha?

Saí correndo à frente, o rosto queimando de vergonha. Meu Deus, o cara devia achar que eu o estava perseguindo ou algo assim. Novamente, ele me alcançou e segurou meu braço, e nós dois paramos.

– Está escuro aqui fora – disse ele, a voz furiosa pouco afetada pela corrida. – Você não deveria estar correndo sozinha.

– Eu estava tentando *evitar* encontrar você, o sujeito que corre precisamente no mesmo horário todos os dias, menos hoje.

– Eu tenho uma reunião importante do comitê mais tarde e tive que me adiantar. Então quer dizer que você se colocou em risco para evitar dar de cara

comigo?

– Você nem olha na minha cara. Do nada ficou preocupado?

Eu balancei a cabeça e me virei na direção do alojamento, mas senti um leve aperto no braço.

– O que você quer, Lilia? Que eu me declare e te coma na frente do corpo estudantil e administrativo? Que conte pra todo mundo que estou com uma obsessão tão desgraçada por você que já esfolei meu pau de tanto que me toquei lembrando de ontem? Talvez eu até devesse pedir desculpas para o comitê hoje à tarde pelo relatório meia-boca que fiz, porque a boceta da minha aluna era a única coisa em que eu conseguia pensar enquanto escrevia. – Ele passou as mãos pelos cabelos, andando de um lado para outro na minha frente. – Não, eu não posso olhar pra você agora porque estou ficando louco de tanta vontade de te tocar. – Uma expressão de repulsa surgiu no rosto dele quando apontou para as minhas pernas. – E se você acha mesmo que vou deixar você correndo aqui no escuro com a porra desse shortinho, parecendo um lanchinho da madrugada, você subestimou absurdamente a minha capacidade de ser escroto.

Eu não soube como responder a isso. Fiquei sem palavras, olhando para ele inquieto de tanta raiva e frustração. Por minha causa. Por causa do que nós fizemos.

– Desculpe. Eu também não parei de pensar em você.

Dois corredores se aproximaram, e ele pigarreou e se virou para botar alguma distância entre nós quando eles passaram. Quando os dois desapareceram na colina, ele se virou para me olhar e passou a mão pelo rosto.

– Repassando: tivemos uma noite incrível. Uma noite que eu espero que você lembre com a mesma saudade e raiva e dor implacáveis que eu sinto cada vez que te olho. Dói pra caralho saber que eu não posso te ter, Lilia. Nesse aspecto, eu perco. Mas essa é a realidade trágica da situação. Não podemos repetir o que fizemos naquela noite. Entendeu?

– Sim. Eu entendo.

Por mais que me incomodasse, eu entendia. Ele assentiu brevemente, me levou de volta à pista e correu atrás de mim, me vigiando enquanto corria um pouco atrás. Em vez de dar outra volta no campus, fui direto para o alojamento.

Recebi uma mensagem da Jayda.

Jayda: Manda um oi pro Henry Michael Fuller.

Em seguida, veio a foto de um pacotinho num colo.
Por mais que doesse sorrir naquele momento, respondi:

Eu: Meu Deus. Ele é perfeito. Como você tá?
Jayda: Exausta. Esse bebê não para de mamar. Meus peitos estão parecendo duas pedras penduradas em um palito de dentes.
Eu: Parece incômodo.
Jayda: Você nem tem ideia. Mas não quero falar sobre maternidade agora. Me leva pra universidade. O que anda rolando por aí?

Mordi o lábio, em dúvida se devia contar a ela sobre Bramwell. Ela não o conhecia nem nunca o conheceria mesmo....

Eu: Acho que fiz merda.
Jayda: Como?

Minha mente girou, calculando a resposta.

Jayda: Você trepou com seu professor?

Só Jayda mesmo...

Eu: Defina trepar. Pensando bem, não defina. Eu fiquei com ele. Mas nós não chegamos tão longe assim.
Jayda: Calma aí, isso não é conversa pra mensagens.

Menos de um minuto depois, meu telefone tocou, e eu atendi.
– Aaai, Lilia. – Ela falou baixo, obviamente preocupada em não acordar o bebê.
– Eu sei. É ruim.
– Mas foi? Ou foi *bom pra caralho*?

Fechei os olhos com força, soltei um suspiro sofrido e, quando lembrei da cabeça dele entre as minhas coxas, mandei o pensamento sumir.

– Ele é gato? Tem um pauzão? – sussurrou ela ao telefone. – Anda, preciso de detalhes!

– Sério?

– Eu não vou poder transar por mais umas cinco semanas. Estou vivendo através de você agora. Por favor.

Grunhi e tentei segurar o riso.

– Sim e sim.

Ela fez um ruído de empolgação, seguido de um "shh-shh" falhado, como se estivesse ninando o bebê. Um momento de silêncio e ela continuou:

– Onde aconteceu toda essa safadeza? Na sala dele?

– Sim.

– Hum. Vocês agora são uma coisa secreta proibida?

– Nós não somos nada.

Odiei o gosto amargo de decepção que senti ao dizer isso em voz alta. Semanas antes, eu tinha jurado manter distância de todos os homens, determinada a me concentrar nos estudos, e agora estava ali, necessitada do meu professor mal-humorado.

– Ele costuma ficar com alunas?

– Não. Eu nunca o vi nem olhar para outras alunas.

Franzi a testa ao ouvir a risada insensível que ela deu em resposta.

– Qual é a graça?

– Ele não te esqueceu, Lilia. Confia em mim. – O bebê chorou ao fundo. – Merda. Tenho que ir. Ele está com fome de novo. Me manda uma foto.

– Eu não tenho foto.

– Tira uma.

Ela nem me esperou contra-argumentar antes de desligar.

Cheguei ao laboratório naquela noite usando uma roupa mais conservadora depois da conversa com ele mais cedo: um suéter e uma calça jeans que arranhava minhas pernas. Toda vez que nossas mãos se esbarravam, ele fazia uma careta. A cada olhar trocado, ele virava o rosto com uma expressão sisuda. Era como se tivesse ficado mais irritado comigo desde o nosso último encontro.

Quando estava indo esterilizar ágar-ágar na autoclave, parei junto ao domo de vidro e reparei em Aquiles e Pátroclo batendo as asas vigorosamente, as traseiras unidas. Cruzando. Aquiles se soltou e pareceu cambalear antes de Pátroclo voltar, as asas batendo tão rápida e freneticamente que ouvi um zumbido baixo pelo vidro.

– Nossa – murmurei. – Tem alguém com tesão aí.

Enquanto eu pendurava o jaleco na sala de autópsia, o professor Bramwell atravessou a porta com o rosto franzido, parecendo infeliz.

– Lilia... – Ele soltou o ar pelo nariz, como se até o som do meu nome o desagradasse. – Esse arranjo não vai mais funcionar.

Meu coração murchou como um balão.

– O quê? Como assim?

– Vou precisar te dispensar. Vou falar com o Dr. Friedman para você trabalhar no microlaboratório dele, se quiser a...

– Eu não quero trabalhar com o Dr. Friedman. Eu quero trabalhar aqui! Com você! Neste projeto! É importante pra mim.

Procurei humor ou mesmo alguma dúvida nos olhos dele, mas só encontrei uma determinação de aço.

– Não vai dar certo.

– Por quê? Por causa do que aconteceu ontem?

Ele fez uma careta, como se a simples menção o machucasse.

– Eu preciso desse emprego. Preciso do dinheiro. Por favor, eu te imploro.

Meu Deus, eu estava igual à Gilchrist.

– A culpa é minha. Eu devia ter mantido distância. Cabia a mim fazer isso e eu não fiz. E agora... – Um músculo na mandíbula dele tremeu quando ele trincou os dentes. – Não vai dar certo.

– A minha irmã... vai ser expulsa da escola. Eu imploro, Devryck. Nada precisa acontecer entre nós. Eu entendo. Foi irresponsabilidade minha também. Descuido. Eu não devia ter forçado. Por favor. Por favor, me deixa ficar. Não vou saber o que fazer.

Ele me entregou um envelope, que eu imaginava ser um cheque com o pagamento pelos poucos dias que tinha trabalhado.

– Vai, Lilia. E não volta.

– Por favor, Devryck.

Fiquei enojada pelo meu tom patético, por ter passado tão rápido de pessoa no controle a totalmente impotente, e odiei o fato de aquele homem ser duro na queda. Odiei constatar que, não importava o que acontecesse, ele sempre estaria

no controle, porque essa era a dinâmica entre professor e aluna. Ele não precisava de um bom motivo para me expulsar do laboratório. Ele tinha me deixado ir trabalhar lá por causa de chantagem, e agora estava tentando se livrar do combinado como se fosse uma crise de azia.

– Por favor, não faz isso.

Quando ele se virou para ir embora, lutei contra as lágrimas.

A opção para ganhar o dinheiro extra tinha escorrido pelos meus dedos como água. Os empregos no campus pagavam metade do que eu teria ganhado trabalhando para ele.

Minhas bochechas esquentaram com a vergonha que eu jurei que não me permitiria sentir. Com a percepção de que a minha irmã seria expulsa do único lugar onde ela se sentia segura e voltaria ao inferno que era casa do Conner, tudo por causa de um momento inconsequente com o meu professor.

Era culpa minha.

Totalmente.

O ônibus parou no meu alojamento e eu desci, o corpo fraco e exausto de estresse. Segui pela área comum, onde os alunos riam e viam televisão, e subi para o terceiro andar. Quando entrei, encostei na porta e deslizei até o chão.

As lágrimas finalmente vieram.

No trajeto para casa, eu tinha considerado entrar no site pornográfico, só para retirar o dinheiro que eu tivera medo de pegar, temendo que meu vídeo reaparecesse. A dignidade importava àquela altura? Eu tinha 10 dólares na conta. O que tinha ganhado lá me renderia mais umas centenas, quase mil, se não me falhava a memória. Abri o envelope de Devryck e tirei o cheque que havia dentro.

Cinco mil dólares.

Um cheque pessoal feito para ser *compensado* no banco.

Senti um nó na garganta, o ar preso nos pulmões, e fiquei feliz de estar sentada no chão naquele momento, porque eu provavelmente teria desmaiado.

Cinco mil.

Pisquei duas vezes, me perguntando se meus olhos estavam me pregando uma peça. A quantia estava escrita em uma caligrafia quase ilegível, mas deu para identificar a palavra *mil*. Cinco mil dólares. Eu nunca tinha visto tanto dinheiro

na vida. Cobriria as mensalidades de Bee até o Natal, inclusive a parte do Conner, então, mesmo que eu tivesse que aceitar um emprego que pagasse 100 dólares por semana, até lá eu conseguiria juntar mais dois meses de mensalidade.

Para, pensei, repreendendo a mim mesma. *Para agora mesmo.*

Por mais que eu quisesse ficar empolgada com a situação, o peso da realidade me sufocou. Eu não podia aceitar aquilo. Embora fosse um gesto nobre, seria errado aceitar o dinheiro. Eu não o merecia. O que me levou a outro pensamento: aquele era o jeito dele de pagar pelo meu silêncio?

Isso teria doído mais. Parte de mim queria voltar ao laboratório, à sala dele, e jogar o cheque na sua cara, como uma mulher forte, escrupulosa e independente teria feito. A outra parte de mim decidiu dormir para pensar melhor.

Talvez eu conseguisse pensar em um jeito de pagá-lo de volta.

Quem eu queria enganar?

Levaria uma década ou mais para obter aquela quantia. Talvez durante o sono eu conseguisse formular algum plano, porque não queria tomar uma decisão precipitada e passional como jogar o cheque na cara dele, considerando que eu precisava muito do dinheiro.

Capítulo 52

LILIA

Dois dias se passaram.

No laboratório noturno, fiquei balançando a perna sem parar, esperando para ver se o professor Bramwell apareceria. Ele não tinha ido à aula daquela manhã, nem na anterior, deixando Ross em seu lugar. Mordi o lábio, a ansiedade brotando enquanto os alunos entravam e ocupavam seus lugares.

O cheque continuava guardado na minha caixinha, escondida embaixo da cama. Eu me recusava a descontá-lo enquanto não falasse com Bramwell. Infelizmente, não tinha pensado em nenhum grande plano para conseguir pagar tudo de volta que não fosse deixar de pagar a mensalidade da Bee. A possibilidade irritante de o dinheiro ser um cala-boca corroía meus pensamentos, e novamente meu lado tolo e teimoso queria jogar tudo na cara dele e mandá-lo se foder.

Mas essa era a coisa ruim de não ter dinheiro. O orgulho era um ideal fugaz.

Spencer ocupou sua bancada, ostentando olheiras tão profundas que parecia que ele não dormia havia dias. Era a primeira vez que eu o via desde aquele dia na viela, depois da aula. O sujeito parecia ter passado as últimas horas em uma rave ou algo assim.

Ross estava na frente da sala, pegando suas anotações, e a pontada de esperança de ver Devryck murchou. Por dois dias, eu tinha me convencido de que era errado. De que eu não merecia o dinheiro. A coisa certa a fazer era devolver o cheque educadamente e agradecer a gentileza dele.

E aí imaginei a resposta dele, me chamando de boba e jogando insultos para me irritar e me fazer pegar o dinheiro.

Onde ele estava?

Eu precisava falar com ele.

Quando estava me preparando para outra aula decepcionante, o diabo em pessoa entrou pela porta, e meu maldito coração disparou quando o vi. Usando calça jeans e uma camisa preta, ele entrou no laboratório mais bonito do que tinha o direito de estar. A pele estava viçosa, os olhos estavam sem as olheiras de sempre. Ele estava bem. Até demais.

Bramwell parou junto ao tanque ao lado da minha bancada, onde todas as larvas cresciam em suas amadas frutinhas, e, com o fórceps, pegou groselhas-negras e as colocou em um pote de amostras.

Diz alguma coisa!

Meus lábios ficaram secos quando pensei em chamar a atenção dele na frente da sala cheia.

– Professor?

O tom dócil da minha voz foi quase inaudível, e as minhas bochechas ficaram vermelhas com a possibilidade de ter que chamá-lo de novo.

– Sim, Srta. Vespertine?

Ele não se deu ao trabalho de se virar e continuou a tarefa de pegar as larvas. Claro que a turma tinha feito silêncio nessa hora. Claro.

– Posso falar com o senhor por um momento?

– Sobre...?

Você tá de sacanagem? Eu devia ter sido ousada e dito que queria falar com ele sobre o cheque, mas isso o teria irritado.

– É sobre a minha nota – menti.

– Tenho horários de atendimento específicos para esses assuntos, Srta. Vespertine. Eu a convidaria a marcar um horário que funcionasse melhor.

Eu odiava aquilo. Odiava termos voltado àquela dinâmica estranha que era pior do que antes.

– Mas é urgente. Eu realmente só preciso de alguns minutos do seu tempo.

– Infelizmente, isso não é possível agora. Estou muito ocupado.

Se não estivéssemos em uma sala cheia de outros alunos, eu o teria chamado pelo nome. Acabaria com aquela fachada fria e indiferente que ele tinha erguido.

Ross começou a aula, um assunto animado sobre controle mental que gerou certo engajamento de outros alunos.

– Você por acaso tem horário amanhã?

Minha voz soou discreta em meio às conversas dos alunos.

– Infelizmente, a semana está lotada. – Uma luz roxa emanou do pote de

vidro quando ele o levantou e examinou o amontoado de frutas dentro. – Você talvez consiga um horário na semana que vem.

Lotada? De quê? Das fãs que apareciam com listas de perguntas só para flertar com ele?

– Tudo bem. – Eu estava com vontade de gritar. – Sem problema. Sei que posso conseguir um horário particular com Ross.

Ao ouvir isso, ele se virou com uma expressão simplesmente assassina.

– Amanhã, Srta. Vespertine. Depois da aula.

O tom de raiva me fez notar algo que Bramwell nunca admitiria na minha cara.

Ele estava com ciúme.

E, caramba, a ideia fez meu coraçãozinho idiota pular.

Quando saí do laboratório noturno, vi uma luz acesa em um dos outros laboratórios do outro lado do corredor, onde Briceson estava em uma bancada, digitando furiosamente no computador. Curiosa, abandonei o grupo que ia na direção do ônibus e entrei no local, onde ele estava sozinho.

– Oi.

Ele ergueu o olhar do computador e sorriu.

– Oi, e aí?

– Está queimando os neurônios da madrugada aqui, é?

– É. Eu tenho um projeto de pesquisa para entregar amanhã.

– Ah. Então melhor não te atrapalhar.

– Não, tudo bem. Eu preciso de uma pausa mesmo.

Ele indicou um dos bancos diante de si. Eu teria que voltar andando para o alojamento, mas não seria a primeira vez que faria isso. Agora que eu sabia que o homem com a máscara de pássaro tinha sido só uma alucinação, eu não o via mais. Ou isso, ou eu tinha parado de procurá-lo.

– E qual é o assunto? – perguntei, espiando suas anotações na bancada.

– Eu estou bem empolgado com isso. Você conhece a pedra negra, né?

– Tipo aquelas pedras que vendem nos boticários da cidade? Conheço.

– Bom, o departamento de química está trabalhando para catalogar um metal novo encontrado na pedra, chamado casteyon.

– Uau. Pensei que fosse uma rocha difícil de encontrar. Uma pessoa daqui me

disse que é perigoso tentar pegá-lo.

– Realmente não é mais abundante como antes. Séculos atrás, a bacia ficou instável, abrindo uma fenda enorme, e parte da ilha afundou no mar – disse ele, gesticulando, deixando clara sua empolgação pelo projeto, e isso me fez pensar em Bramwell. – Foi como acabamos tendo a Baía dos Ossos. A rocha se partiu e agora forma um dos maiores penhascos em volta de Dracadia. É bem sinistro, até. A parte rasa tem cerca de um metro e meio e aí, de repente, *bum*, uma queda vertical de 400 metros. É onde você encontra a maior concentração de pedra negra, dentro das cavernas subterrâneas, mas está em toda a Baía dos Ossos, na margem rochosa. Foi assim que nós encontramos. Nas moelas das gaivotas e dos corvos que comem as pedrinhas.

Eu sabia, por cuidar dos pássaros da minha mãe, que eles não tinham dentes e usavam pedrinhas, gastrólitos, como eram chamadas, para moer a comida na digestão. Isso me lembrou de um desenho que eu tinha visto em um dos livros sobre a história da ilha. O crânio com os dentes de pedra negra que pertencera a um membro da tribo Cu'unotchke. Poderia ser a mesma pedra?

– Isso é fascinante. Um metal novo? Isso não vai mudar toda a tabela periódica?

– Bom, sim. Nós temos que confirmar que é de fato novo e que bate com o critério de descoberta, depois enviar para a União de Química Pura e Aplicada. Mas é bem legal. Eu só preciso me organizar nesse trabalho. Mas... acho que vou parar por hoje. Posso te acompanhar até seu alojamento?

– Não precisa.

– Eu insisto. Aqui não é Covington, mas é bom tomar cuidado. Melhor estar sempre acompanhado.

– E o que acontece quando *você* tiver que voltar sozinho?

Ele soltou uma risada e deu de ombros.

– Meu alojamento não é longe do seu. Tem uma câmera e uma estação de emergência. Muita luz.

– Então que tal a gente andar até esse ponto e lá cada um segue seu rumo?

– Nada disso. Eu me ofereci para te acompanhar e vou te acompanhar.

– Bom, se você insiste. – Esperei que ele guardasse o notebook e as anotações, e nós dois saímos da Torre Emeric juntos. – Posso perguntar uma coisa que anda me incomodando?

– Claro.

– Qual era a relação que havia entre Jenny Harrick e Mel? Até onde eu sei, Jenny namorava o melhor amigo do Spencer, é isso?

A queda na temperatura fez minha pele se arrepiar enquanto atravessávamos o pátio.

– Admito que não sei muita coisa além do lado da Mel, mas sim. Acho que ela aceitou ir a uns encontros com Spencer. Até ele, você sabe...

Estranho ele não querer falar em voz alta.

– Você acha que foi o pai do Spencer que aliviou a situação dele? Drogar uma aluna seria motivo de expulsão.

– Pode ter sido, se supusermos que Mel está falando a verdade.

Eu já sabia que ela tinha falado a verdade, depois da minha conversa com Spencer, mas era interessante que Briceson questionasse.

– Na verdade, foi a professora Gilchrist que sustentou a história dele.

– O quê?

A imagem dela segurando a virilha dele surgiu na minha cabeça. De novo.

– É. Ela alegou que estava dando aula para ele na hora em que Mel teria sido drogada. Disse a mesma coisa quando a Jenny desapareceu.

Eu sabia que a primeira coisa era mentira, com base na confissão de Spencer. Era possível que ela tivesse mentido por ele de novo?

– Spencer chegou a ser suspeito?

– Talvez brevemente. Mas todo mundo estava apostando suas fichas em Bramwell. O que se diz é que ele a matou e a jogou em um dos incineradores.

Que boato horrível. Mesmo eu tendo quase certeza de que não era verdade, um arrepio subiu pela minha espinha.

– Tinha câmeras?

– Tinha. Acho que parte das imagens que captaram Jenny saindo do laboratório de Bramwell sumiu. Eles *alegam* que houve alguma pane quando as imagens foram armazenadas na nuvem. A sequência de vídeos desapareceu e os registros de horário estavam errados.

– Mas você acha que alguém mexeu nisso?

Eu não sabia o suficiente sobre câmeras de segurança e armazenamento na nuvem, mas parecia incomum que uma sequência tão crítica tivesse simplesmente desaparecido.

– Eu acho que sim. Mas o que eu sei? Sou só um estudante de química.

– Você acha que Bramwell teve a ver com o desaparecimento dela?

Ele bufou e deu de ombros.

– Eu não sei. Gostaria de pensar que não, mas a família dele tem uma história muito mórbida. Ele definitivamente tem o DNA do homicídio no sangue. Ele tinha um irmão que também desapareceu. Parece que toda a família é uma série

de teorias da conspiração.

Eu sabia a história do irmão e tinha visto a dor nos olhos de Devryck quando ele a contou. Foi só por curiosidade que perguntei a Briceson, para ver o que o corpo estudantil achava daquela parte do passado.

– Então você acha que o Bramwell pai também estava por trás do suicídio em massa.

– Está documentado no estudo que ele injetou alguma coisa naquelas mulheres. Algo que afetou a cabeça delas. Se eu acho que ele as afogou? Talvez não. Mas acredito que ele teve alguma participação nisso.

Nós finalmente chegamos ao temido trecho de bosque. Um arrepio gelado passou pela minha nuca quando adentramos a escuridão. Foi diferente da sensação que eu tinha quando andava do metrô para casa, à noite. Lá, eu era uma de centenas de pessoas andando pela rua à noite, uma qualquer. Ali, um ataque parecia mais íntimo, pessoal.

O pequeno bosque levava ao gramado do meu alojamento.

– Bom, acho que é aqui que nos separamos, né? – perguntei, pegando a carteira com a minha identidade dentro da bolsa.

– É. Olha, não fala pra Mel que eu te contei aquelas coisas sobre a Jenny, tá?

– Tudo bem. Posso perguntar por quê?

Ele olhou em volta, como se ela pudesse estar por perto, deu um passo na minha direção e baixou a voz.

– Ela é muito sensível com esse assunto. Ela e Jenny eram próximas. Na cabeça dela, foi o Bramwell.

– Ela cismou mesmo com esse cara, né?

– Pois é, mas nem sempre foi assim. Teve uma época em que ela não parava de falar nele, como todas as alunas que ficam encantadas com ele. Mas aí a Jenny desapareceu, e de repente a Mel se rebelou. Como eu falei, foi tudo muito suspeito, né?

– É. – Era engraçado que eu pensasse o contrário, que não havia o suficiente para atribuir a culpa a ele. – Bom, vou te deixar voltar pro alojamento. Boa noite.

– Boa noite.

Subi a escada correndo e abri a porta para encontrar a equipe residencial verificando identidades. Dei um suspiro quando Mel balançou os dedos, impaciente pela minha chegada.

– Anda, Vespertine. Só faltam quinze minutos para eu poder ir para a cama.

Tirei o cartão da carteira e o ofereci para ela autorizar minha entrada.

– Laboratório noturno, é? – perguntou ela, me devolvendo o documento.

– É. Acabei de voltar.

– Veio andando?

Olhei para o outro funcionário que estava mexendo no celular, parecendo alheio à conversa.

– Briceson me acompanhou.

– Estou surpresa de não ter sido Spencer – disse ela, com amargura.

– Eu me afastei um pouco dele. Você tinha razão.

Ela revirou os olhos.

– E quando eu não tenho?

Talvez eu também devesse ter sido ousada e franca sobre Spencer ter me drogado, mas a minha situação era um pouco mais complicada. Minha confissão levaria a investigações profundas que apontariam para o envolvimento do professor Bramwell naquela noite. Já era ruim o bastante ter Gilchrist no meu pé. Ela não tinha dito mais nada sobre a nota da prova ou sobre eu ter colado de Spencer, então talvez tivesse decidido deixar a denúncia de lado. Talvez fosse como Bramwell tinha dito: não havia provas suficientes. Entretanto, não pude deixar de me perguntar: se eu tivesse denunciado Spencer, se tivesse tornado a acusação pública, como Mel havia feito, ela teria mentido por ele de novo? Teria me feito pagar de idiota para provar o argumento de que ali não era meu lugar?

Quando passei por Mel, ela deu um tapinha no ombro do outro funcionário.

– Ei, vou subir agora. Você cuida desses minutos finais?

– Cuido.

Entrei no elevador e ela foi atrás. Assim que a porta se fechou, ela se virou para mim.

– O que está rolando entre você e Bramwell?

Quando o elevador começou a se mover, ela apertou o botão de parar, interrompendo nossa subida. Uma onda de pânico travou meus músculos. Eu sempre ficava tensa em elevadores, por medo de acabar presa, mas os antigos me apavoravam mais. Mantive o olhar grudado no botão enquanto ela me olhava com expectativa.

– Não tem nada rolando.

– Fala sério. Eu não sou burra. Já te vi saindo do laboratório dele à noite.

Considerando que a entrada dos fundos do laboratório ficava atrás da Torre Emeric, ela só podia estar me espionando.

– Você anda me seguindo, por acaso?

– Essa ideia te preocupa?

O mais importante era que ela não tinha prova de nada. O laboratório de

Bramwell era como uma fortaleza, então por que eu estava me acovardando como uma garotinha apavorada?

Eu tinha crescido com gente pior que Mel. Tinha sido abordada por gente bem mais perigosa.

Estendi a mão para o botão do elevador e, quando ela segurou o meu braço, eu me soltei e lancei a ela um olhar de aviso que deve ter sido fulminante, pela forma como ela recuou. Quando o elevador voltou a se mover, o aperto de ansiedade nos meus pulmões ficou mais leve.

– O que eu faço não é da sua conta.

– Eu só estou te avisando para tomar cuidado... Jenny ficou obcecada por ele e...

– Você. Você não se sentiu atraída por ele uma época?

O elevador apitou e a porta se abriu no corredor vazio do nosso andar. Como ela não respondeu, eu saí, grata por Mel não vir atrás, então me virei para ela.

– Sim. Eu o achei atraente uma época – disse ela –, mas acabei descobrindo que o bom professor na verdade é um monstro. Se cuida, Lilia.

A porta fechou.

Abri no celular a foto que tinha tirado do crânio Cu'unotchke e dei zoom nos dentes afiados de novo. Curiosa, entrei na minha conta da Biblioteca Dracadia e cliquei nos textos do Memorial Adderly. Folheando as páginas de história sobre a comunidade Cu'unotchke, cheguei a uma imagem de uma garota nova, com cabelo preto comprido e olhos escuros. Tinha sido tirada no começo dos anos 1900, na época em que a população nativa tinha sido praticamente exterminada. Dois dentes dela tinham sido trocados por pedras negras, o que era interessante por si só, mas, quando dei zoom, outra coisa chamou a minha atenção. Os botões da boneca que ela segurava.

Franzi a testa e ampliei mais o zoom, reparando que um dos botões era pequeno e parecia ser de metal, com uma cruz de ferro gravada.

Levantei-me da cadeira, fui na direção do armário e peguei a caixinha de madeira que armazenava todos os meus objetos. Peguei lá dentro o botãozinho que eu tinha visto enfiado na porta, na minha primeira noite ali. Voltei até a escrivaninha e o comparei com o da foto.

O mesmo botão.

Capítulo 53

LILIA

A conversa com Briceson dominava meus pensamentos quando saí da Toca do Dragão depois de ter comido apenas um pedaço de torrada com abacate e um latte que eu havia comprado com o cartão de Bramwell. Eu tinha passado metade da noite pensando nas pedras negras que Briceson tinha mencionado encontrar em pássaros e no crânio que eu tinha visto na fotografia, tentando estabelecer uma conexão entre ambos.

Com o copo preto na mão, fui para a aula de Bramwell, se é que ele se daria ao trabalho de dar aula naquele dia, e senti na nuca a pressão de uma tempestade chegando. Vermelhos, laranjas e amarelos vibrantes coloriam as árvores com a chegada do outono no campus, e nuvens cinzentas pairavam pesadas e densas em um céu que prometia chuva. A eufonia dos pássaros matinais gerava uma canção tranquila como fundo para a minha caminhada, enquanto uma brisa errante espalhava o aroma de folhas molhadas. Embora a temperatura ficasse um pouco acima dos 10 graus, amena para aqueles de nós que tinham crescido com invernos brutais como regra geral, o ar deixava minhas pernas expostas geladas. Era esperado que a temperatura chegasse a quinze em algum momento do dia, então eu não estava muito preocupada com a roupa que tinha escolhido, mas passei frio mesmo assim.

Tomei um gole do café caro para me aquecer, parecendo qualquer outro aluno da turma, a tampa do copo marcada com o batom que eu tinha feito questão de usar.

Porque eu não era uma aluna qualquer. Eu era a aluna que tinha feito um boquete no professor e estava com um cheque de cinco mil dele na bolsa.

Ele também não era como os outros professores.

Era ranzinza, como dias de chuva e café amargo. Sussurros sensuais em cantos escuros e a queimação lenta de um bom uísque.

Uma tormenta que eu odiava e desejava ao mesmo tempo.

No auditório só havia uns poucos alunos adiantados. Um rosto totalmente diferente foi até o púlpito, onde pegou livros e papéis, e meu coração despencou quando ele se apresentou como professor assistente.

Em outras palavras, o professor Bramwell tinha esquecido nossa reunião ou furado de propósito.

Desanimada e entediada, fiz anotações enquanto o professor Humdrum dava um relato sem graça sobre o ciclo de vida do *Noctisoma*, algo que eu já tinha visto pessoalmente no laboratório. Só quando ele mencionou que algumas águias e corvos conseguiam fugir da infecção apesar de gostarem de consumir as groselhas-pretas e as mariposas-sominyx foi que eu passei a prestar atenção.

Eu levantei a mão e, quando ele assentiu, perguntei:

– E morcegos?

– Os morcegos, infelizmente, *não* são imunes. Quando comem a mariposa-sominyx infectada, sucumbem rapidamente à infecção e muitas vezes são encontrados boiando na água.

– Eles não têm gastrólitos, correto?

Ele ficou pensativo por um momento.

– Até onde eu saiba, não.

– Por que só algumas gaivotas e corvos evitam a infecção?

– Temo que só o Dr. Bramwell consiga responder a essa pergunta.

Claro que só.

Assentindo, me acomodei na cadeira. Minha cabeça tentava encaixar as peças enquanto o professor continuava a aula. Morcegos sucumbiam. Algumas gaivotas e corvos não. Esses últimos usavam gastrólitos para digerir comida. A pergunta era: entre os pássaros que ficavam infectados, quantos tinham gastrólitos de pedra negra?

Eu queria que o professor Bramwell estivesse ali para responder e aplacar minha curiosidade.

Spencer estava sentado duas fileiras atrás de mim, e cada vez que eu sentia um olhar fuzilando as minhas costas eu me virava e o via com os olhos fixos em mim. Tentei ignorá-lo e acompanhar o resto da aula, e fiquei grata quando chegou a hora de ir embora. Foi então que o professor Bramwell entrou na sala com aquele andar arrogante e imponente, que deixava qualquer garota excitada. Vê-lo provocou uma agitação no meu peito, como folhas secas caídas em um

redemoinho de vento. Ele parou por um momento para apertar a mão do professor assistente e, quando seu olhar pousou em mim, quase parei de respirar. Por que ele tinha que ficar tão lindo de calça jeans escura e camisa branca de botão ao lado do cara de calça cáqui e pulôver? Parecia que estava tentando me torturar!

Uma das outras garotas na sala foi até ele, como se quisesse fazer uma pergunta. Ele a atendeu por não mais que um minuto de atenção e a encaminhou para o assistente ao lado. Quase deu para sentir a decepção irradiando dela.

Quando pendurei a bolsa no ombro e fui até a frente do auditório, Bramwell olhou para mim e acenou para que eu o seguisse.

Sem esperar que eu o alcançasse, ele saiu da sala.

Fui atrás dele e o vi atravessando o corredor.

– Ei! – disse Spencer atrás de mim. – Posso falar com você um segundo?

– Oi, desculpa. Estou com pressa.

Ele estendeu a mão e segurou meu pulso.

– Por favor.

Foi só a súplica nos olhos dele que me fez parar.

– O que foi? – Meu tom expressava uma nítida impaciência. Como ele não respondeu, puxei o braço. – Spencer, estou sem tempo para isso – falei, a impaciência virando irritação.

Em vez de responder, ele me arrastou para uma pequena alcova no corredor, e eu agitei o braço para me soltar dele.

– Spencer!

Quando saímos do corredor principal, ele me empurrou contra a parede.

– A minha mãe me contou... uma coisa – sussurrou ele, o pescoço se movendo quando engoliu em seco, a voz trêmula. – Lippincott não é meu pai.

Fiquei paralisada e franzi a testa enquanto o encarava.

– O quê?

– Ele não é meu pai verdadeiro.

Nenhuma palavra me veio à mente. Eu não sabia o que dizer, como responder sem parecer uma idiota, e os segundos estavam correndo; logo, Bramwell ficaria impaciente e desistiria de me encontrar.

– Sinto muito, Spencer. Não sei o que dizer.

– Eu não sinto muito. Estou eufórico. Eufórico pra caralho.

Ele riu em meio às lágrimas, um misto de sentimentos perturbador, como se ele pudesse surtar a qualquer momento.

– Então... estou feliz por você.

O rosto de Spencer se suavizou.

– Eu sabia que você ficaria.

Antes que eu me desse conta, ele segurou meu rosto e encostou os lábios nos meus. Minha coluna ficou ereta e os músculos rígidos com o choque que subiu pela minha garganta e cortou meu ar. Quando soltei um protesto abafado, ele interrompeu o beijo, o peito subindo e descendo, as lágrimas descendo pelas bochechas.

– Por favor, eu imploro, me encontra hoje à noite. No pátio em frente à área comum.

Quando fiz que não, ele se inclinou como se fosse me beijar de novo, e eu o impedi levando uma mão ao seu peito.

— Não.

A expressão angustiada que ele fez poderia ter me despertado um pouco de solidariedade, se ele não tivesse ultrapassado meus limites de forma tão descarada.

– Desculpe – disse ele. – Eu não devia ter feito isso.

O pedido de desculpas podia até ter sido genuíno, mas não fez a menor diferença para os pensamentos conflitantes na minha cabeça, que tentava entender o que tinha acabado de acontecer. Dei um passo para abrir distância suficiente para recuperar um pouco da compostura.

– Spencer, tenho falado desde o começo que não te vejo assim. Eu não... Eu não posso...

– Lilia...

– Eu tenho que ir.

Com a cabeça latejando, caótica, corri pelo corredor para tentar alcançar Bramwell. Dobrei a esquina, mas ele não estava em lugar algum.

– Merda – murmurei, espiando dentro de uma sala lotada.

A sala seguinte era um pequeno auditório, igualmente lotado. As duas que vinham depois, do outro lado do corredor, a mesma coisa. Só quando cheguei à última sala, um auditório vazio, foi que o encontrei encostado na parede na frente da sala, de braços cruzados.

Com a boca de repente seca, me aproximei, a cabeça ainda girando pelo que tinha acontecido com Spencer.

– Não teria sido mais fácil me encontrar no seu laboratório?

– Mais fácil pra você? Talvez. – Ele fixou o olhar nas minhas pernas por um momento antes de erguê-lo até o meu rosto. – Para mim? Não.

Ainda tonta com o beijo indesejado, enfiei a mão na bolsa e peguei o cheque,

meio humilhada quando ele balançou como uma folha na minha mão estendida.

– Não posso aceitar isso.

Ele deu uma olhada rápida no cheque.

– Mas precisa tanto que deve estar se rasgando agora.

Sem conseguir encará-lo, balancei a cabeça.

– É muita coisa, Devryck.

Ele se afastou da parede mantendo os braços cruzados.

– Troca a porra do cheque.

O tom ríspido de sua voz chamou minha atenção para sua expressão igualmente severa.

– Por quê? Pra você poder me olhar com pena? Pra me chamar de patética?

– Por que você tem que ser tão teimosa? Você precisa do dinheiro. Não vai me fazer falta.

Em silêncio, tentei compreender o conceito de que o dinheiro que me salvaria naquele momento não era nada para ele. Uma ninharia. Abaixei o braço e olhei para o cheque, dizendo a mim mesma que não devia aceitar.

– Eu não fui trabalhar pra você pelo dinheiro, sabe. – Pigarreei e pisquei para afastar a umidade dos olhos, um cataclismo de emoções martelando em meu cérebro. – Eu vou te pagar de volta.

– Não vai. Você não tem como.

– Então me diz *como* eu posso retribuir. – Dobrei o cheque ao meio e me perguntei o que ele faria se eu o picasse em pedacinhos na sua cara. – Eu não posso aceitar isso. Não é certo.

– Também não é certo preferir se afundar em areia movediça. Concentre-se em si mesma ao menos desta vez. E elimine os obstáculos no seu caminho.

Suspirei.

– Você nunca foi um obstáculo.

– Só porque não flagraram a gente.

Eu odiava que ele conseguisse manter a compostura enquanto eu sentia as minhas entranhas sendo esmagadas por uma bola de demolição. Que eu estivesse com um desejo ensandecido de abraçá-lo por ele ter eliminado meses de estresse e preocupação, enquanto eu também desejava bater nele pelo tanto que aquela indiferença me deixava arrasada.

– Por que você está fazendo isso comigo?

– O que eu estou fazendo?

Não era óbvio? Eu estava escondendo a dor tão bem assim? Guardei o cheque na bolsa porque estava pesado demais nas minhas mãos.

– Você empurra e puxa, e eu fico com a sensação de estar sendo estraçalhada.

A risada sombria dele ecoou pela sala, e eu ergui os olhos, fechando a cara pela audácia de ele rir de mim enquanto eu me sentia tão vulnerável.

– Você acha que é a única? – A mandíbula dele se contraiu, o lábio se curvou de repulsa. – Não existe lâmina afiada o suficiente para arrancar você da minha cabeça, Lilia. Eu teria que arrancar a porra dos meus olhos pra não reparar em cada movimento seu. Com quem você fala. Quem você *beija*.

O ar sumiu dos meus pulmões quando me dei conta de que ele tinha visto o que acontecera com Spencer. Ai, meu Deus, a impressão que devia ter passado... Abri a boca para dar uma explicação, mas o ressentimento na expressão dele me fez ver que não faria diferença. Ao mesmo tempo, uma parte cruel de mim gostou de magoá-lo assim. De que algo abalasse as estruturas dele, quando parecia que Devryck estava tentando esquecer o que tinha acontecido entre nós.

– Nós continuamos apenas como professor e aluna. – Forcei-me a usar o mesmo tom indiferente que ele tinha usado. – Não era isso que você queria?

– Nós somos mais do que isso e você sabe.

Vê-lo rangendo os dentes me fez achar que Devryck ficou ofendido.

– Não sei, não.

Ele massageou a nuca e afastou o olhar.

– Pelo amor de Deus, para de morder o lábio.

Foi só nessa hora que percebi que estava mordendo o lábio inferior ininterruptamente e, quando eu passei a língua por ele, senti uma leve ardência.

– Essas suas maniazinhas mexem com a minha cabeça. – Ele passou a mão pelo cabelo e ficou andando de um lado a outro. – A violência está no meu sangue. Uma fúria que embrulha meu estômago, me deixa enjoado. Você é uma doença pra mim. Eu seria capaz de quebrar o pescoço dele... – Bramwell parou, o olhar perdido nas imagens que ele provavelmente estava visualizando, como se pudesse se ver vividamente nelas. – Eu não consigo controlar – disse ele, cerrando os punhos. – Não consigo me controlar porque eu ainda sinto você. Ainda sinto aquele cheiro doce asfixiante da sua pele, que me deixa enlouquecido. Aquele tom maldito de batom que me leva de volta àquela noite. Eu estou ficando louco!

A voz dele trovejou ao meu redor, sacudindo cada nervo do meu corpo enquanto eu o via surtar. Havia uma beleza naquilo, na vulnerabilidade que eu sempre desejara ver nele. Aquela óbvia e crescente consternação era incompatível com um homem tão controlado e indiferente. Ele estava se descontrolando. Finalmente, uma brecha na armadura que ele usava como

segunda pele. O que eu pensava ser indiferença não era nada disso. Ele sofria e ardia por mim tanto quanto eu por ele.

Eu queria vê-lo se desfazer totalmente, ficar inconsequente, como eu. Me agarrar pelo pescoço e destruir a barreira entre nós.

– Por que você está relutante?

– Você sabe muito bem. – Ele chegou mais perto e me encostou na parede. – Eu não sou um dos seus malditos colegas, Lilia. Sou seu professor. Essa relação acabaria com o seu futuro. Você seria expulsa e enviada pra casa, pra sua vida de antes, e eu ficaria aqui, odiando o fato de ter feito merda. De ter tirado *tudo* de você.

– Isso só acontece se nos descobrirem – sussurrei.

Muitas emoções passaram pelo rosto dele, como se uma batalha estivesse sendo travada em sua cabeça. Ele ergueu a mão e passou o dedo pelo meu rosto enquanto corria a língua pelos lábios.

– As coisas que eu quero fazer com você...

Ele fez uma careta e afastou o olhar, e, quando se retraiu, peguei sua mão. Uma expressão angustiada dominou o rosto dele quando passei sua mão pela minha bochecha.

De olhos fechados, me concentrei na textura de sua pele, na sensação que me levou de volta àquela noite. Beijei a mão dele, roçando-a pelos meus lábios e chupando seu dedo. Com o olhar grudado no dele, coloquei o dedo todo na boca, subindo e descendo por todo o comprimento, do mesmo jeito que tinha feito com seu pau no chuveiro, deixando uma marca de batom no caminho.

Ele me observou boquiaberto, os olhos semicerrados.

– Lilia... – Devryck segurou meu rosto com mais força, as veias do pescoço saltando quando ele rosnou. – Você quer saber como pode me pagar? – A hostilidade em sua voz deixou o tom mais ríspido. – Parando de me provocar todas as horas do dia, para eu poder voltar ao trabalho!

Exasperada, eu trinquei os dentes.

– Se é isso que você quer, tudo bem. Eu vou parar.

Nem esperei pela reação dele e passei direto, indo para a porta. Um aperto forte no meu braço foi o único aviso antes de o meu corpo ser virado e ele pressionar os lábios nos meus em um beijo que não foi gentil nem suave. Uma mão segurou meu cabelo, a outra segurou meu queixo. Ele me beijou com brutalidade. Atacou com avidez. E grunhiu e mordeu meu lábio e ficou pegando em mim com uma possessividade inabalável. E ciúme. Deus, o ciúme vibrou por mim em fúria punitiva enquanto ele me segurava junto ao seu rosto e devorava

meu fôlego.

Ao ouvir passos se aproximando, ele se afastou, o peito arfante, e atravessou a sala até o púlpito. Com um gesto sutil, ele passou o polegar na boca para tirar o batom e o limpou na calça.

Tentei recuperar o fôlego e, de alguma maneira, consegui me recompor depois daquele beijo. Depois de limpar a boca, como ele fizera, levei as mãos às costas e fui na direção oposta, aumentando a distância entre nós.

Uma mulher mais velha, que não reconheci, entreabriu a porta e sorriu.

– Ah, desculpe, professor Bramwell. Eu não sabia que o senhor estava em reunião.

– Já estamos terminando.

Eu fiz uma careta diante do tom ofegante dele, algo que a mulher não pareceu notar, pois apenas respondeu:

– Tudo bem.

Ela saiu rapidamente, os saltos estalando no piso de madeira conforme seguia pelo corredor. Bramwell expirou e massageou a nuca.

– Fazer isso aqui sem que ninguém saiba é bem mais difícil do que você imagina. Até meu laboratório está sujeito a visitantes inesperados.

– Nós vamos ter que ser criativos. Supondo que você esteja interessado.

– Você sabe muito bem que eu estou – rosnou Bramwell, como se detestasse admitir.

– Então, eu conheço um lugar. A rotunda da biblioteca. Tem uma sala no alto que é usada basicamente como depósito.

– E como alguém faria pra encontrar *você* lá?

– Eu trabalho na biblioteca hoje. Meu turno termina às oito. A biblioteca só fecha depois da meia-noite. Eu preciso te mostrar uma coisa, de qualquer modo. Uma coisa que você talvez ache fascinante.

Com a testa franzida de sempre, ele pegou a bolsa a caminho da porta e parou ao meu lado.

– Se você for esperta, não vai aparecer.

Erguendo o queixo de modo desafiador, eu o encarei.

– E, se você me quiser tanto quanto diz que quer, você vai.

Capítulo 54

LILIA

Peguei duas apostilas de física do carrinho e as coloquei na prateleira. Uma olhada no meu relógio de pulso mostrou que faltavam apenas cinco minutos para o fim do expediente, e eu não aguentava mais. Meu estômago se contraía na dúvida sobre ele aparecer ou não.

Quando deu a hora, avisei a Kelvin, como costumava fazer, peguei minha bolsa e passei no banheiro para ver se não tinha nenhum resto de comida preso nos dentes. Tirei a calcinha, me sentindo bem mais confiante com relação a isso desde aquela noite do vídeo, e a enfiei na bolsa antes de ir para a sala da rotunda.

O cômodo era circular, tinha um pé-direito muito alto, que dava em um teto de domo de vidro, e piso de mármore. Havia um mezanino cheio de salinhas ao redor de toda a sala, protegido por uma amurada. Passei por uma porta e subi uma escada estreita até o segundo andar, procurando Devryck. Havia prateleiras cheias de livros preenchendo as paredes de cada sala, e, embora houvesse mesas de estudo iluminadas por abajures, o local costumava ficar vazio. Andei pelos arcos altos e o encontrei de costas para mim em uma alcova ao lado de uma janela com vista para o pátio.

Fechei a porta da sala e girei a chave, garantindo nossa privacidade.

– Tantos anos que estou nesta faculdade e nunca vim aqui em cima – disse ele, ainda sem se virar para me olhar.

– Só vim aqui umas poucas vezes. É onde ficam todos os textos históricos de Dracadia. – Fui até ele e olhei para o campus, cheio de vida. – É tão lindo!

– Você veio. – O tom dele carregava certa raiva.

– Você também.

– Eu não tive escolha. Não parei de pensar em você a tarde toda.

Mãos ágeis me pegaram pelo braço, minha coluna bateu na parede atrás e minha bolsa foi parar no chão. Os lábios dele se chocaram com os meus, febris e impacientes. Línguas e dentes. Frenéticos.

Ele tirou meu colete de crochê pela cabeça, revelando a camisa branca de botão embaixo, e o jogou de lado. Sua respiração acelerou e seu grunhido rouco vibrou nos meus lábios. Depois de um breve momento tentando abrir os botões da minha camisa, ele deu um puxão forte na peça, me sacudindo e abrindo tudo de uma vez. Botões voaram pelos ares.

– Eu compro outra – disse ele, a boca contra os meus lábios.

O ar frio atingiu meus seios quando ele puxou o sutiã de renda. Do outro lado da sala havia um espelho dourado e ornamentado que preenchia um dos painéis de madeira quadrados da parede. No reflexo, vi nós dois juntos, eu toda desgrenhada com os seios à mostra e uma expressão de euforia, e ele de camisa e calça pretas, uma figura sombria, sussurrando sacanagens no meu ouvido.

– Você ficou pensando naquela noite? Quando eu lambi e chupei esse seu clitóris?

Ele apertou meu mamilo entre os dedos e minhas pálpebras pesaram quando um tesão intoxicante contraiu meu ventre.

– Sim.

– Você se toca pensando naquilo?

Como não respondi imediatamente, perdida no que ele estava fazendo, Devryck beliscou os dois mamilos e incitou um pequeno choque de dor.

– Me conta.

Com a boca seca, assenti.

Mãos ásperas deslizaram pelos meus braços quando ele os guiou para cima da minha cabeça e segurou meus dois pulsos com uma das mãos.

– Estou com fome de você desde aquele dia.

Lábios vorazes percorreram meu pescoço enquanto sua mão livre passeava pelo seio exposto. Ele parou de me beijar por tempo suficiente para sugar um mamilo, e uma mordidinha provocante me fez dar um gemido. Ainda me prendendo com uma das mãos, ele usou a outra para levantar a minha saia, então parou de repente.

Sorri e mordi o lábio com a descoberta dele.

– Achei que era mais conveniente vir sem.

– Puta que pariu.

Assim que o dedo dele encostou na minha pele sensível, eu me arqueei e deixei escapar um breve soluço, com o cuidado de não fazer nenhum som que

fosse ecoar pela rotunda.

– Se algum dia você for para a aula assim, vou te chamar de canto e dar umas boas palmadas nessa sua bunda.

– Isso é uma ameaça ou uma promessa?

Ele grunhiu e deu um tapa na minha bunda, como se para provar o que tinha dito. O tapa deixou a área dolorida, e dei um pulinho para perto dele, resmungando baixo. Devryck voltou às carícias suaves naquele ponto que ansiava e latejava pelos dedos dele.

Outra olhada no espelho e vi o queixo relaxado e a luxúria torpe no meu rosto enquanto ele me provocava. Aquele homem me deixava totalmente inebriada.

Como se percebendo o que tinha chamado a minha atenção, ele se virou para o espelho.

– Você gosta de olhar?

Lambi os lábios e assenti.

Dois dedos entraram em mim, deslizando fácil, e eu o senti estremecer.

– Olha como seu corpo fica lindo se entregando para mim, quando meus dedos estão dentro de você.

Soltei o ar, trêmula, e ele elevou minha perna até o seu quadril. Com a bochecha encostada na minha, ele manteve meu olhar na direção do espelho enquanto erguia minha saia até os quadris, minha perna levantada oferecendo uma visão clara da minha intimidade.

– Você está rosada e perfeita agora, mas vai estar toda vermelha e inchada quando eu tiver terminado.

Absorvi as palavras dele e meus músculos se contraíram contra seus dedos. Cravei as unhas nos bíceps dele enquanto tentava ficar de pé, os joelhos bambos.

Mordi meu lábio inferior e apoiei a cabeça na parede enquanto ele metia os dedos em mim, dobrando-os lá dentro a cada arremetida. Sons úmidos ecoavam ao redor, enchendo meu cérebro com imagens depravadas de nós dois. Devryck começou a meter mais rápido enquanto passava o polegar pelo ponto mais sensível, que me fez segurar um gemido. Com os olhos fechados, me concentrei no movimento dos dedos dele e no som molhado da lubrificação escorrendo pelas minhas coxas.

– Está ouvindo, Lilia? Como sua boceta faminta implora por mim? Olha como você está melando os meus dedos.

Eu me virei para o espelho e o vi segurando a minha saia, deixando à vista sua pele brilhando com a minha excitação.

– Você me deixa assim... – sussurrei.

Um som grave de apreciação me deu um calafrio.

– Você não quer saber o que faz comigo, mariposinha.

Ele meteu os dedos tão fundo dentro de mim que fiquei na ponta dos pés e soltei um gemidinho quando seu polegar apertou meu clitóris sensível. Dentes roçaram no meu queixo.

– É isso que eu vejo à noite, quando estou encharcado de suor, acariciando meu pau pensando em você. – Um beijo atrás da minha orelha. – Você me faz gozar tão intensamente que eu nem consigo respirar depois.

As palavras dele foram como diabinhos entrando na minha mente, mexendo comigo. Tanto, tanto, que todas as células do meu corpo vibraram enquanto eu me esfregava nos dedos dele, desesperada e fervendo e ávida.

– Isso, vai. Goza pra mim.

A necessidade profunda e intensa que ele tinha provocado me escapou em um soluço sem lágrimas quando meus músculos cederam e um prazer sufocante subiu pelas minhas veias. Joguei a cabeça para trás, a boca aberta em um grito que ele conteve com a mão. Em uma explosão ofuscante, sucumbi a explosões de êxtase percorrendo meus músculos em ondas febris. Meus joelhos falharam, mas ele me segurou enquanto movia os dedos, levando meu orgasmo até o fim.

– Boa menina – sussurrou ele, a mão ainda tapando a minha boca.

Ele virou o meu rosto para o espelho, onde meus olhos pesados e minha moleza pós-gozo me faziam parecer bêbada. Com um beijo atrás da minha orelha, ele tirou lentamente os dedos que brilhavam com meu gozo.

– Eu vou te foder até você não aguentar mais.

No reflexo do espelho, eu o vi enfiar os dedos na boca, e um som rouco de satisfação soou no meu ouvido quando Devryck apoiou a cabeça na curva do meu pescoço. Ele respirou contra a minha pele por um momento, a mão segurando meu cabelo, o corpo tremendo como se ele estivesse lutando para manter o controle.

– Você tem gosto de inocência, Lilia. Um homem bom se afastaria de você agora.

– E você é um homem bom?

Em vez de responder, ele me pegou nos braços e me levou para uma das mesas de estudo, onde me botou deitada. Depois de apoiar meus calcanhares no tampo, as pernas totalmente abertas para ele, Devryck me olhou com o mesmo brilho reverente da noite na sala dele.

Eu nunca tinha feito nada sexual em um lugar público, com movimentação

de gente apenas um andar abaixo. Minha barriga se contraiu com a sensação que vibrava em mim. Embora a porta estivesse trancada, eu fantasiava com alguém entrando e nos vendo, eu aberta na frente dele como em um sacrifício.

Devryck passou a língua pelos lábios e se curvou para a frente. Uma lambida longa na minha fenda sensível e eu me arqueei, abrindo a boca para um grito que não podia dar.

Ele gemeu e grunhiu enquanto chupava meu clitóris, mas eu queria mais. Não tanto a conexão física, mas a emocional. Tê-lo dentro de mim e em cima de mim, e que ele me sentisse tanto quanto eu o sentia.

– Devryck – sussurrei. – Quero mais que isso. Por favor.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

– Não posso fazer isso, Lilia. Principalmente se você não tem muita experiência.

Um calor de constrangimento aqueceu minhas bochechas.

– Eu já te falei, não sou virgem. É só que a minha primeira vez não... não foi nada de espetacular. Ardeu. Eu sangrei. E deve ter durado tipo um minuto e meio. Nós fizemos mais algumas vezes, e depois ele sumiu.

– Ele sumiu?

– Eu o peguei trepando com outra garota.

Ao ouvir isso, ele parou, respirou fundo e passou a mão pelo rosto. Como se contemplando. Pensando. Lutando consigo mesmo.

– Seja você virgem ou não, o fato é que eu não sou um amante gentil. Não quero te machucar. – O olhar flamejante dele desceu pelo meu corpo e subiu de novo, e uma expressão sofrida tomou seu rosto. – Mas só de olhar para você eu já sinto os meus instintos despertarem. Essa necessidade voraz de tomar o que eu quero.

Engoli em seco, sem saber o que dizer. Eu só sabia que não queria que ele parasse. Apesar do aviso, eu ainda queria. *Ele*. Estava desesperada para saciar a curiosidade que ardia dentro de mim. Para pular do penhasco em águas desconhecidas.

– Então, toma o que você quer.

Ele me encarou com a testa franzida.

– Você tem certeza disso?

– Sim. Eu tenho certeza.

Baixando o olhar, ele endireitou os ombros e ficou pensativo. Sem dúvida estava calculando o risco e as consequências, como era típico de sua mente analítica.

Ele esbarrou no tampo da mesa ao meu lado, causando um ruído alto, e, com um rosnado de frustração, ele se empertigou; o tilintar da fivela do cinto foi uma pequena vitória. Ele abriu a calça, e foi nessa hora que eu me dei conta de que aconteceria mesmo. Eu ia trepar com o meu professor.

Devryck tirou a calça e soltou aquele pau monstruoso.

Engoli em seco enquanto olhava aquele membro ereto, pesado e pronto para entrar em mim. A física certamente diria que ele nunca conseguiria colocar aquela coisa em mim sem causar estragos sérios. O jeito como Devryck o segurou casualmente, como se não fosse uma arma mortal, me provocando, me deixou ao mesmo tempo ávida e apavorada para saber como seria senti-lo se movendo dentro de mim.

– Posso garantir que isso não vai durar só um minuto e meio. Eu não sou nenhum adolescente que goza assim que o pau fica molhado. Sou um homem que fode com força e aprecia a tortura de ficar aproveitando bastante tempo. Você vai ficar dolorida. E eu espero muito que você queira mesmo isso, Lilia, porque vai me odiar quando acabar.

– Por quê? Você vai sumir também?

– Acho que não vou conseguir ficar longe de você depois disso. Mas vou ser bem claro – disse ele entre dentes cerrados enquanto segurava meu pescoço. – Eu não divido. Se mais alguém *olhar* pra essa boceta, eu vou ter prazer em dissecá-lo, começando pelos globos oculares.

Parecia que o ciúme do beijo forçado de Spencer ainda não tinha passado, e, como antes, não era para os comentários psicóticos dele terem gerado um friozinho na minha barriga. Era para o tom possessivo ter me feito sair correndo. Mas eu tinha conhecido homens ruins a vida toda. Tipos nojentos e desagradáveis, que só tomavam coisas das garotas e não se importavam com elas. Eu conhecia garotos que machucavam garotas por puro prazer egoísta. Que as jogavam fora depois, como se elas fossem trapos inúteis e gastos.

Devryck era totalmente diferente. Como ele tinha dito, um homem, não um garoto. Do tipo que violava as regras e trepava com a aluna, mas era cortês e dava prazer antes de se satisfazer. Mas era ruim? Acho que ainda não sabia, mas eu estava disposta a correr o risco. Estava disposta a deixar meu orgulho de lado só para sentir o tipo de paixão sobre a qual só tinha lido nos livros. Eu queria suas mãos ásperas, seus dentes, e sentir o suor dele na minha pele.

Quando estendi as mãos, ele afastou meu braço com gentileza e ficou se tocando na minha frente, passando a mão pelo pau de um jeito que deixou minhas coxas tremendo de expectativa.

– Me mostra o que eu não deveria querer. Que vai até doer.

Engoli em seco e deslizei os dedos no desejo latejante entre as minhas coxas. Com os olhos nos dele, meti dois dedos e vi as veias no pescoço dele saltarem.

Ainda bombeando o pau duro, ele lambeu os lábios com um brilho voraz nos olhos.

– No que você pensa à noite, quando está com os dedos enfiados nessa boceta? Me diz o que você quer.

Uma avidez enlouquecedora deixou meu ventre todo contraído.

– Eu quero...

– Suas coxas estão tremendo. Diz.

– Eu quero o seu pau.

– Foi por isso que você veio de saia, não foi? Por isso que você provoca seu professor ao ponto da loucura. Você *precisa* ser comida, não é?

– É.

Do bolso da calça, ele tirou um preservativo e abriu a embalagem, e assisti com fascinação enquanto Devryck o colocava no pau inchado e faminto. Quando ele alinhou o pau à minha entrada, parou e baixou a cabeça, o conflito evidente em seus músculos retesados.

– Vai. Por favor.

Eu queria tanto aquilo que doía.

– Porra, Lilia. Porra.

Ele se encaixou em mim e deixei escapar um gemido agudo. Devryck abafou os sons contra a sua mão grande, e eu respirei pelo nariz.

– Shh. Um pouquinho de cada vez.

Com as mãos fechadas ao lado do corpo, assenti.

– Eu vou devagar. Prometo que não vou meter até o fim enquanto você não tiver se acostumado.

Eu ofeguei pelo nariz enquanto ele mantinha a mão na minha boca. Com uma leve estocada de cada vez, e ele foi entrando mais e mais fundo, meus músculos se retesando com a intrusão rígida.

– Porra, você é muito apertada... – disse ele, a respiração irregular. – Toma mais um pouco.

Devagar, Devryck foi me preenchendo e me alargando, a pressão dentro de mim crescendo, recebendo-o com relutância, até que, finalmente, com uma ardência dolorosa, ele estava todo dentro de mim.

Cerrei os punhos ao lado do corpo e continuei a respirar pesado pelo nariz enquanto sentia a pressão vertiginosa daquele membro dentro de mim. Meu

corpo tinha se contraído tanto que fiquei tonta quando meus músculos relaxaram. *Pelo amor de Deus, não desmaie.*

Curvado sobre mim, ele parou e apoiou a cabeça no meu ombro, seus músculos rígidos e trêmulos com o que eu imaginava ser energia e frustração acumuladas, prontos para me partirem ao meio.

– Você está bem?

– Estou – sussurrei, e ele ergueu a cabeça, recuando os quadris e depois avançando de novo.

– Eu precisava disso – disse Devryck, a voz rouca, a mandíbula contraída enquanto metia tão fundo que me deixou sem ar. – Eu nem consigo dizer quanto eu precisava te comer, Lilia.

Um som agoniado escapou da minha garganta, capturado pela mão dele, e Devryck entrou e saiu de mim de novo, com movimentos brutos e intensos. Com força, como ele tinha prometido, mas a cada metida ficava mais fácil. Me segurei nos braços dele para me firmar e algo dentro de mim mudou.

Prestei atenção na sensação do corpo dele contra o meu, no vigor de seus músculos contraídos, no jeito como a pele roçava a minha, fazendo meus nervos vibrarem. As respirações baixas e entrecortadas. Os dedos afundando freneticamente na pele e o tremor de braços e pernas. Ele estava em toda parte. Na minha pele e dentro de mim, infiltrando-se nos meus ossos e músculos. Movendo-se como as ondas violentas do mar, aquele mar profundo e oscilante que me puxava como as marés.

Uma força assustadora.

Inclinei a cabeça na direção da janela ao nosso lado, através da qual as estrelas brilhavam com constância em um mundo que parecia estar fugindo do controle. O tempo se liquefez entre nós, ondulando em correntezas lentas que se curvavam e oscilavam com nossos corpos molhados de suor. Eu estava escorregando, caindo, desmoronando em sentimentos que nunca experimentara com ninguém.

Senti um aperto no peito com a iminência de uma dor implacável, mas eu não me importava. Queria aquilo. Precisava. Mesmo com o risco de ele me descartar depois.

E me odiei por isso. Odiei estar tão faminta por paixão, tão louca para experimentar todas aquelas sensações, que era capaz até de aceitar que ele me partisse ao meio como um de seus cadáveres, de alguma forma ressuscitada pelas mãos habilidosas dele.

Era demais e não era o suficiente.

Aquele misto de sensações fez meus olhos marejarem. O que eram aqueles sentimentos estranhos e desconhecidos tomando conta de mim?

– Lilia... – sussurrou ele, a mão que tinha abafado meus gemidos agora acariciando minha cabeça. Baixei o olhar e vi o rosto dele cheio de preocupação. – Eu estou te machucando?

– Não. Eu não... Eu estou sentindo... tanta coisa. – Uma risada chorosa me escapou enquanto tentava controlar as emoções. – Desculpe. Não sei o que fazer com isso tudo.

– Sexo sempre deveria nos fazer sentir alguma coisa. Só se entrega.

Uma lágrima escorreu para a minha têmpora e eu assenti. Devryck correu o polegar pela gota e voltou a meter enquanto segurava minha cabeça.

– Fica olhando pra mim, Lilia.

Mais lágrimas caíram enquanto a gente se encarava: nossos olhares fixos um no outro, nossos corpos entrelaçados. Poderia ter sido mais perfeito? Seria possível conhecer outra alma tão intimamente quanto naquele momento, nossos corpos tão emaranhados? Envoltos no arrebatamento e na vergonha de saber que tínhamos extrapolado um limite e não havia como voltar.

Os sons de vozes e de passos se aproximando o fizeram parar. Tentaram mover a maçaneta, e eu levei a mão à boca, sem ousar nem respirar.

Devryck me pegou no colo, me carregou para as sombras da salinha e me encostou na parede.

– Você não disse que ninguém vinha aqui? – sussurrou ele.

– Eu nunca tinha visto ninguém aqui em cima – sussurrei em resposta.

As vozes invasoras ficaram mais altas.

Devryck colocou a mão sobre a minha boca e me segurou apoiada contra a superfície de madeira que pressionava minhas costas, a ponta do seu membro roçando minha entrada molhada.

– Tem uma coleção inteira de história dracadiana aqui em cima – disse uma das vozes. – Eu poderia passar horas lendo esses livros.

– Aff. Você é tão nerd. – Outra voz riu. – O que você está procurando?

Enquanto a dupla conversava, senti o pau de Devryck me penetrando, pulsando com impaciência. Ele apoiou a testa no meu ombro, trêmulo, o hálito quente na minha pele.

Aos poucos, fui descendo. Descendo. Até o pau entrar todo de novo. E, quando eu arqueei as costas, ele tapou a minha boca com ainda mais força.

– Shhh – sussurrou, dando pequenas estocadas, os olhos ardendo com uma voracidade fervente que se recusava a se apagar.

Uma avidez febril ardia nas minhas veias quando cravei as unhas em seus ombros musculosos. Enquanto os dois estranhos do outro lado falavam de história, dos horários das aulas e de outras coisas inofensivas, ele me comia.

Eu me virei só o suficiente para nos ver no espelho.

A covinha na bunda dele que aparecia a cada metida. A tensão nos músculos e no pescoço, e a força de suas coxas a cada estocada controlada e movimento dos quadris.

A pura beleza da nossa transa inconsequente estava refletida como uma imagem sombria que eu queria tatuar na mente.

Minha respiração perdeu de vez o ritmo enquanto meus músculos se contraíam, absorvendo o impacto daquele pau me preenchendo.

Ele travou os dentes, a mandíbula contraída. O corpo brilhava de suor e os músculos se retesavam ao meu redor, me destruindo de dentro para fora.

Quando os passos finalmente se afastaram, ele soltou o ar e meteu com mais força. Com mais rapidez. As batidas na parede destacavam o fervor em seu corpo.

A tensão me percorreu, contorcida e retesada enquanto eu me aproximava de um ápice maravilhoso. Uma vontade profunda e intensa cresceu nos meus músculos rígidos, e eu me arqueei junto dele, me entregando àquela explosão arrebatadora. Devryck gemeu e grunhiu enquanto me segurava com mais força, me fodendo como um animal selvagem. Cada vez mais rápido.

– Porra. Porra!

Com a boca aberta, ele fechou bem os olhos e soltou um suspiro falho de alívio. Os tendões em seu pescoço pulsavam a cada metida oscilante dos quadris. Ele tremia tanto que achei que fosse me deixar cair. Uma expressão de dor e êxtase tomou conta do seu rosto quando ele me olhou e gozou intensamente.

Passei a mão por seu cabelo úmido, observando sua euforia, o foco e a intensidade enquanto ele sucumbia ao clímax. A coisa mais bonita que eu já tinha visto.

Algo mudou e eletrificou o espaço entre nós. Sombras de uma garota jovem e ingênua desapareciam a cada rajada de ar ofegante que eu deixava escapar. Eu estava diferente agora. Transformada em algo que não reconhecia, algo bem mais vulnerável. Exposta. Eu me perguntei se ele via isso nos meus olhos, a paixão patética que devia estar brilhando ali. Ainda entorpecida com o que tínhamos feito, eu me virei, mas senti sua mão no meu rosto quando ele me guiou de volta para si e pressionou os lábios nos meus. Meu corpo deslizou pela parede conforme Devryck me colocava no chão.

– Você é maravilhosa – sussurrou ele, a boca na minha, e tirou a camisinha usada.

Fiquei olhando com fascinação quando ele amarrou a ponta e arregalei os olhos ao ver a quantidade de fluido lá dentro.

– Meu Deus. Parece porra suficiente para engravidar um vilarejo inteiro.

Com um sorrisinho arrogante, ele jogou o preservativo na lata de lixo.

– Vamos torcer para que a equipe de perícia não esvazie o lixo.

Eu sorri ao ouvir isso.

– A limpeza vem às dez. Acho que é melhor amarrar o saco. Para poupá-los de ver isso.

– Pode deixar. Quando eu terminar com você.

Ele pegou meu braço, nos deitou no chão e me puxou para si. Enquanto me segurava entre as pernas, minhas costas contra seu peito, ele passou os braços ao meu redor.

– Me diz que você está bem. Que eu não te machuquei.

– Você não me machucou.

– Você não está com dor nenhuma?

Uma dor pulsava, sim, entre as minhas coxas, brutal e ardente, como se ele tivesse me rasgado.

– Eu não disse isso. Só disse que você não me machucou.

Com um suspiro de alívio, ele escondeu o rosto no meu pescoço.

– Eu não vou mais te penetrar hoje. Mas vou te comer de novo.

Talvez ele nem tivesse pensado muito quando deslizou a mão entre as minhas coxas e tocou minha boceta. Não estava experimentando nem acariciando, apenas descansou a mão ali, o pulso apoiado no meu osso pubiano. Pareceu loucamente possessivo, mas também sexy. Algo para aliviar a ardência da penetração. Ele inspirou contra a minha nuca e beijou a minha orelha.

– Eu nunca senti nada tão intenso. Cada momento com você é uma novidade para mim.

– É tudo novidade pra mim também.

Juntos, ficamos respirando naquele canto escuro, nosso pequeno oásis silencioso, e eu sorvi as sensações do que tínhamos feito.

– O que você queria me mostrar?

Pareceu quase mórbido demais para o clima do momento, mas peguei a bolsa mesmo assim e tirei o celular lá de dentro. Uma busca rápida nas fotos me fez chegar à que eu havia tirado do crânio com os dentes de pedra negra.

– Estou curiosa sobre isso.

Ele se mexeu, pegou o celular da minha mão e o levou até perto do rosto.

– A menos que eu não lembre bem a história dracadiana, isso parece o crânio de uma criança Cu'unotchke.

– Os nativos que moravam na ilha séculos atrás?

– Isso mesmo. Está vendo essas pedras negras aqui? – Ele as indicou na tela. – Eles as afiavam para usarem como dentes. Cuidados dentários ancestrais.

– Eles eram canibais?

– Algumas pessoas acreditavam que sim. Diziam que tinham olhos prateados brilhantes e presas bestiais.

– *Noctisoma*?

– Eu desconfio que sim.

As peças se encaixaram e visualizei uma imagem, que me fez questionar se havia alguma ligação entre a pedra e *Noctisoma*.

– Mas você acha que as pedras tinham outro propósito?

– Tipo qual?

– Briceson me disse que eles isolaram um novo elemento químico chamado casteyon a partir das pedras negras. Encontraram nas moelas de gaivotas e corvos. Mais cedo, seu professor assistente disse que alguns pássaros não ficam infectados por *Noctisoma*.

Ele me devolveu o celular e me puxou para perto, como antes.

– É uma teoria interessante. Talvez você deva considerar estudá-la enquanto estiver aqui.

– Mas você não? E se for uma cura para a noctisomiase?

Ele beijou minha têmpora.

– Eu não estou procurando a cura da noctisomiase. O organismo tem muito potencial como antineoplásico, antimetabólito, antioxidante. E, claro, em terapias autoimunes.

– Sim, claro, mas para quem *não quer* ser infectado pelo verme, pode ser eficiente.

– Pode. E eu encorajo você a estabelecer uma hipótese. Talvez seja algo a considerar para uma tese, um dia. Eu posso te indicar uns recursos, se você quiser.

Para uma tese *um dia*? Parecia uma promessa vazia que um pai faria. Por que notei ali um tom de condescendência?

– Sim, eu gostaria disso, sim.

Não pretendia falar com tanta amargura, mas a minha mãe tinha morrido da infecção. Se alguém tivesse investigado a menor possibilidade de uma antitoxina,

eu com certeza teria tentado testar nela.

Devryck me abraçou mais apertado.

– Você ficou com raiva.

– Não com raiva. Só... frustrada.

– Eu não a culpo, mas a minha condição não me permite muito tempo para seguir por outros caminhos, por mais nobres que sejam.

Eu suspirei e me lembrei da causa por trás da pesquisa dele.

– Eu sei. Talvez eu possa estudar gastrólitos e pedras negras, e você possa estudar a toxina, e aí a gente compara nossos estudos todas as noites na cama.

– *Depois* do sexo, presumo.

Passei as unhas suavemente pelo braço dele.

– Claro. Ninguém quer falar de vermes *durante* o sexo. É nojento.

– É mesmo. Além do mais, eu perco o foco quando você está sem calcinha.

Ele passou a mão pela minha coxa e apertou de leve.

– Um dia, quem sabe, a gente pode ter um encontro de verdade.

– Você está falando de atividades além de sexo?

– Seria legal comer e talvez fazer uma caminhada romântica depois.

– Eu como muito bem quando estamos juntos. – Ele roçou os dentes pela minha orelha, e eu inclinei a cabeça e sorri por causa das cócegas. – Mas, se você quer um encontro, vou ver o que posso fazer.

– Ver o que pode fazer? – Curiosa, inclinei a cabeça para o lado. – Parece que você está me enrolando. Se não tomar cuidado, professor Bramwell, o calouro na minha aula de redação pode chegar primeiro.

– Calouro – resmungou ele. – As bolas dele nem devem ter descido ainda.

Eu ri, me virei e passei as pernas por cima das dele.

– Você está com ciúme?

O sorriso sombrio em seu rosto sumiu e ele prendeu uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Ciúme é a emoção de um adolescente imaturo, que termina em ressentimento e briguinhas. O que eu sinto por você *destruiria* vidas.

Segurando a minha mandíbula, ele me beijou intensamente e mordeu meu lábio para enfatizar o que tinha dito.

Deitados no nosso cantinho tranquilo, ele explorou meu corpo com as mãos e os lábios e a língua até eu estar exausta e derretida. Pouco antes das dez, pegamos nossas peças de roupa e saímos separadamente da rotunda, para evitar suspeitas. Ele me levou até o ponto de ônibus e eu voltei para o alojamento com um sorriso no rosto.

Capítulo 55

LILIA

De alguma forma, mais uma semana se passou.

As escapadas com Devryck tinham se tornado meu jogo perigoso favorito. Os olhares lascivos em aula, o roçar de mãos quando passávamos um pelo outro no pátio. Beijos roubados atrás de prédios e em salas vazias. Nos cantos mais escuros, longe de olhares curiosos, nós éramos mais do que professor e aluna. Nós éramos algo proibido. Uma paixão escandalosa e um desejo latejante envoltos em um fogo ardente poderoso demais para ser apagado.

À noite, tínhamos encontros nos lugares mais obscuros. Às vezes, no laboratório dele, na sala dele, no alto da torre do relógio, em qualquer lugar que fosse protegido, escondido e não tivesse câmeras. Depois do sexo, ele pegava seus livros, e ficávamos nus, estudando em silêncio até dar a hora de voltar para nossos quartos. Três dias antes, tínhamos nos encontrado na salinha secreta na rotunda, onde ele me ajudara a estudar para a prova de parasitologia, fazendo perguntas enquanto eu cavalgava seu pau.

O sexo tinha ficado mais fluido, mais emocionante, e eu fiquei bem mais sintonizada com o meu corpo do que antes. Ele me ensinou coisas que eu não sabia sobre mim mesma, destravou as fantasias obscuras escondidas em minha cabeça, que eu sempre temera serem alguma anomalia. Eu me sentia segura falando delas para ele – do desejo de que ele amarrasse minhas mãos e pressionasse meu pescoço –, e apreciava as noites em que ele as realizava enquanto sussurrava segredos sórdidos no meu ouvido. Às vezes, Devryck era bruto e agressivo, e usava meu corpo para descontar as frustrações do dia, mas então, depois, ele se deitava ao meu lado e passava dedos gentis pelos contornos

dos meus ossos, me dizendo como eu era linda. Eu sabia que meus sentimentos por ele tinham evoluído para algo totalmente desconhecido.

Uma complexidade maravilhosa, que era tão pura e emocionante quanto era proibida.

E, com tudo isso, os estresses que me atormentavam até semanas antes viraram calma. Parecia que Spencer finalmente tinha aceitado algumas coisas, pois não tinha mais me abordado desde aquele dia no corredor. Ele vinha andando com Kendall com mais frequência e eu fazia questão de acenar quando passava por ele no campus, o que ele retribuía com constrangimento.

Paguei a escola de Bee, o que tirou um pouco da pressão do meu relacionamento com Conner, e, depois de tirar esse peso dos ombros, pude me concentrar nos estudos e gabaritei as provas. As meras quatro horas de sono que sempre foram meu padrão de alguma forma cresceram para seis, e eu tive que começar a botar o despertador só para garantir que acordaria na hora todas as manhãs.

Eu esqueci o mundo fora dos portões de Dracadia.

Se o paraíso existia, ficava naqueles corredores antigos e escuros, sob o céu frio e nebuloso, com folhas molhadas de outono grudando nas solas das botas, no cheiro de café e de livros velhos. E nele. Meu professor terrivelmente lindo e mal-humorado.

Sentada à minha escrivaninha, folheei um dos textos sobre a comunidade Cu'unotchke que tinha pegado emprestado na sala Memorial Adderly. Embora a maioria dos alunos não pudesse retirar os textos, Kelvin tinha me deixado pegar aquele sob a condição de devolvê-lo rápido. Eu esperava descobrir mais sobre os dentes de pedras negras, mas a maior parte do que tinha lido até o momento eram histórias folclóricas sobre o povo: que eles supostamente caçavam os tementes a Deus e botavam serpentes malignas nas barrigas dos bons cristãos.

Ao ouvir uma batida na porta, franzi a testa e fechei o livro. Tive uma grande surpresa quando abri a porta e dei de cara com a professora Gilchrist.

– Eu poderia entrar?

Sabe-se lá por quê, mas de repente senti como se estivesse em um daqueles filmes de vampiro, na dúvida se *deveria* convidar o demônio da noite a entrar. Era normal uma professora visitar o quarto de uma aluna? Eu nunca tinha visto ninguém receber a visita de qualquer professor.

– Claro.

Cheguei para o lado para permitir que ela entrasse e passei os olhos pelo cômodo para ver se havia algo de pessoal que eu tivesse me esquecido de

guardar. Depois de entrar, Gilchrist fechou a porta e cruzou os braços às costas.

– Estou me debatendo com uma questão há algum tempo. E cheguei à conclusão de que é melhor confessar.

– Tudo bem. – Mordi o lábio para esconder meu nervosismo.

– Eu sei que a mulher do estudo que você escreveu era sua mãe. – Ela atravessou o quarto e olhou para a foto de Bee, minha mãe e eu. – Assim que vi você, foi como se estivesse olhando para ela de novo.

– Você conheceu a minha mãe?

– Eu era estudante de graduação quando ouvi falar do estudo Crixson. Na época, eu ainda não sabia bem que caminho queria seguir. Só sabia que queria me envolver na parte dinâmica da ciência, e o estudo Crixson tinha muito potencial. Eu me inscrevi para ser assistente de laboratório e secretária do Dr. Warren Bramwell. – Ela se virou para mim, o olhar percorrendo meu quarto como se procurasse algo mais para examinar. – As participantes envolvidas recebiam bem. Foi uma soma que mudou a vida de muitas. Sua mãe era parte do grupo de controle. Como ela era dracadiana nativa e tinha morado aqui a vida toda, o Dr. Bramwell levantou a hipótese de que ela pudesse ter alguma resistência natural à toxina. Em retrospecto, ele tinha razão, mas isso não foi o mais interessante em relação ao tempo que ela passou no estudo. Foi a gravidez.

Eu já tinha chegado a essa conclusão sozinha e entendido que aquele tinha sido o motivo para ela abandonar o estudo. O que não estava claro era se esse abandono tinha sido voluntário.

– Uma noite, o Dr. Bramwell me pediu para ficar até mais tarde e computar alguns dados. Eu estava digitando, distraída, quando ouvi sua mãe falando com certo doutor sobre as *indiscrições* dele, que levaram ao dilema dela.

Dilema. Em outras palavras, *eu*.

Uma náusea intensa abalou meu estômago quando imaginei a possibilidade de ela estar falando sobre o Dr. Bramwell. Isso tornaria o professor Bramwell meu meio-irmão.

– Ele pediu a ela que fizesse um aborto.

Enquanto ela falava, minha pulsação acelerou de impaciência, esperando a reviravolta daquela história.

– Ela disse que precisava pensar. Em seguida, abandonou o estudo e não voltou mais.

– Qual médico? Quem a engravidou? – perguntei, por fim.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

– Fala sério. Você acha mesmo que eu daria uma informação tão importante

sem receber algo em troca?

Claro que não, mas eu não conseguia imaginar que troca ela poderia querer fazer.

– O que você quer?

– Eu quero que você termine o semestre e vá embora sem falar nada.

Com uma única inspiração, eu me senti esvaziada. Sem alma. Como se ela tivesse enfiado a mão no meu peito e arrancado meu coração. Ir embora de Dracadia? O lugar que tinha se tornado meu consolo, meu santuário? Eu não conseguiria fazer isso.

– Foi você quem me convidou a vir para cá.

– Eu cometi um erro.

– É por causa do professor Bramwell. Não é?

Os lábios de Gilchrist se moveram, como se ela fosse sorrir, e ela atravessou o cômodo na direção da janela em frente à minha escrivaninha, com vista para o mar.

– Ele é um professor excepcional, sabe. Nunca demonstrou o menor interesse em nenhuma aluna no campus. Foi por isso que não acreditei naquela história ridícula sobre a garota Harrick. Era como se ele nem reparasse nelas. – Quando ela se virou, o humor em seu rosto tinha sumido. – Até você aparecer.

– Não tem nada acontecendo...

Ela levantou a mão para me interromper:

– Assim você me insulta. Embora o resto do campus possa estar alheio aos seus encontros, eu garanto que não passaram despercebidos.

Nós éramos muito cuidadosos, então seria necessário um esforço consciente para nos vigiar. Não trocávamos nem mensagens, porque Devryck não queria nenhuma prova que pudesse ser usada contra nós.

– Por que você está fazendo isso? Ele deixou claro que não quer nada com você.

Com as mãos às costas, ela riu.

– Se isso fosse verdade, ele não teria me feito uma visita muito *especial* ontem.

A insinuação me fez franzir a testa.

– Quando?

– Ontem à noite.

A mulher devia estar louca, porque nós dois tínhamos passado a noite toda juntos no laboratório dele. Mas desmascará-la não me levaria a lugar nenhum.

– Professora, ir embora não é uma opção. Não há nada para mim em

Covington. E a minha casa ficou de cabeça pra baixo desde a morte da minha mãe. Você não pode fazer isso.

– Eu posso. Uma reunião com Langmore e está resolvido.

Eu não sabia o que aquilo significava. Quais politicagens poderiam tornar real aquela possibilidade. Eu só sabia que ir embora não era uma opção. Não agora.

– Você não estaria aqui, desperdiçando o seu tempo e o meu, se fosse fácil assim. Você está mentindo.

Por uma fração de segundo, achei que ela sairia dali direto para a sala de Langmore para provar que eu estava errada. Esperei um sorrisinho arrogante e a explicação patética de que ela estava me dando uma alternativa.

Nada disso aconteceu.

Isso provava que eu estava certa. Eu tinha acabado com o blefe dela.

Gilchrist enfiou a mão no bolso e pegou um pen drive.

– Está vendo isto aqui? Pode acabar com a minha carreira. Ou coisa pior. Então eu preciso de mais do que sua promessa de merda de ficar longe do Devryck.

– O que você quer?

– Quero saber quem são os membros do Anon Amos.

Aquela não era a informação importante que eu imaginei que ela estivesse procurando. Embora tentadora, considerando minha relação ruim com Mel ultimamente, eu não era do tipo que entregava ninguém.

– Eu não tenho como saber.

– Bom, estou te pedindo para descobrir. E, quando você conseguir, eu te conto quem é seu papaizinho querido.

– Mas por que isso? O que eles têm a ver com você?

Depois de alguns minutos me olhando, talvez em dúvida sobre o que me contar, ela bufou.

– Eu recebi uma ameaça recentemente. De que eles divulgariam uma coisa escandalosa. Eu preciso saber.

Se fosse para tentar adivinhar, eu diria que a coisa era o estranho relacionamento que ela tinha com Spencer. O que poderia ser mais escandaloso do que o casinho dela com o filho do reitor?

– Você pode ao menos me dizer se foi Warren Bramwell o médico que engravidou a minha mãe?

Ela abriu um sorriso demoníaco, como se de repente compreendesse as minhas preocupações.

– Vamos fazer assim: se me der um nome, eu conto se você está trepando com seu próprio irmão.

Eu precisava saber. Não suportaria continuar com essa dúvida.

– Tudo bem. Cat. Uma garota de cabelo escuro. Com piercings. Ela faz parte.

– Cat – repetiu Gilchrist. Não teria me surpreendido se ela dissesse que Bramwell era meu pai só para me traumatizar, mas uma onda enorme de alívio se espalhou pelo meu corpo quando ela respondeu: – Não foi o pai do professor Bramwell.

Graças a Deus.

– É um joguinho divertido, né? Vamos continuar, Srta. Vespertine.

Eu balancei a cabeça.

– Não faz diferença pra mim. Nunca me importei em saber. Por que faria diferença agora?

– Este arquivo contém outras informações além dessa, eu garanto. Mas, se isso não for suficiente para você, talvez goste de saber como a sua mãe acabou infectada com os vermes.

– Como você saberia? Foi quatro anos atrás.

– Eu sou cientista. Eu documento tudo.

– Achei que os arquivos fossem... – Eu hesitei, sem querer arriscar contar a ela mais do que o necessário.

– Fossem o quê? Confidenciais? Que estivessem enfiados num cofre nas entranhas desta universidade? Alguns estavam, sim. Me deram a missão de destruí-los. Algumas caixas foram roubadas antes que eu pudesse fazer isso, mas não antes de ter digitalizado cópias para mim. – Ela girou o pen drive para me provocar. – Aqui tem tudo que aqueles arquivos não têm.

– Eu só preciso te dar um nome? *Um* nome?

– Ah, querida... Por isso aqui? Eu vou precisar da sua bunda sentadinha no próximo trem que partir daqui. É risco demais. – Ela guardou o pen drive no bolso e meu olhar acompanhou cada movimento. – Mas vamos fazer assim: se você me der um nome importante, *eu* dou a *você* um nome importante. Combinado?

Eu falei sério. De fato não fazia questão de saber quem era o meu pai, mas esse dado talvez me ajudasse a juntar as peças daquele quebra-cabeça que ainda atordoava meu cérebro. Especificamente, como a minha mãe tinha se infectado só quatro anos antes. Eu só tinha concluído que ela havia contraído a doença quando veio para o enterro da mãe. Mas talvez tivesse havido algo mais sinistro envolvido.

– Você não vai dizer a eles que eu te contei?

– Claro que não. Eu te dou a minha palavra.

– Melisandre. Ela é a líder do grupo.

Gilchrist ficou pálida.

– Você tem certeza disso?

– Absoluta. Eles se encontram em um pequeno calabouço sob o quarto dela.

O olhar de Gilchrist se perdeu por um momento enquanto ela coçava o rosto, distraída, mas logo saiu do transe.

– Muito bem. Como você foi muito *prestativa*, também serei solícita. Seu pai é...

Meu celular vibrou no bolso, mas eu nem olhei. Gilchrist baixou o olhar e voltou a erguê-lo.

– Você precisa atender?

– Não. Quem é meu pai? – O toque parou, mas recomeçou. Rosnei em pensamento pela intromissão irritante, sem dar nem uma espiada em quem podia ser. – Só me conta.

– O Dr. Lippincott.

Assim que ela disse o nome, meu mundo parou. Balancei a cabeça, tentando assimilar. Tentando imaginar a possibilidade de ser verdade, mas não consegui. Era absurdo.

– Você está mentindo.

– Por que eu mentiria? Ele comeu a sua mãe, a engravidou, e Bramwell o expulsou do projeto. Morrendo de medo de a esposa deixá-lo sem nada, ele pediu que sua mãe fizesse um aborto. Ela desapareceu em seguida.

Eu não podia negar que a versão dela da história fazia sentido, mas outros milhões também fariam. Versões menos traumatizantes, com certeza.

– Foi por isso que você me convidou para vir pra cá. Foi por isso que sugeriu que eu marcasse uma reunião com ele. Não teve nada a ver com o meu trabalho. Com os meus estudos.

Ela abriu um sorrisinho e balançou a cabeça.

– Você é inteligente, isso eu tenho que admitir. Embora tenha ficado intrigada com seu conhecimento de *Noctisoma*, eu o achei falho. Se acho que alguma coisa que você fez na vida merece uma bolsa integral nesta instituição? Não. Você é como qualquer outra, Lilia.

– Como você chegou a mim?

– Bastou jogar seu nome no Google. Como falei, você é a cara dela. Não foi tão difícil juntar as peças.

Ainda abalada, balancei a cabeça.

– Você é uma pessoa horrível.

Com as sobrancelhas franzidas, ela suspirou.

– Eu não era. De verdade. Até você chegar e foder com tudo. – Ela enfiou a mão no bolso e pegou o pen drive de novo. – Antes de ir embora, venha me ver. Eu te dou isto aqui quando você estiver de saída.

Com um sorriso digno de um tapa, ela saiu do meu quarto e fechou a porta.

Não sabia se a informação sobre o meu pai era verdadeira ou não, e me recusava a aceitá-la ou confirmá-la. A minha mãe sempre o descrevera como um homem ardiloso, e, com base no que eu tinha ouvido de Spencer, aquela talvez fosse a única verdade que ela tinha me dito.

Não. Eu não ia embora. Não tinha nenhuma intenção de abrir mão de tudo sem lutar.

Ou de ficar longe de Devryck.

Não agora.

Capítulo 56

DEVRYCK

Passei o polegar ao longo do meu indicador e fiz uma careta ao notar a falta de sensibilidade ali. Merda. Eu tinha acabado de tomar uma dose da toxina, dois dias antes, e, com base na última dose, deveria ter durado uma semana ou mais. Tempo suficiente para eu sintetizar mais.

No domo de vidro, a mariposa que Lilia tinha batizado de Pátroclo dava saltinhos no chão da gaiola, não apenas incapaz de voar, mas em um estado de paralisia quase constante. A toxina estava sendo metabolizada rápido demais. Os efeitos estavam passando conforme o corpo aprendia a reagir. Eu deveria ter outra cobaia preparada, mas tinha ficado confiante demais.

Arrogante demais.

E não tinha tempo para ir atrás de Angelo DeLuca e infectá-lo para colher mais da toxina, como tinha feito com Barletta. Só restava uma amostra, além da que eu havia tirado de Andrea Kepling semanas antes, que talvez nem fizesse mais efeito.

Se eu quisesse salvar o estudo, impedir que tudo fosse ladeira abaixo, precisava encontrar outra vítima. A realidade pesava sobre mim, mas, ao mesmo tempo, o único motivo para eu ter feito progressos tão rápidos era que eu *tinha* procurado as cobaias. Sem elas, o experimento estaria estagnado.

Ao clique da porta, franzi a testa, me virei e vi Lilia entrar no laboratório. Uma interrupção inesperada, pois era começo da tarde e ela só costumava visitar o laboratório à noite, mas sua presença certamente era bem-vinda.

Todos os músculos do meu corpo me incitavam a pegá-la no colo, mas, quando fechei as mãos persistentemente insensíveis, preferi não fazer nada.

A expressão dela ao se aproximar revelava que havia algo a incomodando

também.

– O que houve? – perguntei, desejando estender a mão e acariciar seu rosto, mas ficar sem sentir sua pele seria uma grande punhalada no meu peito.

Ela ficou me olhando por um momento, a testa franzida.

– Você pode me levar a algum lugar?

– Onde?

– Para longe. Eu só preciso ir pra longe daqui por algumas horas.

– Eu conheço um lugar.

Eu me levantei e movi a cabeça enquanto enfiava as mãos nos bolsos. Por um momento, ela pareceu confusa. E com razão. Eu não tinha dado um beijo nela. Nem a abraçado. Nem oferecido o afeto que oferecera na última semana.

Parecendo desanimada, ela foi atrás de mim, e, depois de pendurarmos os jalecos na sala de autópsia, eu a conduzi pela entrada de cadáveres até a porta que dava para o bosque atrás da faculdade, onde eu tinha parado meu carro. Abri a porta para ela e esperei que entrasse.

– Meu Deus, um Maserati? – perguntou ela, a diversão em sua voz amenizando o tom sombrio de momentos antes. – E preto. Como será que eu sabia que o Doutor Morte dirigiria um carro preto com interior de couro preto?

Ela passou a mão pelo assento quando se sentou.

– Combina comigo.

O Ghibli era um carro mais esportivo, mas também era prático, pois tinha um banco de trás onde eu podia jogar o paletó e um porta-malas grande o bastante para comportar um corpo. Depois de contornar o veículo, eu me sentei no banco do motorista e dei partida.

Absorta em suas preocupações, ela ficou em silêncio, olhando pela janela, o que despertou minha atenção.

– O que houve? – tentei de novo, dirigindo pela estradinha de terra que contornava a faculdade e descendo a montanha.

– Eu descobri quem é meu pai.

Como ela não disse mais nada, arqueei a sobrancelha e virei a cabeça para chamar a atenção dela.

– E aí?

– Eu não sei se devo dizer. Não quero jogar isso para o universo. Não me importo com ele. Nunca me importei.

– Então não diz.

Mudei a marcha do carro e deixei que pegasse velocidade enquanto descíamos a montanha a uns 110 quilômetros por hora. Parecendo prever

minhas intenções aventureiras, Lilia abriu o teto solar e inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos contra os esparsos raios de sol que atravessavam as nuvens.

Como eu também estava mergulhado em pensamentos merdas, não insisti que ela me respondesse. Em vez disso, deixei que apreciasse o silêncio entre nós, com o ar fresco do mar soprando seu cabelo enquanto "Noturno em mi bemol maior", de Chopin, tocava nos alto-falantes. Apesar do frio que fazia, senti um calor estranho, o que me fez desejar ter escolhido uma camiseta em vez da camisa de botão. Uma dor latejava nos meus músculos, embora isso não fosse necessariamente incomum, considerando que a dosagem tinha começado a perder o efeito.

Quando nos aproximamos de uma estrada familiar, reduzi a velocidade, e Lilia se empertigou no assento. Ousei pegar o caminho longo e ladeado de árvores, apesar do medo em minhas veias quando as lembranças surgiram dos cantos sombrios da minha mente, como cadáveres se levantando do túmulo.

Ao meu lado, Lilia olhou para as árvores escuras e dilapidadas que escondiam o longo trecho de estrada de terra.

– Que lugar é este?

Parei o carro em frente ao portão preto de ferro forjado que tinha *Propriedade Bramwell* gravado no metal.

– É onde eu cresci.

Depois do portão, via-se a mansão gótica escura e sombria com as janelas de vitral, o telhado inclinado e a torre.

O local sempre parecera fisicamente de luto, com as pedras velhas cobertas de hera, lascadas e desgastadas, e com os jardins malcuidados que meu pai se recusou a preservar depois do falecimento da minha mãe.

Ela espiou pela janela e me olhou em seguida.

– Você morou aqui?

– Gerações de Bramwells moraram aqui. Caed e eu passávamos a maior parte do tempo fora, na escola, então não ficávamos tanto tempo aqui. Mas sim. Aqui era a minha casa.

– É aqui que você fica quando está no campus?

– Não. Eu não boto o pé na casa há uma década. Desde que o meu pai morreu.

Eu não via meu pai havia cinco anos, quando nosso advogado entrou em contato para me pedir que fizesse uma visita. Ele estava no leito de morte havia um tempo, sofrendo da mesma coisa que eu. Foi nesse dia que eu me recusei a

dar continuidade ao seu trabalho. Nesse dia que eu disse que ficaria feliz em vê-lo morrer sabendo que tudo morreria com ele.

– Mas a casa é minha. O filho da mãe me amaldiçoou com ela.

– Seu pai não era um homem bom?

– Não. Não era.

– Então, os boatos sobre que ele fez... – A hesitação ficou clara na voz de Lilia, como se ela não quisesse correr o risco de revelar que tinha ouvido os rumores. – O estudo Crixson. Você acredita neles?

– Você está querendo saber se o meu pai matou seis mulheres?

– Eu estou querendo saber se ele matou a minha mãe.

Não consegui olhar para ela. Meus sentimentos por Lilia tinham ficado complexos. As mentiras para protegê-la não vinham mais com tanta facilidade.

– Não sei – respondi com sinceridade.

Talvez aquela fosse a vez em que fui mais sincero com ela. Embora cientificamente os detalhes da morte de sua mãe e a linha do tempo da doença não batessem, eu conhecia o meu pai. Conhecia as inclinações sádicas, a ambição e os desejos dele.

– É bem possível. Embora eu nunca tenha ouvido falar de alguém hospedar o parasita por tanto tempo. Não tenho nem como investigar as circunstâncias. Alguns arquivos desapareceram. Vários foram destruídos.

– Eu acho que Gilchrist tem esses arquivos.

Franzi a testa e me virei para ela.

– Como você sabe?

– Porque ela disse que me entregaria tudo se eu parasse de me encontrar com você e fosse embora de Dracadia.

– Esses arquivos têm informações sobre a sua mãe?

– Supostamente.

– E você não quis ir embora? Não aceitou a oferta?

Ela baixou o olhar para as mãos retorcidas no colo e um sorriso surgiu em seus lábios.

– Depois que perdi a minha mãe e a Bee foi para o colégio interno, eu meio que me fechei e aprendi a encontrar consolo na solidão. Ela se tornou o meu lar. O único lugar onde eu me sentia segura. Aí, eu vim para cá e conheci você. Descobri que a solidão era uma escolha. Para mim, este lugar é mais do que uma faculdade. – A agitação borbulhava na superfície enquanto ela se remexia. – Acho que eu poderia ter ficado na minha, como sempre fiquei, e permanecido apenas como mais um rosto esquecível na multidão. E talvez Gilchrist nem

tivesse se dado esse trabalho. Ou talvez tivesse, e eu acabaria voltando para minha antiga vida solitária e tivesse todas as respostas que eu desejava. – Ela deu de ombros e afastou o olhar. – Respostas que não importam mais. – Consegui ver um leve sorriso brincando em seus lábios. – Mas a decisão foi tomada no momento em que conheci você. De ficar aqui. Eu escolho você.

Merda. Puta merda. O que eu estava fazendo com aquela garota? O que ela estava fazendo *comigo*?

Ignorei a insensibilidade revoltante e toquei o queixo dela para virar seu rosto para mim.

– Eu escolho você – falei, e a puxei para um beijo, sentindo o sorriso contra os meus lábios. – E acredite quando digo que você é difícil de esquecer.

Liguei o carro, peguei a estrada e segui para o norte da ilha.

– Eu queria perguntar... Por que mulheres? Por que seu pai escolheu só mulheres para o estudo?

Por anos, eu tinha aguentado os boatos de que o meu pai não era diferente do meu trisavô, que tinha escolhido prostitutas como vítimas. Só quando estudei o parasita foi que soube a verdade sobre o motivo.

– As toxinas respondem melhor em mulheres.

– Por quê?

– Ainda não cheguei a alguma conclusão sobre isso. Genética? Evolução? Ainda falta descobrir tanta coisa.

– Tenho a sensação de que devia odiar esse parasita mais do que odeio. Mas tudo nele me fascina.

Eu suspirei.

– Bem-vinda ao meu mundo.

– E Crixson. Esse era o nome do pesquisador?

– Não. Crixson era o nome do lago onde meus pais se conheceram.

Talvez a única ação nobre do meu pai na vida tivesse sido escolher esse nome e não o dele.

Enfim, chegamos à enseada Amorisse e eu parei o carro no acostamento. Depois de abrir a porta para ela, eu a conduzi por uma escadaria bamba até uma enseada linda cercada pelos muros altos de pedra dos penhascos. Ao longe, a quase 1 quilômetro da margem, ficava o arco conhecido pelos habitantes como Salto dos Amantes. O arco culminava em uma cauda com forma de dragão.

Lilia me seguiu em direção à água, e o formigamento na ponta dos meus dedos abafou a vontade de segurar a mão dela. Chegamos à margem que dava na areia branca e nas ondas cinzentas e suaves do mar. Parei em uma parte onde a

maré ainda não tinha chegado e ela parou ao meu lado, o vento balançando seu cabelo como se desejasse tocar nele como eu tocava.

– É tão lindo!

Enquanto ela olhava o arco, eu olhava para ela.

– Salto dos Amantes.

– Eu me lembro de ter visto isso em um livreto que peguei na cidade, mas ainda não li. Qual é a história?

– Uma garota indígena daqui, filha de um cacique, se apaixonou por um simples pescador dracadiano. Ela pediu aos deuses permissão para se casar com ele, e os deuses recusaram e o baniram da ilha. – Enquanto contava a história, eu mexia na areia com a ponta do sapato para soltar uma concha, que peguei e limpei com o polegar. – Ela subiu no topo do arco para ver o barco dele partir, e, do nada, uma tempestade branca atingiu a embarcação dele, jogando-a nas pedras logo abaixo da garota. Arrasada, ela saltou para a morte. – Entreguei a concha perfeitamente intacta para Lilia e a vi ficar maravilhada, como se eu tivesse lhe dado uma joia rara. – A partir daquele dia, a mando dos deuses, as águas em volta do arco ficaram mais calmas e sem ondas, para que mais ninguém morresse naquelas pedras. O povo indígena acreditava que o arco era um portal para a vida após a morte.

Os lábios dela se curvaram num sorriso e o vento soprou uma mecha de cabelo que tive vontade de capturar entre os dedos e prender atrás da orelha dela, mas não me atrevi.

Não me atrevi porque só teria me irritado confirmar que não conseguia sentir sua textura sedosa.

– Tudo nesta ilha tem uma história. As sereias da Baía dos Ossos. As ninfas do lago Squelette. E agora, o Salto dos Amantes. Cada canto parece guardar algo mágico e apavorante.

As ondas foram chegando mais perto. Lilia recuou, quase tropeçando, e eu estendi a mão para segurá-la. Resistindo à repulsa pela falta de tato, forcei um sorriso e ela riu.

– Bom, o que falta agora? – perguntei, soltando-a. – O mar está esperando.

Ela me lançou um olhar, como se pensasse que eu não ousaria. Ela mordeu o lábio inferior em meio a um sorriso, depois tirou as botas e meias e jogou tudo na areia seca atrás de nós. Com os pés juntos, ela respirou fundo e fechou os olhos. As ondas a alcançaram com o tipo de determinação que eu sentia pulsando no meu próprio peito.

Com um gritinho, ela pulou para trás, depois deu um passo cauteloso à

frente. Outra onda veio em seguida, e eu vi suas pernas tremerem quando ela levantou o vestido e deixou a água se acumular ao redor. Lilia me lançou um sorriso por cima do ombro, um sorriso tão lindo que tive vontade de emoldurar. De capturar. De estudar sua alquimia. Como uma expressão simples podia ser tão inebriante...

Encorajada, ela chegou para a frente e deixou a onda seguinte envolver seus tornozelos. Um pouco mais e a próxima alcançou as panturrilhas. Admirado, eu a vi deixar o mar seduzi-la, fazer cócegas até ela virar uma garotinha dando risadinhas, dançando, pulando e brincando na água. Foi aí que meus fracassos e as preocupações dela foram levados embora, purificados pelo sal e pelo ar e pelos sons calmantes que reverberavam nos paredões de pedra ao redor.

Foi aí que eu comecei a me perguntar se o que eu sentia por Lilia era algo além do que eu me permitia admitir.

Não me entreguei a esses pensamentos porque sabia que o destino e o mundo não davam nada de graça. Que nos atraíam em um canto de sereia e nos puxavam para as profundezas inevitáveis da dor que se seguia.

Lilia era um perigo. Um ponto fraco. A fenda na minha armadura que ameaçava destruir minhas defesas. Eu não podia deixar que isso acontecesse. Não com os Gralhas observando de perto, esperando a notícia da minha variante mais recente.

No entanto, a radiância que ela emitia era hipnotizante. Um calor que me lembrava de como a morte podia ser fria, às vezes.

Ela pulou e tropeçou nas ondas, tentando levantar o pé da água. Depois de fracassar nessa tentativa, ela andou mancando pela areia apoiando apenas o calcanhar no chão e deixando um rastro vermelho.

– Acho que eu me cortei em uma concha – disse ela com uma careta. – Droga.

Quando Lilia enfim se sentou ao lado das meias e dos sapatos, eu segurei seu pé e examinei o corte pequeno abaixo do dedão.

– Eu tenho uma coisa para limpar. Aguenta firme.

Subi a escada até o carro e, no porta-luvas, peguei o kit de primeiros socorros que deixava lá.

Uma dor intensa atingiu os dois lados do meu crânio.

Porra!

Com as mãos na cabeça, fechei bem os olhos contra o som intenso que penetrava meus tímpanos como lâminas quentes e caí no chão. A dor irradiava, descendo do meu pescoço para os braços, onde eletrificou meus ossos. Quando

um calor ardente atingiu minha coluna, eu me arqueei e grunhi, sentindo o ataque descer pelas minhas pernas como se o meu corpo estivesse cristalizado por dentro. Não havia nada que eu pudesse fazer. Cada músculo estava paralisado. Dentro do bolso do casaco, no banco de trás, estava a última dose da toxina, mas não tinha como eu pegar. Uma dor penetrante atingiu meu peito, e eu fiquei deitado de barriga para cima, olhando os pássaros – corvos – voando em círculos.

Um prenúncio de morte.

É agora.

Impérvio. Impérvio!

Um punho invisível pressionou meus pulmões e baniu o ar em uma arfada excruciante.

Fazia sentido que, na hora que eu tinha começado a sentir alguma coisa naquela minha existência dormente, o destino a arrancasse de mim como um amante ciumento.

Fechei os olhos e deixei a escuridão me engolir.

Capítulo 57

LILIA

Outro olhar para a escada e eu franzi a testa. Não deveria levar tanto tempo. Ele era organizado demais para precisar ficar dez minutos procurando algo. Ou talvez só parecessem dez. De qualquer modo, eu que não ia ficar esperando.

Amarrei as botas, depois de ter enfiado o pé ensanguentado na meia branca, e subi a escada. Só estava ardendo. Não parecia ser o caso de cirurgia nem nada.

Quando cheguei ao topo da escada, quase caí para trás ao ver Devryck ao lado do carro.

Seu corpo estava tremendo e convulsionando, e, ignorando meu pé, corri até ele. Senti o joelho arder quando caí ao seu lado.

– Devryck! Devryck!

Como da última vez, eu o virei de lado e procurei alguma coisa para colocar embaixo da sua cabeça. Fiquei de pé, vi o paletó dele no banco de trás e o peguei. Quando tentei enrolá-lo, senti um objeto duro dentro e remexi no bolso.

Uma seringa cheia da substância roxa.

Ofegante, olhei para a seringa nas minhas mãos e depois para ele, inconsciente, em convulsão.

Eu poderia ter chamado a emergência, mas talvez não chegassem a tempo.

– Merda! – Segurei o braço trêmulo dele e estudei o mapa de veias se destacando. – Viciados em drogas fazem essa merda, Lilia. Aplica logo nele!

Usando a manga do paletó, improvisei um torniquete ridículo. O kit de primeiros socorros estava caído no banco do passageiro, e procurei um lencinho umedecido com álcool. Trêmula, afastei o pensamento de que já seria tarde demais. De que ele estava em convulsão havia muito tempo. Que o coração dele

podia já ter parado.

O pânico me levou a abrir o pacotinho do lenço com álcool e passei em uma veia do antebraço. Respirando pelo nariz, tirei a proteção da seringa e alinhei a agulha com o vaso pulsante, a ponta balançando com o meu tremor e o dele. Fechei os olhos e respirei fundo. *Por favor*.

Em meio a uma nuvem de lágrimas, empurrei a agulha, rezando para acertar o ponto, e injetei o fluido no braço dele como o tinha visto fazer naquela noite em sua sala. Segundos se passaram, o corpo dele ainda abalado por tremores.

– Vamos lá, Devryck, por favor. Por favor! – Passei a mão pelo cabelo úmido dele e segurei um soluço. – Você não pode partir. Eu não vou deixar. Está me ouvindo? Eu não vou deixar você morrer. Você é a coisa mais importante pra mim, e eu juro que, se você não sair dessa, eu vou te caçar no pós-vida. – Mais segundos. – Acorda, Devryck!

Fui até o carro para pegar meu celular, que estava na bolsa. Quando voltei para perto dele, Devryck tinha parado de tremer.

Um buraco frio se expandiu no meu peito quando o vi deitado tão imóvel no chão. *Não*.

– Devryck, acorda. Por favor.

Ele não se mexeu. O peito não se moveu. Os olhos não se agitaram. Só o que eu via era uma paralisia horrenda, que corroeu minhas costelas.

O medo cresceu nas minhas entranhas. Subiu pelo meu peito e fechou os dedos frios no meu coração, apertando até acabar com o meu ar. Balancei a cabeça e me sentei ao lado dele de novo.

– Não. *Não!*

Eu dei um soco no peito dele.

Os lábios de Devryck se abriram em uma arfada. Outra. E outra. Ainda de olhos fechados, ele virou a cabeça para o lado e, com um chiado apavorado de alívio, olhei o peito dele e observei cada subida e descida que me fizeram ver que ele estava respirando. Foi nessa hora que reparei no suor em seu rosto e pescoço.

Levei a mão à testa e à bochecha dele.

– Ah, meu Deus, você está pegando fogo.

Eu precisava levá-lo para algum lugar onde pudesse lhe dar água e antitérmico. Meu alojamento não era uma opção, e eu nunca tinha ido ao apartamento dele no campus. O hospital, talvez, mas e se fizessem um exame de sangue e encontrassem a toxina? Ele poderia se encrencar por isso?

Devryck soltou um grunhido baixo, mas, quando levantei suas pálpebras, os olhos dele permaneceram fixos, as pupilas dilatadas. Inconsciente.

Enfiei os braços sob as axilas dele e ergui a parte superior de seu corpo. O cara era tão grande e pesado que eu quase não consegui, mas, depois de respirar fundo algumas vezes, fiz um esforço e o virei o suficiente para puxá-lo para o banco de trás do carro. Coloquei-o meio desajeitado no assento, soltei o ar pelo esforço e botei as pernas dele sobre o banco para fechar a porta.

Havia alguns anos que eu não dirigia e, quando me sentei no banco do motorista, a ansiedade me deixou com os nervos à flor da pele. Liguei o motor e dirigi para Emberwick, por onde tínhamos passado no caminho. No banco de trás, Devryck grunhiu e resmungou, e, quando espiei pelo retrovisor, vi o suor brilhando no corpo dele.

Minutos depois, cheguei ao centro e parei em uma vaga na frente do boticário que eu tinha visitado semanas antes. Deixei-o no carro com a janela um pouco aberta, saí e corri para a loja, onde a mulher mais velha que tinha me atendido da outra vez me cumprimentou com um sorriso.

O sorriso sumiu quando ela percebeu que havia algo errado.

– Eu preciso de ajuda! O meu... meu... professor. Ele está com febre. Está pegando fogo!

– Nossa!

Ela andou pela loja, pegando várias coisas nas prateleiras. Minha mente estava tão tensa por causa da condição de Devryck que eu nem percebi o que ela tinha pegado. Nós duas corremos para o estacionamento, ela abriu a porta e entrou no espaço estreito entre ele e os bancos da frente.

– Ah, ele está bem quente. Muito quente.

Esperei do lado de fora, andando de um lado para outro, roendo as unhas. Eu sempre tinha acreditado muito em medicina holística, mas e se não desse certo? E se a toxina atrapalhasse as propriedades curativas das ervas?

A mulher passou um pano fresco na testa dele e deixou o pano ali; depois disso, saiu do veículo.

– Eu vou preparar um chá gelado de pedra negra. Às vezes, ajudava a baixar a febre do meu filho. Fique resfriando a temperatura dele com o pano. Eu já volto.

Assenti, com lágrimas nos olhos, e me enfiei entre os assentos, como ela tinha feito. Reparei que a mulher tinha desabotoado a camisa dele e apoiado sua cabeça no paletó enrolado. Isso me lembrou do dia na sala dele, quando Devryck gritou comigo por usá-lo. O pensamento conseguiu ultrapassar meu medo e eu ri.

– Se você não sair dessa, vou queimar todos os seus paletós caros.

– Você não vai... queimar... meus paletós – murmurou ele, e uma euforia sacudiu meus músculos.

– Devryck? Abra os olhos. Eu preciso ver que você está bem.

Ele abriu uma fresta dos olhos e fez uma careta quando se mexeu no assento, mas levantou as pálpebras e exibiu aqueles olhos lindos e flamejantes. Apesar de as pupilas ainda estarem dilatadas, ele parecia estar consciente. Lúcido.

Tirei o cabelo de sua testa úmida e soltei o ar.

– Eu fiquei apavorada. O que aconteceu?

– A... toxina... parou de funcionar.

A decepção parecia uma nuvem pesada entre nós.

– Por quê? Você não disse que tinha descoberto uma forma de torná-la sustentável?

– Eu... me enganei.

– Eu administrei a dose que estava no seu casaco. Fiz mal?

– Mal... por você ter... salvado a minha vida?

Uma risada frustrada me escapou. Eu não queria rir, cacete. Aquilo tudo tinha me deixado abalada.

– Aqui – disse a mulher do boticário, me entregando um copo alto de líquido preto, cuja superfície cintilava como se houvesse diamantes nela. – Tome um gole disto.

– O que é? – perguntou Devryck, a voz delirante.

– Não importa. Você vai tomar querendo ou não. Eu salvei a sua vida, então você tem que me obedecer.

– Porra. Você vai... usar isso contra mim pra sempre, né?

– Pelo tempo que for necessário. Agora, beba.

Eu firmei o braço dele e tentei ajudá-lo a se sentar. Devryck franziu a testa, como se ainda sentisse dor, o peito e o pescoço ainda cobertos de suor. Com expressão séria, ele pegou a bebida da minha mão e tomou um gole. Levantando o copo de leve, ele assentiu para a mulher.

– Obrigado.

– Eu volto em um minuto para ver como você está. Tudo bem?

– Ah! Qual é o seu nome? – perguntei, antes que ela se afastasse.

– Francesca.

O som desse nome ondulou pelo meu coração, e eu me perguntei se o nome falso da minha mãe tinha sido escolhido em homenagem a ela.

– O meu é Lilia. Obrigada.

Com uma piscadela, ela entrou na loja, e eu me virei para Devryck.

– Então... você parou de sentir as coisas? Foi por isso que evitou tocar em mim hoje?

Com as sobrancelhas baixas, ele olhou para a bebida.

– Saber como é sentir você talvez tenha sido a pior tortura.

– E o que isso significa?

– De volta ao começo. – Com um suspiro, ele tomou outro longo gole, mais longo do que o anterior, e me entregou o copo. – Não sou fã de chá. Nem mesmo dessa versão gótica esquisita.

Com um sorriso inquieto, aceitei o copo e olhei para o líquido borbulhante.

– É pedra negra. E, aparentemente, é bem difícil de obter, então não vou desperdiçar.

Tomei o resto da bebida, que não era muito, e sequei a boca com as costas da mão. Aparentemente ele estava em risco de novo. Poderia ter morrido nos meus braços naquela enseada. Eu nem queria pensar no que poderia ter acontecido.

– Eu achei bem gostoso, até.

Afastei os pensamentos sombrios e sorri, porque, puta merda, ele ia ficar bem. – Como é saber que eu acabei de engolir sua saliva? – perguntei, e forcei uma risada, louca por uma distração.

– Você já engoliu coisa pior. – Ele grunhiu e se impulsionou para a frente, na direção da porta do passageiro. – Vamos embora antes que ela traga mais dessa merda.

– Seja gentil. É graças a ela que você não está tendo uma convulsão febril agora.

– Foi por causa da toxina. Mas desconfio que essa dose só vá durar uns dois dias. As convulsões vão ficar piores, então eu preciso voltar para o laboratório.

Deixei o banco de trás e permiti que ele saísse do carro, cambaleando ao dar um passo para o lado.

– Prefere que eu dirija?

– Talvez não. Só preciso de um minuto.

– Vou agradecer de novo a Francesca e avisar que você está bem. Tem certeza que consegue dirigir?

– Estou bem.

– Tudo bem, eu já volto.

Dei uma corridinha até a loja, onde Francesca me recebeu com um sorriso, e, quando entreguei o copo vazio, ela me deu um saquinho.

– Um pouco mais de chá de pedra negra.

– Ah, não. Não posso aceitar. Você já me deu muito.

– Por favor. É para o caso de a febre voltar. – Quando me entregou, ela segurou a minha mão. – Ele é um Bramwell.

– É – respondi, embora hesitante, já desconfiada das opiniões dela.

– Eles moram nesta ilha há muitos anos. Só toma cuidado, querida.

Abri um sorriso, apesar da vontade de dizer que o que ela tinha ouvido sobre Devryck não passava de intriga.

– Pode deixar.

– Se cuida.

Quando saí da loja, Devryck já estava no banco do motorista, acelerando o carro enquanto me provocava a ir logo. Eu me sentei no banco do passageiro e ele disparou na direção da universidade.

– Tenho uma viagem a trabalho em dois dias – disse ele, olhando para mim.

– Ah. Tudo bem.

Caramba, o dia tinha sido uma montanha-russa de emoções, contando a visita de Gilchrist e o que tinha acontecido na praia. Agora, a decepção de ele viajar.

– Você já se matriculou no próximo semestre?

Eu tinha recebido o e-mail de Langmore, mas ainda não tinha parado para fazer isso.

– Não, ainda não. Mas eu vou.

– Que bom. Eu vou pré-aprovar você para neuroparasitologia no segundo semestre. E para o meu laboratório de anatomia macroscópica.

– Achei que esse fosse reservado para os alunos de medicina – comentei.

– E é. Mas eu sou o professor. Posso incluir quem eu quiser, se achar que a pessoa tem capacidade de acompanhar. Então, não deixe de incluir essa matéria.

Um sorriso brincou nos meus lábios.

– E se eu não quiser fazer?

– Você vai fazer, querendo ou não.

Ele segurou a minha coxa, mas logo recolheu a mão de volta, fazendo o carro sacudir com o movimento. Franzindo a testa, Devryck levantou a mão e a virou como se encarasse algo estranho.

– O que houve?

– Meu tato voltou.

Eu olhei para a mão dele e para seu rosto.

– Isso é ótimo.

– É impossível.

Ele saiu da estrada principal e pegou uma ruazinha obscura. Quando o carro parou, ele apertou o botão do isqueiro no painel. Na hora em que a luz acendeu, Devryck segurou a ponta aquecida perto da pele e franziu mais ainda a testa.

– Voltei a sentir.

– A toxina está funcionando, então?

– Acho que não. – Ele cerrou o punho. – Eu ainda estava dormente, depois da injeção.

Intrigada, balancei a cabeça.

– Então como?

– O que ela me deu lá no boticário?

– Eu não vi tudo, só fosfato de potássio, eu acho. E flor de sabugueiro. E o chá, claro.

Tirei da bolsa o pequeno sachê que ela tinha me dado e entreguei para ele. Devryck o pegou da minha mão e o aproximou da luz, onde a superfície cintilante brilhou através do saquinho.

– Lilia... isso pode ser o que faltava. Pode ser o que consegue manter a toxina ativa.

– Bom... faria sentido, né? Os pássaros que não ficam infectados. O... o... o povo indígena, que usava as pedras negras como dentes.

Gesticulei para os meus próprios dentes e reparei no tremor de empolgação que eu sentia.

– Eu preciso testar. Para ter certeza de que não degrada a toxina. Mas você talvez tenha encontrado um complemento brilhante.

– Bom, tecnicamente, eu não...

Antes que eu pudesse terminar a frase, ele puxou meu rosto até o dele e pressionou meus lábios em um beijo.

– Vem aqui – disse ele, empurrando o banco para ficar deitado. – Vem aqui, porra.

O tom rouco e desesperado da voz dele espelhava a carência pulsando em mim. Depois do estresse de mais cedo, fui tomada por uma onda de pura adrenalina. A perspectiva de queimá-la me atiçava o bastante para que eu avançasse sem pensar muito sobre como faríamos aquilo no carro dele.

Passei por cima do console e montei no colo dele no assento apertado, o volante nas minhas costas, enquanto Devryck começara a abrir a calça. Com mãos ágeis, ele ficou sem nada e puxou meu vestido para cima.

– A camisinha – disse ele, erguendo os olhos para mim.

A turbulência perigosa nos olhos dele deixou meu coração em frenesi. Devryck me olhou como se estivesse fantasiando fazer um filho comigo mas logo saiu do transe. Grunhindo, ele ergueu os quadris o suficiente para me chegar para cima, enfiou a mão no bolso da calça arriada e, depois de abrir um

pacotinho, colocou a camisinha em seu membro ereto.

Eu só consegui puxar a calcinha para o lado antes que ele me pegasse pelos quadris e me puxasse contra sua virilha. Já molhada, sentei nele com facilidade, mordendo o lábio inferior enquanto seu pau me preenchia e me alargava.

– Pooooorra! – Ele inclinou a cabeça para trás, os olhos perdidos no êxtase.

Segurando minha nuca, ele me puxou para um beijo e encostou a testa na minha.

Levei a mão à janela, os dedos roçando o vidro, desesperados para agarrar alguma coisa. Para rasgar, arranhar e cortar. Minhas mãos desejavam destruir, assim como ele me destruía por dentro, me deixando voraz.

– Você é a febre nas minhas veias – disse ele entre os dentes enquanto metia em mim com determinação furiosa. – Uma loucura incurável da qual não consigo me livrar. Comer você é a única coisa que me mantém são, Lilia.

Ele sugou meus lábios e roubou meu ar, e, quando se afastou, levou a mão ao meu pescoço e pressionou o suficiente para me fazer abrir a boca e interromper a respiração seguinte. Uma euforia vertiginosa tomou conta de mim, e meu corpo balançou quando ele puxou o corpete do vestido, expondo meus seios, que balançavam a cada arremetida brutal.

– Eu só penso nessa sua bocetinha. Não quero mais nada. Você infectou todas as partes de mim, e não consigo impedir. Não consigo interromper essa obsessão.

A falta de ar, as palavras dele e a sensação do seu pau me preenchendo deixaram minha cabeça tomada pelo caos, meu corpo em um estado de paralisia. Ele me apertou mais, e soltei um gemidinho.

– Não. Nada de falar baixinho. Eu quero te ouvir gritar. Você está no fogo agora, mariposinha. Me mostra seu poder de fogo.

Devryck afrouxou a mão o suficiente para eu soltar um gemido rouco e grave.

Eu me segurei no banco atrás dele e cavalguei intensamente, apreciando a expressão sofrida de êxtase no rosto dele quando a cabeça pendeu para trás, a mandíbula contraída, as veias saltando no pescoço.

– Ahhh, porra! – Ele cravou os dedos nos meus quadris quando eu acelerei o ritmo, os sons molhados uma prova de como aquele homem me deixava com tesão. – Eu quero sentir você gozar no meu pau – disse ele com voz rouca.

O carro sacudia com as arremetidas agressivas.

Meus gemidos cresceram quando fui tomada por um prazer quente e explosivo.

Fechei bem os olhos, mas os abri de volta quando senti a pressão no meu pescoço.

– Olha pra mim. Eu quero te ver gozar.

Um raio atingiu meus músculos, deixando-os retesados. O nome dele reverberou dentro do meu crânio e eu o gritei repetidamente. Devryck pressionou a boca na minha e mordeu meu lábio inferior quando se afastou.

– Você é uma visão cruel da perfeição.

Os quadris dele se moveram sob mim, me incentivando a me erguer, e ele levantou a barra do meu vestido ao sair de mim, tirar a camisinha e jogá-la em um recipiente de lixo ao lado. Enquanto eu me acomodava em suas coxas, ele continuou a estimular o pau, e, segundos depois, jatos quentes pintaram minhas coxas quando ele direcionou seu clímax para a minha pele.

Mordendo o lábio, com as sobrancelhas contraídas, o pescoço suado do exercício, ele grunhiu enquanto se via gozar em cima de mim. Como se estivesse marcando território. Como se estivesse me tornando dele.

A imagem fez meu ventre se contrair.

Ele me puxou contra si e me segurou ali, e eu apoiei a cabeça em seu peito de mármore, ouvindo seus batimentos cardíacos enlouquecidos. Um som tão lindo depois do que tinha acontecido mais cedo.

– A gente não devia ter feito isso aqui. Tão expostos.

Eu sorri, a bochecha ainda encostada na pele quente dele. Apesar de não ter visto nenhum carro ou casa por perto, quando ele parou, Devryck estava certo. Nós tínhamos que tomar mais cuidado, embora eu admitisse que aquilo tinha sido parte da emoção, para mim. Meu cabelo estava grudado na pele úmida, as janelas embaçadas da transa intensa.

– Devryck – falei, sem fôlego, todos os músculos exaustos e liquefeitos. – Eu estou com medo.

– De quê?

– Isso está começando a parecer mais do que só sexo pra mim.

– E por que isso te assusta?

– Porque eu não consigo ver além do abismo, e parece que é aí que as coisas desmoronam. – Fiquei com raiva ao sentir a ardência em meus olhos. Eu não queria chorar na frente dele. Não depois daquilo. Minhas emoções pareciam fios soltando fagulhas. – Se você me largar agora, se me chutar...

– Ei. – Ele pegou meu cabelo, puxou minha cabeça para trás e me olhou. – Não precisa ter medo. Eu nunca vou te machucar, Lilia. Na verdade, eu vou destruir qualquer um que te machuque.

Eu o amava. Todas as células, todas as fibras do meu ser gritavam essa verdade bem alto. Mesmo que eu não fosse ousada o bastante para dizer, nem

tivesse coragem de correr o risco de ter aquilo roubado de mim, as palavras eram tão reais quanto os meus medos.

As palavras que eu guardava em segredo, como meus outros objetos... escondidos em segurança.

Capítulo 58

LILIA

Acesso negado?

Franzi a testa e me recostei na cadeira da escrivaninha, depois tentei fazer o login uma terceira vez. A mesma mensagem de erro apareceu. O que estava acontecendo?

– Algum problema? – disse uma voz na porta, e eu me virei e vi Mel apoiada no batente com os braços cruzados.

Embora Gilchrist tivesse prometido não me dedurar, me senti culpada por ter entregado o nome dela.

– Só estou tentando fazer a inscrição para o semestre que vem.

– E não está conseguindo?

Eu parei e a encarei, avaliando a expressão divertida em seu rosto.

– Não estou? – perguntei de volta.

– Talvez o papai não tenha gostado de levar bronca.

– Como assim?

– Lilia Lippincott. Até que soa bem.

Fiquei péssima nessa hora, quando me dei conta do que Gilchrist tinha feito. Ela tinha trocado um escândalo por outro. Me esforçando ao máximo para manter a cara de paisagem, eu me recusei a confirmar uma coisa sobre a qual eu também não tinha confirmação. Era especulação. Boato. Eu não tinha um teste de DNA para provar nada.

– Eu não sei por que achei que pudesse confiar em você. Lixo de Covington.

– O que você fez?

– Meu blog nunca foi tão popular quanto agora. Teve mais de quatro mil acessos em questão de duas horas. E o escândalo da semana que vem vai ser uma

delícia. *Suposta filha do reitor trepa com o Doutor Morte.*

– Eu não sei do que você está falando – menti.

Ela revirou os olhos e, quando puxou o celular do bolso, meus joelhos quase cederam. A foto mostrava o carro de Bramwell, as janelas embaçadas e a minha mão no vidro. Mas não tinha nenhum rosto.

– Não sei do que você está falando – repeti, sem nem piscar.

Ela resmungou e deu zoom na mão. Dava para ver a tatuagem *Memento mori* no meu antebraço.

– Mais ninguém no campus dirige um Ghibli Maserati.

A ideia de que ela tinha nos espionado, que tinha chegado ao ponto de tirar fotos para criar a porra de um escândalo, deixou meu estômago embrulhado. Eu sempre brinquei que Covington era o lar das piores almas, mas ali elas eram de uma categoria diferente. Um tipo maligno e manipulador de seres humanos.

– Por quê?

– É sério isso? Você me dedura e está me perguntando por quê?

– Ela estava guardando informações sobre tudo. O meu pai. A minha mãe!

– Ah, que dó. – O jeito como ela debochou de mim fez eu me coçar de vontade de avançar e dar na cara dela. – Você quase me fez ser expulsa. Para a minha sorte, Lady Gilchrist estava disposta a fazer um acordo.

– Ah, sim. Ela fez um acordo comigo também – falei com deboche. – Boa sorte com isso.

– Você é patética, sabia? Não tem nenhum senso de autopreservação. Mas até que faz sentido. Que você e Spencer sejam irmãos. Uma família patética.

Só que Spencer tinha me contado que Lippincott não era o pai dele. Não que eu planejasse divulgar essa informação para aquela escrota fofoqueira.

– Vai se foder. Sai do meu quarto.

– Parece que não vai ser seu por muito tempo – disse ela, e foi embora de mansinho como a cobra que era, oferecendo uma trégua do sorriso arrogante estampado em sua cara.

Spencer.

Por motivos inexplicáveis, eu queria falar com ele. Peguei o celular e telefonei. Tocou e tocou, e, quando caiu na caixa postal, desliguei e liguei de novo. Todos os nervos no meu corpo se afligiram enquanto eu esperava cair na caixa postal de novo.

O diretor Langmore apareceu na minha porta, ladeado por dois seguranças de uniforme.

Confusa, baixei o celular, tentando entender por que estavam no meu

alojamento. Langmore ajeitou os óculos e cruzou os braços.

– Srta. Vespertine? Vou pedir que arrume suas coisas imediatamente.

Os olhares dos alunos que passavam me deixaram com as bochechas ardendo enquanto eu tremia, incrédula.

– Como é? – perguntei, a voz falhando diante daquela ordem desconcertante.

– Por favor, arrume suas coisas. A senhorita será acompanhada à balsa imediatamente.

Acompanhada? Para fora de Dracadia?

– O senhor... está me expulsando?

– Sim, Srta. Vespertine.

– Posso perguntar por quê?

Langmore tirou os óculos e apertou o alto do nariz.

– Por favor, não dificulte as coisas. Suas despesas de balsa e trem serão cobertas, então não precisa se preocupar com isso.

Me preocupar com *isso*? Aquela era a menor das minhas preocupações no momento. Olhei ao redor, sem saber por onde começar. Aquele quarto tinha se tornado o meu lar. O meu porto seguro. Por onde se começava a arrumar tudo? Lágrimas surgiram nos meus olhos quando peguei a mala na prateleira e comecei com as roupas, dobrando-as com cuidado. Guardei as botas, as fotos, os enfeites e a concha que Devryck tinha me dado.

Eu queria muito ligar para ele, mas, embora tivesse seu número, tinha medo de fazer contato, principalmente por ele estar viajando a trabalho. Quem sabia como aquilo acabaria? E a única coisa que faria eu me sentir pior era a faculdade descobrir sobre nós e acabar com o nosso relacionamento. E punir Bramwell por isso. Nós tínhamos evitado qualquer comunicação por telefone, não havia nenhum rastro de e-mails, mas, naquele momento, eu quis poder lhe mandar uma mensagem. No mínimo, para me despedir.

Quando terminei de colocar as coisas dentro da mala, parei no meio do quarto, as lágrimas embaçando a minha visão.

A expressão de Langmore demonstrava remorso, pelo menos. Ele não estava com o mesmo sorriso arrogante de Mel. E me deu pelo menos um pouco de dignidade, pois dispensou os seguranças.

Por mais que eu quisesse, não podia ligar para Jayda. Eu me recusava a jogar meu problema nas suas costas; ela estava com um bebê recém-nascido. Eu não tinha alternativa. Por pior que fosse, seria forçada a voltar ao meu apartamento.

Langmore me levou pelo corredor, um percurso constrangedor demais, pelo jeito como todo mundo ficou me olhando. Quando passamos pelo quarto da

Mel, nem olhei para ela. Será que minha expulsão se devia ao post no blog dela? Lippincott ficara sabendo?

Fiquei irritada quando ouvi a risada dela, e algo em mim explodiu.

Com uma virada súbita, larguei a mala e a bolsa e dei um soco na cara dela. Mel soltou um grito ao cair para trás, contra a parede.

– Srta. Vespertine! – Langmore puxou meu braço quando eu me preparei para dar outro soco. – Não vamos criar uma cena!

A adrenalina corria pelas minhas veias. Respirei pelo nariz e vi o que tinha feito; Mel encostada na parede, sangue já escorrendo pelo nariz. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu pegava minhas coisas e íamos até o elevador, para descer para o térreo.

Em silêncio, ele me levou de carro até a balsa. No cais gelado, enquanto aguardávamos minha carona, Langmore pigarreou.

– Eu não queria nada disso. Só para que saiba, Srta. Vespertine. Sinto muito mesmo.

As lágrimas correram pelas minhas bochechas.

Eu também não queria aquilo.

Mas a felicidade não era assim? Talvez fosse o motivo para sempre haver um abismo escuro no horizonte. Porque eu estava condenada à solidão.

O trem chegou à estação vazia e, quando parou, olhei pela janela e vi o motorista de Uber que eu tinha chamado. Felizmente, eu ainda tinha um pouco do dinheiro que Devryck me dera. Quando cheguei ao apartamento, estava emocional e fisicamente exausta. Meu celular tinha ficado sem bateria no caminho entre a estação e o apartamento, o que tornou o trajeto de Uber meio irritante.

Um medo horrível surgiu no meu estômago quando subi a escada até o apartamento. Quando cheguei à porta, Conner a abriu com uma expressão de pena.

– Oi, garota – disse ele, e pegou a minha mala.

Observei o ambiente com cautela à procura de Angelo, a única coisa que poderia piorar a volta indesejada para casa.

Um cheiro horrível agrediu meu olfato e, quando passamos pela cozinha, reparei na pilha de pratos sujos, nas embalagens de comida velha e nas latas de

cerveja na mesa e no chão.

– Não... Não se preocupa com isso. Eu vou arrumar. É que eu acabei de chegar do trabalho.

Não falei nada quando ele me levou pelo corredor até o quarto. Olhei para a direita, rumo ao corredor escuro, e ele olhou por cima do ombro e depois para mim de novo.

– Ainda não arrumei ninguém pra alugar. Callahan decidiu ficar no apartamento dela. Mas não quero que você se preocupe. Vou cuidar das coisas até você arrumar trabalho, está bem? Só, hã... se acomoda.

Ele abriu a porta do antigo quarto, que parecia o mesmo, como se nada tivesse sido tocado, felizmente. Só estava mais vazio porque a maioria das minhas coisas ainda estava na mala, mas limpo.

Eu nem tive energia para desfazer a mala, só andei como um zumbi até a cama. *A* cama. Não a minha cama. Nada no apartamento parecia meu agora. Eu tinha a sensação de ter caído em um mundo estranho, de estar tentando encontrar conforto num lugar que tinha se tornado desconhecido para mim. Dracadia era o meu conforto. O meu lar. Não aquilo. Não ali.

– É bom te ver de novo, Lil – disse Conner, e o estalo da porta sinalizou a saída dele.

Ouvindo seus passos se afastarem, eu me deitei na cama e finalmente desmoronei.

Capítulo 59

DEVRYCK

Duas horas antes

Viciados andavam pelas ruas enquanto eu percorria a Metanfetavia, uma área que fica no centro de Thresher Bay. Barracas improvisadas ocupavam as calçadas, com pessoas em situação de rua injetando drogas e prostituição descontrolada. Com olhos inquietos, procurei minha próxima cobaia.

No laboratório, eu tinha dado o chá-negro para Pátroclo e Aquiles e visto as duas mariposas levantarem voo depois de terem voltado ao estado de paralisia. Agora que eu tinha um método para sustentar os efeitos da toxina, era hora de uma nova cobaia, para colher toxina fresca com as minhas larvas mais recentes e tentar produzir uma versão sintética, para deixar de lado a necessidade de colher material de humanos. Eu só precisava de um pouco mais.

Havia uma morena na esquina das ruas Gratis e Vine usando um vestidinho preto, saltos e um casaco. Não foi a escolha de roupa que me revelou que ela era uma prostituta, mas o fato de ter se aproximado na mesma hora e se inclinado na janela do passageiro do meu carro quando encostei no meio-fio.

– Oi, bonitão. Por favor, me diz que você tá procurando companhia.

Não consegui olhar para ela e fiquei olhando pra frente, observando pelo para-brisa as centenas de outras pessoas que poderia ter escolhido. Não era pessoal. Eu só tinha optado por ela no lugar de um viciado porque não queria sair arrastando um corpo semiconsciente.

– Estou – menti.

– Opa, que ótimo.

Ela abriu a porta e se sentou no banco do passageiro, cheirando a perfume de rosas. Porra, eu odiava aquele cheiro.

– Você sairia da cidade?

– Depende de quanto dinheiro você tem, benzinho.

Mostrei a pilha de notas dobradas. Três mil dólares que ela nunca teria chance de gastar, se dissesse sim.

– Vou aonde você quiser, gato. Por essa grana? Você *pode* fazer o que quiser.

Isso não incluía infectá-la com parasitas, com certeza.

Quando ela prendeu o cinto, eu guardei o dinheiro no bolso e segui pela rua. Em um gesto ousado, ela estendeu a mão e passou os dedos pela minha virilha, e eu segurei seu braço e o coloquei de volta no colo dela.

– Dirigindo, não.

– Você não gosta de boquete no carro?

Gostava. Mas só quando era feito por certa ruiva pentelha.

– Não muito – respondi.

Eu planejava levá-la para a ilha Dracadia e, quando chegássemos à entrada dos cadáveres, eu a anestesiaria e a infectaria com as larvas.

– Por mim, tudo bem. Me diz o que vai querer, bonitão.

Tive vontade de rir, mas uma culpa atípica perturbava minha consciência. Até certo ponto, matar tinha se tornado algo natural para mim. Biológico. Talvez fosse até genético e, ouso dizer, fascinante de observar. Exceto pelo fato de que, diferentemente dos outros, ela não tinha feito nada que merecesse a minha crueldade. Ela era inocente e, por isso, eu não ficava feliz em ter que matá-la.

Mas não havia tempo para procurar a próxima cobaia. Havia uma mínima janela de oportunidade antes de a nova série de ovos chocar, e, com a informação que eu havia recebido sobre Angelo DeLuca, talvez nunca encontrasse o filho da puta.

Quando chegamos à balsa, ela se sentou mais ereta e olhou em volta. Isso me lembrou do dia em que levei Lilia até a antiga mansão. A inocência e a curiosidade.

– Nós vamos passear de barco?

– Vamos. Você disse que está disposta a sair da cidade, não foi?

Ela arqueou as sobrancelhas e olhou para o mar escuro.

– Você está falando da ilha?

– Estou. Eu sou professor lá.

– É mesmo? – A apreensão de um momento antes foi substituída por um sorriso manhoso. – Caramba, hoje é meu dia de sorte!

Não mesmo.

Ao longe, a barca se aproximou, e eu passei a mão pelo cabelo e pelo rosto. Não podia fazer aquilo. Não podia, porque só conseguia pensar na única coisa que me importava: a garota. A garota linda, com o cabelo de outono, que me lembrava o mar e o céu ao mesmo tempo. E ela era tudo. Terra, Sol, Lua. O ar que eu respirava e a batida tenaz que mantinha meu coração maltratado bombeando.

O que eu sentia por Lilia não era saudável. Além de uma simples obsessão, era um sentimento doentio de posse. Selvagem e voraz, beirando a violência.

Quando estava prestes a mandar a mulher sair do meu carro, o celular tocou no meu bolso, e eu encostei o carro quando vi o número de Langmore na tela. Eu só recebia ligações pessoais quando o babaca estava prestes a fazer algo que eu não aprovava.

– Com licença – falei, e saí do carro. Depois de fechar a porta, atendi. – Alô.

– Devryck, é Lang...

– Eu sei.

– Estou ligando porque... Bom, eu tentei ligar para os seus escritórios, mas não houve resposta.

Os segundos passando reduziram a minha paciência.

– Eu estou ocupado.

– Certo. Desconfio que você vá ficar zangado e... eu quero que você saiba que não tive nada a ver com isso.

O tremor na voz dele me deixou em alerta na mesma hora.

– Nada a ver com o quê?

– Lilia Vespertine foi expulsa. Eu não sei direito o motivo, mas recebi uma ordem de Lippincott de botá-la para fora da universidade imediatamente. E como você foi muito insistente a respeito de mantê-la na sua turma, achei que devia avisar.

Trinquei os molares e me esforcei para conter a vontade de socar alguma coisa. Que descobrissem o que eu tinha com Lilia. Eu nem estava ligando mais.

– E para onde ela foi enviada?

– Para a casa dela, em Covington.

– Eu quero o endereço.

Ele suspirou.

– Acho isso inadequado, Dev...

A raiva explodiu.

– Endereço! Agora!

– Tudo bem. Vou enviar por mensagem. Novamente, saiba que não tive nada a ver com isso.

Respirei fundo e recuperei um pouco do controle para manter a voz mais calma.

– Agradeço pela ligação. Vou me lembrar dessa gentileza quando voltar – falei entre dentes. – Não conte a ninguém que conversamos, senão, juro por Deus, você vai se arrepender.

– Você tem a minha palavra.

Desliguei e dei um soco no capô do carro quando a fúria me dominou. Respirei fundo e me voltei para o banco do motorista.

– Mudança de planos. – Enfiei a mão no paletó e peguei a pilha de notas, então entreguei 500 dólares para ela. – Pelo transtorno.

– Você vai cancelar? Por quê?

– Por favor, apenas saia.

– Eu falei que não me importo de ir...

– Sai, porra! – gritei, desviando o olhar dela. – Por favor.

– Tudo bem. Eu vou sair. Babaca. – Ela guardou o dinheiro na blusa. – Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Assim que a mulher saiu do carro, liguei o motor. Meu celular sinalizou a chegada de uma mensagem: o endereço de Lilia. Quando o coloquei no GPS do carro, apareceu um teatro na Prather Street.

– Se tiver me dado o endereço errado, você é um homem morto – murmurei, e engatei a marcha.

Com as mãos tremendo de raiva, liguei para Lilia.

Direto na caixa postal.

– Merda! – rosnei, e liguei de novo.

Mais uma vez, nem chamou.

Tentei mais três vezes, e cada tentativa malsucedida foi aumentando a minha pressão arterial. Depois de jogar o celular no banco do passageiro, flexionei a mão e respirei contando até quatro, uma tentativa meia-boca de acalmar a fúria crescendo nas minhas entranhas. A última coisa de que Lilia precisava depois do dia de merda que certamente tivera era que eu aparecesse lá pronto para matar um.

Capítulo 60

LILIA

Ao ouvir a batida suave na porta, abri os olhos, que estavam grudentos com lágrimas secas. A escuridão preenchia o quarto, exceto pelo brilho leve das luzes de Natal em volta da minha janela. Provavelmente eu tinha pegado no sono.

– Lil? – Conner enfiou a cabeça pela fresta da porta. – Estou indo na casa da Callahan. Ela tem...

– Conner, eu sei que vocês têm um rolo, tá? Não tem problema.

Ele comprimiu os lábios e passou a mão pela nuca.

– É que... eu não sabia se pareceria rápido demais, depois da sua mãe.

– Já tem quatro anos. Tudo bem.

– Tá. Você precisa de alguma coisa?

– Acho que não. Você não... O Angelo não vai aparecer aqui não, né?

– Não. A gente não tem se visto muito. O cara anda fodido da cabeça depois de saber o que aconteceu com aquele rico escroto.

– O que aconteceu?

Parte de mim não queria saber. Embora eu sempre estivesse minimamente ciente dos negócios escusos de Conner e Angelo, nunca tinha tentado me informar melhor.

Era um mundo sombrio do qual eu ficava à margem. Um mundo que me assustava.

Não que eu tivesse muita escolha, considerando o tanto que Conner guardava segredo.

– Arrancaram os olhos dele. Cortaram o pau. As tripas foram espalhadas no chão em volta. Quem fez isso era um filho da mãe doente.

– Você me disse que o cara que ele matou era meio sádico. Não um santo.

– Certo. Eu sei que ele deve ter feito coisa pior. Enfim, mas não falo com Angelo tem umas duas semanas.

Um pequeno alívio no meio da tempestade pela qual eu estava passando.

– Eu só vou dormir. Amanhã vou sair para tentar arrumar um emprego.

A última coisa que eu pretendia era ficar no apartamento o dia todo, me lamentando no quarto.

– Tudo bem. Mas eu realmente posso bancar tudo por umas duas semanas, tá? Não precisa sair aceitando qualquer coisa. Eu ainda me sinto péssimo por causa da escola da Bee. – E isso era o mínimo, mas guardei isso para mim. – Como você os convenceu a deixarem que ela ficasse?

– Resolvi as coisas. Está tudo acertado por uns dois meses.

– Legal. Tudo bem. Dorme um pouco.

Eu assenti, me virei na cama e olhei para o céu noturno. Toquei a tela do celular e, como permaneceu apagada, eu me sentei na cama. Segui o fio e percebi que eu não tinha plugado o carregador na tomada.

– Droga!

A luz de bateria baixa iluminou a tela quando liguei o carregador na tomada, então me deitei no travesseiro e suspirei.

Devryck estava viajando a trabalho, então ainda não estaria me procurando. Mas, quando voltasse, o que acharia disso tudo?

Lembrei o dia na praia, quando ele me levou para entrar no mar pela primeira vez. O trajeto pelas estradas sinuosas. Os momentos que passamos juntos. Os beijos. O toque dele. Será que eu voltaria a vê-lo? Ou ele passaria a ser apenas o sonho perfeito?

Estendi a mão para a beira da cama e peguei na mala a pintura que minha mãe fizera do balanço e do mar. Em meio a lágrimas, observei a vista que um dia eu esperara conseguir concretizar para mim e para Bee. Por mais breve que a visita àquele lugar tivesse sido, foi ali que eu enfim me senti em casa. No meu verdadeiro lar.

Segurei o quadro junto ao peito e, enquanto as lágrimas desciam, levantei sem querer um canto da parte de trás da tela, que devia ter descolado quando o enfiei às pressas na mala. Passei os dedos pela beirada desfiada e vi uma coisa atrás. Enfiei o dedo mindinho na pequena abertura e senti uma coisa lá dentro. Puxei o canto solto da lona e a soltei dos grampos. Depois de puxar o bastante, encontrei um papel dobrado.

O que era aquilo?

Desdobrei o papel e me deparei com uma carta.

Assinada pela minha mãe.

Duas semanas antes de ela morrer.

Minha doce Lilia,

Se estiver lendo isso, ou eu esqueci esta carta, e nesse caso desconfio que vamos ter uma longa conversa depois, ou a minha doença piorou e você está procurando respostas. De qualquer modo, era para ser.

Passei horas, dias, decidindo como te contar as coisas que guardei por muitos anos. Coisas importantes. Como a minha doença parece estar piorando, eu me sinto obrigada a deixar alguma coisa, e não seria justo levar todos os meus segredos comigo.

Vou começar dizendo que ninguém neste mundo é mais importante para mim do que você e a sua irmã. Todas as decisões que tomei foram por amor a vocês duas.

Dito isso, eu menti pra você, meu amor, e espero que encontre forças no seu coração para me perdoar.

Embora você tenha me conhecido como Francesca Vespertine, meu verdadeiro nome é Vanessa Corbin. Nasci em uma ilhota na costa do Maine, chamada Dracadia, onde gerações da nossa família já viveram. Na verdade, nós somos descendentes dos primeiros colonizadores. Essa provavelmente seria uma conversa bem legal de se ter, se meu passado não fosse tão problemático.

Um ano antes de você nascer, conheci um médico muito charmoso que me convenceu a participar de um estudo na universidade que ajudaria a curar a minha diabetes. Nós nos apaixonamos, mas ele era casado na época e as coisas ficaram meio complicadas. Principalmente quando engravidei de você e ele me pediu para interromper a gravidez. A mera sugestão dilacerou meu coração, e eu me recusei, uma decisão que deixou tanto ele quanto o meu pai bem chateados.

Seu pai ameaçou garantir que eu jamais conseguisse ficar com a sua guarda, caso decidisse manter a gravidez.

Eu era jovem e burra e fiquei com medo. Por isso, fugi sem nada além das roupas do corpo e o dinheiro que tinha na bolsa. E, quanto mais tempo passava longe, mais fácil foi permanecer longe, porque ter que explicar quase duas décadas de sumiço parecia mais difícil. As mentiras que contei para proteger você tinham crescido demais, como uma bola de neve.

Então, cerca de duas semanas atrás, eu voltei para o enterro da minha mãe. Sei que você achou que eu estava indo pela cirurgia de Bee, mas na época falar a

verdade seria complicado. Novamente, me perdoe. Eu só queria ver a minha mãe uma última vez e talvez arrumar um jeito de recuperar a casa em que cresci, um lugar onde você, eu e Bee pudéssemos viver livremente. Infelizmente, a casa foi penhorada e, no fim das contas, o novo proprietário era o seu pai.

Eu deveria ter ido embora. Queria ter feito isso. Mas fui tola de pensar que ele teria ficado mais sábio com o tempo, mudado de alguma forma. Eu estava errada.

Ele não sabe sobre você. Eu menti e falei que tinha sofrido um aborto espontâneo e perdido o bebê. Até gostaria que vocês mantivessem contato, mas ele é um homem perigoso em quem não se pode confiar. Eu menti para te proteger, Lilia.

Portanto, não vou te dizer o nome dele. Embora eu desconfie que você seja inteligente o bastante para juntar as peças, com base no que eu contei, peço que deixe de lado sua raiva de mim e fique longe dele. Acredite, você está melhor sem ele.

Caso eu não melhore, não o procure para nada. Você vai se virar. Sempre se vira.

Eu amo muito você e Bee. Infinitamente. E sinto muito orgulho de você, minha filha querida.

Com amor, para sempre,
Sua mãe.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto, e eu logo as sequei enquanto olhava para a carta com preocupação. Eu desconfiava que fosse de Lippincott que ela estava falando, apesar da recusa em revelar o nome. Minha mãe devia ter se encontrado com ele para falar da casa... e isso fora logo antes de ela ficar doente. Será que foi ele que a infectou?

O som de batidas fortes na porta do apartamento interrompeu meus pensamentos. Com os músculos contraídos, depois de guardar a carta e o quadro na mala, fui na ponta dos pés até a porta do quarto e encostei o ouvido na madeira.

Será que Conner tinha voltado?

Abri uma fresta da porta e saí para o corredor para ouvir melhor.

– Conner? É você?

Não houve resposta.

Outra batida *forte* ecoou e eu dei um pulo.

Andei por metade do corredor escuro, alerta, e espiei a cozinha e a salinha em

frente.

Não havia sinal de ninguém.

Fios gelados de medo desceram pelo meu pescoço e corri para o quarto para pegar o celular e ligar para Conner. Peguei o aparelho que estava carregando na minha mesa de cabeceira, ainda com dez por cento de bateria, e corri para a porta do quarto de novo. Quando a abri, encontrei Angelo no corredor escuro, o corpo iluminado pela pouca luz que vinha da cozinha.

Fiquei sem fôlego e meu estômago despencou.

Ele estava todo desgrenhado, e a barba e o bigode que cobriam seu rosto me diziam que não fazia a barba havia um tempo. Os olhos vermelhos revelavam pouco sono ou muitas drogas, e ele parecia estar mais magro do que da última vez que eu o tinha visto.

Com o coração batendo freneticamente, eu me virei rumo à porta do apartamento e disparei pelo corredor na direção oposta à dele. Bati de cara na porta da frente, por causa do impulso, e tentei abrir a fechadura.

Senti uma dor lancinante no couro cabeludo quando Angelo me puxou pelo cabelo.

– Onde você acha que vai, sua piranha?!

Uma pancada forte na minha mão derrubou meu celular, que quicou para longe do meu alcance. Abri a boca para gritar e uma mão suja cobriu meu rosto, os dedos se cravando na minha face. Com o grito abafado, arranhei as mãos dele e mordi seu polegar. Com força.

– Ah, sua filha da puta!

Ele me soltou e eu me virei para encará-lo.

Angelo bloqueou a saída e lambeu o sangue do polegar.

Meu celular estava à sua direita.

A adrenalina corria pelo meu corpo em pulsações quentes enquanto eu tentava pensar em uma saída.

O canivete. Eu o tinha colocado embaixo do travesseiro mais cedo. E a saída de incêndio ficava na minha janela. Corri para o quarto, com os passos pesados de Angelo atrás de mim. Assim que entrei no cômodo, eu me virei e bati a porta, estendendo a mão para a fechadura.

Ele se jogou do outro lado, me forçando a dar um passo para trás, e eu gritei.

Empurrei com força, usando todos os músculos. *Vamos lá!*

Mesmo desestabilizado, ele era maior. Mais forte.

Abandonei a briga, soltei a porta e corri para a cama para pegar o canivete. A porta se abriu subitamente e Angelo caiu para dentro, soltando um palavrão.

Segurei o canivete estendido com a mão trêmula.

– Me deixa em paz, porra – falei com a voz falhando.

– Gata... você sempre foi uma lutadora, não é? – Ele lambeu os lábios e chegou mais perto. Das costas, provavelmente do cós da calça, ele tirou uma arma. – Trazer um canivete para um embate armado... bom, é burrice.

– O que você tá fazendo aqui, Angelo? Vai me machucar?

– Vou. Vou te machucar, sim. Vou te comer. Com força. E vou passar esse canivete no seu pescoço porque... você sabe, justiça poética, essas porras. E aí, eu vou te cortar em pedacinhos para poder te levar daqui sem ninguém saber.

– Como você vai fazer isso tudo com Conner aqui?

– Conner não está aqui. Ele sai pra trepar com aquela piranha da Callahan toda noite. Engravidou ela, sabia? Parabéns. Você vai ser... alguma coisa. – Ele soltou uma risada debochada e coçou a parte de trás da cabeça, em meio ao cabelo comprido. – Acho que é a Bee que vai ser a irmã mais velha. Mas não importa. Você nunca fez muito parte da família mesmo, né?

– Por quê? O que eu te fiz para você me tratar assim?

– Não se trata do que você fez comigo. Mas parece que alguém naquela faculdade não vai muito com a sua cara.

Rostos cruzaram a minha mente. Gilchrist. Lippincott. Até Mel.

– Alguém da faculdade mandou você fazer isso?

– Foi. Mas não vou dizer quem. É segredo – sussurrou ele, levando um dedo aos lábios e sorrindo.

Quando ele veio para cima de mim de novo, ergui o canivete. Angelo suspirou e me encarou de olhos estreitados.

– Estou cansado dessa merda. Tenho uma longa noite pela frente, então que tal a gente começar?

– Angelo, não. Eu conheço umas pessoas. Pessoas que podem te pagar.

– Você não conhece as pessoas *certas*. O que importa é o poder, gatinha, e você não tem esse tipo de coisa do seu lado. Acabar com você vai garantir a minha proteção. Não vou precisar ficar apodrecendo em um quarto, esperando a morte.

Isso significava que ele tinha feito um acordo com alguém para me matar. A pergunta era quem. Angelo se aproximou.

– Tira a roupa.

– Não. – Eu ainda segurava o canivete, as mãos trêmulas.

– Tira a porra da roupa. Senão eu estouro seus joelhos.

Ele ergueu a arma e apontou o cano para as minhas pernas.

Um medo sufocante encheu meus pulmões enquanto eu o encarava.

– Não faz isso – sussurrei.

– Você sabe como é levar um tiro? Queima. E quando estilhaça um osso... não tem dor igual. Então eu vou contar até dez e vou esvaziar a porra dessa arma em você. Se eu precisar te comer morta, tudo bem. Não seria a pior coisa que eu já fiz. – Aqueles olhos malignos se fixaram em mim, os lábios repuxados em uma careta. – Um. Dois.

Ainda segurando o canivete, abri a calça e a empurrei com uma das mãos para o chão.

– A blusa – disse ele.

Eu fiz que não.

– Três. Quatro. Cinco.

Eu estava ofegante quando segurei a barra da blusa e a puxei rapidamente pela cabeça. Cruzei os braços na frente do sutiã de renda que estava usando.

Com os olhos ardendo em uma fascinação doentia, ele lambeu os lábios e me olhou de cima a baixo.

– A calcinha também.

Um soluço escapou do meu peito e eu fiquei paralisada, tentando compreender o que estava acontecendo naquele momento.

Em um surto de adrenalina, eu me virei e subi na cama, indo na direção da janela. Só consegui abrir uma fresta antes de a mão dele apertar meu pescoço e bloquear meu ar enquanto ele me derrubava no chão.

Um grito explodiu do meu peito e foi interrompido pela mão tapando minha boca com força.

– Cala a porra da boca! Cala a porra da boca!

Eu o ataquei e a lâmina acertou sua bochecha. Com um pulo de choque, ele tocou a ferida que eu tinha feito ali, limpou um pouco do sangue e ficou de olhos arregalados quando viu os dedos.

Com a mão erguida para outro golpe, mirei no pescoço daquela vez.

Angelo segurou meu braço antes de eu conseguir dar o golpe fatal.

Ele soltou um rosnado e bateu com a minha mão no chão. Choques de dor subiram pelos meus dedos e me fizeram largar o canivete. Um vislumbre de canto de olho foi o único aviso antes de os dedos dele acertarem a minha bochecha e fazerem meus dentes vibrarem. O soco deixou minha visão borrada e disparou uma dor no meu ouvido. A mesma mão que me bateu tapou minha boca e os dedos se cravaram na dor que ele tinha plantado ali.

Gritei por trás da mão dele, com lágrimas distorcendo minha visão.

– Eu queria que você estivesse um pouco mais lúcida para isso, mas acho que não importa, né?

De algum lugar, ele pegou um saco com comprimidos.

Sacudi os braços e as pernas, gritando até ficar rouca, e ele apoiou todo o seu peso em cima de mim para me prender.

Angelo tirou a mão da minha boca, e eu a fechei. Dedos se cravavam na minha mandíbula e puxaram meu queixo com tanta força que parecia que ele estava tentando quebrar meus ossos. O som gorgolejado na minha garganta foi interrompido quando ele botou os comprimidos na minha boca, depois a fechou e cobriu minha boca e nariz. O ar sumiu. Fiquei tonta e meus pulmões se contraíram querendo ar.

– Engole, piranha!

Um soluço explodiu no meu peito e os comprimidos desceram pela minha garganta. Eu sufoquei e tive ânsia sob a mão dele, e só então Angelo afastou a mão que bloqueava meu nariz. Respirei com dificuldade e tossi de novo, o cheiro horrível de metal dificultando meu fluxo de ar.

– Pronto. Você vai ficar bem calminha em um minuto. Só fica paradinha aí. – Uma língua pegajosa percorreu a minha bochecha. – Relaxa – sussurrou ele.

Algo dentro de mim estalou como um graveto frágil.

Relaxa.

A palavra ecoou no meu ouvido.

No caos em minha cabeça, tive uma visão.

Sangue. A banheira. Levanto o rosto e vejo uma forma escura assomando sobre mim.

Lilia! Lilia!

O som da voz da minha mãe reverberou no meu crânio e eu me encolhi.

A figura escura passa por cima de mim, indo em direção à banheira, onde as pernas magras da minha mãe estão penduradas na borda.

Ela esperneia.

Ela está viva. Viva! Achei que ela estivesse morta, mas ela está viva!

– A minha... a minha mãe. Ela estava viva – sussurrei, narrando a visão que se desenrolava em minha cabeça.

Ali perto, Angelo hesitou.

Mais lembranças surgiram.

– Fica longe de mim! – grita ela.

A dor lateja pelo meu crânio em flashes irregulares. O ar está denso demais para eu me mover.

– Mãe – digo, rouca.

A figura escura grunhe com os braços esticados. Afogando-a. Ele a está afogando! As pernas da minha mãe enrijecem, os dedos dos pés contraídos.

Eu grito.

Escuridão.

O gorgolejo alto de água descendo pelo ralo me desperta e eu começo a piscar.

Estou tentando me apoiar nos ladrilhos molhados, tentando chegar até ela, mas meus músculos não se movem.

– Relaxa – me diz a sombra, e o cheiro de terra e metal se apodera de mim.

Sinto um nó na garganta quando a compreensão perfura meu peito.

– Você estava lá, naquela noite.

Mais ecos de memória chegam.

Toc toc toc.

Olho para a porta do apartamento.

– Eu sou amigo do Conner.

– Era você na porta. E aí... Eu te vi afogar a minha mãe. Foi você!

O sorrisinho arrogante dele ficou borrado sob mais lembranças.

A figura passa uma lâmina pelos pulsos da minha mãe. Gotas grossas de sangue vermelho pingam nos ladrilhos limpos e brancos.

– Você matou ela. Minha mãe estava viva e você matou ela!

– Me mandaram acabar com aquela puta. Imagina minha surpresa quando vi que você já tinha feito isso primeiro.

Fiquei imóvel. Uma névoa gelada de pânico se expandiu pelos meus pulmões e lutei para absorver as palavras dele. Uma lembrança surgiu por trás dos meus olhos.

Mãos se estendendo para mim. Gritos. Gritos horríveis.

Com os olhos bem fechados, balancei a cabeça.

Não. Não. Não olha. Não é real. Não é real.

– Você não se lembra de muita coisa daquela noite, né?

Uma risada maligna no meu ouvido despertou demônios adormecidos, suas presas e garras atacando a minha consciência.

Meu estômago se agitou com um medo horrível que contorceu minhas entranhas.

– Mãe! Para!

Um grito distante sacudiu meu crânio e choraminguei enquanto ele esfolava minha cabeça como unhas arrancando a casca de uma ferida.

– Você tem sorte – continuou Angelo. – Eu teria adorado esquecer aquelas

coisas nojentas se remexendo na banheira, se alimentando do sangue dela, antes de eu jogá-las pelo ralo.

Sangue na banheira. As unhas da minha mãe se cravando na minha pele. Vermes saindo dela como fumaça preta se encolhendo e se retorcendo na água.

A escuridão nas minhas entranhas subiu para o peito e apertou meus pulmões com os dedos cheios de veneno. Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia respirar.

– *Mãe! Por favor!*

– *Eu não consigo respirar!*

Gritei e me debati embaixo dele, o monstro dentro de mim desesperado para fugir. *Por favor!*

– Sim. Você a segurou embaixo d'água.

– Ela ainda estava viva – rosnei para ele.

– Por pouco.

Mentiroso. Mentiroso escroto!

– Não. *Você* cortou os pulsos dela. O relatório do legista... – Minha voz sumiu e eu vi os lábios dele se esticarem num sorriso. – Ah, meu Deus. Você plantou provas...

A risada de Angelo só aumentou o pânico que subia pela minha garganta, pulsando como uma coisa viva. Uma fera sombria e maligna que corroía minhas costelas.

– Aquele legista se mijou de medo de fazer com que a morte dela parecesse suicídio. Isso é poder, Lilia. – Ele passou a ponta da lâmina pela minha bochecha. – Você desmaiou. Bateu com a cabeça na banheira. Melhor assim. Fez tudo parecer mais crível. – O fedor de terra e metal embargou minha garganta quando ele se inclinou para mais perto. – Eu salvei sua pele, gata. Por isso e por ter mentido sobre a sua existência para o Lippincott – disse ele, revelando sem querer o nome. – Salvei a sua pele tantas vezes que você me deve esse seu rabo. E eu vou tomar.

Lippincott. *Era* Lippincott.

– A melhor parte de ter ficado nesta cidade de merda foi ver você virar mulher. Uma mulher que eu pretendo massacrar. – Ele ergueu meu canivete e o girou na minha frente. – Alguns casais fazem tatuagens combinando. Você e eu vamos ter cicatrizes. Só que a sua não vai ser tão bonita.

Meu corpo tremeu com o esforço de tentar me soltar dele, mas Angelo colocou todo o seu peso sobre meu peito e esmagou meus pulmões. Uma dor excruciante explodiu no meu rosto, do canto do olho até a mandíbula. Soltei um

grito rouco sob a mão dele, com lágrimas descendo pelas têmporas.

– É uma pena. Você era tão bonita. Agora, é um monstro. Uma puta usada. Eu tenho certeza que você tava abrindo as pernas para qualquer pau da faculdade, não tava? Aposto que tinha um monte de pau entrando nessa sua bocetinha, né?

Vai se foder!

As drogas deviam estar fazendo efeito, porque a vertigem nublou minha visão. Era isso ou eu estava desmaiando. Não dava para saber. Pela minha visão periférica, vi o quarto se alargando, se estreitando e girando. Um calor sonolento se espalhou por mim, como se eu quisesse dormir, precisando desesperadamente fechar os olhos.

Através da névoa, ouvi batidas distantes.

Angelo ficou paralisado sobre mim, a atenção voltada para a porta.

– Lilia!

Aquela voz. Eu a reconhecia. Grave. Autoritária.

Um soluço entalou na minha garganta e mais lágrimas desceram pelas minhas têmporas.

Devryck!, tive vontade de gritar. *Por favor!*

– Fica com essa porra de boca fechada – sussurrou Angelo, quase quebrando minha mandíbula com a mão. – Fica com a porra dessa boca fechada até ele ir embora.

Não! Não! Devryck! Me ajuda!

Outra batida na porta.

– Lilia! É o professor Bramwell. Você está aí?

Choraminguei sob a mão de Angelo, tossi e me engasguei com o catarro no nariz.

– Professor, é? – disse ele baixinho. – Você está trepando com um professor, sua putinha?

Ele enfiou a mão na minha calcinha, fechou os dedos na minha pele e apertou. Um grito rouco saiu pela minha garganta, a dor insuportável enquanto eu chutava para fazer com que ele me soltasse.

– Ele já te comeu? Hein? – disse Angelo com um rosnado.

Era isso. Eu precisava deixá-lo zangado. Com raiva o bastante para querer me machucar. Para distraí-lo de Devryck.

Eu assenti.

– Ele me comeu gostoso – falei por trás da mão dele e ri em meio às lágrimas.

– O que você falou?

Eu distorci intencionalmente a voz e forcei uma gargalhada.

Ele afastou a mão e apertou minha mandíbula.

– Fala de novo, vagabunda.

– Ele me comeu muito gostoso.

Um golpe forte acertou minha bochecha com uma explosão de luz que vibrou nos meus ossos.

– Piranha! – gritou ele enquanto meus ouvidos zumbiam. Angelo apertou meu pescoço, impedindo meu fluxo de ar. – Vamos ver se vai ser gostoso quando eu te comer com a ponta da faca.

Um grito gorgolejado escapou da minha garganta.

A batida na porta ficou distante com o sangue pulsando nos meus ouvidos.

Meu corpo tremeu e sacudiu quando ele passou os braços sob mim, meus membros pesados e entorpecidos. As drogas que tinha me dado me deixaram inútil e inerte. Ele me arrastou na direção da parede com facilidade, me segurando contra si, minhas costas junto ao peito, e ergueu a arma.

– Se alguém entrar por aquela porta, eu encho de chumbo.

Não. Assim que Devryck aparecesse, levaria um tiro. Eu não podia deixar que isso acontecesse. Angelo podia até me matar, mas eu me recusava a deixar aquele filho da mãe implacável matar Devryck na minha frente.

Reage.

Uma coisa chamou a minha atenção embaixo da cama.

Meu antigo troféu de corrida, que eu tinha jogado lá embaixo quando fui arrumar o quarto. Fechei os olhos e respirei fundo. Se eu fizesse merda, com certeza acabaria morta, e depois ele mataria Devryck. Eu tinha que ser certeira. E rápida. Uma meta impossível com meus braços começando a ficar dormentes.

Reuni a pouca força que tinha, estendi a mão para trás e agarrei as bolas de Angelo com tanta força que as minhas mãos tremeram.

Um grito violento e gorgolejado soou no meu ouvido, e, assim que ele me soltou, eu tateei desajeitada ao lado, lutando contra o efeito da droga que me fazia sentir nadando em areia movediça. A respiração irregular ardia em meus pulmões quando me arrastei na direção da beira da cama, me puxando pelo chão com as mãos. Quando meu corpo foi puxado para trás, agarrei a base pesada de metal do troféu.

– Piranha do caralho! – gritou Angelo, e, quando me virou, eu aproveitei o impulso e acertei o crânio dele com o ferro pesado.

Angelo caiu de lado com um baque, gemendo. Uma fraqueza intensa subiu pelos meus braços quando bati nele de novo, acertando bem na testa. O sangue

jorrou de sua cabeça, escorrendo pelas têmporas, quando ele balançou a cabeça com olhos pesados que o faziam parecer bêbado.

Um abismo escuro foi surgindo pelos cantos da minha visão, me envolvendo com dedos determinados que me puxavam lentamente para a inconsciência.

Gritos romperam a escuridão. Gritos horríveis. Meus? Eu não sabia dizer.

O barulho se desfez em minha cabeça quando fui jogada de novo em um silêncio inescapável.

Escuridão.

Olhos incendiários me encaravam. Olhos furiosos que brilhavam como cobre derretido.

– Lilia – disse ele, sua voz como a de um anjo sombrio.

Meu anjo vingador. Eu estava morta? Devia estar.

Escuridão.

Um calor me engoliu. Um calor aconchegante. Eu me encolhi e caí num sono mais profundo.

Mais profundo.

Mais profundo.

O silêncio me derrubou.

Capítulo 61

LILIA

Eu me viro e vejo a minha mãe no balanço com vista para o mar, rindo enquanto me olha por cima do ombro.

Eu sorrio também, olhando para o azul infinito ao longe.

Ela para o balanço e desce.

– Vem – diz ela, e pega a minha mão. – Vem comigo. – Ela me puxa na direção do penhasco e, quando chegamos à beirada, eu olho para os meus pés, meus dedos no limite. – Vem, Lilia. Pula.

Um frio cresce na minha barriga quando pulo para a água abaixo. O vento sopra meu cabelo. O sol aquece meu rosto. Caindo, caindo, caindo.

Abro os olhos para a vastidão do mar aberto. Minha mãe não está por perto.

Franzo a testa e olho ao redor, as ondas me fazendo subir e descer. Um medo gélido me domina e suga o calor do meu corpo.

– Mãe?

Algo puxa meu pé e o pânico percorre meus ossos. Espio através da água o que há sob a superfície, onde a minha mãe estende a mão para mim.

– Vem, Lilia. É muito tranquilo – sussurra ela através da água. – Vem ficar comigo.

Bato os braços para impedir que ela me puxe para baixo.

– Não!

– Lilia!

Ela puxa com mais vontade.

Uma força invisível aperta meu ombro.

– Lilia! Lilia!

Senti um aperto forte no braço e acordei em um quarto escuro. Arfando, eu

me afastei, mas o aperto aumentou, e eu me virei e vi Devryck me segurando. O medo me escapou em respirações curtas enquanto eu passava o olhar pelo quarto desconhecido. As cortinas longas e escuras, os móveis cobertos de lençóis brancos, as *boiseries* exageradas nas paredes e uma prateleira acima da lareira. A confusão abafava meu cérebro como uma névoa pesada, e eu franzi a testa, louca para entender onde estava e como tinha ido parar lá.

Eu tinha ido pra casa. Adormecido no meu quarto. Acordado com Conner.

Uma queimação intensa latejava no meu rosto. Lembranças se encaixaram e eu ofeguei e toquei minha bochecha, as pontas dos dedos percorrendo uma superfície áspera e contraída. Movi a mandíbula e fiz uma careta com a dor que senti ao esticá-la.

Desviei o rosto dele para esconder o corte horrível.

– Você passou dois dias apagada – disse ele com voz calma e firme, se sentando ao meu lado na cama. – Eu fiz o melhor possível com os pontos.

Em meio às lágrimas, toquei na dor intensa de novo, na pele repuxada que ia do meu olho até a mandíbula.

– É melhor não ficar passando a mão.

As lembranças horríveis que Angelo tinha despertado em mim flutuaram pela minha cabeça, e, inspirando fundo, eu lembrei. Olhei para Devryck em uma súplica silenciosa. Como se ele pudesse fazer tudo sumir. Como se pudesse destruir e apagar o monstro que vivia dentro de mim.

– O que houve? – perguntou ele, e, quando estendeu a mão para afastar uma mecha de cabelo do meu rosto, fiz uma careta e me afastei. – Lilia?

– A minha mãe...

Algo dentro de mim suplicava para que eu não falasse em voz alta, porque, se eu não falasse, talvez continuasse sendo mentira. Só existiria no fundo da minha mente e voltaria para a escuridão de onde tinha vindo. Foi assim que eu tinha sobrevivido, afinal. Eu havia treinado contar para todo mundo que ela tinha se matado até que se tornou realidade. Até eu poder dizer aquilo sem me encolher de culpa. Embora agora eu soubesse que Angelo a tinha matado, um fato horrível permanecia verídico.

Eu a tinha segurado embaixo da água. Eu quase a matei primeiro.

– Eu acho que já sei. – Com os lábios comprimidos, ele baixou o olhar. – Você falou dormindo a caminho de Dracadia.

Em silêncio com meus pensamentos, olhei para as minhas mãos, tentando pensar em como explicaria uma coisa daquelas. Que tipo de filha tentava matar a mãe? Era uma pergunta que eu não sabia responder. Eu a amava. Ela sempre

tinha sido a minha melhor amiga. O meu lar. Ela era a minha vida toda.

Mas que tipo de mãe tentava afogar a própria filha?

Ela estava doente. Tão doente que não tinha visto Bee como a adolescente adorável que sempre havia sido. Minha mãe a enxergara como uma ameaça. A expressão de terror em seus olhos quando eu a peguei tentando afogar minha irmã na banheira ainda me assombraria por muito tempo.

E eu tinha tentado desesperadamente impedir que ela machucasse Bee naquela noite. Eu tinha feito o possível para contê-la, mas ela não parava. Ela tinha mordido, empurrado e lutado como um animal selvagem na determinação de eliminar o que considerava o inimigo.

O monstro.

O maior e mais trágico mistério era por que ela tinha cismado com Bee, para começo de conversa.

– Ela tentou afogar a sua irmã, não foi?

A pergunta de Devryck atravessou meus pensamentos. Eu estava entorpecida. Sem coração. Assenti em resposta, uma lágrima descendo pela bochecha, que eu logo sequei.

– Então não é sua culpa, Lilia.

– Não é como o que aconteceu entre você e seu irmão. Eu *segurei* a minha mãe embaixo da água.

Mesmo que eu não tivesse sido a responsável por sua morte, eu tinha tentado. Teria feito isso. Mesmo agora, eu praticamente sentia o gosto da adrenalina que correra pelo meu corpo naquela noite. A determinação de fazê-la parar.

– Você tem razão. Não é. Mas continua não sendo sua culpa. Você estava tentando salvar a vida da sua irmã, e, acredite, a sua mãe a teria matado. Eu já estudei tanto esses pacientes que sei como a mente deles funciona. Sei o que esse parasita faz com o cérebro deles. Você salvou a Bee. Nunca duvide disso.

Ele estendeu a mão para mim, mas eu o empurrei. Passando os braços ao redor de mim mesma e me inclinei para a frente com a dor que me partia por dentro.

– Eu amava a minha mãe – falei com um soluço engasgado. – Mas ela não parava. Eu supliquei a ela que parasse, mas ela se recusava.

– Não era a sua mãe. Havia outra coisa controlando a mente dela naquela noite, e a sua irmã estava no caminho.

Balancei a cabeça, me recusando a aceitar aquela troca indesejada: a clemência dele pelo que eu tinha feito com ela.

– Me escuta. Ela era o tipo de mãe que teria dado a vida para te proteger?

– Sim, claro.

– Pronto. Você fez a coisa certa ao proteger sua irmã. Era o que sua mãe ia querer.

Por mais que aquilo fizesse sentido, eu nunca me perdoaria pelo que tinha feito. Mas ele foi certeiro em uma coisa: minha mãe era do tipo que teria feito qualquer coisa para nos proteger.

Até fugir de casa só com a roupa do corpo.

O fato é que o mundo nem sempre joga limpo, e às vezes somos colocados em posições de merda nas quais não queríamos estar. Somos forçados a tomar decisões que não queríamos ter que tomar.

Eu tive uma escolha naquela noite. De ver a minha mãe afogar a minha irmã ou de fazer o que eu tinha que fazer para salvar Bee.

Enquanto tentava convencer minha cabeça a se livrar um pouco da culpa e empurrar os pensamentos de volta para o compartimento deles, uma nova angústia surgiu. Levantei a mão e toquei de novo a ponta da ferida, que terminava na minha mandíbula.

– Angelo... ele... tentou... – Minhas palavras foram interrompidas pela vergonha e pelo pânico alojados na minha garganta. Em meio às lágrimas, eu olhei para ele. – Posso ver?

– Ainda é cedo, Lilia. Vai cicatrizar.

– Por favor.

Com um suspiro, ele se levantou e abriu um pouco mais a cortina, depois pegou um objeto coberto por um lençol em cima do que deveria ser uma cômoda do quarto. Ele desenrolou o lençol, que revelou um espelho de mesa, e o entregou a mim. No reflexo, vi a linha horrenda de pontos feitos, com espaçamento perfeito. A lembrança de Angelo me segurando e cortando a minha pele martelou na minha cabeça e, fechando meus olhos marejados, baixei o espelho e virei o rosto.

– Vai cicatrizar.

Devryck estendeu a mão de novo e eu me encolhi. Por quê? Ele não tinha sido o causador daquilo, afinal. Pena e compreensão surgiram no rosto dele, o que só fez com que eu me sentisse pior quando ele abaixou a mão.

– Vai levar um tempo.

– Eu não... não estou com medo de você. – Peguei a mão dele e a segurei. – Eu estava com muito medo. Ele me disse que... – Lágrimas sufocaram minhas palavras de novo. – Ele planejava...

– Tudo bem. Não precisa dizer. – Ele pareceu dizer isso para o próprio bem,

pois uniu as sobrancelhas em uma expressão perturbada. – Você foi corajosa de lutar contra ele. Minha mariposinha corajosa.

Devryck passou o polegar pela minha têmpora.

– Ele... está morto?

Um vazio terrível surgiu na expressão dele, algo feroz e selvagem, a forma como eu imaginava que um tubarão olhava para a presa antes de cravar os dentes nela. Um brilho frio e letal que deixou os cabelos da minha nuca em pé.

– Ele não vai mais te machucar.

As palavras se fixaram na minha cabeça enquanto eu tentava imaginar o que Devryck teria feito para garantir uma coisa daquelas, e me desafiei a chegar para a frente e abraçá-lo.

Vai, Lilia.

Mas havia um muro inexplicável de vergonha entre nós. Por motivos que eu não sabia explicar, eu sentia que tinha errado. Que tinha feito Angelo me machucar. Não fazia sentido. Nada fazia sentido. Eu me sentia uma casca vazia, desprovida das emoções que deveria estar sentindo naquela hora. O problema era que havia coisa demais acontecendo de uma vez, tantas que eu não sentia nada.

Querendo muito uma distração, passei o olhar pelo aposento de novo.

– Aqui é sua antiga casa? A mansão que você me mostrou?

– É. Eu não podia te levar para o meu apartamento no campus nem para o laboratório. Não havia outro lugar. Mas aqui você vai ficar segura.

– Eu não me sinto mais segura em lugar nenhum.

– Você está segura comigo, Lilia.

Lágrimas desceram pelas minhas bochechas e, num ímpeto ousado, cheguei para a frente e passei os braços em volta dele. Devryck me abraçou e me ajustou para eu passar as pernas em volta dele. Braços fortes me envolveram em calor. Segurança.

Ficamos abraçados pelo que pareceu uma eternidade, e, com a cabeça apoiada na curva do pescoço dele, fiquei olhando, absorvendo, processando tudo.

– Eu preciso saber o que Gilchrist te contou sobre o seu pai. E, por favor, seja sincera comigo.

A pergunta girou junto com a miríade de pensamentos em minha cabeça. O peso de todas as emoções me sufocava.

– Ela me disse que Lippincott é o meu pai. Encontrei uma carta da minha mãe que confirma tudo, em certa medida, e Angelo me disse que alguém na

faculdade queria se livrar de mim.

Devryck franziu a testa, contemplativo.

– Ele desconfiou de você desde o começo. Desde que te viu e percebeu quem você era.

– E o que eu faço?

Eu não tinha provas de que ele tinha tentado me matar.

– Você não faz nada. No momento, ele provavelmente acha que você está morta.

– Como?

– Antes de remover a língua dele, eu o obriguei a fazer uma ligação bem convincente para seu contratante.

A confusão devia ter ficado evidente no meu rosto. O Angelo que eu conhecia não teria feito favores a ninguém.

– Eu tinha uma faca apontada para as bolas dele.

Isso podia ter sido motivação suficiente.

Se Lippincott era de fato meu pai, a maldade dele comigo não fazia sentido.

– Eu sei que isso vai parecer de uma ingenuidade absurda, talvez até burrice, mas... eu não entendo o motivo. Eu não ia pedir nada. Não ia pedir dinheiro. Não ia pedir favores. Não faz sentido para mim.

– A sua existência é uma ameaça para ele e para o status dele. Se a esposa dele descobrir, não tenho dúvidas de que ela o deixará sem nada. Ele está desesperado para manter sua influência perante os Gralhas.

– Os Gralhas... Isso é uma sociedade secreta, não é?

– É. – Ele franziu as sobrancelhas e soltou meus braços de seu pescoço, me levando para sentar ao lado dele na cama. – Lilia... Tem uma coisa que eu preciso...

Uma vibração o interrompeu e Devryck tirou o celular do bolso, franzindo ainda mais a testa.

– O que houve?

– Uma notificação do sistema de segurança do laboratório. Alguém digitou o código errado para tentar entrar. – Ele beijou a minha cabeça e passou a mão pelo meu cabelo. – Preciso descobrir o que está acontecendo.

– Você... vai sair?

– Talvez sejam só alunos de brincadeira, mas quero ter certeza. Além do mais, você precisa de mais creme antibiótico para os pontos. Garanto que ninguém sabe que você está aqui.

Soltei o ar e olhei para o quarto escuro, imaginando como ficaria sinistro se

ele não voltasse até o anoitecer. Como se lesse a minha mente, Devryck disse:

– Vou tentar voltar em uma hora. E vou trazer comida. Você deve estar morrendo de fome.

Meu estômago roncou em resposta, como se apreciasse o reconhecimento.

– Tudo bem.

– Eu te limpei com uma esponja mais cedo, mas pode tomar um banho, se quiser. Só não molha os pontos.

Vi minha mala no canto, que ele devia ter pegado no apartamento.

– Ah, meu Deus. Conner vai surtar.

– Eu mandei uma mensagem para ele do seu celular, dizendo que você decidiu ficar na casa de uma amiga.

– E cadê o Angelo?

Ele se mostrou irritado ao se virar.

– Quando entrei naquele quarto e te vi praticamente nua no chão, com sangue para todo lado... – Um músculo saltou na mandíbula dele. – Acredite quando digo que você não quer saber o que aconteceu com o Angelo.

A escuridão de antes se moveu dentro de mim. De algum modo, me senti menos sozinha, menos hedionda. Ele tinha machucado Angelo por ter me machucado. Será que Devryck poderia ser considerado um assassino por algo assim? Quem sabia o que Angelo teria feito comigo, quando tivesse voltado a si?

Ao mesmo tempo, eu sabia muito bem o que a minha mãe teria feito com Bee, se eu não a tivesse encontrado. Eu tinha visto o brilho de loucura nos olhos dela. Será que Devryck notara a mesma coisa em Angelo?

Ele tinha dito que me estupraria com uma faca, um fato que nem me dei ao trabalho de contar a Devryck naquele momento, considerando a expressão firme e o brilho assassino nos olhos. Talvez fosse melhor me considerar sortuda e entender que certas justiças no mundo iam além do que eu considerava correto e humano. Como acontecia no mundo animal. Os leões destroçavam outros predadores por ousarem ameaçar seus bandos. Era assim que Devryck me enxergava? O bando dele? Algo intocável?

Pela primeira vez desde a morte da minha mãe, eu enxergava as coisas sob a perspectiva da vítima. Uma vítima que estava grata por ter escapado. Por estar viva graças a alguém que a protegera e tivera a ousadia de fazer o que precisava ser feito.

Enquanto eu ruminava sobre tudo isso, não reparei que Devryck tinha entrado em uma espécie de transe e estava olhando para o nada, calado a princípio, até que finalmente limpou a garganta.

– Houve... um breve momento... quando eu estava correndo na direção daquele quarto. Seus gritos pararam. E eu pensei... – Com os lábios comprimidos, ele olhou para mim com uma expressão que partiu meu coração. Ele balançou a cabeça, se recusando a falar. – Foi a primeira vez que senti que algo podia me machucar. Que eu podia ser derrubado. Eu não quero sentir isso nunca mais, Lilia.

Em meio às lágrimas, eu assenti.

– Eu conheço bem esse sentimento – falei, me lembrando do dia na enseada, em que eu achei que o tinha perdido.

Decidi deixar por isso mesmo, entendendo que Angelo tinha escolhido seu caminho, seu destino. Ele era um predador que, por acaso, tinha sido neutralizado por um predador maior. E, no caso da minha mãe, ela tinha desafiado meu amor por ela, as minhas lealdades, ao atacar minha irmã.

Devryck me deu outro beijo cuidadoso nos lábios e me fez me deitar no travesseiro.

– Você está bem?

– Não. Mas espero ficar.

Quando ele me olhou, a dor na minha bochecha ardeu com a lembrança das palavras de Angelo. *Agora, você é um monstro. Uma puta usada.* Segurei as lágrimas e virei a cara para o outro lado.

Ele segurou meu queixo entre os dedos e virou meu rosto.

– Não se esconda de mim, Lilia. Você não está menos bonita do que naquele dia em que entrou na minha sala de aula e roubou a porra do meu fôlego.

– Vai ficar uma cicatriz – falei, me referindo não apenas à ferida no rosto.

– Talvez. Mas também vai servir de lembrete de que você lutou contra um assassino profissional e sobreviveu. Você é mais forte do que acha.

As palavras dele me percorreram inteira, e eu assenti de leve, deixando que sufocassem os sussurros implacáveis de Angelo que giravam pela minha cabeça.

Ele deu outro beijo nos meus lábios.

– Volto logo.

Com isso, Devryck atravessou o quarto e fechou a porta ao sair.

Capítulo 62

DEVRYCK

Meu corpo ardia de tensão enquanto eu dirigia de volta para a universidade. Lilia não sabia, mas eu estava mantendo Angelo no antigo laboratório do meu pai, nas catacumbas da mansão, e tinha dado a ele a dose da larva que eu pretendera dar para a prostituta de Thresher Bay.

Todas as fibras do meu ser tinham me compelido a matá-lo por botar as mãos nela, mas eu precisava mantê-lo respirando para usá-lo de cobaia. Eu ficava satisfeito em saber que ele teria uma morte bem mais lenta do que a causada por uma bala rápida ou uma artéria rompida. Nem esfolá-lo vivo seria considerado tortura suficiente para acalmar a fúria que ardia dentro de mim.

Eu também planejava dar uma dose a Lippincott, porque não tinha dúvidas de que ele tinha mandado Angelo matar Lilia. E a ligação entre os dois malditos me levava a acreditar que talvez ele também estivesse por trás do sequestro de Caedmon. Eu estivera tão cego nas minhas buscas e no meu desespero para curar minha doença que não tinha visto o que estava na minha cara o tempo todo.

Ele tinha se metido com as únicas duas pessoas no mundo que eram importantes para mim e, por causa disso, teria uma morte lenta e dolorosa. Como ele costumava passar no meu escritório para um drinque, concluí que o meio de inoculação seria relativamente simples. Eu o chamaria para discutir a nova variante, ofereceria uma bebida e veria o mundo dele desmoronar.

Parei o carro no pequeno estacionamento em frente à entrada de cadáveres e entrei.

Lippincott achava que Lilia estava morta. Eu não tinha dado a ele nenhum motivo para desconfiar que eu estivesse envolvido com ela, então, a menos que o homem tivesse as próprias desconfianças a esse respeito, não teria feito a conexão

de que ela era importante para mim. No dia anterior eu tinha enviado uma mensagem a ele para informar que ela não havia comparecido às aulas, agindo como o informante que ele tinha pedido que eu fosse. Então, ele inventou a desculpa patética de que, por questões orçamentárias, não tinha podido aprovar outro semestre para ela. Eu não falei nada a respeito, não dei o menor indício de que me importava, e reforcei o descaso quando falei que tinha obtido sucesso com a última variante, e a isso ele respondeu de forma favorável.

Até onde Lippincott sabia, ele tinha lidado com Lilia tranquilamente.

Graças a Langmore, a quem eu faria questão de oferecer minha gratidão, o tapete de Lippincott tinha sido puxado.

Fui correndo para a minha sala e dei uma espiada em Aquiles e Pátroclo, que continuavam reagindo bem à mistura de pedra negra que eu tinha administrado. Eu podia atestar o bom resultado; e meu tato estava funcionando havia dias, sem piora.

Na minha sala, preparei a bebida contaminada que pretendia oferecer a Lippincott, injetando ovos frescos no decantador. Quando o coloquei de volta no armário, reparei em uma figura na porta.

Lippincott.

– Perdão por aparecer assim – disse ele, atravessando a sala na direção da cadeira à minha frente. – O dia foi longo. Alguém decidiu quebrar tudo na minha sala. Tenho a sensação de que foi Spencer.

Eu me sentei na minha cadeira, em frente a ele.

– Algum motivo para ele fazer isso?

– Ele é um merda. Esse é o motivo. – Lippincott soltou uma risada sem humor. – Posso te contar um segredo, Devryck? – A leve falta de foco em seus olhos dava a entender que ele já tinha começado a beber. – Ele nem é meu – sussurrou o homem, e soltou uma gargalhada.

Franzi a testa e o encarei, me perguntando se ele estava falando a verdade ou se só estava bêbado. Peguei o decantador no armário e o ergui. Lippincott assentiu e estalou os dedos, e eu servi a bebida em um copo e o empurrei por cima da mesa.

– Você está na merda, Devryck. É por isso que eu estou aqui.

– Como assim?

Ele estreitou os olhos e soltou outra gargalhada.

– Como assim?! Como assim? Você está de sacanagem comigo?

Eu não respondi, sem saber se ele estava sob efeito do álcool ou não.

– Melisandre Winthrop acusou você de apontar uma faca para ela e ameaçar

cortar os mamilos dela fora. Por isso.

A acusação me atingiu como um tapa na cara.

– *O quê?*

– É. Ela alega que você a atacou por causa de uns arquivos.

Arquivos? Do que será que ele estava falando?

– Ela alega que isso aconteceu quando?

– Duas noites atrás. No quarto dela do alojamento.

Mentira. Duas noites atrás eu estava cortando fora a língua do Angelo e costurando a cara da Lilia.

– Você está tentando chamar atenção de volta pra essa merda toda, Devryck?

– Estou estupefato com isso, admito. Não tenho ideia do que você está falando.

– Para com isso, cara. Sou eu. *Eu!* – Ele ergueu o copo da mesa como se fosse beber, mas fez uma pausa. – Que merda é essa que você tem na cabeça, Devryck? Melisandre Winthrop? A filha do presidente do Conselho! Está louco?

– Eu nunca a ameacei.

Ele balançou a cabeça, tirou o celular do bolso e clicou em um vídeo.

– Como você sabe – continuou Lippincott –, o presidente não gosta de nenhum tipo de ameaça.

Uma figura usando um capuz preto entrava pela porta do que parecia ser o Corbeau Hall, e olhou para a câmera bem na hora que Lippincott apertou o botão de pausa. Soltei o ar em uma explosão.

Foi como olhar na porra de um espelho.

Uma réplica exata de mim.

Caedmon?

Era incrível que Lippincott não ouvisse o meu coração disparado enquanto eu olhava para o que só podia ser meu irmão gêmeo.

Mas meu cérebro se recusava a aceitar, ao mesmo tempo que eu examinava as feições dele, sem conseguir pensar em nada além de *que porra é essa*.

– Várias testemunhas te viram entrar no alojamento, Devryck.

Minha mente procurava um motivo. Uma explicação. Todas as fibras do meu ser estavam paralisadas, em choque.

Meu irmão. Meu gêmeo.

Por anos, achei que ele estivesse morto. Mutilado.

Eu estava imaginando coisas? Não podia ser. Lippincott dissera que outros o tinham visto.

Me forcei a não demonstrar qualquer sinal do caos absoluto na minha cabeça

naquele momento.

Lippincott olhou para a bebida e a girou. Ele tomou um gole, uma imagem que deveria ter me dado prazer, mas eu estava ocupado demais tentando concatenar as ideias.

– Os Gralhas vão vir atrás de você, Devryck. Winthrop está furioso. Melisandre é a princesinha dele, como você sabe.

A voz dele continuou um som distante sob a pulsação incessante latejando em minha cabeça. Só quando Lippincott puxou uma arma e a apontou para mim foi que eu saí do transe.

– Você sempre foi como um filho para mim. Ora, mais filho do que o meu próprio filho.

– O que você está fazendo, Edward? – perguntei, calculando silenciosamente quanto tempo levaria, quantos dias de sofrimento teriam que se passar, para ele se dar conta de que eu já tinha acabado com a vida dele naquele único gole.

Quando ele tomou outro, segurei um desejo enlouquecedor de rir.

– Do meu ponto de vista, o barco está afundando. Rápido. Eu só estou pegando meu bote salva-vidas.

– Não estou entendendo.

Não, a questão não era bem essa. Na verdade eu não estava nem aí. Eu tinha coisas mais importantes a resolver.

– Eu quero tudo que você tem sobre a toxina, Devryck. Toda a sua pesquisa. – Ele enfiou a mão no bolso e pegou um pen drive, que jogou na minha mesa. – Copie tudo para o drive e eu prometo que você não vai ter que morrer. Eu quero todos os dados. Todas as fórmulas. Tudo.

– Você está pedindo que eu entregue duas gerações de trabalho.

Na verdade, eu não me importava com isso naquele momento. Queria ir atrás do meu irmão. Queria refutar a impossibilidade berrando em minha cabeça. Aquela palhaçada com Lippincott não passava de uma distração.

– Sim. Você já era. Sabe que, quando Winthrop vier atrás de você, ele não vai te deixar sair ileso, né? Nem seu sobrenome vai te poupar dessa.

Meu sobrenome nunca tinha me poupado de muita coisa. Olhei para o pen drive e para ele.

– Você contratou Angelo pra matar a Lilia?

Àquela altura, eu já não estava nem aí que ele soubesse de nós dois. Lippincott estreitou os olhos, compreendendo, e inclinou a cabeça.

– O que você sabe sobre isso, Devryck?

– Responda à pergunta. Ou eu vou destruir cada detalhe desse estudo.

– E como você faria isso nos segundos antes de levar um tiro?

Idiota. Se ele achou por um segundo que fosse que eu confiava completamente nele ou em qualquer Gralha, era mais burro do que eu imaginava.

– Eu instalei uma proteção. Um vírus, para o caso de alguma coisa acontecer comigo. Um clique, Edward, e tudo desapareceria.

Ele cerrou a mandíbula, os olhos de um tom de preto psicótico.

– Você sempre foi bom nesse jogo. Bem mais inteligente do que o seu pai. – Ele massageou a nuca e soltou um grunhido. – Sim. Eu mandei matá-la. Tentei ser discreto, mas não deu certo, então tive que tomar medidas mais *drásticas*. Ela era um risco.

Discreto.

– Foi você que a drogou com as groselhas-negras no baile.

– Bom, tecnicamente não. Foi a garçonete. Por uma gorjeta bem generosa.

O fato de Lilia não ter sido infectada provava que ele não sabia da ineficiência das groselhas-negras ou trazia à tona um novo mistério sobre a minha mariposinha, que eu teria que desvendar depois.

– Lilia era um risco para mim – prosseguiu ele. – Cometi um erro, anos atrás, quando trepei com a mãe dela, e isso quase custou minha carreira, meu casamento, a porra da minha *vida*.

– Como você tem tanta certeza de que ela é sua?

A última palavra saiu estrangulada, minha cabeça se recusando a dar a ele qualquer nível de posse sobre ela, mesmo que paternal.

– Ela é minha filha. Aquela piranha garantiu. Quatro anos atrás, ela me procurou, logo depois que a mãe dela morreu. Alegou que queria salvar a casa da família. Ela me *garantiu* que tinha perdido o bebê, mas quando vi Lilia naquele dia, no refeitório, eu *soube* que a piranha tinha mentido pra mim.

– Quatro anos atrás. Foi quando a mãe dela ficou doente.

– Acho que foi. – Ele balançou a cabeça com um suspiro dramático e soltou um muxoxo. – Uma tragédia.

– Você matou a mãe dela.

– Eu eliminei um problema. Ela deveria ter morrido na água, com as outras seis mulheres, mas misteriosamente não foi isso que aconteceu.

Talvez não fosse tão misteriosamente assim, se ela tinha sido exposta à pedra negra. Se a minha hipótese se confirmasse, a pedra negra a protegera por um curto período.

– Infelizmente, ela era uma ameaça grande demais para que eu ainda fosse

investigar o motivo disso. E depois a piranha foi embora. Achei que ela tivesse morrido. Até ela voltar para a minha vida como uma porra de uma herpes. E aquela outra lunática apareceu em seguida. Me acusando de ter botado vermes nela.

– Você mandou alterar o relatório do legista dela, como me fez alterar o de Andrea.

Com um sorriso arrogante, ele ergueu o copo num brinde, e tive vontade de rir com a ironia, mas estava ocupado demais imaginando como ele ficaria com metade dos dentes quebrados.

– Chantagem é uma coisa linda. Eu cavei tanta merda daquele legista que ele teria trepado com o cadáver se eu tivesse mandado.

– Mas por que Lilia? Ela nem teria sabido se você tivesse deixado pra lá.

– Foi Gilchrist que ficou remexendo no assunto. Aquela escrota é impossível! – Ele esfregou os dedos e se mexeu na poltrona, furioso. – Ela está no meu pé há duas décadas. Está desesperada para sabotar a minha carreira e o meu casamento. Foi ela que contou pro seu pai sobre o meu casinho com aquela vagabunda. – Com um longo suspiro, ele endireitou os ombros. – Uma vagabunda que me *jurou* que tinha perdido o bebê. Imagina a minha surpresa quando uma réplica ambulante dela entrou no refeitório naquele dia. Eu nunca devia ter te dado ouvidos, devia ter expulsado a garota naquela época mesmo. – Com as mãos trêmulas, ele tomou outro gole, agitado. – É um jogo para Gilchrist. Um jogo doentio de ficar me vendo falhar, e estou cansado de ser empurrado pra lá e pra cá por mulheres!

Respirando fundo, ele ficou em silêncio por um momento, como se tentasse se recompor. Estava com o rosto vermelho como um camarão, e eu me perguntei se ele cairia duro com um derrame.

– Eu vou te contar um segredinho, Devryck. Um segredo que não contei para ninguém. Eu não deveria contar, mas você é como um filho pra mim. Mais até do que o Spencer.

– Por que você está repetindo isso?

– Porque é verdade. Spencer não é meu filho. Ele nasceu do caso da minha esposa com o seu pai.

O homem não conseguia se segurar; estava jogando uma bomba atrás da outra no meu colo.

– Houve teste de paternidade para confirmar isso?

– Houve um teste de paternidade para *me* descartar. Seu pai se recusou.

Não fazia sentido perguntar se poderia ser de outra pessoa. Eu tinha visto

meu pai com ela. Tinha visto os dois juntos.

– Então você trepou com a mãe da Lilia pra se vingar da sua esposa.

– Eu não vou mentir. Trepar com Vanessa Corbin valeu o risco. Em outra vida, talvez eu até me apaixonasse por ela.

Um pensamento doentio.

– Mas chega disso. Copie os arquivos, Devryck. Por favor, não me faça ter que explodir seus miolos.

Trinquei os dentes e me loguei no computador, os pensamentos girando para decidir como superar aquele idiota bêbado enquanto a minha cabeça parecia prestes a explodir. Uma notificação surgiu na tela.

Um e-mail de Spencer.

Capítulo 63

LILIA

No espelho do banheiro, virei o rosto para ver a parte de baixo da ferida, onde eu lembrava da lâmina roçando o osso. Enjoada com o pensamento, desviei o olhar. Mesmo que Devryck tivesse feito justiça do jeito dele, eu nunca me livraria de Angelo. Ele sempre estaria ali, todas as vezes que eu tivesse que me olhar no espelho. Cada vez que eu me visse desesperada para esquecer aquela noite, os vestígios deixados me fariam relembrar tudo.

Escovei os dentes, me retraindo cada vez que o movimento da mandíbula repuxava os pontos. Eu tinha vestido uma calça jeans e uma camiseta e, depois de esvaziar a bexiga e passar o desodorante, decidi sair do quarto e explorar a enorme mansão.

Pela fresta da porta vi um corredor escuro. Como identifiquei um interruptor decorado alguns passos depois do quarto, fui até lá e o acionei. Arandelas antiquadas nas paredes se acenderam, como se houvesse uma chama dentro. Andei pelo corredor, passando por retratos enormes, alguns cobertos com lençóis brancos. Da passadeira com estampa paisley no piso grosso de madeira ao belo lustre de cristal pendurado no teto acima da escada e os detalhes na decoração, tudo ali imprimia um aspecto majestoso ao local. Bem diferente de onde eu tinha passado a infância. Eu achava estranho Devryck ter deixado a casa sem uso, abandonada.

Quando cheguei à escada, eu me virei para um retrato mais chamativo na parede. Era de um homem austero, com cabelo claro e olhos intensos, ladeado por dois garotos igualmente bonitos, com no máximo 16 anos, pela minha estimativa. Não sei se eu teria conseguido distingui-los. Eles davam trabalho, com certeza. Os dois tinham um brilho travesso nos olhos, um deles com um

sorrisinho debochado nos lábios que provavelmente fazia muitas garotas derreterem.

A madeira gasta rangeu sob meus pés quando desci pela escada até o saguão. Nada lá me parecia familiar. Eu não conseguia me lembrar de ter acordado e visto qualquer coisa na noite em que ele tinha me levado para aquele quarto. Eu devia estar apagada mesmo.

Havia uma sala à direita do saguão, todos os móveis cobertos por lençóis, e, quando segui pelo corredor, passei por uma biblioteca, um banheiro pequeno, um depósito embaixo da escada e um armário vazio.

Um som baixo chegou aos meus ouvidos quando me afastei do armário; franzi a testa e fechei a porta. Ouvi com mais atenção. Fechar os olhos fez o som ficar mais evidente. Um grito angustiado. Um medo gélido deslizou pelo meu pescoço e abri os olhos.

Volta pro quarto, ordenou minha mente.

Eu soube naquele segundo o que Devryck tinha feito com Angelo. Um medo louco me fez estremecer e toquei a ferida no meu rosto.

"Ele não vai mais te machucar." As palavras de Devryck ecoaram em minha cabeça.

Por motivos que não conseguia entender, eu precisava ver por mim mesma. Precisava saber se havia a remota possibilidade de ele vir atrás de mim de novo. Eu queria tirar algo dele, de forma que, se ele acabasse morrendo nas mãos de Devryck, não me assombrasse do além.

Embora todos os músculos do meu corpo lutassem contra a minha mente, meus pés se moveram por conta própria na direção de onde os gritos pareciam estar vindo. Passei a mão na coxa, um instinto para pegar o canivete. Desviei o olhar para a cozinha e segui em frente, procurando o cepo de facas. Em vez disso, abri uma gaveta e dei de cara com uma coleção de facas chiques, de aço. Escolhi o cutelo pesado, com um fio que parecia afiado a ponto de cortar osso.

Claro que eu não queria imaginar essa possibilidade, mas, caso Angelo tentasse me atacar de novo, pelo menos eu estaria armada. Fui na ponta dos pés até a porta e ouvi de novo. Os gritos pareciam mais fracos, mas ainda sôfregos.

Quando coloquei a mão na maçaneta, tentei imaginar o estado dele. *Não faz isso. Deixa pra lá.*

Mas eu não podia. O filho da mãe tinha ameaçado me foder com a lâmina de uma faca. E eu não tinha dúvida de que ele teria cumprido a ameaça.

Abri a porta, que dava para uma escada que descia para a escuridão. Liguei o interruptor ao meu lado, o que deu vida às arandelas antiquadas, iluminando o

caminho à frente. O ar frio fez minha expiração se transformar em nuvens de vapor, e os arrepios só aumentaram minha ansiedade quando desci a escada fria de pedra.

Descendo.

Descendo.

Ao fim, a escada se abria em um corredor escuro bifurcado. Acendi a luz do lado esquerdo e esperei, ouvindo. A ansiedade esmagava meus pulmões, e respirei com dificuldade pelo nariz. Com o cutelo ainda na mão, cruzei os braços para afastar o frio.

Gemidos baixos me direcionaram para a esquerda, e eu segui naquela direção. Uma porta no fim do corredor estava entreaberta. *Deus, por favor. Que ele esteja preso.*

Engoli o nó na garganta e espiei. Os gemidos ficaram mais altos. Minha pulsação disparou quando abri mais a porta.

Do outro lado da sala, Angelo estava deitado em uma mesa de aço. Os braços tinham sido retirados e cauterizados, dando lugar a cotocos escuros, queimados.

O ar sumiu dos meus pulmões enquanto meus pés me levaram para mais perto e meus olhos percorreram a cena aterrorizante à minha frente. Eu tinha tido uma vaga ideia pela visão periférica, meu pensamento se fixando no colar coberto de sangue no pescoço dele. Com a mão trêmula, estendi a mão para pegá-lo e o segurei no punho fechado, então Angelo se virou para mim com um grito. Engasguei de pavor enquanto o corpo dele se contorcia, em pânico, e com um puxão eu arranquei o colar.

Sangue escorria por suas têmporas, saindo de buracos que abrigavam olhos que foram maliciosamente arrancados. Desci o olhar pela carnificina que tinha evitado encarar diretamente. A barriga dele tinha sido aberta, com as entranhas para fora, sangue para todo o lado. Contorcendo-se, ele abriu a boca e soltou um gemido, e vi sua língua cortada ainda minando sangue, que ele cuspiu ao se virar para tossir.

Senti um frio absurdo na minha barriga. Caí de joelhos e o cutelo estalou no chão de cimento. Bile subiu pela minha garganta, queimando meu nariz, e se esparramou no chão, espirrando pela superfície. Os gemidos de Angelo viraram um uivo de pânico. Um pedaço do intestino dele estava no chão, ao meu lado e eu vomitei de novo, os braços tremendo enquanto lutava para ficar ereta.

Um suor frio e pegajoso cobria meu corpo, minha cabeça tonta quando me virei para longe dele. Com o colar na mão, me levantei, e outra onda de tontura veio, me derrubando de joelhos de novo.

Era demais. Porra, demais.

Com as mãos tapando os ouvidos para não ouvi-lo gemer, cambaleei até a porta e, quando saí da sala, caí contra a parede, todos os músculos falhando de medo e repulsa. Não tanto pelo fato de Devryck tê-lo punido. Eu nem queria imaginar como devia ter sido a cena quando ele entrou no quarto e viu Angelo me atacando, mas precisava. Eu precisava me forçar a imaginar o que poderia ter levado um homem a agir com tanta brutalidade. Me esforcei para superar o choque e conjurei as coisas horríveis que Angelo tinha prometido fazer comigo. Cortar a minha garganta. Cortar meu corpo em pedaços para poder me tirar com facilidade do apartamento. Sim. Todas essas coisas ele tinha prometido fazer. E teria feito.

Eu não duvidava disso.

Com raiva renovada, me afastei da parede e fui na direção da escada. Outro grito agudo vindo da sala me fez parar. Fios enregelantes de medo deslizaram pelo meu pescoço quando me virei para a sala onde Angelo estava.

Os gritos dele se tornaram um silêncio sinistro.

Esperei para ouvir se voltariam.

Uma figura surgiu no corredor.

Ondas de pavor percorreram minha espinha enquanto eu olhava a forma obscura de alguém com uma capa comprida e uma máscara da peste. Na mão, ele segurava o cutelo que eu tinha deixado cair, a superfície molhada com algo que eu não tinha muita dúvida de que era sangue.

O ar travou no meu peito e eu fechei os olhos.

Não é real. Ele não é real. Ele não é real.

Só que, quando reabri os olhos, ele ainda estava ali. E quando veio na minha direção, meus músculos travaram, os pulmões paralisados. Não consegui gritar. Não consegui me mover. Pelo que pareceu uma eternidade, fiquei imóvel vendo aquela aparição andar na minha direção em um ritmo acelerado.

A campainha tocou.

Ele parou.

Saí do transe e olhei para o lado, onde havia uma luz acesa no alto da escada. A adrenalina correu pelas minhas veias e eu me virei e subi correndo a escada. Um soluço sem lágrimas escapou do meu peito. Olhei para trás e o vi correndo atrás de mim, então soltei um grito.

Assim que saí da escada, disparei pelo corredor até o saguão e abri a porta. Dei de cara com a professora Gilchrist, que soltou um berro perturbados e levantou as mãos.

– Socorro! Socorro, ele está atrás de mim! Ele está vindo!

Um empurrão leve a derrubou para o lado quando eu passei correndo. Desci a escada de pedra quase aos pulos na direção da entrada circular de cascalho e mato. Foi lá que eu me virei para esperar o homem mascarado vir correndo atrás de mim. Ofegante, o peito chiando, fiquei curvada, esperando.

Ele não apareceu.

Segundos se passaram, a brisa do outono soprando fria contra a minha pele.

Com a testa franzida, Gilchrist inclinou a cabeça e olhou dentro da casa. Imaginei que seria o momento em que o assassino partiria o crânio dela com o cutelo, mas a mulher só ficou olhando para mim, ainda confusa.

– Lilia? Você está bem?

– Eu estava... Ele estava... estava... – Eu não conseguia recuperar o fôlego, o medo e o enjoo ainda se revirando nas minhas entranhas. – Eu juro que havia uma pessoa.

Deus, talvez eu tivesse imaginado de novo. Talvez a situação de Angelo tivesse me feito imaginar coisas. Com a mão trêmula, massageei a testa e respirei fundo, longamente.

– Lilia, tem certeza que você está bem?

A voz dela carregava um tom de cautela e incerteza. De cabeça baixa, soltei um suspiro exasperado e assenti.

– Estou. Eu estou bem.

– O que aconteceu com o seu rosto?

– Eu caí – menti, e ela fez uma expressão cética.

Eu precisava voltar para dentro e me afastar daquela mulher antes que ela fizesse mais perguntas. Com passos rápidos, subi a escada até a porta e franzi a testa: o que Gilchrist estava fazendo ali? Devryck tinha dito que ninguém saberia que eu estava lá. Será que ele a tinha enviado?

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, a voz tão cautelosa quanto a dela momentos antes.

– Acho que eu devia estar fazendo a mesma pergunta. Soube que você foi embora.

Não tinha sido Devryck, então.

– Devryck não está aqui – falei, entrando na casa, pronta para bater a porta na cara dela, se necessário fosse.

– Eu estou aqui, minha linda.

Ao ouvir a voz grave que me causava arrepios na espinha, eu me virei e o vi andando casualmente pelo corredor na minha direção, as mãos enfiadas nos

bolsos da calça jeans escura. A camiseta preta e justa era diferente da camisa branca de botão que ele estava usando mais cedo.

Confusa, dei um passo para trás quando ele se aproximou.

– Onde... – Com o olhar indo para a porta aberta da escada do porão, balancei a cabeça. – Quando você voltou?

– Alguns minutos atrás – disse ele, e parou.

Com olhos reverentes, ele apoiou meu rosto entre as mãos e fez um carinho suave na minha bochecha, ao lado da cicatriz, mas tive uma vontade instantânea de me afastar. Voltei a atenção para o exterior da casa e vi que o carro dele não estava lá. Será que tinha estacionado na garagem? Nos fundos? Será que tinha vindo com Gilchrist?

Quando me virei para ele, vi uma mancha vermelha no canto do seu olho, como se um vasinho tivesse se rompido ali. Meu olhar também identificou uma cicatriz perto do mesmo olho, que eu não tinha percebido antes.

Os cantos de seus lábios se curvaram em um sorrisinho debochado, e ele voltou a atenção para Gilchrist.

– Você trouxe o que eu pedi?

Ela estendeu um pen drive preto, e ele passou por mim, indo até ela e a abraçando pela cintura de um jeito que pareceu íntimo demais.

Ele deu um beijo nos lábios dela.

Que porra é essa?

De queixo caído, olhei para os dois, tentando entender se eu estava presa em um pesadelo. Talvez em uma alucinação. Meu coração murchou, e foi só quando meu peito doeu que percebi que estava sem respirar.

– O que é isso? – consegui dizer entre respirações engasgadas.

Devryck se virou para mim e sorriu enquanto tirava o pen drive da mão de Gilchrist.

– Não era isso que você queria dela, Lilia? Todos os arquivos do estudo Crixson?

Desviei o olhar dele para ela e me afastei dos dois, a cabeça girando numa confusão avassaladora. Devia ser um sonho. Um sonho horrível, bizarro.

– Devryck? P-p-por que você faria isso?

Ele não respondeu. Não tinha uma gota de remorso em sua expressão apática quando veio na minha direção e estendeu a mão, que eu afastei de mim com um tapa.

– Não toca em mim!

– Não faz assim, meu bem – disse ele, enquanto eu lutava mentalmente para

entender a situação.

Meu bem? Ele nunca me chamava assim. O que estava acontecendo?

O sorriso arrogante de Gilchrist virou repulsa quando ela me olhou.

– Ai, meu Deus, sua... sua ferida está sangrando.

Havia um ar de nojo nas palavras dela, e eu levei a mão até a bochecha molhada, afastei-a e vi o sangue nas pontas dos dedos.

– Isso está horrível mesmo – acrescentou ela, ainda com uma careta.

Os lábios de Devryck se curvaram em uma careta e ele segurou Gilchrist pelo cabelo e puxou a cabeça dela para trás. Foi uma reação tão atípica dele que eu pulei para trás, arfando.

– Devryck! – disse ela, a voz afetada pelo ângulo da cabeça. – O que você tá fazendo?

Ele se virou para mim e, de uma bainha no quadril que eu não tinha visto antes, pegou uma faca e apontou para mim. O ar saiu a toda dos meus pulmões com o choque. Ele planejava *me* machucar?

– Vá se sentar na sala – ordenou ele em tom ríspido. – Precisamos conversar.

Eu não queria conversar. Supliquei em silêncio para que a minha mente acordasse. Acordasse daquele pesadelo horrível que estava destruindo meu coração.

– Só me deixa ir embora. Por favor. Eu não vou dizer nada. Só me deixa ir.

Meu olhar foi na direção da porta, avaliando se eu conseguiria passar por ele e Gilchrist. Quando saltei naquela direção, ele soltou Gilchrist e bloqueou minha fuga.

– Senta.

Porra nenhuma.

Eu me virei e fui na direção oposta.

Um sibilo soou ao lado da minha orelha e algo se cravou na parede à minha frente.

Eu parei.

O cabo da faca despontava da parede; ela tinha passado perto da minha cabeça.

– Não me faça te machucar.

Me machucar? Eu não o achava capaz disso.

Eu me virei e o vi enfiando a mão em uma segunda bainha no quadril. Antes que pudesse pegar o que eu supunha ser uma segunda faca, passei pelos dois e fui para a sala.

De braços cruzados, eu me sentei no sofá, meu corpo todo tremendo com

uma mistura de adrenalina, raiva e medo, uma coisa que eu nunca tinha imaginado que Devryck me faria sentir. Observei a sala em busca de uma rota de fuga enquanto minha cabeça continuava girando de incredulidade.

O que tinha acontecido desde que ele saíra da casa até aquele momento?

Ele direcionou Gilchrist para uma cadeira e tirou o lençol que a cobria.

Quando ela se sentou, ele apoiou as mãos nos ombros dela e fez uma massagem, e novamente recebi aquele sorriso arrogante. Devryck pegou o lençol no chão e o segurou na frente dela.

– Braços cruzados – ordenou ele.

Com a testa franzida, ela virou a cabeça para o lado.

– Como é?

Em vez de responder, ele pegou um dos braços dela e o pressionou junto ao peito, depois o outro, agressivamente forçando-a a cruzá-los.

Com uma expressão de confusão semelhante à minha, ela se manteve na posição, sem se mexer, e ele a prendeu com o lençol, passou as pontas atrás da cadeira dela, cruzou pela frente e puxou para trás de novo, reforçando o nó.

– Nós vamos fazer um joguinho, Lilia. Eu vou fazer umas perguntas e ela vai responder. Se ela não responder, você vai ver este lençol ficar encharcado de sangue.

Meu Deus.

Gilchrist ofegou, o rosto retorcido de medo, e eu vi a garganta dela subir e descer quando engoliu em seco.

Olhei para a saída de novo, me perguntando se ele teria coragem de jogar uma faca na minha cabeça.

Quando terminou de amarrá-la, ele chegou para trás e se virou para mim.

– Está preparada?

Ainda franzindo o cenho, olhei para ele, procurando algum sinal de que aquilo era um plano louco que ele tinha inventado e que eu não havia entendido ainda.

Olhei de volta para Gilchrist e pensei que, pela primeira vez, nós duas concordávamos em uma coisa: algo estava muito errado ali.

– Como a mãe da Lilia foi infectada?

Voltei o olhar para ele, surpresa de que tivesse feito a pergunta que não saía da minha cabeça desde que eu havia descoberto sobre o estudo Crixson. O mesmo estudo que ela usou como moeda de troca para que eu fosse embora de Dracadia.

Embora desconfiasse, pela carta da minha mãe, que ela tivesse sido infectada

no encontro com Lippincott, eu queria ouvir o que Gilchrist sabia. Se havia algo tangível que eu poderia usar contra ele.

Ela não respondeu de primeira, mas, com um cutucão forte de Devryck, ela olhou por cima do ombro e se remexeu na cadeira.

– A mãe dela demonstrava ter uma resistência natural, como foi documentado no prontuário dela. Não sei quando isso mudou. O que eu sei é que quatro anos atrás vi Vanessa com Lippincott. Por volta da época em que ela ficou doente. E acredito firmemente que foi esse encontro que selou o destino dela.

– *Como* você sabe disso? – perguntou ele, como se estivesse dentro da minha mente naquele momento.

– Você está pedindo uma prova? Só posso dizer que me lembro claramente dela saindo da sala dele. Fora isso, é tudo especulação. Quem mais a queria morta?

Eu não gostava daquele jogo, mas não tive como ignorar o alívio que senti em saber que a linha do tempo de Gilchrist parecia bater com a da carta da minha mãe.

– Você matou Jenny Harrick?

Devryck a contornou e parou na frente dela. De cara, Gilchrist não respondeu, mas, quando ele estendeu a mão para a bainha, ela pigarreou.

– Não. Claro que não. Ela era intrometida, mas não era uma ameaça para mim, de forma alguma.

– Em outras palavras, eu não queria trepar com ela, então você não tinha motivo para ficar com ciúmes.

Gilchrist lançou a ele um olhar infeliz e assentiu.

– Conta pra ela o que você me contou sobre Spencer.

– Spencer me contou que uma vez, bêbada, Mel fez uma confissão a ele, na noite em que ele a drogou. – Ela se remexeu na cadeira, como se estivesse incomodada com as amarras. – Ela alegou ter um caso com o pai dele. – O olhar da mulher pousou em mim, a expressão bem menos cortês. – Seu pai, no caso.

– E daí? Por que eu me importaria com isso? – falei, e olhei para a porta de novo.

– Não desmereça os detalhes, Lilia – avisou Devryck. – Eles podem ser importantes.

– Só para deixar claro, eu não tive a ver com a sua expulsão. Posso até ser uma escrota, mas não sou *tão* cruel assim.

Eu discordava.

– Spencer mencionou que alguém o mandou drogar Mel. Foi você?

– Eu pedi para ele ver o que conseguia arrancar dela. Drogá-la não foi ideia *minha*.

– Mas você o manipulou. Tirou vantagem dele. Por quê?

– Para viver entre os ricos, você precisa aprender a jogar o jogo, senão eles te comem viva. Não tem jeito melhor de aprender os segredos do seu inimigo do que fazer amizade com o filho que ele não suporta. Spencer foi só um peão, mais nada.

Semicerrei os olhos, enojada, e balancei a cabeça.

– Eu estava certa. Você é uma mulher horrível.

– Está na hora de jogar um jogo diferente – interrompeu Devryck, o olhar em mim de novo. – Um jogo em que eu trepo com você na frente dela.

Pontadas de pânico formigaram na minha garganta e eu balancei a cabeça.

– Se você tocar em mim, eu... – Engasguei na última palavra.

– Você o quê? – Ele me olhou com um sorriso provocador. – Resistir só me deixa com mais tesão.

– Vai se foder.

O olho dele tremeu.

– Que ótima ideia.

Ele virou Gilchrist de frente para a lareira, depois tirou a camisa enquanto andava na minha direção. Tatuagens e cicatrizes cobriam seu peito e abdômen: uma caveira vestida de bobo da corte, uma adaga perfurando um coração, outra caveira com arame farpado e engrenagens e o mostrador de um relógio, além de dois dragões coléricos em cada flanco, que desapareciam nas costas.

Meu coração disparou.

Não era Devryck. Definitivamente, não era Devryck.

Ah, meu Deus.

Recuei quando ele ficou de joelhos na minha frente, passando a língua pelos lábios.

Mãos ásperas seguraram meus tornozelos e me puxaram para ele.

– Você... você é... Caedmon – sussurrei.

Parte de mim sentiu alívio, outra parte ainda estava tonta com o choque.

– O que está acontecendo? – perguntou Gilchrist, se esticando e virando o pescoço para trás.

Com os punhos ladeando o corpo, ele chegou para a frente e me prendeu no encosto do sofá, como se fosse me beijar.

Virei a cabeça para o lado, recusando, e ele lambeu a ponta da minha ferida,

que tinha sangrado um pouco antes, o que embrulhou meu estômago.

– Tão leal a ele, não é? – Ele mordiscou o lóbulo da minha orelha. – Que pena. Eu amo uma boa foda de vingança.

Enquanto Devryck cheirava a canela e perfume, Caedmon cheirava a menta e couro, com um toque de fumaça.

– Gostou da minha arte? Eu fiz pra você.

– Você fez aquilo com o Angelo? – falei baixo, tentando impedir que Gilchrist ouvisse.

– O Devryck começou com a língua e algumas partes do corpo. Membros, em geral. As mãos estão em um pote de amostras. Bem singelo.

A risada sombria dele se arranhou nos meus nervos e pareceu pressioná-los. *Ai, meu Deus*, Devryck mesmo as cortara fora, como prometido.

– Meu irmão evoluiu tanto, não foi?

Com um toque delicado na minha mandíbula, Caedmon virou meu rosto em sua direção. Notei que ele tinha os mesmos olhos acobreados de Devryck, embora com um brilho mais feroz.

– Mas ele não é como nós.

– Como assim?

– Sabe essa cicatriz que Angelo fez no seu rosto? – Ele virou o olhar para a minha bochecha ferida e voltou aos meus olhos. – Ele fez uma em mim também.

Caedmon chegou para trás e mostrou seu tronco, onde uma cicatriz branca marcava um corte na barriga, coberto pela tatuagem de dragão.

– Você e eu... vamos fazer um passeio juntos. – Ele me soltou, ficou de pé e pegou a camisa. – Agora.

Olhei para Gilchrist, depois para ele, e franzi a testa.

– Você não pode deixá-la aí assim.

Eu não tinha nenhum bom motivo para ajudar a mulher, mas não era certo deixá-la amarrada ali. Fui até ela, mantendo os olhos nele para o caso de tentar me impedir com uma das facas.

Quando soltei Gilchrist, ela se levantou da cadeira e deixou o lençol cair no chão.

Ao sentir alguém apertando o meu braço, eu ofeguei, me virei e vi Caedmon me puxando. Tentei me soltar e firmei os pés o máximo que consegui.

– Aonde você vai me levar? Só me diz, prometo que não vou tentar fugir.

O olhar dele foi de Gilchrist até mim, e sem dúvida Caedmon percebeu minha intenção de que ela soubesse a localização na esperança de revelá-la a Devryck.

– Para a universidade – disse ele, como se não o incomodasse fazer a revelação.

– Você não vai entrar. Não sem um código de administrador – argumentou Gilchrist.

Caedmon se virou.

– Eu tenho um código.

De Devryck, sem dúvida. Um puxão no meu braço me fez cambalear atrás dele.

Eu não tinha motivo para confiar naquele homem. Também não tinha motivo para *não* confiar nele, mesmo sendo ele bem mais assustador do que Devryck. Eles ainda eram irmãos, afinal. O irmão que ele achava que estava morto esse tempo todo. O irmão que o enchia de culpa.

Segui Caedmon para fora de casa até o carro de Gilchrist. Primeiro, achei que ele tentaria usar o carro dela, mas ele pegou uma faca e furou dois pneus.

– Por que você fez isso?

Ele não respondeu, só me segurou com mais força e me puxou para o portão.

– Então era você. No porão. Com a máscara? – O tempo todo, eu achei que era coisa da minha cabeça, mas era real. Como ele não se deu ao trabalho de responder, acrescentei: – Escolha interessante de fantasia.

– É do seu namorado.

– O quê?

Um buraco no gramado me fez virar o tornozelo, e eu tropecei, fazendo Caedmon parar. Senti uma dor leve no pé, uma distração pequena da turbulência que maltratava meus pensamentos enquanto eu refletia sobre a resposta dele. Não. Devryck tinha me dito que a fantasia que eu tinha visto era coisa da minha cabeça.

– Você está mentindo.

– O mentiroso é o cara com quem você vinha trepando esse tempo todo.

Me segurando com ainda mais força, ele me puxou enquanto andava.

– Para que é essa fantasia?

– Para eles esconderem a cara quando matam.

– Quem são eles?

– Os Gralhas. Seu casinho é um deles.

Ficou claro naquele momento que Caedmon se ressentia de Devryck. Isso se estendia a mim também? Girei o pulso para testar a força da mão dele, e percebi que era impossível me soltar.

– Então era você me seguindo pelo campus? – perguntei quando passamos

pelo portão de ferro que eu me lembrava de ter visto com Devryck, quando visitamos a mansão.

Ele não respondeu, mas me dirigiu um meio-sorriso pérfido que lembrou o de seu irmão gêmeo. Os dois eram absurdamente parecidos, mas, quanto mais eu olhava, mais encontrava diferenças também. As cicatrizes pequenas e sutis no rosto. Uma ferida na nuca, como se a pele tivesse sido aberta em algum momento. Cicatrizes nas mãos, algumas descoloridas e retesadas, como se a pele dele tivesse cicatrizado mal. Ele era uma versão desgrenhada de Devryck.

Caedmon foi na direção do bosque, sem se preocupar com os gravetos que arranhavam meus pés enquanto eu saltava pela vegetação atrás dele.

– Por que você matou Angelo? Duvido que tenha sido por mim.

Parecia um assassinato passional demais para ter sido por minha causa.

– Se eu soubesse que Angelo estava com você o tempo todo, eu teria te poupado dessa cicatriz.

As peças se encaixaram de repente. Eu entendi tudo.

– Era você. Você estava atrás dele. Era de você que ele estava com medo. Foi você que atacou aquele cara rico, o CEO não sei de quê.

Ele se virou e, antes que eu pudesse respirar, apertou meu pescoço.

– Pare – disse ele entre os dentes.

Tremi de medo quando vi o brilho mortal em seus olhos. Não sabia quem era aquele tal CEO, mas ele tinha feito algo com Caedmon, isso ficou claro.

Olhei-o sem dizer nada, até que ele finalmente me soltou.

Com outro puxão, Caedmon me arrastou na direção de uma estrutura de pedra que me lembrou um chalezinho. Atrás, havia uma motocicleta preta moderna, do tipo esportivo. Balancei a cabeça e recuei um passo.

– Não vou subir nessa coisa. Não com você.

Ele me ignorou e empurrou um capacete na minha direção, que eu afastei.

– Não me provoca. Coloca o capacete.

– Pelo menos me diz uma coisa: você planeja me matar?

– A cada minuto que você enrola pra botar esse capacete eu vejo menos motivo pra te manter viva.

Com mãos trêmulas, vesti o capacete e soltei um sibilo de dor quando o interior acolchoado deslizou pelos pontos. Sem capacete, Caedmon passou a perna por cima da moto e fez sinal para eu subir.

Eu poderia ter corrido, mas não confiava que ele não me mataria.

Então, fiz o que ele mandou.

Subi na porra da moto.

Capítulo 64

DEVRYCK

Enquanto Lippincott terminava a bebida, cliquei no e-mail de Spencer, que tinha um videoclipe anexado:

> E pensar que o babaca arrogante achava que isto estava codificado. Acho que ele não devia ter me colocado no mesmo quarto de um gênio da computação. À meia-noite, isto vai para todos os alunos e membros do corpo docente do campus. Só achei que você ia gostar de ver primeiro. Pergunta a ele sobre o arquivo que Jenny tinha naquela noite.

Lippincott continuava falando, reclamando de Gilchrist e dizendo que planejava fazê-la pagar por todos os problemas que tinha causado.

Tão sutilmente quanto possível, cliquei no vídeo, que mostrou o túnel de cadáveres... obviamente de antes de eu mandar remover as câmeras. Uma figura andou na direção da câmera, uma jovem loura, segurando a alça da bolsa enquanto andava pelo corredor e olhava ocasionalmente para trás. Jenny Harrick.

A tela piscou e foi para o take seguinte, que mostrava Jenny entrando na sala de incineração. Quando estava indo para a saída, do outro lado do cômodo, ela parou e recuou. O vídeo não tinha som, e não dava para saber o que a tinha feito recuar.

Não até que outra figura apareceu na imagem.

Melisandre Winthrop.

A linguagem corporal revelou que as duas estavam discutindo. Olhei rapidamente para Lippincott, que se inclinou para a frente e empurrou o copo na minha direção.

Servi mais da bebida contaminada e voltei a atenção para o vídeo a tempo de

ver Melisandre pegar a pá usada para remover as cinzas dos incineradores. Ela bateu com tanta força na cabeça de Jenny que eu retorci o rosto, mas reparei que Lippincott estava enfiado no copo. O impacto nauseante fez a garota cair no chão, e, como se atordoada com o que tinha feito, Melisandre recuou e largou a pá.

Ela olhou para a porta e para Jenny, parecendo avaliar se devia ajudar ou fugir. Então, tirou um celular do bolso de trás e fez uma ligação.

O vídeo deu um salto no tempo, como se tivesse sido editado. *Dois minutos. Três. Quatro. Cinco.* Quase dez minutos depois, uma terceira figura apareceu no local.

Lippincott.

Outra olhada me mostrou a versão de hoje dele afundando na cadeira, batendo com o dedo na borda do copo com impaciência, como se estivesse me esperando.

No vídeo, Melisandre se jogou em Lippincott, e precisei engolir a repulsa quando ela o beijou. Foi estranho, considerando como ele tinha apoiado o filho, pouco depois do desaparecimento de Jenny, quando Melisandre acusou Spencer de atacá-la. Fingimento, claro. Ele não se importava com Spencer.

Melisandre se virou para a porta e, assim que saiu de cena, Lippincott se ajoelhou e remexeu na bolsa de Jenny. Ele tirou de lá o que parecia ser uma pasta parda e folheou as páginas. Parou, pareceu ler, passou a mão no rosto. Depois de se levantar, correu para um dos incineradores, apertou o botão para acendê-lo e continuou olhando o conteúdo da pasta. Outro breve exame e ele jogou o arquivo todo no incinerador, depois passou a mão pelo cabelo e olhou para Jenny.

– Está demorando muito, Devryck. Vamos logo – disse ele em tom entediado à minha frente.

– Você está pedindo duas décadas de dados, Edward. Relaxa.

No vídeo, Lippincott arrastou o corpo inerte de Jenny para o incinerador.

Com os dentes trincados, eu o vi abrir a porta.

Ele a colocou no leito de aço.

Não. Porra.

Um empurrão forte enviou o corpo para as chamas. Quando ele fechou a porta com ela lá dentro, precisei morder a bochecha para não emitir nenhum som. O fogo tremeluziu na janela da porta do incinerador.

Uma mão apareceu do outro lado.

No vídeo, Lippincott pulou de susto na mesma hora que eu. Passei a mão no

cabelo para me acalmar.

Ele a matou.

Ele a queimou.

Viva.

Tudo capturado em um vídeo que ele tinha escondido. Eu não sabia como Spencer tinha conseguido botar as mãos naquelas imagens, mas ele tinha acabado de limpar meu nome no clipe de dezesseis minutos e 37 segundos.

– O que está acontecendo? – perguntou Lippincott, segurando a arma com a mão frouxa.

– O programa fechou. Preciso reiniciar. Vai levar um minuto.

– Eu não tenho um minuto, porra.

– Você devia ter aprovado a porra do pedido do financeiro de melhorar a internet.

– Tudo bem. – Ele grunhiu e passou pela testa a mão com a arma. – Mas anda logo. Essa arma tá ficando cada vez mais pesada.

Enquanto eu fingia esperar meu computador reiniciar, cruzei os braços e olhei para ele.

– Lembra aquela falha estranha que tivemos um tempo atrás? Que deixou tudo desligado por uma hora?

– Como eu poderia esquecer? Todo mundo botou a culpa em mim. Todo mundo me culpa por tudo. Falta de internet, falta de material nos departamentos, maré alta e lua cheia – disse ele, em tom debochado. – Eu odeio essa porra de trabalho. Quando o presidente Whiting se aposentar, vou ocupar a posição dele e largar essas tarefinhas ridículas.

Ignorei o comentário e perguntei:

– Foi a falha que afetou as imagens da Harrick, não foi?

– Por que está perguntando isso? Quer mesmo desenterrar o assunto Jenny Harrick agora? Você está tão mal que precisa que eu enfie seu nariz nessa merda de novo?

Eu o encarei com firmeza.

– O que era o arquivo que você jogou no incinerador?

Uma diversão afiada mudou sua expressão. Ele passou a língua pelos dentes.

– Cuidado, Devryck. Você está andando na mesma corda bamba que seu pai.

– E daí? Se você não me matar, Winthrop planeja fazer exatamente isso. É melhor você me contar logo por que *eu* fiquei com a fama de ser a porra de um monstro.

– Aquele arquivo que ela roubou tinha provas que incriminavam seu pai.

– Desde quando você se importa com a reputação *dele*? Você arrastou o nome dele na lama ao longo de toda a minha carreira acadêmica.

Ele soltou uma gargalhada sem humor.

– Você é um merdinha ingrato. Eu estava protegendo você! Você, Devryck! Era a sua reputação em jogo. Não a dele. E eu a limpei, não foi? Você chegou a passar uma hora na prisão?

– No leito de morte, meu pai me contou que você sabotou o experimento. O estudo foi encerrado por sua causa. Na época, eu só achei que ele estivesse desesperado e sendo patético, tentando culpar outra pessoa. Mas agora estou me perguntando se aqueles arquivos contavam uma verdade diferente.

Ele travou a mandíbula, a raiva óbvia.

– Aquele estudo era para ser *meu*. Meu! Eu devia ter sido o pesquisador principal.

– Você engravidou a mãe da Lilia. Meu pai te expulsou, você ficou puto e trocou as injeções. Você infectou aquelas mulheres. Você causou a morte delas e foi a nossa família que levou a culpa!

– Alguém precisava derrubá-lo do pedestal, não era? Imagine o poder que ele teria, se o estudo tivesse sido um sucesso! – Rosnando para mim, Lippincott se inclinou para a frente na cadeira. – Mas chega dessa merda de história! Me dá os arquivos, Devryck. Agora!

Ele se levantou da cadeira e contornou a minha mesa. Encostou o cano da arma na lateral do meu corpo.

– Eu quero vê-los copiados para o pen drive. E que você os apague do seu computador depois. – Uma pausa veio em seguida, e senti uma pressão leve do cano nas minhas costelas. – Acabei de reparar... desta vez você não serviu bebida para você.

– É a garrafa que você me deu de Natal. Não gosto de bebida vagabunda.

– Serve um copo pra você.

– Você quer esses arquivos hoje ou...

– Serve.... Um copo.... Pra você.

No armário, peguei outro copo e servi bebida nele. Com a arma encostada em mim, levantei o copo como se fosse beber. Antes de encostá-lo nos lábios, eu me virei e joguei a bebida na cara dele.

– Porra!

Lippincott tapou os olhos com as mãos, cambaleou para trás, e eu bati com o copo na cabeça dele. O homem caiu em cima da escrivaninha e, na queda, derrubou o decantador no chão, onde se espatifou.

A arma disparou, e senti uma pressão no ombro, mas não houve dor imediata. Só um torpor horrível.

Mas eu sabia que tinha levado um tiro.

– Filho da puta!

Avancei a toda, derrubei-o no chão e bati na mão que segurava a arma até que a pistola caísse da mão dele.

– Ah, porra! Porra! – gritou ele, aninhando o que sem dúvida eram dois dedos quebrados, considerando o ângulo não natural em que estavam.

Peguei a arma, fiquei de pé e apontei para a cabeça dele com a mão firme enquanto deixava o braço inerte junto ao corpo. Um olhar rápido para o lado revelou sangue brotando, mais uma confirmação de que eu tinha levado um tiro.

– Você mandou sequestrar meu irmão. Foi você. Confessa!

– Aquela pesquisa era minha. Seu pai a roubou de mim.

Mentira. Se fosse verdade, ele teria arrumado patrocínio para o próprio laboratório assim que o orçamento zerou. Ele não sabia nem por onde começar a pesquisa, e foi por isso que me recrutou para continuar o trabalho do meu pai.

Com os dentes cerrados, eu me desafiei a puxar o gatilho.

– Você mandou sequestrar meu irmão. Diz logo, porra!

Como ele não respondeu, eu me ajoelhei e apoiei a arma em seu queixo. Uma expressão de medo surgiu no rosto de Lippincott quando ele inclinou a cabeça para trás e me encarou.

– Sim. Fui eu que levei Caedmon. Mas não planejava matá-lo. Quem poderia imaginar que seu pai era um babaca tão ganancioso?

Senti um arrepio correr pelas minhas veias e cada fibra do meu ser arder de vontade de puxar o gatilho e acabar com ele.

– Todos esses anos, eu acreditei nas suas baboseiras. Nas suas *mentiras*. Você o entregou pro Angelo. E o que aconteceu depois?

– Angelo só ia deixá-lo preso por um tempo. Para ver se seu pai mudava de ideia.

Pressionei a arma com firmeza contra ele e visualizei como seria lindo ver seus miolos voarem pelo alto da cabeça.

– E quando ele não mudou?

Lippincott hesitou e a arma balançou quando ele engoliu em seco.

– Eu mandei Angelo se livrar dele.

Não me dei ao trabalho de contar que Caedmon estava vivo. Se eu não tivesse visto a prova disso, alguns momentos antes, teria ficado feliz em arrastar Lippincott para a sala de autópsia e o dissecá-lo vivo.

– Vai – provocou ele. – Você não tem coragem pra me matar.

Eu sorri ao ouvir isso.

– O que te faz pensar que eu sou tão misericordioso a ponto de te oferecer uma morte rápida?

Eu o empurrei e segurei uma risada quando seus olhos quase saltaram do rosto. Ele olhou na direção do copo na mesa e para mim.

– O que você fez? – Quando tentou pular na minha direção, ele soltou um grunhido de dor e aninhou a mão de novo. – Que porra você fez?!

Ao ouvir um baque distante, voltei a atenção para o computador, onde um alerta notificou que tinham aberto a porta do laboratório de cima. Puxei a tomada do computador e andei pela sala para espiar pelo canto.

– Winthrop está atrás de você há algum tempo – disse Lippincott, se levantando. – Você está fodido, Devryck. Os Gralhas vêm te pegar.

Três homens de terno preto vinham na direção da minha sala. Reconheci os três como membros dos Gralhas.

Mas eu sabia bem que não era atrás de mim que eles estavam. Eu era importante demais. Tinha passado anos sem oferecer riscos. Sem nada que eles pudessem usar contra mim.

Lilia. Eu precisava ir até Lilia. Se eles imaginassem por um momento que ela estava viva e que tinha alguma ligação comigo, a usariam contra mim.

Saí de mansinho da sala e, ao ouvir o primeiro estalo de tiro, eu me abaixei e passei pela porta do laboratório.

Talvez estivesse enganado sobre não quererem me matar.

O som dos passos me fez notar que os homens estavam bem perto, mas, quando chegaram ao laboratório, eu já estava cruzando a porta da sala de autópsia.

Senti uma dor lancinante no ombro quando a adrenalina passou, mas tentei abstraí-la e segui para a entrada de cadáveres. Outro tiro foi disparado. E outro. Quando dobrei uma esquina, uma bala passou voando e explodiu na parede de pedra à minha frente.

Com o braço que segurava a arma, empurrei a porta pesada de aço, sentindo uma dor terrível subir pelo meu pescoço, e encontrei meu carro ainda parado no estacionamento, onde eu o tinha deixado. O ar frio da noite não conseguiu aplacar a queimação dos meus músculos quando corri pelo estacionamento e me escondi atrás do carro, junto ao lado do motorista. Quando os homens saíram pela porta, eu disparei. Um deles soltou um palavrão e caiu no chão com as mãos segurando a perna.

Os outros dois continuaram vindo na minha direção.

Me enfiei no banco do motorista, liguei o carro e engatei a ré antes de virá-lo na direção deles. O carro partiu para cima dos homens como uma bola de boliche e eles se espalharam, correndo para sair da frente. Uma mudança rápida de marcha e eu pisei no acelerador e cantei pneus, vendo pelo retrovisor quando se levantaram.

Uma bala atingiu a janela traseira direita e estilhaçou o vidro. Outra acertou algum lugar dos fundos do carro. Considerando a mira ruim, parecia que eles só estavam tentando parar o carro. Me pegar em vez de me matar. O tilintar de metal embaixo do carro confirmou essa teoria, pois um deles acertou os meus pneus. Depois que saí do estacionamento, as árvores ao redor me engoliram e os tiros ficaram para trás.

Disparando pela estrada da montanha, liguei para o celular de Lilia.

Não houve resposta.

Liguei de novo.

Ainda sem resposta.

Meu ombro latejava, e, usando a mão do braço machucado para guiar o carro, me apalpei por trás para descobrir por onde a bala tinha saído. Meus nervos berraram loucamente e a náusea subiu pela minha garganta quando passei os dedos pela pele dilacerada que marcava a passagem da bala. O que significava que eu não precisaria escavar para procurá-la, ainda bem.

Fui em disparada pela cidade na direção da mansão e vi uma pessoa sinalizando no acostamento.

Gilchrist.

Parte de mim quis passar direto por ela, mas sua presença ali disparou alguns sinais de alerta, principalmente quando reparei que ela olhava sem parar para trás, para ver se estava sendo seguida. Desacelerei o carro e abri a janela do passageiro.

– Devryck, graças a Deus. Se você estiver indo pra propriedade Bramwell, a Lilia não está lá.

– Como você sabe disso?

Ela balançou a cabeça e gesticulou com desdém.

– É uma longa história. Ao que parece, conheci seu gêmeo encantador... – Ela falou como se esperasse que eu confirmasse, o que não fiz. – Lilia está com ele. Chegaram uns homens de terno olhando tudo. Eu fugi quando notei que estavam armados.

Apostava que eram os Gralhas. Provavelmente esperando que eu voltasse.

– Pra onde Lilia foi?

– Até onde eu sei, para a universidade. Você não passou por eles?

Eu não me lembrava de ter passado por nenhum carro no caminho. Com os dentes cerrados, soltei um rosnado de frustração.

– Se você precisar de carona, pode entrar.

Quando ela se apressou em abrir a porta, me contraí de irritação por ter que esperar. Ela se sentou, dei meia-volta com o carro e fui na direção da universidade.

– Nossa, o seu... o seu ombro está sangrando!

– Que observação brilhante.

– Você está machucado?

Eu olhei para ela de cara feia. Para uma especialista, Gilchrist fazia muitas perguntas idiotas.

– Eu estou bem. – Fiz sinal com a cabeça na direção do porta-luvas. – Pega o Betadine, o esparadrapo e a gaze no kit de primeiros-socorros, por favor.

– Claro. – Ela se inclinou para pegar o kit e tirou o que eu pedi lá de dentro. – Quer que eu faça um curativo em você?

– Não. – Eu não queria as mãos dela encostando em mim. – Corta um pedaço de esparadrapo e coloca no painel. Depois, segura o volante.

Ela fez o que eu pedi e, enquanto Gilchrist segurava o volante, eu afastei um pouco o pé do acelerador e tirei a camisa. Ignorei o ruído de assombro que ela fez, borrifei a ferida nas duas extremidades com capricho, deixando o excesso de fluido escorrer dos dois lados. Com uma das mãos, enrolei o ombro em gaze e prendi com o pedaço de esparadrapo.

Ela tirou a mão do volante quando eu reassumi o controle.

– Você se meteu em alguma encrenca? Quem eram os homens de terno que eu vi na mansão?

– Evangelizadores. Querendo espalhar a palavra – falei, sem humor.

Mexi o braço para verificar se o esparadrapo estava preso e ouvi Gilchrist dar uma risadinha que virou um suspiro. Eu queria perguntar o que ela estava fazendo na casa do meu pai, mas preferi não puxar assunto.

– Devryck, eu... Você a ama?

Não respondi. Eu não tinha dito essas palavras para Lilia, então nem queria saber por que Gilchrist achava que merecia saber primeiro.

– É uma pergunta besta, acho – disse ela. – Eu sinto muito. E não estou dizendo isso por ela ou pelo relacionamento de vocês. Estou dizendo por você.

– Talvez seja melhor ficarmos em silêncio durante o trajeto.

Eu não tinha tempo para banalidades mesquinhas. Principalmente a essa altura. Também não tinha tempo para conversar com uma pessoa com quem não tinha interesse em falar. Com o pé no acelerador, ignorei a mulher que tinha causado tantos problemas e fui na direção de onde esperava encontrar Lilia.

Capítulo 65

LILIA

O capacete pressionava minha ferida enquanto o vento soprava ao meu redor. Eu nunca tinha andado de moto, mas podia afirmar que não estava vendo nada de extraordinário no passeio, principalmente com a velocidade em que Caedmon corria pela estrada. O fato de ser obrigada a ficar tão perto dele me perturbava. Parecia íntimo demais e errado. Mesmo assim, eu me agarrei a ele para me segurar, morrendo de medo de cair para trás.

Caedmon reduziu a velocidade e saiu da estrada principal, seguindo por um caminho no bosque onde uma placa dizia *Cascata Cascadin*, com uma seta apontando para o meio do bosque. O pânico cresceu em meus pulmões, a respiração ofegante dentro do capacete, enquanto ele parava a moto e desligava o motor.

Quando endireitou o corpo, pressionando as costas contra os meus seios, eu me afastei na hora, desci da moto e levantei a proteção do capacete.

– Por que paramos?

– Não vamos ficar aqui. – Ele olhou para o relógio, que exibia algum tipo de alerta. – Sobe de volta.

– Caed, por favor. Eu não sou sua inimiga. Só... me diz pra onde você está me levando.

– Já falei. Pra universidade.

– Aqui não é a universidade.

Com a sobrancelha erguida, ele nem se deu ao trabalho de me olhar.

– Estou vendo por que ele gosta de você. Você é brilhante.

– Você tem raiva dele. Por quê?

Como em todas as outras vezes, não houve resposta. Ele olhou para o relógio

como se estivesse conferindo algo.

Olhei para as árvores ao redor, que tinham começado a escurecer ao crepúsculo.

– Nem pense nisso. Se você der um passo, vou enfiar uma lâmina na sua nuca.

As palavras dele me remeteram à outra noite, com Angelo. A impotência que senti. O medo. Fiquei com raiva de estar na mesma posição de novo. Aprisionada por um psicopata.

Não. Raiva não era a palavra certa.

Eu estava furiosa. *Irada*.

Cerrei os dentes quando a ira tomou conta e subiu da minha barriga até a garganta.

– Se você planeja matá-lo, saiba que eu vou te matar primeiro – falei antes que pudesse me segurar.

Olhos selvagens encararam os meus, e ele baixou o braço lentamente. Seus lábios se moveram como se ele fosse sorrir.

– De onde eu venho, isso se chama preliminar.

– De onde eu venho, é uma promessa.

– Sobe na moto.

– Me diz se planeja matá-lo – desafiei.

Ele me encarou por um momento, como se ponderasse se eu valia o peso a mais na moto.

– Sobe na porra da moto. Agora – disse ele, apoiando a mão na bainha do quadril.

Continuei parada, como se meu corpo se recusasse a obedecer. Mas todas as minhas células tremiam de medo com a possibilidade de eu tê-lo irritado o suficiente para que cumprisse a ameaça.

– Você quer salvá-lo? Sobe na moto. Senão, vou te largar aqui.

Podia ser um blefe. Ele podia estar mentindo descaradamente.

Mas era melhor do que a alternativa que dançava na minha mente no momento, então obedeci e subi na moto.

– Se você tentar alguma artimanhazinha quando chegarmos ao portão, eu te estripo na frente do guarda.

Sinceramente, a *frequência* das ameaças dele tinha começado a me cansar. Elas não tinham a mesma veemência de quando estávamos na mansão. Embora as intenções e motivações de Caedmon continuassem indistintas, eu tinha a sensação de que ele não queria me matar. Era difícil dizer o que exatamente me

dava essa impressão. Talvez só o simples fato de ele ainda não ter enfiado uma faca em mim.

Ele virou a moto para a estrada e, em minutos, chegamos à entrada da universidade, quando o guarda tirânico saiu da guarita.

Caedmon parou a moto e eu me afastei um pouco dele.

– Boa noite, professor Bramwell – disse o guarda.

– Boa noite – respondeu Caedmon em um tom seco.

O guarda inclinou a cabeça e me olhou, e, pela forma como me encarou tão abertamente, deu para perceber que ele não conseguia ver meu rosto através da proteção do capacete.

– É uma aluna com você?

– Só uma companhia.

Agora ele olhava fixamente para os meus pés descalços, com os dedos gelados curvados no apoio para os pés. Com a testa franzida, ele balançou a cabeça e se voltou para Caedmon, a mão apoiada na arma no quadril.

– Bonita essa moto. Crise de meia-idade, é? – Ele riu.

Eu poderia ter gritado nessa hora, avisado ao guarda que estava em apuros, mas fazer isso teria me botado de volta no radar de Lippincott, e eu não sabia qual era o menor dos males no momento. No mínimo, ali no campus eu ficava mais perto de Devryck.

– É – respondeu Caedmon.

O guarda fez sinal para passarmos e voltou para a guarita.

– Tenha uma boa noite, professor.

Menos de um minuto depois, a moto voltou a se mover, e vi Caedmon digitar em um teclado numérico o mesmo código que eu usava no laboratório de Devryck. O portão se abriu e ele passou.

Meu coração estava disparado, esperando para ver aonde ele me levaria.

Ele virou a moto para uma rampa de estacionamento ao lado do prédio da administração e digitou o código de novo. O portão se abriu e nós passamos, então Caedmon parou no térreo.

Nessa hora, eu me dei conta do que ele tinha ido fazer. Desci da moto e, enquanto tirava o capacete com cuidado, fiz uma careta por causa da ardência que senti nos pontos. Havia sangue na parte interna do capacete quando o entreguei a ele.

– Você vai matar Lippincott – falei, com ousadia.

O fato de ele planejar matar o reitor deveria ter me perturbado mais, mas interpretei como reparação. Pela minha mãe. Por mim.

Lippincott merecia o que estava por vir.

– Por que me trazer junto?

A rigidez nos olhos dele se suavizou um pouco, e Caedmon estendeu a mão e limpou o sangue da minha mandíbula.

– É melhor para você ficar comigo.

– Melhor? – Franzindo o cenho, balancei a cabeça. – O que isso quer dizer?

– Há semanas eu te observo. Na aula. Enquanto você dorme. – A confissão me gerou um arrepio consternado quando o imaginei me observando dormir. – Ele não merece você. Nenhum deles merece.

– Ele te ama, sabe. Eu não tenho ideia do que você passou, mas sei que ele ainda sofre por você.

Caedmon repuxou o lábio.

– Ele é um mentiroso. Ou você já se esqueceu disso? – perguntou ele, sem dúvida se referindo ao envolvimento de Devryck com os Gralhas.

Eu não sabia o que Devryck tinha feito a ele, que mentira dissera ao irmão, e desconfiava que Caedmon não me contaria.

– Eu não esqueci. Ele mentiu para mim. E é um babaca por isso. Mas eu posso perdoá-lo. É uma escolha minha, Caed. Não sua.

Ele contraiu a mandíbula e me observou por um momento.

– Então eu acho que é aqui que nos separamos.

Quando ele desceu da moto, eu me virei para a saída, mas fiz uma pausa.

– Você não precisa fazer isso, sabe? Devryck te ajudaria.

Ele exibiu uma expressão de desprezo e destrancou um compartimento preso à parte de trás da moto, de onde tirou uma máscara da peste. Também enfiou a mão no bolso e pegou um pen drive, provavelmente o que tomara de Gilchrist, e me entregou.

– Sai daqui. Não faça eu me arrepender de deixar você ir embora sozinha.

Eu guardei o pen drive no bolso.

– Eu sei me cuidar.

– Claro que sabe, Covington.

Sem esperar mais um minuto, saí correndo da garagem e pelo campus, descalça. Quando cheguei à sala do incinerador, meus pés estavam latejando, gelados e duros como os de um cadáver. Peguei um jaleco quando entrei no laboratório, para afastar um pouco do frio que ainda abalava meu corpo.

Entrei na sala de Devryck e parei de repente ao ver a cadeira virada, e contornei a escrivaninha para ver se ele tinha tido outra convulsão. Algo espetou meu pé e, quando o levantei, vi um caquinho de vidro cravado no calcanhar.

Depois de tirá-lo, olhei em volta e avistei um decantador quebrado e sangue no chão. A cena sugeria ter havido uma briga, e meus pensamentos se voltaram para a notificação que ele tinha recebido no celular mais cedo, de que alguém havia entrado no laboratório. Ai, meu Deus. Será que ele brigara com alguém, ou alguém tinha revirado a sala dele?

O que fazer...?

Fiz outra busca pelo laboratório e pelas salas, olhei por portas e na sala refrigerada de cadáveres em busca de Devryck. Corri até a entrada de cadáveres e vi que o carro dele não estava estacionado lá fora.

Talvez ele tivesse brigado com o invasor e voltado para a mansão.

Droga.

Decidi voltar para o escritório dele e esperar, para o caso de Devryck ligar para o telefone de lá. Desviei dos cacos de vidro, ajeitei a cadeira e reparei que o fio do computador estava solto da tomada. Franzi a testa e o liguei de volta e, quando a tela de login apareceu, digitei a senha que tinha visto Devryck digitar um monte de vezes na semana anterior.

A tela mostrou todos os aplicativos que ele havia aberto antes de o computador ser tirado da tomada, e um deles era um vídeo. Cliquei nele.

A cena exibiu um ataque horrível a uma pessoa que eu tinha certeza que era Jenny Harrick, pelas feições que eu reconheci dos pôsteres de *Desaparecida* avistados pelo campus. Quando a mão apareceu do outro lado da janela do incinerador, eu caí na cadeira de Devryck, cobrindo a boca.

Ah, meu Deus.

Ah, meu Deus do céu!

Um medo sinistro cresceu em mim e me arrepiei toda. Fiquei com o olhar perdido por um momento, tentando absorver o que tinha visto, a pulsação latejando nos ouvidos. Lippincott a matara, tinha queimado a garota viva e mantido segredo sobre tudo, deixando o campus pensar que Devryck era um monstro.

Eu esperava que Caedmon estripasse o filho da puta.

Passei a mão pela nuca e tentei tirar da mente os últimos dez segundos do vídeo, que se repetiam sem parar na minha cabeça. Enfiei o pen drive de Gilchrist no computador. Vários arquivos apareceram, todos datados e rotulados.

Cliquei em um deles. Era uma carta para o comitê, que parecia ter sido escrita pelo Bramwell pai, descrevendo um evento adverso: inoculações trocadas.

– Quinze de janeiro – li em voz alta. – O Dr. Darrows administrou doses da toxina que ele observou estarem descoloridas. Possivelmente contaminadas.

Quem as tinha trocado?

Lembrei-me de Lippincott remexendo na bolsa de Jenny Harrick antes de matá-la. Era possível que aqueles arquivos tivessem as mesmas informações?

Uma notificação surgiu na tela do computador na mesma hora que ouvi um ruído no corredor. Aquela notificação só aparecia na tela quando um código diferente do de Devryck era digitado no teclado.

– Merda.

Corri para pegar o pen drive, que enfiei no bolso, e tirei o computador da tomada, como estava antes. Olhei ao redor, mas encontrei poucos lugares onde me esconder, e, com o som de passos se aproximando, meu coração ficou disparado.

Corri pela sala até o armário e me escondi lá dentro.

Menos de um minuto depois, ouvi um som de cacos de vidro sendo pisados... passos lentos que pareceram ir se afastando.

Abri a porta do armário o suficiente para conseguir ver uma figura na porta, olhando para o corredor. Quando a pessoa se virou para a sala de novo, vi a máscara da peste.

Caedmon?

Não ousei dizer uma palavra quando o vi se virar para longe. Ele saiu para o corredor e eu soltei um suspiro.

A porta do armário se abriu.

Uma segunda figura de máscara apareceu na minha frente.

Um grito escapou da minha garganta.

Capítulo 66

DEVRYCK

A um quilômetro e meio do campus, meu celular tocou no bolso e atendi na mesma hora quando vi que era Langmore.

– O que foi?

– É Winthrop. Ele pediu para você voltar para o Ninho. Eles estão com a Lilia.

O medo contorceu minhas entranhas e parei o carro no acostamento, encerrando a ligação.

– Você precisa descer – falei, sem olhar para Gilchrist. – Desculpe.

– Minha nossa. Já estou cansada de...

– Sai!

– Tá. Tudo bem. Vou sair.

Ela deixou o banco do passageiro e, assim que fechou a porta, eu disparei para o Ninho.

A construção principal era uma antiga igreja católica, construída bem antes do mosteiro, mas que, assim como algumas partes do mosteiro, tinha sobrevivido ao grande incêndio. O que a tornava um lugar tão convidativo para os Gralhas era o fato de, por um acaso, ser conectada aos túneis abertos na pedra que percorriam toda a ilha. Os Gralhas tinham remodelado e modernizado tudo com tecnologia de ponta, transformando a igreja em uma espécie de fortaleza.

Parei no portão, que era controlado por um brutamontes ainda mais tirânico do que Sam, da entrada de Dracadia. Ele me deixou passar sem nem se dar ao trabalho de verificar as minhas credenciais.

Estavam me esperando.

Entrei na garagem subterrânea, a cabeça girando, tentando pensar em como

eu me livraria daquela situação. Caedmon tinha me ferrado muito ao ameaçar a filha do presidente. De propósito, eu imaginava. Meu irmão sempre desprezara os Gralhas e a afiliação do nosso pai com eles. Saber que eu tinha seguido os passos do nosso pai sem dúvida tinha soado como traição para Caedmon.

Peguei o paletó no banco de trás e enfiei o braço com cuidado na manga, com uma careta por causa da dor. A última coisa que eu queria era dar a eles a satisfação de saber que um de seus capangas tinha me atingido.

Um Gralha me encontrou no elevador e me conduziu para um andar acima, até a sala onde aconteciam os julgamentos.

Mantive a respiração regular quando entrei na sala lotada de Gralhas usando o traje cerimonial.

Parecia meio exagerado para uma ameaça. Sem dúvida Melisandre era a princesa de Winthrop, e ele era um pai superprotetor, mas convocar os membros para uma reunião assim parecia demais. Até onde eu sabia, Caedmon não tinha realmente feito nada. O traje, normalmente usado para uma sentença de morte, era o primeiro sinal de que havia algo errado.

Eu tinha acabado de entrar quando o Gralha que me acompanhara estendeu a mão para me fazer parar. O centro do piso se moveu para que uma jaula enorme subisse.

Dentro da jaula estava Lilia.

Parecia que morte era exatamente o que eles tinham em mente.

O rosto dela foi tomado de alívio enquanto corria na direção das grades, as mãos tremendo quando se segurou nelas.

– Devryck!

Meus músculos se contraíram, meu corpo tomado pela urgência de matar cada filho da puta ali presente. O acompanhante baixou o braço e eu andei ao lado da jaula, com uma máscara de indiferença. Demonstrar emoções teria sido tolice.

O vice-presidente, sentado ao lado do homem que eu sabia ser Winthrop, se levantou e se dirigiu a mim.

– Dr. Devryck Bramwell, você foi trazido aqui por acusações de ameaças à filha do presidente e pelo assassinato brutal do colega Gralha e reitor Edward Lippincott, que foi encontrado momentos atrás na sala dele.

Merda.

Merda!

Caedmon de novo. Só que eles deviam ter obtido provas em vídeo que, aos seus olhos, mostravam o *meu* rosto, não o do meu irmão. Ameaçar a filha do

presidente já era ruim, mas matar outro Gralha era o pior crime que se podia cometer. Uma sentença de morte.

– Por que a Srta. Vespertine está aqui? – ousei perguntar, já sabendo a resposta. – Ela é inocente. Não teve nada a ver com isso.

– Devido à sua importância no estudo de *Noctisoma*, a Srta. Lilia Vespertine vai ser acusada. Ficamos sabendo que vocês dois tiveram relações íntimas. Há a possibilidade de ela ser sua cúmplice. Embora a natureza da relação de vocês não tenha importância, a significância dessa relação tem, neste caso.

Melisandre tinha contado para o pai, obviamente, junto com a acusação de que eu a tinha atacado.

– Você tem algo a dizer para seus colegas Gralhas?

– Tenho. – Cheguei mais perto, me recusando a olhar para o que imaginava ser uma expressão de medo e confusão no rosto de Lilia. – Vou pedir aos meus irmãos que perdoem a Srta. Vespertine com base no fato de que a filha do presidente conspirou com o Dr. Lippincott para assassinar uma aluna considerada desaparecida.

O presidente Winthrop se empertigou, cerrando os punhos.

– Mentira!

Ergui o celular e me virei para mostrá-lo aos membros que estavam atrás de mim.

– Eu tenho provas. Imagens de segurança capturadas na ocasião.

O vice-presidente moveu os dedos, pedindo meu celular, e, quando o entreguei, olhou para a tela por vários minutos. Então, baixou o telefone devagar e o passou para o homem ao lado.

O presidente Winthrop viu o vídeo em seguida.

Segundos se passaram, e ele baixou o celular e pigarreou. Se eu fosse tentar adivinhar, diria que o homem estava furioso pela humilhação daquele momento, provavelmente pronto para estrangular a filha, principalmente depois do beijo nojento em Lippincott.

– A Srta. Harrick estava de posse de dados gravados durante o estudo Crixson, que implicavam Lippincott no crime de ter trocado as inoculações. – Era uma acusação ousada, mas que eu estava disposto a sustentar com o meu nome e meu status. – Basicamente, ele assassinou as seis mulheres envolvidas no estudo e jogou a culpa no meu pai.

– Você não tem prova disso – declarou o presidente. – Nós não temos ideia do que foi queimado naquele fogo.

– Eu tenho os arquivos. Todos eles – disse Lilia ao meu lado, os dedos em

volta das grades da jaula. – No pen drive que vocês confiscaram. Recebi esses arquivos da professora Gilchrist, que era a secretária e responsável por registrar os dados do estudo. Darrows observou uma mudança nas inoculações no dia 15 de janeiro. Vocês vão encontrar as anotações dele lá.

Minha mariposinha corajosa. Reprimi um sorriso quando a vi se dirigir àqueles homens poderosos como se estivesse disposta a se enfiar de vez nas chamas. Claro que, para isso, ela teria que passar por mim primeiro.

Um dos Gralhas mais próximos entregou o que supus ser o pen drive confiscado para o vice-presidente. Por sua vez, ele o entregou para outro homem, sentado duas cadeiras depois, que eu imaginava ser o Dr. Fausten, e falou:

– Faça a gentileza de confirmar as anotações do dia 15 de janeiro.

Outro Gralha colocou um notebook na frente do Dr. Fausten. Minutos se passaram em um silêncio angustiante enquanto ele olhava as anotações.

Torci para estarem organizadas. Conhecendo a natureza meticulosa de Gilchrist, eu desconfiava que estivessem.

– Desculpe – sussurrou Lilia ao meu lado.

Eu queria muito segurar a mão dela, garantir que tudo ficaria bem. Em outro tribunal, talvez as provas fossem suficientes, mas eu estava enfrentando mais do que desconfiança e dúvida. Estava enfrentando corrupção, política e favoritismo, e não havia garantia de que eles considerariam os fatos convincentes o bastante para poupar Lilia.

Tentei pensar em outra solução, outro meio de salvar a vida dela, porque não havia a menor possibilidade de eu deixar que ela fosse morta. Botaria fogo no projeto inteiro e iria embora com um sorriso no rosto. Pouco me lixava para as consequências.

Mais um minuto se passou e o Dr. Fausten se recostou na cadeira.

– A acusada tem razão. As anotações de 15 de janeiro demonstram que as amostras foram identificadas como descoloridas e possivelmente contaminadas. Darrows realmente administrou as inoculações. Parece que o Dr. Warren Bramwell tentou registrar uma denúncia, mas a mesma foi rejeitada pelo presidente Lowenstein.

Lowenstein era o predecessor de Winthrop, e muito amigo de Lippincott, inclusive o indicara para a posição de reitor.

– Lippincott foi registrado como suspeito no relatório de Bramwell – informou Fausten.

– Nós vamos investigar melhor essa questão, numa tentativa de restaurar o nome Bramwell – disse o vice-presidente. – Quanto à Srta. Vespertine, estamos

em uma situação um tanto complicada. Por saber da nossa organização, ela representa uma ameaça à segurança e ao anonimato que sustentamos há séculos. Como você sabe, no passado isso resultou em execução.

– Eu proponho torná-la membro – falei sem hesitar. – No tempo em que trabalhou no meu laboratório, a Srta. Vespertine deu uma contribuição significativa para a estabilidade da toxina *Noctisoma*.

– E que contribuição foi essa? – perguntou o presidente Winthrop, desconfiado.

– Não posso revelar. – Olhei para Lilia e de novo para ele. – A pesquisa pertence a ela.

O presidente Winthrop bateu com o dedo na madeira polida da bancada.

– Ninguém se torna Gralha sem uma *avaliação* adequada.

Eu estava bem ciente das avaliações deles. Da iniciação. Das missões que tive que cumprir para provar a minha lealdade. Todos os membros presentes tinham sofrido nas mãos dos anciãos.

– Eu ofereço meu endosso pessoal.

Sob essa condição, nós dois pagaríamos o preço se ela fizesse besteira. Nem pais davam endosso aos filhos, por medo das consequências. Eles precisavam saber quanto eu estava disposto a botar em jogo por ela.

– Você está ciente das repercussões. – Havia um ar de satisfação nas palavras do presidente.

– Estou – respondi com segurança.

– Srta. Vespertine. – O vice-presidente cruzou as mãos na frente do corpo. – É de seu interesse se tornar uma Gralha? Ser doutrinada na nossa sociedade, seguir nossas regras e receber a marca do nosso emblema?

Ela baixou o olhar, como se refletisse sobre a pergunta. Como se *refletisse* sobre a porra da pergunta?

Como assim?

A alternativa era o sono eterno!

Quando ela ergueu o olhar de novo, todos os músculos do meu corpo se contraíram, sem saber o que aquela garota imprevisível diria.

– Eu quero minha bolsa de estudos de volta. Os quatro anos e o mestrado. E quero minha casa de infância. Quitada.

Que criaturinha atrevida.

Novamente, precisei disfarçar o sorriso que ameaçava escapar. Eu estava quase explodindo de orgulho.

– E... e... eu tenho coragem de fazer esse pedido com base na importância da

minha contribuição. Foi comprovado que ela sustenta o efeito da toxina e garante sua eficácia.

Ela estava nervosa, as mãos tremendo, mas ao mesmo tempo se mostrando lindamente corajosa.

– A alegação procede, Dr. Bramwell? – perguntou o presidente Winthrop, chamando minha atenção de volta para ele.

– Sim. Vou fornecer um relatório até o fim da semana com os primeiros resultados. Vocês vão achá-los muito favoráveis, eu garanto.

– Então, nós vamos votar sobre a questão de tornar a Srta. Lilia Vespertine membro da Sociedade das Sete Gralhas, incluindo os detalhes que ela requisitou de forma *tão ousada*.

Não havia nada garantido. Só tinha havido um membro do sexo feminino antes dela, uma mulher implacável, que tinha muito mais dinheiro do que Lilia. Eles poderiam facilmente mandá-la para o inferno, além de matá-la e tentar me obrigar a revelar a descoberta da pedra negra. Claro que eles teriam que me torturar para isso. Se eles ousassem encostar um dedo nela, eu jamais daria o que eles queriam. Levaria a informação para o túmulo com a promessa de que Lilia e eu nos uniríamos no pós-vida.

Cada um dos sete juízes tirou os broches dos trajes.

Meu coração disparou, se chocando contra os ossos. Eu conhecia cada face por trás de cada máscara, e caçaria cada um deles, começando por Winthrop. Faria uma coleção de pele esfolada e línguas cortadas se eles ousassem emitir uma sentença de morte naquele momento.

Um a um, os sete exibiram seus broches.

Todos dourados.

Capítulo 67

LILIA

Meu estômago revirou quando encostaram o marcador na minha pele com um chiado horrível. Foi como ter facas quentes penetrando fundo na minha pele, e meu braço tremeu enquanto Devryck segurava a minha mão e me observava com seriedade.

Cravando as unhas na mão dele, soltei um grito baixo de dor conforme o calor lancinante penetrou nos meus ossos.

Ele lançou um olhar fulminante para o homem segurando o marcador, e o metal quente se afastou da minha pele, deixando comigo uma agonia insuportável que me fez ficar tonta.

– Olhe para mim, Lilia. Acabou. Já acabou.

Devryck afastou o cabelo do meu rosto, que devia estar branco como neve naquele momento. Engoli a vontade de vomitar quando o homem parado na minha frente colocou minha blusa de volta no lugar e cobriu a marca que tinha acabado de fazer embaixo da minha clavícula.

– Está feito – disse um dos homens mascarados, a voz seca. – Feito o nosso juramento e recebida a marca na pele, a senhorita agora é membro da Sociedade das Sete Gralhas. Bem-vinda, Srta. Vespertine.

Os Gralhas ao redor aplaudiram enquanto eu respirava fundo pelo nariz, tentando não desmaiar. Não tinha ideia do que aquelas coisas significavam, mas fazia uma boa ideia de que, se não aceitasse, teria morrido. Não dava para ver o rosto deles por trás das máscaras, mas eu tinha uma boa noção de que aqueles homens não estavam ali de brincadeira.

Havia um brilho particularmente selvagem nos olhos de Devryck quando ele me puxou para ficar de pé. De início, me desequilibrei. Meus joelhos estavam

bambos, e engoli em seco quando a bile subiu pela minha garganta, desesperada para não vomitar no chão. Um dos homens mascarados se aproximou e me entregou uma máscara e uma veste.

– A senhorita receberá acesso a um site protegido por senha – disse o homem que eu agora sabia ser o presidente Winthrop. – Lá, vai encontrar o manual e os recursos ao seu dispor. Esta reunião está encerrada.

Os sete homens na frente da sala saíram em fila.

Os rostos mascarados em volta também se foram.

Recursos ao meu dispor?

Devryck segurou a minha mão e me conduziu para fora da sala. Em vez de seguir o resto do grupo na direção do que eu supus ser a saída, ele me guiou pelo corredor na direção oposta. Entramos em uma sala escura, parecida com a que estávamos antes, e ele me encostou na parede.

– Você está bem?

– Bom, está ardendo um pouco, mas vai cicatrizar.

– Não. Eu quero saber se alguém... *machucou* você.

– Está perguntando se Caedmon me machucou? Não. Não machucou. Ninguém me machucou. – Eu empurrei o peito dele com força. – Só você. Você mentiu pra mim, Devryck. Disse que era coisa da minha cabeça!

– Shh. Eu falei isso pra te proteger, e foi errado, mas cacete, Lilia, você não conhece esses filhos da mãe. Não sabe do que eles são capazes. – Ele franziu a testa. – Se eles tivessem te machucado, eu teria ficado em uma situação muito perigosa.

Pelo pouco que eu já tinha visto, e pela forma como os Gralhas pareciam proteger a própria identidade, eu entendia a preocupação dele. O simples fato de eu ter falado para o diretor Langmore sobre a fantasia de pássaro que eu tinha visto na noite do baile, numa tentativa de tirar Devryck da mira deles, provavelmente me deixara andando no fio da navalha.

– Langmore é membro?

– Sim. Talvez um dos mais diplomáticos.

– O que eles querem dizer com recursos ao meu dispor?

– Como membro, você vai ter acesso ao que quiser. Tem muito dinheiro e muito poder nessa organização, Lilia. Desconfio que tenham tornado você membro com base no potencial dessa pesquisa.

Parecia que estavam me oferecendo o mundo por uma mentira.

– Mas você se enganou. A pesquisa não é minha. Sou só uma estudante universitária aqui.

– Que tem um papel muito importante no meu laboratório.

Baixei o olhar para a camisa dele e reparei em um ponto vermelho perto da gola.

– O que aconteceu com você?

Puxei o paletó dele e vi uma mancha bem maior do que parecia ser sangue, e Devryck soltou um grunhido.

– Eu levei um tiro. Parece que seu pai não gostou muito do coquetel de vermes que eu fiz para ele.

– Tiro?

O pânico me fez abrir os botões da camisa dele para tentar ver melhor. Devryck segurou meus pulsos e beijou os nós dos meus dedos.

– Está tudo bem. Estou bem. Dói pra caralho, mas vou sobreviver.

Desisti da missão de examiná-lo, mas não consegui tirar os olhos do sangue na camisa dele. Sangue que os outros presentes não tinham notado.

– Você ia usar Lippincott como cobaia?

– Parecia desperdício simplesmente matá-lo.

– Você é doente, Doutor Morte. – Passei os braços pelo pescoço dele, tomando cuidado para não encostar no ombro, e o puxei para um beijo. – Realmente perverso, eu diria.

– Sou mesmo. Perverso a ponto de admitir que teria matado todas as pessoas naquela sala, ainda agora. Eu teria matado Lippincott, Gilchrist... meu próprio irmão, se ele tivesse encostado um dedo em você.

Franzi a testa, incrédula. Embora eu desconfiasse que estivesse acima de Lippincott e Gilchrist, não acreditava que o homem acabaria com o próprio irmão gêmeo.

– Eu já reivindiquei você, Lilia. Que Deus te proteja.

– Eu tenho me saído muito bem sem a ajuda de Deus – falei, encostando os lábios nos dele. – Só tenho um pedido. Nós podemos não dormir na casa onde Angelo está?

– Vamos passar a noite no escritório do meu laboratório. Amanhã eu vejo o que fazer com Angelo. Se você quiser, posso pegar suas coisas lá em casa.

O que mais me preocupava eram as fotos com minha mãe e Bee e o quadro. E uma calcinha limpa, claro.

– Obrigada, mas só se você conseguir dirigir com o braço assim. Senão, talvez seja melhor você me dar a chave.

– Eu estou bem.

Nós voltamos para o carro dele e, quando me aproximei, vi a porta traseira

direita cravejada de buracos, a janela estourada. Olhei para o ombro dele de novo e depois para os buracos, e senti um embrulho no estômago.

– Como você ficou só com uma ferida no ombro?

– Eu acho que eles não pretendiam me matar – disse Devryck, abrindo a porta do passageiro, intacta, e eu me sentei, ignorando a ardência causada pela minha marca.

Ele saiu do estacionamento subterrâneo e dirigiu pela estrada costeira até a propriedade Bramwell.

Quando chegamos, a exaustão começou a deixar minhas pálpebras pesadas. A mansão estava escura e ameaçadora no momento em que ele parou na entrada circular.

– Espera aqui – disse ele. – Eu já volto.

– Tem certeza? Posso ir com você.

– Não precisa. Eu volto em um minuto.

Eu assenti e me encolhi no banco, pronta para adormecer. Ele deu um beijo na minha testa.

Capítulo 68

DEVRYCK

Entrei na mansão velha e infeliz e subi a escada até o quarto onde Lilia tinha dormido nas duas últimas noites. Depois que peguei o celular e a mala dela, fui em direção ao saguão e parei ao lado do retrato na parede: uma imagem minha com meu pai e Caedmon. Eu me lembrava do dia em que tinha sido pintada. Meu irmão e eu tivemos uma briga boba por causa de uma garota da escola que eu havia beijado, de quem ele gostava. No retrato, eu me mostrava arrogante, enquanto ele parecia segurar uma raiva ardente. Dez dias depois, uma semana depois do nosso décimo sétimo aniversário, meu irmão foi levado daquele armário e eu nunca mais o vi.

Mas ele estava vivo.

Logo de manhã cedo eu começaria a procurá-lo.

Quando cheguei ao saguão, senti um formigamento frio na nuca. Eu me virei e vi uma figura quase totalmente escondida nas sombras atrás de mim.

– Caed? – chamei, semicerrando os olhos para a escuridão que o escondia.

A figura obscura deu um passo à frente e foi iluminada pela pouca luz que entrava pelas janelas. Minha desconfiança se confirmou.

Uma dor perfurou meu peito e espremeu meus pulmões. Com os músculos rígidos e travados, larguei a mala de Lilia com um ruído alto.

Porra.

Era ele.

Parado no corredor, como se nunca tivesse desaparecido de casa.

Como se eu tivesse sido transportado para dezesseis anos antes, não vi diferença nenhuma nele. Talvez parecesse um pouco mais velho, mas, sob a superfície, estava o gêmeo de quem eu me lembrava. Metade da minha alma me

olhando, como um reflexo sombrio no espelho.

O irmão por quem eu tinha rezado todas as noites por anos.

– Oi, Devryck – disse ele, a voz tão estoica quanto a expressão.

Fiquei paralisado de choque, não consegui me mexer.

Vivo. Meu irmão estava vivo.

Vivo, porra.

Minha pulsação trovejava em batidas ensurdecedoras nos meus ouvidos. Eu o olhava estupefato, calculando silenciosamente a improbabilidade estatística do momento.

– Você não mudou nada.

Isso foi tudo que consegui dizer, como se até as minhas cordas vocais estivessem petrificadas. Com uma expressão de desdém, ele baixou o olhar, remexendo na própria mão.

– Ah, eu mudei bastante. – Olhos que espelhavam os meus percorreram meu corpo. – Mas você também, ao que parece. Aquele garoto que não ousaria tocar em um cadáver não existe mais.

– Eu encontrei paz na morte.

– Eu também.

Por mais simples que fossem as palavras dele, carregavam o peso da dor. Do sofrimento. De uma tormenta que eu não conseguia nem imaginar.

– Achei que você estivesse morto. Vi um vídeo deles com um maçarico... – Me engasguei com a palavra e balancei a cabeça, me recusando a reavivar aquela lembrança de novo. – Mandaram o que eu pensei serem as suas cinzas.

– Angelo era um tanto teatral.

– Então quer dizer que foi tudo falso?

– Ah, foi real. – Ele ergueu a perna da calça, revelando o tornozelo coberto de cicatrizes grotescas. – Como eu falei, ele era um tanto teatral.

– Onde você estava esse tempo todo?

O fluxo de perguntas passando pela minha cabeça era infinito. Assim como Lilia tinha feito comigo, eu o bombardeei com uma atrás da outra. A cara que ele fez revelou que eu não ia querer saber a resposta, o que só aumentou a fúria ardendo no meu sangue.

– Estou vendo que você se saiu bem – disse ele, ignorando a pergunta.

Seu tom ríspido demonstrava a animosidade que devia massacrá-lo todos os dias, quando ele comparava a vida dele com a minha. Um contraste radical de dor e felicidade. Morte e vida.

– Por que você não me procurou? – perguntei, também ignorando o

comentário dele. – Por que ficar escondido?

– Eu não quero nada com um *Gralha*. – Ele cuspiu a palavra como se tivesse um gosto ruim, os olhos ardendo com ressentimento amargo. – Você é um deles. É como *ele*.

Não sabia se Caedmon estava falando do nosso pai ou de Lippincott.

Ele cerrou a mandíbula e os punhos.

– Você se vendeu por poder.

– É isso que você acha? – A acusação dele despertou a minha raiva. Aquele não era o reencontro que eu teria imaginado. – Eu estava morrendo! Você esqueceu?

Ele estremeceu e moveu a cabeça, depois massageou a nuca. A reação me fez franzir a testa.

– Você nunca teria sobrevivido às merdas que fizeram comigo.

Havia algo de sombrio nas palavras dele, e Caedmon estremeceu de novo, como se estivesse entrando em curto-circuito bem na minha frente. Por mais simples que o comentário fosse, pareceu um golpe no meu peito.

– Você não é nada. É só um babaquinha rico.

Ele apoiou a mão na bainha no quadril. A frustração escapou de mim na forma de uma risada sem humor.

– Você me deixou passar todos esses anos acreditando que estava morto e *eu* sou o babaca? Que irônico. Quem você acha que aguentou a fúria do nosso pai? Quem você acha que ele culpou a cada minuto depois do seu sumiço, hein?

Embora a aparência dele não tivesse mudado, uma réplica minha, o homem à minha frente não era o irmão de quem eu me lembrava e que amava. O que ele sofrera o tinha deixado frio, distante.

– Então você ficou amiguinho do Lippincott. Chegou até a trepar com a única filha dele. Foi assim que conseguiu perdoá-lo? – Um sorrisinho malicioso ergueu os cantos dos lábios dele. – Acho que eu devia ter trepado com ela também.

A fúria explodiu dentro de mim e cerrei os punhos enquanto a determinação de controlar a raiva corroía minha espinha. Como se pressentisse a minha ira, ele inclinou a cabeça e sorriu.

– Ah, parece que encontrei um ponto fraco, irmão.

A raiva dele não fazia sentido para mim. Sua necessidade de me provocar me deixou perplexo enquanto eu resistia à vontade de quebrar os dentes dele.

– Ela contou que eu velava o sono dela? Teria sido fácil trepar com ela fingindo que era você.

– Eu teria te matado.

Algo surgiu no rosto de Caed, que estremeceu de novo.

– O que você disse? – O tom de voz dele me desafiou a repetir.

Eu queria repetir, só para ver o que ele faria, mas algo me disse que era exatamente isso que Caedmon queria. Por mais que as palavras dele incitassem a minha violência, eu não queria brigar.

– O que fizeram com você, Caed?

Como um touro diante de um pano vermelho, ele arremeteu direto contra mim, causando um choque de dor onde eu tinha sido baleado, subindo pelo braço até o pescoço. O impacto me derrubou no chão com uma pancada horrível que abalou minha coluna. Ele ficou por cima de mim, as pupilas dilatadas, enlouquecido como um animal raivoso. Em uma névoa de fúria cega, Caedmon me deu um soco na cara, virando a minha cabeça para o lado. Quando ergueu o braço para outro soco, eu o acertei no flanco com um barulho horrível, e, assim que ele se encolheu por causa do golpe, eu me virei para o lado e o desequilibrei o suficiente para dar outro soco em sua mandíbula.

Nós rolamos pelo chão, trocando socos e rosnados, até eu obter vantagem e prendê-lo embaixo de mim. Dei dois socos rápidos na têmpora dele. Um terceiro golpe fez sangue jorrar do seu nariz. Um leve sorriso brincou nos lábios dele, como se Caedmon gostasse de apanhar.

Dei mais um soco do outro lado do seu rosto e ele soltou um som de prazer.

– Que caralhos aconteceu com você?

Me preparei para dar outro soco, mas um golpe rápido acertou minhas costelas e tirou meu ar. Caedmon deu outro soco forte no meu ombro ferido, e eu tentei me livrar das pontadas de dor que brilharam por trás dos meus olhos. O momento de distração teve seu preço e Caedmon me atacou de novo, me derrubando no chão. Em dois movimentos rápidos, encostou uma faca no meu pescoço e eu congelei.

O fio da faca roçou na minha barba por fazer, deixando uma leve ardência onde devia ter me cortado. Com o corpo tremendo de adrenalina, encarei aqueles olhos que exibiam tanta inimizade e tanto ódio que eu tive certeza de que eles me cortariam.

– Impérvio – falei entre os dentes, meus olhos ardendo quando ergui o queixo, dando a ele total acesso ao meu pescoço.

Caedmon franziu a testa e suas bochechas tremeram, como se as emoções dentro de sua cabeça tivessem entrado em curto.

– Impérvio – repeti, e, com os olhos bem fechados, ele balançou a cabeça.

– Não. – Um rosnado cheio de ira escapou de dentro dele.

– Anda. Me mata – continuei. Aquela provocação parecia romper a névoa que tomava a cabeça dele. – No dia que te arrastaram daquele armário, meu mundo inteiro caiu, e eu estou morto em vida desde então.

– Cala a porra da boca! Cala a porra da boca! – Ele se afastou de mim e levou as mãos às têmporas, como se houvesse algo dentro da sua cabeça. Uma guerra entre os pensamentos dele e as minhas palavras. – Cala a porra da boca!

Ele estava desmoronando.

Lutei com as emoções à flor da pele enquanto via aquilo acontecer diante dos meus olhos. Décadas de dor, confusão e raiva. Raiva que eu tive que esconder nos confins da mente para endurecer o coração.

– Você era o meu protetor. Você era o meu mundo todo, porra. – Minha voz falhou e eu pigarreei.

Ele se afastou e se encostou na parede ao lado, bateu com o cabo da faca na própria têmpora e sussurrou alguma coisa em uma série de palavras incoerentes, que eu não consegui distinguir.

– Você lembra, não lembra?

Outro rosnado raivoso subiu do peito dele, e Caedmon bateu na têmpora com mais força.

– Cala a boca!

Estendi a mão para seu braço. Ele se encolheu e se afastou.

– Não toca em mim, porra! – Quando ele apontou a faca para mim, eu vi o brilho de seus olhos marejados. – Eu sou uma sombra. Sou um fantasma. Não sou nada. Eu sou uma sombra. Sou um fantasma. Não sou nada – sussurrou ele repetidamente.

– Você não é um fantasma nem uma sombra. Você é meu irmão. – Cheguei mais perto, tomando o cuidado de manter certa distância da ponta daquela faca. – Sou eu, Caed.

A faca tremeu nas mãos estendidas dele. Seus olhos se moviam, como se vissem coisas invisíveis, como se as lembranças estivessem vindo rápido demais para ele acompanhar. Ele relaxou as feições na mesma hora em que ergueu as sobrancelhas. Com o queixo tremendo, Caedmon baixou a arma e soltou um rosnado sofrido que ecoou junto ao barulho da lâmina caindo.

Com as mãos sobre as orelhas, ele sussurrou aquela sequência de palavras de novo.

Eu avancei e o puxei para um abraço apertado. Um golpe forte acertou meu peito quando ele tentou me empurrar, e, caralho, parecia que meu ombro estava

pegando fogo, mas não o soltei. Eu o segurei com firmeza enquanto ele rosnava como um cachorro encurralado, empurrando e arranhando para tentar fugir. Senti uma ardência intensa no ponto em que ele cravou os dedos em mim, nossos corpos trêmulos: um equilíbrio de duas forças opostas.

Até que ele finalmente cedeu.

Ele soltou um som sofrido e se agarrou aos meus braços.

– Porra! Porra!

– Eu sinto muito – sussurrei.

Ele finalmente desmoronou.

Lutei contra as lágrimas enquanto o abraçava, ouvindo os sons de agonia que escapavam de seu peito. Caedmon tinha passado por coisas que arrasaram com a mente dele, como os parasitas que infectavam as minhas vítimas. Ficou claro para mim que ele tinha sofrido alguma lavagem cerebral para pensar que eu era seu inimigo. Que eu era responsável pelo que ele tinha sofrido. As pessoas que sequestraram meu irmão o transformaram em um animal. Uma máquina fria e insensível.

Ele se acalmou e, quando baixou as mãos com uma expiração trêmula, eu o soltei.

Caí para o lado, me apoiando na parede.

Nós ficamos assim em silêncio por um ou dois minutos, enquanto eu me perguntava o que tinha acontecido para deixá-lo daquele jeito.

Caedmon secou o sangue do nariz com as costas da mão, espalhando-o sem querer pelo lábio superior.

Puxei o lençol que cobria a mesa ao lado e o passei para ele, usando a outra ponta para secar um pouco do sangue no meu ombro.

– Você levou um tiro? – perguntou ele enquanto secava o sangue do lábio com a ponta do lençol.

– Lippincott.

– O dedo que ele usava para apertar o gatilho está preso na parede do escritório dele, ao lado das orelhas. – Caedmon dobrou a perna e apoiou o cotovelo no joelho. – Ele apontou uma arma para a minha cabeça uma vez. Disse que ia meter uma bala entre os meus ouvidos.

– Me conta o que aconteceu com você.

Ele se contorceu de novo e passou a mão pelo alto da cabeça.

– Eu esqueci boa parte daquele dia com você. As coisas de que me lembro vêm em flashes. Tipo cenas tremeluzentes de um filme.

– Alguém te manteve preso. Quem foi?

– Angelo me deixou acorrentado em um prédio abandonado, em algum lugar. – A voz dele soou arrastada, como se sua mente estivesse perdida em lembranças. – Lippincott apareceu. Disse que nosso pai se recusava a aceitar o acordo. Então, Lippincott mandou que ele se livrasse de mim.

Franzi a testa e tentei imaginar quanto Caedmon devia ter se sentido traído. A desesperança.

– Você devia ter deixado que os parasitas o matassem lentamente.

Ele balançou a cabeça.

– Eu não podia correr o risco de que ele sobrevivesse. Prometi matar todos.

Ele pegou a faca e encostou a ponta na palma da mão, brincando com ela, o que chamou minha atenção para as cicatrizes que havia ali. Havia muitas.

– Sem chance de o Angelo ter te libertado. O que aconteceu?

– Fui vendido para um escroto rico de Massachusetts. – Ele olhou ao longe, como se a mente o tivesse levado de volta para aquele dia. – Ele era parte de um grupo sádico. Uma sociedade de homens ricos e poderosos, como os Gralhas. Só que eles não eram acadêmicos. O esporte deles era torturar pessoas.

Massageei a nuca, hesitando em perguntar mais. Mas precisava saber. Eu precisava entender o que ele tinha sofrido. Mesmo se tivesse que viver aquilo tudo pessoalmente.

– Torturaram você.

– Foi basicamente esse cara. Mas não me deixei cair tão fácil assim. Tinha uma ideia idiota de que sairia daquela situação. De que escaparia. – Ele deu uma risada debochada e tirou uma gota de sangue da palma da mão, onde continuava a brincar com a faca. – Ele viu isso como desafio.

– Ele fez lavagem cerebral em você.

Caedmon encostou a testa no bíceps e respirou fundo, como se precisasse de um momento para se recompor antes de continuar. Algo me disse que foi essa parte que o destruiu. O trecho da história em que tudo tinha mudado.

– Ele descobriu que eu tinha um irmão gêmeo – disse Caed, erguendo a cabeça de novo. – No começo, me disse que ia te encontrar e te vender para aqueles babacas sádicos. Como não esbocei reação, ele começou a contar mentiras. Não abertamente. Foi aos poucos. – Ele massageou a nuca freneticamente e inspirou fundo pelo nariz, então se remexeu e grunhiu, lutando contra uma força invisível. – Ele ficava dias sem me dar nada para comer. Eu ficava delirante, via coisas. Ele começou a invadir meus sonhos, plantando imagens de você ao lado de Lippincott. E até coisas piores. – Sua voz falhou, e ele balançou a cabeça. – Eu não consigo nem pensar nessa merda.

Parte de mim queria saber o que poderia ter sido pior que traição, mas outra parte achou que era melhor deixar pra lá. Porra. Não era de admirar que ele quisesse me matar. Devia pensar que eu tinha passado todos aqueles anos conspirando contra ele.

– Quando desisti da ideia de tentar fugir, ele começou a me *recompensar*. – A voz dele carregava uma nota tensa de repulsa. – Como a porra de um cachorro. Aos poucos, ele foi alimentando a minha lealdade a ele. A *eles*. Não demorou para eu esquecer quem eu era. Foi quando ele me fez matar por ele. Eu virei seu segurança. O cão de guarda.

– Você o matou?

A repulsa no rosto dele sumiu e virou um sorriso satisfeito.

– Matar parece misericordioso comparado ao que fiz com ele.

– Por que agora? Depois de tantos anos?

– Algumas semanas atrás, fui a uma reunião com ele, um CEO importante da indústria farmacêutica. Outro membro da Schadenfreude.

Schadenfreude. Eu sabia que a palavra significava algo relacionado a ter prazer com o sofrimento de outra pessoa. Devia ser o nome da sociedade que Caedmon tinha mencionado.

– Ele se reuniu com Lippincott para negociar a compra de uma pesquisa de um tratamento inovador.

Caramba. O acordo escuso do qual os Gralhas tinham ouvido falar, um tempo antes. O filho da mãe ardiloso estava por trás daquilo o tempo todo, mas deixou Darrows levar a culpa.

Com os olhos ainda perdidos, Caedmon balançou a cabeça.

– Assim que eu ouvi o nome, uma chave virou para mim. – Ele passou a mão pela cabeça. – Me puxou pelas entranhas, e eu não consegui parar de pensar. Me fez lembrar Angelo e os babacas que me pegaram. Eu não conseguia ver além da fúria cega. Pela primeira vez desde os 17 anos, eu quis matar todos eles.

– Você fingiu ser eu para se aproximar de Lippincott.

– Imagina a minha surpresa quando encontrei Barletta naquela cela. E aí você me entregou Angelo, e me senti em pleno Natal.

– Você planejava me matar também – ousei dizer em voz alta.

Com os lábios repuxados e tremendo, ele baixou o olhar.

– Eu não sei o que teria feito. É isso que me assusta.

– E agora?

– Estou tentando dar descarga em toda essa merda na minha cabeça, então vamos seguir em frente, tá?

Eu bufei, depois ri. A risada virou uma gargalhada e, quando olhei para Caedmon, ele também estava rindo. A risada ficou histérica, como se algo que eu não conseguia sequer identificar estivesse se libertando, mas que foi bom. Como um expurgo. Ri até precisar secar as lágrimas no braço. Mais um pouco e o surto passou, e ficamos em silêncio de novo.

Nós dois olhando para a frente.

– Lembra quando a gente era criança e o papai te trancava naquele armário? E você ouvia vozes falando com você? – perguntou Caedmon, o tom mais calmo, parecendo mais o irmão que eu conhecia.

– Lembro.

– O que elas diziam?

– Diziam para eu fugir. Para ir para o mais longe possível do nosso pai.

– Mas você não foi. Você ficou e aguentou cada golpe dele. – Caedmon fungou e passou o polegar pelo nariz. – Quando me jogaram naquela cela úmida e gelada, eu também ouvi uma voz.

– O que ela te disse?

– Para eu sobreviver e matar todos eles. Mas não foi voz de gente morta. Foi a sua voz que eu ouvi.

Com as sobrancelhas franzidas, eu engoli as emoções que davam um nó na minha garganta.

– Eu não teria te matado. Não teria matado alguém do meu próprio sangue.

Caedmon engoliu em seco, se levantou e guardou a faca enquanto eu me erguia do chão.

– E o que acontece agora? – perguntei, massageando os músculos em volta da ferida de bala que doía pra cacete. – Você planeja ficar aqui em Dracadia?

Seus olhos cansados carregavam o vazio de um homem que tinha executado sua vingança e não tinha pensado no que viria depois.

– Este lugar, esta vida, não é para mim. Eu nunca a quis.

Suas palavras desoladas envolveram meus pulmões e tomaram todo o ar que havia em mim.

– Você vai embora, então.

– Vou.

Eu baixei o olhar para disfarçar a angústia ameaçando me rasgar de novo.

– Para onde?

– Não sei. Para longe.

Balancei a cabeça, a mandíbula tensa em um protesto teimoso.

– Você não pode ir embora. Não agora que eu sei que está vivo...

– Eu preciso botar as coisas no lugar, Dev. Minha cabeça não está boa.

– Eu tenho dinheiro. Muito. Posso abrir uma conta para você.

– Não preciso do seu dinheiro. Preciso reencontrar um motivo para viver.

Eu baixei o olhar, esfreguei as mãos e soltei o ar com inquietação. Me perturbava a ideia de que ele precisasse se afastar de mim para endireitar sua vida. Eu não queria pensar no que ele poderia fazer no fim daquela jornada. No que poderia encontrar. Eu torcia para que houvesse o suficiente para impedir que ele decidisse que era melhor morrer, mas eu conhecia aquela dor. Já tinha me agarrado àquela corda uma vez e sentido as mãos afrouxarem.

– Se é de tempo que você precisa, então vai. Mas porra, Caed, promete que vai voltar, se ficar pesado demais para você. Porque... – Eu fiz uma careta e pisquei para segurar as lágrimas. – Eu me recuso a te perder de novo.

Depois de um momento parado, ele coçou a nuca e andou na direção da porta, mas parou ao meu lado. Parecendo relutante, ele estendeu a mão.

Também estendi a minha e, assim que encostamos uma na outra, eu o puxei para um abraço apertado e o segurei junto de mim. Uma imagem passou pela minha mente: *deitado no chão, a cabeça sangrando depois do meu pai ter me batido com força demais, e Caedmon com os braços apertados me envolvendo em seus braços, dizendo que eu ficaria bem.*

Impérvio.

– Desculpe – sussurrei. – Se você ficar, juro por Deus que vou te proteger desta vez.

Ele me apertou uma vez, com força.

– Você deixou que ele te convencesse das mentiras dele, irmão. Você nunca foi fraco. Não para mim.

Eu o segurei pela nuca, sem querer soltar. Ao ouvir a porta, ergui o olhar e vi Lilia parada ali, os olhos arregalados observando nós dois.

– Ai, meu Deus. Desculpa. Eu não pretendia... Você estava demorando e eu... fiquei preocupada...

– Eu estava de saída. – Caedmon me soltou e, com passos determinados, seguiu na direção dela e parou ao seu lado. – Você é a raposinha mais corajosa que eu já conheci – disse ele, então se inclinou para ela e sussurrou algo em seu ouvido que eu não consegui entender.

Com um sorriso, Lilia baixou o olhar e assentiu.

Ele deu um beijo rápido na bochecha dela e olhou para mim. Embora o comentário de antes tivesse sido só uma tentativa de me irritar, eu ainda senti certa tensão ao ver os lábios dele encostando nela.

– Mande lembranças ao presidente Winthrop. – O tom dele carregava uma ameaça. – Se ele pensar em retaliação, vou ter motivo para voltar.

– Desconfio que ele esteja fumegando de humilhação no momento – falei enquanto Lilia atravessava a sala até mim e passava o braço pelo meu. – Se cuida. Manda uma prova de vida de vez em quando, de repente. E, Caed... se você precisar de mim algum dia, estou às ordens.

Ele moveu as sobrancelhas, mas não disse nada.

E, com um estalo da porta, ele tinha partido.

– Você está bem? – perguntou Lilia, apertando a minha mão.

– Vou ficar. – Levei a mão dela aos lábios e beijei os nós dos dedos. – O que ele disse para você?

– Ele só disse que eu era bonita demais para me incomodar com essa cicatriz. E que eu deveria cuidar de você, porque você é a única coisa que ele ainda tem.

Com as sobrancelhas franzidas, dei um beijo na testa dela.

– Ele tem razão. Você é bonita demais.

– Você acha que vai voltar a vê-lo?

– Não sei.

Capítulo 69

LILIA

Sete semanas depois

Levantei o tubo de ensaio, maravilhada com a mistura homogênea perfeita de fluido roxo com brilhos pretos. Com a toxina estabilizada, Devryck pôde mandar instalar iluminação no laboratório, porque não incomodava as mariposas não infectadas que tínhamos começado a estudar – as que tinham recebido a injeção da versão sintética da toxina purificada que ele tirara da amostra congelada de Andrea Kepling. No fim das contas, a toxina que ele havia guardado da autópsia dela ainda estava utilizável, logo mais nenhuma morte seria necessária. Devryck tinha conseguido replicá-la e modificá-la *in vitro* para produzir um pequeno suprimento que planejava testar em ratos nas semanas seguintes.

– Tão lindo... – sussurrei antes de me virar para ele. – Como você planeja chamar?

– Eu estava pensando que Elixir da Lilia seria adequado.

Devryck estava mais ao lado, injetando a substância na mariposa que eu tinha batizado de Húbris pelo jeito irritante como ficava batendo as asas no vidro para chamar atenção.

Havia múltiplos domos no laboratório agora, guardando uma variedade de grupos de teste, todos batizados por mim. Mariposas que tínhamos passado semanas observando, que já tinham ficado paralisadas e agora deviam estar se coçando para escapar das jaulas e voar.

– Não sei. – Pousei o tubo de ensaio com cuidado na bandeja ao lado dos outros. – Não parece certo dar só o meu nome. Que tal BramLil?

– Não.

– Tudo bem, então que tal LiliBram? Aaahh! DevLil? Parece *devil*, diabo.

– Definitivamente não – respondeu Devryck, colocando a mariposa de volta na jaula.

Soltei um resmungo de brincadeira.

– Tudo bem. Se você quiser usar o meu nome, acho que vou deixar. – Ergui outro tubo de ensaio e observei o produto lá dentro, procurando algum sinal de que não tivesse se combinado direito. – Você acha que foi uma pedra negra que impediu que minha mãe ficasse doente com as inoculações trocadas?

– Considerando a linha do tempo que você me relatou e o fato de Francesca ter confirmado que sua mãe gostava do chá de pedra negra, sim. Acho que deu a ela resistência suficiente para evitar a infecção.

– Mas não o bastante para impedir que Lippincott a reinfectasse.

Ele ficou sério.

– Infelizmente, não. Eu soube que os efeitos do chá passam se não forem repostos consistentemente.

Senti certo desespero na pausa que veio em seguida, então logo mudei de assunto. Conversas sobre a minha mãe precisavam ser sempre superficiais. Qualquer coisa mais profunda e eu caía de novo naquele poço sombrio que me apavorava, nas sombras do meu passado que ficariam alojadas eternamente nos cantos da minha mente. Ainda tinha pesadelos e alucinações ocasionais com ela, mas sua figura acabou se transformando em outra coisa... a raiz dos meus medos que assumia a forma, o cheiro e o som de Angelo.

– Nem acredito que você vai passar para testes clínicos em breve.

– Ainda faltam alguns meses, felizmente. – Devryck jogou a agulha no lixo para objetos cortantes e tirou as luvas para lavar as mãos na pia adjacente. – Temos que montar uma equipe e resolver alguns detalhes primeiro.

– Detalhes, detalhes. Vai ser ótimo. Você vai ser conhecido como o médico que reverteu a doença de Voneric. E quem sabe o que mais? Tem tanto potencial!

– Não vamos nos precipitar.

Talvez os fracassos anteriores ainda pesassem sobre ele, então o homem se recusava a se empolgar. Ele tinha tomado uma das injeções sintéticas, algumas semanas antes, e, apesar da repulsa que sentia pelo chá de pedra negra, ele o bebia todas as noites. Desde então, não tivera uma única convulsão. Nem uma cãibra.

Eu estava praticamente vibrando com o tanto que o casteyon da pedra negra estabilizara a toxina. Mas fazia sentido o jeito como a natureza oferecia um

equilíbrio. A única dificuldade era obter casteyon das traiçoeiras cavernas submarinas. Os Gralhas tinham concordado em custear uma equipe para coletar amostras do elemento, mas as correntezas profundas no Poço do Diabo ainda tornavam a tarefa perigosa.

Como Gralha, eu tinha ganhado acesso a informações mais protegidas na biblioteca e descoberto que a pedra negra fora muito usada na comunidade Cu'unotchke: nos dentes, na água que bebiam. Foi daí que surgiu o chá de pedra negra, passado de uma geração a outra. Infelizmente, eles tinham sido considerados um povo maligno pelo Dr. Stirling, animais selvagens que ele tinha passado a capturar e usar para testar o ácido estírlico, para banir o mal de suas almas.

No fim das contas, não foi a comunidade Cu'unotchke que atacou Stirling e Adderly, mas os pacientes que haviam ficado trancados e sido torturados. Infectados com os vermes pretos – as serpentes do diabo, como eles chamavam. Eles ficaram loucos. Atacaram e estupraram. Quando Adderly tentou impedi-los, os infectados queimaram a ele e aos homens dele, a ilha toda, depois se afogaram no mar, e centenas de corpos foram parar na margem do que tinha se tornado a Baía dos Ossos.

– Eu me matriculei em Bioquímica Avançada para o semestre que vem. – Um estudo rápido de outros tubos de ensaio mostrou a mesma mistura perfeita que preenchia os outros. – Soube que o professor Golding é um babaca.

– É mesmo. Mantenha a leitura em dia e você vai se sair bem.

– Mais babaca que você?

– Não sei dizer. – Ele me olhou, sem achar graça. – E sugiro que você fique longe de outros babacas, a menos que queira um embrulhado para presente debaixo da sua árvore de Natal este ano.

Eu ri ao ouvir isso.

– E se eu precisar de ajuda?

– Você sabe que estou sempre à disposição.

Coloquei os tubos de ensaio na capela e me virei para Devryck, que estava olhando no microscópio. Com passos silenciosos, cheguei por trás e passei os braços em volta dele. Sem parar o estudo, ele segurou uma das minhas mãos junto ao seu peito e fez carinho em meus dedos.

– Assim fica impossível me concentrar – disse ele.

Minha outra mão desceu até sua virilha, e eu o senti se sobressaltar.

– Lilia... – avisou ele, mas o pau ficou duro sob a minha mão.

A provocação era divertida, mas não passava de brincadeira. Uma distração.

Algo horrível ainda vivia dentro de mim desde a noite em que eu tinha sido atacada e, quando eu me distraía, às vezes via sombras nas paredes: olhos brilhantes me olhando, ameaçando silenciosamente me cortar em pedacinhos. Ficar de gracinha com Devryck mantinha essas coisas à distância, enterradas.

Mais um minuto e ele se virou no banco.

– E essa equipe que você está montando, vou poder fazer parte dela, professor? – Passei os braços pelo pescoço dele e o beijei, sorrindo ao acrescentar: – Eu sou extremamente flexível e trabalho bem com outras pessoas.

Quando senti o aperto na minha bunda, arfei.

– Talvez tenha uma vaga disponível.

– Ah, com certeza.

– Mas essa vaga não é para trabalho de equipe. É mais um trabalho em dupla.

– Acho que consigo fazer isso.

– Claro que consegue. – Ele roçou os dentes no lóbulo da minha orelha e se levantou, me fazendo recuar um passo. – Me encontra na minha sala, Srta. Vespertine – disse ele, e se virou para a pia adjacente, onde lavou as mãos uma segunda vez.

Enquanto as enxaguava, ele me lançou um olhar de *o que você ainda tá fazendo aí?*, e, com um sorriso, andei rapidamente na direção da sala dele.

Quando cheguei lá, fui até sua mesa e vi uma coisa na estante de livros atrás. Duas molduras pretas, cada uma com uma mariposa. Franzindo a testa, contornei a mesa e parei na frente das molduras. Os nomes *Pátroclo* e *Aquiles* tinham sido gravados em plaquinhas douradas embaixo de cada mariposa preservada. Elas tinham completado seu ciclo de vida duas semanas antes. O que o tinha levado a ficar com elas? O gesto era muito atípico de Devryck, mas adorável ao mesmo tempo, e me fez sorrir.

Quando me virei de leve, notei algo em um dos jalecos pendurados no cabideiro mais próximo. Inclinei a cabeça, estreitei os olhos e vi o bordado roxo junto da lapela. Puxei a manga e vi meu nome acima do título de *Pesquisadora assistente.* Sorri de novo e passei o polegar pelas letras bordadas que, por mais simples que fossem, pareciam muito oficiais.

Ao ouvir passos se aproximando, soltei o jaleco e me virei para a porta.

Assim que ele entrou na sala, meu coração saltou como folhas açoitadas pelo vento. O homem parecia uma tempestade ambulante pronta para cair enquanto enrolava as mangas da camisa preta e olhava para o relógio. A imagem me fez sentir calor entre as minhas coxas.

– Tenho uma reunião do comitê em duas horas. Preciso aliviar um pouco a

tensão.

Ele contornou a escrivaninha, me pegou no colo e nossos lábios praticamente chiaram de calor quando ele tomou minha boca num beijo ardente. Uma impaciência agitada ecoou da garganta de Devryck quando ele me colocou sentada na escrivaninha.

– Você guardou o Pátroclo e o Aquiles? – perguntei.

Ele apoiou as mãos ao lado do meu corpo e me beijou de novo.

– Eu precisava preservar meus primeiros espécimes de sucesso. Dar nome a eles foi brilhante da sua parte.

– Eu falei.

– E eu estou falando pra *você* se virar e abrir as pernas – sussurrou ele.

Como ordenado, eu me virei na escrivaninha imaculada, joelhos e mãos apoiados na superfície, de quatro.

Ele enfiou as mãos embaixo da minha saia até a cintura e puxou a meia-calça grossa que eu tinha passado a usar desde que a temperatura baixara. Quando ele a passou pela minha bunda nua e chegou na metade da coxa, fez uma pausa.

– Sem calcinha?

– Calcinha é para meninas tímidas – falei, sorrindo, e levantei a perna para permitir que ele deslizasse a meia-calça pelo meu joelho.

Ele abriu um sorriso diabólico quando tirou minhas botas e removeu completamente a meia-calça.

Ao primeiro toque de sua língua no meu corpo extremamente sensível, eu me arqueei como um gato e gemi com a invasão bem-vinda. Minha bunda se contraiu, os dedos pressionando a superfície dura da madeira, enquanto ele lambia, sugava e metia os dedos em mim. A excitação escorria pelas minhas coxas, e ele gemeu, fazendo uma pausa para chupar os próprios dedos antes de enfiá-los de novo em mim.

– Como algo tão doce pode ser proibido?

Ele passou a língua pela parte de trás das minhas coxas e lambeu cada gota. Uma avidez animalesca latejava em meu ventre e eu me movi contra os dedos dele, rebolando, desesperada por mais.

Um aperto no meu pescoço me fez erguer o queixo e bloqueou a passagem de ar para os meus pulmões enquanto ele me segurava com firmeza. Devryck metia os dedos em mim enquanto apertava meu pescoço o suficiente para que eu sentisse minha pulsação contra sua mão. Ele tirou os dedos com um som molhado e passou a ponta do polegar em pequenos círculos pela minha entrada inchada e ávida.

– Precisa ser comida direito, Srta. Vespertine?

– Preciso, professor – sussurrei, a minha boceta se contraindo com suas provocações implacáveis.

Por duas semanas depois do ataque de Angelo, ele nem tentou me tocar assim. Parte do motivo foi minha insegurança por causa da cicatriz no meu rosto e os hematomas amarelados pelo corpo. Eu tinha dificuldade de me olhar no espelho sem me lembrar daqueles olhos pretos cheios de ódio e ouvir a promessa de Angelo de me mutilar. Devryck me dissera que esperaria até eu estar pronta, então apenas continuou sendo carinhoso, até mais do que antes. Ele não tentou nada sexual nem quando eu caí no choro durante um banho e ele abraçou meu corpo nu. Eu não tinha percebido quanto desejava aquilo, quanto precisava daquele nível de proximidade sem sexo.

Nas semanas que se seguiram, minha ferida cicatrizou, os hematomas sumiram, e eu não ouvia mais os sussurros de Angelo. Meu desejo por Devryck se intensificou, uma fera faminta que se revirava de tanto apetite, até que ele finalmente cedeu. O que veio em seguida foi um desejo como eu nunca tinha sentido. Tinha chegado ao ápice naquela primeira noite e foi até o nascer do sol, quando ele me tomou na escrivaninha, na cadeira, contra todas as paredes do escritório. Nós comemos, tomamos banho e trepamos para afastar cada pensamento horrível que ainda existia na minha cabeça.

Eu tinha voltado à vida, ressuscitado.

Eu tinha me sentido linda, desejada, inteira de novo.

Mesmo assim, ainda parecia haver algo entre nós. Algo não resolvido.

Senti uma ardência na nádega e, com um empurrão no meu quadril, ele me fez descer para o chão.

– Encosta o rosto na escrivaninha – ordenou Devryck.

Obedeci e senti a barra da saia ser levantada acima da minha bunda, oferecendo a ele uma visão total da minha boceta cheia de vontade. Ele parecia gostar de ficar me olhando antes de me comer. Parte de mim achava que ele gostava da tortura de observar algo que considerava proibido.

Com as mãos espalmadas na mesa, olhei para a estante à direita, esperando enquanto ele me devorava em silêncio com os olhos. Mordi o lábio inferior, a expectativa do toque dele me excitando tanto quanto o sexo em si.

Olhei para trás e o vi desabotoar a camisa e afastá-la dos ombros, onde uma cicatriz indicava o local em que a bala tinha atravessado seu corpo. Ele abriu a fivela do cinto, se libertou e deu umas bombeadas lânguidas naquele pau grosso e delicioso.

Ainda debruçada na escrivaninha, esperei a penetração impiedosa. O desejo voraz que tínhamos de acabar um com o outro. As roupas rasgadas, a pele arranhada. As mordidas, os tapas e as palavras sacanas que tomavam minha cabeça e apagavam cada pensamento de ódio a mim mesma que eu guardava lá.

Em vez disso, o que senti foi a cabeça do pau na minha entrada já encharcada, fazendo círculos suaves. Eu desejava a luxúria dele de uma forma tão enlouquecedora que aquela tensão me fez sentir que eu entraria em combustão, então me virei e apoiei a testa na mesa, cerrando os punhos. Lenta e preguiçosamente, ele deu pequenas estocadas... só o suficiente para provocar o desespero acumulado em meu ventre, até que, finalmente, ele meteu até o talo, e um som de total alívio me escapou.

Um grunhido gutural subiu pela garganta dele quando seus quadris se moveram em uma arremetida forte.

Sim. Era isso que eu queria. O que *precisava*.

Senti uma dor forte no couro cabeludo quando ele segurou o meu cabelo e puxou a minha cabeça da escrivaninha.

– Olha como você aguenta bem o meu pau, mariposinha. Você foi feita pra mim – disse ele, a respiração irregular, e soltou meu cabelo para segurar meus quadris de um jeito possessivo e dominador.

Depois de algumas arremetidas, já havia uma camada brilhante de suor cobrindo meus seios enquanto meu corpo era sacudido sobre a mesa, e ele tirou o pau todo molhado de dentro de mim. A ausência fez cada célula do meu corpo gritar com uma fome voraz.

Virei o pescoço e o vi gesticulando para eu descer da mesa. Devryck se sentou na cadeira, o pau muito ereto e ameaçador enquanto ele o acariciava.

Sentei naquele pau enorme que tinha me atormentado tantas vezes com suas provocações, mordendo o lábio enquanto ele me tomava completamente. Quando me impulsionei para subir e descer de novo, Devryck segurou meus ombros para me manter no lugar. Com o dedo embaixo do meu queixo, ele guiou meu rosto até o dele, seus implacáveis olhos acobreados avaliando os meus.

– Está sentindo, Lilia?

Ele puxou meus quadris contra os dele, indo tão fundo que cheguei a lacrimejar. Nós já tínhamos transado incontáveis vezes, trepado em quase todas as posições, mas o que havia de diferente naquele momento? Por que, assim que a pergunta saiu dos lábios dele, meu coração disparou, como se eu tivesse previsto aquela interação? Como se tivesse pensado nela ao mesmo tempo.

Sentados ali, enroscados um no outro, respirações aceleradas de desejo e desespero, algo se revirou dentro de mim. Suplicou para que eu desse as costas a ele. Para que o empurrasse e o xingasse. Algo que se revirou em minha barriga com uma determinação furiosa de se libertar. Um invasor desconhecido que se fixou no meu ventre e subiu pelas minhas costelas.

– Sim – sussurrei. – Por que parece diferente?

Ele passou o polegar pela minha cicatriz e beijou a superfície irregular.

– Me diz o que parece diferente.

Eu me concentrei na pressão estranha florescendo no meu peito. No jeito como ele me abraçava. Na liberdade e na segurança, e nos nossos corpos quentes entrelaçados como duas chamas.

Almas gêmeas.

Eram os olhos dele. O jeito como estava me olhando. Os sentimentos que ele despertava em mim com aquele brilho irritante de reverência.

Não.

Eu empurrei o peito de Devryck, mas ele me segurou contra si, apertando meus quadris, se recusando a me soltar. Suas mãos foram subindo por baixo da minha camisa e ele me apertou junto a si.

O monstro arranhou minhas costelas, golpeando meus ossos para escapar.

– Fala.

– Só me come de uma vez – falei com rispidez, frustrada por motivos que não podia contar a ele.

– É só isso que você quer? Uma foda rápida? Você sabe que posso te dar isso, mas acho que tem algo dentro de você que deseja mais.

Como ele poderia saber disso? Como poderia saber da sombra faminta, do enorme buraco que desejava devorar meu coração?

– Eu também estou sentindo – disse ele, como se lesse a minha mente. – Está dentro de mim. Queimando como uma febre que não consigo curar. É uma raiva rancorosa e orgulhosa, que se recusa a admitir a verdade.

– Que verdade? – perguntei, a voz trêmula, nervosa.

– Que eu mataria por você sem a menor hesitação ou remorso. E, ao mesmo tempo, me transformaria em uma pilha de cinzas sem você. Você é minha fraqueza, Lilia.

Em meio a uma nuvem irritante de lágrimas, digeri as palavras dele e as saboreei. Era estranho me sentir tão diferente. Mais forte. Mais confiante por causa dele.

Por mais que eu tivesse que olhar para a cicatriz que Angelo tinha deixado,

Devryck me fazia esquecer sua existência. Ele, de alguma forma, me dava coragem nos meus momentos mais difíceis, quando o mundo parecia mais inimigo do que amigo.

– Por que você precisa me fazer chorar?

– Porque eu sei que tem uma verdade dentro de você também. Uma verdade que você recusa a admitir, mas que eu quero que você diga. Diga na minha cara.

– Não consigo.

– Do que você tem medo?

Balancei a cabeça, uma onda de pânico subindo pela minha garganta e desejando se libertar com um berro furioso.

Com os dentes cerrados, ele segurou minha mandíbula.

– Do que você tem medo?

– Que o universo escute! E roube você de mim. – A onda de lágrimas se libertou e desceu pelas minhas bochechas. – Eu quis tanto te dizer isso naquele dia no mar, quando eu quase te perdi. Estava gritando em pensamento. *Diz pra ele! Diz, antes que seja tarde demais.* Mas não consegui, porque sabia que, se falasse, você partiria para sempre. E agora? Agora parece uma coisa amaldiçoada. Como se eu estivesse carregando um segredo maldito, que nunca vou poder dizer em voz alta.

Ele franziu a testa e arrumou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Eu não vou a lugar nenhum. Você e eu... Isto aqui... Não dá pra fugir. Não importa quanto você corra, quanto se afaste, eu sempre vou estar dentro de você, bem assim. Nos seus ossos, no seu sangue e na sua cabeça. Não importa o que você diga para o universo, os segredos que conte. Nada pode mudar o que somos, o que nos tornamos.

A fala estava ali, na ponta da minha língua, implorando para ser dita enquanto eu absorvia a confissão dele como uma viciada.

– Eu quero dizer. Já quero dizer há algum tempo, mas meu coração parece duro demais. Protegido demais. E, de certa forma, eu fico feliz, porque, quanto mais me protejo, menos eu sinto, e quanto menos eu sinto, menos dói.

– Eu conheço bem essa sensação. – Ele passou o polegar pela minha bochecha. – Você e eu somos iguais, Lilia. – Devryck deu um beijo delicado na minha cicatriz e depois nos meus lábios. – Sei que os demônios do seu passado ainda te perseguem. Eu sei que você vê Angelo às vezes, quando acorda no meio da noite. – Ele franziu a testa. – Mas ele nunca mais vai te fazer mal, mariposinha. Eu vou acabar com todos os seus demônios, até você se sentir segura.

Deus, era possível desejar aquele homem mais do que eu já desejava?

– Eu não os vejo quando estou com você. Acho que eles têm medo de você.

– E deveriam ter mesmo.

Uma ameaça sombria nublou os olhos dele.

– Mas é quando não estou com você que eu sinto medo.

As palavras proibidas estavam na ponta da minha língua, suplicando para sair. Eu me desafiei a falar, a jogar a maldição para o universo e arriscar tudo que tinha me dado felicidade nas últimas semanas.

– Eu te amo. E acho que nunca vou conseguir parar de te amar.

Eu me inclinei para a frente para beijá-lo, mas hesitei, sem saber se tinha me exposto demais. Uma mão firme segurou minha nuca para me impedir de me afastar.

– Eu nunca vou te rejeitar ou me afastar de você.

Com os lábios grudados nos meus, ele segurou meu rosto de forma muito delicada, como se eu fosse algo precioso demais para segurar com força.

– Eu vivi uma morte em vida, uma existência fria em um abismo sem fundo. Sem sentir nada. Sem nunca conhecer o calor de um toque. Cada respiração insuficiente era um lembrete sufocante de como eu tinha ficado vazio. Foi só quando você chegou e lançou o primeiro raio de luz que eu senti uma pulsação de vida. Uma atração à qual não pude resistir. – Ele correu o polegar pelos meus lábios comprimidos. – Nunca hesite em me tocar, Lilia. Você é a única que pode. Foi você que arrancou meu coração daquele sono insensível. E é por você que ele bate agora. – Devryck suspirou e passou a mão pelo meu cabelo, a testa franzida. – Meu coração é caótico. Cheio de cicatrizes e preso sob ossos maltratados. Mas pertence só a você.

A paixão ardeu nos meus lábios quando ele me beijou e desabotoou minha camisa, descendo-a lentamente pelos meus braços até os cotovelos, onde juntou o tecido em volta dos meus pulsos para me deixar presa.

– Você é minha, Lilia. – Com os olhos nos meus, Devryck se curvou e passou a língua pelos meus mamilos duros. – E eu sou seu.

Quando ele finalmente me soltou, passei os dedos por seu cabelo e segurei com força.

– Meu – sussurrei.

Braços fortes me envolveram e me puxaram. O que começou com metidas preguiçosas logo foi acelerando com fervor. Quadris fortes se arquearam contra mim e ele me comeu com força, sem pena. Cravei os dedos em seus músculos esculpidos, deixando que ele metesse em mim como se estivesse procurando

Deus em cada gemido que me escapava. Ele meteu tão fundo que fiquei com lágrimas nos olhos.

A intensidade me afetou como um raio fervente, eletrizando o ar ao redor. Eu estava sem fôlego, arfando. Deliciosamente corrompida.

Meu corpo enrijeceu, e soltei o que pareceu uma mistura de soluço e alívio. Nós dois estávamos cobertos de suor, e ele me segurou bem perto, aqueles sons graves e guturais revelando que ele estava desesperado para chegar ao clímax.

Inclinei a cabeça para trás, vendo luzes brilhando, e gritei, me desmanchando nos braços dele.

Devryck gozou em seguida, os jatos quentes dentro de mim, e, amolecida, apoiei minha face ferida no ombro ferido dele, unindo as marcas de quando nós dois fomos atingidos por monstros.

Ele estremeceu, e senti o movimento nas minhas costas.

Quando ousei erguer a cabeça, os olhos dele sustentavam o brilho de uma promessa, além daquela exaustão eufórica, enquanto ele me encarava com a respiração irregular.

Passei a mão por sua testa úmida e observei a adoração que eu me recusara a ver antes. A veneração de um homem poderoso. O homem que os monstros na minha cabeça mais temiam. Foi naquele momento que acreditei que ele me pertencia. Como um oceano enorme dominado por um único grão de areia.

Meu mar escuro. As profundezas intrigantes que me cativavam e me apavoravam ao mesmo tempo.

Por muito tempo, tive dificuldade de aceitar e dar amor. Fiquei na defensiva. Avarenta. Desconfiada. E como eu raramente entregava parte de mim aos outros, doía mais quando era roubada... como nas vezes em que o mundo enfiou as mãos ávidas na minha vida e arrancou as partes que eu mais amava. Eu tinha passado a entender que no cerne da vida havia sofrimento, e que a dor era uma consequência inevitável do amor. Uma dor lenta e corrosiva, que começava assim que ousávamos admitir o sentimento. A sombra por trás de cada olhar de adoração. A angústia que pontuava os momentos fugidios de paz.

O amor também era uma doença. Uma doença incurável. Do tipo que corria por músculos e ossos e continuava presente bem depois da morte. Por mais que eu quisesse enterrar o amor pela minha mãe, endurecer o coração para não ter que encarar a difícil verdade, eu não tinha como fazer isso. No meio das raízes, o amor florescia das feridas do meu coração partido, arrebentando os pontos que ardiam com as lembranças das pessoas que tinham tentado me machucar. Algumas vezes, a dor era intensa demais para suportar. Mas, em outras, era bom,

porque significava que eu era capaz de sentir *alguma coisa*.

Olhei para a plaquinha na parede, que eu tinha visto no meu primeiro dia trabalhando no laboratório.

Mortui vivos docent.

Os mortos ensinam aos vivos.

Eu não tinha ido para Dracadia com a intenção de me apaixonar pelo meu professor, ou pelo Doutor Morte, como alguns o chamavam. Talvez o mundo fosse assim mesmo: tomava com toda a crueldade, depois nos pegava de surpresa quando menos esperávamos. Mas havia uma verdade implícita no fato de os mortos ensinarem aos vivos. Foi a minha mãe, a minha recusa em aceitar a morte dela, em aceitar o que o mundo tinha tomado de mim, que me levara a Dracadia. E foi lá que eu enfrentei a morte. Envolvida, eu me apaixonei por ele... por seu coração abrasivo e suas mãos manchadas de sangue. Pelo professor perigoso e erudito, com olhos ardentes e pele fria como aço. Nós nos escondemos nas sombras, roubando beijos sob as estrelas da madrugada. Ele me ensinou paixão e coragem e a ir atrás do que eu queria com unhas e dentes.

E, em troca, eu o fiz voltar a sentir.

Epílogo

No meu quarto do alojamento, eu estava imprimindo a ementa da aula de anatomia macroscópica de Devryck para o semestre seguinte quando chegou uma mensagem de Bee no meu celular. Com um sorriso, cliquei nela.

Bee: Faltam cinco dias!

Ela passaria o Natal comigo na ilha. Eu tinha enviado uma passagem de trem e uma lista de atividades, como patinar no Jardim Canterbury, visitar as livrarias em Emberwick e, claro, tomar café na Toca do Dragão. Eu também planejava apresentá-la a Devryck. Profissionalmente, pois eu não tinha contado da nossa relação para ela.

A antiga casa da minha mãe ainda estava sendo reformada, mas, no verão, já estaria pronta, com tudo de mais moderno. Um lar para mim e para Bee. Um lugar para onde poderíamos voltar sempre que quiséssemos, porque era nosso.

Depois que Devryck enviou os resultados da última variante, os Gralhas ficaram muito contentes em me oferecer o que eu quisesse para continuar envolvida no estudo.

Em grande parte isso se devia, claro, a Devryck.

Inspirado nos meus esforços, ele decidiu reformar a propriedade Bramwell também e alugá-la como casa de veraneio... depois de ter se livrado de Angelo, claro. Eu achava que ele esperava que Caedmon voltasse em algum momento, mas ele não tinha voltado.

Eu desconfiava que não voltaria.

Devryck também tinha aceitado fazer um teste de DNA para confirmar que Spencer era de fato seu meio-irmão. Quando o choque dessa notícia passou,

Spencer pareceu aceitar a novidade, e as conversas constrangidas entre nós acabaram dando lugar a uma amizade como a nossa de antes.

Eu: Estou tão animada! Você vai amar Dracadia.
Bee: Posso te contar um segredo?
Eu: Sempre.
Bee: Promete que não vai me julgar nem ficar com raiva.
Eu: Prometo...

Na verdade, ela me deixou meio preocupada. Bee tinha um lado inconsequente que sempre me deixava tensa.

Bee: Eu tenho o maior crush no meu novo professor de literatura. Eu o vi me olhando hoje.

Meu Deus. Massageei a testa, tentando pensar em como responder sem parecer a nossa mãe. Mas quem era eu para julgar?

Eu: Só toma cuidado, tá? Não faz nada que te possa te render uma expulsão.

Eu me senti hipócrita ao digitar essas palavras.

Bee: Não, eu sei, pode deixar. Mas, Lil, ele é tão gato! Muito mesmo. Todas as garotas do alojamento estão loucas por ele. Quer ver uma foto?

Grunhi e balancei a cabeça.

Eu: Claro. Mas Bee, falando sério, toma cuidado, tá?
Bee: Sim, eu sei. Bom, vou enviar a foto. Não está muito boa porque eu tive que tirar rápido durante a aula.

Eu esperei pelo que pareceu uma eternidade.
Apareceu a foto de um cara na frente da sala de aula, com uma calça jeans

escura e uma camisa preta.

O ar entalou no meu peito.

Cliquei na imagem para ampliá-la e dei zoom no rosto.

Era uma réplica idêntica de Devryck.

Bee: É o Sr. Caed. Ele não é um gostoso?! Ele vem de moto pra escola, Lil. Acho que vou chamar ele pra tomar um café amanhã!

Respirei com dificuldade pelo nariz para acalmar as batidas frenéticas do meu coração.

Merda.

Merda.

Merda.

SOBRE A AUTORA

KERI LAKE é uma autora de romances góticos especializada em histórias intensas, com anti-heróis que andam no limite entre o bem e o mal e heroínas ariscas que os deixam de joelhos. Quando não está escrevendo, gosta de passar tempo com o marido, as filhas, o labrador rebelde (que não busca nenhuma bola) e um cachorrinho resgatado. Ela vive de café forte e música alternativa, ama um bom vinho tinto e tem um leve vício em chocolate meio amargo.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



Blackthorn

Um romance dark

J. T. Geissinger

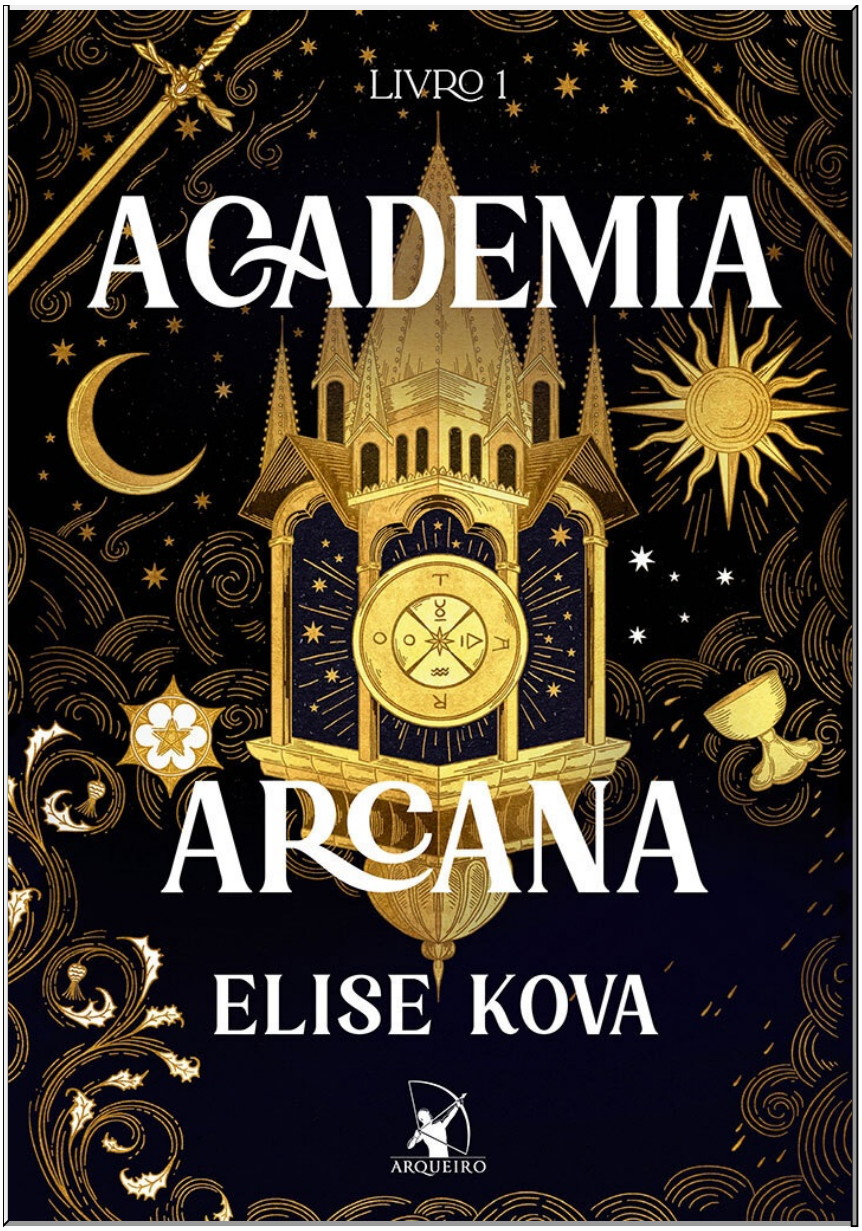
Doze anos atrás, Maven Blackthorn fugiu de sua pequena cidade natal, após a morte suspeita de sua mãe. Agora, de volta para um funeral, ela se vê mergulhada em uma nova trama macabra: o corpo de sua avó desapareceu.

Os Blackthorns imediatamente suspeitam dos Crofts, os implacáveis donos de uma empresa farmacêutica, com quem têm uma rivalidade que já se estende por gerações. Mas então Maven se depara com Ronan Croft, o único homem que já amou, e descobre que a paixão proibida do passado segue viva – e perigosa.

À medida que segredos de família há muito enterrados vêm à tona, a traição espreita em cada sussurro e antigas vinganças se reacendem. Quanto mais Maven investiga, mais arriscado o jogo se torna. E o único homem de quem ela não consegue escapar esconde uma verdade que pode destruir seu mundo.

Em uma cidade onde os mortos não permanecem enterrados, o amor é a salvação... ou o jogo mais mortal de todos?

Clique aqui para ver na loja



Academia Arcana

Elise Kova

Clara sobreviveu ao submundo da Cidade do Eclipse contando com a sorte e uma boa dose de magia proibida. Mas, depois que um trabalho dá errado, ela é condenada à prisão por desenhar cartas de tarô – uma habilidade rara, reservada apenas aos membros da Academia Arcana.

Quando tudo parece perdido, o príncipe Kaelis, o enigmático diretor da Academia, oferece uma saída à garota... por um preço. Kaelis acredita que ela seja a ferramenta perfeita para ajudá-lo a roubar uma carta de tarô do rei e usá-la para recriar a poderosa e mítica carta do Mundo.

Para esconder sua verdadeira identidade e mantê-la por perto, Kaelis apresenta Clara como iniciada na Academia – e sua noiva.

Lançada em um mundo de magia arcana e intrigas palacianas em que um passo em falso pode mandá-la de volta à prisão e até matá-la, Clara descobre que o príncipe que ela jurou odiar talvez não seja quem parece. Mas será que ela pode arriscar dar a ele poder sobre o mundo – e sobre seu coração? Ou tomará esse poder para si?

Clique aqui para ver na loja



A enchente

Michael McDowell

Quando as águas do rio Blackwater inundam a cidadezinha de Perdido, no Alabama, a poderosa família Caskey luta para salvar sua fortuna em meio ao caos, liderada pela matriarca Mary-Love e seu filho Oscar.

Eles só não contavam com a aparição de Elinor Dammert, uma mulher misteriosa que aos poucos se infiltra no seio dos Caskeys. Por trás de sua fachada encantadora, esconde-se algo perturbador, que mudará o destino deles para sempre...

Clique aqui para ver na loja



Magia oculta – Metal Slinger

Rachel Schneider

Cruze os mares. Domine sua força. Proteja seu coração.

O que você sacrificaria para conquistar tudo?

Com reviravoltas surpreendentes, *Magia oculta* é o primeiro volume de uma duologia que vai conquistar todos os leitores de fantasia.

Brynn cresceu treinando todos os dias para fazer parte da guarda. Seu maior sonho é ir para o aguardado Mercado anual no continente – a única chance de encontrar o povo inimigo que condenou a comunidade dela a viver para sempre no mar.

A viagem deveria ser apenas um rito de passagem ao lado de Kai, seu melhor amigo, mas acaba se tornando um desastre quando a jovem entra em conflito com Acker, um misterioso e atraente soldado. Agora, o tratado de paz centenário entre os dois povos está ameaçado.

Em meio a uma rebelião prestes a explodir e à chegada de um estrangeiro inesperado, Brynn descobre um mundo novo de magia, e sua lealdade é posta à prova.

Clique aqui para ver na loja

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br





Este e outros títulos do nosso catálogo estão
disponíveis em audiolivro.